

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUIS ARTUR BORGES PEREIRA

**JOÃO SIMÕES LOPES NETO,
O PENSADOR SOCIAL E A EDUCAÇÃO:
BREVE ESTUDO SOBRE A CONFERÊNCIA *EDUCAÇÃO CÍVICA***

PELOTAS

2014

LUÍS ARTUR BORGES PEREIRA

**JOÃO SIMÕES LOPES NETO,
O PENSADOR SOCIAL E A EDUCAÇÃO:
BREVE ESTUDO SOBRE A CONFERÊNCIA *EDUCAÇÃO CÍVICA***

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara

Pelotas

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

P436j Pereira, Luis Artur Borges.
 João Simões Lopes Neto, o pensador social e a educação:
breve estudo sobre a conferência Educação Cívica / Luis
Artur Borges Pereira. -- 2014.
 420 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pelotas,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2014.

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Glória Acosta Santos CRB 10/1859
IFSUL - *Campus Pelotas*

Luís Artur Borges Pereira

João Simões Lopes Neto,
o pensador social e a educação:
breve estudo sobre a conferência *Educação Cívica*.

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do
título de Doutor em Ciências e foi aprovada em sua
forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: _____
Prof. Dr. Elomar Tambara, UFPEL
(Doutor pela UFRGS – Porto Alegre, Brasil)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos Túlio Medeiros (IFSUL)
(Doutor pela USP – São Paulo, Brasil)

Prof. Dr. Agemir Bavaresco (PUCRS)
(Doutor pela Universidade de Paris I – Paris, França)

Prof. Dra. Lígia Chiappini (Freie Universität Berlin)
(Doutora pela USP - São Paulo, Brasil)

Prof. Dr. Eduardo Arriada (UFPEL)
(Doutor pela PUCRS - Rio Grande do Sul, Brasil)

Prof^a. Dr^a. Patrícia Weiduschadt (UFPEL)
(Doutora pela UFPEL – Rio Grande do Sul, Brasil)

Conselheira: Prof^a. Dr^a. Maria Luíza de Carvalho Armando (UFRGS)
(Doutora pela Universidade de Paris III, França)

Coordenador do PPGEE:

Prof. ^a Dr.^a Madalena Klein, Pelotas, setembro de 2014.

À memória de Carlos Reverbel, Ângelo Pires Moreira, Augusto Simões Lopes e Mário Osório Magalhães, vidas consagradas à preservação da Memória.

À memória dos meus pais, Jalusa e Evaristo. Saudade.

À memória de minha querida irmã, Teresa Burmeister. Estrela, cuja luz permanecerá para sempre uma incógnita.

À memória do Presbítero Sr. Araújo Peri Mendes, cuja alegria e afeto encheram de júbilo a minha vida.

À memória de Iolanda Dias, *finesse*, alegria e amizade em forma de pessoa.

Para Cris, companheira das minhas ausências, certeza das minhas dúvidas.

Para o Lucas, filho que se tornou amigo indefectível.

Para Suzane: Que os nossos silêncios possam ser uma forma de comunicação.

Para meu irmão Pedro e sobrinhos Rita, Aninha e Bruno, Sérgio e Mariana. Gente que compõe pedaços de mim.

À reverenda Neida de Andrade Neves Borges, Pr. Júlio Borges, Pr. Cláudio Moreira e Pr. Paulo Vargas, com carinho e amizade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus a oportunidade de ter chegado até aqui.

Ao Prof. Dr. Elomar Tambara (FAE/UFPEL), meu orientador, e ao Prof. Dr. Eduardo Arriada (FAE/UFPEL).

Ao Prof. Dr. Agemir Bavaresco (PUCRS), amigo, padrinho e companheiro de pesquisa simoniana.

À Profa. Dra. Lígia Chiappini e Profa. Dra. Maria Luíza de Carvalho Armando pela inestimável interlocução, momentos extraordinários de aprendizagem.

A todos quantos tiveram a generosidade de disponibilizarem seus preciosos acervos e prestarem valiosas informações, especialmente: ao falecido Prof. Caio Oppa, Profa. Dra. Cristina Rosa (FAE/UFPEL), Dr. Fausto Leitão Domingues (bibliófilo e conselheiro do Instituto João Simões Lopes Neto), Dr. Carlos Sica Diniz (advogado e biógrafo de Simões Lopes Neto) e Dr. Mogar Pagana Xavier (ex-Secretário Municipal de Cultura de Pelotas, colecionador e bibliófilo); pesquisador Adão Fernando Monquelat; Prof. Dr. Luís Rubira (Filosofia/UFPEL).

À direção e aos funcionários da Biblioteca Pública Pelotense, da Biblioteca do IFSUL – Campus Pelotas e da Biblioteca da Faculdade de Educação/UFPEL, pela maneira sempre solícita e eficiente com que me atenderam.

Ao presidente, Dr. Antônio Mazza Leite, e aos ex-presidentes Profa. Dra. Paula Mascarenhas e Jornalista Henrique Pires, do Instituto João Simões Lopes Neto, bem como as suas respectivas diretorias e conselheiros, pela presteza com que atenderam meus constantes apelos.

Aos colegas e amigos do Núcleo de Estudos Literários/IFSul: Prof. Dr. Carlos Túlio Medeiros, parceiro de tantas jornadas intelectuais, nas quais nossa amizade sempre se confirmou, e Prof. Ms. Gilnei Corrêa (Coordenador do Núcleo de Estudos Literários/IFSul), pelo apoio e entusiasmo com que sempre acolheu os projetos que lhe apresentei.

Às Bibliotecárias Glória Santos e Camila Quaresma Martins.

À Jean Carpe pela amizade incansável e competente assessoria na diagramação.

À Danrlei Nunes Vieira pelo auxílio nos caminhos “misteriosos” da informática.

Aos irmãos de alma Ramão Costa; Diogo Bach de Mattos; Alessandro Rivero; Tânia Dias; Luciara Morales; Celso Maclove Souza Soares; J. C. Soto Vidal, Álvaro Barcellos e Rita Maurício; todos intelectuais brilhantes e amigos para todas as horas.

RESUMO

O presente trabalho procura abordar uma faceta pouco conhecida do consagrado literato pelotense João Simões Lopes Neto, a de educador. Mais do que isso - buscou as implicações de pensador social em suas propostas cívico-educacionais. Partiu-se da hipótese de Chiappini (1988), de que o escritor possuía um projeto cívico-pedagógico. Tal projeto, albergado sobretudo em suas conferências *Educação Cívica* (1ª versão em 1904; 2ª versão em 1906) coloca em evidência o ideário republicano, marcado pelo ímpeto de modernização do País, sob a égide de diversas correntes político-filosóficas, em que se sobressaía o positivismo. O referencial teórico utilizado, além da citada Chiappini, constitui-se principalmente das obras de Fischer (2013) e Arriada & Tambara (2005), amparado metodologicamente pela *Grounded Theory*, na abordagem de Glasser & Strauss (1967). Para empreender a investigação da pergunta de pesquisa definiram-se três categorias, quais sejam: nacionalismo, folclore e progresso, sendo estas analisadas, junto com os artigos jornalísticos do autor, especialmente os ligados às preocupações político-sociais e educacionais, em confronto com a conferência *Educação Cívica*. Quanto às fontes, procurou-se valorizar a documentação inédita, como por exemplo, as atas do Ginásio Pelotense, em que se encontra o único registro oficial conhecido da atividade docente do escritor regionalista. Além da referida conferência privilegiou-se dois discursos, um proferido na inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório (1913) e outro na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911). Valemo-nos de muitos periódicos para resgatar artigos, cujas fontes primárias, em geral, se encontram bastante deterioradas. Quando não foi possível examinar a fonte original, servimo-nos do trabalho de Moreira (1982-1984). As conclusões a que se chegou podem ser resumidas no seguinte: Simões Lopes Neto possuía um pensamento social, embora não sistemático, cuja categoria articuladora era a educação. Sua atividade pedagógica e docente, o que incluía um vasto leque de ações, desde campanhas cívicas e participação comunitária até a produção de livros didáticos, estava calcada numa Filosofia da História e numa Filosofia da Educação, que se moviam não sem ambiguidades e contradições, numa dialética entre Liberalismo e Positivismo, tal como nos apresenta Sevcenko (1983). Simões Lopes Neto, ao contrário de outros autores pré-modernistas, que podem ser

colocados em posições antagônicas, tais como Coelho Neto e Lima Barreto, sintetiza qualidades e defeitos de ambos, permitindo uma janela, naquilo em que nos é possível acessar, para os impasses da modernização brasileira na primeira década republicana. Deste modo, embora Simões Lopes Neto estivesse sintonizado com o ideário programático que dominava a maioria dos intelectuais seus contemporâneos – leiam-se José Veríssimo, Afonso Celso Junior, Manoel Bomfim, entre outros - em que o debate sobre os problemas nacionais frequentemente apareciam ligados à educação, a originalidade de sua formulação está, de um lado, no papel central que atribuiu ao despertar da nacionalidade como fator de integração e desenvolvimento do país, porém, valorizando a identidade da cultura popular e da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: João Simões Lopes Neto. História da educação brasileira. Civismo. Folclore. Progresso.

ABSTRACT

This paper seeks to address a little-known facet of the renowned Pelotas' literati João Simões Lopes Neto, as the educator. More than that, sought the implications of social thinker in his civic and educational proposals. We started from the hypothesis of Chiappini (1988), that the writer had a civic-education program. This project, sheltered mainly in his *Civic Education* conferences (1st version in 1904, 2nd version in 1906) highlights the republican ideals, marked by the surge of modernization of the country, under the aegis of various political and philosophical currents that protrudes positivism. The theoretical framework used, besides the aforementioned Chiappini, it is primarily the work of Fischer (2013) and Arriada & Tambara (2005), methodologically supported by the *Grounded Theory*, in the approach of Glasser & Strauss (1967). To perform the investigation of the research question, were defined three categories, namely: nationalism, folklore and progress, analyzed along with the Author's journalistic articles, particularly linked to socio-political and educational concerns, confronting with the *Civic Education* conference. Concerning the sources, we tried to valorize the unpublished documentation, such as the records of the Pelotense Gymnasium, where is the only known official record of the regionalist writer's teaching activity. Apart from the already mentioned conference, we focused on two speeches, one delivered in the opening of Pedro Osório Elementary School (1913), another at the Academy of Letters of Rio Grande do Sul (1911). We used many journals to rescue articles, whose primary sources in general are quite damaged. When it was not possible to examine the original source, we utilized the work of Moreira (1982-1984). The drew conclusions can be summarized in the following: Simões Lopes Neto had a social thought, though not systematic, whose articulator category was education. His pedagogical and teaching activity, which included a wide range of actions from civic campaigns and community participation to the production of textbooks, was grounded in a Philosophy of History and in a Philosophy of Education, which moved not without ambiguities and contradictions in dialectic between Liberalism and Positivism, as presented by Sevcenko (1983). Simões Lopes Neto, unlike other pre-modern authors, that can be placed in antagonistic positions, such as Coelho Neto and Lima Barreto, summarizes qualities and defects of both, allowing a window in what is possible for us to access for the dilemmas of Brazilian modernization in the first republican decade. Thus, although Simões Lopes Neto was tuned to the programmatic ideas that dominated most of his contemporaries intellectuals - like José Verissimo, Afonso Celso Junior, Manoel Bomfim, among others - in which the debate on the national problems frequently appeared related to education and to the originality of its formulation; On one hand, is the central role assigned to the awakening of nationality as factor of integration and development of the country, however, valuing the identity of popular culture and literature.

KEY-WORDS: João Simões Lopes Neto. History of Brazilian Education. Civism. Folklore. Progress.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Página da enquete realizada pela Revista Acadêmica (1938), em que escritores responderam quais os 10 melhores contos brasileiros.....	58
Figura 2 - Luís Borges na pesquisa de periódicos na Biblioteca Pública Pelotense	80
Figura 3 - Capa e Folha de rosto dos Anais da Biblioteca Pública Pelotense (1905)	90
Figura 4 - Manoel José Bomfim (1868-1932)	96
Figura 5 - José Joaquim de Campos Medeiros e Albuquerque (1867-1934)	101
Figura 6 - Olavo Bilac (1865-1918)	103
Figura 7 - Rui Barbosa (1849-1923).....	106
Figura 8 - Conferência “Educação e Caridade”	112
Figura 9 - Pavilhão da Linha do Tiro 31	115
Figura 10 - Partitura Hino do Tiro de Guerra 31	116
Figura 11 - Banda do Tiro de Guerra 31	117
Figura 12 - Capa da 2ª versão da conferência Educação cívica (1906)	120
Figura 13 - Capa do livro didático A árvore (1916), de Júlia e Afonso Lopes de Almeida... ..	122
Figura 14 - Carnet Festa das Árvores (1909)	123
Figura 15 - Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes (1866-1944).....	125
Figura 16 - Capa do manual prático da Guarda Nacional (1861)	130
Figura 17 - Manchete sobre o atentado, Jornal do Brasil, em 06 de novembro de 1897. ...	131
Figura 18 - Capa de Terra Gaúcha – Histórias de infância (2013)	134
Figura 19 - Manuscrito do livro de leitura Terra Gaúcha	134
Figura 20 - Cartão n. 11 (1ª Série) coleção Brasileira de postais	139
Figura 21 - Painelel Farroupilha.....	140
Figura 22 - Capa do “Arquivo Documental da Revolução Federalista”, de J.S. L. Neto.....	141
Figura 23 - Anúncio da conferência <i>O menino Jesus</i>	142
Figura 24 - Ata nº 21 do Ginásio Pelotense (1914), em que aparece o nome de João Simões Lopes Neto como professor de Geografia.....	148
Figura 25 - Anúncio da palestra sobre a batalha de Taquari (1916).....	149
Figura 26 - Colégio Gonzaga em 1905	160
Figura 27 - Folha avulsa “A reforma ortográfica no Brasil”	172
Figura 28 - 2ª edição do livro de José Veríssimo, A educação nacional (1906)	174
Figura 29 - José Veríssimo (1857-1916)	175
Figura 30 - Afonso Celso (1860-1938)	181
Figura 31 - Folha de rosto de <i>Porque me ufano de meu país</i> , de Afonso Celso.....	181
Figura 32 - Januário Coelho da Costa (1886-1949)	189
Figura 33 - Manoel Serafim Gomes de Freitas (1880-1969)	189
Figura 34 - Artur Pinto da Rocha (1860-1930)	191
Figura 35 - Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911)	193
Figura 36 - Capa do discurso proferido na Exposição-Quermesse (1909)	207
Figura 37 - Turma de bacharéis da Academia de Comércio do Clube Caixeiral (1913)	208
Figura 38 - Discurso proferido na inauguração do primeiro Colégio Elemental de Pelotas.....	213
Figura 39 - Pereira da Costa (1851-1916).....	216
Figura 40 - Celso de Magalhães (1849-1879)	217
Figura 41 - José Martiniano de Alencar (1829-1877)	218
Figura 42 - Juvenal Galeno (1836-1931).....	223
Figura 43 - José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898)	225
Figura 44 - Folha de rosto de <i>O selvagem</i> (1875).....	225
Figura 45 - Barbosa Rodrigues	226
Figura 46 - Nina Rodrigues (1862-1906).....	227
Figura 47 - Capa de uma edição atual de <i>Achegas ao estudo do folclore brasileiro</i>	228
Figura 48 - Sílvia Romero (1851 – 1914)	230

Figura 49 - Folha de rosto de “Cantos populares do Brasil” (1885), de Sílvio Romero	232
Figura 50 - Santa-Anna Nery (1848-1901)	234
Figura 51 - Folk - Lore Brésilien (1889).....	236
Figura 52 - Manuel Raimundo Querino (1851-1923).....	238
Figura 53 - Pe. Carlos Teschauer (1851-1930).....	240
Figura 54 - Apolinário Porto-Alegre (1844-1904).....	241
Figura 55 - Karl Von Koseritz (1834-1890).....	242
Figura 56 - João Cezimbra Jacques (1849-1922)	243
Figura 57 - Afrânio Peixoto (1876-1947)	246
Figura 58 - Artigo "Lei de expulsão dos estrangeiros", de J. Simões Lopes Neto (1912) ...	261
Figura 59 - Manuscrito de Simões Lopes Neto. Proposta de n. 26 ao Congresso Agrícola de 1908	263

“O livro indica, o mestre orienta, o aprendiz discerne; a execução radica o ensinamento procurado.” (João Simões Lopes Neto, *Discurso de inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório*, 1913)

“A ciência evolui num combate entre diferentes correntes.”
(Remi Hess, *Produzir sua obra: o momento da tese*, 2005).

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 PASSANDO O RASTRILHO : QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	52
2.1 O QUE FIZ	52
2.2 COMO FIZ	71
2.2.1 Construindo as fontes.....	72
2.2.2 As fontes: os periódicos	74
2.2.3 Simões Lopes Neto e os periódicos como fonte	76
2.2.4 Operações historiográficas e tratamento das fontes.....	80
2.2.5 Análise documental	83
2.3 PORQUE FIZ	85
2.3.1 Para operacionalizar as ferramentas analíticas.....	85
2.3.2 Para dirimir dúvidas a respeito das concepções sobre o projeto intelectual simoniano e a posição do escritor junto ao cânone.....	85
3 A CONFERÊNCIA <i>EDUCAÇÃO CÍVICA</i> (1906) COMO MATRIZ PROGRAMÁTICA DO PROJETO CÍVICO-PEDAGÓGICO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO.....	89
3.1 A CONFERÊNCIA <i>EDUCAÇÃO CÍVICA</i> : CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	89
3.1.1 As duas versões da conferência <i>Educação Cívica</i>	89
3.1.2 As conferências cívico-educacionais e a origem do projeto ideológico-cultural de Simões Lopes Neto	99
3.1.2.1 A “mania das conferências”	99
3.1.3 Questões gerais sobre os problemas educacionais do Brasil que eram tratados nas conferências cívicas.....	105
3.1.4 Simões Lopes Neto orador	110
3.1.5 As conferências cívicas: como tudo começou na União Gaúcha e no Tiro 31.....	113
3.2 A CONFERÊNCIA <i>EDUCAÇÃO CÍVICA</i> COMO MATRIZ PROGRAMÁTICA DO PROJETO CÍVICO-PEDAGÓGICO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO (gramática hífen)	119
3.2.1 As datas nacionais.....	124
3.2.2 Simões Lopes Neto e a Guarda Nacional: política e educação	128
3.2.3 A educação pela imagem.....	137
3.3 SIMÕES LOPES NETO, UM PENSADOR SOCIAL?	142
3.3.1 Crítico da cultura política e dos costumes.....	154
3.3.2 Crítico do caráter do povo brasileiro.....	156
3.3.3 Crítico da cultura popular	156

3.3.4 O crítico da educação e a atividade docente.....	158
3.3.5 Três temas centrais na conferência <i>Educação Cívica</i> (1906)	164
3.3.6 O nacionalismo na conferência <i>Educação Cívica</i> (1906) e textos afins	164
3.3.6.1 Simões Lopes Neto entre a advertência e o ufanismo (José Veríssimo e Afonso Celso).....	164
3.4 DOIS DISCURSOS	188
3.4.1 Discurso na Academia de Letras do Rio Grande do Sul.....	188
3.4.1.1 A Academia de Letras do Rio Grande do Sul	188
3.4.2 Sinopse do Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911)	192
3.4.3 Discurso de inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório	206
3.4.4 Sinopse crítica do discurso de Simões Lopes Neto proferido na inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório.....	212
3.5 O FOLCLORE E A CULTURA POPULAR NA CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO CÍVICA	215
3.5.1 Pequeno panorama ilustrado dos estudos folclóricos no Brasil	215
3.5.2 De Pereira da Costa a Afrânio Peixoto	216
3.5.3 Simões Lopes Neto, folclore e educação	247
3.5.4 Observações sobre regionalismo e educação na conferência <i>Educação Cívica</i>	250
3.6 A QUESTÃO DO PROGRESSO NA CONFERÊNCIA <i>EDUCAÇÃO CÍVICA</i>	254
3.6.1 O Progresso	255
3.6.1.1 Industrialização.....	259
3.6.1.2 Urbanização	266
3.6.1.3 Simões Lopes Neto cronista urbano	267
3.7 TEORIAS RACIAIS EUROPEIAS	279
3.7.1 A recepção das teorias racialistas no Brasil em voga no tempo de João Simões Lopes Neto	288
3.8 SIMÕES LOPES NETO, A QUESTÃO RACIAL E A EDUCAÇÃO.....	297
3.9 SIMÕES LOPES NETO, A HIGIENE E A EDUCAÇÃO	297
3.9.1 Higiene	297
3.9.2 Rio de Janeiro e Pelotas: a batalha pela higiene.....	300
4 À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	304
BIBLIOGRAFIA	322
APENDICES	400
ANEXOS	408

1 INTRODUÇÃO

Ao começar esta pesquisa alimentava enormes pretensões, mas ao decorrer de seu desenvolvimento percebi a complexidade das questões que a envolviam, por isso coloquei um freio no entusiasmo apaixonado e, por via de consequência, em minha arrogância, compreendendo o perigo que ambos representavam para quem quer palmilhar, de forma madura, o caminho da investigação científica.

Boa parte das perquirições que eu tinha quando dei início à pesquisa ficaram em aberto e surgiram outras tantas que sequer havia vislumbrado. O mais difícil foi conseguir abrir uma clareira no emaranhado de problemas que tornavam algo brumosa a pergunta norteadora.

Num primeiro momento, tendo em vista a realização de um trabalho no campo da História da Educação, cujo tema era a ação e o pensamento do escritor João Simões Lopes Neto, tive de sair das estradas asfaltadas dos estudos literários, em que há textos significativos quantitativa e qualitativamente. Busquei então mapear, definir, descrever e analisar aquilo que se chamou o “projeto cívico-pedagógico”, registrando os resultados obtidos a respeito no livro ¹ que fiz publicar em 2009, fruto de minha dissertação de mestrado.

Partia da hipótese levantada por Chiappini (1988) ², de que as conferências cívicas proferidas no período 1904-1906 eram a origem do referido projeto. Ao ler as biografias de Reverbél (1981) ³ e Diniz (2003) ⁴ corroborei o envolvimento de Simões Lopes Neto com as questões sociais, sobretudo ligadas à educação.

Dou continuidade nesta tese à pesquisa levada a cabo no Mestrado, direcionando o foco para a construção do enunciado problemático sob novo ângulo. Nessa caminhada, enveredei por caminhos tortuosos, quando, pois, dei-me conta o

¹ *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2009.

² CHIAPPINI, Lúcia. *No entretanto dos tempos*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

³ REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

⁴ DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003.

quão ingênuas eram as minhas pretensões, principalmente a “elaboração de uma nova chave de leitura para o conjunto da obra lopesnetina” [...], sendo “a categoria base para tal intento a educação” ⁵.

Tudo isso foi um processo de tensão tanto intelectual quanto emocional. Lembra-me o pensamento de Parker:

Tenha paciência com tudo que não está resolvido em seu coração. [...] Tente amar as próprias contradições. [...] Não procure agora as soluções, que não podem ser explicadas porque você não seria capaz de as viver. [...] Viva as contradições agora. ⁶

Apegado à ideia já citada, de Chiappini, evidentemente era inevitável estudar mais amiúde as conferências sobre educação cívica. Todavia, não era possível, para atingir toda a gama de problemas envolvidos, me restringir apenas ao exame das conferências *Educação Cívica*. Nesse sentido, houve necessidade de estabelecer um corpus mais amplo, não sem antes ter um panorama do bloco não literário da obra de Simões Lopes Neto. Na elaboração dessa lista tive de considerar diversas questões, tais como a acessibilidade a inéditos, alguns inclusive considerados como extraviados, além da análise de outros textos conhecidos, mas postos à margem pela maioria dos estudiosos simonianos. Isso me exigiu repensar os procedimentos teórico-metodológicos. Desta maneira, também redefini os objetivos do trabalho. Ao invés, pois, de estarem voltados para a elaboração de uma nova chave de leitura do conjunto da obra simoniana, direcionei o olhar para a investigação do ideal educacional da Primeira República ⁷, por meio do pensamento cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto (1865-1916), abrangendo alguns aspectos histórico-filosóficos, dos quais ele se alimentou e também elementos relativos ao folclore e à

⁵ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *A redescoberta de um discurso centenário, síntese do pensamento político-pedagógico-cultural de João Simões Lopes Neto* (Parte I). Diário da Manhã, Pelotas, 11-09-2011.

⁶ PALMER, Parker. *Courage to teach*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998, p. 86. Tradução do autor.

⁷ Para mais detalhes vide SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; e MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo [online], vol.13, n.26, pp. 32-55, 2009. Vide também CARVALHO, M. M. C. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

cultura popular, notadamente aqueles herdados da chamada Geração de 1870, especialmente em seus próceres, Sílvio Romero e José Veríssimo.⁸

Os pensadores da Geração de 1870 inseridos num contexto histórico de profundas transformações se atiraram com uma ânsia, quase obsessão, no ativismo político e em polêmicas, das quais emergiram textos que se ocupavam com o problema da identidade nacional.⁹ Nesse sentido, a educação passa a ser vista como um indispensável instrumento para desenvolver social e economicamente a nação. Esses textos produzidos nos mais diferentes gêneros e dirigidos a diversos públicos tinham como tônica a alfabetização, o debate sobre a instrução pública, o anticlericalismo¹⁰, o papel do Estado e a valorização e o despertar da consciência nacional¹¹.

Considerando que na passagem do século XIX para o século XX o País detinha um elevado índice de analfabetismo (em torno de 75%)¹², observa-se uma grande mobilização de diferentes atores sociais, que procuravam caminhos, senão para solucionar, pelo menos, para minimizar o problema. Recorreu-se inclusive a meios alternativos para educar o povo, tais como o cartão postal¹³ e o incentivo à ereção de monumentos¹⁴. Em especial, as conferências eram consideradas uma maneira eficaz de atingir um público maior, mobilizando desde as massas populares, passando pelos intelectuais, elites e Governo.

⁸ Cf. FRITZEN, Celdon. *A pedagogia social da Geração de 1870: literatura e infância*. In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (Orgs.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas/SP: Papirus, 2007, pp. 91-107; CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*. São Paulo: Annablume, 2003.

⁹ Para uma visão política da Geração de 1870 vide ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento*. A Geração 1870 e a crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

¹⁰ Para mais detalhes vide SOUZA, Ricardo Luiz de. *O anticlericalismo na cultura brasileira: da colônia à república*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: EDUFSC, n. 37, pp. 175-199, abril de 2005.

¹¹ Para mais detalhes vide NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São/Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional do Museu Escola, 1974.

¹² Para mais detalhes vide FERRARO, Alceu. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Educação & Sociedade, vol. 23, Campinas, dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302008100003>> Acesso: 02-03-2012.

¹³ Simões Lopes Neto, por volta de 1906, lançou a Coleção Brasileira de cartões postais. Para mais detalhes vide: REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 19881, pp. 204-208.

¹⁴ Cf. CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Lembremos que Simões Lopes Neto em sua conferência *Educação Cívica* (1906, p. 2; p. 8) reclama da ausência de monumentos.

O novo estado de coisas gerou uma grande instabilidade, proporcionada pelas mudanças ocorridas pelo fim da escravidão, pelo golpe que extinguiu o Império e que proporcionou o advento da República. Tais transformações, por sua vez, favoreceram todo um questionamento relativo ao antigo sistema de valores que orientava a vida pública e privada, além de uma série de práticas, hábitos e atitudes, fazendo com que se pensasse num outro projeto que forjasse o “cidadão republicano” em oposição ao súdito do Monarca.

Desta forma, os textos cívico-educacionais, compreendidos em diversos gêneros e suportes, se espalharam, prescrevendo uma série de preceitos morais e sugerindo medidas políticas que visavam reformar a sociedade através da educação. Havia, primeiramente, de se inculcar nos governos a imperiosa necessidade de valorizar os símbolos nacionais, a natureza, a riqueza aqui produzida pelas “classes produtivas”, e nas crianças o amor à pátria, impondo a elas novos padrões morais e de civilidade, representando um ideal de cidadão. No bojo de uma nova “civilização brasileira”, esse cidadão devia ser moldado desde a infância, pois a criança era vista sempre em função de sua potencialidade adulta.¹⁵

É possível perceber a missão que a intelectualidade brasileira chamava a si: a reforma geral do País. Os literatos brasileiros, tais como Sílvio Romero, José Veríssimo, Coelho Neto, Manoel Bonfim, entre outros, desejavam:

abrir um mundo novo, liberal, democrático, progressista, abundante de perspectivas ilimitadas [...]. a palavra de ordem da “geração modernista de 1870” era condenar a sociedade “fossilizada” do Império e pregar as grandes reformas redentoras: a “abolição”, “a república”, “a democracia”. O engajamento se torna condição ética do homem de letras. Não por acaso, o principal núcleo de escritores cariocas se vangloriava fazendo-se conhecer por “mosqueteiros intelectuais”.¹⁶

Em seus escritos e conferências os intelectuais se engajavam em campanhas e debates, indicando não só os grandes temas do tempo, principalmente o problema educacional, mas também toda a malha das mudanças em curso. Portanto, analisá-la enquanto projetos que se digladiam, representando os variegados interesses e

¹⁵ Para mais detalhes vide DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 1996.

¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 95-96.

atores sociais, muitas vezes, antagônicos ou amalgamados em frágeis sistemas de alianças, nos auxilia a compreender melhor esse conturbado período histórico e qual papel era atribuído à educação.

Diante da variedade da produção cívico-pedagógica do final do século XIX e início do século seguinte não é fácil fazer uma classificação de materiais. A linha entre manuais, breviários cívicos ou diurnais, livros de leituras escolares etc., às vezes, é tênue e, adotando critérios, abordagens e objetivos diferentes, os autores divergem bastante.¹⁷ Apesar disso, entre os pontos comuns está que a maioria dos textos pretende divulgar um código de conduta e saber, em consonância com o ideal de uma nação moderna e civilizada. É assim que se pode, grosso modo, dividi-los em relação ao seu público-alvo. De um lado, tem-se uma vasta literatura dirigida diretamente às crianças. São elas objeto e sujeito desses projetos de reformar o País por meio da educação. Constituem-se em objeto na medida em que delas se ocupam pedagogos, políticos e intelectuais, a fim de produzirem novos métodos de ensino, novas leis e textos que sejam adequados às especificidades da infância brasileira.¹⁸ As crianças passam a adquirir valor dentro da sociedade e da família. Apresentam-se também no papel de sujeitos ¹⁹, uma vez que são elas as responsáveis pela realização dos modelos apregoados por toda uma gama de textos e práticas educacionais voltadas para a concretização do novo “cidadão republicano”.²⁰

¹⁷ Cf. CHOPPIN, Alain. *O manual escolar: uma falsa evidência histórica*. História da Educação, vol. 13, n. 27, Pelotas, pp. 9-76, jan./abr. 2009. Vide também: BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos*. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, Associação Brasileira de Leitura, FAPESP, 1999, pp. 529-575.

¹⁸ Para mais detalhes vide MORTATTI, M. R. L. *Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular*. Cadernos CEDES (Cultura escolar: história, práticas e representações), n. 52, pp. 41-54, 2000.

¹⁹ No livro escolar a que Diniz denominou “o verdadeiro *Terra Gaúcha*” sabe-se que Simões Lopes Neto colocou na função de narrador, em primeira pessoa, um menino, evidenciando com isso sua condição de sujeito, não só do texto em si, mas também, em alguma medida, do processo educativo (Cf. Inéditos a caminho. Entrevista de Luís Augusto Fischer concedida ao jornal Extra Classe, Porto Alegre, p. 25, jul./2012).

²⁰ Pode-se encontrar elementos importantes para essa questão em COELHO, Maricilde. *Proclamar cidadãos: moral e civismo nas escolas públicas paraenses (1890-1910)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de História da Educação e Historiografia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

Assim sendo, ao longo do presente trabalho será possível identificar os elementos principais que conformam esse ideal de cidadão, através de conceitos ²¹e representações ²² contidas no pensamento cívico-educacional de João Simões Lopes Neto. Nosso objetivo é, pois, identificar o que era comum no pensamento filosófico-educacional do tempo e o que lhe era peculiar, a fim de melhor entender não só as relações do grande literato com a educação, mas também e sobretudo certas particularidades do projeto educacional republicano no sul do Brasil, bem como as tensões entre região e nação ²³.

A partir desse esquema selecionou-se o *corpus* da pesquisa, dando ênfase a alguns textos. No estudo das conferências privilegiou-se *Educação Cívica* (nas duas versões, de 1904 e de 1906). Dentre os discursos, a análise se deteve em três textos: na oração proferida por ocasião da *Exposição-Quermesse* (1909) em benefício da Escola de Comércio do Clube Caixeiral ²⁴; no *Discurso pronunciado na Academia de Letras do Rio Grande do Sul* (1911) e no *Discurso oficial de*

²¹Conceito é uma frase (juízo) que diz o que a coisa é ou como funciona. O conceito, enquanto o-que-é é a expressão de um predicado comum a todas as coisas da mesma espécie. Chega-se a esses predicados ou atributos comuns por meio da análise de diversas coisas da mesma espécie. O homem é um ser racional. A racionalidade é o predicado comum a todos os homens. Conceito pode ser também "um juízo sintético a priori" (Cf. KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001). Sendo assim, conceito não é a mesma coisa que definição. Outros autores usam a expressão "definição real" como sinônimo de conceito (Cf. MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis: Vozes, 1985).

²²"As representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar o real algo que é incomum (não-familiar), ou que nos dá um sentimento de não-familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal [...] as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não-usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados (MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2007, p.58).

²³Para aprofundar a discussão acerca dos conceitos de literarização da região, da regionalização da literatura e subdivisões para o estudo das chamadas literaturas regionais ver os três primeiros números da revista Antares ((Letras e Humanidades). Disponível em: <<http://www.ucs.br/ucs/tplRevistaLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/revista>>

²⁴ A Escola de Comércio foi fundada em 1906. A primeira turma se formou em fevereiro de 1913 (para a lista de professores vide: BORGES, Luís, 2009, p. 248), ocasião em que Simões Lopes Neto integrava o corpo docente. Curioso é que aparecem na imprensa muitos anúncios da referida instituição, em que se oferecem cursos noturnos. Figura, em julho de 1913, o jornalista e advogado Antônio Gomes da Silva na condição de diretor. O curso era de três anos. Citam-se algumas das disciplinas ministradas: Português, Francês. Alemão, Aritmética, Álgebra, Escrituração Mercantil, Direito Comercial etc. a seguir arrola-se o corpo docente, em cuja relação não figura o nome do escritor, como se vê a seguir: Gomes Silva, Brasileiro da Costa e Silva, A. Valença Appel, major Pedro Lourival, Antônio Blotz e Rubens Freitas Wayne (Cf. *Escola nocturna de Comércio*. A Opinião Pública, Pelotas, 03-07-1913). Obs: Talvez estes fossem os professores apenas do turno da noite.

inauguração do colégio elementar Pedro Osório de Pelotas (1913) ²⁵. Identificou-se diversos artigos jornalísticos que, de modo geral, poderiam subsidiar a compreensão, *latu sensu*, do conceito de educação de João Simões Lopes Neto ²⁶. Incluí no *corpus* também textos de cunho historiográfico, debruçando-me mais detidamente na *Revista do 1º Centenário de Pelotas* (1911-1912) ²⁷. Também a publicação dos livros didáticos até então inéditos facilitaram o trabalho. Um destes livros, no caso a *Artinha de leitura* (livro didático, 1907), já estava disponível em manuscrito ²⁸. Em 2013 foi também publicado o livro *Terra Gaúcha- Histórias de infância*; os cadernos a que Diniz denominara o *verdadeiro Terra Gaúcha* (livro didático para crianças).

A escolha do *corpus* baseou-se nas seguintes razões: (a) nos permite mapear de forma mais abrangente as fontes histórico-ideológicas do pensamento educacional simoniano; (b) demarca diretamente algumas das linhas-mestras que orientam este trabalho, isto é, as relações entre o projeto simoniano de educação e o seu interesse pelo folclore e a cultura popular, o nacionalismo e a ideologia do progresso, a fim de definir um novo e original projeto político para o Brasil e (c) a conferência *Educação Cívica*, toda como eixo programático do projeto cívico-

²⁵ Vale observar que, no mesmo período, se estava organizando outro colégio elementar. Há duas notícias na imprensa que dão conta disso. Uma delas se refere a um educandário dirigido pelo prof. Bernardo Figueira Filho (Cf. *Novo colégio Elementar*. A Opinião Pública, Pelotas, p. 2, 04-07-1913) e outra pela profa. Maria Delfina Caminha (Cf. *Colégio Elementar*. A Opinião Pública, Pelotas, p. 2, 12-07-1913). Nesta última notícia declara-se que a inauguração do dito colégio será “depois de amanhã, 1 h da tarde”. Encontramos ainda mais uma notícia sobre o Colégio elementar no mesmo jornal em 23-07-1913.

²⁶ Em particular fixamo-nos nos seguintes: *Aos estudantes de Pelotas* (1913); *Semana Centenária* (1913); *A Centenária* (1913); *Ainda a Centenária* (1913); *Pelotas e a higiene* (1912); *Uma trindade científica* (1913, série de cinco artigos).

²⁷ Este trabalho de Simões Lopes Neto foi um aprofundamento do texto *A cidade de Pelotas- apontamentos para alguma monografia para o seu centenário* (1905), publicado nos Anais da Biblioteca Pública Pelotense.

²⁸ Para uma abordagem sucinta sobre a *Artinha* vide ROSA, Maria Cristina. *Um alfabeto à parte*: biobibliografia de Pedro Rubens Weyne, o Pedro Weyne. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 197-199, e também *A literatura em “Artinha de leitura” de Lopes Neto e “Histórias de Teté” de Pedro Wayne*. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/10/pucwayne.pdf>> Acesso: 05-04-2011. Vide também BORGES, Luís. Ob. cit., pp. 237-246. Um importante manuscrito relacionado é: *Ligeira Contradita* (1908), em que o Autor contesta a decisão do Conselho de Instrução Pública de recusar a *Artinha de Leitura*. Esse manuscrito foi paleografado in FISCHER, Luís Augusto. *Uma pequena história do texto*. LOPES NETO, João Simões. *Artinha de Leitura*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 189-193. Outros documentos significativos são *A reforma ortográfica* (folha avulsa impressa, contendo na parte inferior direita as iniciais do Autor, sem data) e *Glória Farroupilha* (1909, manuscrito ilustrado). Cabe uma observação sobre o texto *Arquivo documental ilustrado da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul* (manuscrito ilustrado). Esse documento teve de ser deixado de lado, pois pertence a um acervo particular e encontra-se inacessível.

pedagógico do autor permite articular os demais textos. Além disso, o próprio conjunto de textos selecionados visa o estabelecimento de um *corpus*, a fim de que com ele, entre outros possíveis estudos, se possa lançar uma nova luz sobre a parte mais alta de sua produção – a literatura. Não trataremos desse confronto (a obra não literária de cunho educacional e a literatura) aqui. Se, efetivamente, com sucesso for possível realizar o que me propus, então será possível dar um passo decisivo para uma nova chave de leitura do conjunto da obra simoniana porque, conforme afirmou a imprensa, a crítica até agora tem visto o “Simões educador com a chave de leitura do Simões ficcionista. Ou seja, às avessas”²⁹.

Quando investigamos a literatura cívico-patriótica produzida no final do século XIX e início do século seguinte verificamos que, em linhas gerais, há uma vinculação muito grande com o ideário romântico, que ficara inacabado na concretização de seus objetivos político-culturais. O movimento ideológico-literário que lhe veio em oposição foi o Naturalismo que, da mesma forma, pretendia uma intervenção direta nas questões de ordem social e política. No entanto, é possível observar que o movimento naturalista, que criticava os caminhos pelos quais enveredara o romantismo, reivindicava para si a condição de “científico”, o que lhe conferia um status de superioridade metodológica e certeza de conclusões. De qualquer modo, as correntes evolucionistas, spencerianas e positivistas, alinhadas em matizes diversos, muitas vezes, abrigadas sob a rubrica literária naturalista, irão retomar parte do projeto romântico de construir uma tradição nacional, examinando a “alma popular”, não mais idealizando tipos regionais ou étnicos, mas realizando recolhas folclóricas e estudos sociológicos e etnográficos.

Na medida em que se examina a literatura didática do período, verifica-se a existência de diversos projetos em disputa, alguns francamente ligados a uma idealização do país, cuja exuberância da natureza e juventude do povo pressupunha o desenho de um futuro próspero e ridente, tal como o Conde Afonso Celso vaticinara para o Brasil em sua obra *Porque me ufano de meu país* (1900).³⁰

²⁹ UM EDUCADOR chamado João Simões Lopes Neto. Editorial. Diário Popular, Pelotas, 15-02-2012. Obs: O Editorial não está assinado, mas é de autoria de Pablo Rodrigues.

³⁰ Para aprofundar esse tema vide BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada*: um estudo da obra *Porque me ufano de meu país*, de Afonso Celso (1900). Educar em Revista. Curitiba:

Pode-se contrastar essa concepção com as anteriormente referidas e que se lhe contrapunham, as quais, na perspectiva do evolucionismo social, entendiam as atitudes narcísicas ou excessivamente otimistas como responsáveis por mascarar o atraso, mesmo em textos que se pretendiam modernos e afinados com os novos tempos.

A literatura cívico-pedagógica republicana, do final do século XIX até a morte de Simões Lopes Neto, pode ser estimada como uma produção numericamente considerável, se levarmos em conta as condições do sistema literário e econômico, no que tange à produção e circulação de livros.³¹ Abaixo relacionamos algumas das obras principais daquele período³²:

- *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis* (1890), de Sílvio Romero
- *Festas nacionais* (1893), de Rodrigo Otávio
- *América* (1897), de Coelho Neto
- *A terra fluminense* (1898), de Olavo Bilac e Coelho Neto
- *Livro da mocidade* (1900), de Alfredo Varela
- *Porque me ufano de meu país* (1900), de Afonso Celso
- *A pátria brasileira* (1903), de Virgílio Cardoso de Oliveira
- *Contos pátrios* (1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto
- *Educação cívica* (1904), de João Simões Lopes Neto
- *Poesias infantis* (1904), de Olavo Bilac
- *Educação cívica* (1906), de Mário Bulcão
- *Educação cívica* (1906, 2ª versão), de João Simões Lopes Neto
- *Histórias da nossa terra* (1907), de Júlia Lopes de Almeida
- *Nossa pátria* (1908), de Virgílio Cardoso de Oliveira

Universidade Federal do Paraná, n. 20, pp. 1-16, 2002. Simões estimava muito esta obra, conforme declara na *Educação Cívica* (1906, p. 4).

³¹ Para mais detalhes vide LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2003, pp. 154-162, e também: LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *O preço da leitura*. Leis e números por trás das letras. São Paulo: Ática, 2001; FAR, Alessandra El. *Livros para todos os bolsos e gostos*. In ABREU, Márcia; SCHAPOCHINIK (Orgs). *Cultura letrada no Brasil*. Objetos e práticas. São Paulo: Mercado das Letras, Associação Brasileira de Leitura, FAPESP, 2005, pp. 329-341.

³² Minha referência básica para organizar a lista: BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O.; KLINKE, K. *Livros escolares de leitura: uma morfologia* (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, pp. 27-47, maio/jun./ago. 2002.

- *Pátria brasileira* (1909), de Olavo Bilac e Coelho Neto
- *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim
- *Pequenos discursos cívicos* (1913), de Milton da Cruz
- *O livro do escoteiro* (1915), de Arnaldo Guinle e Mário Pollo
- *Minha terra e minha gente* (1916), de Afrânio Peixoto
- *A árvore* (1916), de Afonso e Júlia Lopes de Almeida

Este levantamento está longe de esgotar a bibliografia que tinha como objetivo moldar educadores e educandos ao novo projeto de Brasil republicano, através da educação cívica, pondo em evidência os valores patrióticos, contudo, dá-nos uma idéia da preocupação que havia pela problemática educacional entre os intelectuais daquele período.

Apesar da unidade de objetivo e de um certo programa comum, a literatura cívica era bastante variada ao constataremos os gêneros, os métodos e conteúdos. É João Ribeiro que em seu prefácio ao livro de Sílvio Romero, em 1890, procura examinar as razões de tanta diversidade, entendendo haver uma falta de clareza e acordo sobre “que coisa é a instrução cívica”:

Na Suíça, onde a novidade penetrou a custo e sem o caráter de estudo obrigatório no cantão de Friburgo, aparece em Vaud completamente reduzida a noções sumárias que já nos depara o estudo essencial da geografia política: isto é, fica reduzida a noções sobre as formas de governo, sobre a sociedade, família, tribo.

Na Bélgica, o direito constitucional só figura nas escolas de adultos. *Pretentieux*, diz Buisson, de uma *science of government*, ciência que ainda hoje ninguém sabe o que é.[...] a instrução cívica constitui um saber inclassificável: nem possui os caracteres de uma ciência, nem de uma arte. [...]Uma das coisas mais curiosas e dignas de nota é justamente o fato de nenhuma legislação determinar a qualidade do assunto: uma fala apenas de ações sobre leis orgânicas, outra requer a história unida às noções da constituição, ainda outra intromete uns rudimentos de economia política e não falta quem peça um pouquinho de heráldica.

Como se vê, ninguém sabe definir a matéria, e a instrução cívica fica reduzida a uma espécie de receitaário doméstico, onde se acotovelam mesinhas caseiras e doces em calda.³³

A dificuldade em definir a instrução cívica se estende, por consequência, à literatura a ela relacionada. As imprecisões dessa definição advêm, de um lado, do

³³ RIBEIRO, João. Prefácio. In ROMERO, Sílvio. *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. Ensino Cívico. (Livro para as classes primárias). Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1890, p. VI.

problema do gênero literário a que pertencem os livros, uma vez que uns foram escritos para uso escolar, significando com isso, às vezes, um manual de educação moral e cívica, e noutras, assumem a forma de “livros de leitura edificante para o fortalecimento do sentimento cívico”, mais ou menos à moda de “leituras exemplares”. Ainda na questão relativa ao gênero literário, como é o caso do teatro para crianças, essa diferença implica em, entre outras, diversidade metodológico-pedagógica, sem, todavia, variarem seus objetivos principais.

Alguns livros, embora os tenhamos enumerado como literatura cívico-educacional, eram mais propriamente “livros de leitura escolar” ³⁴, em princípio destinados à “prática da língua portuguesa”, como é o caso de *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, em que os autores explicitam a intenção de indicá-lo para ser adotado como “livro único para todas as lições do programa” do ensino da língua, diferentemente do *Brasil! Diurnal cívico* (1919)³⁵, de Joaquim Luís Osório, por exemplo, o qual não traz qualquer índice que revele a intenção do autor de que tenha sido escrito para o uso escolar. Os livros didáticos de Simões Lopes Neto se enquadram, grosso modo, em duas categorias: a *Artinha de Leitura* para a alfabetização e o *Terra Gaúcha* para leituras escolares.

Ao que parece, conforme já assinalamos, há uma diferença a partir de uma fase mais tardia, fora do período de que aqui nos ocupamos, em que a educação cívica assumiu um caráter mais doutrinário menos presente na produção anterior e que se fará cada vez mais dominante, sendo, portanto, fonte significativa para a identificação de representações, conceitos e categorias que vão desenhar os diversos projetos que visam convencer as autoridades, mobilizar a sociedade e forjar as crianças e outros agentes sociais (os pais, sobretudo, as mães, o Governo, a Igreja, a sociedade civil) dentro da valorização da nacionalidade.

³⁴ VALDEZ, Diane. *Livros de leitura* seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930). Disponível em <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1218/1032>> Acesso: 04-03-2012.

³⁵ Esta edição do *Brasil: Diurnal Cívico* saiu em Pelotas pela Tipografia do Diário Popular. Apareceu outra edição no Rio de Janeiro, em 1920, pela Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C. Tenho notícia de que há ainda mais uma edição, suponho que pela mesma editora, em 1922.

Uma unidade ou padrão nessa literatura ocorrerá somente por volta dos anos de 1920, inspirado em modelos do ensino religioso, o que poderá parecer, num primeiro momento, algo estranho em se tratando de um projeto republicano largamente influenciado pela filosofia positivista e, nessa medida, refratária ao clericalismo e à religião. Mas ao observarmos essa questão mais amiúde, é possível constatar como a cultura brasileira, em especial o Rio Grande do Sul, acolheu bem a última fase do pensamento comteano, que preconizava a Religião da Humanidade.³⁶

Dentre a variegada literatura, já citada e outras, pode-se identificar seus objetivos através de diversos índices: o título, uma indicação na capa que chamava a atenção para os fins a que a obra se destinava, tais como “educação cívica”, “instrução cívica”, “educação ou instrução moral e cívica”. Outras vezes há de se observar o registro de uma epígrafe denunciadora da pretensão patriótico-educacional, transpassando quase todos os gêneros (romance, teatro, poesia, crônica, história, conto, epístola, biografia etc), além daqueles que evidenciam a função por intermédio de registros característicos, tais como os “catecismos cívicos”, os “breviários” ou os “diurnais”, de fundo mais doutrinário que didático.³⁷

De qualquer maneira, é fácil constatar que a literatura de educação cívica é bastante desigual não apenas nos diferentes gêneros literários em que se apresenta, mas também nos diferentes projetos para o Brasil republicano, implicando em variadas representações do país, da missão dos intelectuais, da família e do Estado, e do papel desempenhado pela educação nesse novo contexto histórico e social³⁸. Nesse sentido, assumem grande importância os livros de leitura escolar. Não é à toa que Simões Lopes Neto escreveu o *verdadeiro Terra Gaúcha*³⁹,

³⁶ Para mais detalhes vide TAMBARA, Elomar. *Positivismo e educação*. A educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1995.

³⁷ Para mais detalhes vide TAMBARA, E. *Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil*. História da educação. Pelotas, n. 11, pp. 25-51, abril 2002.

³⁸ Para mais detalhes vide GOMES, Ângela de Castro. *A escola republicana: entre luzes e sombras*. In: GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena, et. al. (Coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

³⁹ Expressão utilizada por Carlos Diniz em *João Simões Lopes Neto, uma biografia* (2003) para diferenciar dois trabalhos, este referido e outro, que foi publicado postumamente pela editora Sulina em 1955. O livro foi impresso em 2013 sob o título de *Terra Gaúcha – Histórias de infância*.

cujo intento era interferir mais diretamente na questão escolar: em seus programas, seus métodos de ensino e nos livros didáticos:

O livro de leitura, por sua vez, o livro de leitura, que é acaso a mola real do ensino, guarda a mesma indiferença pela infiltração pátria; e as suas páginas cheias de historietas lastimosamente fúteis, ou de demasiado alcance para as crianças, ou ridiculamente traduzidos, ou alheios ou deslocados para o meio em que terá de viver e agir o jovem estudante, são páginas brancas para a geografia e a história da pátria, as tradições e costumes.⁴⁰

Segundo Simões Lopes Neto os nossos pequenos estudavam em ótimos livros, mas eram todos eles adaptações de literatura didática destinada a crianças estrangeiras, inadequados, portanto, às particularidades da criança brasileira, como o famoso *Cuore*, do escritor italiano De Amicis⁴¹:

A nossa instrução pública primária, nas suas linhas gerais, não difere da de outro qualquer país. Perdura ainda intensa a influência da pedagogia estrangeira, não adaptada convenientemente ao nosso meio e modo de ser.⁴²

Essa tarefa pedagógica poderia, com sucesso, ser auxiliada pelo regionalismo, através do qual se fortaleceria a identidade cultural mais próxima, buscando a integração de todas as culturas regionais do país.

Os livros de leitura escolar foram bastante criticados pelos modernistas, geração que foi educada nas obras didáticas de Bilac, Coelho Neto, Manoel Bomfim e outros. Pode-se ver, por exemplo, em Antonio de Alcântara Machado, em seu artigo *Terra essencialmente agrícola* críticas incisivas à leitura escolar, no qual afirma que "em matéria de educação literária, o brasileiro está no primeiro estágio". Em um diálogo irônico sugere a inadequação da maioria das obras disponíveis no mercado editorial brasileiro:

O pai diz ao filho:
- Não leia assim, menino, estraga, a vista.
A mãe diz à filha:
- Isso são idéias de romance.
O marido diz à mulher:
- Leia o manual da perfeita cozinheira.
Ou então, o professor que diz ao aluno:

⁴⁰ LOPES NETO, João Simões. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 18.

⁴¹ Para mais detalhes vide PINTO NETTO, Heloísa Souza. *Terra Gaúcha e Cuore* – Um caso de intertextualidade. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2012.

⁴² Idem, p. 17. LOPES NETO, ob. cit., p.17.

- Leia Coelho Neto.⁴³

Escritores como Coelho Neto são vistos como vazios pelos modernistas, assim como os prosaicos manuais de culinária ou romances franceses, que não expressam a essência da nacionalidade. No caso de Coelho Neto, considerado retórico e verborrérico pelos modernistas, há um agravante, os seus textos "tiram do guri toda a vontade de ler. Desiludem o pequeno. E ele cresce inimigo pessoal da literatura. Com muitíssima razão". Em outro artigo, *Pela gurizada*, Alcântara Machado responde ao apelo de Gilberto Freyre ao grupo moderno de São Paulo para que escrevesse livros para meninos:

uma revista infantil eu acho [...] mais útil do que um livro. Livro a criança lê mal e esquece logo. [...] Com a revista é diferente. Porque a revista repousa e insiste. O que o número dez disse e ficou esquecido, o número onze recorda e fica guardado. Isso no que se refere a lições de moral e outras coisas. A parte instrutiva.⁴⁴

Completa que ainda mais apropriado seria um jornalzinho:

Porque nele cabe tudo: histórias, caricaturas, problemas e outras coisas do estilo. [...] Quanto à diversão a vantagem do jornal também é maior. [...] De jornais infantis portanto é que precisamos nós. Jornais que ensinem o Brasil antes de mais nada. Nacionalizem o brasileiro. Inteligentemente. Nada de lorotas patrióticas e tropos auriverdes. [...] Nesse gênero basta o *Porque me ufano do meu país*, de triste fama. Mas abraçar a divulgando, por exemplo, nossas lendas indígenas ou não. Apresentando o Brasil aos meninos da cidade. [...] Com material brasileiro construir nossos contos de Perrault.⁴⁵

As críticas aos mestres também se verificam no conto *Tiro de guerra nº 35*, publicado no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*:

No Grupo Escolar da Barra Funda Aristodemo Guggiani aprendeu em três anos a roubar com perfeição no jogo de bolinhas (.) e ficou sabendo na ponta da língua que o Brasil foi descoberto sem querer e é o país maior, mais belo e mais rico do mundo. O professor Seu Serafim todos os dias ao encerrar as aulas limpava os ouvidos com o canivete [...] e dizia olhando no relógio:

- Antes de nos separarmos, meus jovens discentes, meditemos uns instantes no porvir de nossa idolatrada pátria. Depois regia o hino nacional.

⁴³ MACHADO, Antônio Alcântara. *Cavaquinho e saxofone*. São Paulo: Edição Roseli Lopes, s/d, pp. 38-39.

⁴⁴ Idem, ibidem, p. 27.

⁴⁵ Idem.

Em seguida o da bandeira. [...] A campainha soava. E o pessoal desembestava pela rua Albuquerque Lins vaiando seu Serafim.⁴⁶

Apesar das críticas, este gênero de literatura escolar manteve-se na escola durante décadas. A obra *Poesias Infantis* (1904), de Olavo Bilac, produzida para uso escolar e premiada pelo Conselho Superior da Instrução Pública Municipal do Rio de Janeiro, foi reeditada sucessivas vezes até o ano de 1961 e, segundo Andréia Cordeiro (2004)⁴⁷, alguns de seus poemas continuaram sendo publicados em “antologias escolares, livros didáticos das mais diferentes disciplinas e usados na escola como ornato perfeito às datas cívicas sob a forma de jograis, cartazes e tantas outras práticas e rituais que compuseram a educação de inúmeros brasileiros”. O discurso proferido, em 22 de março de 1917, por Bilac aos professores da Escola Normal de S. Paulo evidencia concepções que sacralizam a educação e a Pátria:

Quando um verdadeiro professor primário sente a completa e clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma anagogia extática, como o arrebatamento de espírito que, nos primeiros tempos da vida monástica, transfiguravam o asceta. Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de um deus: é a Pátria se instalando no seu espírito. O professor quando professa, já não é um homem, sua individualidade anula-se: ele é a Pátria, visível e palpável, raciocinando no seu cérebro e falando pela sua boca. A palavra que ele dá ao discípulo é como a hóstia que, no templo, o sacerdote dá ao comungante. É a eucaristia cívica. Na lição há a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda a nacionalidade.⁴⁸

Entre os muitos elementos constitutivos dessa literatura cívico-pedagógica, um deles merece destaque: os conhecimentos sobre a terra e a história do Brasil são considerados indispensáveis para formar o novo modelo de cidadão⁴⁹, consciente de seus direitos, mas principalmente comprometido com seus deveres para com a pátria, isto é, alguém capaz de subordinar suas escolhas ao “futuro

⁴⁶ MACHADO, Antônio Alcântara. *Tiro de Guerra Nº 35*. Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China. São Paulo: Edição de Roseli Lopes, s/d, p. 32.

⁴⁷ CORDEIRO, Andréia. *Memória, nação e escolarização: a apologia à memória nacional em “Poesias Infantis”* (1904) de Olavo Bilac. I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em <<http://www.historiaeditorial.pro.br/pdf/andreabezerracordeiro.pdf>> Acesso: 25-01-2011.

⁴⁸ BILAC, Olavo. *A Pátria na escola*. In BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924, pp. 60-61.

⁴⁹ NADAI, E. *O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva*. Revista Brasileira de História (Memória, História, Historiografia-Dossiê Ensino de História). São Paulo: Anpuh, Marco Zero, v.13, n.25/26, pp.140-151, set. 1992/ago.1993.

grandioso da nação”.⁵⁰ Simões Lopes Neto entende ser indispensável para a reforma moral e política do Brasil o conhecimento da história, da paisagem e das tradições populares.

Esse ideário, embora perpassasse, de maneira geral, toda a literatura dedicada à educação cívica, começa a ficar também evidente nos textos de ficção, principalmente na obra de Olavo Bilac, Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida, que se consolidam como modelos a serem seguidos em todo o país. Mas para que isso pudesse acontecer havia dois obstáculos. O primeiro era tornar essa concepção dominante, eliminando outros projetos, tais como o dos anarquistas e suas “escolas modernas”⁵¹ e o do ensino confessional⁵². O segundo era vencer as resistências das diferentes identidades regionais.

É interessante observar como esse problema é significativo. Tome-se o exemplo de livros como *Nossa pátria* (1908), obra produzida fora do centro cultural de então, o Rio de Janeiro, de autoria de Virgílio Cardoso de Oliveira. O autor, que ocupou o cargo de diretor de ensino municipal em Belém, afirma que o livro fora bem aceito pelas autoridades educacionais nos “Estados do Pará, Ceará, Minas Gerais e Goiás, cujos Conselhos de Instrução Pública o mandaram adotar nas respectivas escolas”⁵³. Esse livro, a despeito dos debates que já vinham se intensificando desde a publicação de *A educação Nacional* (1890), de José Veríssimo, recai no

⁵⁰ Para aprofundar a discussão vide OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *Festas que a República manda guardar*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, pp.172-189, 1989.

⁵¹ Cf. MORIYÓN, F. G. (Org.) *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. Vale observar que a ligação de Simões Lopes Neto com os anarquistas era subsidiária. Dera-se por intermédio das relações que travava, principalmente, com o advogado Antônio Gomes da Silva e do operário Francisco de Paula Cardoso. Simões também proferia conferências e frequentava o Centro de Estudos Sociais, fundado por Gomes da Silva, que era de orientação anarco-sindicalista, no entanto, nunca compartilhou nem da militância nem da ideologia anarquista. Todavia, cabe assinalar a simpatia e a defesa que faz dos trabalhadores imigrantes atingidos pela Lei Adolfo Gordo, conforme aparece em seu artigo *A lei de expulsão dos estrangeiros*, publicado no jornal A Opinião Pública, em 31-12-1912. As atividades do Centro de Estudos Sociais e da Liga Operária aparecem divulgadas com frequência. Entre suas ações estão reuniões ou “conferências operárias” em que, por exemplo, se homenageia Francisco Ferrer (Cf. A Opinião Pública, Pelotas, 03-10-1913) ou se apresenta peças anticlericais, como é o caso de *O apóstolo da liberdade*, de Antônio C. de Freitas (Cf. Diário Popular, Pelotas, 07-11-1901).

⁵² CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino Religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil*. In Educação em Revista. Belo Horizonte, Faculdade de Educação/UFMG, n. 17, pp. 20-37, junho de 1993.

⁵³ OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Nossa pátria*. Pequena enciclopédia nacional para uso das escolas brasileiras. 3ª edição da antiga *A pátria brasileira*. Bruxelas: Estabelecimento Typo-Lithographico Constant Gouweloos & Co, 1903, inteiramente refundida e ampliada. Paris/Lisboa: Tipografia Aillaud, 1908 p. V.

vício tão criticado pelo próprio autor, isto é, a apresentação do conteúdo não respeita as características da criança brasileira. Aparenta desprezar uma importante característica da literatura cívico-pedagógica da época: não consegue estabelecer elementos para que a criança possa apreciar a paisagem e as virtudes nacionais decantadas, posto utilizar uma linguagem inadequada para as crianças em processo de aprendizagem de leitura e das pessoas simples do povo, o que permitiria o acompanhamento dos pais. Dessas questões adviriam algumas perguntas que ficavam no ar: haveria uma “cultura brasileira” a ser ensinada de modo uniforme ou esta seria um amálgama das culturas regionais? Poder-se-ia harmonizar esse estereótipo do “homem brasileiro” e ao mesmo tempo preservar as identidades culturais regionais do país ou seria preciso aniquilá-las para forjar o novo cidadão republicano? Até que ponto a educação cívica poderia resolver esse problema e de que modo o faria?

Diferentemente o livro homônimo de Rocha Pombo ⁵⁴, *Nossa pátria*, de grande êxito editorial, sendo reeditado até a década de 1970, fora escrito, segundo o autor, “para a inteligência das crianças e do homem simples do povo”.

A fim de que se possa compreender essas diferenças teórico-metodológicas, que guardam em si diferentes concepções educacionais a serem levadas a efeito por intermédio da educação cívica, cuja finalidade era estabelecer um novo projeto histórico-político para o Brasil, deve-se examinar qual era o conceito que se fazia de cultura, infância, cidadania e identidade cultural. Apenas para nos determos num ponto, basicamente, se considerava as crianças como “homens pequenos”, “homens em potencial”, “cidadãos em miniatura”. Isto é, educar as crianças significava desenvolver uma inteligência imatura e forjar um caráter em que tudo poderia ser impresso, caso se alcançasse suas emoções. Tanto assim é que Bonfim & Coelho Neto declaram:

Neste livro, a História e a Fantasia andam unidas; e procuramos aproveitar os assuntos de maneira que pudessem interessar não somente a inteligência, mas também o coração das crianças. [...] Quisemos fugir da

⁵⁴ POMBO, Rocha. *Nossa pátria*. Narração dos fatos históricos do Brasil, através de sua evolução, com muitas gravuras explicativas. São Paulo/Rio de Janeiro: Weizflog Irmãos, 1917, p. 3.

aridez, da forma complicada e da banalidade, ao mesmo tempo; dirão os competentes se nos saímos bem da empresa.⁵⁵

Lajolo & Zilberman (1993)⁵⁶ ao abordarem a produção de literatura cívico-pedagógica e de literatura infantil entre os anos de 1880 e 1920, destacam não apenas a motivação ideológica, mas também financeira para os autores e editoras, uma vez que as relações com as esferas governamentais “lhes garantia a adoção maciça dos livros infantis que escrevessem”. Essa produção também respondia à necessidade das próprias editoras que deviam atender a demanda de livros escolares.

Nessa trilha, para discutir questões relativas à identidade cultural, se examinará, sobretudo, o problema do folclore e a tradição dos intelectuais brasileiros de elaborarem cancioneiros desde o século XIX, enveredando pelo século XX adentro.

A tensão entre a formação do estereótipo do homem brasileiro e as culturas regionais, especialmente a do Rio Grande do Sul, pode ser mais bem compreendida por meio de um tipo representativo: o escritor e educador João Simões Lopes Neto. Isso pode ser feito ao mostrar seus matizes, suas matrizes (ideológicas) e suas contradições, as mesmas que permeavam a articulação entre nacionalidade/regionalidade e o projeto ideológico e educacional republicano, que procurava tornar viável sua hegemonia política por meio do discurso nacionalista, da valorização do folclore e do otimismo pedagógico⁵⁷.

Percebe-se, como bem o demonstram Arriada & Tambara (2005), o Autor bastante integrado no ideário da intelectualidade brasileira de seu tempo. Em certo sentido, seu projeto é mais que literário (artístico), ele é lítero-político-educacional, consciente e razoavelmente ordenado.

⁵⁵ BOMFIM, Manoel; COELHO NETO. *A terra fluminense*. Educação cívica (livro unanimemente aprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 3.

⁵⁶ ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira*. História, autores e textos. São Paulo: Global, 1993.

⁵⁷ Para mais detalhes vide SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: Unesp, 1998.

Contrariando posições como as de Filipouski, Nunes, Bordini & Zilberman (1973) expressas num esboço biobibliográfico ⁵⁸, Arriada & Tambara entendem que:

Simões Lopes Neto esteve efetivamente engajado num projeto de âmbito continental que primava pela divulgação e consolidação de um ideal cívico-patriótico que plasmou a consolidação do republicanismo nessa região [o Rio Grande do Sul]. ⁵⁹

O projeto simoniano, contudo, não está subsumido num movimento torrencial das elites letradas da época. Ele guarda sua especificidade espaço-temporal, especialmente, na dialética forma/fundo que permeia toda a obra lopesnetina, tanto ficcional quanto a de textos de outra natureza, tais como os das conferências cívicas. Tanto assim que, entre as modificações e acréscimos recebidos, a conferência *Educação Cívica*, na versão de 1906, teve um trecho aproveitado na introdução dos *Contos Gauchescos* (1912). Isso parece indicar o trânsito ideológico do seu projeto, que transmigrava em gêneros e formas expressivas ⁶⁰. Não bastasse isso, pode-se atentar para seu intento de utilizar um tipo regional – Blau Nunes – para articular um processo de integração da nacionalidade, além de constituir um narrador-menino, num livro escolar, o *verdadeiro Terra Gaúcha*, e uma narradora negra – à moda do que, mais tarde, faria Monteiro Lobato ao criar a Tia Anastácia -, o que, segundo Luís Augusto Fischer, “não é pouca coisa” ⁶¹.

No Brasil, no final do século XIX e início do XX, diversas tendências políticas, culturais e ideológicas, levando em consideração os elevados índices de analfabetismo, recorreram às conferências para expressar seus anseios, opiniões, ideários e polêmicas. A de se dizer inclusive que esse movimento – chamado até de “mania” ⁶² – respondeu ao influxo de toda uma tradição de oralidade, principalmente

⁵⁸ FILIPOUSKI, Ana; NUNES, Luiz Arthur; BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira. Uma abordagem estruturalista*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1973, p. 22.

⁵⁹ ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *João Simões Lopes Neto - um educador popular ou um popularizador da educação?* In HERZ, Celso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs). *Memórias, diálogos e sonhos do educador. Homenagem a Balduino Antônio Andreola*. Santa Maria, 2005, p.240.

⁶⁰ Para mais detalhes vide CHIAPPINI, Lígia. *Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão*. Nonada, v. 2, n. 19, 2012. Disponível em <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/597>> Acesso: 04-02-2013.

⁶¹ DIAS, Ana Cláudia. *O Simões desconhecido*. Diário Popular, Pelotas, 31-01-2012. Vide também FEIX, Daniel. *Simões inédito*. Zero Hora, Porto Alegre, 08-02-2012.

⁶² BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, pp. 136-142.

em função de uma sociedade pouco letrada. No cenário brasileiro, não só no cultivo da oratória política, que tanto avultou nas campanhas abolicionista e republicana, mas também em outros domínios da cultura, como se pode ver na carreira literária, por exemplo, de um Tobias Barreto ou de um Castro Alves, que mobilizavam multidões nos teatros a pretexto de política, talvez buscassem, quiçá, no fundo, um palco para sua arte poética. Nesse sentido, parece inextrincável o elo não apenas entre literatura, política e educação, mas entre o papel dos escritores como formadores de uma opinião pública – nessa medida, em *latu sensu*, tomados como educadores ou pensadores sociais da educação – e as diversas modalidades utilizadas para se comunicar e educar as massas.

As conferências e o jornalismo ⁶³ se transformam num instrumento de difusão e vulgarização de um projeto político e educativo de construção da nação, fosse das reformas necessárias à continuidade da Monarquia, fosse em direção e depois à consolidação da República. Aderiram à prática das conferências e do jornalismo dileitante ou de colaboração homens notáveis de todas as áreas do saber, envolvendo escritores, cientistas, historiadores, críticos literários que, numa teia bem capilarizada, procuraram seguir um programa geral de reforma da sociedade e do Estado, a qual inevitavelmente passava por uma nova abordagem das questões educacionais, a fim de desenvolver uma pedagogia da nacionalidade.

O projeto político, literário e educacional, como veremos ao longo deste trabalho, caminharão juntos e um será integrante do outro ao ponto de, dependendo da perspectiva, se poder estabelecer certas chaves de leitura a partir de um destes três aspectos – folclore, nacionalismo e ideologia do progresso – em função de sua dinâmica de interação.

Além da tradição de oralidade, outros meios eram utilizados para a divulgação das conferências e discursos. Publicações de caráter popular, tais como os almanaques, serviam também para disseminar ideias, promover debates e formatar,

⁶³ O próprio Simões Lopes Neto reclama que “O nosso jornalismo a fora política e as pequenas notícias, escassamente se ocupa do Brasil.” (LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*. Pelotas: União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé e Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 8). Simões participou ativamente das comemorações do jubileu da imprensa pelotense em 1901, tendo inclusive composto a letra do Hino do Jubileu.

em grandes linhas, os pontos programáticos de reforma educacional propugnados pela intelectualidade. Um exemplo disso é o *Almanaque Garnier Brasileiro* (1903-1914). Em relação a esse periódico, Dutra (2005)⁶⁴ entende que “os organizadores do *Almanaque* vão na sua tarefa pedagógica, ao fim, manipular um capital simbólico, explorar o campo da história e construir uma memória de forma e sustentar uma identidade nacional”.

No ideário da chamada Geração de 1870 encontra-se uma profunda preocupação com a educação do país. Lembremos que aqueles homens pretenderam chamar a si uma missão: reformar o Brasil, a fim de incluí-lo entre as nações desenvolvidas do Ocidente. Para tanto, tornava-se indispensável investir pesado na educação do povo. No entanto, o conceito que parecia ser o mais simples para definir um novo projeto histórico, isto é, o “povo”, constituía-se como algo problemático, nebuloso e que suscitou – e ainda suscita – uma obsessiva pergunta: Quem é o brasileiro?

Sem alguma resposta a essa pergunta, a qual, aliás, se desdobrava em várias outras, seria praticamente impossível para os homens da Geração de 1870 e seus herdeiros ideológicos, pensar um novo projeto social e histórico para o Brasil. Evidentemente, duas questões estavam na ordem do dia: a Abolição e a República. Focando estas duas transformações profundas na ordem social e na estrutura jurídico-política do país, sob a lente da formação de uma outra sociedade, implicava nisto a construção do cidadão republicano, bem como também na incorporação de novos contingentes sociais, fossem eles negros libertos, crianças, proletários e mulheres. Para a formação desse “novo povo” era imperativo um processo educacional que estabelecesse as bases da nacionalidade republicana. Para que tal pudesse ser feito, numa sociedade ainda arraigada a valores e vícios monárquicos, cujas raízes mais longínquas podiam ser encontradas nos tempos coloniais, era preciso “inventar” uma tradição, capaz de mobilizar as forças vivas da nação, transformando um mosaico étnico e cultural, num verdadeiro “povo”. Aí é que entra o

⁶⁴DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República*. História e identidade nacional no *Almanaque Brasileiro Garnier* (1903-1914). Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 28.

papel do folclore e da cultura popular como processo educacional e ideológico de formação da nacionalidade ⁶⁵.

Encontrar-se-á nesse afã de construir uma tradição nacional para fundamentar um novo projeto histórico para a nação, desde Sílvio Romero e José Veríssimo, toda uma literatura ficcional que irá expor não apenas os diversos tipos regionais, mas também uma mitologia da formação social brasileira, tal como ela aparece na lenda da Salamanca do Jarau ⁶⁶.

Vale Lembrar que o *Cancioneiro Guasca* (1910) já continha todas as lendas, com exceção da Salamanca, que aparecerão no livro de 1913, as *Lendas do Sul*. Ao contrário do que ocorreu à geração romântica, para os jovens da Geração de 1870, era importante conferir um caráter de cientificidade à literatura, à crítica literária e aos estudos folclóricos. Assim, era comum entremeado no comentário de um romance ou poema a citação de autores como Claude Bernard, Darwin, Haeckel, Littré, Spencer, Augusto Comte. Ou então, como foi o caso de Simões Lopes Neto, ao mesmo tempo em que escrevia contos rurais, estava em dia com as discussões evolucionistas, conforme demonstra a série de artigos que publicou no jornal pelotense *A Opinião Pública*, em 1913, intitulada *Uma trindade científica*, em que abordava Lamarck, Darwin e Haeckel.

Na visão da maioria dos intelectuais, para viabilizar o progresso, a ciência e a civilização, o que implicava também a emancipação humana através do conhecimento e da tecnologia ⁶⁷, era necessário a elevação do nível geral da sociedade por intermédio da educação. Assim, o investimento educacional se constitui num ponto indispensável não apenas para o erguimento de um novo projeto histórico para o país, mas também em condição *sine qua non* da construção de uma identidade cultural que é, concomitantemente, a alavanca do desenvolvimento do

⁶⁵ Para detalhes vide BORGES, Luís. *O folclore e a ficção como artifício didático-pedagógico em Simões Lopes Neto*. In BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Orgs.). *Identidades ameríndias*. Porto Alegre: EST, 2006, pp. 12-18.

⁶⁶ Para um estudo aprofundado da Salamanca vide BAVARESCO, Agemir. *Aprender a ser gaúcho*. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

⁶⁷ Para a participação do criador de Blau Nunes nas Exposições Universais vide BORGES, Luís. **Além fronteiras: O empreendedor João Simões Lopes Neto**. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo19.htm>> Acesso: 16-01-2012

Brasil no concerto das nações ocidentais de capitalismo avançado e a concretização de seu objetivo político-ideológico.

Ao refletir sobre essas questões, o historiador realiza a árdua tarefa de investigar a obra do tempo, suas dobras e desdobramentos, seus movimentos de revelação e olvidamento, da busca de significados cuja ressonância se perdeu. Seria menos difícil se acoplar ao já interpretado, num processo de repetição de juízos consagrados e acrescentar, aqui ou acolá, um dado, um matiz, mantendo, contudo, de maneira geral, o que já foi dito, apenas atualizando o discurso de uma arquitetura já cristalizada. Nas palavras de Guilhermino César:

[...] investigar, aprofundar os temas, não agrada ao nosso fregolismo intelectual, partidário das cores brilhantes, do impressionismo fugidio, do descompromisso orgulhosamente inteligente ou malevolamente crítico.⁶⁸

Deste modo, ao se tratar de João Simões Lopes Neto e suas relações com a educação, estudado aqui pelo viés do pensador social, deparamo-nos senão com uma recepção negativa, pelo menos, com alguma resistência a um estudo dessa sua faceta diante do escritor celebrado e, hoje, triunfante.

O livro *Lembranças de Simões Lopes Neto* (2010), do escritor e pesquisador Aldyr Garcia Schlee, traz, segundo o autor, a intenção de contrariar “imagens já cristalizadas e cristalizadoras do Rapsodo Bárbaro, uma abordagem que se propõe a desfazer equívocos e inverdades”, revalorizando o que Simões “foi e era” – o ficcionista. Tal leitura, ainda que prazerosa, me angustiou. Portanto, seguindo a sina do mestre Schlee, não pude e não posso domesticar inquietações. O que o referido livro, que se constitui no aparato crítico retirado da edição de *Contos gauchescos* e *Lendas do sul* (2006), procura fazer, e o faz com grande competência, é solapar – e nisso consiste seu efeito perturbador – a visão tradicional que tem sido sancionada sobre o Capitão.

Na redação desta tese de doutoramento sobre o escritor pelotense, não poderia passar ao largo da pergunta de Schlee: “O que pretendia João Simões

⁶⁸ CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 17.

Lopes Neto com a literatura?”⁶⁹ A resposta, sempre provisória, a essa instigante pergunta é o desafio que nos colocamos, com o idêntico propósito do editor crítico, isto é, a “tentativa de fixar-lhe os pontos de contato [da trajetória pessoal de Simões Lopes Neto] com a produção literária do escritor e desfazer as inverdades, os equívocos e os estereótipos com que um certo biografismo indulgente e repetitivo tem emoldurado a imagem do neto do Visconde da Graça”⁷⁰. Vale lembrar ainda sua advertência:

[...] a documentação existente é mínima e não muito confiável, reduzida a algumas frases postas por JSLN em carta e discurso – sempre com a exagerada e dissimulada modéstia que trespassava a correspondência epistolar da época; com a reconhecida e vã grandiloquência que caracterizava a oratória daqueles tempos. Isso, naturalmente, deve pesar na análise que se faça dos documentos.⁷¹

Acredito, todavia, que valha explorar Simões em suas facetas desconhecidas e negligenciadas – sua *opus minor* quando comparada com sua produção literária. Essas obras, que abarcam gêneros diversos, tais como jornalismo, oratória, crônica, história, política, livros didáticos; tudo isso não só nos auxilia a compreender o artesanato de sua escritura, tal como a crítica lhe tem entendido, bem como abre espaço para um novo leque interpretativo. É o caso do que fez Maria Luíza de Carvalho Armando (1990) ao estudar os triolés das *Balas de estalo*, em que vê nessas produções iniciais uma valiosa fonte para traçar a genética da oralidade da literatura simoniana⁷². Assim, intento, ao estudar a parte não literária da obra de Simões Lopes Neto, investigar o funcionamento da questão educacional como categoria analítica de sua produção e, concomitantemente, também como instrumento interpretativo das questões educacionais correlatas da história do Brasil. Conforme se disse, nisso avulta a importância da obra não literária, em especial a

⁶⁹ SCHLEE, Aldyr Garcia. *Lembranças de João Simões Lopes Neto*. Pelotas/S. Paulo: Fructos do Paiz, 2010, p. 30.

⁷⁰ Idem, p. 10.

⁷¹ Idem, p. 32.

⁷² Cf. ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *Simões Lopes Neto jornalista: quatro textos descobertos*. Letras de Hoje, Porto Alegre, vol. 25, n. 3, pp. 33-45, set./1990. Declarou Luís Augusto Fischer, em resposta a uma pergunta que lhe fiz, na palestra ministrada no Instituto João Simões Lopes Neto, em 16-08-2012, sobre o *Negro Bonifácio* que, para ele, a fonte da oralidade simoniana estava no teatro, ressaltando, contudo, que não conhecia suas crônicas. Para mais detalhes vide: LEMES, Eduarda Schneider; KRUGER, Pedro Henrique. *Luís Augusto Fischer palestra no IJSLN*. Disponível em <<http://institutojsln.blogspot.com.br/2012/08/luis-augusto-fischer-palestra-no-ijsln>> Acesso: 20-08-2012.

jornalística, do autor. Sobre esse ponto de vista, assim se manifestou Maria Luíza de Carvalho Armando:

[...] o Simões que se encontra na obra jornalística está muito mais próximo do “regionalismo crítico” de sua obra ficcional, do que do regionalismo sério da mesma. Não só porque nas crônicas e no “regionalismo crítico” Simões dessacraliza a realidade e submete-a a “inquéritos” – livre de uma visão lírica e idealizadora – como, também, porque nessa modalidade de sua obra ficcional e nas crônicas predominam (talvez, em consequência) o cômico, o humorístico e o irônico.⁷³

Esse procedimento poderá vir a viabilizar a elaboração de uma nova chave de leitura do conjunto da produção do escritor, com vistas a descobrir novos nexos hermenêuticos para a parte mais conhecida e reconhecida de sua literatura. Essa é, todavia, uma tarefa posterior. A presente tese possui por objetivo buscar estabelecer um caminho rumo a um *corpus* educacional dentro da obra do escritor João Simões Lopes Neto; descrever e analisar esse *corpus*, cuja espinha dorsal são as conferências *Educação cívica*, a fim de mostrar o autor como um pensador social da educação.

Certamente, minha maior dificuldade consiste em me fazer entender com clareza. Talvez eu mesmo não saiba exatamente aonde chegar. Justamente nisso consiste o espírito científico, o cerne de qualquer pesquisa: estar aberto para a surpresa, para as respostas, mesmo quando estas contrariam nossas mais caras convicções.

Se me deixasse levar somente pela inclinação pessoal, eu gostaria de examinar o fenômeno literário João Simões Lopes Neto dentro da Teoria da Literatura. Sob esta ótica é possível estudar seus procedimentos literários, o que não é pouco. Mas isso ainda não abrange a terrível e inquietante – talvez por irrespondível, afinal de contas-, pergunta levantada por Aldyr Garcia Schlee: “O que pretendia Simões Lopes Neto com a literatura?” Essa interrogação não pode ser respondida, para mim, somente nos marcos da investigação propriamente literária. Assim, da perspectiva de onde pretendo construir meu enunciado problemático devo

⁷³ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *Macarroni indígena por processo italiano* (Simões Lopes Neto e a inadequação). Ciências e Letras, Porto Alegre, FAPA, n. 15, pp. 31-43, 1995, p. 38.

apropriar-me da pergunta de Schlee e formulá-la de outro prisma: “Por quais caminhos Simões Lopes Neto chegou à literatura?” Da investigação sobre esses caminhos é que, sofregamente, procuro uma resposta, não do ponto de vista da teoria ou da crítica literária, mas do diálogo da sociologia da literatura com a história da educação. Noutras palavras: quero desvelar seus móveis ideológicos, sobremaneira aqueles albergados em seu projeto cívico-pedagógico, conforme expressão de Lígia Chiappini. É desta forma, ao estabelecer certos pressupostos sobre os quais desejo erigir minha tese, que enfrento a seguinte afirmação: “Ficcionista, isso o que JSLN foi mesmo – era, sem que se quisesse saber ou admitir que fosse” ⁷⁴.

A despeito de abalizadas opiniões, tenho a nítida convicção de que Simões Lopes Neto tinha um elevado grau de consciência da missão que assumia no papel de escritor, papel esse claramente delineado entre a maioria de seus pares naquele momento histórico, como bem demonstrou Sevcenko (2003) ⁷⁵. Quanto ao substrato de seu fazer literário, aí, sim, reside a inconsciência do gênio. O que levou alguém tão talentoso a se tornar ficcionista apenas aos 47 anos? interroga, perplexo, Schlee. Terá descoberto sua verdadeira vocação tão tardiamente? Não é o que acredito.

O escritor pelotense, homem imaginoso e idealista, estava imbuído de corpo e alma naquele espírito que os intelectuais de seu tempo abraçaram; quase todos aderiram ao programa estético-filosófico do real-naturalismo, que se prolongou com características bem específicas no período (mal denominado) pré-modernista.

Nesse interregno entre o nascimento da “literatura de tese” (com Graça Aranha e Euclides da Cunha) e o Modernismo, intensificar-se-ia toda uma estética eivada de nacionalismo e preocupada em debater a realidade brasileira, atribuindo uma função crítica à arte. Mesmo levando em conta a advertência de Schlee, no cuidado que se deve ter no trato da parca e nem sempre confiável documentação, me arrisco a evocar a declaração que o escritor faz em seu discurso de 1911 na

⁷⁴ SCHLEE, ob. cit., p. 51.

⁷⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Academia de Letras do Rio Grande do Sul: “À literatura não cabe o simples cultivo das chamadas Belas-Letras”⁷⁶. O que mais caberia ao escritor realizar? A quais compromissos extraliterários estaria o artista condicionado no exercício estético? É esta a preocupação que me anima, evidentemente, não a contestar que, com efeito, em Simões Lopes Neto nos interessa o ficcionista, mas a reformatar a perquirição pelo sentido daquilo que permitiu que ele se transformasse no ficcionista que “era e foi”.

Tomando o pressuposto de que Simões Lopes Neto tinha um projeto cívico-pedagógico consciente e trabalhou para efetivá-lo⁷⁷, mostrando-o nas mais variegadas facetas de sua vida e obra, pode-se falar que ele, como vários outros escritores do período, entenderam o fazer literário como uma missão: a missão de educar o país para desenvolvê-lo cultural, social e politicamente⁷⁸. Este mote, evidentemente, é muito amplo. Em seu seio comum está contida toda uma gama de projetos que se digladiam entre si, representando grupos ideológicos, classes e extratos de classe⁷⁹. Em meio a tudo isso, uma discussão dominante era a de cunho nacionalista, na qual o literato rio-grandense estava profundamente mergulhado. Entre outros objetivos, a preocupação com a educação cívica pretendia inculcar nas crianças o sentimento patriótico.

No bojo desse panorama político a República recém instalada sofria o temor da desintegração do território nacional⁸⁰. Sem levar em consideração outros fatores vinculados à formação histórico-cultural, o fato de a mais longa guerra de oposição à centralização monárquica ter ocorrido no Rio Grande do Sul aumentava as tensões

⁷⁶ Para ele a literatura, conforme o programa da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, deve seguir “linhas sérias” – a investigação histórica, bibliográfica, etc. (LOPES NETO, J. S. *Discurso proferido na sessão comemorativa de 1º aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul* – 16-11-1911. Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 8, p. 231, set./nov. 1911).

⁷⁷ SCHLEE, ob. cit., p. 31 contesta essa hipótese: “Falar de um projeto literário simoneano é contrariar todos os dados biográficos disponíveis do autor, tudo o que se sabe de sua vida, toda a inconstância e inconsequência de seus propósitos”.

⁷⁸ Fora os textos do Autor em que se observa um nítido teor político, tal como em seu artigo *A lei de expulsão dos estrangeiros*, publicado no jornal A Opinião Pública, em 31-12-1912, pode-se aprofundar o assunto em BORGES, Luís. *O político João Simões*. In BORGES, Luís. *Trocando orelhas*. Porto Alegre: Edigal, 2003, e ANTUNES, Claudia Rejane Dornelles. *Geografia do mundo simoniano*. Porto Alegre: PUCRS, 2005, pp. 130-134. Tese de doutorado em Teoria da Literatura.

⁷⁹ Para mais detalhes vide SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio*. Confrontos literários na Belle Époque carioca. São Paulo: Edusp, 2006.

⁸⁰ Para mais detalhes vide ANDRADE, Manuel Correia de. *As raízes do separatismo no Brasil*. São Paulo: Unesp/Edusc, 1999.

entre região e nação. Simões Lopes Neto desejava por isso aprimorar a integração entre as unidades federativas, conforme expressa na conferência Educação Cívica, em especial de seu estado natal com o restante da nacionalidade. O gaúcho que aparece em seus contos é um defensor das fronteiras brasileiras, mas também é o mesmo agente que, atuando na Revolução Farroupilha⁸¹, preza, preserva e valoriza os brios identitários regionais. É nesse papel que o gaúcho – mitologizado, embora sob pressupostos estéticos e ideológicos diferentes dos de Alencar – surge como o tipo social histórico, catalizador dos valores e da cultura regional, capaz de promover sua própria afirmação e, ao mesmo tempo, o sentimento de brasilidade⁸², afastando o medo do separatismo que assolava o imaginário republicano⁸³.

Suas páginas repletas de indignação, vibrantes de entusiasmo e idealismo, às vezes, não escapam à retórica parnasiana, à ambígua citação de autores que propugnavam algumas teses de teorias racialistas pseudo-científicas da época⁸⁴, e mesmo do tom de “patriotada”. Esse Simões Lopes Neto engajado nas campanhas cívicas ou em atividades outras de cunho educacional, por vezes, soa-nos como um mosaico de vozes empostadas no seio de um grande concerto social.

A maioria tem sido atraída para o Simões que, invertendo o fracasso em vida, gozou postumamente, como afirmou Moysés Vellinho⁸⁵, do aplauso público. O fulcro dessa questão guarda o segredo de seu verdadeiro fracasso, - o do homem prático -

⁸¹ Carlos Reverbél se refere a um artigo de Simões intitulado: *obs.: não localizado*.

⁸² REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 199-203.

⁸³ Para mais detalhes vide ANDRADE, Manoel Correia de. *As raízes do separatismo no Brasil*. São Paulo: Unesp/Edusc, 1999.

⁸⁴ Para mais detalhes vide ORTIZ, Renato. *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*. In ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 13-35. Para uma abordagem mais ampla vide também SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Simões Lopes Neto em seu artigo *Pelotas e a higiene*, publicado no jornal A Opinião Pública, em 21-12-1912, cita o dr. Landozy. Théophile Joseph Louis Landouzy nasceu em Reims em 27 março de 1845 e faleceu em Paris em 10 de maio 1917. Estudou medicina em Reims e Paris, onde obteve o doutorado em 1876. Foi também professor de Medicina em 1893. Ocupou o cargo de reitor da Faculdade de Medicina de Paris, em 1901. Ocupou uma cadeira na Academia de Medicina, sendo também Comandante da Legião de Honra. Ele foi eleito membro livre da Academia de Ciências em 1913. Durante a sua carreira médica, Landouzy estava interessado principalmente em tuberculose e foi um dos principais articuladores das campanhas de informação pública para erradicá-la, compondo várias comissões internacionais para lutar contra a doença. Landouzy também ficou conhecido por ter cunhado o termo “camptodactília”, relativo a uma deformidade de flexão das articulações interfalangianas proximais dos dedos. Além de seu trabalho médico, ele participava ativamente na vida artística e social parisiense.

⁸⁵ VELLINHO, Moysés. In *Simões Lopes Neto*. Contos e Lendas. Rio de Janeiro: Agir, 1957, p.6.

, sem o qual, mesmo o grande literato está indisponível para nós no que diz respeito ao seu *impetus opus*.

As contradições, filiações ideológicas, literárias e filosóficas do gorado educacionista, de uma ou outra forma, subjazem em toda a sua obra ficcional. Para perceber isso com mais clareza é necessário observar o mundo e o caldo de cultura que contextualizam sua vida e obra.

Enveredamos, assim, pelos intrincados caminhos que levam da política à cultura e desta ao retorno à política. Quando nos referimos à política não nos restringimos às ações de partidos ou grupos organizados ideologicamente, mas a todo um leque de relações que compõe as disputas de poder no seio da sociedade civil e do Estado, inclusive e principalmente pelas questões que dizem respeito ao âmbito educacional. Desta maneira, urgia ao país inventar uma tradição histórica, com o fito de desenhar com mais nitidez sua identidade nacional, distinta da Metrópole e da Monarquia, com instituições republicanas, em que a educação, na moderna configuração das nações desenvolvidas, ocupa papel destacado.⁸⁶

Nessa medida, é que a investigação “daquele bando de ideias novas”, para utilizarmos a expressão de Sílvio Romero, na presente tese estará voltada para fixar o olhar na recorrente pergunta já referida, a qual persistirá, como um espectro, sobre nossas cabeças: Quem é o brasileiro?

Sem a busca de uma resposta para o processo que mobilizou os intelectuais para essa, quiçá, irrespondível perquirição; que despertou os poetas da Inconfidência e assombrou os Modernistas de 22, não há como compreender o projeto histórico e político que a novel República esboçava e que começou a ser traçado com maior intensidade nas discussões da Geração de 1870⁸⁷, especialmente por homens como Sílvio Romero, José Veríssimo e Manuel Bomfim, próceres das investigações sobre nosso folclore e nossa literatura, ao lado, dos debates sobre educação e desenvolvimento político e social.

⁸⁶ Para uma visão geral vide: NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU; FNME, 1974.

⁸⁷ Para mais detalhes vide: ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento*. A geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Simões Lopes Neto chamou a si os ideais, contradições e as esperanças da Geração de 1870. O escritor pelotense seguindo as inclinações científicas de seu tempo, o “iluminismo maçônico” e a defesa de um Estado laico, conservou, apesar disso, o fundo do projeto histórico-político do Romantismo. Nesse sentido, trilhou as pegadas, especialmente de Sílvio Romero, em sua busca pelo folclórico ⁸⁸ e de explicações alternativas, como as de Bomfim ⁸⁹ para o atraso brasileiro, que não as teorias racistas, transferindo seus procedimentos do plano nacional para o regional.

Para compreender o educador Simões Lopes Neto, conforme já se disse, foi preciso trazer à tona outras questões relacionadas, em que o papel da investigação folclórica, seja a realizada por intermédio das recolhas, dos cancioneiros ou de trabalhos no campo etnográfico, seja pela literatura, tal como ela aparece, por exemplo, no livro *Cenas da vida amazônica* (1886), de José Veríssimo e, mais tarde, na própria obra simoniana, no *Cancioneiro Guasca* (1910), nos *Contos Gauchescos* (1912) e nas *Lendas do Sul* (1913), assume papel relevante.

Na procura para encontrar nexos explicativos da lógica interna da produção simoniana buscou-se entender como o autor conciliou as tensões entre região e nação ou de que modo ele articulou seu nacionalismo ⁹⁰, eivado de alguns signos românticos e sua adesão a diversos pontos do ideário positivista e evolucionista.

Não se pretende cindir rigidamente João Simões Lopes Neto no escritor e no educador, embora sejam facetas, de algum modo, bem reconhecíveis e distintas de sua obra. O fato é que as compreendemos em sua condição de aspectos

⁸⁸ É bastante recorrente nos jornais e nas revistas desse tempo a atenção dispensada às questões ligadas ao folclore e às tradições populares. Na imprensa de Pelotas, meio em que circulava e colaborava Simões Lopes Neto, não foi diferente, do que é exemplo a longa matéria *Conferências na Biblioteca Nacional*, publicada no A Opinião Pública, Pelotas, 29-07-1913.

⁸⁹ Para mais detalhes vide RIBEIRO, Darcy. *Manoel Bomfim antropólogo*. Revista do Brasil, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, pp. 48-59, 1984.

⁹⁰ POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. In POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, pp. 149-157. Para uma compreensão mais abrangente vide DAMATA, Roberto. *Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente atualidade brasileira*. In SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: Edipucs, 2004, pp. 19-30.

inextrincáveis de um mesmo projeto global ⁹¹ desenvolvido ao longo da vida do autor de acordo com certas circunstâncias, oportunidades e escolhas. Talvez eu possa afirmar, não sem algo de temerário, que a obra mais alta e imorredoura do literato é, sem dúvida, tributária de seu idealismo político.

O Simões Lopes Neto das campanhas cívicas e das conferências educacionais, constantemente mergulhado em aporias, lutas e debates que mobilizaram intelectuais, governos e outros agentes no seio da sociedade brasileira na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte, é o mesmo que com sua poética encantou e encanta gerações de leitores.

Esta tese intenta postar-se de maneira desconfiada frente a juízos cristalizados que encerram o autor em certas tipologias. Como bem caracterizou o biógrafo Carlos Diniz (2013) ⁹², o escritor apesar de fracassado em diversas iniciativas, principalmente em seus negócios, isso não “subtraiu o brilho visionário de seus empreendimentos”, inclusive nas questões educacionais. A despeito disso, nos “necrológios dos jornais da cidade muito se falou do prestimoso Simões Lopes, mas quase nada foi dito sobre sua literatura e menos ainda a respeito do seu qualificado projeto destinado às novas gerações dos brasileiros” [...] ⁹³.

Agora que vieram à tona seus livros didáticos, percebe-se em Simões um homem afinado com as ideias mais avançadas de sua época, tal como ele declara numa conferência, em que afirma apenas reforçar os argumentos de Veríssimo, expostos em sua *Educação nacional* (1890). No extremo oposto, ao contrário, ainda sobrevive a ideia de que fora um ingênuo ⁹⁴ e provinciano. O seu biógrafo Carlos Diniz (2003) mostrou com clareza um Simões dinâmico e bem informado, bastante acima do homem médio de seu tempo.

⁹¹ Essa expressão é utilizada no sentido dado por Chiappini (ob. cit., p. 2), baseada no conceito de Pierre Macherey.

⁹² DINIZ, Carlos. *À frente de seu tempo*. In LOPES NETO, João Simões. Terra Gaúcha – Histórias de infância. Caxias do Sul: BelasLetras, 2013, p. 202.

⁹³ DINIZ, ob. cit., p. 203.

⁹⁴ Do ponto de vista da crítica, até a edição de Aurélio Buarque de Holanda, se insistirá na questão da “espontaneidade” ou da “ingenuidade” do trato da linguagem na escritura simoniana. Esse aspecto é bastante complexo e importante na história conceitual da fortuna crítica de João Simões Lopes Neto. Para esclarecedores comentários vide Chiappini, ob. cit., pp. 64; 66-67; 70-71.

Grande parte das dicotomias e das opiniões controversas sobre o autor de *Contos Gauchescos*, além de outros fatores relativos a questões específicas ou a determinadas abordagens teóricas, para mim, advém das ainda mal compreendidas, porque pouco estudadas, relações entre as partes literária e não literária da obra simoniana.

Conforme se comentou acima, pode-se dividir a obra de Simões Lopes Neto em duas partes, quais sejam, a ficcional e a não ficcional. Tal classificação, de resto, tão rasa, não seria problemática se não pudesse sugerir contraposição ou desvalor. Nesse influxo é que se dirige a opinião de Chaves, para quem não interessa “aquele Simões que em várias ocasiões escreveu artigos sobre a história oficial do Rio Grande do Sul”⁹⁵. Sobre a parte não literária do escritor, em particular sua atividade na imprensa, assim se manifestou: “Também não foi um grande jornalista e o conjunto da matéria que produziu não se desprende, hoje, da marca efêmera de uma “literatura de circunstância”⁹⁶.

Dá Chaves, pois, a entender que essa parte não só é desimportante como desprezível na compreensão do Simões Lopes Neto escritor, uma vez que sua alta literatura não é devedora do jornalismo, nem de quaisquer outro gênero em que o escritor produziu, posto que tudo se resume à “literatura menor”. Deste modo, para ele, parece não existir comunicação entre a parte literária e a não literária. Esta posição, para mim, é digna de ressalvas, eis que, a despeito do brilhante estudo realizado por Chaves sobre o conto *O anjo da vitória*⁹⁷, é possível verificar o trânsito tanto ideológico quanto temático, daí afirmar então que “o literato desmente o escritor ufanista” é considerar uma aporia o que é apenas a dialética própria de um cultor das letras. Portanto, um olhar que se pretende crítico não pode restringir o

⁹⁵ Cf. DIAS, Ana Cláudia. *Espelho universal*. Diário Popular, Pelotas, 12-04-2012. Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *Flávio Loureiro Chaves – resumo da palestra “Simões Lopes Neto: quando a literatura escreve a história”*. Disponível em <<http://centenariocontosgauchescos.blogspot.com.br/>> Acesso: 20-9-2012. Para uma exposição mais profunda de sua posição vide: CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto*. 2ª edição revista. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 2001, pp. 147-167.

⁹⁶ CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões na trilha de Blau*. In CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção. Ensaio de literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 36.

⁹⁷ BORGES, Luís. **Flávio Loureiro Chaves – resumo da palestra “Simões Lopes Neto: quando a literatura escreve a história”**. Disponível em <<http://centenariocontosgauchescos.blogspot.com.br/2012/05/analise-da-palestra-de-flavio-loureiro.html>> Acesso: 18-05-2012.

universo em arte e não arte, mas ampliá-lo para a dimensão da linguagem vívida e da linguagem vivida.

Desta forma, tenho o entendimento não só de que ambas as partes se comunicam, como é, justamente, esta dialética que poderá fornecer novos elementos interpretativos.

Fischer (2012), diferentemente de Chaves e Schlee, já comentados, a partir da análise de materiais inéditos (*Artinha de leitura* e os cadernos do “*verdadeiro Terra Gaúcha*”⁹⁸) que lhe foram entregues a fim de que elaborasse um estudos introdutório e procedesse a fixação de texto, conclui que seus livros didáticos são um percurso para suas obras-primas. O crítico, tecendo considerações sobre o processo de transição do escritor da criação teatral para o conto, afirma: [...] “foi uma tomada de posição, com tudo que isso implica de risco e dificuldades, por parte daquele que se tornaria o melhor escritor de tema rural de todos os tempos no Brasil”⁹⁹. E acrescenta: “somente por esse ângulo se pode ver a importância dos livros didáticos”¹⁰⁰. Em suma, para Fischer, os livros didáticos de Simões Lopes Neto (e por extensão o conjunto de sua obra educacional) devem ser estudados porque são

uma oportunidade de proporcionar aos leitores [...], jovens e velhos, iniciantes ou maduros, a extraordinária chance de conhecer [...] livros que mostram o escritor construindo um caminho inédito, que vai levar à obra realizada e reconhecida.¹⁰¹

Relativamente a essas três abordagens de grandes estudiosos de Simões Lopes Neto, não adiro totalmente a quaisquer delas. Dentre todas, contudo, estou mais distante de Chaves, uma vez que este sequer considera relevante o estudo da parte não literária de Simões Lopes Neto¹⁰², conforme, por exemplo, sua opinião sobre a atuação do escritor como jornalista¹⁰³.

⁹⁸ Expressão cunhada por Carlos Diniz. O manuscrito foi publicado em 2013 sob o título de *Terra Gaúcha – Histórias de infância*.

⁹⁹ Cf. FEIX, Daniel. *Simões inédito*. Zero Hora, Porto Alegre, 08-02-2012.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² Sob esse ponto de vista aproxima-se da posição de Schlee. Vide nota 84.

¹⁰³ CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões na trilha de Blau*. In CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, p. 36.

Minha convergência fundamental, entretanto, com todos os três especialistas citados é: João Simões Lopes Neto era um ficcionista genial e sua permanência se deve a isso. A divergência básica, se é que chega a sê-lo (creio que é uma outra forma de enunciar o problema), consiste em não enrijecer exageradamente as fronteiras entre as duas grandes partes em que se pode dividir sua obra.

Creio ser possível e mesmo necessário escapar às dicotomias. Evidentemente, conforme já me manifestei em várias oportunidades, não se trata aqui de colocar a ficção e a não ficção lado a lado em termos qualitativos. Destarte isso, quando fixamo-nos na trajetória do autor fica praticamente impossível ignorar a importância que ele atribuía a suas atividades cívico-pedagógicas, aos livros didáticos e outros projetos semelhantes que intentou. Aliás, nesses livros, cabe lembrar, ele incluía literatura.¹⁰⁴ Assim, é que me parece inadequado o seguinte juízo:

Não há relevância [da *Artinha de Leitura*] com relação ao restante da obra, pois, trata-se de um material didático e não espera-se que vá contradizer o que ele pensava ou era. Assim não terá maior importância sobre o que já se sabe sobre ele.¹⁰⁵

Parece que Chiappini (2012) compreendeu com clareza a proposta aqui encetada, expondo minha hipótese de maneira clara e precisa, desfazendo uma falsa polaridade. Pela perspicácia e fina percepção do problema, permito-me inserir esta citação mais longa:

Essa tese¹⁰⁶, um tanto mal compreendida e, por isso talvez contestada por outro grande simoniano, e também contista fronteiriço, Aldyr Schlee, é de que [...] Simões Lopes Neto queria escrever a história do Rio Grande e registrar seu populário para não deixar apagar-se a memória do gaúcho e da sua cultura. Mas, como ele próprio explicitou ao defini-lo, tal projeto propunha-se como uma história viva do Rio Grande, o que só foi possível ficcionalizando-a, na mistura bem dosada de figuras históricas e seres míticos com homens e mulheres anônimos. Por isso me pareceu necessário

¹⁰⁴ Para mais detalhes vide *Pesquisa resgata cartilha Artilha [sic] de Leitura, de João Simões Lopes Neto*. Diário da Manhã, Pelotas, 18-11-2008. Nessa matéria, antes mesmo da publicação do manuscrito, já em andamento, divulga-se uma das estórias sob o título de *Um teimoso*.

¹⁰⁵ Apud GUIMARÃES, Álvaro. *Simões Lopes Neto e os segredos das primeiras letras*. Diário Popular, Pelotas, 29-11-2008.

¹⁰⁶ Refere-se à hipótese de que Simões Lopes Neto possuía um projeto cívico-pedagógico, cuja origem estava nas conferências sobre educação cívica (1904-1906).

tentar recompor o projeto ideológico, explicitado pelo escritor, e confrontá-lo com seu projeto estético, implícito e, em grande parte, inconsciente, para verificar o que surge da passagem de um ao outro. O resultado é a ficção mais verdadeira, indo muito além da intenção documental ou diretamente pedagógico-política./[...] Luís Borges, [...] toma minha tese como ponto de partida para suas investigações sob o peso do político-pedagógico na produção do grande escritor, negando-se a desvincular totalmente uma produção da outra [refere-se às partes ficcional e não-ficcional] , mas tentando, ao contrário, iluminar uma pela outra, reúne mais indícios que comprovam essa tese. A polêmica daí resultante, entre ele e Aldyr Schlee, que também critica minha hipótese, parece-me equivocada, pois ambas as posições reforçam um aspecto importante da obra: a primeira ressalta o empenho do escritor em contribuir para resgatar a história e a memória riograndense e brasileira, pela participação em várias instâncias da sociedade, incluindo como prioritária a educação cívica. Indaga em que medida esse trabalho se relaciona com o trabalho mais propriamente literário. A segunda posição defende a autonomia da obra literária, insistindo no seu valor estético, independentemente de qualquer projeto. Eu diria concordando com Schlee e não discordando de Borges, que a literatura simoniana transcende o projeto político-pedagógico, mas que talvez sem ele não tivesse existido como tal. Pois, glosando Merleau-Ponty, penso que “essa obra precisava dessa vida” e, desta, era parte indissociável um projeto que, por falta de nome melhor, chamei de global: a combinação do projeto explícito, como queria Umberto Eco, ou do projeto ideológico e do projeto estético, como os define Pierre Macherey.”¹⁰⁷

Portanto, explicitada e desfeita a “falsa polaridade”, retomo o pressuposto de Chiappini (1988), de que o escritor possuía um projeto cívico-pedagógico, mais tarde corroborado, entre outras descobertas, pelo aparecimento do *verdadeiro Terra Gaúcha* (os manuscritos guardados no Baú de Dona Velha, revelados por Diniz, em 2003 e publicados em 2013), e pela *Artinha de Leitura* (também publicada em 2013), assuntos desenvolvidos no livro publicado em 2009, visando examinar algumas hipóteses: (a) a inextrincabilidade dos projetos pedagógico e literário, sem, contudo, não lhes reconhecer a autonomia; (b) o *Cancioneiro guasca*, geralmente apontado como o “patinho feio” da obra do escritor ocupa um lugar de destaque no nexo metodológico-ideológico de ambos os blocos em que se pode dividir a produção de Simões Lopes Neto; (c) As conferências cívico-pedagógicas são a espinha dorsal de seu programa cívico-pedagógico.

Desse modo, buscou-se um exercício hermenêutico, sem outra alternativa, marcado por escolhas de alguns materiais em detrimento de outros, recheado naturalmente por adesões e recusas, segundo orientação que entendi cabível para

¹⁰⁷ CHIAPPINI, Lígia. *Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão*. Nonada, v. 2, n. 19, 2012. Disponível em <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/597>> Acesso: 04-02-2013.

expor o criador de Blau Nunes sob nova luz. Esse quadro feito de meios-tons é o que coloca o educador Simões Lopes Neto como o alicerce sobre o qual o escritor Moacyr Scliar (orelha à Obra Completa, 2003) pode afirmar:

Ele é “regionalista” e este rótulo funciona quase como um estigma, sobretudo num país cada vez mais globalizado. Lamentável, contudo. Estamos diante de um grande escritor, alguém cujos contos podem, sem favor, ser comparados aos de Tchekov ou Machado de Assis.

Ampliar a dimensão do educador em face do grande escritor é uma missão quase impossível, eis que, mais uma vez, o educador malogrado desafia o literato bem-sucedido, como outrora o homem fracassado desafiou o escritor vitorioso ¹⁰⁸. Sua poética – assim o compreendemos – só foi capaz de se construir e se sustentar, não do ponto de vista formal, em que desabrocha em toda sua força o segundo, dependente programática e ideologicamente do primeiro. A integralidade do homem engajado e do notável ficcionista só a recuperaremos no entendimento da lógica interna de sua obra, situando sua historicidade e significado cultural e político, mostrando em meio a tantas adversidades o idealismo, embora eivado de alguns dos “prejuízos da época”, os sonhos de transformação da e pela educação, no desenvolvimento social e econômico por intermédio da valorização de uma consciência da nacionalidade brasileira.

¹⁰⁸ Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 276-294.

2 PASSANDO O RASTRILHO ¹⁰⁹: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A essência de todo método deve ajudar a concepção, facilitar a memória e dar maior intensidade ao pensamento.

(Napoleão Bonaparte)

No começo da minha jornada eu era ingênuo. Eu ainda não sabia que as respostas desaparecem enquanto a pessoa continua a viajar, que há apenas mais complexidade, que há ainda mais complexidade, que há ainda mais inter-relações e mais perguntas.

(R. Kaplan)

2.1 O QUE FIZ

Neste capítulo serão abordadas questões relativas à metodologia da pesquisa, entendendo-as inclusive como constitutivas da formulação do enunciado problemático. Apesar disso, para efeito didático havemos de separá-las. Começar-se-á por descrever o percurso que permitiu a formulação da questão de pesquisa.

Não se fará aqui distinção entre o “estado da arte”, o “estado da questão” e o “estado do conhecimento” ¹¹⁰ em razão de, praticamente, não haver abordagens na linha que intentamos nesta tese. ¹¹¹ Deste modo, preferiu-se sumariamente

¹⁰⁹ Rastrilho: o mesmo que rastelo (Cf. Novo dicionário Aurélio. 1ª edição. 14ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d, p. 1189).

¹¹⁰ Para aprofundar essas discussões vide: FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas “Estado da arte”*. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=scl_arttext&pid=SO1O1-73302002000300013> Acesso: 23-05-2011, e THERRIEN, Jacques; THERRIEN, Sílvia Maria Nóbrega. *O estado da questão: aportes teórico-metodológicos e relatos de sua produção em trabalhos científicos*. Avaliação Educacional, Fundação Getúlio Vargas, v. 15, n. 30, pp. 5-16, jul./dez. 2004.

¹¹¹ A faceta de homem preocupado com as questões educacionais e mesmo parte da produção didático-pedagógica de Simões Lopes Neto já era conhecida de biógrafos, críticos e historiadores, porém, não há estudos que descrevam e aprofundem essa sua condição; não reconhecem qualquer diferença entre essa sua atividade/pensamento e outras qualificações fora da literatura. A face do educador João Simões Lopes Neto é tratada como mais um de seus múltiplos interesses. Entre os poucos textos de entendimento diferente, que vão na mesma direção do que é defendido nesta tese, pode-se citar, descontando meu livro de 2009, os trabalhos que seguem: ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *João Simões Lopes Neto - um educador popular ou um popularizador da educação?* In HERZ, Celso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). *Memórias, diálogos e sonhos do educador. Homenagem a Balduino Antônio Andreola*. Santa Maria, 2005, pp.237-249; TAMBARA, Elomar. *A leitura escolar como construção ideológica: o caso da lenda do Negrinho do Pastoreio*. Anais do IX Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, Literatura e Memória. Pelotas: Seiva, 2003, pp. 189-190; TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. *Civismo e educação na Primeira República - João Simões Lopes Neto*. História da Educação, Pelotas/RS, v. 13, n. 27, pp. 279-292, jan./abr. 2009, e ROSA, Cristina Maria. *Um alfabeto à parte: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o Pedro Weyne*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 194-198; PINTO NETTO,

investigar e descrever os motivos pelos quais julgamos que os pesquisadores negligenciaram os estudos voltados à obra não ficcional de João Simões Lopes Neto, especialmente aquela ligada à educação.

Nesse sentido, dirigimo-nos, pela própria natureza do trabalho a ser realizado, à pesquisa qualitativa ¹¹². Entre os diversos significados, diferentes técnicas e metodologias que se enquadram na chamada pesquisa qualitativa ¹¹³ optamos pela *Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada ¹¹⁴. Embora a *Grounded Theory* no campo da Psicologia e das Ciências Humanas já seja largamente usada nas pesquisas acadêmicas, sua aplicação, especificamente, na investigação literária ou histórica, em especial, na América Latina, é ainda limitada.

A concepção da Teoria Fundamentada foi apresentada no livro *The Discovery of Grounded Theory*, ¹¹⁵ em 1967, de Glaser & Strauss. Segundo os autores, a obra tinha três grandes objetivos. O primeiro era dar uma base racional para os denominados “procedimentos fundamentados”, já, mais ou menos, delineados na tradição sociológica norte-americana, que envolvia o confronto entre uma teoria-base e a coleta de dados durante o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa quantitativa vinha dominando o cenário teórico da sociologia nos Estados Unidos, assim, a proposição de Glaser & Strauss (1967) pretendia contribuir para quebrar a ideia de que “os dados falam por si”. Além disso, os autores entediam as teorias de cunho funcionalista e estruturalista, representadas, entre

Heloísa Souza. *Terra Gaúcha e Cuore: um caso de intertextualidade*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2012.

¹¹² As definições do que seja a pesquisa qualitativa variam de autor para autor, aqui se utilizou essa expressão como referência a qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados por intermédio de procedimentos estatísticos, modelos matemáticos ou quaisquer outros meios de quantificação.

¹¹³ Para conferir a variedade de perspectivas, metodologias e técnicas relativas à pesquisa qualitativa vide: CASSEL, C.; SYMON, C (Eds.). *Qualitative methods in organizational research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994; DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994; MORSE, J.; FIELD, P. *Qualitative research methods for health professionals*. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

¹¹⁴ Ainda não se obteve consenso a respeito da expressão traduzida no Brasil, esse aporte teórico-metodológico, em geral, tem sido referido na literatura especializada como Teoria Fundamentada.

¹¹⁵ GLASSER, B.; STRAUSS, A. *The Discovery of Grounded Theory*. Chicago: Aldine, 1967.

outros, por teóricos como Parsons ¹¹⁶, Merton ¹¹⁷ e Blau ¹¹⁸, como desordenadamente especulativas, utilizando a dedução com pouca base empírica. O segundo objetivo era propor uma lógica para as teorias fundamentadas. E o terceiro era legitimar a pesquisa qualitativa como método rigoroso de investigação científica, posto que, nos anos de 1960, um crescente número de sociólogos não acreditava que ela fosse capaz de uma verificação adequada e confiável.

É interessante notar que nos anos seguintes à publicação de *Discovery of Grounded Theory* (1967), primeiro Glaser e depois Strauss ministraram um seminário contínuo sobre pesquisa qualitativa para estudantes de pós-graduação no departamento de Ciências Sociais e do Comportamento da Universidade da Califórnia, em São Francisco. Os trabalhos que resultaram dessa orientação estavam voltados para uma variedade de fenômenos. Isso foi válido especialmente para sociólogos da área médica, pois as primeiras duas monografias usando a Teoria Fundamentada foram sobre pacientes terminais em instituições hospitalares.¹¹⁹

Os desenvolvimentos no uso da *Grounded Theory*, fruto em grande parte da pesquisa feita por sociólogos, nunca esteve inteiramente restrito a esse grupo. Pesquisadores em Psicologia, Antropologia, Ciência Política, Enfermagem etc estão, de forma crescente, usando procedimentos de Teoria Fundamentada em outros campos de pesquisa, tais como a Educação e a Literatura.¹²⁰

A *Grounded Theory* é uma elaboração teórico-metodológica planejada, basicamente, para promover o desenvolvimento de uma teoria, relacionando codificação, análise de dados coletados e construção de argumento.

¹¹⁶ Para aprofundar a discussão vide: MÈSZÁROS, István. *A ideologia da teoria social parsoniana*. Filosofia, ideologia e ciência social. Ensaio de negação e afirmação, tradução do Laboratório CENEX/FALE/UFMG. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

¹¹⁷ Para aprofundar a discussão vide: CRAIG, J. Calhoun (ed.). *Robert K. Merton: sociology of science and sociology as Science*. Columbia University Press, New York, 2010.

¹¹⁸ BERTERO, Carlos Oscar. *Influências sociológicas em teoria organizacional*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901975000600003&script=sci_arttext> Acesso: 05-06-2014.

¹¹⁹ Cf. GLASER, B. & STRAUSS, A. *Time for dying*. Chicago: Aldine, 1968.

¹²⁰ Para mais detalhes vide TESCH, R. *Qualitative research: analysis types and software tools*. New York: Falmer, 1990. Para uma referência em língua portuguesa vide TRIVINOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

No caso específico desta tese, se buscou expandir a teoria de Chiappini (1988) ¹²¹, a qual foi posteriormente reforçada por um dado empírico – os cadernos do *verdadeiro Terra Gaúcha* – trazido pela biografia de João Simões Lopes Neto, escrita por Carlos Diniz (2003) ¹²², mais tarde, publicados em 2013. A partir daí, com a triangulação entre enunciado problemático, coleta, tratamento e análise dos dados, contando que houve sucessivos ajustes de controle às hipóteses de trabalho ao longo do desenrolar da pesquisa, e argumentos que levaram à conclusão, se construiu não apenas uma resposta a uma pergunta específica (em que medida se dão as relações entre o pensamento social de J.S.L.N. e seu projeto cívico-pedagógico?) Mas uma fundamentação que possibilita todo um novo espectro investigativo, colocando a face de educador do literato João Simões Lopes Neto sob nova luz, permitindo inclusive imaginar uma nova chave de leitura do conjunto da obra simoniana.

Segundo Cohen & Nagel (1934) ¹²³ a formulação do enunciado problemático de uma pesquisa não é tarefa das mais fáceis. Tal é a relevância que esses teóricos atribuem a essa habilidade que chegam a associá-la como sinal de gênio científico. Em verdade, comecei, naturalmente, formulando uma série de questões de maneira precária e provisória, isto é, como denominam Quivy & Campenhoudt (1995) ¹²⁴, uma pergunta de partida, que foi: Posso extrair da obra não literária de Simões Lopes Neto um conceito de educação? Desta pergunta passei às leituras exploratórias. Ficou evidente a lacuna: há poucos estudos sobre a obra não ficcional do autor e, especialmente, sobre a questão educacional. Tendo em vista esta situação, retomei uma perquirição anterior: Simões Lopes Neto tinha um projeto cívico-pedagógico? Lígia Chiappini (1988) ¹²⁵ responde afirmativamente. Desse pressuposto extraí duas outras questões: Em que consiste esse projeto e de que

¹²¹ Cf. CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos*. Literatura e história em J. Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988. O *verdadeiro Terra Gaúcha* foi publicado como livro em 2013.

¹²² Cf. DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003.

¹²³ COHEN, M. R.; NAGEL, E. *An introduction to logic and scientific method*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1934.

¹²⁴ QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1995.

¹²⁵ CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos*. Literatura e história em J. Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 97-136.

modo Simões Lopes Neto o operacionalizou? Foi, pois, no livro que fiz publicar em 2009 que procurei responder a isso. Sucintamente, as respostas seguiam em duas direções. A primeira visava examinar a consistência do enunciado de Chiappini. Feito isto, e concluindo pela corroboração de seu enunciado, em segundo lugar, descrevi como Simões Lopes Neto tratou cada um dos aspectos que, para mim, constituíam o referido projeto.¹²⁶ Desses elementos, elaborei uma síntese para cruzar com a intervenção social do escritor.

Objetivando fornecer maior precisão ao enunciado problemático busquei elementos teóricos em Severino (2001)¹²⁷ e Kerlinger (1979)¹²⁸. Respectivamente, no primeiro aproveitei o *aprouch* organizacional e, no segundo, o conceitual.

A etapa seguinte foi, com base nesses pontos organo-conceituais, a formulação de um outro enunciado, porém, declarativo. Procedi desta maneira porque constatara por meio das leituras exploratórias e, posteriormente, nas seletivas que certas ambiguidades e contradições tinham um ponto em comum: a luta entre o escritor, que por tanto tempo ficara na fímbria do cânone¹²⁹, e o ressaibo de uma recepção crítica de cunho histórico-sociológico, marcante desde o princípio de sua fortuna crítica e ainda, sob certos aspectos, sobrevivente. Então retomei as assertivas que seccionavam rigidamente a obra ficcional de João Simões Lopes Neto de toda sua restante produção, de modo a confrontar esse modelo com uma das perguntas norteadoras: Qual o papel da educação no conjunto da obra de João Simões Lopes Neto?

Para auxiliar a discernir o papel da educação no conjunto da obra de João Simões Lopes Neto pode-se dividir sua obra em ficcional e não ficcional. Tal divisão é, aparentemente, uma obviedade e, numa primeira mirada, talvez não expresse um nexo claro de como ela pode encaminhar à perquirição seguinte. Em realidade, a declaração não é tão óbvia quanto possa parecer. Esta ressalva, contudo, não levanta qualquer contestação quanto ao fato dele efetivamente ser um ficcionista.

¹²⁶ Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *Introdução*. O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 20-41.

¹²⁷ Cf. SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

¹²⁸ Cf. KERLINGER, Fred. *Metodologia em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.

¹²⁹ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto: um canônico na fímbria do cânone*. Thema. Revista Científica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, ano 4, n. 1, pp. 11-20, 2003.

Quero apenas alertar que, nessa declaração, há, implicitamente, uma seleção daquilo que ele foi como escritor. Tomando esse viés torna-se possível enveredar por muitas especulações, tais como a pergunta: “O que pretendia Simões Lopes Neto com a literatura?”¹³⁰

A argumentação apresentada por Schlee (2010) a partir dessa pergunta, entendo eu, a despeito de ser deveras instigante, não me parece cientificamente produtiva. Segundo meu juízo, tal posição apenas tenta justificar e corroborar a valorização exclusiva de João Simões Lopes Neto em sua condição de ficcionista.

Reagindo a isso, buscou-se elaborar uma visão de conjunto do pensamento cívico-educacional partiu-se de Simões Lopes Neto na condição de pensador social.¹³¹

Se observarmos os necrológios¹³² e outros registros, facilmente poderá se identificar uma longa lista de qualificações, em que seu reconhecimento de escritor aparece como uma entre tantas. Nesse sentido, até certa altura de sua recepção não há clareza quanto à excelência literária de Simões Lopes Neto, o que só vai acontecer de maneira mais definida a partir da edição crítica de Aurélio Buarque de Holanda em 1949.

Tomando a data da publicação da edição crítica de Aurélio Buarque de Holanda, pode-se afirmar que essa ambiguidade a respeito da qualidade literária do autor foi sendo desfeita, tanto pela crítica, tal como demonstra a posição de Lúcia

¹³⁰ SCHLEE, Aldyr Garcia. *Lembranças de João Simões Lopes Neto*. Pelotas/S. Paulo: Fructos do Paiz, 2010, p. 30.

¹³¹ Para o esquema gráfico dessa exposição vide Apêndice A.

¹³² Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 276-281.

Miguel-Pereira (1950)¹³³, quanto pelo reconhecimento dos pares, isto é, escritores de expressão, do que é exemplo, entre outros, Mário de Andrade¹³⁴.

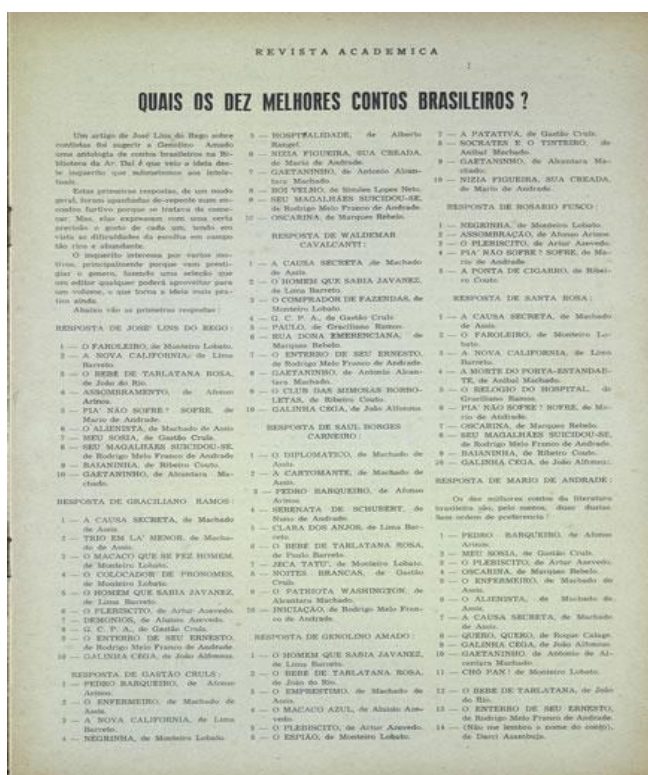


Figura 1 - Página da enquete realizada pela Revista Acadêmica (1938), em que escritores responderam quais os 10 melhores contos brasileiros.

Fonte: Acervo Luís Borges

De qualquer modo, a despeito de paulatinamente se eliminarem as dúvidas sobre a elevada estatura literária de Simões Lopes Neto, em contrapartida mais se acentuou a oposição ficcionista/não ficcionista, que nos remete a uma nova ambiguidade. No momento atual, se de um lado foi vencida uma antiga incompreensão, a de que a obra do literato João Simões Lopes Neto só possuía

¹³³ Cf. MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (1870-19120)*. 3ª edição. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio; MEC, 1973. A 1ª edição é de 1950.

¹³⁴ Em 1938 a Revista Acadêmica, que reunia em seu conselho diretor autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, propôs um inquérito a cada um dos membros: “Quais são os dez melhores contos brasileiros?”. Mário de Andrade concedeu uma resposta bem ao seu estilo: “Os dez melhores contos da literatura brasileira são, pelo menos, duas dúzias”. Entre os autores selecionados por Mário estão alguns dos maiores escritores brasileiros, entre eles: Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Artur Azevedo, Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, João do Rio, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Roque Callage, Gastão Cruls, Léo Vaz, Menotti Del Picchia, Hugo de Carvalho Ramos, Rodrigo M. F. de Andrade, Ribeiro Couto, Alcântara Machado, João Alphonsus, Darcy Azambuja, Marques Rebelo – e J. Simões Lopes Neto, com o conto *Boi velho*. (Para mais detalhes vide RUFFATO, Luiz (Org.). *Mário de Andrade: seus contos preferidos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011).

valor por ser um repositório da história e do folclore, por outro, esta inextrincabilidade passou a soar, para alguns dos mais significativos críticos, como uma desvalorização de sua obra quanto à literariedade ¹³⁵. Assim, cada vez mais se quis insistir que a obra artística de João Simões Lopes Neto, sob quaisquer aspectos nada devia às outras facetas do autor. Tal conclusão faz mais do que afirmar a destacada posição do criador de Blau Nunes como artista, pois ao fazer isso – nessas condições de exclusividade – exige a desvalorização de sua produção não ficcional.

Deste modo, mesmo vencida, conforme se deixou dito, a dicotomia anterior (a do homem fracassado/escritor vitorioso) ¹³⁶, instalou-se a do ficcionista/não-ficcionista ¹³⁷. Todas estas são falsas cisões, provindas de olhares, esses, sim, dicotômicos, são resultado de uma mirada ainda fragmentária sobre João Simões Lopes Neto. Esse olhar fragmentário, todavia, se quer totalizante, com isso produzindo uma nefasta concepção totalitária que, por sua vez, repercutiu numa distorção hermenêutica, qual seja: está decretado que, de uma vez para sempre, por força de prejudicar o lugar conquistado dentro do cânone da literatura brasileira por João Simões Lopes Neto, que não nos devemos debruçar sobre os textos não ficcionais do autor, sob o pretexto de que não passa de um documento do artista e que, portanto, à própria arte do autor nada pode acrescentar. Para quebrar esse inconsistente, mas ferrenho paradigma, é que se estabeleceu estudar João Simões Lopes Neto na condição de pensador social da educação.

Vale lembrar, entretanto, que todas essas ambiguidades e dicotomias em seus diferentes matizes, existiram, em maior ou menor grau, enfatizando este ou aquele ponto, ao longo de toda a história recepcional de Simões Lopes Neto. Da ambiguidade quanto à natureza propriamente literária de sua obra, a questão foi se consolidando para a certeza e da certeza para a exclusividade. A fim de exemplificar a referida polarização, verifiquemos, ainda que sumariamente, alguns momentos da

¹³⁵ Para o conceito de literariedade vide CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <http://edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=915&Itemid=2> Acesso: 23-06-2014.

¹³⁶ Para mais detalhes sobre o assunto vide: REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 276-294.

¹³⁷ CHIAPPINI, Lígia. *Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão*. Nonada, v. 2, n. 19, 2012. Disponível em <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/597>> Acesso: 04-02-2013.

fortuna crítica simoniana. Apresentar-se-á, de forma breve, alguns casos emblemáticos.

Nos casos comentados a seguir, bem diferentes entre si, é possível, contudo, notar semelhanças que, em certo sentido, mostram questões de fundo não bem resolvidas, talvez porque não bem enunciadas. Uma das mais curiosas é, apesar de tudo, a resistência recorrente de muitos leitores em ver nos *Contos Gauchescos* e mesmo nas *Lendas do Sul*, obras cujo valor não está na qualidade da ficção, mas numa suposta “fidelidade ao real”, tal como se refere Everson Pereira da Silva (2011)¹³⁸. Paralelamente a isso, está, no lado oposto, o desvalor de tudo que não seja a literatura propriamente dita de João Simões Lopes Neto, como apontam Aldyr Garcia Schlee¹³⁹ e Flávio Loureiro Chaves¹⁴⁰.

Conforme se anunciou, o primeiro em que nos vamos deter é o de Carlos Reverbél, que propôs uma enquete visando escolher as dez obras fundamentais da bibliografia sul-rio-grandense.¹⁴¹ A fim de levar a cabo o intento, solicitou entrevistas a diversos intelectuais, cujas respostas foram publicadas aos sábados no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, entre 10 de setembro e 31 de dezembro de 1955. Para a surpresa geral, a segunda obra escolhida foi *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* (1949), sendo a primeira *Viagem ao Rio Grande do Sul*, de Saint-Hilaire. Interessante notar é que, dentre os dez livros eleitos como os principais da bibliografia sul-riograndense, figuravam quatro de literatura¹⁴². A diferença de votos entre a primeira e a segunda colocada foi ínfima. Além disso, observa-se que a obra

¹³⁸ Cf. SILVA, Everson Pereira da. *Simões Lopes: do regional ao universal*. In LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2011, pp. 8-11.

¹³⁹ Apud GUIMARÃES, Álvaro. *Simões Lopes Neto e os segredos das primeiras letras*. Diário Popular, Pelotas, 29-11-2008.

¹⁴⁰ Cf. DIAS, Ana Cláudia. *Espelho universal*. Diário Popular, Pelotas, 12-04-2012. Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *Flávio Loureiro Chaves – resumo da palestra “Simões Lopes Neto: quando a literatura escreve a história”*. Disponível em <<http://centenariocontosgauchescos.blogspot.com.br/>> Acesso: 20-09-2012. Para uma exposição mais profunda da posição de Chaves vide: CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto*. 2ª edição revista. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 2001, pp. 147-167.

¹⁴¹ Para mais detalhes vide ARENDT, João Cláudio. *Histórias de um Bruxo Velho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, pp. 89-98.

¹⁴² As demais obras literárias que apareciam nessa lista eram: *Ruínas vivas*, de Alcides Maya; *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, e *Antônio Chimango*, de Amaro Juvenal (pseudônimo de Ramiro Barcelos).

de Simões está posta em pé de igualdade com outra de conteúdo histórico e etnográfico¹⁴³.

Deste modo, como se pode notar nas respostas à enquete, com certeza, os entrevistados enfatizaram o registro linguístico e o caráter histórico-sociológico da ficção simoniana, tal como demonstra a declaração do historiador Sérgio da Costa Franco:

Apesar de obras de ficção, os contos e lendas, e, especialmente, as *Lendas do Sul*, de J. Simões Lopes Neto, não podem fugir a esta relação. Tal a sua força telúrica, de tal modo autêntica a sua elaboração literária, que escapam ao padrão comum da ficção regionalista, para se transformarem em legítimas manifestações folclóricas. E não se conheceria a cultura gaúcha sem as ter estudado.¹⁴⁴

Nesse depoimento, mesmo compreendidas certas inevitáveis virtudes ficcionais, estão elas subsumidas na qualidade informativa da ficção. Há uma declaração de Reverbél, de 1992, que, radicalizando a desvalorização do trabalho historiográfico de Simões Lopes Neto, se contrapõe à Costa Franco:

O livro *Terra Gaúcha* é muito fraco, e só tem um volume, pois o segundo foi perdido. As conferências não despertam interesse. [...] A importância da obra [de Simões Lopes Neto] se concentra na produção ficcional, isto é, contos e lendas estilizadas.¹⁴⁵

Essas interpretações ambíguas e as polarizações, de algum modo, estavam colocadas desde as primeiras manifestações críticas de Januário Coelho da Costa¹⁴⁶ e Antônio de Mariz¹⁴⁷, vindas a lume, respectivamente, em 1912 e 1913, até a época posterior à edição de Aurélio Buarque de Holanda (1949).

¹⁴³ Às vezes, essa perspectiva parece insistir em sobreviver. Para mais detalhes vide: JACQUES, Maíza. *Aspectos históricos e antropológicos da lenda da Salamanca do Jarau*. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Monografia de conclusão em História.

¹⁴⁴ Apud ARENDT, João Cláudio, ob. cit., p. 90.

¹⁴⁵ Apud COGOY, Carlos. *Dicas de cultura*. Diário da Manhã, Pelotas, 14-08-2003.

¹⁴⁶ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos*, de J. Simões Lopes Neto. Pelotas: NEL-IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012. [Coleção Diga Vancê, 5].

¹⁴⁷ Antônio de Mariz é o pseudônimo do crítico, jornalista, advogado e historiador José Paulo Ribeiro, o qual publicou no Correio do Povo, de Porto Alegre, um artigo intitulado *Contos Gauchescos*, em 07-11-1913, mais tarde, republicado no A Opinião Pública, de Pelotas, em 17-11-1913. Edições mais acessíveis: LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988, pp. 353-355. Para um estudo sintético sobre a crítica de Antônio de Mariz vide: BORGES, Luís. *Antônio de Mariz e sua recepção dos Contos Gauchescos*. Diário da Manhã, 23-01-2014.

Um fato notável é que a redescoberta da literatura simoniana veio também a estimular a curiosidade do público e dos pesquisadores sobre a vida do Velho Capitão ¹⁴⁸. Em torno dele se criou, na falta de maiores informações, uma série de lendas, um divertido folclore, juntamente com a crônica de um homem trágico, recheado de sonhos malogrados, falecido na miséria e olvidado na glória que inegavelmente merecia: a literária.

Sua vida demonstra que uma das mais fortes inclinações de Simões Lopes Neto, conhecido entre os da família por Joca ¹⁴⁹, era a de capitão de indústria e educador. Ambas as vocações tomaram tortuosos caminhos, uma levou-o a sucessivas falências, cujo resultado foi a pobreza e a amargura. Para mim, o artista que com muita intensidade também vivia dentro de João Simões Lopes Neto, no impedimento de seus projetos propriamente didáticos e cívico-educacionais, desabrochou. O projeto cívico-pedagógico, expresso, basicamente, na conferência *Educação Cívica*, estilhaçou-se; um desses cacos; - o de cristal – foi a literatura.

Simões nunca ambicionou à política ¹⁵⁰, embora tenha exercido o cargo de conselheiro (não remunerado), equivalente atual da vereança, chegando a ocupar interinamente a presidência do Conselho Municipal. Ao contrário do que afirma Reverbel ¹⁵¹ em sua biografia do escritor, publicada pela Martins Livreiro, em 1981, Simões não teve em sua legislatura uma atuação apagada¹⁵².

Sua vitalidade cidadã e comunitária, além do exercício legislativo entre 1896 e 1899, está plasmada em muitas iniciativas: participou da diretoria da Biblioteca Pública Pelotense; de atividades culturais junto aos clubes Caixeiral, Comercial e Congresso Português; atuou na Associação Agrícola Pastoril, na Associação Comercial, no Tiro de Guerra 31, na Sociedade Musical União Democrata, sem falar na ação pioneira em entidades como a União Gaúcha, a Sociedade protetora de animais e o Clube Ciclista.

¹⁴⁸ BORGES, Luís. *História da pesquisa simoniana e atualização bibliográfica sobre João Simões Lopes Neto*. In: BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís. *História, resistência e projeto em Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS Editor, 2001, p. 77.

¹⁴⁹ REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, p. 278. Vide também: BORGES, Luís. *O aniversário do tio Joca*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-03-2000.

¹⁵⁰ Cf. BORGES, Luís. *O político João Simões*. Texto inédito.

¹⁵¹ REVERBEL, Carlos, op. cit., p. 174.

¹⁵² Cf. BORGES, Luís. *O político João Simões*. Texto inédito.

Nesse sentido, não é sem razão que a vida deste pelotense, cuja existência se passou praticamente toda no interior, presa ao ambiente da província, ficasse obscurecida diante de uma literatura tão alta, tão capaz de, utilizando o cenário campestre e o dialeto gauchesco, debater os grandes temas universais da condição humana.¹⁵³

Aos poucos, porém, se foi observando que era muito difícil, senão impossível, separar a atividade criadora do escritor, da vida do empreendedor (tão imaginativa quanto aquela), do educador, do militante comunitário, do comerciante e do homem bondoso e complexo que, em matizes estranhos, se envolvia em acirradas polêmicas e em campanhas de educação cívica¹⁵⁴. Homem e obra, instâncias tão distintas na arte, em Simões Lopes estão estreitamente ligadas, não para empobrecer, limitar a imaginação, reduzir ao documental ou à confissão. Antes, a literatura de Simões parte da reminiscência, da observação para conferir ao ficcional a verossimilhança que a faz verdadeira arte.

Foi justamente essa característica da literatura simoniana que deu margem a um equívoco até os dias atuais, não completamente dissipado: a obra de Simões Lopes Neto é um repositório direto da história e do folclore do Rio Grande do Sul e grande parte de seu mérito reside nesse ponto. Não é preciso ir longe para demonstrar isso. A recepção de todos os livros de Simões Lopes Neto, em menor ou maior grau, padeceu da distorção em que o ficcional está submetido ao histórico ou ao sociológico, sendo estes últimos elementos, os que conferem valor a sua literatura.

Algo semelhante aconteceu na recepção ao *Cancioneiro guasca* (1910) pelo jornal *A Federação*, demonstrando a incompreensão a respeito da obra, não do ponto de vista estético, mas ideológico:

¹⁵³ Cf. SCLIAR, Moacyr. *Simões Lopes Neto, escritor universal*. In: LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. São Paulo: Ática, 1988, p. 3-6.

¹⁵⁴ Vide o artigo de Alcides de Mendonça Lima, *Simões Lopes Neto, uma grande pequena vida*. *Correio do Povo*. Suplemento "Letras e Livros". Porto Alegre, 27-03-1982.

Todos os povos possuem trabalhos de gênero semelhante, a título de documentação histórica. A poesia popular é o reflexo da índole dos costumes da época que abrange, e só por esse título têm algum valor. A coletânea publicada por Simões Lopes Neto é a mais abundante que conhecemos e reúne um sem-número de trovas contemporâneas do tipo findo do gaúcho rio-grandense [...]. Em suma, o *Cancioneiro* tem interesse histórico, e o Sr. Simões Lopes Neto, que com essa publicação não teve, de certo, a menor intenção de fazer obra de literatura.¹⁵⁵

O articulista não identificado pretendia dizer que Simões não estava fazendo literatura e que seu livro, quando muito, na recolha de material morto e de cunho folclórico e não artístico, possuía apenas interesse histórico ou de registro folclórico. A humildade do autor talvez tenha colaborado com essa visão, pois ele dera por subtítulo apenas “folclore regional”. Augusto Meyer, em *Prosa dos pagos*¹⁵⁶ afirma que, a rigor, Simões não era um folclorista gaúcho, pois no *Cancioneiro guasca* (1910) reuniu “gauchismos” e “baianadas”.

Com *Contos gauchescos* (1912) não foi muito diferente. O mesmo órgão de imprensa não o acolheu com palavras de incentivo:

Com esse título, o nosso operoso patrício João Simões Lopes Neto, escritor experimentado e aplaudido pelos que lhes conhecem o valor e apreciam o esforço, acaba de publicar um livrinho de duzentas e poucas páginas em oitavo, contendo contos narrados à feição da gente do campo, num Rio Grande já remoto, sobre assuntos característicos dessa gente, hoje quase extinta entre nós.

Por esse gênero de literatura muito restrito, todo especial e pouco interessante, no estado atual de nossa cultura e da transformação completa por que passam os costumes rio-grandense. [...] discordamos da opinião de que a vulgarização de tal literatura tenha qualquer fim de utilidade real, quer quanto ao conhecimento dos costumes da época, quer quanto ao enriquecimento de nosso insignificante patrimônio intelectual. Este, pelo contrário, só terá a perder com o cultivo de uma linguagem rebarbativa, viciada, cheia de plebeísmos, por vezes mal soantes e até inconvenientes, que mesmos os pouquíssimos gaúchos autênticos que ainda existem em algum rincão esconso do estado, só a empregam com grande modificação¹⁵⁷.

¹⁵⁵ A Federação, Porto Alegre, 09-08-1910.

¹⁵⁶ MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Martins, 1943, p. 17.

¹⁵⁷ A Federação, Porto Alegre, 01-10-1912. Republicado na íntegra in ANTUNES, Cláudia. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. O exemplo de “O negro Bonifácio”. Porto Alegre: Edipucs, 2003, p. 254.

A resposta à Federação ¹⁵⁸ veio por intermédio do artigo de Januário Coelho da Costa (1912) e, mais tarde, de Antônio de Mariz (1913), pseudônimo de José Paulo Ribeiro. O que se discutia? Subsidiariamente era a relação entre literatura e história. Conforme vimos, o articulista de A Federação argumentava que o gaúcho era um tipo histórico extinto e desprezível, por esse motivo não valia a pena destacá-lo. Entendia o autor do artigo no jornal do Partido Republicano que heroizar o gaúcho era uma apologia da barbárie. ¹⁵⁹ Nessa mesma linha ia o artigo *Gaúcho por quê?* do escritor Artur Toscano ¹⁶⁰, embora não se referisse diretamente ao livro de Simões.

Mesmo os defensores da literatura simoniana, no entanto, não foram capazes de ler o escritor sem afirmar o valor do registro histórico ou folclórico de sua escritura. Também em recepção não assinada, tal como aconteceu nos artigos surgidos n'A Federação, o jornal Diário Popular, de Pelotas, lançou uma nota em que se dizia: "São esboços essencialmente rio-grandenses no tema, na linguagem, nas figuras, nos cenários, conservando, ou antes, reproduzindo com inteira fidelidade todas as minudências do meio que os fez nascer" ¹⁶¹.

¹⁵⁸No I Congresso do partido em 1883, Venâncio Aires, Ramiro Barcelos, Ernesto Alves, Barros Cassal, Borges de Medeiros, Fernando Abbott, Carlos Barbosa, Germano Hasslocher e Júlio de Castilhos idealizaram um jornal para servir de órgão divulgador de ideias políticas. O periódico iniciou sua circulação em janeiro de 1884. No início do século XX o jornal deixou de ser exclusivamente político e econômico e abordava assuntos como o esporte e as artes, além de dar ênfase à publicidade comercial. No seu auge, na década de 1910, chegou a uma tiragem de dez mil exemplares, sendo, portanto, um dos maiores jornais do estado, competindo com o Correio do Povo. Na década de 30 passou a órgão oficial do Partido Republicano Liberal, que substituiu ao Partido Republicano Rio-grandense. Em janeiro de 1933 foi adotado como Diário Oficial do Estado. Em maio de 1935 com o surgimento do Diário Oficial, editado pelo governo, voltou a ser um jornal partidário. Em outubro de 1937 foi criada uma sucursal da Federação no Rio de Janeiro. Nesse período de crises financeiras, atritos partidários e concorrência com outros jornais, como o Correio do Povo, dificultavam sua sobrevivência. Finalmente, em 10 de novembro de 1937, um ato do Estado Novo extinguiu os partidos políticos e, por via de consequência, também suas publicações, levando ao fechamento do A Federação (Cf. SILVA, Jandira da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: PUCRS/Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1986).

¹⁵⁹ LESSA, Barbosa. *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985, pp. 46-47.

¹⁶⁰ TOSCANO, Artur. *Gaúcho por quê?* Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul. Organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues. Pelotas/Rio Grande: Livraria Americana, pp. 202-207, 1912.

¹⁶¹ Diário Popular, Pelotas, 11-09-1912.

Em seguida e no mesmo timbre, o que nos faz suspeitar que a autoria seja a mesma da nota anterior, Januário Coelho da Costa publica, em 02 de novembro de 1912, o artigo *Contos Gauchescos*. Nesse trabalho, o autor afirma:

Votando um culto acendrado às coisas de nossa terra, ao seu formoso passado histórico e às suas tradições opulentas, como ao seu magnífico evoluir atual para o futuro promissor que lhe está reservado no tempo.

Simões Neto tem enviado todos os esforços, de que uma orientação firme garante o êxito, no sentido de erguer cada vez mais alto o amor e a veneração àqueles que foram a fonte primitiva donde brotou a caudal dos nossos sentimentos e aspirações de progresso e liberdade.¹⁶²

Negando ser nefasto e inútil reviver o tipo social gaúcho, entrando na discussão a respeito da genealogia do mesmo e sua influência na sociedade rio-grandense de então, Coelho da Costa segue sua defesa da literatura simoniana:

[...] tudo o que Simões Neto tem elaborado com o seu ardor fecundo, colima voluntária ou involuntariamente esse nobre objetivo social que é o acendramento do civismo e o culto racional e justo à memória dos nossos maiores que já resvalaram para a Morte.¹⁶³

E conclui:

[...] *Contos Gauchescos* tem uma noção clara daquela verdade para mim axiomática e, apresentando-nos um tipo em contraste com a tradição de fraqueza do gaúcho, quis mais fundamente emocionar o nosso espírito, que se apercebe claramente de que a realidade comporta perplexidades muita vez inextrincáveis.¹⁶⁴

Antônio de Mariz ao redigir seu artigo *Contos gauchescos*¹⁶⁵ destaca o natural da linguagem, típica “de uma época recuada e que subsiste [...] entre algumas populações regionais do território rio-grandense embora degeneradas”. Mariz intui, pela primeira vez, a importância do personagem Blau Nunes, o vaqueano-narrador. Afirma também, como um dos grandes méritos da

¹⁶² COSTA, Januário Coelho da. *Contos gauchescos*. Diário Popular, Pelotas, 02-11-1912. Republicado na íntegra in BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos*. Pelotas: NEL/IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012, p. 133.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ MARIZ, Antônio de. [pseudônimo de José Paulo Ribeiro]. *Contos gauchescos*. Correio do Povo, Porto Alegre, 07-11-1913. Transcrito n'A Opinião Pública, Pelotas, 17-11-1913. Republicado na íntegra in LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos; Lendas do sul; Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro/Brasília: Presença; INL, 1988, p. 353-355.

obra, a harmonia entre o meio físico e os tipos retratados, tudo isso como genuína expressão telúrica.

Um ponto em comum ¹⁶⁶ entre a recepção de Coelho da Costa ¹⁶⁷ e Antônio de Mariz ¹⁶⁸ é observarem em *Contos gauchescos*, um vivo serviço patriótico:

O livro do sr. Simões Lopes Neto tem por si o valor subsidiário, incontestável, para a formação dessa história e dessa literatura que, felizmente, já está excitando alguns espíritos observadores, como Alcides Maya, notadamente hoje, e Apolinário Porto Alegre, notadamente ontem. E esses trabalhos serão da maior relevância, patrióticos e civilizadores. ¹⁶⁹

E segue:

O mérito do livro de sr. Simões Lopes Neto está no que ele é: - genuinamente rio-grandense. É a representação de uma literatura que, por sua singeleza e naturalidade, atrai muito mais que as fantasias do “sonetismo” moderno. ¹⁷⁰

Como se pode observar, Antônio de Mariz quase uma década antes da Semana de Arte Moderna critica o esgotamento da estética parnasiana. Corria o ano de 1912, quando Oswald de Andrade, recém-chegado da Europa, agitando com a pregação de Marinetti, publicou um poema que muita gente não sabia se era brincadeira ou se devia levar a sério, intitulado *Último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde*.

Nesse contexto, Antônio de Mariz expressa uma preocupação que também foi a de Coelho da Costa: ¹⁷¹ de um lado, compreender o artificialismo do “sonetismo moderno”, cujos temas estavam recheados de mitologia greco-romana, em contraposição com a busca de caminhos nacionais, que tinha por via privilegiada a

¹⁶⁶ Idem, ibidem.

¹⁶⁷ Para detalhes sobre a recepção de Coelho da Costa e Antônio de Mariz, vide: BORGES, Luís. *Coelho da Costa e Antônio de Mariz: primeiras manifestações críticas*. Texto inédito.

¹⁶⁸ Para informações biobibliográficas vide BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos, de J. Simões Lopes Neto*. Pelotas: NEL-IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012.

¹⁶⁹ Para maiores detalhes vide BORGES, Luís. *Breve trajetória do resgate*. In: BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís. *História, resistência e projeto em Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS Editor, 2001, nota 28, pp. 106-107.

¹⁷⁰ MARIZ, Antônio de. Op. cit.

¹⁷¹ Para detalhes sobre a recepção de Coelho da Costa e Antônio de Mariz vide: BORGES, Luís. *Coelho da Costa e Antônio de Mariz: primeiras manifestações críticas*. Texto inédito.

valorização da paisagem e do homem da região.¹⁷² Esse entendimento não se restringia às opiniões críticas de Coelho da Costa e Mariz, mas polarizavam e faziam eco, tal como se pode ver num artigo não assinado, publicado no jornal *Eco do Sul*, de Rio Grande, em que o articulista reclama:

Confessamos que não sabemos explicar, aproximadamente à verdade, ao que devemos o caso dos escritores não procurarem imprimir às suas obras a cor local.

Um pouco de esnobismo, temperado com fatuidade de estrangeirismo, eis o agente preponderante.

Vemos, assim, hoje, encherem-se páginas e páginas através do estilo de Eça, quando este, por seu turno e ao seu tempo, escrevia a Flaubert, de maneira que a nossa literatura definitiva ainda está por vir e, infelizmente, nem ensaios ainda se fizeram para o seu desenvolvimento.¹⁷³

Nessa senda de construir uma nova literatura, genuinamente rio-grandense, como também de dar uma forma autenticamente nacional à literatura do País, equipara o autor de *Contos gauchescos* à importância de dois outros nomes:

Surge um novo Alcides Maya, o robusto talento, que tanto honra a geração moderna, preocupado em manter a tradição gaúcha, a fazer-se escritor local, a lançar com empenho as bases de uma literatura, podemos dizer, nova.

Maya encontra, porém, no seu ponto de atividade, o antigo batalhador J. Simões Lopes Neto, que agora mesmo acaba de lançar à publicidade os seus *Contos gauchescos* [...].¹⁷⁴

A discussão girava em torno de dizer se a literatura simoniana possuía valor artístico e que esse valor era imanente à fidelidade ao real sociológico, linguístico, histórico e cultural do pampa, com isso contribuindo os *Contos gauchescos* – conforme os ideais positivistas vigentes – para o progresso.¹⁷⁵

Apesar de o artigo aparecido em *A Federação*, em 1º de janeiro de 1912, negar feição artística ao texto simoniano, principalmente em função das inovações

¹⁷² Cf. *Literatura rio-grandense: contos gauchescos*. Diário Popular, Pelotas, 11-09-1912. Reproduzido na íntegra in ANTUNES, Cláudia. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. O exemplo de “O negro Bonifácio”. Porto Alegre: Edipucrs, 2003, pp. 241-242.

¹⁷³ *Eco do Sul*, Rio Grande, 17-09-1912. Reproduzido na íntegra in ANTUNES, Cláudia. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. O exemplo de “O negro Bonifácio”, Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p. 249.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ MARIZ, Antônio de. Op. cit.

linguísticas que aproximavam o falar literário do coloquial e do cultivo dos “costumes bárbaros”, o articulista anônimo concluía: “No ponto de vista em que se coloca o escritor; os Contos gauchescos são, no gênero, um achado, e não conhecemos coisa que se assemelhe”.¹⁷⁶

Essa argumentação, de que o valor artístico da obra simoniana era inseparável de seu caráter folclórico ou histórico-documental suscitou vários debates a respeito de que escola pertencia o autor de *Contos gauchescos*:

Neste trabalho de palpitante interesse para quem ama o passado histórico social de nosso Estado, o autor revela em grau subido, essa forte intuição da verdade e esse percuciente espírito de observação que Zola e Flaubert demonstraram nas culminâncias em livros que sangram de realidade dolorosa e flagrante.

João Simões, já o conheço de há muito cultor espontâneo da arte naturista, isto é, do realismo moderado, de quem foi arauto em França o belo espírito de Saint George, de Bouhelier e que o formidável escritor de “J'accuse” saudou como um surto promissor de era nova e fecunda para as letras.

Digo, espontâneo, porque o plúmbeo admirável dos “Contos gauchescos” não tem preocupação de escola, embora se não me falha a memória, já lhe ouvisse defender, com certo calor, o cultivo da Arte pela Arte [...].¹⁷⁷

Essas abordagens suscitaram distorções, inclusive em autores modernos, tais como Everson Pereira da Silva¹⁷⁸. Assumiram ares de fonte histórica em Alvarino da Fontoura Marques, em seus trabalhos *Episódios do ciclo do charque* (1987), *O charque, nas artes, e Culinária do charque* (1992)¹⁷⁹. Deste último livro citemos a seguinte passagem ilustrativa:

Na literatura regional, tão prodiga em temas épicos românticos e líricos, houve pouco espaço para a suja e brutal realidade dos saladeiros. O antológico Simões Lopes Neto que abrangeu em seus *Contos gauchescos* os mais variados aspectos da vida rio-grandense, justamente no auge das charqueadas de Pelotas, sua terra natal, onde passou toda a sua existência atribulada de mal sucedido homem de empresas e onde estavam os maiores estabelecimentos saladeiros da época, dentre eles o de seu avô homônimo, a “Charqueada da Graça”, à margem direita (sic) do arroio Pelotas, esqueceu-se do motivo das charqueadas.

¹⁷⁶ A Federação. Porto Alegre, 01-10-1912. Reproduzido na íntegra in ANTUNES, Cláudia. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. O exemplo de “O negro Bonifácio”, Porto Alegre: Edipucrs, 2003, p. 254.

¹⁷⁷ COSTA, Januário Coelho da. Op. cit.

¹⁷⁸ SILVA, Everson Pereira da. *Simões Lopes: do regional ao universal*. In LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 8-11.

¹⁷⁹ Muitas citações de Simões Lopes Neto constantes em *Episódios do ciclo do charque* (Porto Alegre: Edigal, 1987) poderiam ser fornecidas, vide, por exemplo, a descrição de “correr eguada”, p. 89.

Os seus outros livros, *Lendas do sul*, *Casos do Romualdo*, *Cancioneiro guasca* e suas obras de teatro não se ocupam destacadamente do assunto a que nos referimos.¹⁸⁰

Tão ficcionais quanto essas avaliações, que não compreendem Simões como literato ou, pelo menos, atribuem-lhe valor literário intrínseco a sua fidelidade ao real factual, se tornaram as informações ora fabulosas, ora obscuras sobre a vida do escritor. Como exemplos podemos citar o fato de dizer-se ter sido ele estudante de Medicina e fundador da União Gaúcha, o que foi esclarecido, entre outros dados relevantes, na biografia de Carlos Diniz.

Após a revalorização de Simões Lopes Neto, em 1926, com a publicação da *edição acolherada* da Globo, o jornalista Carlos Reverbel, na década de 1940, veio a Pelotas e mergulhou na vida do Velho Capitão. Reverbel publicou uma série de reportagens na Revista do Globo, entre as quais, a que apareceria como posfácio na edição crítica de Aurélio Buarque de Holanda, em 1949.

Por ter sido tão difícil o estabelecimento do mérito literário do escritor, sem que lhe fosse para tanto agregar valor histórico, folclórico e sociológico: tudo isso somado ao desconhecimento de sua obra não ficcional, parece-me que se forjaram resistências por parte da crítica, atualmente, quase inelutáveis. De qualquer modo, é preciso limpar essa área turva – passar o rastilho - a fim de que se possa compreender o significado do conjunto da produção simoniana. Mas antes disso voltemo-nos a uma parte negligenciada e até mesmo desprezada: os textos não ficcionais de João Simões Lopes Neto.

Dentro do leque de textos negligenciados estão ainda mais relegados aqueles relativos à educação. Assim, procurei inventariar um corpus educacional, cujo núcleo está na conferência *Educação Cívica*. Concentrados nossos esforços nesse texto, a fim de que se possa melhor compreender os procedimentos teórico-metodológicos, segue a descrição de como foram operacionalizados e porquê.

¹⁸⁰ MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Economia do charque, o charque nas artes, culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992, p. 180.

Nesse espectro de investigação, foi necessário tentar estabelecer um *corpus* educacional para João Simões Lopes Neto, mesmo que nosso estudo se concentrasse na conferência *Educação Cívica*. Assim sendo, para que se possa melhor compreender os procedimentos teórico-metodológicos, segue a descrição de como foram operacionalizados e porquê.

2.2 COMO FIZ

Numa fase preliminar, visando organizar as fontes, necessitei vasculhar grande número de textos para definir o *corpus de pesquisa*. Em momento posterior restringi a pesquisa às conferências sobre *Educação cívica*. Alguns dos textos selecionados foram cruzadas, com as ideias contidas na referida conferência. Interessante notar que, ao examinar um amplo leque de textos na tentativa de estabelecer um *corpus* educacional para Simões Lopes Neto, foi possível observar em discursos, artigos e conferências, não específicas sobre educação, que o tema invariavelmente aparecia de forma velada ou até mesmo explícita. Assim, tratei de organizar um arquivo cronológico, para examinar – tomando o ano de 1904 como marco inicial – de quando a quando foi sua preocupação com as questões patriótico-educacionais. Depois ainda, selecionei alguns assuntos com as quais as questões educacionais se relacionavam, de maneira direta ou indireta, com política, história e literatura. Dentro do *corpus* selecionado, assinalei por meio de fichas de registro de leitura, cada um desses trechos, indicando sua referência. Nessa ficha, constava ainda um breve comentário, cujo objetivo era me orientar, numa leitura posterior, em que direção poderia inseri-los no desenvolvimento do processo analítico, utilizando-os de três modos: como citação, como índice de controle de intertextualidades e como fio condutor capaz de me auxiliar a construir uma visão geral e coerente do pensamento social e educacional do autor de *Contos Gauchescos*.

Na organização das fichas, dependendo da necessidade metodológica, tornou-se mais importante manter juntos determinados documentos que tratavam explicitamente do mesmo assunto, independentemente de ordem cronológica. Nesse ponto, foi fundamental analisar os diversos textos e encontrar a linha mestra que os conduzia. Conforme é possível observar, a própria natureza do material

presidiu o estabelecimento dos temas que conformaram as categorias de análise (nacionalismo, folclore e progresso), sempre balizadas pela categoria-chave: a educação.

2.2.1 Construindo as fontes

A fonte não é apenas um documento ou um depoimento do qual se extrai dados. A fonte é uma construção do pesquisador, ou seja, um reconhecimento que se institui em uma nomeação e uma atribuição de sentido e significação. Noutras palavras: a fonte se torna fonte por meio de uma operação historiográfica – não existe fonte histórica intrínseca ou em si mesma. Por outro lado, a fonte é uma materialidade ¹⁸¹; é o elo possível com os vestígios do passado, que permite, por sua vez, a elaboração de nexos explicativos dos acontecimentos.

O processo descrito acima está, como já vimos, inscrito numa operação historiográfica que ocorre no presente, relacionada à abordagem hermenêutica que possui por fito espremer da fonte aquilo que o pesquisador se propôs responder quando elaborou seu enunciado problemático. Nesse sentido, pode-se considerar a fonte histórica como um complexo estratificado em cujo bojo se encontra vários níveis de relações. Esses níveis, a fim de que o pesquisador possa explorar adequadamente as fontes, comportam a compreensão das condições de produção, codificação e inventariamento das mesmas, o que também inclui suas condições de armazenamento, catalogação e outras. Finalmente, resta o nível das relações do pesquisador-hermenêuta (estado da arte, hipóteses de trabalho, análise, resultados, publicação dos resultados).

Fonte histórica é tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. Neste sentido, são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam fornecer um testemunho ou um

¹⁸¹ O registro de um relato oral também é uma “materialidade”.

discurso proveniente do passado, isto é, da realidade um dia vivida e que se apresenta como relevante para o presente do historiador.¹⁸² Parecem aqui pertinentes as considerações de Pedro Paulo Funari, em *Os Historiadores e a cultura material* (2006). O autor expõe sua explicação para a gênese do debate sobre as fontes, derivando-o do cientificismo do século XIX, quando se manifestou a preocupação da História em buscar a verdade dos fatos.¹⁸³

Também no campo dos historiadores da educação, o entendimento de fonte histórica inclui toda e qualquer peça que possibilite a obtenção de notícias e informações sobre o passado histórico-educativo. Portanto, conhecer fatos, dados e informações históricas não é somente enquadrá-los nessa ou naquela condição ou valorização, segundo os testemunhos das fontes, mas incluí-los de certa maneira no âmbito de um conjunto maior de relações¹⁸⁴, tendo em vista o passado que se pretende investigar.

O processo histórico é dinâmico. Cabe ao estudioso considerar esse movimento. O passado é, nessa medida, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações.¹⁸⁵

Tanto a sociedade quanto a realidade não são estáticas nem diáfanos, mas concretamente definidas. Assim, a história se constitui num processo dinâmico e transformador, à medida que se torna [...] “o eixo da explicação e compreensão científicas e tem na ação uma das principais categorias epistemológicas”.¹⁸⁶

Os historiadores visam à análise das sucessivas mudanças das estruturas econômicas e da formação das classes sociais ao longo do tempo. Procuram compreender e explicar esse processo dinâmico, a partir do estudo e da

¹⁸² Para mais detalhes sobre esse assunto vide: ARÓSTEGUI, Júlio. *A Pesquisa histórica*. Bauru: EDUSC, 2006

¹⁸³ FUNARI, Pedro Paulo. *Fontes arqueológicas*. O historiador e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p.85.

¹⁸⁴ REDONDO, Emilio; LASPALAS, Javier. *Historia de La educación*. Madrid: Dykinson, 1997, pp.77-78.

¹⁸⁵ HOBBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

¹⁸⁶ FAZENDA, Ivani. *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1997, p. 106.

interpretação das ‘provas’, ‘vestígios materiais’, documentos disponíveis do passado. Essa tarefa requer critérios específicos para discriminar e selecionar as fontes que se pretendem utilizar para entender os inúmeros fatos e fenômenos que aconteceram no passado. Entretanto, a coleta de documentos de diversa índole é uma atividade muito frequente nas instituições educativas.

A ampliação documental foi uma conquista gradual dos historiadores; verificou-se à medida que a própria historiografia expandia seus limites no decurso do século XX. O historiador adotava novas perspectivas, passava a dispor de novos métodos e a contar com o intercurso de outras disciplinas (Geografia, Linguística, Psicologia – apenas para mencionar três dos campos relacionados). Tudo isso e mais o interesse por novos objetos, até então desprezados pela historiografia tradicional, fez com que a historiografia contemporânea caminhasse para necessitar cada vez mais de outras fontes ou documentos que não só as crônicas e registros arquivísticos. Assim, se os arquivos são fundamentais para o trabalho dos historiadores, eles estão longe de serem suficientes para fornecerem tudo o que eles necessitam para o seu trabalho. Na verdade, a questão de pesquisar ou não em fontes de arquivos tem muito mais a ver com o objeto ou com os problemas históricos que estão sendo examinados do que qualquer outra coisa.

Definido, em bases gerais, o que entendemos por fonte histórica e outras considerações a ela relativas, abaixo relatar-se-á o modo como se tratou as fontes no âmbito desta tese.

2.2.2 As fontes: os periódicos¹⁸⁷

Tânia de Luca (2005)¹⁸⁸ relata uma situação paradoxal no Brasil: ainda na década de 1970 era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais como fonte para o conhecimento da história, apesar de haver uma bibliografia significativa sobre periodismo e jornalistas. Segundo a autora, várias razões para esse fenômeno podem ser apontadas, entre as quais a tendência

¹⁸⁷ Deixamos de tratar dos periódicos como objeto, uma vez que no âmbito desta tese eles só nos interessam como fonte.

¹⁸⁸ LUCA, Tânia de. *História dos, nos e por meios dos periódicos*. In PINSKY, Carla (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Cortez, 2005, pp. 111-153.

positivista da historiografia brasileira, que conferia especial importância aos documentos oficiais, relegando outras fontes, “menos nobres”, como o jornal, à condição inferior.

Fora do Brasil, a crítica a essa postura já era feita desde a década de 1930, com a chamada Escola dos Annales ¹⁸⁹. Mesmo assim, demorou-se a incorporar a imprensa periódica, no cenário nacional, como fonte histórica, o que veio somente a acontecer nas décadas finais do século XX.

Mudanças significativas na historiografia brasileira relativamente às fontes, especialmente a utilização de periódicos, ocorreram nos anos de 1960¹⁹⁰, com o historiador José Honório Rodrigues ¹⁹¹. Embora ele concebesse o jornal e assemelhados como fonte histórica relevante, colocava-a sob suspeição, pois seu conteúdo editorial “era uma mistura de imparcial e tendencioso, do certo e do falso”¹⁹². Tal quadro só se alterou, fundamentalmente, a partir de 1973, com a tese de doutoramento de Arnaldo Coutier, *Imprensa e ideologia em São Paulo*, que indicava uma nova abordagem metodológica para o estudo da imprensa no Brasil. Outras contribuições importantes foram as dissertações (1974) de Helena Capeleto e Maria Lígia Prado, publicadas conjuntamente em livro em 1980, pela editora Alfa-ômega, sob o título de *O Brado Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. Aí se estuda o conteúdo dos editoriais, respondendo aos reclamos de José Honório Rodrigues em sua *Teoria da história do Brasil*. Como se pode observar, o estudo da história da imprensa, sob diversos aspectos, suscitou uma abertura ainda maior porque os periódicos se tornaram uma fonte relevante para os historiadores, inclusive incrementando suas formulações por meio da análise através da ilustração¹⁹³, da fotografia ¹⁹⁴ e do anúncio comercial¹⁹⁵.

¹⁸⁹ Para mais detalhes vide: BURKE, Peter. *A escola dos Annales* (1929-1989). São Paulo: Unesp, 1991.

¹⁹⁰ Para mais detalhes sobre as correntes e debates e os momentos decisivos na história da historiografia brasileira vide: BRESCIANI, Maria Stella et alii (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

¹⁹¹ RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 3ª edição revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

¹⁹² Idem, ibidem, p. 198.

¹⁹³ Para mais detalhes vide LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

2.2.3 Simões Lopes Neto e os periódicos como fonte

É possível observar uma estreita ligação entre as novas temáticas historiográficas e os periódicos como fonte histórica, entre as quais as questões de gênero, aspecto que, também por via indireta, se relaciona com os problemas de ordem educacional.

No caso do escritor pelotense, como se pode observar acompanhando sua atividade ¹⁹⁶, ele era muito ligado à imprensa ¹⁹⁷, conferindo-lhe inclusive uma nobre missão:

É necessário ter uma poderosa armadura. A finura, o golpe de vista, o amor à luta, o respeito a si próprio, sentimento vivo de humanidade, desconfiança engenhosa dos homens, o dom da emoção, o respeito às opiniões alheias, o desdém aos prejuízos até na provisão da vida, tolerância, paciência. [...] o jornalismo é, sem dúvida, a expansão mais atraente para o homem essencialmente humano. ¹⁹⁸

Tais eram as suas ligações com o meio e a atividade jornalística que, em novembro de 1901, Simões Lopes Neto integrou a comissão organizadora dos festejos do Jubileu da Imprensa Pelotense ¹⁹⁹, capitaneados por Tancredo Fernandes de Mello ²⁰⁰, na função de tesoureiro ²⁰¹.

¹⁹⁴ Para mais detalhes vide ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1990. Tese de doutoramento.

¹⁹⁵ Para mais detalhes vide TADDEI, Maria Diva Vasconcelos. *A imagem no anúncio de jornal – São Paulo (1850-1914)*. São Paulo: USP, 1977. Dissertação de mestrado.

¹⁹⁶ Para uma boa síntese da atividade jornalística do criador de Blau Nunes vide: DINIZ, Carlos. *Simões Lopes Neto: Jornalista*. In MATTOS, Mário (Org.). *Anais do II Seminário de Estudos Simonianos*. Pelotas: UFPEL, 2001, pp. 33-53.

¹⁹⁷ Para uma visão sintética e panorâmica da imprensa em Pelotas vide: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Org.). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: UFPEL, 2010, 144-148.

¹⁹⁸ A Opinião Pública, Pelotas, 05-05-1896.

¹⁹⁹ As comemorações duraram uma semana, de 07 a 14 de novembro de 1901. Segundo Reverbel (ob. cit., p.57) os seis jornais existentes na cidade (três diários: Correio Mercantil, A Opinião Pública e Diário Popular; e os três semanais: O Pensamento; O Arauto e O Filhote), além de copioso noticiário, tratando das festividades, editou um número especial sobre o cinquentenário da imprensa local. Para mais detalhes sobre o assunto vide REVERBEL, ob. cit., pp. 57-59, e DINIZ, ob. cit., pp. 117-118. Simões Lopes Neto compôs a letra do hino do jubileu da imprensa.

²⁰⁰ Tancredo Mello era engenheiro militar e historiador, membro do IHGRGS. Conforme informa Reverbel (ob. cit., p.57) gostava de colecionar jornais antigos, escrevendo-lhes a história, que divulgou em opúsculos e artigos. Entre outros trabalhos, escreveu *Primeiros jornais no Rio Grande do Sul* (Almanaque Popular Brasileiro, Pelotas, 1905); *Almanaques do Rio Grande do Sul* (Anuário do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1905); *Imprensa em Santa Vitória do Palmar* ((Anuário do Rio

O Correio: Mercantil na edição de 07-11-1901, publicou todo o programa do Jubileu. Nos festejos do dia nove de novembro, no teatro Sete de Abril, organizados pelo Clube Caixeiral, houve a apresentação da peça *Querubim Trovão*²⁰², assinada por Serafim Bemol. Simões Lopes Neto escreveu essa obra teatral às pressas, a fim de atender à urgência das comemorações. Eis a manifestação da imprensa a respeito:

Foram representadas as desopilantes comédias *Amor de velhos não se corresponde*, de Carlos Cantallupi, e *Querubim Trovão*, de Serafim Bemol. A produção deste festejado humorista, já um nome consignado no nosso meio literário, é uma facécia magnífica, abundante em boas situações, e que e nem não queira faz a plateia rir desenfreadamente. Os dois tipos dominantes, o Querubim Trovão e o poeta nebuloso Aristeu, sobretudo este, apanhado com uma fidelidade surpreendente, tratado com uma precisão inexcedível, no seu incorrigível nefelibatismo só esquecido para enterrar o nariz nos cálices de licor, são duas criações bem feitas e bem desenvolvidas, dando o real merecimento à comédia que Bemol, com a felicidade de seu talento compôs às pressas para as solenidades do Jubileu. O público fez-lhe a justiça a que tinha direito, aclamando em cena, onde o obrigou a vir, os que da a representação se encarregaram, com uma correção digna de todos os elogios, num conjunto invejável.²⁰³

As festas e demais eventos davam-se em dois turnos: durante o dia ocorriam no Prado Pelotense e, à noite, na Praça da República, atual Praça Coronel Pedro Osório. Nesse último local, Simões Lopes Neto promoveu um concurso de balões de reclame, instituído pela fábrica de fumos e cigarros Marca Diabo. Nos ditos balões devia constar o nome da empresa patrocinadora do concurso e a marca dos produtos por ela vendidos. Ao vencedor caberia “apreciável soma em moeda corrente”. Quatro foram os candidatos inscritos, mas apenas dois balões conseguiram subir, mas apesar disso foram desclassificados, pois não satisfizeram

Grande do Sul, Porto Alegre, 1906) [Cf. MARTINS, Ari. *Escritores do RS*. Porto Alegre: UFRGS/DAC/Sec-RS/IEL, 1978, p. 362]. Redigiu também uma série de artigos sumariando a história da imprensa local: “A imprensa em Pelotas” (Diário Popular, 02-07-1901); “A imprensa em Pelotas – Conclusão” (Diário Popular, 05-07-1901). Seus trabalhos prosseguem no mesmo periódico nos dias 19, 20 e 24 de julho de 1901.

²⁰¹ Diário Popular, Pelotas, 19-07-1901. Os demais membros da Comissão eram Tancredo Mello (presidente); Antônio Paiva (vice-presidente); César Dias (1º secretário).

²⁰² A peça se chama *Amores e facadas ou Querubim Trovão*. O texto foi publicado em *O teatro de Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Organizado por Claudio Heemann. Porto Alegre: IEL, 1990, pp. 121-165. Para mais detalhes sobre o teatro humorístico simoniano vide HOHLFELDT, Antônio. *Procedimentos dramáticos nas comédias de João Simões*. In CRUZ, Claudio (Org.). Simões Lopes Neto. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17. Porto alegre: Unidade Editorial/Prefeitura Municipal, pp. 63-77.

²⁰³ Apud DINIZ, ob. cit., p. 118.

as condições impostas pelo regulamento.²⁰⁴ Vale lembrar ainda que no empenho de sua participação nas celebrações do 50º aniversário da imprensa pelotense, João Simões Lopes Neto compôs a letra do Hino do Jubileu, cuja música foi composta por Idalina Calero de Carvalho.²⁰⁵

Assim sendo, por meio dos periódicos podemos obter muitas informações, não apenas de sua vida dentro e fora das redações, mas também de suas ideias pelos artigos e anúncios que publicou²⁰⁶.

Conforme se disse anteriormente, aspectos como a problemática relativa ao gênero²⁰⁷, aspecto, por exemplo, que engloba o papel da mulher na educação doméstica²⁰⁸ ou no trabalho²⁰⁹ pode ser contextualizado através da leitura dos periódicos.

Assim, se tomou como fonte, basicamente, os periódicos em que colaborou ou trabalhou o escritor João Simões Lopes Neto, levando em consideração quaisquer das suas ligações com a imprensa²¹⁰, isto é, na condição de

²⁰⁴ REVERBEL, ob. cit., p. 58.

²⁰⁵ Cf. Diário Popular, Pelotas, 08-11-1901. Idalina Calero de Carvalho, além de musicista, foi diretora do Externato Pelotense (TAMBARA, Elomar. *A formação ideológica do trabalhador na diocese de Pelotas* (1910-1920). Cadernos de Educação. FaE/UFPEL, (6): 95, jan./jun. 1996).

²⁰⁶ Para detalhes vide BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto publicitário*. Pelotas, 2014. Inédito.

²⁰⁷ Recomenda-se, especificamente, sobre a questão de gênero em Simões Lopes Neto, entre outros, a leitura dos seguintes trabalhos: ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *A quase ausente: o machismo na literatura gaúcha*. Correio do Povo, Cadernos de Sábado, Porto Alegre, 16; 23 de fevereiro de 1980; CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos. *A personagem feminina na obra de Simões Lopes Neto: uma releitura do mito de Lilith*. Rio Grande: FURG, 2007. Mestrado em Literatura; FAÉ, Geneviève. *A mulher em Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges*. Uma ausência presente? Caxias do Sul: UCS, 2011. Mestrado em Letras, cultura e regionalidade, e VIEIRA, Osvaldo Arthur Menezes. *Simões Lopes Neto: uma Salomé no pampa*. Porto Alegre: AGE, 2008. Vale lembrar que quando o escritor passou a trabalhar no jornal A Opinião Pública, sob o comando de Antônio Gomes da Silva, entre as modificações realizadas, de conteúdo e de diagramação, coube-lhe organizar um suplemento de "Artes, Letras e Ciências"; inaugurado em 05-07-1913, o qual abrigava um "Jornal Feminino", que iniciou em 30-07-1913.

²⁰⁸ LOPES NETO, ob. cit., p. 317.

²⁰⁹ MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012.

²¹⁰ Para mais detalhes sobre Simões Lopes Neto e suas relações com a imprensa vide: REVERBEL, Carlos. *O jornalista Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 25-12-1965; ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *Simões Lopes Neto jornalista: quatro textos descobertos*. Letras de Hoje, Porto Alegre, vol. 25, n. 3, pp. 33-45, set./1990; PUCCINELLI, Fernanda. *O jornalista João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UCPEL, 1991 (Monografia de graduação em Comunicação Social); DINIZ, Carlos. *Simões Lopes Neto jornalista*. In MATTOS, Mário (Org.). II Seminário de Estudos Simonianos. Pelotas: UFPEL, 2001, pp. 33-53; SCHLEE, Aldyr Garcia. *Jornalista: Foi o que não foi*. In LOPES NETO, J. S. Contos gauchescos e Lendas do sul. Vol. I. Edição crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre/São Leopoldo: IEL/UNISINOS, 2006, pp. 288-296.

colaborador²¹¹, redator²¹², jornalista remunerado²¹³, diretor²¹⁴, colunista²¹⁵, editorialista²¹⁶ e anunciante.²¹⁷ Tudo isso orientado cronologicamente pela biografia elaborada por Diniz (2003)²¹⁸ e tematicamente pela de Reverbel (1981)²¹⁹.

²¹¹ O jornalismo remunerado era mal visto, sobretudo pela elite intelectual, ao contrário do jornalismo de colaboração, pois este último representava o diletantismo e a independência de ideias. Simões começa sua vida nas letras como colaborador. A estréia literária do autor se deu nos anos de 1887-1888. Segundo minhas pesquisas, com base num novo pseudônimo descoberto por Monquelat – João Felpudo – identificou-se o aparecimento de textos de Simões no A Ventarola (1887-1889), de Eduardo Chapon [para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto*: “verdadeiro “saco de espantos”. Revista da Academia Pelotense de Letras, vol. 2, n. 2, pp. 55-71, 2007, e também ZANELLA, Bianca. *Mais uma novidade sobre o Capitão*. Diário Popular, Pelotas, 21-01-2007]. Seja como for, sua participação regular na imprensa deu-se no jornal A Pátria (1884-1891), de seu tio Ismael Simões Lopes. Uma data mais precisa para sua estréia literária pode ser considerada ainda duvidosa, descontando sua participação no A Ventarola. É ponto pacífico, todavia, que seu ingresso no jornal de seu tio é um marco. Nesse sentido, as investigações relativamente ao jornal A Pátria vem avançando, vendo-se que a cada dia se tem uma descoberta, tal como é o caso da recente divulgação do poema “Cardiosophia”, publicado em abril de 1888 [Cf. MONQUELAT, A. F. *Meu encontro com João Simões Lopes Neto* (1). Diário da Manhã, Pelotas, 06-01-2013]. Até o momento, seu trabalho mais antigo encontrado é o soneto “Réve”, escrito em cinco de março de 1888 e publicado nove dias depois nas páginas do A Pátria [para mais detalhes vide MONQUELAT, A. F. *Simões Lopes Neto*: a face romântica. In MONQUELAT, A. F.; DINIZ, Carlos Francisco Sica; MAGALHÃES, Mário Osório. *Novos textos simonianos*. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu/Livraria Lobo da Costa, 1991, pp. 15-21]. Em prosa, ainda no ano de 1888, escreveu uma série de crônicas em forma de reportagem, sob o pseudônimo de Serafim Bemol, intituladas “O Rio Grande à vol d’oiseau” [A Pátria, Pelotas, 16, 17, 22 e 28 de novembro; 6 e 7 de dezembro de 1888. Edições mais acessíveis: MOREIRA, Ângelo Pires. Vol. 1. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 27-38; *Obra Completa*. Organizada por Paulo Bentancur. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 1052-1060]. Como se pode ver, desde o princípio, são vastas e variadas as habilidades do escritor. Diniz (2001) afirma que os anos 1906-1909 são um período intermediário entre o jornalismo de colaboração e o profissional. Ainda segundo o mesmo biógrafo, será em 1911 que o autor, com a Revista do Centenário de Pelotas, realizará seu primeiro projeto jornalístico de cunho profissional.

²¹² Em 1912 está integrado à redação do jornal A Opinião Pública (1896-1962), “encargo que assumira em moldes aproximadamente profissionais. Foi quando teve início sua carreira de jornalista militante. Se antes ele colaborava nos jornais pelo simples gosto de escrever e comunicar-se, veio juntar-se a este um outro motivo, talvez mais imperioso, como seja a precisão de dedicar-se a um meio de vida a seu alcance, quando todos que tentara haviam antes haviam lhe escapado” (REVERBEL, 1981, p.85). Em 1913, o Capitão já se encontra doente, pobre e amargurado. Esse ano não só marcaria sua vida literária, com a publicação das *Lendas do Sul*, mas também assinalaria o início de sua derradeira trajetória financeira descendente. A respeito disso assevera Diniz: “E o ano de 1913, que consumiu o escritor naquela vida rotineira de jornal, mostra um Simões calejado” (Op. cit., 2001, p. 49).

²¹³ Vide notas 191 e 192.

²¹⁴ Ocupou a função de diretor do jornal Correio Mercantil (1875-1932, com interrupções) de 02-03-1914 a 17-11-1915. Para mais detalhes consultar REVERBEL, 1981, pp. 67-84.

²¹⁵ João Simões Lopes Neto manteve diversas colunas na imprensa: “Balas de Estalo” – 1ª fase (A Pátria, Pelotas, 12 de junho a 1º de outubro de 1888); 2ª fase (A Pátria, Pelotas, 25 de abril de 1889 a 20 de agosto de 1890; 3ª fase (Diário Popular, Pelotas, 18 de janeiro a 27 de setembro de 1895; “A Semana Passada” (Revistinha) (Diário Popular, Pelotas, 18 de setembro a 18 de outubro de 1895); “Semaninha” ((Diário Popular, Pelotas, 18 de abril a 02 de agosto de 1895); “Diárias” (Correio Mercantil, Pelotas, 03 de março a 17 de novembro de 1915); “Inquéritos em contraste” (A Opinião Pública, Pelotas, 10 de junho a 09 de agosto de 1913); “Temas gastos” (A Opinião Pública, Pelotas, 13 de janeiro a 05 de maio de 1916). Há ainda a coluna “Tesoura hilariante”, cujo aparecimento se deu no A Pátria, a partir de março de 1890. O pesquisador Ângelo Pires Moreira recolheu vários trabalhos dessa coluna em sua “Página Simoneana”, publicada no Diário da Manhã, de Pelotas, 1982-1983.



Figura 2 - Luís Borges na pesquisa de periódicos na Biblioteca Pública Pelotense
Fonte: Acervo Luís Borges

2.2.4 Operações historiográficas e tratamento das fontes

Definidas quais as fontes e qual o objeto da pesquisa se tratou de encaminhar o desenvolvimento da análise, Nesse processo, além de contar com os arquivos organizando toda a documentação e com as fichas de leitura, foram construídos dois quadros: um de comentadores e outro de termos-chave, aos quais se acrescentaram observações ou comentários sobre possíveis relações com as questões da pesquisa. Tornou-se premente contextualizar com maior adequação os conceitos

²¹⁶ As “Diárias” funcionavam como uma espécie de editorial no Correio Mercantil.

²¹⁷ Para uma visão sintética das atividades comerciais e industriais do Velho Capitão vide: CÉSAR, Guilhermino. *Os bons negócios do Capitão João Simões*. Correio do Povo, Caderno de Sábado, 15-06-1974. Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 120-173. Para outras abordagens vide: BORGES, Luís. *Além fronteiras: o empreendedor João Simões Lopes Neto*. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo19.htm>> Acesso: 16-01-2012, e MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012.

²¹⁸ DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003.

²¹⁹ REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

utilizados, considerando valiosa a identificação das referências teóricas em que me pautava para tratar de determinado assunto.

Do ponto de vista quantitativo foi averiguada a frequência com que os diversos tópicos ou assuntos, conceitos e autores apareciam no *corpus* pesquisado, cruzando-o como o quadro cronológico, a fim de observar abandonos e recorrências. Qualitativamente foi possível identificar as principais influências teóricas que subsidiaram sua produção educacional: basicamente Silvio Romero ²²⁰, Afonso Celso e José Veríssimo e Manoel Bomfim²²¹.

Na organização dos textos de Simões Lopes Neto, a ficha de cada um deles continha as seguintes informações: (1) título; (2) data; (3) número de páginas; (4) com ou sem ilustrações; (5) manuscrito ou não; (6) inédito ou não; (6) número de edições; (7) registro completo das edições; (8) qual a que eu recolhera ou utilizara; (9) breve descrição; (10) outras observações. Em um anexo, com o objetivo particular de mapear de onde o autor tirara os elementos teóricos para construir suas posições pedagógico-político-educacionais, registrei outras informações, entre as quais: (1) autor citado; (2) localização no texto; (3) contexto da citação; (4) a própria citação; (5) número da página da citação; (6) se possível, identificar a referência; (7) idioma da citação; (8) em que idioma constava e (9) outras observações. Em alguns casos, foi incluída a citação do próprio João Simões Lopes Neto referindo-se a um autor, seja apresentando suas ideias, seja expressando opinião sobre ele, sem fazê-losob a forma de citação direta.²²²

Estruturaram-se de modo semelhante os fichamentos ²²³ de termos-chave, tendo por propósito instrumentalizar a análise dos conceitos fundamentais apresentados nos documentos. Nessa etapa, buscou-se construir certos os núcleos conceituais, que atendiam à caracterização da pesquisa. Num estágio inicial, foram grifadas, nos textos, palavras e frases que sintetizavam um conceito, apontavam

²²⁰ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 62-76.

²²¹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*. Pelotas: União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé e Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 4.

²²² Para conferir a ficha, vide Apêndice D.

²²³ MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamento, resumos e resenhas*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2000.

uma proposta, definiam uma concepção ou simplesmente expressavam uma ideia que parecia ter relevância no bojo do assunto.

A leitura seguiu duas linhas: uma cronológica e outra, a partir das fichas, organizada por núcleos temáticos e conceituais. No decorrer do processo de releitura, alguns elementos foram destacados, representando um conceito-chave. Eventualmente, fiz anotações à margem das cópias dos documentos. Essas anotações nem sempre constavam nas fichas de leitura, quadros de autores e anexos, desta maneira, algumas vezes, cotejava ambos, de forma a poder reorientar o levantamento dos aspectos centrais da pesquisa e manter-me no foco. A seleção dos termos-chave foi definida em razão de dois fatores: (1) frequência de determinado segmento, em geral constituído por um conjunto de algumas palavras representando uma ideia e (2) associado ao primeiro, o segundo fator considerava os contextos em que tais segmentos se apresentavam.

A partir dessa operação passei aos processos de codificação. Na *Grounded Theory* chama-se codificação a todo procedimento operacional das ferramentas analíticas²²⁴. Há dois tipos de codificação, a saber, a aberta e a axial. A aberta é aquela em que há um processo analítico, por meio do qual os conceitos são identificados, bem como suas propriedades e suas dimensões.²²⁵ Assim, não é exatamente um procedimento, uma técnica, mas um princípio. A codificação aberta é uma maneira de pensar dinamicamente o processo analítico, deixando espaço para modificações e adaptações, em função dos dados coletados e que, porventura, possam gerar novas inferências as quais, por sua vez, podem alterar o delineamento e até mesmo as conclusões da pesquisa.

A codificação axial é o processo de relacionar as categorias²²⁶ e as subcategorias. É chamada axial porque funciona em torno do eixo de uma categoria principal. Por exemplo, privilegiamos “progresso”, segundo a noção positivista, como categoria principal, no entanto, para que possamos compreender a filosofia da história que a fundamenta (subcategoria).

²²⁴ BLUMER, H. *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969, p. 153.

²²⁵ Idem, *ibidem*, p. 154.

²²⁶ Conceitos que representam fenômenos.

O objetivo da codificação axial é viabilizar o processo de reagrupamento dos dados classificados durante a codificação aberta, conforme declara Strauss:

Dentre as mais importantes opções a serem feitas durante os trabalhos iniciais está a de codificar de maneira intensiva e articulada em torno de categorias simples. Na medida em que fez isso, o analista constrói maior densidade de relações em torno do eixo da categoria principal.²²⁷

Em termos de procedimento na *Grounded Theory*, codificação é o ato de articular categorias e subcategorias ao longo de suas propriedades²²⁸ e dimensões²²⁹. Ela permite ao pesquisador examinar como as categorias se cruzam e se associam. Uma subcategoria é ainda uma categoria, porém, seu papel não é o de representar o problema enfocado, mas o de estabelecer condições para que o pesquisador construa os nexos explicativos que operacionalizam a categoria. Feito isso, resta ao pesquisador integrar categorias e conceitos para refinar a sistematização teórica que fundamenta e enfoca a questão de pesquisa.

Na presente tese ao erigir como fulcro o pensamento social de João Simões Lopes Neto e suas relações com a educação, especialmente como se apresentava na conferência *Educação Cívica*, procurou-se realizar uma codificação em diversas categorias e subcategorias, tais como “nacionalismo”, “folclore”, “miscigenação”, “progresso” (categorias) concepção de história, papel do folclore e urbanização, teorias raciais (subcategorias).

Seguindo o roteiro já descrito anteriormente, para refinar e integrar a base teórico-metodológica que sustenta a tese, se buscou construir um modelo lógico-conceitual coerente.²³⁰

2.2.5 Análise documental

Além da adoção de vários aspectos da *Grounded Theory*, no tratamento dos dados empregou-se as técnicas sugeridas por Bardin²³¹, de análise de conteúdo²³²,

²²⁷ STRAUSS, A. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1987, p. 4. Tradução livre do autor.

²²⁸ São as características de uma categoria.

²²⁹ Âmbito ao longo do qual as propriedades gerais de uma categoria se ajustam ao constructo teórico.

²³⁰ Para a representação gráfica desse modelo vide Apêndice A.

com as suas respectivas etapas, quais sejam: (1) preparação das informações;(2) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades;(3) categorização ou classificação das unidades em categorias;(4) descrição e (5) interpretação. Aplicando essa sequência tive o fito de decifrar, em cada texto, o núcleo emergente que servisse ao propósito da pesquisa. Essa etapa consistiu num processo de codificação, interpretação e de inferências sobre as informações obtidas, desvelando seu conteúdo manifesto e latente.

Dando prosseguimento, procurei averiguar se as unidades de análise correspondiam, de fato, a uma interpretação que garantisse homogeneidade e coerência ao conjunto mais amplo de termos-chave. Ao término desse processo de revisão da lista de unidades, as mesmas foram distribuídas de acordo com o conteúdo abordado (manifesto) e o significado (latente) consoante o *corpus* da pesquisa. Por sua vez, os indicadores resultantes daí passaram por nova análise a fim de verificar a possibilidade de elaborar novos agrupamentos (mais abrangentes), realizar alterações, detectar aspectos ainda não incluídos e verificar novas relações. Tudo isso visando tecer nexos entre as obras não literárias de Simões Lopes Neto, discriminadas no corpus, previamente estabelecido, e suas obras principais, encaixadas na discussão sobre folclore, identidade e cidadania, balizadas pela categoria “educação”, norteadas pelos conceitos e ideias dos termos-chave.

Não foi muito fácil estabelecer exatamente a operacionalização de “educação” como categoria-chave. Segundo Lüdke & André ²³³, “as categorias devem explicitar os propósitos da pesquisa e, ao mesmo tempo, ser internamente homogêneas, externamente heterogêneas, coerentes e plausíveis”.

Cabe ressaltar a preocupação em garantir a contextualização sóciohistórica. Nesse sentido, busquei compreender os aspectos semânticos e relativos a nomenclaturas. Consultei para tanto dicionários e outras obras da época, bem como,

²³¹ Cf. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

²³² Para as diversas possibilidades de aplicação da análise de conteúdo utilizei: KAPLAN, Abraham; GOLDSSEN, Joseph. *A confiabilidade das categorias de análise de conteúdo*. In LASSWELL, Harold *et. alii*. A linguagem da política. Brasília: UNB, 1979, pp. 91-121.

²³³ Cf. LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

sempre que se fez necessário, recorri a autores contemporâneos, com o intuito de melhor apreender os significados atribuídos a um termo, concepção ou ideia.

2.3 PORQUE FIZ

2.3.1 Para operacionalizar as ferramentas analíticas

Na intenção de extrair elementos para identificar categorias como nacionalismo, folclore e progresso, aspectos constituintes da codificação axial que permite focar o objeto principal de estudo desta tese - o papel da educação no contexto do pensamento social de João Simões Lopes Neto -, se buscou depois de selecionar o que se chamou de *corpus* educacional, principalmente a conferência *Educação Cívica*, organizar os textos em diversas tipificações: as conferências, os discursos, os textos de cunho historiográfico, textos jornalísticos e livros didáticos. Em suma, foi necessário tudo isso para examinar e reconhecer ideias e práticas cívico-pedagógicas de Simões Lopes Neto que transfiguradas – às vezes nem tanto, como se pode observar, entre outras, na reutilização de um trecho da conferência *Educação Cívica* nos *Contos Gauchescos* – reapareciam quase irreconhecíveis a primeira vista, pois transmigradas da prosa parnasiana, aterrissavam na voz de Blau Nunes. Em resumo: pretendi chamar a atenção dos estudiosos simonianos para o nexos entre projeto cívico-pedagógico e a alta literatura do autor, cujo fulcro é sua concepção filosófico-política da educação. Nesta tese, porém, a ênfase será concedida à parte não literária da obra do autor, especificamente à conferência *Educação Cívica*.

2.3.2 Para dirimir dúvidas a respeito das concepções sobre o projeto intelectual simoniano e a posição do escritor junto ao cânone

O que porventura poderá ter deixado precavidos certos críticos é que, em palestras e outras manifestações públicas, ocasionalmente, provocado por perguntas da assistência, avantei a possibilidade de que a literatura em Simões Lopes Neto teria sido um desdobramento de seu projeto político-educacional.

Talvez tenha sido por isso que a hipótese central de minha tese veio a sofrer rejeição tão intensa. Acredito que dois motivos contribuíram para isso. O primeiro

deles é de ordem teórica: repele-se a ideia de que Simões Lopes Neto tivesse um projeto literário ou pedagógico mais consciente. Para justificar a defesa desse ponto, não exatamente num tom afirmativo, carece esmiuçar o problema. Eu não afirmo que o escritor pelotense acalentasse um projeto lítero-educacional, mas que os intelectuais de sua época, em geral, o acalentavam e que ele deixou claros indícios de adesão a esse programa, que era inerente àquele caldo de cultura. Em que medida isso foi consciente não sei, sem falar que tal aspecto para a abordagem que realizo é irrelevante.

O segundo motivo é mais complexo, contando inclusive com elementos de ordem subjetiva.²³⁴ Tem a ver com o processo de incorporação de Simões Lopes Neto no rol dos escritores canônicos. O referido processo se deu de forma lenta e sofrível e se pode dizer que ainda hoje que ele é um “canônico na fímbria do cânone”²³⁵. Sob esse ângulo, se deve considerar o processo de canonização do escritor pelotense não apenas como uma aceitação da crítica, a partir de determinados critérios de valoração estética, mas que, concomitantemente a isso, se desenrolou uma luta cultural, de cunho geopolítico, em que estavam em jogo a hegemonia das diversas culturas regionais entre si e destas com a visão de nação. Essa concepção de nação, por assim dizer, conforma uma arena multicultural, verdadeiro mosaico, cuja disputa pelo poder, em última instância, tem como resultado seu desaparecimento e a imposição de certas culturas regionais, mescladas aqui e acolá de outros timbres, sendo apresentadas, subsumidas as outras, como a face identitária do país²³⁶.

²³⁴ A profa. Cláudia Lorena Vouto da Fonseca (UFPEL), em palestra intitulada “Lendo e não lendo Simões Lopes” realizada no Ciclo Comemorativo ao Centenário do Escritor, em 10-11-2011, declarou: “Queria começar dizendo que não sou especialista em Simões Lopes, embora tenha trabalhado com sua obra. Sou leitora. Portanto, o que trouxe são mais perguntas que me tenho feito, inquietações/propostas de reflexão, destacando dois pontos, dois momentos: Há duas vertentes, basicamente, dos estudos simoneanos, quais sejam a “movediça”, de cunho mais emocional, e a “acadêmica”. Interessante notar que em alguns autores isso não acontece, mas em Simões parece que é inevitável que aconteça. E aqui, na terra de Simões (RS e especificamente Pelotas) parece que prevalece a vertente “movediça”. A discussão se faz acalorada, o que não quer dizer que a vertente dos estudos mais formais não se faça presente.”

²³⁵ Cf. BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto: um canônico na fímbria do cânone*. Thema. Revista científica do Centro Federal de educação Tecnológica de Pelotas, ano 4, n. 1, pp. 11-20, 2003.

²³⁶ FICHER, L. A. *São Paulo que manda em nós*. Para fazer diferença. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, pp. 177-182.

Bem sabemos da conturbada trajetória das relações entre o Rio Grande do Sul e o Brasil-Nação.²³⁷ O território identitário sul-riograndense é bastante demarcado, demarcação essa que assume como símbolo a figura do gaúcho, com todos os matizes culturais, imaginários e ideológicos que ele comporta. Nessa medida, quando nos referimos ao gaúcho, seja lá o que queiramos expressar com esse vocábulo, reportamo-nos também, inescapavelmente, a João Simões Lopes Neto. Ora, conforme ficou dito, sua consagração artística (e não apenas como folclorista, dialetólogo e historiador que se utilizava da literatura para estabelecer uma representação identitária) foi um processo bastante penoso. Desta maneira, é uma reação esperável não querer retirá-lo do campo propriamente literário, estudando-o sob outra ótica. De outra feita, faz-se também, em minha opinião, uma comparação indevida: coteja-se a sua melhor literatura com os artigos jornalísticos, os discursos, as obras didáticas, a produção historiográfica, concluindo daí que tudo isso é desprovido de valor. Os efeitos nefastos dessa postura equivocada se fazem sentir: é praticamente desconhecida do público e mesmo até de alguns especialistas a chamada obra secundária de Simões Lopes Neto, permanecendo dispersa, em grande parte, até os dias atuais, apesar da publicação de uma *Obra Completa*²³⁸. Além disso, há pouca produção teórica sobre a obra não-literária do escritor, de nítido teor social, cívico e educacional, tanto do ponto de vista descritivo quanto analítico. Portanto, despido das grandiloquentes pretensões iniciais que alimentavam a presente pesquisa, firmado na humildade e na cautela, que a própria consciência científica exige, intento tão somente – e se o atingir já me dou por bem pago – que esta tese prepare o terreno, por meio da chamada “obra secundária” de João Simões Lopes Neto, fundamentalmente aquela relacionada às questões educacionais, para iluminar sua *Opus Magna*, que o imortalizou e pela qual o pensador social será para sempre o escritor universal e educacionista.

²³⁷ Cf. OLIVEN, R. G. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. Disponível em <<http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs0002/rbcs0207htm>> Acesso: 15-05-2012.

²³⁸ LOPES NETO, J. S. *Obra completa*. Organizada por Paulo Bentancur. Porto Alegre: Sulina/Já Editores, 2003. Para uma discussão sobre essa publicação vide: BORGES, Luís. *A obra(in)completa de Simões Lopes Neto*. Thema. Revista científica do Centro Federal de educação Tecnológica de Pelotas, ano 5, n. 1, pp. 7-10, dez. 2005.

Em suma, com a descrição detalhada dos referenciais teórico-metodológicos adotados nesta tese, dos critérios de estabelecimento do *corpus* de pesquisa, além da codificação, organização e tratamento das fontes, intentei fornecer ao leitor as informações que julguei necessárias para avaliar os resultados obtidos, tendo em vista o enunciado problemático, qual seja o papel e o sentido da educação no pensamento social de João Simões Lopes Neto.

3 A CONFERÊNCIA *EDUCAÇÃO CÍVICA* (1906) COMO MATRIZ PROGRAMÁTICA DO PROJETO CÍVICO-PEDAGÓGICO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

No presente capítulo desenvolver-se-á o tema em dois grandes eixos. O primeiro, de cunho mais geral, abarca o problema do nacionalismo, do folclore e do progresso naquilo em que estes pontos se relacionam com a educação, tal como foram abordados na referida conferência. Por sua vez, o segundo eixo, mais específico, se atém ao trato de assuntos eminentemente educacionais, basicamente, à exposição e análise de três aspectos que foram considerados centrais no texto da *Educação Cívica* (1906), quais sejam, a educação da mulher, da infância e da juventude; a reforma do livro didático e o papel e a importância da educação cívica propriamente dita, bem como as implicações que os envolvem.

3.1 A CONFERÊNCIA *EDUCAÇÃO CÍVICA*: CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 As duas versões da conferência *Educação Cívica*

A primeira versão da conferência *Educação Cívica* apareceu em 1904, mais precisamente em 17 de julho, quando João Simões Lopes Neto, na Biblioteca Pública Pelotense, proferiu uma palestra sob o título de *Educação Cívica – Terra Gaúcha* (apresentação de um livro). Essa palestra foi publicada nos anais da instituição referida no ano seguinte ²³⁹.

²³⁹ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica* - “Terra Gaúcha” (apresentação de um livro). Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano I (1904), v. I, pp. 47-59, Pelotas: Livraria Comercial, 1905.



Figura 3 - Capa e Folha de rosto dos Anais da Biblioteca Pública Pelotense (1905)
Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

O livro mencionado no título pelo orador era a obra destinada a leituras escolares que, tendo permanecido longo tempo inédito, foi publicada em 2013 numa edição criteriosa e bem cuidada sob a responsabilidade de Luís Augusto Fischer.²⁴⁰

Esse livro, agora titulado como *Terra Gaúcha – Histórias de Infância*²⁴¹, a que Diniz (2003) se referia como o “verdadeiro *Terra Gaúcha*”²⁴², fazia parte de um projeto mais amplo e bem estabelecido²⁴³, ao qual Simões designou como “Série Brasileira”, composta por quatro livros, quais sejam: o *Terra Gaúcha – Histórias de infância*; *Artinha de leitura* (1907)²⁴⁴; *Eu, na escola*²⁴⁵ e *Hinos e glórias do Brasil*²⁴⁶.

²⁴⁰ Para mais detalhes sobre a repercussão da publicação dessa obra e da *Artinha de leitura* vide: LILGE, Cássio. *Os inéditos de João Simões Lopes Neto*. Folha do Instituto João Simões Lopes Neto, ano II, edição (sic) II, pp. 4-5, Pelotas, fev./mar. 2013; MARASCO, Carolina. *Os inéditos de João Simões Lopes Neto*. Diário Popular, Pelotas, 23-03-2013; FISCHER, Luís Augusto. *Simões Lopes Neto lá*. Zero Hora, Porto Alegre, 09-04-2013; FEIX, Daniel. *Novas páginas do velho Simões*. Zero Hora, Porto Alegre, 20-03-2013; CIRNE, Max. *Retorno inédito de Simões*. Diário Popular, 21-03-2013; BORGES, Luís. *Coçando as minhas “pugas”* (1ª Parte). Diário da Manhã, Pelotas, 21/22-04-2013; Conclusão, 28-04-2013; TEIXEIRA, Jerônimo. *Pedagogia a cavalo*. Veja, Editora Abril, ano 46, n. 15, pp. 112-133, abril de 2013.

²⁴¹ O subtítulo foi colocado para diferenciá-lo da obra homônima publicada pela editora Sulina em 1955.

²⁴² Cf. DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, pp. 134-165.

²⁴³ Idem, ibidem, p. 148.

²⁴⁴ Livro inédito publicado, em 2013, pela editora Belas Letras, de Caxias do Sul, sob a responsabilidade de Luís Augusto Fischer.

Todos esses títulos foram anunciados na folha de rosto de *Terra Gaúcha* – Histórias de infância.

Deve-se observar que mesmo possuindo um autêntico ideal patriótico, quando consideramos o projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto, é preciso levar em conta duas questões relevantes: de um lado, seus materiais didáticos foram produzidos visando o mercado e, de outro, como consequência disso, tal produção era uma das poucas formas de profissionalização do homem de letras.

Inserir-se no mercado de livros didáticos, além de ser uma maneira de ganhar dinheiro, angariava para o escritor prestígio e permitia que ele participasse ativamente do ideal delineado para os literatos de então – levar sua atividade como uma missão civilizadora.

Especialmente no período das conferências cívicas, isto é, entre 1904 e 1906, o escritor pelotense está inequivocamente preocupado e ocupado com as questões educacionais. Corrobora essa ideia o fato de que no último ano, quando vem a lume a 2ª versão da *Educação Cívica*, João Simões Lopes Neto também lança a coleção Brasileira de cartões postais, a qual, segundo o seu idealizador, procurava fazer a “vulgarização dos fastos da história nacional”.

É interessante notar que em seu livro de leituras escolares, num texto intitulado “As coleções”²⁴⁷, o autor relata que “desenvolveu-se agora na rapaziada a febre, a mania das coleções”. Entre os colecionáveis estão as moedas, os selos e os cartões postais. Afirma ainda que

²⁴⁵ Luís Augusto Fischer fornece vários esclarecimentos sobre essa obra. Para conferir vide *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha* – Histórias de infância. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 219-220.

²⁴⁶ Deste trabalho nada sabemos a respeito de seu paradeiro, nem mesmo se chegou a existir. O manuscrito *Glória Farroupilha* (1909) parece descrever algo semelhante ao que o autor pretendia no quarto volume dos livros didáticos de sua “Série Brasileira”, anunciada na *Artinha de leitura* (1907) e na *Ligeira Contradita* (1908) e no *Terra Gaúcha* – Histórias de infância. Aliás, a *Artinha de leitura* traz um modelo didático semelhante, dando ênfase à imagem. Encontramos em *Terra Gaúcha* (2013) e *Glória Farroupilha* (1909) figurinhas, reprodução de documentos, o tema recorrente da “Terra Gaúcha”, a intenção da educação patriótica, os Hinos da República Rio-Grandense, etc.

²⁴⁷ LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha* – Histórias de infância. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 154-155.

No recreio a algazarra é menor; é que estão os colecionadores em grupos, tratando de importantes assuntos das respectivas especialidades. Há exames, consultas, explicações, discussões, permutas e até alguns negocinhos a dinheiro, tostão para lá, tostão pra cá.²⁴⁸

Aproveitando a “febre”, segundo a expressão de Simões, e não havendo possibilidade de elaborar um projeto comercial para vender coleções de numismática ou de filatelia, ele cerebrou uma de filcartismo. Além desta pretensão mercadológica, Simões Lopes Neto não deixa de destacar o valor pedagógico da educação pela imagem, principalmente por meio do cartão postal:

Mas o caso é que brincando a gente vai apendendo; por exemplo, os colecionadores de selos – os filatelistas, como dizem os mais sabidos – sabem os nomes de todos os países, valores e datas da emissão dos selos, e sabem observar e prestar atenção a um grande número de detalhes, coisas às quais por certo um estouvado não se pode dedicar. Meu pai deu-me alguns exemplares de selos antigos do Brasil, que eu exibi e que causaram um grande sucesso, pois são exemplares já considerados como raridades. / O [...] ²⁴⁹ é o mais entusiasmado pelas moedas; é o da numismática, e também nos mostrou um bom lote de moedas de vários países que um seu tio deu-lhe há dias; é curiosa a coleção das cédulas e moedas antigas do Brasil, e ele sabe na ponta língua tudo quanto se lhes refere. Tem-nas do tempo de D. Pedro 1º, D. Pedro 2º e das da República, muitas. Enfim, os dos cartões postais são os filcartistas; são os mais numerosos, é praga!...²⁵⁰

O diferencial do cartão postal relativamente à carta tradicional é o seu espaço limitado e exíguo. Não apenas isso, também por ser enviado aberto se prestava a mensagens superficiais ou enigmáticas. Nesse sentido, a imagem – e não a mensagem – atraía, cada vez mais, o interesse do público.

Buscando evitar a publicidade das mensagens de foro particular, a legislação estabelecia que os postais devessem gozar de plena inviolabilidade, isto é, igualmente às cartas. Assim, os carteiros e outros empregados do Correio estavam obrigados a guardar segredo a respeito do conteúdo dos bilhetes-postais. Esta imaginária proteção e o fato de serem bonitos e mais baratos, logo os popularizou. Essa difusão estava ligada também à revolução tecnológica, que atingia as técnicas

²⁴⁸ Idem, ibidem, pp. 154-155.

²⁴⁹ Em *Terra Gaúcha – Histórias de infância*, p. 155, nota 2, Fischer alerta que no manuscrito original está pontilhado.

²⁵⁰ Idem, p. 155.

de reprodução da imagem, reforçada pela melhoria dos meios de transporte e comunicação.

As pessoas tinham mais facilidade para viajar e, por isso, mais a contar e registrar. Associado ao comércio de *souvenirs* estava o indefectível cartão postal. Sua rápida aceitação pelo público estimulou a comercialização maciça dos postais. Segundo nos informa Schapochnik,

embora não tenha sido possível determinar o preço e a tiragem desses postais, a extensa listagem de editores instalados na capital da jovem república e nos diversos estados durante a primeira década do século XX, parece atestar a potencialidade desse negócio.²⁵¹

Conforme se pode observar, o Velho Capitão estava atento às novidades e às boas oportunidades comerciais. O cronista carioca Luiz Edmundo afirmava que

[...] pelo começo do século [refere-se ao século XX], e mesmo até bem pouco antes da Grande Guerra, é o delírio que empolga o carioca [...]. A novidade impressiona. Tão bela, porém, é a apresentação desses postais, que muita gente os compra em séries, só para encaixilhá-los. Um vidraceiro da Rua da Quitanda cria disposições artísticas para a coleção das fotos em passe-partout de cores [...].²⁵²

Além das paisagens e monumentos, bem ao gosto *art-nouveau*, os cartões-postais exibiam também efígies de cocotes, burlando a rígida moral vitoriana vigente entre as famílias brasileiras. O cartão-postal, sob vários aspectos, tornava-se fetiche colecionável. Um incremento ajudou nessa direção: o autógrafo de personalidades políticas e do mundo das artes. Essa mania difundiu-se de tal modo entre a população brasileira das primeiras décadas do século XX que nem mesmo os “alvos” dos caçadores de autógrafos escapavam a ele. Narra o cronista João do Rio que ao visitar o poeta Olavo Bilac, visando colher informações sobre suas preferências literárias, foi recebido com a seguinte pergunta: “Aposto que vens ver os meus cartões postais?”²⁵³

²⁵¹ SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e índices de intimidade*. In SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 430.

²⁵² EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, p. 739.

²⁵³ RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d, p. 2.

Os cartões autografados por celebridades em pouco tempo se tornaram um meio de *marketing* político ou artístico e também mais um ganha-pão para os artistas, que os vendiam com frases ou poemas especialmente escritos para eles; remetiam-nos pelo correio ou compunham-nos na ocasião solicitada para os caçadores de autógrafos.

Logo as celebridades cansaram-se da perseguição e dos incômodos. O comediógrafo Artur Azevedo (1855-1908), com seu humor característico, manifestou-se da seguinte maneira:

Virgem Maria,
Isto é demais!
É noite e dia
Cartões-postais! ²⁵⁴

O ferino Emílio de Menezes (1867-1918) ironiza a campanha promovida pela revista carioca *A Avenida*, em 1904, cujo propósito era recolher recursos para as vítimas da seca no nordeste, ofertando uma série de 50 cartões-postais devidamente autografados pelo poeta de *Marcha fúnebre* (1892). Emílio, então aludindo ao fato, compôs o seguinte soneto:

Esta mania estúpida e cacete
Mais cacete de todas as manias -
Do bilhete postal, do atroz bilhete,
Vai ter, enfim, as minhas simpatias.

No hotel, no botequim, no gabinete,
Em casa, à rua, nas confeitarias,
No Leme, Cascadura ou Catete,
Surge o cartão-postal todos os dias!

Mas esse infame e trágico instrumento
Que é da paciência algoz, suplício e morte,
O bilhete postal, que é o meu tormento,

Útil vai enfim! Coube-lhe a sorte
De transformar-se em pão para o sustento ²⁵⁵
Dos que da fome estão morrendo no Norte!

Além desses aspectos, o cartão postal apresentava-se, por volta de 1900, “como uma verdadeira instituição”, conforme expressão de Gilberto Freyre ²⁵⁶.

²⁵⁴ BELCHIOR, E. de Oliveira. *Introdução*. In BERGER, Paulo. *O Rio de Janeiro no cartão-postal (1900-1930)*. Rio de Janeiro: RJOARTE, 1983.

²⁵⁵ Idem.

Fica nítido, pois, que a Coleção Brasileira de cartões postais, bem como a planejada série de livros didáticos, estavam inseridos num projeto bem consistente.

Voltemos às versões da conferência *Educação Cívica*. Em 1904, a obra apresentada na primeira versão da conferência *Educação cívica* era de perfil didático e seu autor tinha por objetivo vê-la adotada nas escolas primárias, a fim de “incutir nas crianças o conhecimento e a notícia dos homens e atos do Brasil, tão arredados do diário convívio da juventude escolar”²⁵⁷. Diz o próprio Simões sobre o seu intento:

Fazer um livro simples, saudável, cantante, de alegria e caricioso, que os homens rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas as crianças, que nele, com sua ingênua avidez, fossem bebendo as gotas que se trans formassem mais tarde em torrente alterosa de civismo; [...].²⁵⁸

Diferente do *Cuore*²⁵⁹, de Amicis, o escritor pelotense não atribuíu um significado de cunho socialista ao seu livro de leitura, antes concedendo a sua obra uma visão nacionalista, patriótica.

É de se perceber que no interregno entre a primeira e segunda versão da conferência o autor teve oportunidade de ler novos autores²⁶⁰, podendo, portanto, ampliar alguns elementos. Fischer (2013)²⁶¹ afirma que Simões aumentou o texto em cerca de 20% (umas 7800 palavras na 1ª contra cerca de 10 mil).

Seja como for, Simões Lopes Neto enquanto levava a cabo sua cruzada cívica por diversas cidades do Rio Grande do Sul, procurava colocar em prática

²⁵⁶ FREYRE, Gilberto. *Informação, comunicação e cartão-postal*. Alhos e bugalhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p.151.

²⁵⁷ Apud DINIZ, 2003, pp. 124-125.

²⁵⁸ Idem, p. 123.

²⁵⁹ Para as relações específicas entre o *Cuore*, de E. de Amicis, e *Terra Gaúcha*, de Simões Lopes Neto, vide: PINTO NETTO, Heloísa Sousa. *Terra Gaúcha e Cuore – Um caso de intertextualidade*. Monografia de graduação em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

²⁶⁰ Fischer supõe que Simões Lopes Neto entre a 1ª e a 2ª versão da conferência *Educação Cívica* leu novos autores, tais como Sílvia Romero, Rodrigo Otávio, Alfredo Varela e Manoel Bonfim. Estimamos que, pelo menos o autor sergipano já era conhecido do escritor pelotense.

²⁶¹ FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, p. 233.

esse, por assim dizer, espécie de programa, que estava resumido na *Educação Cívica*.

Simões está interessado em divulgar seu projeto. Um exemplo disso é a notícia veiculada no Correio Mercantil, de Pelotas, em 24 de novembro de 1904, em que sob o título de “Terra Gaúcha” anuncia o recebimento de um vale de nº 777767, que talvez representasse um número para subscrição do livro didático citado.²⁶² No entanto, dois anos depois é possível verificar que, a despeito dos esforços procedidos pelo autor para a publicação do livro apresentado na 1ª versão, em 1906, ele está voltado para outro objetivo mais amplo e pretencioso.

Modificando consideravelmente o final da conferência, mostrava-se aderente a uma solução alternativa em face ao pensamento político-sociológico dominante. Com certeza, um dos autores determinantes para essa guinada foi Manoel Bomfim, cuja obra, *América Latina, males de origem*, fora publicada somente no ano seguinte à 1ª versão da *Educação Cívica*.



Figura 4 - Manoel José Bomfim (1868-1932)

²⁶² DINIZ, ob. cit., 2003, p. 126. É curioso observar as inquições que Fischer (ob. cit., 2013, p. 231) faz a respeito: [...] “havia tantos milhares de bilhetes assim? A que preço? Que otimismo estava embutido aqui?”

Fonte: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Manoel+Bomfim&ltr=m&id_perso=346>
Acesso:19-02-2013

Enquanto a maioria das explicações relativamente ao atraso brasileiro culpava a mestiçagem ou o clima desfavorável ao trabalho duro, Bonfim entendia que era o “parasitismo” estrangeiro e dos espoliadores nacionais, submetidos ao imperialismo, o verdadeiro responsável pela situação de miséria e dominação da América Latina.

Nesse sentido, principalmente, a antropologia se torna relevante porque é a partir dela que o discurso científico da época procura explicar as diferenças (em variados planos) entre os povos.

Tomando como ponto de partida uma abordagem etnocêntrica, vinda da Europa, passou-se a caracterizar o brasileiro como incapaz de alcançar o progresso tecnológico, econômico e social de outras nações, ditas modernas, por certas vicissitudes derivadas do cruzamento de raças, do clima tropical ou da herança colonial portuguesa.

Manoel Bonfim enxergava esses fatores não como explicações, mas justificações do atraso brasileiro.²⁶³

Observa-se que o cientificismo é a nota dominante da produção intelectual das três últimas décadas do século XIX e das primeiras do século seguinte. Um dos pressupostos do cientificismo é a homologia, isto é, a ideia de que se pode transpor categorias de um tipo de saber para outro, quase sem mediações. Tais transposições não são apresentadas pelo discurso científico como analogias, antes são tomadas na condição de identificações entre os diversos objetos estudados em diferentes áreas do conhecimento.

²⁶³ Para mais detalhes vide EUMORI, Celso Noburu. *Dominação e consentimento em “A América Latina: males de origem” de Manoel Bonfim*. História em Revista, Pelotas, pp. 81-100, n. 14, dezembro de 2008.

Em seu livro *América Latina, males de origem* (1905), Manoel Bonfim procura mostrar de que maneira as relações homológicas na forma como as entende o cientificismo assentam-se em analogias não explicitadas pelo discurso científico, que, naquela época, se reivindicava neutro. A partir da crítica a essa formulação, Bonfim expõe a natureza não científica desse procedimento, de modo a ocultar interesses ideológicos.

Apesar da posição crítica ao discurso científico de sua época, Manoel Bonfim não instaura outro universo de linguagem ou epistêmico. *América Latina, males de origem* (1905) vai pautar-se nas categorias comuns àquela ciência, deslocando-as, todavia, de um emprego homológico. É o que faz, por exemplo, com um conceito central em sua obra: o de parasitismo ²⁶⁴. Não se trata nesse caso da elaboração de um outro discurso, que viesse superar a linguagem científica criticada, mas, sim, é por dentro dessa linguagem e das concepções por ela expressas que o autor vai explorar as contradições do discurso ideológico embutido numa ciência supostamente imaculada. ²⁶⁵

Sob esta nova perspectiva, bastante diluída no texto simoniano, é que desaparecerá do título a *Terra Gaúcha* e a conferência como sua apresentação. O horizonte se alarga e se aprofunda.

Simões Lopes Neto talvez sem perceber a impossibilidade teórica de amalgamar pensadores dotados de visões tão díspares como a de Afonso Celso e José Veríssimo se comparadas com a de Manoel Bonfim, quis, para além das oposições teóricas e ideológicas entre eles, colocar a educação como uma saída e não como reafirmação das causas do atraso. O próprio Bonfim via na instrução popular, no ensino elementar, o caminho para a verdadeira educação, voltada para a emancipação nacional e dos demais países da América Latina.

Bonfim, contra as teorias raciais do tempo, defendeu o darwinismo de uma interpretação reacionária. Ele responsabiliza as elites brasileiras afirmando: “O povo

²⁶⁴ Para mais detalhes vide BONFIM, Manoel. *América Latina, males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, pp. 57-65.

²⁶⁵ Para uma exposição breve, mas acurada do pensamento de Manoel Bonfim vide o prefácio de Darcy Ribeiro in *América Latina, males de origem* (2005), pp. 11-22.

não se dirige por si, não se fez por si, não tem sido o senhor de seus destinos, tem sido dirigido, governado, educado pelas classes dominantes; ele é o que fizeram, e, se não presta, a culpa é de quem não soube educar.”²⁶⁶

A educação cívica não aparece como uma esperança que deve forçar ao limite os obstáculos impostos pela genética ou pelo meio físico. Surge agora, sob nova luz, como um inevitável instrumento transformador, de uma sociedade que fora vítima do parasitismo estrangeiro e mesmo de certos grupos internos. O Brasil, portanto, precisa descobrir seu valor, o valor de sua gente, o que só acontecerá por intermédio do despertar da consciência da nacionalidade. Noutras palavras, é pela ação regeneradora da educação cívica, que o país será capaz de desvencilhar-se não só da pecha de inferioridade que tem sido atribuída ao povo, mas de descortinar, segundo as crenças de Simões Lopes Neto, um futuro ridente e inevitável para o Brasil, fugindo daquele espectro que pairava sobre o país, quando

[...] o turbilhão desencadeado pelas fatalidades; a nação, o povo brasileiro tenha de aniquilar-se e perecer, seja nascido do ventre brasileiro o último filho, cidadão soldado, para lançar mão decidida do pavilhão auri-verde – sagrada imagem da pátria [...].²⁶⁷

3.1.2 As conferências cívico-educacionais e a origem do projeto ideológico-cultural de Simões Lopes Neto

3.1.2.1 A “mania das conferências”

Broca (1960) afirma que “na época romântica – diz André Billy (Figaro Littéraire, de 17 de janeiro de 1853) houve grandes oradores e grandes professores, mas não conferencistas”²⁶⁸. E referindo-se ainda ao escritor francês, diz que, segundo ele, a conferência teria sido inventada por Émile Deschanel que, refugiado na Bélgica, depois do golpe de Dois de Dezembro, inaugurou o gênero em Bruxelas. Segue descrevendo de que maneira a conferência como gênero literário e costume social se implantou, contestando a informação anterior:

²⁶⁶ BOMFIM, Manoel. *América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, p. 199.

²⁶⁷ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro). História da Educação, Pelotas, vol. 13, n. 27, p. 325, junho/abril de 2009. (Versão de 1904).

²⁶⁸ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil* – 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 136.

pouco antes, em 1870, Ernest Lecouvé, Henri Brisson, já haviam feito em sala aberta, em Paris, palestras sobre temas filosóficos e sociais. Logo depois, marcaram época as *matinées* de Ballandes e as *matinées* do Odéon; enquanto na Bodinière, na Rua de Saint-Lazare, com Jules Bois, Victor Du Bled, George Vanor, a conferência tomava um caráter mundano. Mais tarde, a criação da “Université des Annales” pôs em moda de tal maneira o gênero, que as conferências se multiplicaram por toda parte, em Paris.²⁶⁹

No Brasil, a época de ouro das conferências foi a primeira década do século XX. Ainda segundo Broca, sempre fomos dados a imitar em tudo os franceses, portanto, nada mais natural do que adotarmos aqui a conferência, logo após a sua implantação em Paris.

Na Gazeta de Notícias de 29 de agosto de 1875 encontra-se um folhetim, sob a assinatura de Jorge d’Odemira, em que este reclama: “Não tivemos ainda conferências populares, o que tem havido são conferências literárias”. Isto cinco anos após a data a que André Billy faz remontar a inauguração do gênero. O que quer dizer “conferências populares”? Eram palestras de caráter filosófico e social, as primeiras pronunciadas em Paris, segundo nos informa Billy. Compreende-se perfeitamente o protesto, quando logo adiante se vê o folhetinista dizer que a ideia das conferências foi a de por o povo a caminho de resolver os problemas sociais. Seu assunto devia tratar, sem dúvida, do “aperfeiçoamento moral do povo e da sua felicidade”. E citava a França, por que assim é que lá se fazia.

Três anos depois, no mesmo jornal, encontramos outro folhetim, sob a assinatura de Ameno Effendi, evidentemente um pseudônimo, que num tom humorístico, simulando um egípcio em excursão pelo Brasil, descreve:

Uma das enfermidades que aqui encontrei, revelada muitas vezes por verdadeiros espasmos, é a *Conferenciomania*. De repente, há uma convulsão epileptiforme, os diários escrevem verdadeiras loas, entoam hinos, hosanas, os músicos forasteiros esperam ser chamados para robustecer o aplauso, pagando-lhes já se vê, e um conferencista aparece.²⁷⁰

Em 1878, portanto, havia quem considerasse a proliferação do gênero, entre nós, uma verdadeira “mania”. Talvez haja uma referência satírica às famosas

²⁶⁹ Idem, *ibidem*.

²⁷⁰ Idem, p. 137.

conferências da Escola da Glória, promovidas pelo Imperador, mais ou menos, nessa época, e que, naturalmente, tinham contribuído para criar a moda. A verdade é que só na primeira década do século XX, a moda ressurgiria com muito maior intensidade.



Figura 5 - José Joaquim de Campos Medeiros e Albuquerque (1867-1934)

Fonte: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4678&sid=453>>

Acesso: 22-11-2011

No livro de memórias *Minha vida* (1934), Medeiros e Albuquerque diz ter sido ele quem, ao regressar de Paris em 1906, lançara no Rio de Janeiro as conferências remuneradas, fazendo com que por elas se interessassem Bilac e Coelho Neto. Parece haver equívoco nessa data ou então essa classe de espetáculo já estava aqui em voga, antes da iniciativa de Medeiros, pois no *Memorial do Rio de Janeiro*, Ferreira da Rosa, reportando-se a jornais da época, alude às “conferências literárias” do Instituto Nacional de Música, a dois mil-réis a entrada, em 1905: “Enchia-se o recinto de senhoras e de homens – escreve ele – para ouvir Coelho Neto sobre “as grandes figuras da Bíblia”; Bilac, sobre a “tristeza dos nossos poetas”, Bonfim sobre o cinema; Nepomuceno sobre “a música popular desta terra”; Medeiros e

Albuquerque sobre o “pé e a mão”. Simões Lopes Neto não dista muito desse espírito quando fala sobre as “pedras” ²⁷¹ ou as “jóias” ²⁷².

De qualquer forma, é certo que o sucesso extraordinário das conferências pagas, fez com que elas se tornassem – na própria expressão de Medeiros e Albuquerque – “uma epidemia insuportável”. A “mania” se foi alastrando de tal modo que chegou até a invadir setores extraliterários: anunciava-se tanto palestras sobre os assuntos mais extravagantes, quanto outras que enfeixavam temas da maior importância para a vida nacional.

Geralmente, porém, o que prevalecia eram as divagações de pura forma, floreios literários inconsequentes, realçados pelo jogo cromático das antíteses. O modelo cultural da época era a França. A despeito disso, na literatura francesa não se plasmaram páginas como as que vários conferencistas aqui reuniram em livro. Lendo-as atualmente se vê como soam falso, como eram feitas, de modo geral, para atender ao gosto de um auditório fútil, de cultura superficial, corrompido pela frase rebuscada que, afinal das contas, não passava de literatice. Não seria demais ver em muitas conferências nos moldes aludidos uma expressão inferior do parnasianismo. Tais peças oratórias eram feitas com pirotecnias de linguagem semelhante ao da poesia parnasiana, havendo até identidade de vocabulário. Atentemos para alguns temas: “A tentação”, “A dança”, “A noite e o dia”, “A mulher”.

Medeiros e Albuquerque procura justificar a superficialidade em que incorria a maior parte dos conferencistas pelo público extremamente heterogêneo a que eles deviam satisfazer:

As salas se enchiam, sobretudo, de senhoras e mocinhas muito gentis, muito encantadoras, mas que não possuíam nem instrução regular, nem, por isso mesmo, preocupação literária de espécie alguma. Tinham vindo à cidade passear ou fazer compras e aproveitam a ocasião para ir ouvir a conferência do dia. Mas a essas senhoras se juntam médicos, advogados,

²⁷¹*Pedras*, conferência proferida no clube Congresso Português, de Pelotas, em 13-01-1910. Publicada no *Correio Mercantil*, Pelotas, de 17 a 22 de janeiro de 1910.

²⁷²*As jóias*, conferência proferida no clube Congresso Português, de Pelotas, em 11 de novembro de 1911. Foi proferida na então vila de São Lourenço. Está inédita. O manuscrito existe, todavia encontra-se indisponível. Estava entre os papéis do célebre Baú de Dona Velha, agora em poder do bibliófilo Dr. Fausto Leitão Domingues, o qual paulatinamente vai disponibilizando seu conteúdo aos pesquisadores. Para mais detalhes vide: LIEGE, Cassio; MORAN, Paula. *Os inéditos de João Simões Lopes Neto*. Folha do Instituto João Simões Lopes Neto, Pelotas, ano 2, n. 2, pp. 4-5, fev./mar. 2013.

engenheiros ilustres, estudantes, homens de letras. Havia de tudo. Se, portanto, o conferencista elevasse o nível da sua palestra, a grande maioria da sala não o compreenderia. Daí a necessidade de satisfazer principalmente à parte fútil, sem, entretanto, deixar de dar alguma satisfação à outra.²⁷³

O êxito do gênero resultou, principalmente, de seu caráter mundano. Tratava-se de uma reunião social, em que as mulheres, geralmente, iam com o espírito com que se vai ao chá-dançante, e os homens acorriam, em boa parte, para ver as mulheres. Além do que, uma circunstância importantíssima pesava no caso: em Paris se fazia assim.

Os escritores se inclinavam para o gênero, não somente pelo lucro financeiro, mas também porque nessa época, em que o sensacionalismo começava a se implantar em nossas letras, e ainda não se dispunha do sistema de propaganda literária como o atual, pronunciar uma conferência consistia em um dos melhores meios de obter visibilidade.



Figura 6 - Olavo Bilac (1865-1918)

Fonte: <<http://www.etno.com.br/blog/2012/12/a-poesia-rica-de-olavo-bilac/>> Acesso: 11-09-2011

Segundo Medeiros e Albuquerque, Bilac foi o mais popular dos intérpretes desse curioso espetáculo mundano: “Tinha uma voz muito bem timbrada. Lia e dizia de um modo perfeito”. A julgar pelo que as conferências rendiam, Medeiros e Albuquerque seria o segundo colocado, vindo depois Coelho Neto, aquele, “cuja

²⁷³ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Minha vida*. Vol.2. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934, p. 149.

forma se mostrava incontestavelmente a mais perfeita, mas cuja linguagem, por isso mesmo, não era acessível a muita gente”.

Os conferencistas excursionavam também pelo interior do país, onde a moda, por sua vez, passou a ter igualmente os seus cultores. Tornou-se famosa a viagem de Coelho Neto ao Rio Grande do Sul, em 1906, promovida por Alcides Maya e Gregório da Fonseca. O autor de *A Capital Federal* (1893) foi acolhido com entusiasmo nas diversas cidades que visitou, principalmente, Pelotas ²⁷⁴ e Porto Alegre.

Mas nem sempre encontravam uma atmosfera unânime de aplauso os conferencistas em excursão pelos estados. Osório Duque-Estrada, visitando o Nordeste, foi chamado de “estradeiro” em Fortaleza pelo Unitário, jornal de João Brígido. Sebastião Sampaio, que se apresentava como discípulo de João do Rio e autor de um livro - *Tortura do Real* - teve sorte bem pior na capital cearense, por onde andou em 1908, como redator da Gazeta de Notícias, encarregado de uma espécie de enquete sobre o Nordeste e realizando conferências. João Brígido apelidou-o de *Ser-bestião*. Numa palestra no Clube Iracema, quando aludiu aos “luares verdes da terra de Iracema” provocou apartes e vaias por alguns estudantes.²⁷⁵

Dessa maneira, havia aspectos pitorescos, quase anedóticos, que envolviam o universo cultural das primeiras décadas do século XX. A implantação de um jornalismo de múltiplas faces, em que atuavam intelectuais de nomeada, não pode excluir a análise das conferências públicas (pagas ou não) como verdadeiro fenômeno educacional.

As conferências eram um gênero que não apenas despertava expectativas diferentes nos diversos públicos que acorriam às palestras (divertimento, socialização do elemento feminino, informação científica e debate das causas patrióticas), mas também nos próprios conferencistas que tinham de enfrentar um

²⁷⁴ Para mais detalhes vide DUVAL, Paulo. *Coelho Neto em Pelotas*. Diário Popular, Pelotas, 25-12-1968.

²⁷⁵ BROCA, ob. cit., p. 141.

meio adverso, de um lado, devido a um público pouco letrado, e, de outro, pelo círculo restrito que levava essas atividades a sério, mesmo quando eram proferidos discursos sobre temas relevantes. Apesar disso, grandes campanhas educacionais, como o périplo do Velho Capitão pelo interior do Rio Grande do Sul, a cruzada de Olavo Bilac, ou a campanha de Coelho Neto em prol dos esportes e da eugenia foram feitas por meio de conferências, cujo apelo era o “patriótico-educacional”.

3.1.3 Questões gerais sobre os problemas educacionais do Brasil que eram tratados nas conferências cívicas

Uma preocupação constante nas conferências patriótico-educacionais era o debate sobre a introdução do ensino das ciências nos currículos escolares. Pode-se destacar aqui a contribuição de Herbert Spencer, que difundiu a necessidade do ensino das ciências por vários pontos do globo terrestre.²⁷⁶ Seus textos ecoaram no Brasil tendo encontrado em Rui Barbosa um de seus mais vorazes divulgadores.²⁷⁷

Herbert Spencer entende que a instituição escolar, responsável pela formação humana, e principalmente o conteúdo por ela veiculado, precisava, urgentemente, ser repensada. No entanto, isso não estava ocorrendo no Brasil. O Estado brasileiro não se responsabiliza pela escola tornando-a obrigatória e gratuita. Entretanto, vários países procuravam oferecer um ensino publico criando seus sistemas nacionais de ensino, gratuito, laico e obrigatório.

Assim, no final do século XIX, a escola tentou assumir a complexa tarefa de aglutinar as classes sociais que estavam em luta.²⁷⁸ Neste momento o conteúdo a ser veiculado assumiu grande importância para a educação do povo, considerado o mais novo soberano, tendo em vista a instituição do voto universal.

²⁷⁶ Cf. SPENCER, H. *Lei e causa do progresso: a utilidade do anthropomorfismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1889.

²⁷⁷ Para um estudo aprofundado do assunto vide: GONÇALVES, Vera Teresa Valdemarin. *O liberalismo demiurgo. Estudo sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa*. São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 1994. Tese de Doutorado.

²⁷⁸ Para mais detalhes vide LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. *O debate entre utilitaristas e humanistas sobre o conteúdo da escola pública no final do século XIX*. Maringá, UEM, 1999. Dissertação de mestrado.

No Brasil, o debate, sob a influência do pensamento de Spencer, girava em torno da definição do conteúdo escolar. Entendia-se que ele deveria formar um homem capaz de garantir a sua sobrevivência e, concomitantemente, apesar das diversidades, fosse solidário para com o próximo – o cidadão. Destarte essas controvérsias, havia muitos pontos em comum, que podem ser resumidos na posição de Coelho Neto, um dos autores com maior expressão dentro da literatura educacional da época:

Assim como há segurança quando todas as peças se ligam, assim também só há harmonia onde existe acordo. Todas as pedras participam do peso: as grandes suportam mais, as menores, porém, não deixam de prestar auxílio. [...] O que chamamos solidariedade é a defesa de cada um por amor de todos. Um tijolo sustenta outro e todos juntos formam a muralha que defende a cidade.²⁷⁹

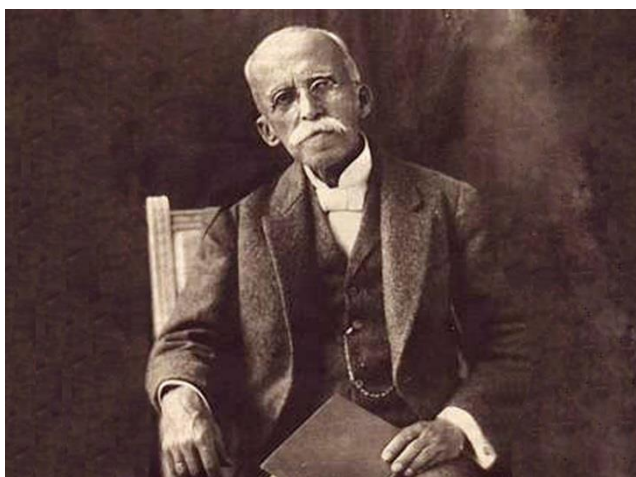


Figura 7 - Rui Barbosa (1849-1923)

Fonte: <<http://www.itribuna.com.br/entretenimento/90-anos-da-morte-de-rui-barbosa-12940/>>

Acesso: 12-01-2010

Rui Barbosa deixou transparecer o seu entusiasmo pelo ensino das ciências nos seus famosos pareceres. Nesses pareceres defendeu a necessidade de organização dos Sistemas Nacionais de Ensino, destacando a importância do ensino das ciências, pois o novo homem carecia de um ensino totalmente diferente do ministrado nas escolas de seu tempo, um ensino livresco e catequético, que se utilizava da memória como único recurso didático. Rui Barbosa defendia que o

²⁷⁹ COELHO NETO. *Páginas escolhidas*. Organizadas por Paulo Coelho Neto. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945, p. 159.

ensino deveria utilizar-se da observação e experimentação, procurando estimular a utilização dos sentidos e o entendimento. Para tanto, o método intuitivo deveria ser adotado. Desta maneira, inspirando-se nas ideias de Spencer, procurava não só alterar a forma de transmissão de conhecimento predominante no Brasil, como também pretendia difundir um novo método. Para o autor dos *Pareceres*, mudanças referentes ao método e conteúdo a serem implantadas no nosso sistema de ensino, eram fundamentais para tornar o Brasil uma nação civilizada.²⁸⁰

No processo de transição do final do Império a produção econômica no Brasil estava marcada pela agricultura monocultora realizada em latifúndios e assentava-se no trabalho escravo, que estava em vias de extinção. Nesse sentido, fazia-se necessário disciplinar e formar o indivíduo apto ao trabalho livre:

lembremo-nos de que uma coisa há que mais pode em favor da lavoura do que a própria fecundidade do solo e em sustentação da integridade nacional do que os exércitos numerosos: é a ciência, que faz a guerra, e distribui a vitória; que ensina a não empobrecer o torrão fértil, e converter a esterilidade mais ingrata na mais opulenta liberdade.²⁸¹

Um dos grandes debates do tempo será também o problema do ensino religioso na escola pública.²⁸² Católicos e maçons, basicamente, (estes últimos em seu grupo de tendência mais liberal do que positivista) se combatiam, tendo os anarquistas e suas “escolas modernas” uma atuação fora das disputas dos círculos mais elitizados.²⁸³ No entanto, a articulação de vários grupos anticatólicos encontra seu ponto comum no anticlericalismo, em que a própria concepção de ciência e instrução aponta para uma questão central: a natureza da ciência deve conduzir à emancipação do pensamento.²⁸⁴

²⁸⁰ Cf. MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Rui Barbosa: pensamento e ação: uma análise do projeto modernizador para a sociedade brasileira com base na questão educacional*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

²⁸¹ BARBOSA, Rui. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Obras completas. Vol. X, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947, p. 16.

²⁸² Para mais detalhes vide CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino Religioso e Escola Pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil*. Educação em Revista. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, n° 17, pp. 20-37, junho de 1993.

²⁸³ VALLADARES, Eduardo. *A educação anarquista na República Velha*. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5024/3566>> Acesso: 13 de junho de 2011.

²⁸⁴ Para uma síntese do tema vide SILVA, Eliane Moura. *Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909)*. Apresentação na Mesa Redonda Maçonaria e Cidadania no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Disponível em

Os católicos, em geral, compartilhavam com os outros grupos, inclusive positivistas, o entusiasmo para com a universalização da alfabetização, enfatizando, contudo, a defesa do ensino religioso nas escolas oficiais.²⁸⁵ De tal modo a reação católica se acende, principalmente a partir de 1916, com a posição exposta na Carta Pastoral de D. Leme. Aos poucos o debate sobre a necessidade da escolarização vai perdendo o foco, tanto que nos anos seguintes, dirá um dos líderes leigos do catolicismo brasileiro, Lacerda de Almeida, o seguinte:

O veso, o costume de músicos de ouvido é buziar contra o analfabetismo, sem cogitar do que fica atrás do analfabetismo, sito é, sem tomar tento na relação de *meio* para *fim*. Instruir por instruir é, em minha opinião, instruir para destruir, e tanto pior é a destruição quanto mais aperfeiçoada é a instrução [...] A escola não vai sem a Igreja; a instrução leiga é uma ideia de funestas consequências [...].²⁸⁶

A ideia central para os católicos era a relação meio e fim. A bandeira comum era a luta contra o analfabetismo, entretanto, quando se procurava demonstrar a tarefa civilizatória da transmissão do ABC, se levantaram vozes de todos os cantos tentando não apenas erradicar o analfabetismo, mas especialmente, encarar uma disputa pelo poder, em meio a reformas parciais, para confirmar o *status quo*, que exige o estabelecimento de novas estruturas de padrões sociais.

Uma das mais significativas formas do padrão de pensamento educacional da década de 1910 foi a de considerar a escolarização um problema vital, uma vez que de seu acertado encaminhamento adviria a solução dos problemas da nacionalidade. A literatura educacional da época deixa transparecer essa preocupação. Os discursos nos diferentes âmbitos, sobretudo político, por intermédio de conferências de intelectuais e escritores, de maneira geral, procuram mostrar que a incultura das massas é a principal causa dos problemas da nação.

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unicamp.br%2F~elmoura%2FMa%25E7onaria%2520Anticlericalismo%2520e%2520Livrepensamento.doc&ei=BbUq7DMqaV0QG_iGoDg&usq=AFOjCNFGSQHdgnhdnK7IAF8yWAMXCDdpTw Acesso: 09-12-2013.

²⁸⁵ Para mais detalhes vide RIBEIRO, Edmundo Souza. *Identidade nacional e a escola católica na República Velha, segundo os intelectuais católicos*: nela se educa o caráter, se forma o coração, se prepara o cidadão, se fortalece o crente. Disponível em <http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/theo/article/view/171> Acesso: 03 de dezembro de 2012.

²⁸⁶ DELAMARE, A. *As duas bandeiras* (Catolicismo e brasilidade). Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924, pp. 12-13.

As dificuldades econômicas, político-institucionais e sociais eram consideradas fruto da falta de patriotismo, de um lado, e, de outro, da falta de “cultura prática”, sinônimo para formação técnica.

Azevedo Sodré²⁸⁷ afirma numa conferência intitulada *O problema da educação nacional*, em 1926, que há exageros e inconvenientes de lutar contra o analfabetismo, considerando a impossibilidade de extingui-lo, mesmo dentro de um século. Sodré finaliza dizendo que se deve “deixar tranquilos os iletrados adultos que trabalham, produzem, não fazem revoluções, não perturbam nem anarquizam nosso meio”, mesmo porque a alfabetização não lhes melhoraria a sorte nem a de sua prole.

Nesse sentido, pode-se observar que o entusiasmo pela educação tomou várias formas e indicou diferentes rumos.²⁸⁸ A disseminação da escolarização, embora constasse em quase todos os programas, às vezes, estava colocada de maneira colateral, pois o funcro recaía numa abordagem político-econômica-cultural.

Era comum a noção de que a educação transforma o indivíduo em força ativa da prosperidade nacional e pública. Esse encaminhamento da questão repercutiu não só no incentivo à instrução primária, mas também em todos os outros níveis, inclusive valorizando muito o ensino profissionalizante. Essa concepção remetia, devido ao seu conservadorismo político, uma vez que reforçava a rígida separação dos papéis sociais e das classes, para um lugar subalterno do “manualismo” da escola primária. Assim, o aspecto técnico-pedagógico da escola normal e as humanidades e habilidades técnico-científicas da escola secundária – à expressão recente desenvolvimento urbano-industrial do chamado “longo século XIX - refletia o ideal republicano de rejeição à retórica monarquista e ao bacharelismo parasita do empreguismo público, sendo ambos os elementos considerados verdadeiras pragas a debilitar o desenvolvimento do país. Aliás, estas “pragas” só poderiam se

²⁸⁷ A referida conferência consta numa pasta sob a rubrica “Assuntos educacionais” na Biblioteca Pública de Porto Alegre, em cópia xerográfica.

²⁸⁸ Para mais detalhes vide NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU; MEC, 1974, pp. 95-124.

desenvolver e vicejar onde grassava a ignorância, motivo pelo qual mais ainda se tornavam relevantes as campanhas cívico-educacionais.

Se comparada à década de 1920, o período que vai de 1870 até 1910 foi mais fecundo na produção de uma literatura crítica sobre a questão de ensino ou da instrução. Os temas e sugestões desenvolvidos por Sílvio Romero e José Veríssimo, entre outros, sintetizam os temas que se desdobrarão nos anos seguintes. A ênfase é dada ao culto da pátria e da valorização da identidade nacional.

O leque de matizes ideológicos, tanto em alianças, muitas das quais efêmeras e instáveis, quanto em luta, irão, todavia concordar que o ensino cívico, incentivador do patriotismo é um elemento importante, senão indispensável, para a formação do cidadão do Estado republicano. Assim, que na década de 1920, já com essa ideia da formação do “patriota”, a mera campanha em prol da escolarização ou da luta contra o analfabetismo ou até mesmo a formação profissional dos “deserdados da sorte” não será suficiente. Passar-se-à a pensar a educação, em *latu sensu*, e não apenas em termos de “instrução”. Por aí os debates se vão encaminhando para novas concepções do que seja cultura, civilização e desenvolvimento.

3.1.4 Simões Lopes Neto orador

Os educadores brasileiros buscavam diversas maneiras para pensar a educação no País, em termos mais amplos, como já ficou patente, que a expansão do sistema escolar. Uma das formas privilegiadas era a conferência.

O escritor pelotense era bastante requisitado como orador, comparecendo, muitas vezes, como representante oficial das diversas sociedades a que estava filiado para proferir discursos e conferências.

Entre as conferências conhecidas, além da *Educação Cívica*, temos diversas outras, tais como *Pedras* (proferida no clube Congresso Português, em 13 de janeiro de 1910), *As jóias* (proferida na então vila de São Lourenço, em 11 de novembro de 1911), *O menino Jesus* (proferida em 27 de setembro de 1913 no Clube Congresso

Português)²⁸⁹, Batalha de Taquari (proferida na Biblioteca Pública Pelotense em 03 de maio de 1916)²⁹⁰. Os discursos de Simões Lopes Neto de que até agora se tem notícia são o da *Exposição-Quermesse*, em benefício da Escola de Comércio do Clube Caixeiral (proferido em 14 de novembro de 1909); o *Discurso da sessão aniversária da Academia de Letras do Rio Grande do Sul* (proferido em 16 de novembro de 1911)²⁹¹ e *Elogio fúnebre de Cassiano do Nascimento* (Pronunciado em 12 de setembro de 1912)²⁹²; *Discurso oficial proferido na inauguração do primeiro Colégio Elementar de Pelotas*²⁹³; *Entrega de Boletins no Tiro 31* (proferido em 17 de agosto de 1913)²⁹⁴ e *O ABC – Apreciação da sociedade política dos três países americanos: Argentina, Brasil e Chile*, (proferida na Liga Operária em 06 de julho de 1914)²⁹⁵.

Relativamente à conferência *Educação cívica*, foi primeiramente realizada em Pelotas e depois repetida em diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul, entre as quais Bagé, São Gabriel, Santa Maria Porto Alegre, Rio Grande e Jaguarão que, segundo Fischer (2013)²⁹⁶, “representam a parcela majoritária do mundo letrado gaúcho da época”.

A conferência foi impressa em duas versões, respectivamente, em 1904 e em 1906. Ainda não se encontrou em abundância as notícias publicadas na imprensa das localidades por onde peregrinou o Capitão. Uma das mais significativas é o caso

²⁸⁹ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O Capitão e o data show*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-02-2014. Centenários Simonianos (VI).

²⁹⁰ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Um discurso desaparecido* (2ª, 3ª, 4ª, 5ª parte e Conclusão). Artigos publicados respectivamente no Diário da Manhã, Pelotas, 30 de junho; 21 de julho, 28 de julho e 18 de agosto de 2013. Centenários Simonianos (III).

²⁹¹ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *A redescoberta de um discurso centenário, síntese do pensamento político-pedagógico-cultural de João Simões Lopes Neto*. Diário da Manhã, Pelotas, (Parte I), 11-09-2011; Conclusão, 18-09-2011.

²⁹² Esse texto não foi localizado.

²⁹³ O texto está publicado no Diário Popular, Pelotas, 19 de junho de 1913. Para um breve comentário desse texto vide BORGES, Luís. *Discurso inaugural do colégio elementar Pedro Osório*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-03-2014, e BORGES, Luís. *Sumário das ideias religiosas de Simões Lopes Neto expostas no Discurso inaugural do Colégio Elementar Pedro Osório*. Diário da Manhã, Pelotas, 23-03-2014.

²⁹⁴ Esse texto não foi localizado. Foi anunciado “a sair” numa publicação do Tiro 31, sob o título *Festas Nacionais*, para o ano de 1918.

²⁹⁵ Esse texto não foi localizado.

²⁹⁶ FISCHER, ob. cit., 2013, p. 232.

de *Educação e caridade*, feita em Jaguarão, título diverso para a mesmíssima palestra.²⁹⁷



Figura 8 - Conferência “Educação e Caridade”
Fonte: Acervo Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão/RS

Percebe-se não só a ampliação na 2ª versão, mas também a alteração substancial de objetivo relativamente à versão de 1904. Seja como for, a versão de 1906 poderá representar a síntese das suas ideias patriótico-educacionais, abrangendo inclusive a publicação dos livros didáticos.

A *Educação Cívica* pode servir como uma espécie de roteiro programático e mesmo um guia para a ação, que o escritor, ao longo da vida, tentou colocar em prática, como se pode observar pelas iniciativas que encetou por meio do incentivo à inauguração de monumentos²⁹⁸, da produção de livros didáticos, da publicação da Coleção Brasileira de cartões postais, da comemoração de festas e datas históricas etc.

²⁹⁷ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto em Jaguarão*. Inédito, 2011.

²⁹⁸ Na conferência *Educação Cívica* (1906, p. 2) o autor reclama a ausência de monumentos e marcos da história. Quando da inauguração do monumento em homenagem a Bento Gonçalves, na cidade de Rio Grande, em 1909, reuniu, sob o título de *Glória Farroupilha* (manuscrito inédito), um uma série de documentos e imagens.

3.1.5 As conferências cívicas: como tudo começou na União Gaúcha e no Tiro 31

Dentro da entidade nativista União Gaúcha tomaram corpo as campanhas em prol da instalação em Pelotas de uma unidade do Tiro de Guerra Brasileiro ²⁹⁹. Em Assembleia Geral presidida por Ildefonso Simões Lopes, no Dia da Independência de 1903, constou na ata o seguinte:

Ligados pelo mesmo desejo de paz, porém, deliberadamente solidários ante o culto cívico da integridade, da ordem e do progresso da Pátria, resolvemos fundar e declaramos fundada a Sociedade de Tiro Brasileiro de Pelotas, sob os moldes e para os fins da Confederação do Tiro Brasileiro.³⁰⁰

Nesta época, embora Simões Lopes Neto já integrasse o quadro de associados da União Gaúcha, na qual ingressou em 1901 ³⁰¹, não fazia parte da diretoria, o que só ocorrerá em 1905 ³⁰². O novo presidente da entidade só tomaria posse 23 dias depois de eleito. Todavia, não esperou quaisquer trâmites burocráticos para continuar defendendo a causa da implantação de um Tiro de Guerra em Pelotas. Postou telegrama ao senador Pinheiro Machado e ao deputado Ildefonso Simões Lopes, congratulando-se com a aprovação do projeto da Federação do Tiro Brasileiro ³⁰³.

Sucessivas protelações decorrentes da necessidade de mudança da sede social e crescentes dificuldades financeiras da União Gaúcha impediram, apesar do empenho do Velho Capitão, que a sociedade de tiro se concretizasse sob o seu mandato na entidade tradicionalista.

²⁹⁹ Os Tiros de Guerra são uma instituição militar encarregada de formar reservistas para o exército. Estão estruturados de modo que o convocado possa conciliar a instrução militar com o trabalho ou estudo. Sua origem remonta ao ano de 1902 com o nome de “linhas de tiro”, quando Antônio Carlos Lopes fundou, na cidade de Rio Grande/RS, uma sociedade de tiro ao alvo com finalidades militares. Sob o influxo de campanhas patrióticas, das quais será o baluarte Olavo Bilac, foram criadas várias linhas de tiro, estrategicamente localizadas nas cidades maiores de cada região. Vários intelectuais e amigos próximos de Simões Lopes Neto, tais como Januário Coelho da Costa, Fernando Osório e Joaquim Luis Osório estiveram com ele na fundação, divulgação e administração do Tiro de Guerra 31, em Pelotas. Para mais detalhes vide: OSÓRIO, Joaquim Luis. Relatório [da] Sociedade de Tiro Brasileiro de Pelotas, nº 31 da Confederação de Tiro Brasileiro. Pelotas, Impr. a Vapor Livraria Universal de Echenique & C., 1910.

³⁰⁰ Apud MOREIRA, Ângelo Pires. *O civismo e o espírito militar de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1999, p. 25.

³⁰¹ DINIZ, Carlos, ob. cit., p. 112.

³⁰² Idem, pp. 142-143.

³⁰³ Idem.

Pode-se observar que o escritor utilizava a União Gaúcha para fomentar as atividades cívicas. Foi eleito presidente na reunião de diretoria de três de setembro de 1905, tomando posse uma semana depois.³⁰⁴ Em 11 de dezembro o escritor solicita uma licença, assim permanecendo até a data de 16 de fevereiro do ano seguinte, quando comparece a uma reunião para relatar a “maneira cativante” com que foi recebido nas diversas cidades que visitou no estado, solicitando, pois, que a entidade “chamasse a si estas distinções que lhe foram feitas em caráter oficial” por associações congêneres e clubes sociais.³⁰⁵ O motivo da viagem era a cruzada cívica que o autor encetou pelo Rio Grande do Sul, conforme se constata a respeito de sua presença em Bagé, anunciada por meio da imprensa.³⁰⁶ Simões Lopes Neto, entretanto, só retornaria da última conferência, proferida em Porto Alegre, em 11 de janeiro de 1906.³⁰⁷

Reassumiria o exercício da presidência da União Gaúcha somente em junho desse ano, justificando a prorrogação do licenciamento em razão de que se havia demorado numa viagem ao Rio de Janeiro.³⁰⁸

Assinala o biógrafo Diniz³⁰⁹ que a viagem realizada pelo escritor à Capital Federal deu-lhe uma noção exata da reformulação urbana - comprometida com as ideias relativas ao sanitarismo, à modernidade e o progresso - levada a cabo pelo prefeito Pereira Passos³¹⁰. Tal impressão não será facilmente esquecida, permanecerá vívida anos depois, conforme se pode ver no artigo *Pelotas e a higiene*, publicado no jornal A Opinião Pública, em 21 de dezembro de 1912.

Ainda nos meses de julho e agosto de 1906 Simões Lopes Neto estará envolvido na implantação da linha de tiro, pretendendo, segundo relata Diniz, convidar o Presidente da República, Afonso Pena, que estava para vir a Pelotas,

³⁰⁴ Idem, p. 143.

³⁰⁵ Idem, p. 144.

³⁰⁶ A Opinião Pública, Pelotas, 20-12-1905.

³⁰⁷ A Opinião Pública, Pelotas, 11-01-1906.

³⁰⁸ DINIZ, ob. cit., p. 144

³⁰⁹ Idem, pp. 144-145.

³¹⁰ Para mais detalhes vide BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: SMCTT, 1990.

para presidir o ato de inauguração.³¹¹

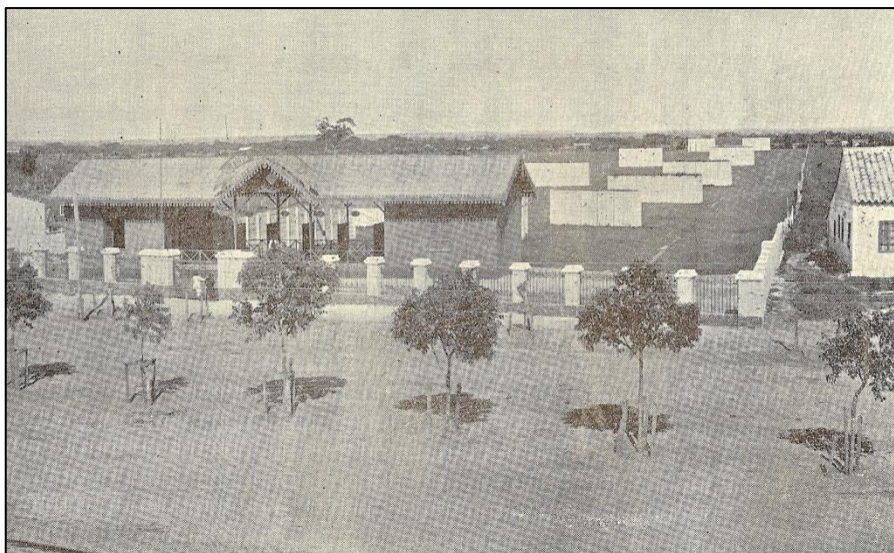


Figura 9 - Pavilhão da Linha do Tiro 31
Fonte: OSÓRIO, Fernando Luís. *Pátria Nova*. Pelotas/RS, nov. 1916.

Em propaganda da iniciativa da fundação do Tiro de Guerra em Pelotas, o farmacêutico e, mais tarde, coronel honorário Antônio Carlos Lopes – que auxiliou a implantação do Tiro de Guerra na cidade de Rio Grande, em 1902³¹² - realizou uma conferência sobre o tema, aliado as campanhas apoiadas pela *bizarra* União Gaúcha³¹³. Estas campanhas se estenderam até o dia 12 de outubro de 1908, quando foi votada a lei do sorteio militar³¹⁴.

Os primeiros exercícios realizaram-se em 08 de novembro de 1908, no terreno pertencente a Francisco Barbosa, situado à rua General Vitorino. Posteriormente prosseguiram, com regularidade, nas manhãs de quintas e domingos, no Esporte Clube Pelotas, suspendendo-se as atividades apenas no rigor do inverno, em função das dificuldades que a bruma invernal oferecia à visibilidade

³¹¹ DINIZ, ob. cit., p. 145.

³¹² BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha (Orgs). *A educação cívica e o espírito militar na visão do capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto* (1865-1916). O gaúcho. Órgão de divulgação das atividades do Instituto de história e tradições do Rio Grande do Sul. Academia de história militar terrestre do Brasil. Delegacia gen. Rinaldo Pereira de Câmara, n. 19, 2003, p. 2. Para mais detalhes sobre a implantação do Tiro Brasileiro em Rio Grande vide GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Revista do Exército, v. 139, pp. 20-22, 2002.

³¹³ Expressão utilizada no texto do Almanaque de Pelotas, 1918. Era também utilizada de forma corrente, mas não pejorativa, na imprensa de Pelotas, como se pode observar no A Opinião Pública, Pelotas, 16-07-1916.

³¹⁴ Para mais detalhes sobre a questão do sorteio militar vide GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. *70 anos do sorteio militar*. A Defesa Nacional, n. 729, pp. 120-139, jul/ ago. 1987.

dos alvos. O terreno definitivo para a linha de tiro só foi adquirido de Antônio Ribas, em abril de 1914.³¹⁵

As atividades do Tiro de Guerra 31 não se restringiam a exercícios militares, abrangiam também a formação cultural de seus integrantes, através da Banda Marcial e da fundação de uma biblioteca de obras cívicas. Além disso, o Tiro 31 dispunha de um grupo de escoteiros.

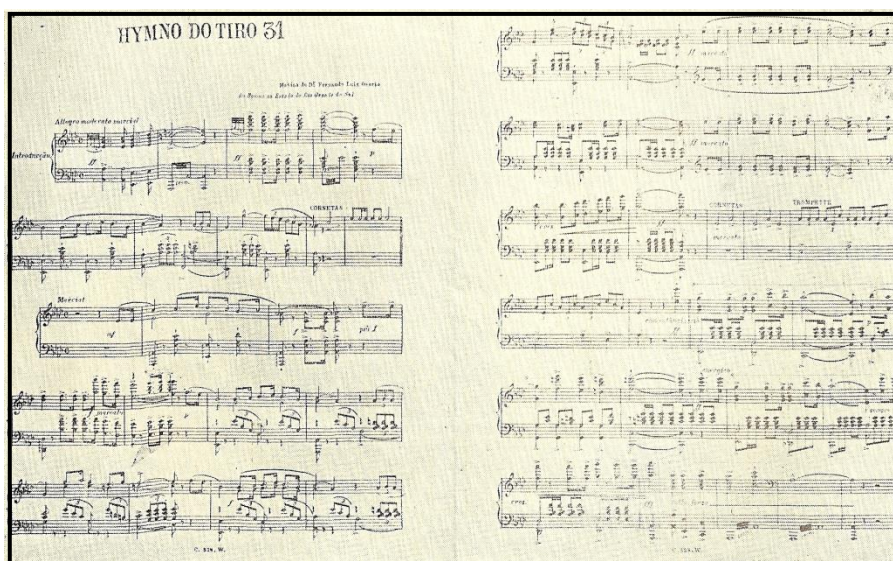
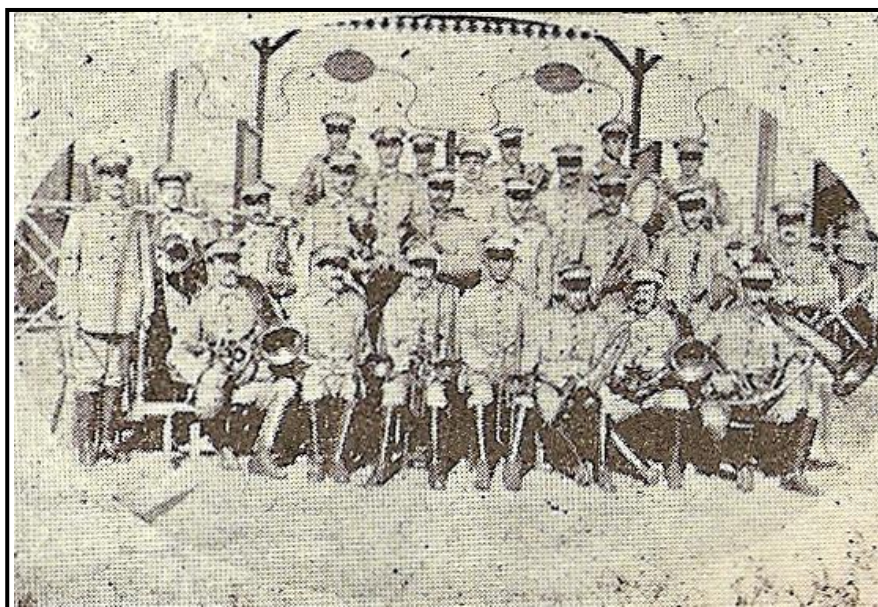


Figura 10 - Partitura Hino do Tiro de Guerra 31
Fonte: Acervo Espaço Blau Nunes



³¹⁵ S. Tiro 31 no aniversário de sua instalação. Almanaque de Pelotas, p. 164, 1918.

Figura 11 - Banda do Tiro de Guerra 31
 Fonte: OSÓRIO, Fernando Luís. *Pátria Nova*. Pelotas/RS, nov. 1916.

Em novembro de 1909 o Tiro de Pelotas foi incorporado, na primeira categoria, à Confederação Brasileira, sob o nº 31, mas que, em verdade, deveria tê-lo sido feito sob o nº 2, pela precedência da propaganda feita no Brasil, pelas cidades de Rio Grande e Pelotas. O fato é que ocorreu uma demora na obtenção de um terreno em condições de receber a linha de tiro e também na homologação dos documentos necessários à incorporação, em vista de uma dúvida surgida quanto à naturalidade do sócio Ricardo Peckmann.³¹⁶

A sede do Tiro 31 ficava na Avenida Duque de Caxias, onde se encontra hoje a Vila Militar ³¹⁷. Ao Tiro 31 coube o privilégio de possuir a primeira linha de tiro do Brasil, inaugurada, junto com o pavilhão, a 29 de maio de 1910. No entanto, a oficialização da linha de tiro teve lugar apenas a 17 de maio de 1912, cabendo ao intendente municipal, Dr. Cipriano Barcelos, dar o primeiro tiro a uma distância de 300 metros. Na mesma ocasião, o Dr. Joaquim Luís Osório, em seu discurso, conclamou à execução da lei do sorteio militar, cujo adiamento “estava a proporcionar a decadência das instituições de tiro no país” ³¹⁸. Ainda nessa oportunidade, o intendente e o representante da Região Militar, tenente Faria Corrêa, hastearam as bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul, prestando continência à companhia do Tiro, que formou com mais de 60 sócios, sob o comando do aspirante Waldemar Schneider. O comando geral dos pelotões coube ao aspirante Januário Coelho da Costa, a Hugo Algayer (2º tenente-atirador do Tiro n. 4) e ao diretor de tiro Rubens Freitas de Weyne. ³¹⁹

A entrega das cadernetas de notas fez-se em solenidade, em 09 de agosto de 1913, no salão nobre da Intendência, com a presença de autoridades civis e militares, ocasião em que discursou João Simões Lopes Neto. ³²⁰

³¹⁶ S. *Tiro 31 no aniversário de sua instalação*. Almanaque de Pelotas, p. 164, 1918. Pires Moreira (ob. cit., p.25, 1999) faz referência ao fato de que o Tiro de Guerra de Pelotas deveria ter sido registrado sob o n. 2 e não 31, porém, não esclarece os motivos.

³¹⁷ MOREIRA, ob. cit., 1999, p. 26.

³¹⁸ Idem, ibidem, p. 165.

³¹⁹ Idem, p. 167.

³²⁰ Ao que parece esse discurso foi incluído numa das publicações do Tiro 31, sob o título *Festas Nacionaes*, anunciada “a sair” em 1918.

Para o mandato seguinte ao de Joaquim Luís Osório foi eleito presidente, exercendo o cargo de janeiro a dezembro de 1915, o coronel Joaquim Assumpção Júnior que, ausentando-se da cidade foi substituído na presidência do Tiro 31, nos meses de março a outubro de 1915, por João Simões Lopes Neto³²¹.

Quer nos parecer que a última conferência proferida pelo Capitão, em suas cruzadas cívicas, foi a 03 de maio de 1916.³²² Nesse mesmo ano, a presidência da entidade ficou a cargo do Dr. Fernando Osório, que em seu relatório concitou os sócios a “marcharem na mesma fileira, pela exaltação do patriotismo, fé consciente, visão objetiva, brilhante e fecunda atividade”³²³. Nessa ocasião, em meio às muitas atividades do Tiro de Guerra 31, faleceria aquele que por seus serviços prestados à causa patriótica, especialmente à própria instalação do Tiro, seria cognominado o “evangelizador do civismo rio-grandense”³²⁴.

Fernando Osório, em seu Relatório do Tiro 31 assim se manifestou sobre o falecimento do escritor:

Cumpro o doloroso dever de assinalar o falecimento do querido e saudoso amigo, benemérito rio-grandense João Simões Lopes Neto, sobre cujo ataúde depositou uma coroa esta Sociedade, comparecendo incorporada ao enterro, tomando luto por 3 dias./Toda nossa mágoa acentuou-se na piedosa homenagem tributada à memória do inolvidável consórcio, na romaria ao seu túmulo, por ocasião da estadia nesta cidade do excelso paladino da defesa nacional Olavo Bilac, - através da palavra comovedora e lapidar do ilustre consórcio Dr. Manoel Serafim Gomes de Freitas.³²⁵

³²¹ S. Tiro 31 no aniversário de sua instalação. Almanaque de Pelotas, p. 166, 1918. Para um artigo relacionado ao assunto vide: BORGES, Luís. *Um discurso desaparecido* (1ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 16-06-2013; *Um discurso desaparecido* (2ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 30-06-2013; *Um discurso desaparecido* (3ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 21-07-2013; *Um discurso desaparecido* (4ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 14-07-2013; *Um discurso desaparecido* (5ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 28-07-2013; *Um discurso desaparecido* (Conclusão). Diário da Manhã, Pelotas, 18-08-2013. Obs: Série Centenários Simonianos III (2013).

³²² OSÓRIO, Fernando. Relatório do Tiro 31, 1916, p. 7.

³²³ S. Tiro 31 no aniversário de sua instalação. Almanaque de Pelotas, p. 166, 1918.

³²⁴ Idem, p. 169.

³²⁵ Relatório do Tiro 31, 1916, p. 14. Manoel Serafim Gomes de Freitas nasceu em Piratini aos 23-12-1880, falecendo em Pelotas em 06-06-1969. Agrônomo e bacharel em Direito foi um dos fundadores da Escola Agrícola Eliseu Maciel, tendo sido também professor na Escola de Comércio. Foi confrade de Simões Lopes Neto durante a 1ª fase da Academia de Letras do rio Grande do Sul, em 1910. Dedicou-se também à confecção de livros didáticos, publicando sob os auspícios as Intendência de Pelotas, pela editora Globo, sua obra *50 Lições Rurais - para a instrução primária municipal*, em 1929.

Pelo exposto, conforme se pode constatar, o Capitão estava profundamente Imbuído da ideologia nacionalista, na feição que o positivismo brasileiro lhe outorgou. João Simões Lopes Neto estabeleceu nas conferências cívico-educacionais o seu programa, que compreenderá, além destas, a criação do Tiro de Guerra em Pelotas, a coleção Brasileira de cartões postais, a feitura de livros didáticos etc.

3.2 A CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO CÍVICA COMO MATRIZ PROGRAMÁTICA DO PROJETO CÍVICO-PEDAGÓGICO DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO (gramática hífen)

Pode-se perceber que, pelo menos, a partir de 1904, quando Simões Lopes Neto profere em 17 de julho, a conferência *Educação Cívica* nas dependências da Biblioteca Pública Pelotense ³²⁶, que até o final de seus dias, a despeito de todas as decepções, das agruras pessoais e financeiras e dos problemas de saúde, o escritor nunca arrefeceu de seu ardor cívico. Tanto assim que Fernando Osório, em 1916, então presidente do Tiro de Guerra 31, convidou o escritor para pronunciar uma conferência relativa a um feito das armas farroupilhas (Batalha de Taquari), ao qual Simões Lopes Neto, já com a saúde combalida, aceitou realizar a palestra Biblioteca Pública Pelotense, a qual fazia parte de uma série comemorativa das datas nacionais ³²⁷. Faleceria pouco mais de um mês depois.

Da *Educação Cívica*, em qualquer de suas duas versões, depreende-se um plano que o autor vai, com sucessos e fracassos, meio aos trambolhões, colocando em prática. Demos exemplos aleatórios, apenas para ilustração.

³²⁶ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica* - "Terra Gaúcha" (apresentação de um livro). Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano I (1904), v. I, pp. 47-59, Pelotas: Livraria Comercial, 1905.

³²⁷ A Opinião Pública, Pelotas, 02-05-1916. Cabe ressaltar que no texto Aviso, pertencente ao livro didático *Terra Gaúcha* – Histórias de infância (2013, p. 151), há um trecho em que o autor, mais uma vez, expressa seu apreço pelo gênero conferência como recuso pedagógico: "– Tomaram nota? Todos? E a fim de estar conhecida, antes do dia 24 de fevereiro, a série das pequenas conferências referentes às datas do mês de janeiro, agora, já na próxima quinta-feira vamos começar a [...] Depois seguiremos pela ordem. têm entendido? Está dado o aviso. Eu farei a primeira conferência, relativa ao dia 1º de janeiro; a segunda caberá ao... ao..."

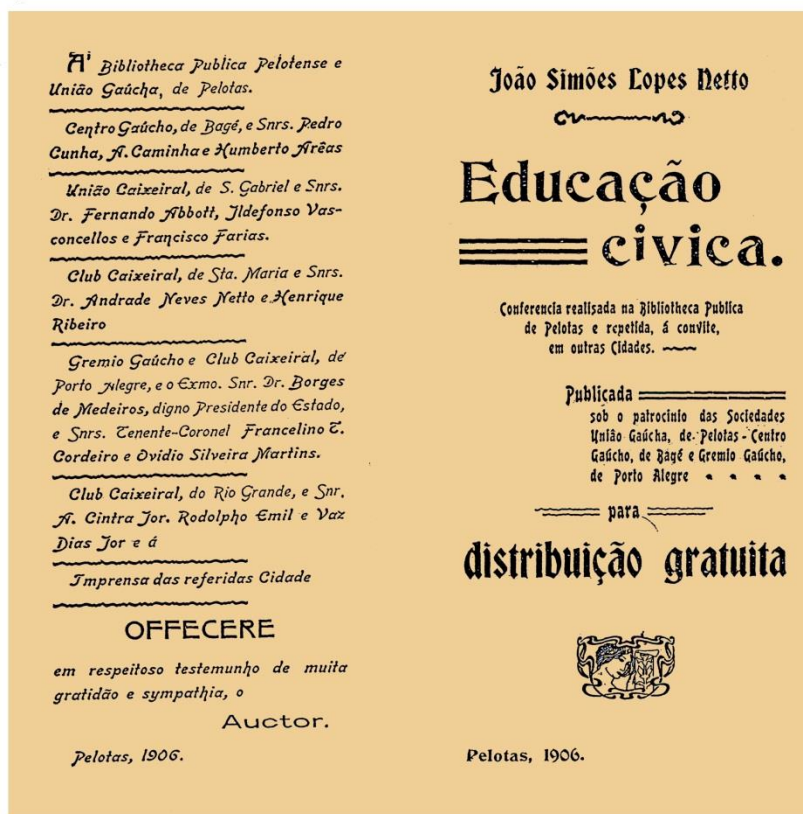


Figura 12 - Capa da 2ª versão da conferência Educação cívica (1906)

Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

Talvez, de maneira um tanto inconsciente, o escritor abre sua conferência com uma imagem já batida na retórica do tempo: o símbolo da árvore. Na literatura, principalmente, desde os primórdios até o parnasianismo no Brasil, que o escritor pelotense conheceu e admirou, observa-se a árvore como símbolo da nacionalidade ou do sentimento patriótico, tal como aparece, entre tantos outros, representada nas frutas de Manoel Botelho de Oliveira, na palmeira de Gonçalves Dias ou no ipê de Martins Fontes³²⁸.

Em 1904, ano em Simões Lopes Netto proferiu sua conferência, foi a vez do Rio de Janeiro aderir à Festa das Árvores. A revista Kosmos, n. 6, na edição do mês de junho, trouxe uma crônica em que se comentava o evento, ocorrido em Paquetá. O cronista, sob o pseudônimo de Gil, escreve sobre a Festa das Árvores. O texto tece elogios ao prefeito Pereira Passos, uma vez que este havia dado apoio ao

³²⁸ Para mais detalhes vide CAVALHEIRO, Maria Thereza (Org.). *Antologia brasileira da árvore*. São Paulo: Editora Bartira, 1960.

evento. Tal procedimento talvez se justifique em função das crenças desenvolvimentistas do político, o qual foi o responsável pelo Bota-Abaixo.³²⁹

Insistindo no simbolismo da árvore, um primeiro exemplo está posto na abertura da Conferência, em que o autor relata uma velha lenda árabe sobre a tamareira solitária e estéril, em que se conta que o profeta Maomé apoiou o pé no momento de subir aos céus e naquele mesmo instante a árvore rejuvenesceu, deu flores e frutificou³³⁰. Assim o orador traça um paralelismo: “Hoje, eu adapto a formosa lenda, seja a árvore da esperança o amor pátrio” [...] ³³¹. Em anelo a esse elemento, em 1909, Simões sugeriu e organizou a Festa das Árvores ³³².

Vale lembrar que no início do século XX o tema da árvore estava profundamente ligado aos assuntos educacionais. Inspirado nos países europeus, especialmente Portugal, e nos Estados Unidos, no Brasil também se desenvolveu uma vasta literatura artística e didática de culto à árvore, como bem nos atesta a bibliografia de escritores como Bilac, Hilário Ribeiro, Gabriela Ferreira França, Adexina Magalhães Pinto, R. Puiggari, Afrânio Peixoto, Rodolfo Teófilo, Aires de Albuquerque Gama, Carlos de Laet e tantos outros ³³³.

Um dos exemplos mais típicos é o da escritora e educadora Júlia Lopes de Almeida, que elaborou um livro didático escrito com o esposo, inteiramente dedicado ao ensino através do conhecimento das árvores.

³²⁹ Para um depoimento de época vide VIEIRA, José. *O Bota Abaixo*. Chronica de 1904. Rio de Janeiro: Editora Selma, s/d. Para uma informação mais ampla vide CARVALHO, Antônio; REBELO, Marques. *O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

³³⁰ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*. Pelotas: União Gaúcha de Pelotas, Centro Gaúcho de Bagé, Centro Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 1. Fischer (ob. cit., 2013, p. 233) considera essa imagem de “contextualização difícil”.

³³¹ Idem.

³³² Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 191-207.

³³³ Esta lista de nomes e outros mais, com suas respectivas obras, retiramo-la a partir de um catálogo da Livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro.

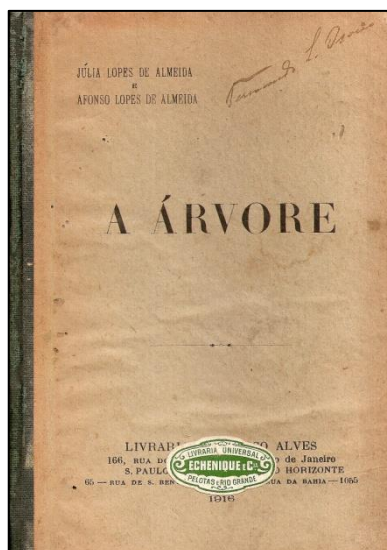


Figura 13 - Capa do livro didático *A árvore* (1916), de Júlia e Afonso Lopes de Almeida
Fonte: Acervo Luís Borges

Na obra de Júlia e Afonso Lopes de Almeida, *A árvore*, encontra-se, depois de alguns provérbios e um poema em que se tece loas às virtudes morais que a árvore inspira, um capítulo dedicado ao pau-brasil, no qual se afirma que “O Brasil deve à árvore toda a sua prosperidade”³³⁴. E adiante: “Mas não são apenas esses benefícios [econômicos] que a nossa terra deve à árvore. O próprio nome do país – Brasil – que todos nós pronunciamos com tanta comoção, foi tirado de uma árvore das nossas matas [...]”³³⁵.

Um autor, a quem Simões Lopes Neto dedicou a lenda do Negrinho do Pastoreio, deve ser especialmente lembrado: Coelho Neto. Possuía não só enorme prestígio literário à época, mas também era conhecido pelo seu ardor patriótico, expresso numa retórica grandiloquente e parnasiana em que louva a árvore:

Ela é a purificadora do ar que respiramos, ela é que nos garante a fonte que jorra para nossa sede e para a rega dos campos, ela é a fiandeira de sóis; - caem-lhe na copa os raios caniculares e ela, desfiando a flama, dá apenas o calor a quem se achega a sua sombra; ela é a medicina, ela é a nossa confidente discreta porque é sob seus ramos que abrimos francamente o coração, deixando livres as saudades e as reminiscências – assim é a árvore viva. Morta ela é tudo – o princípio e o fim: berço e esquife, e entre esses dois pólos, tudo mais é floresta: a casa e o templo, o leite municipal e

³³⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de; ALMEIDA, Afonso de. *A árvore*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916, p. 10.

³³⁵ Idem.

o altar, o carro que trilha os campos, o navio que sulca os mares, o cabo da enxada e a haste da lança, tudo é madeira, é árvore, tudo é floresta!³³⁶

O próprio Simões Lopes Neto voltará ao tema da “árvore da esperança” num trecho de sua *Prece à árvore*:

Oh! árvore da graça!... reserva para um certo dia festivo, todo meu...oh!
Árvore da esperança! guarda no mistério do teu seio o meu tesouro... oh!
Árvore da virgindade! Dá-me tu, só tu, a minha grinalda de noiva, em doce prêmio! Em nome dela eu me devoto a ti! Abençoada sejas, árvore! Para sempre! Abençoada sejas!³³⁷

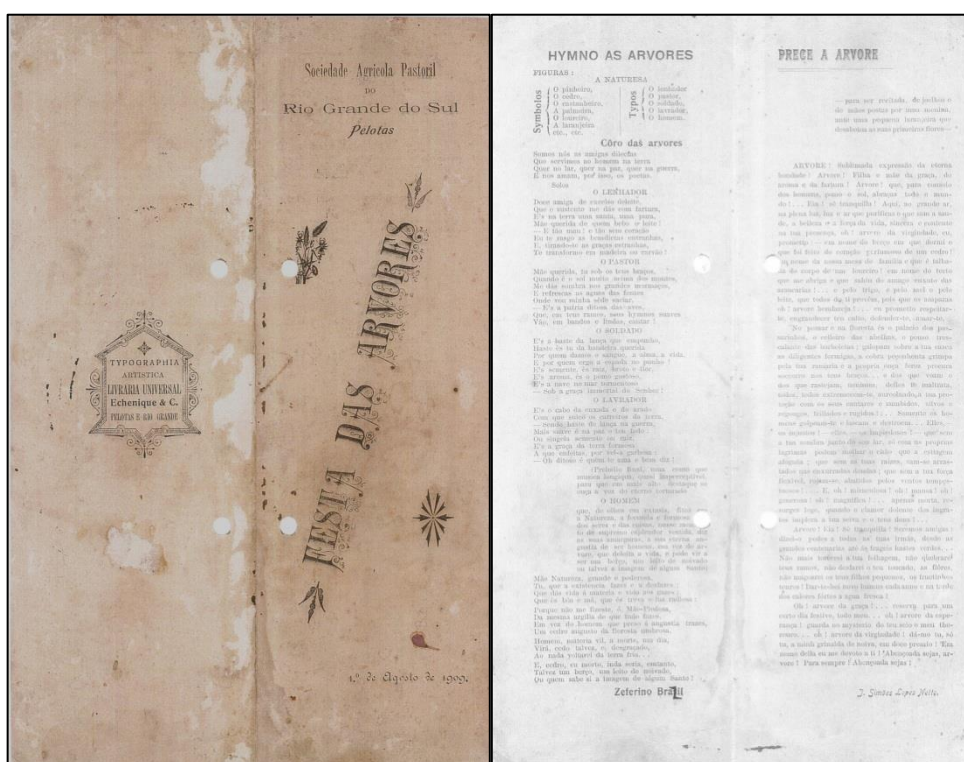


Figura 14 - Carnet Festa das Árvores (1909)
Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

Pelos fatores que já abordados, é possível verificar que nada há de estranho ou estapafúrdio em que Simões Lopes Neto incluisse em suas campanhas cívicas a promoção da Festa das Árvores. Ao contrário, segundo o exposto, as citadas festas já eram de há muito realizadas na Europa e vinham sendo adotadas no Brasil como atividades também de cunho educacional.

³³⁶ Apud CRUZ, 1917, p. 83.

³³⁷ Fez-se apenas a atualização ortográfica, reproduzindo aqui o texto do *carnet*, publicado pela Sociedade Agrícola Pastoral de Pelotas, 01-08-1909.

As próprias cruzadas cívicas não se restringiam a uma iniciativa nacional, segundo Arriada & Tambara (2005) nos relatam, este era um movimento continental:

Em verdade, a questão da “educação cívica” era uma ação “missionária” que grassava em todo o continente. Um exemplo disso foi o texto “Instrucción cívica Argentina”, escrito por Juan G. Bertran, um texto didático para uso nos colégios e na Escola Normal na década de 1910.³³⁸

Tal ideia é corroborada pelo autor pelotense quando expressa na conferência um apelo à integração não apenas da nacionalidade, mas também da América Latina³³⁹.

Outros dois exemplos, tomados ao acaso, para argumentar em favor da pressuposição de que a conferência *Educação Cívica* (1906) pode ser considerada como uma minuta programática do projeto cívico-pedagógico de João Simões Neto se referem à atenção concedida pelo escritor à comemoração das datas nacionais³⁴⁰ e à educação pela imagem, a que o autor também dá grande ênfase.

3.2.1 As datas nacionais

Simões Lopes Neto, ainda que de forma mais branda, retomava a argumentação de José Veríssimo em *A educação Nacional* (1890), atribuindo à herança portuguesa, tanto administrativa, pela excessiva burocracia, quanto

³³⁸ ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *João Simões Lopes Neto - um educador popular ou um popularizador da educação?* In HERZ, Celso; GHIGGI, Gomercindo (orgs). *Memórias, diálogos e sonhos do educador. Homenagem a Balduino Antônio Andreola*. Santa Maria, 2005, p. 239. Para mais detalhes sobre as relações entre autores platinos e rio-grandenses, em especial de Pelotas, sobretudo no âmbito da educação cívica vide: ARRIADA, Eduardo. *Uruguay y Brasil: influencias e aproximaciones en el campo intelectual* (Texto inédito).

³³⁹ LOPES NETO, J. S., ob. cit. 1906, p. 19. Um exemplo a ser lembrado de sua preocupação com a integração latino-americana é a conferência que o escritor proferiu em 06 de julho de 1914, na Liga Operária (Pelotas), sob o título de *O ABC – apreciação da sociedade política dos três países americanos: Argentina, Brasil e Chile*.

³⁴⁰ Na conferência *Educação Cívica* (1906, p. 10) Simões Lopes Neto reclama da indiferença do brasileiro em comemorar os feriados cívicos e da forma desrespeitosa com que se tratam os símbolos nacionais, tais como o Hino e a bandeira. Além disso, em seu livro de leituras escolares, *Terra Gaúcha – Histórias de infância* (2013, pp. 16-17), no texto “A festa”, o protagonista Maio relata sua experiência numa cerimônia cívica: “Houve muitos discursos; quatro bandas de música tocaram ao mesmo tempo o hino nacional, e todos os assistentes logo se levantaram e deram muitos vivas, e muitos meninos também gritaram “Viva!”; até eu gritei, apesar de não saber pelo que era; só de entusiasmo de ouvir a música do hino. No meio do ruído ouvia-se mesmo muito bem a voz fina da meninada. Por fim veio o melhor da festa: foi uma farta distribuição de fitas, para as meninas, e de bandeirinhas, para os rapazes; tudo das cores nacionais – verde e amarelo – e tudo muito bem feito.”

religiosa, principalmente pelos efeitos funestos da educação jesuítica, pouco afeita às ciências, parte da responsabilidade pelo atraso do Brasil.³⁴¹ O autor, nesse ponto, é um pouco contraditório. De um lado, inflama-se ao lado do escritor paraense criticando os colonizadores, para em seguida mitigar o resultado de sua ação.³⁴²

Certamente, além de Veríssimo e outros, Simões abeberou-se nas ideias – principalmente no que tange à importância das datas nacionais - do educador, jurista e historiador Rodrigo Otávio (1866-1944)³⁴³, que ele menciona explicitamente³⁴⁴.

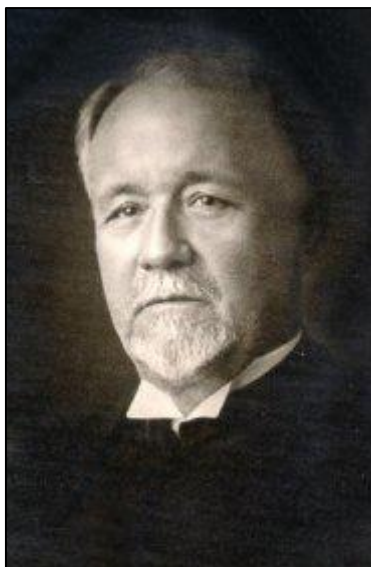


Figura 15 - Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes (1866-1944)
 Fonte: <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=127>>
 Acesso: 10-12-2013

Houve um período em que a colônia portuguesa enfrentou, por parte de alguns intelectuais brasileiros, uma postura lusofóbica. As acusações eram de toda

³⁴¹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 7.

³⁴² Idem, p. 8.

³⁴³ Para dados biobibliográficos de Rodrigo Otávio vide: “Ministros do Supremo Tribunal Federal”. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=127>> Acesso: 10-12-2013. Sua obra é enorme, englobando trabalhos de Direito, História, Literatura e Civismo. Além de *Festas Nacionais* (1893), possui no mesmo gênero *Quinze de Novembro*. Educação Cívica. Rio de Janeiro: Tip. Casa da Moeda, 1894. Outros de seus livros, com certeza, também se encaixavam nos interesses de Simões Lopes Neto: *Homens e Coisas do Paraguai*: Solano Lopez e José Díaz. Revista Brasileira, Tomo VI, pp. 129, 1896; *Felisberto Caldeira*. Crônica dos tempos coloniais. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia. 1900; 2ª edição de Aillaud & Cia., Lisboa, 1921; *A Constituinte de 1823*. Memória apresentada ao Congresso de História Nacional”. - (Rev. do Inst. Histórico, Congresso de Hist. da América, parte 3ª, p. 63, 1914. - Ciências e Letras, Ano III, nº 12, de fevereiro de 1915.

³⁴⁴ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 3. Além deste, o autor cita também Sílvio Romero, Melo Moraes, Varela, Manoel Bomfim.

ordem e envolviam os resquícios coloniais, sobretudo a escravidão. A Monarquia trouxera também os seus males: a marginalização dos homens livres, desvalorizando o trabalho como fator de desenvolvimento econômico e social; o bacharelismo; o clericalismo, os privilégios da lavoura de exportação em detrimento da indústria nacional; a dependência econômica da Europa. Todas essas condenações eram acrescidas da convicção de que se tratava de “uma raça inferior, um povo refratário ao progresso, nosso inimigo em todas as épocas, causador de todos os nossos males e do nosso atraso”, fundamentaram as exortações de “Mata Galego” lançadas pelo incondicional adversário dos portugueses, o jornal O Jacobino ³⁴⁵, folha que se destacou frente outras publicações do grupo pela irreverência e agressividade de sua linguagem. ³⁴⁶

Aos brasileiros natos os portugueses impunham dificuldades, em especial aos assalariados: seu era o monopólio das fortunas no Brasil, a prática de preços exorbitantes no comércio a retalho, sobretudo de comestíveis, e na exploração dos aluguéis das moradias modestas no Rio de Janeiro. ³⁴⁷

Um grupo de intelectuais elaborou a mesma postura intransigente e restritiva em relação aos estrangeiros, sobretudo aos portugueses. Integravam esse grupo, dentre outros, Raul Pompéia, Barbosa Lima e Rodrigo Otávio. Pompéia prefaciou o livro *Festas Nacionais* (1893), de Rodrigo Otávio ³⁴⁸. Nesse texto ele critica a continuidade das vicissitudes da época colonial brasileira, culpando o Império, o domínio da dinastia dos Bragança e sua proximidade com o “partido da colônia” – representativo dos “Escravocratas” e dos “Portugueses”.

³⁴⁵ Em fins do século XIX funcionou na imprensa carioca, como um instrumento importante na divulgação do ideário jacobino, um periódico também responsável pela fomentação do sentimento antilusitano. Os principais jornais jacobinos no Rio de Janeiro eram O Jacobino, de Deocleciano Martyr, e A Bomba, de Aníbal Mascarenhas. Para mais detalhes vide EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1957.

³⁴⁶ QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 105.

³⁴⁷ Cf. RIBEIRO, Gladys Sabina. *“Cabras e pés-de-chumbo”*: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1900). Rio de Janeiro: UFF, 1987. Dissertação de Mestrado. Os aluguéis elevados como um dos principais problemas enfrentados pelos trabalhadores, sobretudo vítimas dos portugueses, pode ser visto na representação literária naturalista, tal como aparece no romance *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, por meio do personagem João Romão. Simões Lopes Neto também fala do preço elevado dos aluguéis no artigo *Pelotas e a higiene*, aparecido no A Opinião Pública, de Pelotas, em 21 de dezembro de 1912 e na crônica *Um corte de criada*, em sua coluna “Inquéritos em contraste” publicada no mesmo periódico, em 12 de junho de 1913, sob o pseudônimo de João do Sul.

³⁴⁸ O livro *Festas Nacionais*. Educação Cívica. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1893, teve diversas edições, pela casa publicadora de Francisco Alves, alcançou 20 mil exemplares entre 1895 e 1921.

Ainda segundo autor de *O Ateneu* (1888), foi “pela força, [que] eles haviam subjugado o “partido emancipador” (de José Bonifácio e dos liberais) e promovido uma política de empréstimos externos (“o regime de déficits financeiros”) beneficiadora dos colonizadores e de seus herdeiros. Apesar da proclamação da República e da atuação diligente do “novo partido da emancipação” no presente (no qual se incluíam os florianistas), tal domínio ainda subsistia pela permanência da orientação econômica imposta pelos “recolonizadores” - ou seja, os comerciantes lusos, os investidores estrangeiros e seus aliados, os restauradores, agentes da “desordem” política e social que então ameaçava o novo regime. Para Pompéia, a emancipação nacional pressupunha, portanto, a revolução da “dignidade econômica” do país ³⁴⁹.

O empenho jacobino ³⁵⁰ em construir “uma sociedade laica e, mais que isso, anticlerical ³⁵¹, sem o bacharelismo pedante [...] onde os grupos urbanos tivessem maiores oportunidades” e “um Estado republicano nacionalista voltado para as próprias fronteiras e conduzido por um governo forte”, pressupunha superar completamente o passado, inclusive pelo apagamento dos seus vestígios. Com esse objetivo propuseram a revisão das datas comemorativas (intuito de Rodrigo Otávio) e a substituição de monumentos históricos, a exemplo da troca da estátua de Pedro I (colocada na praça Tiradentes, no Rio de Janeiro) pela do mártir da Inconfidência. ³⁵²

Simões Lopes Neto critica, em diversas oportunidades, o bacharelismo, o latifúndio ³⁵³ e certos aspectos dos privilégios dos oficiais da Guarda Nacional ³⁵⁴.

³⁴⁹ POMPÉIA, Raul. *Carta ao Autor das Festas Nacionais*. In OTÁVIO, Rodrigo. *Festas Nacionais*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1893, pp.14-25.

³⁵⁰ Para uma compreensão do que é o “Jacobinismo” vide RIBEIRO, Gladys Sabina. 1989. *O jacobinismo nos primeiros anos da República*. História: Questões & debates. Curitiba. Vol. 10, n. 18-19; pp. 261-282, junho/agosto de 1989.

³⁵¹ Simões Lopes Neto se envolveu, em 1913, em uma polêmica com a Igreja Católica e criticava, ainda que de maneira mais moderada que o jornalista Antônio Gomes da Silva o clericalismo. Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 85-99.

³⁵² Cf. QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 104-128. Simões reclama da ausência de monumentos na *Educação Cívica* (1906, p. 2).

³⁵³ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), pp. 9-10.

³⁵⁴ Idem, p. 9.

Algumas dessas posições do autor já vinham de fases anteriores, perpassando aquela das conferências cívico-educacionais, e levando-as até o fim da vida. Podem-se citar alguns exemplos disso.

Uma crítica aguda, embora revestida de leveza e comicidade, ao bacharelismo está na comédia-opereta *Os bacharéis* (1894)³⁵⁵. Os elementos dessa sua crítica político-social, todavia poderá ser observada ainda mais de uma década depois tanto na *Educação Cívica*, quanto em outros textos³⁵⁶. Outro caso semelhante é a crítica à Guarda Nacional.

3.2.2 Simões Lopes Neto e a Guarda Nacional: política e educação

Embora se diga – e é verdade – que Simões se orgulhava de sua condição de militar, sua atividade propriamente de caserna foi toda burocrática, retórica e programática. Incorporado à “Briosa”, nunca chegou a entrar em combate, nem mesmo nas escaramuças durante a Revolução Federalista de 1893, em localidades próximas a Pelotas, tais como Canguçu e São Lourenço.

Um pouco mais tarde, apesar de seu respeito às instituições militares, logo em seus primeiros textos jornalísticos, em 1888, no *A Pátria*, de propriedade de seu tio Ismael, o jovem e impetuoso Simões terá, nas *Balas de estalo*, um olhar irônico e crítico em relação à Guarda Nacional:

Havia fardas, fardinhas e fardões,
Homens gordos, magros e barbados,
Sem barba, de bigodes enroscados,
Havia fardas, fardinhas e fardões:

GUERREIROS, bonachões, apacatados,
Luzidios, mimosos, espadagões,
Havia fardas, fardinhas e fardões,
Homens gordos e magros e barbados.

Espadagões e penachos,
Luvas, esporas, talins:

³⁵⁵ Cf. LOPES NETO, J. S.; MENDES, J. G. *Os bacharéis*. Comédia-opereta. Pelotas/PortoAlegre: Instituto João Simões Lopes Neto/Copesul, 2005. Para mais detalhes vide o texto introdutório *A magia do teatro de João Simões Lopes Neto*, de Cláudia Antunes (pp. 13-17).

³⁵⁶ Outro texto em que a crítica ao bacharelismo, embora de maneira não explícita, pode ser observada é o artigo *A lei de expulsão dos estrangeiros*, publicado no jornal. *A Opinião Pública*, Pelotas, em 31 de dezembro de 1912.

Todos cheios de quindins,
 Espadagões e penachos,
 De inveja piores que chins:
 Deixando-nos cabisbaixos:
 Espadagões e penachos,
 Luvas, esporas e talins!

Dou um dente, quebro um braço,
 Quebro os óculos, torço o pé,
 Escorrego e caio até,
 Dou um dente, quebro um braço
 Por sua vez a BRIOSA como é:
 Seguindo da glória um traço!
 Dou um dente, quebro um braço,
 Quebro os óculos, torço o pé.³⁵⁷

A crítica simoniana, algo irônica, tinha razão de ser. Murilo de Carvalho³⁵⁸, um estudioso da história militar brasileira, afirma que os oficiais de formação positivista, muito distantes dos problemas de caserna, eram, na verdade, bacharéis fardados, competindo com os bacharéis sem farda.

A Guarda Nacional foi criada através de lei em 1831, assegurando-se aí o direito de cada proprietário de terras ter a quantidade de homens armados que o seu dinheiro pudesse permitir, evidenciando a relação intrínseca entre o poder militar e o latifúndio. Os oficiais da Guarda Nacional nada mais eram então que latifundiários guindados a uma patente militar, porém, a lei estabelecia que eles eram “iguais em nobreza aos de tropa de linha”.³⁵⁹

³⁵⁷ Apud MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 18. A edição original foi no A Pátria, Pelotas, 11-09-1888.

³⁵⁸ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador*. In FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. Tomo III, vol. 2. Sociedade e instituições (1899-1930). 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, pp. 181-256.

³⁵⁹ Cf. GOLDONI, Aline Cordeiro. *Estabelecendo a ordem: a formação da Guarda Nacional e sua importância na manutenção da ordem interna durante a guerra com o Paraguai (1864-1870)*. OPSIS, Revista do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG, Campus Catalão, v. 12, n. 2, pp. 48-71, jul./dez. 2012.

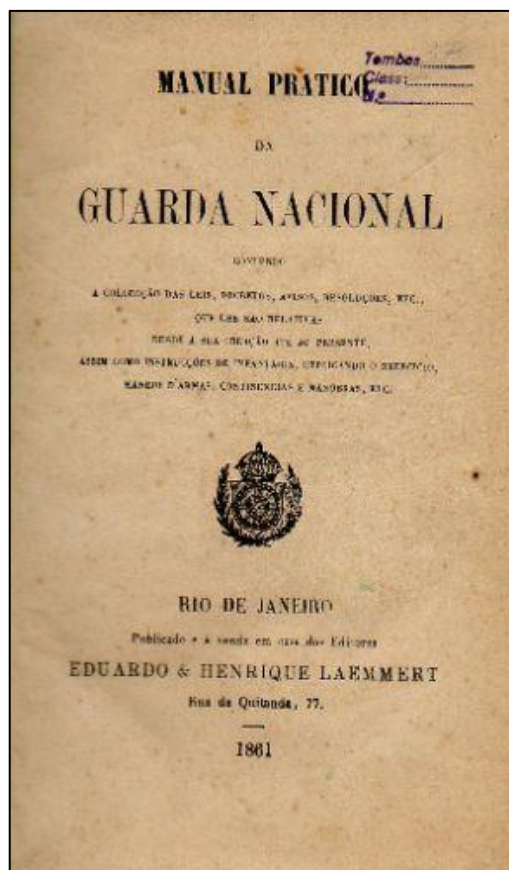


Figura 16 - Capa do manual prático da Guarda Nacional (1861)
Fonte: Acervo Ramão Costa

Um dos principais problemas do Exército era a sua desprofissionalização e seu consequente despreparo, o que ficou nítido na Revolução Federalista (1893-1895), na humilhante “vitória” de Canudos (1896-1897) e, posteriormente, na Revolta dos Marinheiros (1910). Estes são exemplos em que um grande número de homens com armamento superior conseguiu vencer revoltosos com muita dificuldade e empregando uma violência desmedida, objetivando desmobilizar qualquer reação ao poder, uma vez que cada vez mais seus resultados eram vexatórios, jogando as forças armadas no descrédito e numa profunda crise de imagem, ao contrário do que o patriotismo oficial tentava mostrar.

Um dos fatos que prejudicou a imagem dos militares frente à opinião pública foi o atentado contra Prudente de Moraes (1841-1902), o primeiro presidente civil da república, que governou o País, embora eleito em 1894, efetivamente apenas no período de 1897-1898. Repercutiu muito negativamente o atentado, com o agravante de que o episódio redundou no assassinato do ministro da guerra, o

general Carlos Machado Bittencourt, com uma punhalada fatal desferida por Marcelino Bispo de Melo ³⁶⁰.



Figura 17 - Manchete sobre o atentado, Jornal do Brasil, em 06 de novembro de 1897.

Fonte: Acervo Espaço Blau Nunes

A corrupção, os desmandos, o desprestígio e a desprofissionalização dos militares exigia providências. As reformas começaram entre 1902 e 1906, com medidas tomadas por Hermes da Fonseca, então ministro da guerra, herdeiro político de Deodoro. É, contudo, o barão do Rio Branco quem vai adotar políticas mais definidas e incisivas.

Partem nos anos de 1906, 1908 e 1910 turmas de jovens cadetes brasileiros para estagiar junto ao exército alemão, ali conhecendo as ideias de Clausewitz ³⁶¹ e Moltke ³⁶². Esses doutrinadores entendiam que a política é que fixa objetivos, cabendo ao exército, até mesmo através da guerra, cumpri-los. Para tanto, o chefe militar deve mobilizar o país, a fim de criar condições econômicas e institucionais que garantam o sucesso das metas a serem atingidas. A nação inteira militariza-se, o cidadão é o patriota, aquele que persegue o objetivo do fortalecimento da nacionalidade.

³⁶⁰ Para mais detalhes vide BARRETO, Amaral Antônio, *Prudente de Moraes: uma vida marcada*, Editora I. H. G. S. P., 1971.

³⁶¹ Para mais detalhes vide MANSILLA, Armando B. *La actualidad del pensamiento de Carl Von Clausewitz*. Revista de Estudios Sociales, CESO, Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales, nº 16, pp. 23-28, outubro de 2003. Disponível em <<http://publicacionesfaciso.uniandes.edu.co/paginas/res/rev16.pdf>> Acesso: 05-07-2013.

³⁶² Para mais detalhes vide BUCHHOLZ, Arden. *Moltke and the German Wars (1864-1871)*, Palgrave Macmillan, 2001.

Os oficiais que voltaram da Alemanha, em 1904, foram chamados de “jovens turcos” por causa de uma renovação das ideias e práticas militares acontecidas na Turquia, patrocinadas pelo Exército. Nesse mesmo ano, a Escola Militar de Praia Vermelha havia sido fechada pela participação de seus alunos numa revolta popular. Mais tarde, esses jovens fundam uma revista de divulgação sob o título de *A defesa nacional*, em que procuram incutir nos velhos militares com *espadas e penachos, luvas, esporas e talins*, conforme deplorava Simões Lopes Neto em suas *Balas de estalo*, as novas idéias de organização do exército e mobilização nacional.³⁶³

Com o fechamento da antiga Escola da Praia Vermelha, necessitava-se de uma nova agência de formação militar. Em 1911 funda-se a Escola de Realengo. A nova escola precisa de professores, cargo para o qual são aproveitados os “jovens turcos”. Não se limitavam ao ensino na escola militar. Em 1915, apoiaram ostensivamente a campanha de Olavo Bilac em prol do serviço militar obrigatório, cujo principal significado para o poeta era a expansão da alfabetização, mas que para eles visava estabelecer o efetivo controle pelo próprio Exército dos meios de recrutamento de seus quadros.

Os chamados “jovens turcos” alteraram não apenas a organização administrativa do exército, mas também aspectos de cunho ideológico, tais como a noção de “defesa nacional”, abandonando a concepção de defesa apenas como proteção das fronteiras e integridade do território, incluindo nesse conceito a ideia de mobilização de recursos humanos e criação do “espírito de brasilidade”. As modificações efetuadas por esses jovens oficiais em sua cruzada contra os “bacharéis fardados” termina na extinção da Guarda Nacional, em 1918, pelo presidente Wenceslau Brás.³⁶⁴

Podemos observar que Simões, embora orgulhoso de sua condição de capitão da Guarda Nacional, em suas conferências de 1904-1906, apoia as transformações ocorridas no âmbito do poder militar e está impregnado das ideias

³⁶³ Cf. McCANN, Frank. *Soldados da Pátria - História do Exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³⁶⁴ Cf. COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: O Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

renovadoras dos “jovens turcos”, das quais Bilac e Coelho Neto foram divulgadores.

No livro escolar *Terra Gaúcha – Histórias de infância* (2013), de João Simões Lopes Neto, encontram-se dois textos muito interessantes quanto a esses aspectos: *O que nós queremos ser* (pp. 166-168) e *Tudo doutor, tudo coronel!* (pp. 168-169). Nesses textos o autor aborda várias questões relacionadas à escolha da profissão e às distorções da representação no exercício do poder. Uma primeira mirada mostra a distorção social por intermédio das opções profissionais dos alunos (desejam formar-se doutores, fossem médicos, engenheiros ou advogados), militares, inclusive da Guarda Nacional, e cafeicultores:

[...] o Mestrinho foi inquirindo de todos nós a pretensão futura em que pensávamos. E , é engraçado, quase todos os meninos da aula, menos uns oito ou dez, quase todos querem ser doutores, da Guarda Nacional e fazendeiros. Alguns até querem a um tempo. Eu, confesso: se pudesse também seria estancieiro, doutor e capitão.³⁶⁵

Ora, esses eram os grupos que pertenciam e/ou representavam os interesses de classe e se elegiam na política³⁶⁶, inclusive intercambiando esferas de poder, conforme ele denuncia também na *Educação Cívica*:

Na nossa vida pública era corrente termos advogados como Ministros da Guerra da Marinha; mais agora, um médico nomeado para o Supremo Tribunal de Justiça; sentiu-se tão deslocado que pouco depois deu à demissão; um literato foi encarregado do serviço de imigração; um médico dirige o Branco da República, que é, aliás, um constante doente... Os nossos parlamentos são quase totalmente compostos por homens de profissões liberais que quando enfrentam com os grandes problemas de ordem prática, material, veem-se deslocados e ignorantes deles; e daí os embaraços do próprio governo, obrigando a dar interpretações a disposições obscuras e até absurdas algumas.³⁶⁷

³⁶⁵ LOPES NETO, J. S., ob. cit. 2013, p. 168.

³⁶⁶ No texto *O que nós queremos ser* encontramos o seguinte diálogo:

- [...]? Tu já estás decidido?

- Coronel, sim, senhor! E doutor, advogado. E deputado.

³⁶⁷ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 9.

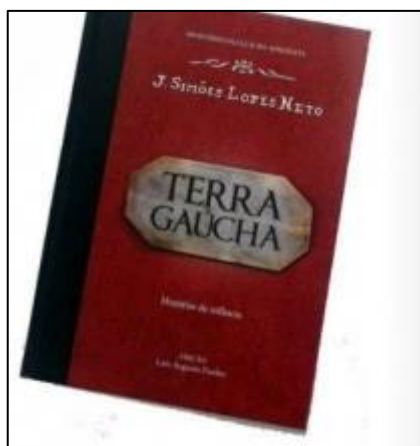


Figura 18 - Capa de Terra Gaúcha – Histórias de infância (2013)

Fonte: <http://revistatanto.com/materiaDetalhe&id=398>
Acesso: 03-03-2014

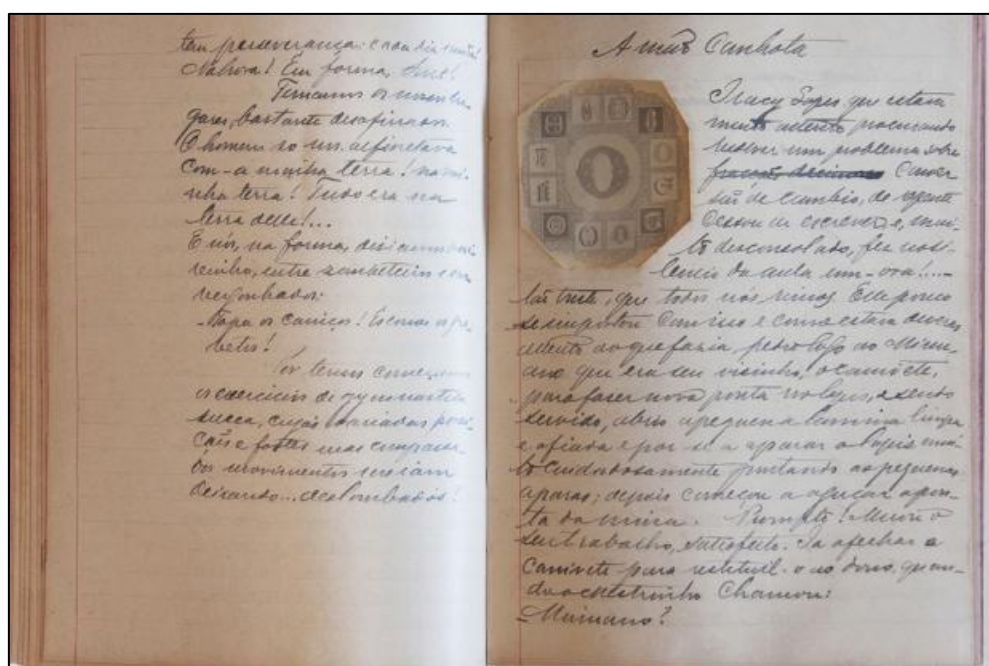


Figura 19 - Manuscrito do livro de leitura Terra Gaúcha

Fonte: <<http://institutojsln.blogspot.com.br/2013/03/livros-ineditos-de-simoes-lobes-neto.html>>
Acesso: 03-03-2014

Além disso, no segundo texto aludido do *Terra Gaúcha – Histórias de infância*, o escritor pelotense declara que essas ocupações, em si mesmas são tão

dignas quanto quaisquer outras (contando com a de ciclista ³⁶⁸ e caixeiro-viajante), contudo, esclarece que se deve ter conhecimento para exercer qualquer função:

Querem ser doutores? Médicos, engenheiros, advogados? É bela a aspiração e mais bela a sua realização, quando o esforço é coroado pelos frutos da verdadeira vocação e do estudo. Mas ser doutor por imitação, por bonito, por [...], chega ser indecoroso. É bom, é necessário, é indispensável que todos os homens aprendam, saibam muito. ³⁶⁹

Desta maneira, a célebre e irônica frase que aparece na *Educação Cívica* parece ganhar um novo sentido de, num primeiro momento, esboçar a apoio às reformas reivindicadas pelas Forças Armadas, em especial pelo Exército, sobretudo como o republicanismo de alguns setores militares a propunha ³⁷⁰, e uma severa crítica às distorções da representação política que impediam a profissionalização das funções técnicas de Governo e, por via de consequência, a modernização do país:

Sem ir mais longe, no atual congresso nacional, que está com duzentos e doze deputados em exercício, haverá noventa advogados, cinquenta médicos, quarenta engenheiros, trinta militares e dois padres. Nem um agricultor, nem um criador de profissão, nem um comerciante, um industrial, um armador! ³⁷¹

É por isso que, conforme se viu, aparece o Mestrinho a ensinar seus alunos sobre esses vícios, que são “coronelato, diploma e latifúndio” ³⁷². De um lado, se configura como uma denúncia e, de outro é uma forma de educação política, que se constitui num dos elementos da educação cívica. Nesse sentido, é que se reforça a necessidade de valorizar as datas nacionais, inclusive do 15 de Novembro. Daí o escritor pelotense recorrer às *Festas Nacionais* (1893), do jurista e historiador campinense. De qualquer modo, diferentemente do que se colocava como um dos objetivos do livro (demarcar nossas datas nacionais para combater a interferência dos portugueses na cultura brasileira) do jurista e historiador Rodrigo Otávio, Simões

³⁶⁸ Esta é uma nota curiosa, em se tratando de um aspecto relacionado à biografia do Autor, que fundou em Pelotas um clube de ciclismo. Para mais detalhes vide: REVERBEL, Carlos, ob. cit., pp. 178-182.

³⁶⁹ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 2013, p. 168.

³⁷⁰ Cf. CASTRO, Celso. *Os militares e a República*. Um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

³⁷¹ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 9.

³⁷² Idem, p. 10.

Lopes Neto não abraça o antilusitanismo.³⁷³ Como se pode ver em seu livro didático *Terra Gaúcha – Histórias de infância* (2013) diz o escritor:

E para coroar tanto poder e para que se não perdesse no mundo o esplendor dessa grande época portuguesa, um poeta escreveu um dos mais monumentais poemas que se conhece.
O poeta é Camões. O poema, *Os Lusíadas*./ Nestes *Lusíadas* valorosos, temos o tronco da nossa raça brasileira. Que melhor origem, que mais gloriosos antepassados poderíamos invejar a qualquer outro povo da terra?³⁷⁴

Assim sendo, o que aproveitou de Rodrigo Otávio foi o reconhecimento da necessidade de incentivar as comemorações das datas nacionais. Simões adverte:

Ainda não instituímos as grandes festas públicas, como as manobras militares e as civis de ginástica, de tiro, de remo, a coincidir com as nossas datas nacionais, a fim de radicá-las no ânimo e ligar a sua tradição a nossos grandes espetáculos, que devem ser como escolas populares, por exemplo./ As nossas poucas chamadas – comemorações [...] em datas oficiais – são monótonas, quando não tristonhas; uma banda de música soprando tangos apenas encobre o tédio das horas que correm.³⁷⁵

João Simões Lopes Neto demonstra compartilhar a intenção de colocar em prática as comemorações das datas nacionais quando de sua eleição para a presidência da União Gaúcha, aos três de setembro de 1905. Na oportunidade, Fernando Osório, em nome da instituição fez um discurso que o incumbia, além de suas obrigações estatutárias, com

o dever de promover outros intuitos patrióticos, como sejam as comemorações das datas nacionais, a instrução teórica e prática do tiro [...], a formação da educação física dos sócios” [...].³⁷⁶

E conclui o orador: “Iniciais a celebração das datas pátrias. Aí estão o 3 de maio, 13 de maio, 7 de setembro, 12 de outubro e 20 de setembro exigindo recordação e homenagem.”³⁷⁷

³⁷³ Relata Moreira que: “Em 30 de novembro de 1905, visitou esta cidade [Pelotas] a canhoneira “Pátria”, doada a Portugal pela colônia lusitana residente no Brasil. As homenagens prestadas à guarnição da referida belonave movimentaram, de forma inusitada, a sociedade pelotense e, em especial, a colônia portuguesa face ao extenso programa festivo que foi cumprido”. MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana (LXIII). Diário da Manhã, Pelotas, 15-05-1983. Acrescente-se: Simões Lopes Neto estava nesta solenidade.

³⁷⁴ LOPES NETO, J. S. *Historinha de Portugal*. (Ditado na lição de escrita). TerraGaúcha – Histórias de infância. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, p. 171.

³⁷⁵ LOPES NETO, J. S., *Educação Cívica* (1906), p. 10.

³⁷⁶ Apud MOREIRA, Ângelo Pires. *Página Simoneana* – LXIII. Diário da Manhã, Pelotas, 15-05-1983.

A preocupação de Simões Lopes Neto com a celebração das datas nacionais não se deu, entretanto, a partir de seu envolvimento com o Tiro 31 e a União Gaúcha, no período das conferências cívicas (1904-1906), já em sua coluna “Semaninha”, publicada no jornal *Diário Popular*, em 17 de maio de 1896, reclama do esquecimento das datas nacionais:

O 13 de Maio, por mais que digam, passou num esquecimento quase completo./ A não ser um punhado de homens gratos ainda à memória de alguns abolicionistas locais. Toda a rememoração cingir-se-ia a hastear pavilhões./ Está escrito: brasileiro não tem a fibra dos grandes dias. / Noutro tempo, era uns afamados Te Deuns de 2 de dezembro, do 7 de setembro: quem era da guarda nacional já nas vésperas do grande dia fazia abundante movimento de escovas na farda, limpeza no armamento, sacudidos de farinha de arroz, em que se afogavam as dragonas e outros dourados; os comendadores esfregavam as respectivas veneras; os vereadores batiam as traças das casacas e uma opa andava por empenhos. [...] Festejos de S. João, noites do saudoso Natal e outras e outras... tudo tem sido esquecido ³⁷⁸. / O 13 de Maio, o 15 de Novembro, o 21 de Abril, e tantas outras datas, de grandes comates, pode-se dizer que não são esquecidos - porque são feriados. / O patriotismo guiando-se pelas folhinhas, já na véspera começa a gozar o sueto.../ Às vezes, nem eles sabem ou se lembram a que fato está ligado a data, mas no fim dá certo; é feriado e basta. ³⁷⁹

3.2.3 A educação pela imagem

Quanto à educação pela imagem, além de iniciativas como a coleção Brasileira de cartões postais, que adiante detalharemos, na conferência em questão, Simões reclama a ausência de monumentos e marcos de nossa história ³⁸⁰. Mais tarde, como que procurando colocar em prática suas advertências, quando da inauguração do monumento em homenagem a Bento Gonçalves, na cidade de Rio Grande, cujo lançamento estava planejado para a data emblemática de 20 de setembro de 1909, no ano anterior elaborou um trabalho de cunho histórico, mas de nítido intento didático-patriótico, sob o título de *Glória Farroupilha*, que permanece inédito.

³⁷⁷ Idem.

³⁷⁸ Simões Lopes Neto associava a tradição das festas populares e o cultivo do folclore à condição de incentivo ao patriotismo, perfazendo, portanto, um dos aspectos da educação cívica.

³⁷⁹ BEMOL, S. (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *Semaninha*, *Diário Popular*, Pelotas, 17-05-1896. Apud MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana -CXII. *Diário da Manhã*, Pelotas, 15-04-1984.

³⁸⁰ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 2. Comparar com VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 47.

O autor descreve esse trabalho como “coleção de elementos para subsídio histórico, reproduzido de originais autênticos – Pró-memória de Bento Gonçalves da Silva – Presidente da República Rio-Grandense e Servente do seu Exército”. Ao longo das 32 páginas de que o manuscrito se compõe, pode-se encontrar a preocupação do autor em preservar documentos, valorizando as fontes primárias³⁸¹, além de reforçar a importância dos monumentos como maneira de impedir

o esquecimento dos fatos, do esbatimento dos exemplos e até do olvido dos próceres” [...]. É assim que, para ele, “ergue-se [...] o monumento motivo cívico a Bento Gonçalves da Silva como justiceira síntese de granito em honra à Glória Farroupilha.”³⁸²

Assim é que o autor acaba por recomendar a ampliação dos meios pelos quais se pode educar: “Não só os livros devem ficar consignados [a paisagem e a história pátria]: mais eficazmente as páginas de pedra e bronze ensinam as multidões”³⁸³.

Em *Glória Farroupilha*, além da referência ao monumento, o manuscrito é fartamente ilustrado. Na mesma linha está a Coleção Brasileira de cartões postais, lançada em outubro de 1906.³⁸⁴

Simões não perdia a oportunidade de divulgar os cartões da Coleção Brasileira.

³⁸¹ LOPES NETO, J. S. *Glória Farroupilha* (manuscrito inédito, p. 4).

³⁸² Idem.

³⁸³ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 2.

³⁸⁴ Para mais detalhes vide os seguintes artigos: ARRIADA, Eduardo. *Cartão-postal: um fragmento do passado*. Diário da Manhã, Suplemento DM Cultura, Pelotas, 21-07-1991; SPALDING, Walter. *Uma obra desconhecida de Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 16-03-1965; SPALDING, Walter. *Os cartões postais de Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 06-04-1965; REVERBEL, Carlos. *Coleção Brasileira [1ª série]*. Correio do Povo, Porto Alegre, 10-07-1982; DINIZ, Carlos Sica. *A Coleção Brasileira*. Diário da Manhã, Pelotas, 24-11-1996; KREMER, Flávio. *Coleção Brasileira* (1ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 29-03-2009. KREMER, Flávio. *Livraria Americana e seus cartões postais*. Diário da Manhã, Pelotas, 03-05-2009.



Figura 20 - Cartão n. 11 (1ª Série) coleção Brasileira de postais

Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

Em correspondência de um sócio seu no negócio malogrado (nem chegou a sair da cabeça dos sonhadores) de salga de peixe nas costas de S. José do Norte/RS, de nome Antônio José Pereira, este acusa o recebimento da encomenda ao amigo Quincas Ferreira,

bem como os postais e os folhetos que eu distribuí aos amigos; cumpre-me declarar-vos assim eu procedi, e de agradecer-vos a lembrança para com a minha pessoa. Com atenção li os ditos folhetos [a conferência Educação cívica, publicada em nova versão, em 1906]. E tive a ocasião de apreciar a vossa conferência, que achei sublime. Os postais também achei-os sublimes, principalmente, por recordação dos fastos da História Nacional.³⁸⁵

Dois eram, basicamente, os objetivos da coleção de cartões postais. Segundo Carlos Diniz (1996) eles podem ser assim sintetizados:

O primeiro e mais importante era cultural, porque visava difundir, numa divulgação notadamente popular, episódios que ele denominava “fastos” da história nacional. O outro, sem dúvida alguma, era empresarial, almejando o seu autor obter resultado econômico com a venda do repertório.³⁸⁶

³⁸⁵ MASSOT, Ivete. *Simões Lopes Neto na intimidade*. Porto Alegre: Bels-Sec, 1974, pp. 151-152.

³⁸⁶ DINIZ, Carlos. *A Coleção Brasileira*, Diário da Manhã, Pelotas, 24-11-1996.



Figura 21 - Painei Farroupilha
Fonte: Acervo Fausto Leitão Domingues

Na mesma senda da educação pela imagem, Simões Lopes Neto elaborou, em 1908, o Painei Farroupilha³⁸⁷, também em comemoração ao monumento de Bento Gonçalves a ser erguido na cidade de Rio Grande. Nele vinha impresso Nº 3 e, ao que se sabe, o autor planejava uma revista para acompanhá-lo.³⁸⁸ Outro projeto que permaneceu (e permanece) inédito é o *Arquivo documental ilustrado da Revolução Federalista no Rio Grande de Sul*, datado de 1912.³⁸⁹ Segundo o autor, ele pretendia lançar o trabalho em forma de fascículos.

Nesse trabalho é possível verificar a preocupação do escritor, sempre revestido do intuito historiográfico, de preservar as fontes, entendendo que as ilustrações eram uma parte importante à compreensão da narrativa, uma vez que davam, mesmo parcialmente, acesso direto aos documentos. Afirma Simões Lopes Neto:

O perpassar de duas décadas de repouso tem amortecido a convulsão do rafado e se não é ainda tempo de com serenidade escrever aos contemporâneos sobre o acontecido, nada impede, antes, convém que vão sendo ajuntados os **documentos ilustrados** nascidos do desdobrar do acontecimento, a fim de que, pelo decorrer dos anos não se eles percam,

³⁸⁷ Para mais detalhes sobre o Painei Farroupilha vide: DINIZ, Carlos. *A confraria do Capitão e o painel farroupilha*, Diário Popular, Pelotas, 17-05-2003; SOARES, Mozart Pereira. *Um painel farroupilha de Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 24 -07-1982.

³⁸⁸ O Painei Farroupilha e a revista inédita pertencem ao acervo do bibliófilo Dr. Fausto Leitão Domingues.

³⁸⁹ O manuscrito pertencia ao acervo de Carlos Reverbel, que foi entregue ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

apaguem, trunquem, desapareçam, **fazendo ao depois, quiçá, falta sensível ao texto narrativo.**³⁹⁰

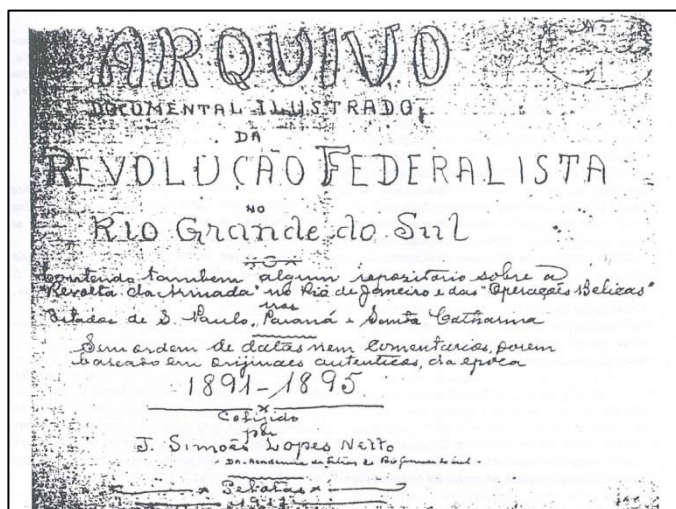


Figura 22 - Capa do “Arquivo Documental da Revolução Federalista”, de J.S. L. Neto
 Fonte: CHAVES, Flávio Loureiro. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: IEL, 1987, p. 15.

Corroborando essa ideia de que a imagem era um elemento fundamental ao entendimento didático de uma exposição, vale trazer um dado interessante. Simões Lopes Neto proferiu uma conferência, intitulada O menino Jesus³⁹¹, em 27 de setembro de 1913, no Clube Congresso Português, de Pelotas (atual Centro Português).

³⁹⁰ Arquivo documental ilustrado da Revolução Federalista no Rio Grande de Sul. Manuscrito inédito, 1912. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Acervo Carlos Reverbel. Grifo nosso.

³⁹¹ O texto do manuscrito inédito é mais amplo do que aquele aparecido no jornal A Opinião Pública, de Pelotas, aos 28 de setembro de 1913. Fazia parte do acervo do Baú de Dona Velha, ficando durante décadas em poder do Dr. Mozart Russomano. Com o falecimento deste, atualmente está nas mãos do bibliófilo Dr. Fausto Leitão Domingues. O biógrafo Carlos Diniz afirma que o manuscrito da conferência encontrado no Baú de Dona Velha registra que a palestra foi repetida no Clube Caixeiral, às 19h, aos cinco de outubro.

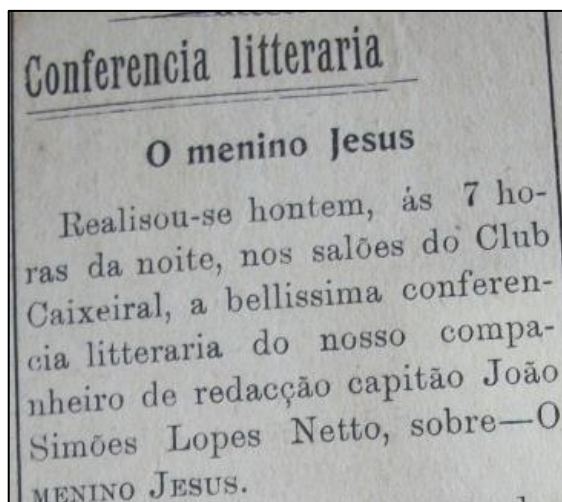


Figura 23 - Anúncio da conferência *O menino Jesus*
 Fonte: A Opinião Pública, Pelotas, 06-10-1913.

Uma curiosidade é que a palestra foi acompanhada de projeções luminosas, trabalho que esteve a cargo “do inteligente estudante Alcides Wetzel”³⁹². A conferência foi paga, sendo o dinheiro das entradas revertido em benefício do Asilo de Mendigos de Pelotas. Após o evento, o presidente da Instituição beneficiada entregou ao orador “um artístico brinde”. Vê-se, pois, que há uma centúria atrás o Capitão já aplicava projeções com fins pedagógicos, antecipando prática tão aferrada em nossos dias.³⁹³

3.3 SIMÕES LOPES NETO, UM PENSADOR SOCIAL?

Não resta dúvida de que o escritor pelotense desde o início de sua carreira literária entretive preocupações sociais e políticas. Seus primeiros textos, aparecidos em 1887, no jornal *A Ventarola*, de Pelotas, demonstram isso claramente.³⁹⁴ O mesmo ocorre em seu triolé *O pobre Tupaveraba* (1888), em que deplora a situação do escravo e critica a classe médica.³⁹⁵

³⁹² Cf. A Opinião Pública, Pelotas, 29-09-1913.

³⁹³ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O Capitão e o data show*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-02-2014. Centenários Simonianos (VI).

³⁹⁴ Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto: verdadeiro “saco de espantos”*. Revista da Academia Pelotense de Letras, v. 3, n. 2, pp. 54-71, 2007. Os trabalhos são *Romance a Zola e Motte*, ambos publicados sob o pseudônimo de João Felpudo. Sobre o primeiro texto vide MONQUELAT, A. F.; TEFEN, Jonas. *Um inédito de Simões Lopes?* Diário da Manhã, Pelotas, 20-05-2014.

³⁹⁵ Para detalhes sobre a descoberta vide ZANELLA, Bianca. *Mais uma novidade sobre o Capitão*. Diário Popular, Pelotas, 21-01-2008. Talvez essa antiga querela com os médicos se deva a sua operação no olho, que não foi bem sucedida. Sobre esse assunto vide o interessante artigo de Guilherme Pinto de Almeida. *O olho do Capitão*. Folha do Instituto João Simões Lopes Neto, ano II, n.

Cabe advertir, entretanto, que a redação de textos de cunho político ou social não faz de um escritor um pensador nessas áreas. Para tanto seria necessário encontrar um certo sistema ou resquícios dele que nos permitissem reconhecer um princípio articulador que fornece às ideias, mesmo fragmentadas ou dispersas, elementos de coesão e coerência. No entanto, devo chamar a atenção para um detalhe: após expor o programa da Revista do Centenário, já de por si relevante, indica o método de que se irá utilizar ao abordar os variados temas: “Daremos os retratos e traço biográfico das individualidades de destaque como **fator pensante**, dirigente responsável da nossa vida urbana” ³⁹⁶. Rubira (2012) ³⁹⁷ destaca que Simões quer dar relevo à contribuição intelectual, ideológica, reflexiva de seus biografados, com vistas a compreender a evolução social e econômica da urbe.

A despeito de não existir literatura sobre o tema supracitado, isto é, a consideração do autor na condição de pensador social, buscou-se angariar argumentos que fundamentassem minimamente essa abordagem. De um lado, cabe evidenciar o interesse constante e variado pelos temas político-sociais e, de outro, a práxis que o literato manteve ao longo de sua vida, em consonância com os ideais que acalentou. Desde, conforme já se disse, dos tempos de sua colaboração na Ventarola até sua última coluna jornalística – Temas Gastos, publicada no jornal A Opinião Pública (de 13 de janeiro a 05 de maio) – em 1916 manteve atenção nos temas sociais. Nessa dialética entre escrita e vivência torna-se fácil verificar sua participação nas mais diversificadas entidades e movimentos.

3,pp. 4-5, abril/maio de 2013. Sua relação com a Medicina ainda é nebulosa, pois embora se tenha sempre dito que o escritor havia cursado até o 3º ano a Faculdade, o biógrafo Carlos Diniz nada encontrou a respeito. Apesar disso, Dona Velha declarou algo surpreendente: que seu marido teria realizado uma operação num homem do campo (Cf. MOREIRA, Ângelo Pires. “Página Simonena”, Diário da Manhã, Pelotas, 25-07-1982), o que não poderia ter acontecido – se é que esta não é mais uma das lendas que envolvem a vida do Escritor – sem os devidos conhecimentos técnicos. Outra curiosidade é que em sua coluna “Página Simoneana”, no Diário da Manhã, de Pelotas, na edição de 25 de dezembro de 1983, o major Ângelo Pires Moreira publicou uma carta de seu primo, o historiador coronel Cláudio Moreira Bento, em cuja missiva este afirmava: “Pois fui saber que estava em teu poder livro editado em Canguçu-Velho em 1857, sobre Medicina, o qual nosso avô Carlos Norberto havia emprestado a Simões Lopes Neto”. Vide também MOREIRA, Ângelo Pires. *J. Simões Lopes Neto e a medicina*. Diário Popular, Pelotas, 31-12-1978. Com certeza, se não estudou Medicina, o autor de *Contos Gauchescos* se interessava pela matéria. Simões também critica os dentistas, vide *Balas de Estalo*, A Pátria, Pelotas, 27-08-1889.

³⁹⁶ Revista do 1º Centenário de Pelotas, n. 1, p.1, 15 de outubro de 1911.

³⁹⁷ Luís Rubira em sua excelente Apresentação ao Almanaque do Bicentenário (2012) destaca, inclusive grifando, interessante comentário sobre essa citação. Cf. RUBIRA, Luís, ob. cit., p. 37.

Não repisaremos aqui amiudadamente o que já foi relatado nas biografias de Reverbel (1981) e Diniz (2003) sobre o criador de Blau Nunes, todavia, podemos recordar sucintamente, a fim de mais enfatizar suas preocupações político-sociais, algumas de suas atividades tanto jornalísticas como institucionais.

Integrou o Clube Ciclista ³⁹⁸ e a Sociedade protetora de animais ³⁹⁹. Propôs e auxiliou a efetivar a Festa das Árvores (1909) ⁴⁰⁰. Participou da Sociedade Agrícola Pastoril, em cujo Congresso, em 1908, apresentou trabalhos ⁴⁰¹. Cabe acrescentar que a intenção do referido evento não se restringia aos debates de cunho técnico ou político-econômico, mas, conforme a imprensa divulgou, se atinha também à necessidade de educar profissionalmente o agricultor, “cuja formação é necessária para o progresso” ⁴⁰². Foi colaborador, redator e diretor de jornal ⁴⁰³, escrevendo uma bela página sobre a missão do jornalista:

É necessário ter uma poderosa armadura. A finura, o golpe de vista, o amor à luta, o respeito a si próprio, que é a melhor das palavras e o que faz a força das respostas; sentimento vivo de humanidade, desconfiança nos

³⁹⁸ Em 14 de novembro de 1897 Simões Lopes Neto foi eleito presidente do Clube Ciclista. Vale observar que a atividade física, entre as quais o ciclismo, se encontrava dentro do programa republicano de fortalecimento físico e moral da nação, tal como expuseram Coelho Neto e Fernando Azevedo. Simões no livro escolar *Terra Gaúcha* (2013), nas lições intituladas “Agora sim!”, “Corda, trapézio, barra, etc” e especialmente “Bracinhos e perninhas” tratam da disciplina corporal. Para mais detalhes, respectivamente vide COELHO NETO, Paulo. *Coelho Neto e os esportes*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1964, e CAMARGO, Elizabeth de Almeida Silveiras Pompêo de. *A poesia do corpo: a defesa de uma moral austera*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000100002&script=sci_arttext> Acesso: 12-06-2014. Para uma visão mais geral vide: LUCENA, Ricardo de Figueiredo, *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. Além disso, o Clube Ciclista em Pelotas se dedicava a ações humanitárias, tal como se pode ver pela notícia divulgada no Correio Mercantil, de Pelotas, em 02-08-1913, em que se relata a realização pelos sócios de uma festa no Prado Pelotense em benefício de Luiz Gruzmark, vítima de acidente automobilístico.

³⁹⁹ Em 25 de maio de 1911 Simões Lopes Neto foi eleito presidente da Sociedade Protetora de animais.

⁴⁰⁰ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 191-237.

⁴⁰¹ Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 183-187; DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, pp. 164-165. Para ler os trabalhos do Autor apresentados ao Congresso vide OTHERO, Darcy Trilha; HADLER, Elmar Carlos (Org.). *Actas. A classe rural resgatando as raízes de sua história*. Pelotas: Textos, 2008.

⁴⁰² “Congresso Agrícola”, *Diário Popular*, Pelotas, 14-10-1908.

⁴⁰³ Para uma visão sintética das ligações de Simões com a imprensa vide DINIZ, Carlos. *Simões Lopes Neto jornalista*. In MATTOS, Barboza de; et al. (Orgs). *II Seminário de estudos Simonianos*. Pelotas: UFPEL, 2001, pp. 33-53.

homens, o dom da comoção, o respeito às opiniões alheias, o desdém dos prejuízos, a fé na vida, tolerância, submissão serena ao labor previsto.⁴⁰⁴

Em verdade sua obra dispersa nos periódicos, tão desprezada por alguns dos mais significativos estudiosos simonianos, testemunha não só sua participação no mundo turbulento das redações e de suas ideias sobre o idealismo que deveria mover alguém no exercício jornalístico, mas também nos reserva um abundante material a respeito de sua reflexão crítica sobre a questão social, política e educacional e mesmo da própria imprensa.

Em sua obra, Simões se ocupa em debater o papel da imprensa. De um lado, por causa de que ela está profundamente vinculada à política e, de outro, porque é vista como fonte de conhecimento e educação – reclama: “O nosso jornalismo, fora a política e as pequenas notícias, escassamente se ocupa do Brasil”⁴⁰⁵. Quanto ao primeiro aspecto citemos um trecho de uma das *Balas de Estalo*:

Dona Imprensa! Condolências!
A senhora é zero, é nada.
Não esteja aqui com pomada:
Dona Imprensa! Condolências!

Tal foi a sentença dada,
Num cenáculo de Eminências,
Dona Imprensa! Condolências!
A senhora é zero, é nada.

Pois toma pro teu tabaco
Ó! Imprensa aventureira;
Não foste criteriosa?
Pois toma pro teu tabaco!
Não quiseste água de rosa

Em rapa-pés ao CONTRATO
Pois toma pro teu tabaco
Ó! Imprensa aventureira.⁴⁰⁶

Assumiu uma cadeira na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1910)⁴⁰⁷, na qual integrou a comissão de história. Dado significativo é que a agremiação que

⁴⁰⁴ O texto foi publicado no número inaugural do A Opinião Pública, em 05-05-1896.

⁴⁰⁵ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*. Reproduzida in MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana. Diário da Manhã, 27-10-1984.

⁴⁰⁶ Estrofes 4 e 5 do triolé publicado no A Pátria, Pelotas, 04-05-1889.

ajuntava esses intelectuais teve em vista não somente o cultivo da arte pela arte, mas também “preservar o gauchismo” e a identidade cultural de nosso estado ⁴⁰⁸. Na entidade proferiu o discurso na sessão comemorativa de um ano de fundação (nova fase), em que traça a trajetória histórica e cultural do Rio Grande do Sul. ⁴⁰⁹ Nesse discurso o orador entusiasma-se pelo pendão cívico do torrão natal, cujos filhos, são os artífices da expansão geográfica do território pátrio. Depreende, pois, que desse amor à terra veio também sua vocação ao progresso:

[...] abriram-se estradas, plantou-se o trigo, teceu-se o linho, iniciou-se a indústria, comércio, uma revolução liberal deu corpo a aspirações, cavilhou-se o barco a vapor, o primeiro do Brasil.

É nos aspectos desta gênese, que tão escassamente sei delinear, que se deve buscar o porquê do retardamento de outra feição nossa, mais amável. ⁴¹⁰

Além disso, no mesmo discurso refere-se ao programa da Instituição:

No programa da Academia – todo social, não se pretende à frivolidade especiosa, mesmo linda, há linhas sérias a seguir pela história, bibliografia, pelo vasto e disperso arquivo do trabalho que dignifica, justifica e estimula a visão do progresso deste lar, que é tão bom amigo, tão bom irmão dos outros tetos dos brasileiros! ⁴¹¹

Simões Lopes Neto escreveu um artigo sobre a Lei de expulsão dos estrangeiros⁴¹², em que critica duramente o Poder Legislativo do Brasil. Ele adverte o leitor sobre a intenção dissimulada do Governo de, ao expulsar os imigrantes, sobretudo os italianos, estaria também procurando cortar pela raiz os ideais democráticos da classe operária que se organizava em sindicatos e entidades de

⁴⁰⁷ Para uma visão sucinta vide LEON, Zênia de. *João Simões Lopes Neto na Academia de Letras*. Diário Popular, Pelotas, 04-02-2006. Para ampliar as informações vide DINIZ, Carlos, ob. cit., pp. 181-182.

⁴⁰⁸ Para mais detalhes vide: “Academia de Letras”. Diário Popular, Pelotas, 11-06-1913. Uma matéria relacionada é “História Gaúcha” contos crioulos, de Alcides Maya, cf. Diário Popular, Pelotas, 21-06-1913.

⁴⁰⁹ Para um panorama do pensamento social e filosófico desse discurso vide: BORGES, Luís. *Um discurso centenário olvidado, síntese do pensamento político-pedagógico-cultural de João Simões Lopes Neto*. Diário da Manhã, Pelotas, (1ª parte), 11-11-2011; Conclusão, 18-09-2011.

⁴¹⁰ Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (sessão aniversário de 11 de junho de 1911, em Porto Alegre) pelo sr. João Simões Lopes Neto, orador oficial da solenidade. Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 8, p. 221, set./nov. de 1911.

⁴¹¹ LOPES NETO, J. S. *Discurso proferido na sessão aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. In MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana. Diário da Manhã, Pelotas, 12-08-1984.

⁴¹² A Opinião Pública, Pelotas, 31-12-1912.

auxílio mútuo, que se insurgiam contra as difíceis condições de trabalho nos grandes centros.

Atuou como conferencista no Centro de Estudos Sociais, de orientação anarquista, liderado pelo advogado e jornalista Antônio Gomes da Silva ⁴¹³. Embora Simões não compartilhasse da filiação ideológica de Gomes da Silva nem fosse tão radical em suas manifestações sobre o clericalismo, junto deste participou de uma ampla campanha anticlerical, cujo alvo era o bispo Dom Francisco de Campos Barreto.

Não bastasse isso, poderíamos acrescentar sua atuação na Biblioteca Pública Pelotense⁴¹⁴, instituição que, por iniciativa sua, responsabilizou-se pelas comemorações do centenário de Pelotas (1912) ⁴¹⁵. Atuou na União Gaúcha, que entre seus objetivos propunha-se a cultivar as tradições rio-grandenses e o sentimento patriótico, visando fins educacionais. Moreira (1983) relata que Joaquim Luís Osório, quando da eleição de Simões Lopes Neto à presidência da União Gaúcha, em três de setembro de 1905, proferiu um discurso em que afirmava que a dita entidade, além de suas obrigações estatutárias tinha o dever de zelar pela instrução teórica e prática do tiro nacional e da educação física dos sócios. ⁴¹⁶

Auxiliou também na execução de importantes eventos tais como o Dia da Bandeira ⁴¹⁷ e o Sete de Setembro ⁴¹⁸, o Jubileu da Imprensa Pelotense (1901) ⁴¹⁹ e

⁴¹³ Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *Antônio Gomes da Silva*. Jornalista, causídico, dramaturgo, poeta e militante anticlerical. Pelotas, 2011. Inédito. O Centro de Estudos Sociais estava associado à Liga Operária, que mantinha uma escola, segundo se pode ver pela notícia veiculada pelo jornal A Opinião Pública, de Pelotas, em 23-09-1912: “Em 25 de setembro começarão as aulas na Liga. Aulas mantidas gratuitamente. Os cursos são os seguintes: desenho, história universal, música, português, primária, aritmética, alemão. Corpo docente: Brasiliano da Costa e Silva, Antônio Pinto Guimarães, Carlos Soares de Paiva, Carlos Esfolder”.

⁴¹⁴ Simões ocupou os cargos de diretor e secretário da Biblioteca Pública Pelotense entre os anos de 1907 e 1915. Para as datas exatas e respectivos documentos vide DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, p. 184. Um dado importante que relaciona a participação comunitária do Autor com as questões educacionais é no último ano em que ele participa da diretoria da Biblioteca, inaugura-se uma aula pra meninas no curso primário (cf. A Opinião Pública, Pelotas, 04-09-1915).

⁴¹⁵ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Revista do 1º centenário de Pelotas*. Uma visão retrospectiva e prospectiva. In RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas”. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012, pp. 69-83.

⁴¹⁶ Cf. MOREIRA, Ângelo Pires. *Página Simonena* LXIII. Diário da Manhã, Pelotas, 15-05, 1983.

⁴¹⁷ Para conferir a participação de Simões vide Diário Popular, Pelotas, 20-11-1908.

a inauguração dos bondes em Pelotas (1915), em cuja solenidade foi orador, representando a categoria jornalística ⁴²⁰. Tudo isso sem contar sua atividade docente na Escola de Comércio do Clube Caixeiral ⁴²¹ e no Ginásio Pelotense ⁴²².

Apresentamos em primeira mão o único documento comprobatório conhecido da atividade docente do escritor João Simões Lopes Neto:

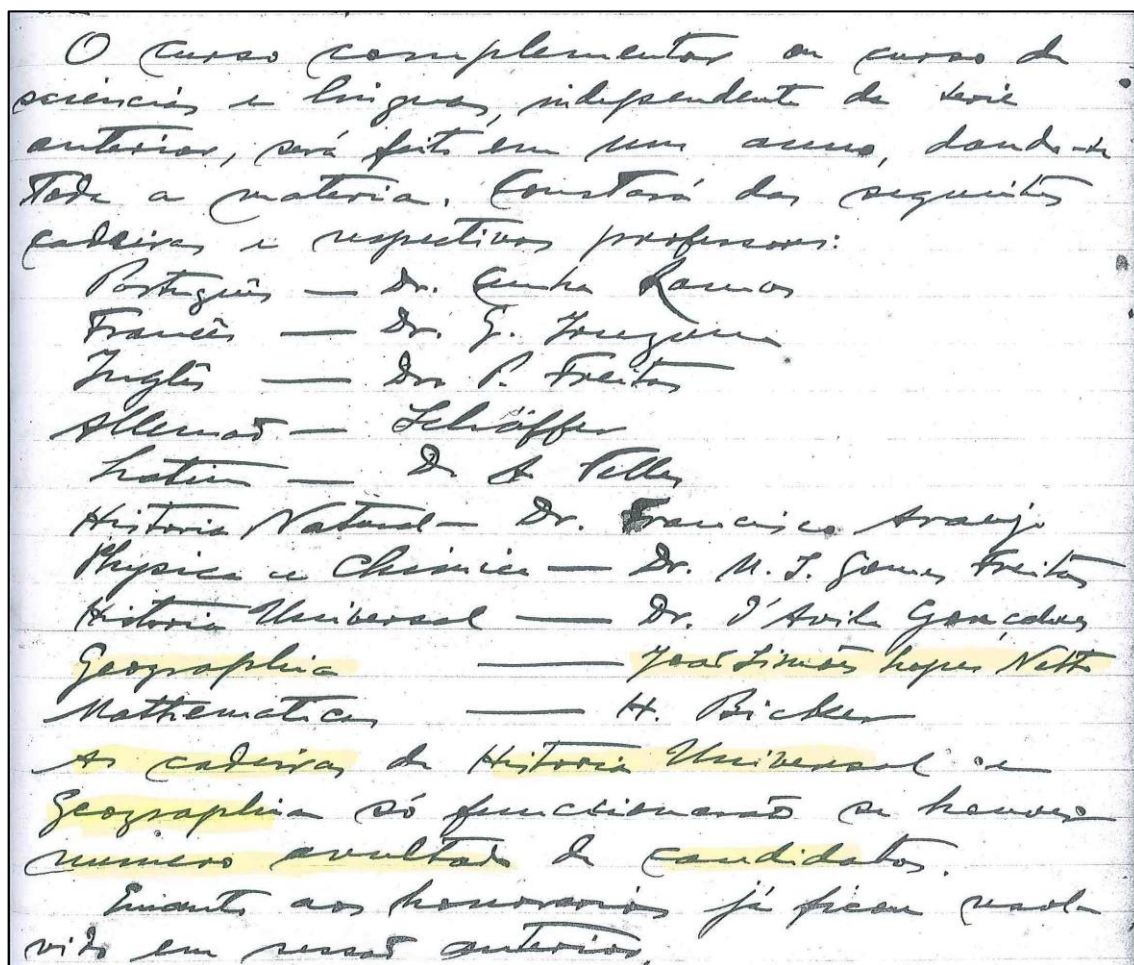


Figura - 24 - Ata nº 21 do Ginásio Pelotense (1914), em que aparece o nome de João Simões Lopes Neto como professor de Geografia

Fonte: Acervo Luís Borges

⁴¹⁸ Simões discursou na União Gaúcha em homenagem ao 7 de setembro (cf. A Opinião Pública, Pelotas, 21-09-1904).

⁴¹⁹ Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981, pp. 57-59.

⁴²⁰ A Opinião Pública, Pelotas, 21-10-1915.

⁴²¹ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, pp. 246-249.

⁴²² Cf. Actas do Ginásio Pelotense, nº 21, 07-06-1914. Simões Lopes Neto foi professor de Geografia nesse estabelecimento e em seu livro escolar *Terra Gaúcha* (2013) confere grande importância pedagógica e cultural à citada disciplina

Conforme facilmente se pode constatar, o Capitão estava sempre às voltas com todo o tipo de atividade de índole comunitária, cultural ou patriótico-educacional, o que se confirma pela última conferência que proferiu apenas pouco tempo antes de morrer. Trata-se de uma palestra sobre a Batalha de Taquari proferida em 03 de maio de 1916.

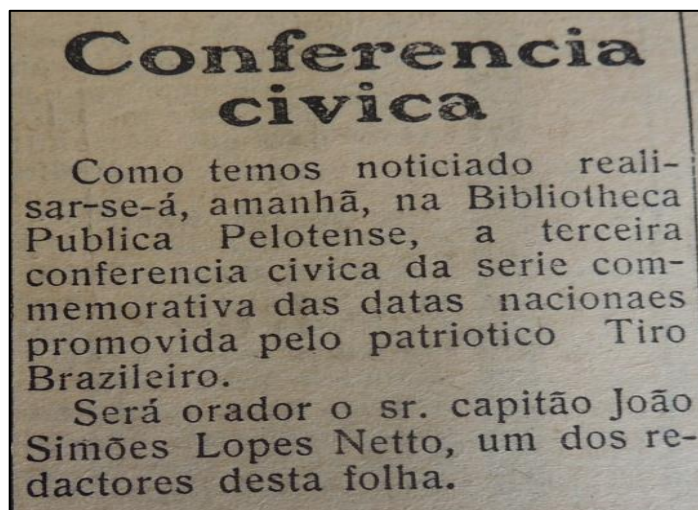


Figura 25 - Anúncio da palestra sobre a batalha de Taquari (1916)
 Fonte: Opinião Pública, Pelotas, 02-05-1916

Fernando Osório, então presidente do Tiro de Guerra 31, convidou o escritor para pronunciar uma conferência relativa ao feito das armas farroupilhas (Batalha de Taquari), ao qual Simões Lopes Neto, já com a saúde combalida, não se furtou.⁴²³ Esta era a terceira conferência cívica, realizada na Biblioteca Pública Pelotense, de uma série comemorativa das datas nacionais⁴²⁴.

Destarte, o que se pode depreender desses fatos empíricos ligados à biografia de Simões Lopes Neto, falta ainda lhes costurar um nexo, pois sem isso todos esses episódios nada mais fazem do que testemunhar o ímpeto de um homem dotado de grande espírito público e consciência cidadã.

⁴²³ Cf. Relatório do Tiro Brasileiro de Pelotas. Pelotas, 20-12-1916.

⁴²⁴ Cf. A Opinião Pública, Pelotas, 02-05-1916.

A despeito dos méritos que representam o compromisso do escritor com as grandes causas de seu tempo, isso, todavia, não nos deve surpreender excessivamente, uma vez que o período denominado Belle Époque brasileira se caracterizou pela mobilização dos intelectuais que chamaram a si a missão de reformar o país.⁴²⁵

As duas mais importantes biografias do autor, qual sejam a de Reverbel (1981) e a de Diniz (2003), independente de como desenham a figura de seu biografado,⁴²⁶ são concordes em mostrar um homem profundamente devotado às questões mais candentes de seu tempo, tratando-as, às vezes, com uma mirada mais larga que a maioria de seus contemporâneos.

No rastro dessas pistas restam muitas lacunas, sendo uma das maiores aquelas relativas a suas ideias econômicas⁴²⁷ e sua atividade publicitária⁴²⁸. Quanto a suas concepções ideológicas, no campo econômico, pode-se inferir sua inclinação liberal: “Não se precisa de governo; Pelotas teve o Correio a sua custa; a barra do São Gonçalo a sua custa; isto a sua custa, aquilo a sua custa.”⁴²⁹ O fato de que seus múltiplos empreendimentos terem sucumbido, em circunstâncias nem sempre suficientemente esclarecidas⁴³⁰, ao lado da lenda de que o autor herdara grande fortuna e de tê-la prodigamente dissipado, fez com que os estudiosos negligenciassem suas opiniões sobre economia e negócios, cuja preocupação já está plasmada na obra imatura.⁴³¹

⁴²⁵ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e Criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

⁴²⁶ Para uma comparação sobre essas obras vide: BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Recepção. Pelotas: NEL-Cefet/JC Alfarrábios, 2008, pp. 33-35. Coleção Diga Vancê, 2.

⁴²⁷ O Autor integrou a comissão de Economia Rural no Congresso Agropastoril em 1908 (cf. Diário Popular, Pelotas, 21-10-1908).

⁴²⁸ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto publicitário*. Pelotas, 2011. Inédito.

⁴²⁹ BEMOL, S. (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *Balas de Estalo*. Diário Popular, Pelotas, 30-05-1895.

⁴³⁰ Para este assunto veja-se MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012, e também GUEDES, Francisco de Paula Bermudez, *João Simões Lopes Neto e seus empreendimentos*. Diário da Manhã, Pelotas, 01-07-2012.

⁴³¹ Um de seus primeiros textos na imprensa, *O Rio Grande (a vol d'Oiseau)*, aparecido no A Pátria, de Pelotas, nos dias 16; 17; 22; 28 de novembro; 06 e 07 de dezembro de 1888, sob o pseudônimo de Serafim Bemol, já abordava aspectos da economia. Para comentários sobre esse texto vide REVERBEL, Carlos. *João Simões Lopes Neto em outro texto exumado*. Correio do Povo, Porto Alegre, 27-12-1981.

Na atual impossibilidade de caracterizar de maneira mais sistemática suas preocupações no campo das ideias econômicas, que abarcam a história do comércio e da indústria local ⁴³², projetos de empreendimentos diversos, alguns dos quais sequer saíram do papel, tais como a salga de peixe, a canalização do Santa Bárbara e a prata do Taió, o intento de comprovar a existência de um pensamento social voltado à economia fica um tanto prejudicado. Apesar disso, há de parecer evidente que há, desta ou daquela maneira, não apenas em Simões Lopes Neto um refilão de interesse por assuntos de economia, mas uma concepção de atividade econômica, seus problemas e seus fins.

Deste modo, aproveitando o que é possível no incipiente estágio em que se encontram os estudos dessa faceta praticamente inexplorada do escritor, até mesmo porque alguns textos estão inacessíveis na fonte primária, há outros campos de temática social, que versam sobre imigração, higiene, impostos, habitação popular, precariedade da saúde ⁴³³ e educação que, espalhados em trabalhos diversos, possuem entre si similitudes e complementaridades que nos auxiliam a intuir um núcleo articulador e um fundamento comum. O que mais nos chama atenção é a recorrência de temas e a inter-relação entre os mesmos, tais como o nacionalismo, a cultura popular e o progresso. Simões está realmente, com seu indefectível humor, atento às mudanças da sociedade e ao cenário contemporâneo:

- Casar, livra! E a crise?

Isso diz o pessoal de hoje, em que os *meninos* já nascem fumando e sabendo *diblar*; hoje em que as crianças de cinco anos usam óculos, por causa das dúvidas; em que nenês *mordem* os mais taludos e dão tiros nas namoradas, e as namoradas sabem tingir as bochechinhas com toda a palheta de um pintor e conhecem truques de olhares e de dedos e maneios aprendidos nos cinemas.

Tudo vai passando apenas as sogras, como as pirâmides do Egito, resistem!⁴³⁴

⁴³² Para mais detalhes vide RUBIRA, Luís. *Apresentação*. In RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da "Revista do 1º Centenário de Pelotas. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012, pp. 35-36.

⁴³³ Em diversas oportunidades o Autor tratou da questão da saúde, o que incluía o problema da urbanização, com o crescimento dos cortiços. Especificamente sobre as condições hospitalares vide SUL, João (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *O banco da Santa Casa*. A Opinião Pública, Pelotas, 22-07-1913, coluna "Inquéritos em contraste".

⁴³⁴ SUL, João (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *Casamentos*. A Opinião Pública, Pelotas, 10-02-1895. Coluna "Temas Gastos". Para mais detalhes sobre essa coluna vide DINIZ, Carlos, ob. cit., pp. 254-262. Além deste comentário "sociológico", está atento também a uma verdadeira "febre": o jogo do Bicho, como consta na crônica *Sorte grande*, publicada na mesma coluna em 19 de janeiro de 1916. Vide também BILAC, Olavo. *O jogo do bicho* [1908]. Registro. Crônicas da Belle Époque

Ainda que de maneira provisória, a fim de caracterizar Simões Lopes Neto como pensador social, carece identificarmos o elemento (ou elementos) articulador de suas ideias sociais e políticas salpicadas em poemas, crônicas, artigos, conferências e discursos. Entendemos que esse elemento articulador é sua filosofia da história, mediada pela educação.

Sem entrar em minudências, num olhar exploratório, fica mais fácil logo perceber seu apego à questão da história. São diversos seus textos de cunho histórico ⁴³⁵, tais como *A cidade de Pelotas* (1905) ⁴³⁶, e os manuscritos inéditos *Glória Farroupilha* e *Arquivo documental ilustrado da Revolução Federalista no Rio Grande de Sul* (1912), *Revista do 1º Centenário de Pelotas* (1911-1912) ⁴³⁷, *Terra Gaúcha* (1955) ⁴³⁸.

brasileira. Organização, introdução e notas de Álvaro Santos Simões Jr. Campinas: Unicamp, 2011, pp. 483-484.

⁴³⁵ No chamado “Álbum Simoniano” pertencente ao acervo da Biblioteca Pública Pelotense, logo na p. 1, se pode ver uma lista de suas obras. Entre estas são citadas várias que desconhecemos ou por se terem perdido ou mesmo por sequer terem sido escritas, mas apenas anunciadas. Entre outras, duas são de cunho histórico e/ou patriótico, talvez com fins didáticos: *História do Brasil* (incompleto) e *Plano biográfico de vultos da história do Brasil* (dada como inédita) e *Pavilhão nacional* (dada como impressa). Dessas obras nada se sabe. Outras relacionadas na abertura do Álbum Simoniano são fruto de erro de identificação, como acontece com *O sono de João*, poema de autoria do poeta português Antônio Nobre, mas atribuído ao autor dos *Contos Gauchescos* pelos organizadores do referido Álbum. Para mais detalhes sobre o contexto desse equívoco vide BORGES, Luís. *O Capitão e o Data Show*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-02-2014 (Centenários Simonianos VI). Para mais informações sobre o Álbum Simoniano vide MONQUELAT, A. F. *Álbum Simoniano*. Diário da Manhã, 27-07-1997.

⁴³⁶ *A cidade de Pelotas*. Apontamentos para alguma monografia para o seu centenário. Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano II, vol. 2, 1905, pp. 103-120.

⁴³⁷ 1ª edição: Outubro de 1911 a maio de 1912, em oito fascículos, sendo que os dois últimos saíram aglutinados; 2ª edição: CD-Room. Edição digital, maio de 2012. Comemorativa dos 100 anos da publicação original e dos 200 anos de Pelotas. Editor: G. Pinto; 3ª edição: RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012. Edição parcial: *História de Pelotas*. Apontamentos referentes à história de Pelotas e de outros dois municípios da Zona Sul: São Lourenço do Sul e Canguçu. Organizada por Mário Osório Magalhães. Pelotas: Armazém Literário, 1994. Para um estudo sobre essa obra vide: BORGES, Luís. *Revista do 1º centenário de Pelotas*. Uma visão retrospectiva e prospectiva. In RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012, pp. 69-83.

⁴³⁸ 1ª edição: *Terra Gaúcha*. História elementar do Rio Grande do Sul. Apresentação de Manoelito de Ornellas. Introdução e notas de Walter Spalding. Porto Alegre: Sulina, 1955; 2ª edição: *Terra Gaúcha*. História elementar do Rio Grande do Sul. Apresentação de Manoelito de Ornellas. Introdução e notas de Walter Spalding. Porto Alegre: Sulina, 1998; 3ª edição: Obra Completa. Organizada por Paulo Bentancur. Porto Alegre: Copesul/Já Editores, 2003, pp. 559-728. Obs: As notas de Spalding foram mantidas, suprimindo-se a apresentação de Ornellas e a introdução de Spalding. Edição especial:

Tomando esses pontos bem gerais como referência, é possível dizer que Simões tinha uma concepção de história e que esta claramente era subsidiada por uma filosofia da história, a qual norteava suas preocupações de ordem social e política.

Entendia a história, mediada pela educação, como uma determinação para o progresso: “A educação, o aperfeiçoamento hão de vir. Somos uma aurora. Chegaremos **necessariamente** ao brilho e ao calor do meio-dia”. ⁴³⁹

Parece ser bem claro os vínculos que o autor tem com o Evolucionismo. Sob esta rubrica, no Brasil, se abrigaram as mais diferentes correntes científico-filosóficas, algumas até contraditórias entre si. ⁴⁴⁰

Para Simões Lopes Neto, bem como para os evolucionistas de seu tempo (distribuídos em diversos matizes, tais como spencerianos, comteanos e darwinistas sociais) a história era concebida como a marcha ascensional das civilizações, possuindo um sentido linear e cumulativo de progresso. No caso brasileiro, os principais dilemas eram os seguintes:

- Quais países estariam aptos, no palco internacional da luta pela sobrevivência para atingir progresso?
- Quais os requisitos para que uma nação proporcionasse a si e à humanidade uma ascensão evolutiva?
- O que poderiam fazer os países ditos "atrasados" diante de teorias fatalistas, que vigiam na Europa, sobretudo a respeito da impossibilidade de uma civilização desenvolvida nos Trópicos, devido principalmente à mestiçagem?

Tiragem de cem exemplares destinada a bibliófilos e encadernadores artísticos, extraída da 1ª edição, em papel ilustração.

⁴³⁹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 19. Grifo nosso.

⁴⁴⁰ Para detalhes vide DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (Orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Foi possível identificar na imprensa de Pelotas vários artigos sobre o darwinismo, como por exemplo, os de Castro Ramalho aparecidos no Correio Mercantil, entre julho e setembro de 1915. Evidentemente não se pode esquecer da série “Uma trindade científica”, de Simões Lopes Neto, publicada em janeiro de 1913, no A Opinião Pública. Os cinco artigos, sob o pseudônimo de João do Sul, foram republicados in MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 82-99.

Essas perquirições sintetizam as questões mais candentes da época e que mobilizaram grande parte da intelectualidade brasileira. Simões Lopes Neto era homem em dia com as discussões que envolviam os problemas nacionais e com a ciência, então vista por muitos como a grande panaceia. Cidadão idealista e engajado, não se furtou em contribuir, fosse por meio de seus empreendimentos, fosse por meio de seus artigos ou campanhas cívicas. Nesse sentido é que não considero exagero tomar o escritor João Simões Lopes Neto como pensador social, isto é, como crítico da cultura.

3.3.1 Crítico da cultura política e dos costumes

Não foi à toa que Simões Lopes Neto seguiu, no início de sua vida literária, as pegadas do escritor Fontoura Xavier, escolhendo o triolé como forma de expressão de suas *Balas de Estalo*. Embora, às vezes, a plena compreensão do significado do texto nos escape, devido a referências muito ligadas a circunstâncias que hoje se tornaram quase inescrutáveis, é possível verificar já na 1ª fase (12 de junho a 20 de agosto de 1890, no jornal A Pátria) dessa coluna jornalística muitos poemas que versam sobre temas políticos e sociais. Não é difícil encontrar nas *Balas de Estalo* críticas anticlericais ⁴⁴¹, de costumes ⁴⁴² ou a instituições como a polícia ⁴⁴³, conforme o exemplo abaixo⁴⁴⁴:

I
Anda a polícia em apuros,
Aos tiros vários senhores,
Guardando quintais e muros;
Com medo dos alimpadores,

⁴⁴¹ A Pátria, Pelotas, 12-09-1889.

⁴⁴² Entre vários textos em que se pode indicar a crítica de costumes, um em que ela aparece mais claramente, inclusive com uma fina nota de humor, é *Os chapéus na plateia* publicado no A Pátria, em 28-07-1888, sob o pseudônimo de Serafim Bemol, mais tarde republicado no Diário Popular, em 22-01-1896, com alterações e assinado com o próprio nome. Simões do tema dos chapéus na coluna Semaninha, no Diário Popular, Pelotas, 28-04-1896, sob o pseudônimo de S. Bemol. Para aprofundar a discussão vide MONQUELAT, A. F. *O retorno dos Chapéus na plateia?* Diário da Manhã, 30-12-2012. O tema é recorrente na imprensa da época: para conferir vide *O 4º Clube dos chapéus* (anúncio), Diário Popular, Pelotas, 30-09-1908; *De monóculo*, de Paulo (pseudônimo), Diário Popular, Pelotas, 30-07-1908; *O ridículo*, de Paulo (pseudônimo), Diário Popular, Pelotas, 18-11-1908; *Chapéus*, Correio Mercantil, Pelotas, 13-01-1910 e *O chapéu das senhoras – Uma fita colorida*, A Opinião Pública, Pelotas, 16-09-1912.

⁴⁴³ João Ripouco era um dos tantos pseudônimos de João Simões Lopes Neto. Este texto, descoberto por A. F. Monquelat e que antecipou a data inicial das Balas de Estalo, consta nos *Novos textos Simonianos*. Contos urbanos e poemas de J. Simões Lopes Neto. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu/Livraria Lobo da Costa, 1991, p. 21.

⁴⁴⁴ Efetivamos apenas a atualização ortográfica.

Anda a polícia em apuros,
Aos tiros vários senhores.

II

Já se visitam cortiços:
Tem zangãos e zangoas
(Que aquelas abelhas boas,
Não vivem em tais muquiços):
Já se visitam cortiços:
Tem zangãos e zangoas

III

E a polícia gloriosa devia já ter comendas:
Que é tarefa trabalhosa
Andar em noites horrendas...
Portanto:
Pra polícia gloriosa
Duas dúzias de comendas!

Pelotas
João Ripouco

Poderíamos recuar ainda mais e observar como Simões Lopes Neto volta seu olhar atento para as transformações tanto sociais quanto políticas. O atento cronista da vida diária da cidade reclama da parca participação popular, inclusive no que diz respeito ao espaço urbano, e de suas condições básicas de existência, tais como o abastecimento de água. Vejam-se os comentários abaixo:

Oh! Zé Povinho! Oh! povo! Oh! povo ilustre! Rejubila! Vais meter o nariz...em nossas inaugurações! [...]

Vai ser um regalo, Zé Povinho!

Tu não tens praças na tua cidade. Tens só uma, mas essa chega de sobra para o teu filé. Para que mais praças? Portanto, para um único espaço que te resta, que pode ser aproveitado para tua própria saúde e beleza e o que deves fazer mesmo: ataca-lhe uma cadeia em cima.⁴⁴⁵

Esta questão de hidráulica é mesmo de dar água...pela barba. [...] No que toda a gente, porém, este em uniformidade de vistas, em perfeita votação chapa de ferro, é que a água não dá para o buraco...de um reservatório. /A companhia dá jeitos, voltas e rejeitos, mas é o mesmo./ É o que se pode dizer: a água empaca./ Houve até ameaça de uma hidráulica nova./ Pois, sim! Não há de ser este seu criado que se vai afogar nessa pouca...água.⁴⁴⁶

Vale lembrar ainda os comentários do autor sobre a mudança de regime e a composição do Parlamento ⁴⁴⁷. Além disso, como se pode observar no triolé a seguir, critica a ação dos políticos:

⁴⁴⁵ Cf. Diário Popular, Pelotas. Coluna “Semaninha”, reproduzida na “Página Simoneana”, de Ângelo Pires Moreira, no Diário Popular, Pelotas, 15-04-1984.

⁴⁴⁶ BEMOL, S. (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *Semaninha*. Diário Popular, Pelotas, 19-04-1896. A *Semaninha* foi uma coluna que o Autor manteve no periódico citado.

⁴⁴⁷ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*. 2ª edição. In MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana. Diário da Manhã, Pelotas, 11-11-1984.

Um senador por três contos,
 E um GERAL por quinhentos,
 Provincial por duzentos,
 Um senador por três contos:
 Evita muitos tormentos
 Entre tantos patos tontos.
 Um senador por três contos,
 E um GERAL por quinhentos.⁴⁴⁸

3.3.2 Crítico do caráter do povo brasileiro

Em sua conferência *Educação Cívica* o autor se refere à “proverbial indolência” do povo brasileiro, sua apatia e indiferentismo. Afirma: “As condições climatéricas e geográficas do Brasil concorreram para desenvolver a nossa indolência”.⁴⁴⁹ Tudo isso, porém, não atribui exclusivamente ao efeito deletério do clima ou da miscigenação. Entende Simões Lopes Neto que esses problemas podem ser corrigidos pela disciplina e pela educação cívica. Ainda que condene certos vícios de caráter do brasileiro, reconhece-o também como alegre e livre de preconceitos.

Enxerga nosso povo como capaz de heroicidade, justiça e vibração, mas indisciplinado, “resmungão e impaciente por frioleiras”.⁴⁵⁰ Deste modo, aproveitando as virtudes e corrigindo os defeitos do povo brasileiro é que a educação cívica pode apontar uma saída para o chamado atraso do país.

3.3.3 Crítico da cultura popular

Outro elemento significativo no exercício de crítica cultural do autor de *Contos Gauchescos* (1912) é o alerta que faz contra o “cosmopolitismo”. Noutras palavras: aos hábitos estrangeiros adotados pelo Brasil. Tais costumes, contra os quais investira José Veríssimo em *A educação nacional* (1890), vão substituindo as tradições populares. Por essa razão é que Simões alerta para o fim dos presépios nas estâncias e o aparecimento de hábitos alienígenas⁴⁵¹.

⁴⁴⁸ RIPASMO, Job (pseudônimo de João Simões Lopes Neto). *Balas de Estalo*. [2ª estrofe]. A Pátria, Pelotas, 17-09-1888.

⁴⁴⁹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 7.

⁴⁵⁰ Idem, p. 6.

⁴⁵¹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1904), p. 11.

No livro escolar *Terra Gaúcha* (2013), na lição cujo título é “Os passarinhos”, o professor Schultz passa a elogiar o Brasil, dizendo que o país é o mais abundante em pássaros e que eles prestam muitos serviços úteis aos homens. É interessante observar que no mesmo período em que redigia seu livro escolar, afinado com a filosofia do Congresso Agrícola, Simões apresentou, além de uma moção, a ser enviada ao Governo Federal, visando sugerir uma melhor análise dos produtos veterinários importados e a proibição daqueles que contivessem bases venenosas ou cáusticas não permitidas nos países de origem, outro trabalho, versando sobre a *Proteção pública para os pássaros úteis*.⁴⁵²

Continua o professor, de origem alemã, dizendo que em sua terra os pássaros buscam a proteção dos homens quando fogem das aves de rapina, mas aqui não, e pergunta às crianças: “Os senhores também são maus para os passarinhos?”⁴⁵³ E prossegue a maravilha que é a proteção dos animais em sua terra. O menino Maio, narrador da história, conclui que seu professor, um estrangeiro, dá lições de moral aos brasileiros e termina afirmando: “Deixa estar que eu e os meus colegas, quando formos homens e tivermos filhos, nós é que lhes havemos de dizer e ensinar isto e muitas outras coisas boas. Havemos de ser nós, nós, brasileiros; e não estranhos.”⁴⁵⁴

⁴⁵² Uma curiosidade que ainda mais identifica Bilac e Simões, é que, mais ou menos, por essa época – na verdade, alguns anos antes - o poeta manifestou seu apreço pelos pássaros. Em 1904, partira Bilac para a Europa. De lá enviava crônicas para *Gazeta de Notícias*, nas quais fixava as impressões de viagem. Uma dessas crônicas é dedicada aos pássaros de Paris, sendo uma das mais longas que escreveu na ocasião. A crônica *Os pássaros de Paris*, mais tarde, integrará o livro *Ironia e piedade* (1916). Não contente com isso, anos mais tarde, numa entrevista ao *Jornal do Comércio*, em 02-09-1916, referindo-se às obras da reforma do prefeito Pereira Passos, declara: “Hoje ao acordar, abrindo a janela do meu quarto, vi que a copa da velha mangueira (única beleza e glória do meu microscópico jardim) estava povoada de passarinhos... Pois, meu caro amigo, estes passarinhos são filhos ou netos dos pardais que Passos importou, para alegria e harmonia dos nossos jardins.” (Apud MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974, pp. 256-258). Simões, em 1911, assumiria a presidência da Sociedade protetora dos animais. Entre as atividades da entidade está uma visita ao intendente do município de Pelotas, apresentando, em comissão, uma proposta de novas normas para o código de posturas. Sua campanha seria intensificada a partir do segundo número da *Revista do 1º Centenário de Pelotas*, quando logo abaixo do logotipo da Sociedade Protetora dos animais, lê-se: “Srs. auxiliai a propaganda contra a crueldade: sem justiça para os animais o civilizado nivela-se ao selvagem.” (DINIZ, 2003, p. 185).

⁴⁵³ LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha* (2013), p. 158.

⁴⁵⁴ Idem, p. 159.

Estes são uns poucos exemplos, tomados ao acaso, em que fica patente a preocupação do autor em alertar para a preservação da cultura popular, poderoso meio de conservação da identidade nacional.

3.3.4 O crítico da educação e a atividade docente

Não resta a menor dúvida das ligações de João Simões Lopes Neto com as questões educacionais. À época de seu falecimento enquanto suas atividades literárias eram tantas vezes postas de lado, o necrológio de seu amigo, o prestigiado dramaturgo, escritor e político Artur Pinto da Rocha, não deixa de mencionar que “o magistério encontrou no seu espírito um exemplo carinhoso”⁴⁵⁵.

Teve Simões Lopes Neto grande preocupação com as questões educacionais, às quais foi fiel a vida inteira e que se manifestaram frequentemente em sua produção jornalística⁴⁵⁶, inclusive em seus textos iniciais, tais como os que publicou na coluna *Semaninha*, do *Diário Popular*, em linguagem saborosa e crítica:

O infatigável Tomé da Fé e fez muito bem, para se aplaudir pela adoção do alvitre que lembrou ao intendente [...]. /Agora eu, inchado de prazer [...] há dias bato palmas a mim mesmo, por ver que o meu sábio modo de pensar também foi bem recebido pelo cidadão inspetor escolar. Que, a conselho de ministros...e ministros da instrução pública, foi de parecer que a criançada dos colégios não fosse fotografada no *Prado* de corridas *Pelotense*... e isto pelas luminosas considerações que deduzi./ Ganhou a vitória o Parque./ Sim, senhor. Lá, sim, há flores, há arvoredos, há manifestação do trabalho, sabiamente conduzido, há comodidade e, sobretudo, o tom de lugar frequentado por *gente*./ E no outro...Credo!/ Raia, capim e postes de chegada e de partida, além da lembrança das *ferramentas* arrastadas pelo crônico infeliz “Satã” (perdoa, Miguel Amaro!) e das *pontas* únicas da famosa “Cigana” (toca, Tacques!)/ Além do que, penso ainda o supremo conselho temeu uma greve geral da boa posição dos olhos travessos das gentis meninas e dos narizes, mais ou menos, apançados ao vento, dos guris. /Calcule-se o Amoreti fotografando uma *careta* enorme, composta de mais mil *caretinhas*! Que carão!⁴⁵⁷

Bem mais adiante no tempo, continuava engajado. Dessa vez, convocando os estudantes de todos os níveis de ensino para uma campanha popular e memorável: “Estudantes! A vós todos – senhoritas e rapazes, meninos e meninas – todos que

⁴⁵⁵ ROCHA, Pinto da. In MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana XVI. *Diário da Manhã*, Pelotas, 13-06-1982.

⁴⁵⁶ Em suas colunas jornalísticas chegava a criar personagens, tais como o Zé Povinho e o Tomé da Fé. Nessa atividade, em que exarava um humor ácido, tecia comentários críticos sobre o cotidiano da cidade.

⁴⁵⁷ BEMOL, S. *Semaninha*. *Diário Popular*, Pelotas, 14-07-1896.

estudam, não importa se apenas o ABC, se a Seleta e os verbos, se os bojudos compêndios inflados de gravidade, venho propor uma conspiração...”⁴⁵⁸

Tratava-se da continuação da Semana Centenária, idealizada pelo Capitão, para comemorar o aniversário da Cidade. Advertia que, colocando-a no meio do ano letivo não devia ser razão para malandragens. “Nada disto: a Semana Centenária ensanchas, é algazarra louçã, ao imprevisito da bizarrias, aos cerimoniais caóticos que o espírito do estudante engendra, despreocupado e alegre” [...].⁴⁵⁹

Apelando para as tradições estudantis da Europa e da Argentina, quer criar uma festa com a mesma feição no Brasil. Declara que Pelotas é o segundo centro didático do estado, pois mantêm cinco escolas superiores (Agronomia e Veterinária, Comércio, Farmácia, Odontologia, Agrimensura e se encaminha a organização da Faculdade de Direito⁴⁶⁰), além de dois ginásios (Gonzaga e Pelotense) e vários cursos secundários, escolas primárias, instituições de ensino público e privado. Ressalta que em todos esses lugares há um grande contingente do público feminino, “que tem comparecido a disputar com os rapazes os lauréis do estudo e da competência técnica, isso prova que a solidariedade entre os estudantes deve triunfar do bisonho isolamento de cad grupo”⁴⁶¹. Revela que são cinco mil e quinhentos estudantes na cidade de Pelotas, “contando os coleguinhas distritais, que também são gente”. Eis a sua definição do evento: o grão da folia nas asas da inteligência⁴⁶².

O escritor além de entusiasta da estudantina, foi professor. Bem sabemos de suas ligações com a Maçonaria, instituição que disputava o cenário educacional em

⁴⁵⁸ A 1ª edição de *Aos estudantes de Pelotas* está no jornal A Opinião Pública, Pelotas, 01-07-1913. Reproduzido in MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana XIX. Diário da Manhã. Pelotas, 04 e 11 julho de 1982. Posteriormente, o texto foi incluso, com alterações, no livro do major, *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 76-80. Aqui utilizou-se esta última edição.

⁴⁵⁹ LOPES NETO, J. S. *Aos estudantes de Pelotas*. In MOREIRA, ob. cit.

⁴⁶⁰ Idem.

⁴⁶¹ Idem.

⁴⁶² LOPES NETO, J. S. *Aos estudantes de Pelotas*. In MOREIRA, ob. cit., p. 77.

Pelotas com a Igreja Católica. Desse modo, para fazer frente ao Colégio Gonzaga devia também ter a sua escola. Assim nasceu o Ginásio Pelotense ⁴⁶³.

Na Maçonaria estavam políticos ligados, principalmente, ao Partido Republicano, intelectuais e jornalistas que professavam o amálgama teórico-filosófico que então abrigava, no Brasil, uma multiplicidade de correntes (evolucionismo, monismo, darwinismo, spencerismo etc) sob a rubrica de Positivismo. ⁴⁶⁴



Figura 26 - Colégio Gonzaga em 1905
Fonte: Blau Nunes

A disputa pelo controle do sistema educacional da cidade foi bastante intensa, como pode ser comprovado pelo relatório apresentado ao Conselho Municipal, em 20-09-1913, elaborado por Alberto Coelho da Cunha e Miguel Barcelos Amorim ⁴⁶⁵, em que se observa o grande número de educandários não confessionais de cunho liberal ligados à Maçonaria, à Liga Operária, à União Espírita e outros.

⁴⁶³ Para mais detalhes sobre a Maçonaria e o Colégio Pelotense vide: AMARAL, Giane Lange do. *O Ginásio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva, 1999.

⁴⁶⁴ Para mais detalhes vide PAIM, Antônio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. 2ª.edição. São Paulo: Grijalbo, 1974; COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das idéias filosóficas no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956; SALDANHA, Nelson. *Romantismo, evolucionismo e sociologia – figuras do pensamento social do século XIX*. Recife: Massagana, 1997.

⁴⁶⁵ Para visualizar o mapa escolar das aulas particulares em Pelotas, em 1913, vide TAMBARA, Elomar. *Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo*. Pelotas: UFPEL, 1995, pp. 95-99.

A situação da diocese de Pelotas não facilitava muito a atuação de Dom Barreto. Segundo o padre Bento Mallmann ⁴⁶⁶ atuava como poderoso auxiliar no governo da diocese os pagãos, que proliferavam em grande número, sobretudo, na campanha. Além disso, havia também um grande número de pessoas indiferentes à Igreja e outras tantas supersticiosas e ignorantes.

Disputando posições no seio da sociedade civil a Igreja investiu nos meios de comunicação de massa e na cooptação do movimento operário, fundando até uma Sociedade Operária Feminina Santa Izabel, visando afastá-lo sobretudo da influência anarquista. Nessa linha, D. Francisco de Campos Barreto percebeu a importância da tradição jornalística de Pelotas, e procurou por todos os meios a sua disposição, não somente influir ou cercear as orientações editoriais dos periódicos em circulação, mas também criou o seu próprio veículo – A Palavra – em 1912.

Tendo em vista as ações da Igreja Católica, Simões mais ainda reforçou suas pretensões de educador como bem demonstraram Arriada & Tambara (2005) ⁴⁶⁷, cultivando os aspectos de vulgarizador cultural, principalmente da história, das tradições e do linguajar do Rio Grande do Sul.

A permanência e pertinácia com que Simões Lopes Neto perseguiu seu ideal de educador, conforme veremos ao longo do trabalho, mesmo após vários fracassos e ações pontuais, demonstra uma convicção extraordinária nos valores pedagógicos. Estava imbuído das certezas iluministas que identificavam termos como Educação, República, Ciência, Progresso, Evolução etc. ⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ PRIMEIRO congresso católico diocesano de Pelotas. Pelotas: Diocese de Pelotas, 1935, pp. 25-34.

⁴⁶⁷ ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *João Simões Lopes Neto - um educador popular ou um popularizador da educação?* In HERZ, Celso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs). *Memórias, diálogos e sonhos do educador. Homenagem a Balduino Antônio Andreola*. Santa Maria, 2005, pp.237-249.

⁴⁶⁸ Para aprofundar esse assunto vide ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento. A geração 1870 e a crise do Brasil – Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Registro mais preciso de sua atividade docente não possuímos ou, pelo menos, os estudos biográficos ainda não identificaram elementos mais concretos. Sabe-se, entretanto, que foi considerado homem profundamente ligado à educação e à cultura, sendo inclusive chamado a integrar a diretoria do Ginásio Pelotense. Eis a notícia veiculada pelo jornal *Diário Popular*, de Pelotas, na edição de 26 de dezembro de 1902:

No templo da Loja Antunes Ribas realizou-se anteontem a convocada reunião dos Maçons de todos os orientes, a ela comparecendo um grande número dos mesmos. Presidiu a assembléia o sr. Dr. Francisco Simões Lopes, venerável daquela Loja. Ao sr. Dr. Ramos foi delegado o encargo de expor os fins da reunião – a criação de um colégio internato e externato e que, em tempo, satisfeitas as exigências da lei, será equiparado ao Ginásio Nacional. A direção do estabelecimento caberá ao conhecido educacionista sr. Carlos A. Lacantinie, que terá a coadjuvação dos drs. Francisco R. de Araújo, Simões Lopes e Carlos Ramos [...]

Também foi professor da Escola de Comércio, que funcionou no Clube Caixeiral. O Clube Caixeiral de Pelotas também foi obra da Maçonaria, bem como o Asilo de Órfãos Nossa senhora da Conceição ⁴⁶⁹. Cumprindo rigorosamente a previsão estatutária, em 11 de outubro de 1898 é fundada a Academia de Comércio do Clube, sendo seus promotores Raimundo Pinto da Silva, Silvino Joaquim Lopes e José Borges de Eça de Queiroz. Formaram a primeira diretoria o dr. Ulises S. de Araújo Batinga, Manuel Luís Osório e M. S. Gomes de Freitas. ⁴⁷⁰ Em 10 de abril de 1909, inaugurou-se, em benefício da Academia de Comércio, uma “Exposição-quermesse”⁴⁷¹ no Clube Caixeiral, cujo orador oficial foi João Simões Lopes Neto. ⁴⁷²

⁴⁶⁹ AMARAL, Giane, ob. cit., p. 49.

⁴⁷⁰ Anais do Clube Caixeiral de Pelotas. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, s/l, 1929, p. 12.

⁴⁷¹ O jornal “A Opinião Pública”, Pelotas, na sua edição de 24-11-1909 relata que a festa foi abrilhantada pelas bandas União Musical e do Clube Caixeiral. Aberta a sessão, falou Ildefonso Carvalho, seguindo-se com a palavra o orador João Simões Lopes Neto. Após foi descerrada uma cortida, dando início à inauguração da Exposição-quermesse, surgindo no alto, em uma grande escadaria, a menina Maria, filha do sr. J. B. Eça de Queiroz, a qual trazia o estandarte do Clube. Outras meninas representavam várias nações. Vinham vestidas de branco, exibindo faixas dos respectivos países: eram elas: Sarita Sá Lucas (Brasil), Diva Brauner (Portugal), Nina Carvalho (Espanha), Etelvina Wetzel (França), Cora Gaspar (Uruguai), Haidée Osório da Silva (Chile), Prendinha Mascaranhas (EUA), Maria Vilela (Argentina), Adília Wetzel (Itália) e Adelaide Silveira (Alemanha). As porta-estandartes foram: Luíza Osório da Silva (Banda do Clube Caixeiral) e Luíza Echocaray (corpo cênico). Nos dois espelhos do salão, pintadas pelo jovem Hilário Gomes estavam dois grandes cisnes e uma alegoria à imprensa de Pelotas. A copa e o tiro ao alvo foram ornamentados pelos senhores Francisco Gomes e Pedro Espíndola. Sob direção do sr. Menotti Giusti. A Sociedade Recreio dos Artistas realizou animado baile.

⁴⁷² Idem.

No ano seguinte o curso foi reduzido de seis para cinco anos, obedecendo ao que rezava a lei federal de 09 de janeiro de 1905.⁴⁷³

Em 20 de fevereiro de 1913 a Academia de Comércio do Clube Caixeiral realizou a sua primeira colação de grau de bacharéis em ciências comerciais, sendo paraninfo o dr. Joaquim Luís Osório. Os formandos foram Ildefonso Alves de Carvalho e Nede Lande Xavier. O corpo docente era constituído por F. da Cunha Ramos, João Afonso Corrêa de Almeida, Gregório Romeu Iruzum, Hermenegildo Bicker, Manuel Luís Osório, Fernando Luís Osório, Joaquim Luís Osório, Luís Gomes de Freitas, Henrique Krentel, Rudi Schäfer, J. J. Albuquerque Barros, Frederico Torres, Alípio Telles, Frederico Trebi, M. S. Gomes de Freitas, Francisco Rodrigues de Araújo, Henrique d'Ávila Gonçalves, Ulisses de Araújo Batinga. Augusto Simões Lopes e João Simões Lopes Neto.⁴⁷⁴

Percebe-se, pois, que o intuito dos líderes maçons de expandir a instrução se dá em várias frentes. Assim como no caso da Academia de Comércio do Clube Caixeiral, do mesmo modo correu na fundação do Ginásio Pelotense, resumindo seus objetivos educacionais no cultivo de uma filosofia que propugnasse um ensino “independente de sectarismos, combatesse o ensino clerical”⁴⁷⁵ A apologia do laicismo, segundo o ideário maçônico, visava preparar “futuros cidadãos aptos a viverem em uma democracia, da qual deveriam ser bons auxiliares, e não pela sua educação estreita e fanática, elementos perturbadores da ordem e do progresso”⁴⁷⁶ Tudo isso sem mencionar os materiais didáticos que o autor produziu. Além da Coleção Brasileira de cartões postais, pode-se citar: *Artinha de Leitura* (1907) (vide anexo A), *Terra Gaúcha*⁴⁷⁷ (1908/1910) (vide anexo B), *Ligeira Contradita* (1908)⁴⁷⁸ (vide anexo C).

Diversos outros aspectos empíricos poderiam ser trazidos à baila com o fito de auxiliar a caracterizar Simões Lopes Neto como pensador social. Contudo,

⁴⁷³ Idem.

⁴⁷⁴ Idem, p. 13.

⁴⁷⁵ Apud AMARAL, ob. cit., p. 117.

⁴⁷⁶ Idem.

⁴⁷⁷ O manuscrito foi publicado em edição de Luís Augusto Fischer, em 2013, com o subtítulo de “Histórias de infância”.

⁴⁷⁸ Para mais detalhes vide: FISCHER, Luís Augusto. *Uma pequena história do texto*. In LOPES NETO, J. S. *Artinha de leitura*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 185-194.

cremos que estes, por ora, sejam suficientes, pois as categorias articuladoras; as que darão sentido e unidade a esses fatos serão adiante tratadas. Desta maneira, com o objetivo de resenhar as relações entre o pensamento social do autor e aspectos de seu projeto cívico-pedagógico, elegemos três categorias básicas de análise que serão confrontadas com o principal texto de nosso *corpus*, que é a conferência *Educação Cívica*.

3.3.5 Três temas centrais na conferência *Educação Cívica* (1906)

3.3.6 O nacionalismo na conferência *Educação Cívica* (1906) e textos afins

3.3.6.1 Simões Lopes Neto entre a advertência e o ufanismo (José Veríssimo e Afonso Celso)

O escritor João Simões Lopes Neto, como a maioria dos literatos de sua geração, procurava assumir uma missão diante dos problemas do país.⁴⁷⁹ Ele mesmo declarava sua vocação: “A vida impulsiona cada um ao seu pendor próprio; talvez errado, eu me inclinei para este”.⁴⁸⁰ O pendor a que ele se referia era o desejo de ser útil à pátria brasileira, a qual desejava servir “mesmo errando”, eis que pela nobreza da causa, o que “vale ‘sempre é a intenção’”⁴⁸¹.

Para cumprir tal intento necessitava fazer uma análise crítica dos problemas nacionais. Deixa claro, entretanto, que não o fará “como o sacrílego filho de Noé”, a expor as vergonhas do país, como Cam apontou a nudez do pai⁴⁸², posto que não se “deve dizer mal de nós mesmos” – o que classifica como ação esterilizadora -, e dizendo-o, fazê-lo sempre no intuito de corrigir⁴⁸³, uma vez que tal reflexão, tanto para indivíduos como para os povos, é valioso recurso moral⁴⁸⁴.

⁴⁷⁹Para mais detalhes vide SEVCENKO, N. *Aliteratura como missão*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 236-284.

⁴⁸⁰ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 3.

⁴⁸¹ Idem.

⁴⁸² LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 5. Comparar com VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 62.

⁴⁸³ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 19. Comparar com VERÍSSIMO, ob. cit., p. 61.

⁴⁸⁴ Idem, p. 4.

Para Simões Lopes Neto, que vislumbra “o que será este pedaço do mundo quando esses muitos milhares de inúteis [que representam] unidades efetivas no concurso das atividades humanas”, tiverem consciência de seu próprio valor⁴⁸⁵, a pátria, pelas inelutáveis leis do progresso⁴⁸⁶ está fadada a um futuro grandioso:

[...] esta bendita pátria predestinada [...] rompe contra as causas acidentais de seu entravamento e lampeja para o horizonte de futuros fachos de intensa claridade, de esperança e conforto.⁴⁸⁷

Simões Lopes Neto não se expressava em termos menos otimistas que Afonso Celso:

[...] viveremos, cresceremos, prosperaremos. A educação, o aperfeiçoamento, hão de vir. Somos ainda uma aurora. Chegaremos necessariamente ao brilho e ao calor do meio dia. [...] Cumpre que a esperança se torne entre nós, não uma virtude, mas estrita obrigação cívica.⁴⁸⁸

Para o escritor pelotense, bem como para Afonso Celso, a pátria, como figura ideal, é uma entidade superior ao indivíduo, porque “o homem morre, as gerações se sucedem”, mas ela “sobrevive e segue avante e mais e sempre na saudade dos que tombaram e na aspiração dos que surgem”⁴⁸⁹.

Para ele, independente dos problemas, a pátria deve ser motivo de orgulho e amada sem reservas.⁴⁹⁰ A pátria é, antes de tudo, utopia⁴⁹¹. Tal sonho idealizado se corporifica sob o termo “pátria” exige, sobretudo, esforço, trabalho, consciência e amor desmedido.

De modo muito semelhante, Afonso Celso no livro em que Simões se inspirou para escrever sua conferência, afirma:

⁴⁸⁵ Idem.

⁴⁸⁶ Sobre essa questão mais detalhadamente vide: DUPAS, G. *O mito do progresso: ou progresso como ideologia*. São Paulo, UNESP, 2006.

⁴⁸⁷ SEVCENKO, N., ob. cit., p. 4. Grifo nosso.

⁴⁸⁸ CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. 10ª edição revista. Rio de Janeiro: Garnier, s/d, pp. 197-198.

⁴⁸⁹ Idem.

⁴⁹⁰ Idem, p. 4. No mesmo sentido, ainda que num contexto ideológico diverso, José Veríssimo afirma: [...] “a Pátria quer-se amada sem máculas [...], com os senões e defeitos de seus filhos e de suas instituições, sob a explícita condição, porém, de que, em prol de suas melhorias, havemos de empregar todo o nosso amor e com ele todo o nosso esforço” (p. 61).

⁴⁹¹ Idem, p. 20.

Quero que consagreis sempre ilimitado amor à região onde nascestes, servindo-a com dedicação absoluta, destinando-lhe o melhor da vossa inteligência os primores do vosso sentimento, o mais fecundo da vossa atividade, - dispostos a quaisquer sacrifícios por ela, inclusive o da vida.⁴⁹²

Todavia, cidadão desleal seria aquele que dissimula os problemas do país, pois o reconhecimento dos defeitos é o primeiro passo para dirimi-los, constitui-se em um dever moral “procurar a prática das virtudes contrárias aos pecados reconhecidos”⁴⁹³.

Em sua preocupação com a pátria está presente o problema do imperialismo:

Os velhos países da Europa que se proclamam os sacerdotes do tabernáculo da civilização, tem cercado pela boca melíflua da sua diplomacia, nomes especiosos e procederes especiais para a implantação, alargamento, a permanência e suas influências entre os países do além. E a hipocrisia, feroz egoísmo internacional atiram com uma mão o gebrando da benção pela paz, depois que tem na outra o gládio que mais corta. / será sim, ainda por dilatados séculos, a força, a garantia do direito.⁴⁹⁴

Apressa-se em chamar a atenção, embora sem exagerar numa atitude alarmista⁴⁹⁵, a respeito dos perigos internos e externos. Vale lembrar que, nesse período, se observa o aumento da xenofobia e dos rumores de guerra, sendo, portanto,

[...] indispensável preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilização, não nos deixarmos abater e esbulhar, a fim de que esta terra que os nossos antepassados criaram e civilizaram e cuja futura grandeza prepararam, seja, principalmente, nossa; a fim de que esta terra que nos legaram os nossos avós, a possamos manter e ilustrar, para legá-la às gerações vindouras melhorada, ativa e indivisa. Essa é a missão nobre da Família, da Escola, da Sociedade, das Religiões, da Política, da Arte, da Literatura e da Ciência.⁴⁹⁶

Depois da Guerra Franco-Prussiana (1870), a Alemanha procurou isolar a França na Europa. Assim, em 1882, constituiu a Tríplice Entente junto com a

⁴⁹² Idem, p. 1.

⁴⁹³ Idem, p. 4. Também Veríssimo (ob. cit., p. 61) segue essa linha de argumentação: “Mau patriota, desleal cidadão fora, porém, aquele que não sei sob que falso pejo entendesse menos amar a Pátria, dissimulando-lhe vícios e defeitos, cuja emenda está exigindo divulgados e conhecidos.”

⁴⁹⁴ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 15.

⁴⁹⁵ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Revista História da Educação, v. 13, n. 27, p. 316, jan./abr. 2009. (Versão de 1904).

⁴⁹⁶ Idem, pp. 316-317.

Áustria-Hungria e a Itália. No ano anterior, um tratado entre Alemanha e Rússia garantia a neutralidade desta última em caso de guerra. Apesar dessas circunstâncias, o povo francês uniu-se em torno da causa de uma guerra de vingança contra a Alemanha. Os diplomatas franceses conseguiram quebrar o tratado entre Alemanha e Rússia em 1887. No ano seguinte subiu ao trono alemão Guilherme II, impulsivo, militarista e orgulhoso, ele demitiu o chanceler Bismarck em 1890, ficando assim sem aquele homem que era um mestre em diplomacia. Suas declarações impensadas várias vezes colocaram a Europa à beira da guerra.

Em 1891 a França atrai a Rússia a uma aliança contra a Tríplice Entente; o Caso Dreyfus⁴⁹⁷, ocorrido a partir de 1894, mostra a paixão do povo francês contra a Alemanha. Esta também se arma e se prepara. Porém, em 1898, França e a Grã-Bretanha quase chegaram à guerra por causa das colônias. Isto provocou um arrefecimento na inclinação dos franceses para guerra.

Ao iniciar-se o século XX, o mundo inteiro pressente que uma guerra entre os dois opostos na Europa é apenas uma questão de tempo. Tornando isso quase certo, em 1904, a Grã-Bretanha alia-se à França e Rússia criando a Entente Cordiale, provocada pela desastrosa política colonial e marítima de Guilherme II.

As crises internacionais se sucedem: Agadir (1906), entre a França e a Alemanha, e a da Bósnia-Herzegovina (1908), colocando em lados opostos a Rússia e a Áustria-Hungria. França e Rússia recuam, sentindo-se fracas, possuídas de um sentimento de humilhação.

O incidente da canhoneira Panther (1911)⁴⁹⁸, ocorrido entre França e Alemanha, é a última vez que os diplomatas conseguem agir. Nos próximos anos, o nível de tensão internacional é muito alto, à espera da faísca que desencadeará a guerra. Esta fagulha que acenderá o estopim será o assassinato do arquiduque Ferdinando, em 1914.⁴⁹⁹ É o começo da carnificina, atentamente acompanhada no

⁴⁹⁷ Para mais detalhes vide HALASZ, Nicholas. *O julgamento do capitão Dreyfus*. São Paulo: Editora Prometeu, 1958.

⁴⁹⁸ Para mais detalhes vide JOFFILY, José. *O caso Panther*. São PAULO: Paz e Terra, 1988.

⁴⁹⁹ Para mais detalhes vide HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Brasil, onde igualmente as crises anteriores haviam sido apaixonadamente comentadas e discutidas nos meios intelectuais.⁵⁰⁰

Segundo o biógrafo Diniz⁵⁰¹ a cobertura da guerra passaria a ser uma das maiores preocupações do Correio Mercantil, jornal dirigido por Simões Lopes Neto. A “Guerra Européia” era coluna obrigatória, figurando no periódico a partir de agosto de 1914. Do ponto de vista interno afirma que a simples mudança do sistema de governo, em si mesma, não é o bastante para uma “nova e completa regeneração, pois os hábitos anteriores não se extirpam instantaneamente.”⁵⁰² Compreende que o desenvolvimento político não é apenas formal, nem se dá “de cima para baixo”, “é no povo que reside [o desenvolvimento] e é a soma dos seus esforços em qualquer ordem de fenômenos, que produz a civilização e o progresso”⁵⁰³.

Fundada sobre os alicerces da ideia de progresso, da construção de uma ambígua democracia - restritiva e autoritária - e do pensamento liberal conservador, a República no Brasil marcou o desenvolvimento e a disseminação do positivismo como doutrina de grande influência nos debates acerca da reorganização do ensino e sua função. Nesse contexto, caberia à educação a tarefa de auxiliar na formação de novos hábitos, da mente, do caráter e de padrões morais. A educação, a partir da ação entre a família e a escola, poderia garantir a estabilidade social e política, possibilitando inclusive aliviar os efeitos das desigualdades sociais e econômicas.

Sob o aspecto dos perigos externos, dá-nos Simões Lopes Neto uma lição de sabedoria política em que às vésperas da Primeira Guerra presente o desenvolvimento da crescente hostilidade entre as grandes potências e suas intenções imperialistas, mostrando-se profundamente descrente em relação ao ideal da “Pátria Universal”:

Não creio, não creio e não comungo na utopia dos visionários do século, que pregam por uma só língua, numa pátria universal./Enquanto essa utopia como flor delicada de estufa, medra no ambiente tépido da vaga aspiração, como simbólica pomba de aliança dentro de uma jaula de feras – os países

⁵⁰⁰ Cf. GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

⁵⁰¹ DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, p. 244.

⁵⁰² Idem, p. 318.

⁵⁰³ Idem.

blindam-se em malhas de aço, reguem as forjas na fusão do bronze dos canhões, abatem-se sob sacrílegos golpes do machado as venerandas árvores seculares, para a construção das naves pavorosas. A matemática estuda a potência e a resistência dos engenhos de destruição e a química inexorável, combina e multiplica a força dos explosivos mais cruéis, enquanto o cálculo dos governos – como o fiel de balança maldita pesa e avalia o número dos homens./Os velhos países da Europa que se proclamam os sacerdotes do tabernáculo da civilização, tem criado pela boca melíflua da sua diplomacia, nomes especiosos e procederes especiais para a implantação, alargamento e permanência de suas influências entre os países de além. E a hipocrisia e o feroz egoísmo internacional atiram com uma mão o gesto brando da bênção da paz, depois que tem na outra o gládio que mais corta. /Será assim, ainda por dilatados séculos, a força a garantia do direito./Em um século prático, positivo, industrial, mercantil e interesseiro como o nosso, é preciso estar preparado e saber contrabalançar as formidáveis exigências da luta pela vida.⁵⁰⁴

Entre alguns intelectuais do final do século XIX e início do seguinte, surge a tendência de rejeitar a tutela da cultura francesa.⁵⁰⁵ A reação contra o domínio da cultura francesa no Brasil já estava presente no Manifesto Republicano de 1870. No início do século XX, tais ideias se intensificam, como se pode observar por meio de um artigo publicado na revista Kosmos, em que se diz:

Está por enquanto o Brasil intelectualmente num odioso servilismo à língua e à literatura de França, de que supõe alguns compatriotas que somos o seu Madagascar ou seu Tokin literário. [...] Seria bom, portanto, que adaptássemos o conselho dado por Washington aos seus concidadãos quanto às relações políticas internacionais, mostrando a utilidade de se não prenderem demasiadamente a povo algum, a fim de conservarem a sua liberdade de ação. [...] Nós temos que ser antes de tudo brasileiros. Não há verdadeira nacionalidade que não afirme principalmente a sua independência intelectual, e a que estamos constituindo no Brasil há de começar por aqui.[...] / Leem-se no Brasil muito mais romances e volumes de poesias franceses do que brasileiros e quanto aos livros didáticos os nacionais são uma minoria insignificante. [...] A reação contra influência intelectual francesa teve começo no Brasil com Tobias Barreto e Sílvio Romero. [...] Se a influência francesa foi boa ou má no Brasil não importa; o que interessa saber é se é justificável que nos dirijamos a um mercado de livros ou a um só mercado de ideias e que aceitemos indefinidamente essa subalternidade voluntária, quando em alguns gêneros literários, como a poesia por exemplo, deixamos de ser simples plagiários.⁵⁰⁶

Assinalemos que o nacionalismo, em seus diversos matizes⁵⁰⁷, se preocupou também com o problema da língua, o que incluía não apenas os aspectos literários,

⁵⁰⁴ Idem, ibidem, p. 14.

⁵⁰⁵ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *O Prelúdio Republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso. História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à era do Rádio*. Vol. 3, pp. 7-48. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁵⁰⁶ VIANNA, Joaquim. *A reação contra a influência intelectual francesa*. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, ano V, n. 12, dezembro de 1908.

⁵⁰⁷ Para um estudo aprofundado dos diversos matizes do nacionalismo no Brasil vide: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 95-126.

mas também ortográficos e gramaticais, como deixa ver o citado artigo de Vianna:

Em primeiro lugar devemos fixar a “língua literária” de modo mais seguro possível./ A recente reforma ortográfica da Academia Brasileira de Letras é uma tentativa digna de elogios, parecendo, entretanto, uma revisão d’essa reforma com a comparticipação de qualquer elemento literário português importante./ A organização de um dicionário e de uma gramática, nas mesmas condições, construiu um primeiro passo para a diminuição da confusão existente.⁵⁰⁸

Tal preocupação também está presente em Simões Lopes Neto. Para ele, não apenas a língua literária, tal como ela opera nos *Contos Gauchescos* (1912), por exemplo, é um fator de fixação identitária, mas também, de algum modo, participa da formação do caráter:

Desde alguns dias que a meninada adotou e anda dizendo e repetindo umas quantas frases – perguntas e respostas esquisitas, que todos acham muito gaiatas e que cada um vai empregando sem propósito e a propósito de tudo. Até eu tenho a minha exclamação predileta – “Comigo é nove!”⁵⁰⁹

O professor intervém, buscando recolocar a linguagem no seu papel, não somente de instrumento comunicativo, mas de caldo no qual o purismo linguístico se estende ao purismo moral e cívico:

- Estão vocês, inconscientes, como papagaios, dizendo muito senhores de si umas quantas parvalezas muito chulas, sem graça, nada corretas. Onde aprenderam vocês tais lindezas de linguagem, onde? Os seus pais falam assim? [...] aconselho a todos que não se deem ao ridículo de andar a compor frases campanudas, cantando palavras obsoletas e termos empolados e pretensiosos para exprimirem os seus pensamentos. Usemos sempre da linguagem corrente, simples e limpa, procurando explicar claramente as nossas ideias e desejos e ordens, perguntas e respostas; usemos da forma comum de falar, que todos nos entendam, caprichando na ordem gramatical, o verbo concordando com o sujeito, o adjetivo com o substantivo, os plurais muito certos; vamos falando a nossa linguagem familiar tão singela e tão clara; depois, com o seguimento da leitura dos bons livros e bons jornais, no trato das pessoas bem educadas, iremos também melhorando, encontrando e apreciando os encantos da nossa língua; depois os estudos clássicos dos nossos escritores brasileiros [...].⁵¹⁰

⁵⁰⁸ VIANNA, Joaquim, ob. cit.

⁵⁰⁹ LOPES NETO, J. S. *Linguagem de capadócios*. Terra Gaúcha – Histórias de infância. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, p. 191. Sobre a expressão “Comigo é nove!”, Fischer anota que significa “ninguém pode comigo” ou “sou imbatível”. Ainda segundo ele, a expressão é encontrada na literatura, como, por exemplo, no romance de caráter naturalista, *Estricnina* (1897), de autoria de Paulino Azurenha, Mário Totta e Sousa Lobo.

⁵¹⁰ LOPES NETO, J. S. *Linguagem de capadócios*. Terra Gaúcha – Histórias de infância. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 192-193.

É curioso o texto *Nomes de gente*⁵¹¹, no qual Simões, à semelhança de Policarpo Quaresma, busca em certos índices particulares as raízes da identidade nacional:

Cada povo tem os seus nomes que se pode dizer nacionais, ou pelo menos nacionalizados, o nome fica sendo quase uma certidão da raça do indivíduo. Nós temos a mania de adotar os nomes estrangeiros [...]. desprezamos os nossos [...] genuinamente brasileiros [...] cada um com seu bonito significado característico, e vivemos a batizar as crianças com os esdrúxulos nomes russos, gregos, alemães, fenícios, árabes, ingleses...⁵¹²

Na mesma linha do artigo de Vianna, a ortografia⁵¹³ para Simões Lopes Neto⁵¹⁴ também abrangia não somente pontos relativos à pedagogia, mas questões de ordem política.

Sua preocupação, conforme expõe na *Ligeira contradita*, é levar o benefício da educação às massas populares, aproveitando, segundo sua expressão, o escudo que lhe dava a orientação ortográfica da Casa de Machado de Assis. Assinala ainda que transformara todo o primitivo manuscrito, transportando-o para a ortografia reformada. E completa a ideia: “é dispensável reproduzir a copiosa argumentação pró e contra, provocada pela Academia e este douto Conselho Escolar seguramente que está dela inteirado”. Argumenta ainda a favor de sua cartilha dizendo que se repete no Brasil o fenômeno acontecido na Espanha, Itália e França, onde foi iniciado o movimento de uniformização e simplificação da grafia da língua, o qual “prevaleceu e perdura”.

⁵¹¹ Idem, pp. 194-195.

⁵¹² Idem, p. 194.

⁵¹³ O professor Paula Alves deu um interessante depoimento por ocasião do centenário de nascimento do escritor, em que comenta a questão ortográfica: “A seção de Simões Neto intitulava-se “Tema Gastos”; seu pseudônimo era João do Sul. Às vezes dizia Simões Neto: “Estou sem assunto”. Saía para dar uma volta. Daí a pouco entrava na redação, sentava a sua mesa de trabalho e zás! Redigia a sua crônica. Caçara o assunto na rua, num acidente, numa palestra, numa observação psicológica. Usava a ortografia da Academia Sul-Riograndense de Letras e, então escrevia coza, roza, com z, lonje, vijilante, com j. Escrita a crônica nessa ortografia, entregava seu trabalho ao Casinha (Carlos Casanovas) para o por na ortografia do Paula Alves, segundo sua expressão. É que nesse tempo, 1916, eu mantinha na “A opinião Pública”, uma crônica intitulada “seção Gramatical”, com o pseudônimo de Paulo Afonso, na qual defendia a correção gramatical nos seus vários aspectos. (Apud Moreira, 1983, pp. 58-59)

⁵¹⁴ Para mais detalhes sobre a questão ortográfica em Simões Lopes Neto vide *Artinha de Leitura* (2013), pp. 146-158. Além disso, para o debate do Autor com o Conselho de Instrução Pública, que rejeitou a *Artinha* (1907), vide *Ligeira contradita* (manuscrito de 1908). Para outros detalhes vide GARCEZ, Pedro de Moraes. *Da Artinha de leitura de Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S. *Artinha da leitura*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 159-178.



Figura 27 - Folha avulsa "A reforma ortográfica no Brasil"
Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

O próprio processo de tradução era encarado como uma forma de trazer para dentro de nosso horizonte linguístico e cultural um universo que nos escravizava e diminuía. Entretanto era necessário também inverter esse caminho, até então quase de mão única:

Que traduzamos para nossa língua o que encontrarmos de melhor em todas as outras ou comecemos a fazer traduzir para o alemão, o francês, o inglês, o italiano o que já tivermos de francamente bom, o que não é raro.⁵¹⁵

No acirrado debate que envolvia o processo de nacionalização da língua e que colocava em cena a discussão sobre a identidade e a soberania nacional, o repúdio à influência da cultura francesa ia ganhando adeptos, surgindo a ideia de que os Estados Unidos poderia servir de modelo à América Latina, inclusive ao Brasil, principalmente do ponto de vista do sistema e da abordagem prática da educação.

Em primeiro lugar, a própria independência desse país mostrava que ele começara a mudar a direção de sua história e, nessa medida, a construir uma consciência de nacionalidade quando lutou para emancipar-se do imperialismo europeu. Só sob esse prisma já era um forte candidato a modelo para o Brasil.

No bojo dessa concepção havia a crença de que na sociedade estadunidense estava se concretizando o “novo homem americano”, isto é, o indivíduo necessário às condições da modernidade.⁵¹⁶ Mais que um índice de progresso e desenvolvimento isto denotava um determinado caráter nacional, caracterizava um povo e suas respectivas virtudes.

Essa ideia foi particularmente importante no campo educacional, tendo orientado o discurso e a ação de políticos e intelectuais no Brasil. É interessante observar que o pensamento relativo ao “homem novo”, mais que um índice de progresso e desenvolvimento, relacionava com a própria possibilidade de sobrevivência do país⁵¹⁷, denotando um determinado caráter nacional que, por sua vez, caracterizava um povo e suas potencialidades.

⁵¹⁵ VIANNA, Joaquim. *A reação contra a influência intelectual francesa*. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, ano V, n. 12, dezembro de 1908.

Cabe lembrar que o próprio Simões Lopes Neto também traduzia. Um de seus primeiros textos publicados foi a tradução de *A barra de Rio Grande* transcrito do periódico francês L’Amerique e publicado no A Pátria, de Pelotas, em 10-10-1889; e os versos de Francis James, publicada no Correio Mercantil, em 1914.

⁵¹⁶ Cf. WARDE, Mirian Jorge. *Americanismo e educação: um ensaio no espelho*. São Paulo em perspectiva. São Paulo, vol. 14, n. 2, pp. 37-43, 2000.

⁵¹⁷ Cf. CARVALHO, José Murilo de. *Educação e cidadania*. In VELLOSO, João Paulo dos Reis. O Brasil e o mundo no limiar do Novo Século. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, pp. 281-297.

A experiência educativa estadunidense inspirava a elite intelectual brasileira⁵¹⁸, sobretudo os intelectuais influenciados pelo filósofo Herbert Spencer e pelo darwinismo social⁵¹⁹, principalmente na valorização do ensino das ciências e do ensino profissionalizante, em especial de caráter técnico-industrial⁵²⁰. Também os métodos organizacionais e pedagógicos que nos Estados Unidos, supostamente, haviam possibilitado a construção de um eficiente sistema público de educação inspirava políticos e pensadores.

José Veríssimo, juntamente com Afonso Celso, foi um dos autores que Simões Lopes Neto declara haver fundamentado sua conferência *Educação Cívica*.⁵²¹

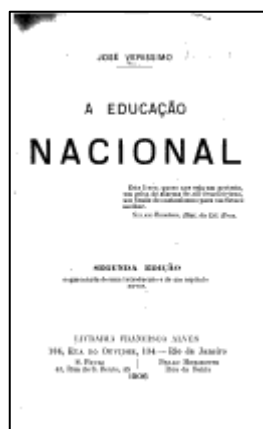


Figura 28 - 2ª edição do livro de José Veríssimo, A educação nacional (1906)
Fonte: Acervo Etelvino J. Selvacque

⁵¹⁸ José Veríssimo em sua obra *A educação nacional* (1985, pp. 131-143) dedica um capítulo inteiro ao estudo dos Estados Unidos. Se, de um lado, entende que nos pode servir de modelo, pelo seu patriotismo, amor ao trabalho e, sobretudo, pela organização de seu sistema educacional, adverte que não devemos “macaqueá-los”, mas aproveitar, adaptando o que esteja de acordo com a nossa índole, o nosso físico e o nosso clima. Ele adverte: “Sejamos brasileiros e não Yankees!”

⁵¹⁹ Cf. HABERLY, D. T. *Three Sad Races: racial identity and national consciousness in brazilian literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. Cabe observar que José Veríssimo em seu livro *A educação nacional* refere-se várias vezes a Spencer quando, como por exemplo, cita, em tradução francesa, a obra *L'Éducation intellectuelle, morale et physique*, cuja 1ª edição inglesa é de 1863. (Vide VERÍSSIMO, José, ob cit., 3ª edição, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 54), na época, contudo, em que escreve o crítico paraense já havia no mercado editorial brasileiro o livro citado, saído, em 1901, pela editora Laemmert, do Rio de Janeiro.

⁵²⁰ Cf. LUCAS, M. A. O. F.; MACHADO, M. C. G. *A influência do pensamento de Herbert Spencer em Rui Barbosa: a ciência na criação da escola pública brasileira*. Educação em Foco, Juiz de Fora, vol. 7, n. 2, 2003.

⁵²¹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 4.

Desde seus primeiros textos, publicados entre 1878 e 1890, quando editou a *Educação nacional*, José Veríssimo já identificava como um dos mais sérios problemas do Brasil a ausência do sentimento patriótico. No entanto, tal situação não é posta como causa, mas como uma consequência do “artificialismo da vida das nossas capitais dominadas por elementos estrangeiros” ⁵²², o que somado a nossa formação mestiça e ao frágil sistema de educação pública levariam o brasileiro à indiferença relativamente ao seu próprio país.



Figura 29 - José Veríssimo (1857-1916)

Fonte: PRISCO, Francisco. *José Veríssimo. Vida e obras*. Rio de Janeiro: Bedecri, 1937.

Veríssimo ressalta que a indolência e a indiferença do brasileiro se devem à mestiçagem, pois ela como “uma causa extrínseca de ordem física” define e determina o caráter nacional brasileiro. ⁵²³

Para José Veríssimo o sentimento patriótico está embasado em causas morais e psíquicas, justamente aquelas que podem auxiliar a superar as limitações da “raça”, por vezes degenerada pela mestiçagem:

Nunca se notou bastante a depravada influência deste peculiar tipo brasileiro, a *mulata*, no amolecimento do nosso caráter. “Esse fermento de afrodisismo pátrio”, como lhe chama o Sr. Sílvia Romero, foi um dissolvente de nossa virilidade física e moral. A poesia popular brasileira nô-la mostra, com insistente preocupação apaixonada, em toda a força de seus atrativos

⁵²² Veríssimo (ob. cit., pp. 62-63) complementa esta ideia afirmando o seguinte: “Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brasil, mas na província, no interior”.

⁵²³ Para mais detalhes vide *A educação física*. In VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, pp. 80-91.

e da sua influência. O povo amoroso se não fatiga em celebrar-lhe, numa nota lúbrica, os encantos [...].⁵²⁴

Além desse fator, o isolamento de populações e, conseqüentemente, a formação de culturas regionais também dificulta uma consciência mais larga da nacionalidade. Simões reclama:

A enorme extensão do território e a falta e a dificuldade de comunicações, isolou o habitante do convívio continuado dos seus concidadãos, formando-se assim mais o sentimento local, que o pátrio; há baianos, paulistas, cariocas, paraenses, rio-grandenses: raro existe o brasileiro.⁵²⁵

Essa circunstância histórica e cultural fez crescer também a tendência separatista e as soluções federalistas, no campo institucional e político, enquanto que no artístico, em especial na literatura, surgiram obras de cunho regionalista que, sob o pretexto de telurismo, encaram com olhos europeus nossas realidades mais típicas.

Embora guardadas as devidas diferenças, José Veríssimo recebeu de Sílvio Romero a noção da importância da literatura como fator destacado na formação de uma consciência nacional, bem como de sua utilização como instrumento de crítica cultural e social. Deste modo, é fácil verificar ao longo de toda a *Educação nacional* (1890) muitas referências à literatura. É sob esse enfoque que o crítico e historiador literário paraense procurou mostrar que tanto os literatos, quanto dos jornalistas não estavam cumprindo sua missão, isto é, trazer o Brasil ao conhecimento dos brasileiros.

Simões Lopes Neto, quase *ipsis litteris*, transcreve os argumentos de Veríssimo a respeito da ideia de que o brasileiro desconhece o Brasil. É pelo olhar do estrangeiro que nos observamos. Segundo o escritor:

⁵²⁴ VERÍSSIMO, ob. cit., p. 69. Para aprofundar o debate a respeito desse tema vide: QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *O preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

⁵²⁵ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* – Terra Gaúcha: apresentação de um livro. História da Educação, ASPHE, Pelotas, vol. 13, n. 27, p. 303, jan./abr. 2009. Compare-se este trecho com o de Veríssimo (ob. cit., p. 47): “O nosso jornalismo, quicá, mais numeroso que notável, afora a política e as pequenas notícias, os *faits divers*, escassamente se ocupa do Brasil. É mais fácil encontrar nele notícias de coisas estrangeiras – europeias para ser mais preciso – que do País; e, nas províncias, se raro é o jornal de algum valor que não tenha uma correspondência de Lisboa ou de Paris, porventura se toparia algum que a tivesse, não de outra parte do Brasil, mas do Rio de Janeiro. Não possuímos uma única revista que leve a todos os cantos do País os trabalhos dos seus escritores, dos seus pensadores, dos seus artistas e dos estudos no País feitos”.

O nosso jornalismo, fora a política e as pequenas notícias, escassamente se ocupa do Brasil. / Quantas vezes, os próprios jornais estrangeiros é que vem nos dar notícia das cousas pátrias! Não possuímos uma única revista, variada, popular barata, que leve a todos os centros do país os trabalhos dos seus escritores, dos seus pensadores e artistas, das obras e construções no Brasil e por brasileiros feitas, nem dos seus homens, cousas e sucessos mais notáveis.⁵²⁶

Nessa medida, ao constatar que, nesse momento, embora haja um discurso da “literatura como missão”, em face de sua incapacidade de cumprir com eficácia esse papel, cabe à educação resgatar a ação civilizadora⁵²⁷. Simões Lopes Neto comenta desalentado o desconhecimento e a indiferença do brasileiro pelo Brasil:

Vemos os consulados estrangeiros expedirem aos seus governos relatórios tão completos, tão acabados, que neles vamos conhecer, descobrir e saber de cousas nossas que ignorávamos e de que pasmamos ingenuamente de ter notícia exata. / Pois – e ainda apesar disso –, encolhemos os ombros desdenhosamente desinteressados. E a funestíssima consequência desse alheamento das cousas pátrias é a extrema fraqueza, a falha completa, a consternação até, do sentimento nacional.⁵²⁸

Para a Geração de 1870, em especial para Sílvio Romero, já como o fora para Joaquim Nabuco⁵²⁹ e o seria para José Veríssimo, as mazelas do Brasil se deviam aos maus hábitos, à falta de disciplina e à ignorância do povo brasileiro. Tais deficiências atribuídas ao caráter do povo se refletiam em nossas instituições, originando leis excessivas e contraditórias. Simões critica

A nossa legislação é uma montanha de leis, de disposições, regulamentos, se disputam; sendo opulentíssima, é difícil de destrinchá-la; nós vemos seguidamente os nossos tribunais, alfândegas, comandos e repartições, em conflitos, em atritos de atribuições, despejarem perguntas e consultas sobre assuntos que deveriam ser correntes. Uma nevrose de desorientação lavra por toda parte.⁵³⁰

Manifesta-se, ao longo de *A educação nacional*, inconformado com a

⁵²⁶ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*, 1906, pp. 8-9.

⁵²⁷ VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 45.

⁵²⁸ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*, 1906, p. 11.

⁵²⁹ Para mais detalhes vide MACIEL, Fabrício. *O Brasil moderno de Joaquim Nabuco*. Revista Esboços, Florianópolis, vol.13, n. 15, 2006. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/242>> Acesso: 05-05-2012. Para aprofundar o assunto vide ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; GOMES, Arilson dos Santos. *Joaquim Nabuco: o visionário político das ações de inclusão social (1849-1910)*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2010.

⁵³⁰ LOPES NETO, J. S., *Educação Cívica*, 1906, p. 9.

manutenção, pela República, da proverbial desatenção dos poderes públicos com a instrução popular.

Veríssimo não escondia a decepção para com os rumos tomados pela Reforma Benjamin Constant ⁵³¹, que executada por administradores incompetentes e políticos indignos, não concretizara os seus princípios e, graças ao ambiente de lassidão moral em que se implantara, deixara o ensino em estado lastimável, “entregue de um lado à desordem, indisciplina e desleixo que reina no ensino oficial e, de outro, ao bronco mercantilismo do ensino particular”⁵³².

Com o fracasso da reforma da educacional, ficavam adiadas a reforma dos costumes, o incremento à integração nacional e o despertar do sentimento patriótico, transformações que José Veríssimo havia julgado possíveis quando aderiu à causa republicana.

Elemento de uma geração profundamente influenciada pelo pensamento positivista e pelo evolucionismo, inclusive em sua versão político-filosófica – o darwinismo social -, procura na reforma educacional fazer com que os avanços das ciências biológicas e sociológicas a coloquem sobre “bases positivas” e que, tendo se esgotado a influência de todas as religiões, restava agora à educação leiga, “inspirada nos grandes interesses humanos e baseada na experiência e na ciência universal, continuar essa função” ⁵³³.

Veríssimo alerta o leitor de que somente a simples troca do regime monárquico pelo republicano em si mesmo, pouco ou nada representa em termos de verdadeira alteração para a vida da Nação. Essa constatação permite ao autor paraense afirmar reiteradamente que ainda não existia no Brasil uma autêntica educação nacional e que, portanto, sua obra intenta ao público a necessidade

⁵³¹ SEKI, Ariella Lúcia Sachertt; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *A disciplina de instrução moral e cívica na reforma educacional de Benjamin Constant de 1890*. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=reforma+educacional+de+benjamin+constant&oq=reforma+educacional+de+benjamin+constant&ags=chrome..69i57.14360i0j8&sourceid=chrome&espv=210&es_m=93&ie=UTF-8> Acesso: 11-03-2013.

⁵³² VERÍSSIMO, ob. cit., p.22.

⁵³³ Para mais detalhes sobre os Clubes Caixerais vide DUARTE, Paulo César Borges. *A fundação e os objetivos dos Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul (1870 a 1890)*. História em Revista, vol. 6, pp. 97-114, dezembro de 2000.

urgente de construí-la.

Feita a República, o fato da mudança da forma de governo não foi e não é de *per si* mesmo bastante para facultar-nos uma era nova de completa regeneração: o arraigamento dos hábitos anteriores não se extirpa instantaneamente.

As formas do governo tem valor relativo: na força progressiva das nações atua de baixo para cima e não de cima para baixo; é no povo que reside e é a soma dos seus esforços em qualquer ordem de fenômenos, que produz a civilização e o progresso.

A República pode e há de ser um bem, por motivos de ordem bastante elevada: ela é fatalmente determinada pela nossa evolução histórica e circunstâncias políticas; há outra razão é comportar moldes mais amplos, formas políticas e administrativas mais largas que a monarquia e que, para nós, povos americanos, mais que necessário, é indispensável à nossa evolução.⁵³⁴

A “educação nacional”, em Veríssimo, como a “educação cívica” em Simões Lopes Neto constituem-se em um projeto de formação moral e patriótica do homem brasileiro, que por um meio certo e seguro seria preparado para superar as limitações culturais e raciais, compondo o “novo homem americano” e o novo cidadão brasileiro republicano, capaz de responder às inquietantes questões impostas pela modernidade.

Partilha Veríssimo da crença de Rui Barbosa exposta nos pareceres de 1882. Nesse pareceres a instrução é tida como o meio mais eficaz para a formação intelectual e moral de “um povo criança, ignorante”, o qual por essa razão precisava de uma “elite ilustrada disposta a irradiar suas luzes com vistas à prosperidade da nação arquitetada”.

No momento em que escrevia, José Veríssimo entendia que os Estados Unidos deveria nos servir de modelo, destituindo do seu antigo pedestal os modelos europeus. Nesse particular, Veríssimo estava imbuído de dois fatores que vinham ganhando terreno no pensamento brasileiro: o aumento do prestígio norte-americano vinha crescendo em proporção direta à decadência da influência francesa, reforçada pela derrota militar da França para a Alemanha em Sedan⁵³⁵, e o republicanismo que, do ponto de vista das oligarquias rurais, às vezes, aparecia associado à

⁵³⁴ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*, 1906, p. 16.

⁵³⁵ Para mais detalhes vide WANRO, Geoffrey. *The Franco-Prussian War: The German Conquest of France in 1870-1871*. Cambridge University Press, 2003.

resistência à francofilia, tal como aparece no Manifesto Republicano de 1870 ⁵³⁶.

O outro autor de quem se diz tributário Simões Lopes Neto na elaboração de sua conferência é Afonso Celso. É interessante observar que o escritor pelotense não escolhe aleatoriamente o livro *Porque me ufano do meu país* (1901) ⁵³⁷. Tal obra havia se tornado leitura obrigatória nas escolas secundárias brasileiras ⁵³⁸, tendo tido muitas edições ⁵³⁹.

⁵³⁶ Para mais detalhes vide FELIZARDO, J. J. *História nova da República Velha: do Manifesto de 1870 à revolução de 1930*. Petrópolis: Vozes, 1980.

⁵³⁷ Para mais detalhes vide BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada: um estudo da obra Porque me ufano do meu país*, de Afonso Celso (1900). *Educar*, UFPR, Curitiba, n. 20, pp. 245-260. 2002.

⁵³⁸ Para uma visão mais abrangente sobre a literatura infantil brasileira vide ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986. Para as autoras o início da literatura infantil e juvenil, no Brasil se deu no final do século XIX, caracterizado pelo transplante de temas e textos europeus. Muitas dessas obras, algumas das quais utilizadas como leituras escolares, estão voltadas à formação cívica e moralizadora. Entre as obras que inspiraram os autores brasileiros as mais famosas são *Le tour de la France par deux garçons* (1877), de G. Bruno, e *Cuore* (1886), do italiano De Amicis. No Brasil, seguindo essa linha aparecem obras como *Através do Brasil* (1910), de Olavo Bilac e Manoel Bonfim, e *Porque me ufano do meu País* (1901), de Afonso Celso. Na conferência *Educação Cívica* - Terra Gaúcha apresentação de um livro, já em sua 1ª versão em 1904, Simões Lopes Neto declara que gostaria de fazer um livro nos moldes do *Cuore*, mas em consonância com as características da criança brasileira. Este foi o propósito de *Terra gaúcha*, que se manteve inédito até 2013.

⁵³⁹ Maria Helena C. Bastos (ob. cit.) afirma que a editora Laemmert publicou a primeira edição em 1901, a qual esgotou-se em alguns meses, fazendo nova edição no mesmo ano. Foi editado em tamanho in-16, com 204 páginas. A partir dessa edição, passou a ser publicado pela livraria Garnier (Rio de Janeiro/Paris), com o mesmo número de páginas, mas in-18 (quinta edição, 1912; sétima edição, 1915; décima edição, 1926; décima primeira edição, 1937; décima segunda edição, pela F. Brigue, 1943). Na décima edição, de 1926, a obra foi revista e atualizada, e compôs a “Coleção dos Autores Célebres da Literatura Brasileira”. Essa edição, em tamanho in-12, tem uma tiragem de 10.000 exemplares numerados, o que permite verificar o grande sucesso da obra vinte e cinco anos depois.



Figura 30 - Afonso Celso (1860-1938)

Fonte: <<http://historiadosamantes.blogspot.com.br/2011/03/afonso-celso-porque-me-ufano-do-meu.html>> Acesso: 05-04-2010

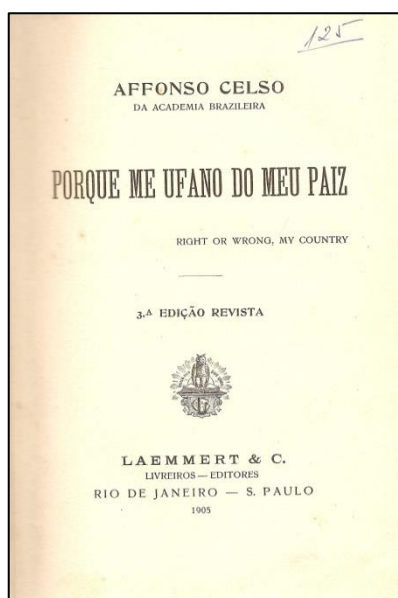


Figura 31 - Folha de rosto de *Porque me ufano de meu país*, de Afonso Celso

Fonte: Acervo Luís Borges

No dizer do crítico Wilson Martins ⁵⁴⁰, o ufanismo é um fenômeno universal, assim, evidentemente não foi inaugurado por Affonso Celso. O Conde apenas teria criado a terminologia de uma atitude mental que definiria a posição tanto das grandes quanto das pequenas nações. Nessa perspectiva, seu livro é somente mais um balanço psicológico da nacionalidade, comparável, em seu projeto, ao *Brasil em 1899*, de Santana Néri, ou o *Livro do centenário*. Entende o crítico paranaense que Afonso Celso por meio de *Porque me ufano de meu país* buscava responder as perguntas que punham em dúvida as possibilidades de um futuro grandioso para a Nação.

A influência de Afonso Celso foi diversificada e extensa. É interessante observar que Simões Lopes Neto, além da admiração que lhe nutria como autor de livros edificantes e patrióticos, possui com ele a afinidade de, embora o conde fosse católico, participou das famosas “Conferências da Glória”; em que se discutia, inclusive sob os auspícios do Imperador, a teoria evolucionista, da qual Simões também era adepto. Foi homem ligado ao jornalismo e à educação, exercendo as funções de professor e diretor da Faculdade de Direito de São Paulo e reitor da Universidade do Rio de Janeiro; diretor do Departamento Nacional de Ensino, por 25 anos; em 1892, associou-se ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo sido presidente por muitos anos; Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

A obra está dividida em 42 pequenos capítulos, os quais procuram demonstrar a superioridade brasileira, a partir de onze argumentos e fatos: grandeza territorial, beleza física, riqueza, variedade e amenidade do clima, ausência de calamidades, excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional, não ter sido povoado por degradados, os nobres predicados do caráter nacional, nunca sofreu humilhação e nunca foi vencido, procedimento cavalheiresco e digno com os outros, as glórias a colher a sua história. No capítulo 40, o autor faz um resumo das grandezas do Brasil, em que evidencia o espírito otimista e entusiástico que o anima a provar que “ser brasileiro significa distinção e vantagem”.

⁵⁴⁰ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. V. 5. 2ª edição. S. Paulo: T. A. Queiroz, 1996, pp. 147-148.

Para o autor, o Brasil se constitui um dos mais vastos países do planeta, capaz de conter toda a população nela existente; reúne imensas vantagens a essa grandeza territorial, entre as quais a situação geográfica, a homogeneidade material e moral, o progresso é constante; é belíssimo; possui riquezas incalculáveis; goza de perpétua primavera, sem jamais conhecer temperaturas extremas; não sofre calamidades que costumam afligir a humanidade; resulta a sua população da fusão de três raças dignas e valorosas raças; bom, pacífico, ordeiro, serviçal, sensível, sem preconceitos, não deturpa o caráter desse povo nenhum vício que lhe seja peculiar, ou defeito que não possa ser corrigido; nunca fez mal, nunca perdeu uma polegada do seu solo, nunca foi vencido. Sempre procedeu honesta e cavalheiramente para com os outros povos, livrando, com absoluta abnegação, de odiosas tiranias seus vizinhos mais fracos. O Brasil é cheio de curiosidades naturais, oferecendo inúmeras oportunidades a quem as queira estudar e amar. A história do País, segundo Afonso Celso, está relacionada com os mais notáveis acontecimentos da espécie humana. Entre os brasileiros escasseiam guerras civis e efusões de sangue, sobejando feitos heroicos e preclaras figuras. temos luminosos exemplos em nossa história: o Brasil foi o primeiro país autônomo da América Latina, o segundo do Novo Mundo. Além disso, sempre desfrutou liberdades desconhecidas em outras nações, mostrou-se apto para todas as melhorias, produziu representantes distintos em qualquer ramos de atividade social, resolveu com calma e sensatez, à luz do direito, a maior parte das suas questões, acolheu carinhosamente quem quer que o procurasse. É esse Brasil ideal e idealizado que nos apresenta Afonso Celso.

As representações a respeito do nacional e de quem era o brasileiro se alimentaram de diversas fontes e equivaliam a diferentes agentes sociais e seus respectivos interesses e projetos políticos.

O século XIX foi um período decisivo para a formação de um imaginário social histórico do povo brasileiro. A tônica desse momento era a ideia de progresso, vinculado à tentativa de construção e visualização da nacionalidade.

A fabricação dessa identidade, no entanto, não se restringia à questão do desenvolvimento econômico, mas abarcava a necessidade de inserir o Brasil no

concerto da história universal e de seu povo como ator digno dessa missão. Tal objetivo, todavia, esbarrava no seguinte: a maior parte da população do país, aqueles que poderiam portar o “ser brasileiro”, não se mostrava à altura daquilo que o imaginário das elites entendia digno de orgulho e, desse modo, capaz de representar nossa causa identitária.

Em várias oportunidades vamos observar que os grupos dominantes designavam-se “um país sem povo”, como na célebre frase do viajante Louis Couty⁵⁴¹.

Assim é que, na transição para a república e mesmo depois dela, as elites não enxergavam uma massa de trabalhadores (talvez como os proletários, profissionais liberais e pequena burguesia comercial na Europa) para substituir os escravos. A imagem do Brasil, no século XIX foi o resultado, muitas vezes, do olhar estrangeiro que por aqui andou. Esse olhar exótico era também compartilhado pelas elites nacionais, de modo a se diferenciar daquela massa de mestiços, pobres e analfabetos⁵⁴².

Segundo essa concepção, o Brasil era, certamente, um Estado, mas não se constituía ainda como uma nação. Para empreender a construção da nacionalidade era necessário que o povo tivesse um “espírito comum”, partilhasse de características que lhe fossem próprias, enfim, um caldo histórico e cultural que lhe dotasse de uma identidade nacional, a qual, por sua vez, deveria exposta ao mundo como resultado de uma nação moderna.

Não se apresentava como uma tarefa fácil conferir uma identidade abrangente do brasileiro diante de uma população tão heterogênea. Era difícil determinar qual parte dessa população, em algum momento, poderia ser compreendida no conceito de “povo” buscado pelas elites nacionais, pois tal escolha ou atribuição implicava na identificação daqueles que tinham direito à existência civil e aqueles a quem isso seria negado, uma vez que eram considerados tipos raciais

⁵⁴¹ COUTY, Louis. *L'Esclavage au Brésil*. Paris: Librairie de Guillauminet Cie. Editeurs, 1881, p. 187.

⁵⁴² Para mais detalhes vide SLENES, R. W. *Lares negros, olhares brancos: história da família escrava no século XIX*. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 8, n. 16, pp. 189-203, 1988.

inferiores. Deste modo, o problema étnico não se referia apenas ao problema da construção de um caldo cultural em comum como alicerce da nacionalidade, mas incluía também a possibilidade de um espectro mais amplo ou mais restrito de cidadania, portanto, respingava na democracia da novel república.

Pensava-se, sob a égide do positivismo e do darwinismo social, especialmente em Gumpłowicz⁵⁴³, que os povos em sua gênese possuíam uma constituição heterogênea, mas que ao longo do processo de evolução os mais aptos deviam chegar ao homogêneo, formando sociedades de características cada vez mais uniformes e estáveis, base para a nacionalidade.⁵⁴⁴

Para alcançar essa homogeneidade carecia o Brasil de integração nacional, diminuindo a força das culturas regionais e, ao mesmo tempo criando uma imagem satisfatória do brasileiro, o qual segundo os padrões das elites, ainda não existia.

Desta maneira, a ambiguidade do conceito de povo e, portanto, do nacional, colocava em termos políticos e culturais um grande impasse. Como vencê-lo? Uma das formas apontadas era o conhecimento de nossa história e geografia, bem como

⁵⁴³ L. Gumpłowicz, em oposição a Herbert Spencer, afirmava não ser possível extrair as normas sociais com base em leis fisiológicas. Entretanto, partidário do naturalismo filosófico, ele acreditava que a tarefa da sociologia é detectar as leis naturais da vida social. O objeto da pesquisa em sociologia são os fatos sociais, tais como o problema racial ou a pertença a um grupo. Os indivíduos devem agir apenas como membros de grupos específicos - isto é devido ao chamado "egoísmo social", que é o padrão-chave de ação consciente e subconsciente dessa coletividade. O princípio que se aplica aqui é o de que quanto mais forte o vínculo emocional do indivíduo com o grupo, mais o indivíduo vai sentir a hostilidade e xenofobia em relação a outros grupos e indivíduos. O conflito é a base da origem da humanidade e do desenvolvimento das sociedades. A diversidade é também a base da raça. Para ele, de modo diferente que em outros sociólogos, raça não é uma categoria antropológica apenas, mas possui um sentido prioritariamente étnico. Em Gumpłowicz, a cultura é um conceito específico, que se identifica com o de nacionalidade. Entende que a nacionalidade é um direito a uma determinada cultura para a população em geral, que por muito tempo viveu sob as mesmas condições e no mesmo território, mas que, apesar disso, não está isenta de confrontos, dos quais o Estado e a nação são o resultado. A cultura baseia-se na divisão de trabalho e nas diferenças étnicas, cujos grupos lutam em busca de poder político e, sobretudo, econômico. O conflito é para ele não é um fenômeno histórico, mas o natural. Ele não pode ser removido da vida social, do mesmo modo como não se pode remover a seleção natural entre as espécies. Para aprofundar a discussão sobre o pensamento de Gumpłowicz vide BARNES, H. E. *The Social Philosophy of Ludwig Gumpłowicz: The Struggles of Races and Social Groups*. In: BARNES, H. E. (Ed.). *An Introduction to the history of sociology*. University of Chicago Press, Chicago, pp. 191-206, 1948. Disponível em <http://www.zu.de/deutsch/lehrstuehle/kulturwissenschaften/Gumpłowicz__Ludwig.pdf> Acesso: 27-03-2014.

⁵⁴⁴ Para mais detalhes sobre o darwinismo social no Brasil vide: NASCIMENTO, José Leonardo do. *Culture e politique: positivisme et darwinisme social, genealogie d'une sensibilité brésilienne* (1870-1930). Universidade Paris-Nanterre, 1989. Tese de doutoramento.

das gentes que aqui viveram e viviam. Não é à toa que João Simões Lopes Neto lamenta: “O desanimador resultado desses fatos, infelizmente incontestáveis [os que atestam a falta de identidade nacional] é esta dolorosa verdade: nós nos ignoramos a nós mesmos”.⁵⁴⁵

Simões tanto quanto seus companheiros de geração acreditavam em uma ideia de progresso inevitável e necessário, pautada à semelhança dos modelos europeus e, em certo sentido, do estadunidense. Contudo, uma abordagem determinista e evolucionista (positivismo, darwinismo social, spencerismo, etc) muitas vezes, levava os intelectuais brasileiros a adotarem uma posição pessimista diante das expectativas do Brasil.

Os chamados países atrasados se colocavam diante de um sério impasse: fosse o determinismo estabelecido pela ação do tempo (da história e da cultura), fosse o resultado de fatores étnicos e climáticos (hereditariedade e meio físico), tudo isso implicou em obstáculos que pareciam praticamente insuperáveis para o desenvolvimento do Brasil.

Muitos pensadores daquele período debateram essa questão e tentaram buscar soluções, que estavam, é claro, carregadas de ambiguidades e contradições, decorrentes das análises científico-filosóficas que eram utilizadas para estudar as sociedades, seus povos e seu desenvolvimento histórico, econômico e social.

Embora se acreditasse na inevitabilidade do progresso, o medo que invadia a consciência dos intelectuais de então, relativamente ao Brasil, o que valia para todos os chamados “povos atrasados”, é que eles sucumbiriam em direção ao homogêneo já que sua originalidade (se é que existia) não teria tempo de se afirmar na marcha acelerada do progresso da humanidade.

Na medida em que não era possível alterar o clima (debatia-se então a possibilidade de uma civilização desenvolvida nos trópicos) e nem, pelo menos,

⁵⁴⁵ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*, 1904, p. 53.

imediatamente a constituição étnica do brasileiro, estaríamos fadados ao atraso e até mesmo ao desaparecimento suplantados por outras nações?

Nestes termos, a problemática do desenvolvimento e da construção de uma identidade nacional era colocada em binômios: civilização/barbárie; atraso/progresso; nacional/cosmopolita.

Este era o problema de fundo da educação cívica em relação à questão da nacionalidade. Somente pela educação, pelo conhecimento da história do país, pela disciplinarização do trabalho, pelo estudo das ciências e valorização da cultura popular e do folclore era possível acreditar que o Brasil poderia avançar o passo em direção ao progresso, dentro no ritmo da luta internacional pela supremacia ou, no mínimo, pela sobrevivência.

Para as concepções da época, o desenvolvimento, muitas vezes identificado com o resultado da evolução, necessitava do fator tempo. Deste modo, alguns intelectuais que pretendiam mostrar “a predestinação pátria” ao seu destino de potência mundial, diante do atraso presente, não hesitavam em lançar mão do argumento de que Brasil era um país jovem.⁵⁴⁶

Simões Lopes Neto descreve as características físicas do brasileiro, com o objetivo de desfazer a ideia da degenerescência hereditária, devido à miscigenação: é de boa estatura, de boa aparência e possui “vigor e agilidade pouco vulgares”.⁵⁴⁷

Quanto ao caráter, resume:

Grande povo, capaz de heroicidade, de justiça, de vibração, mas disperso, na disciplina, desordenado na formatura, rumoroso quando o silêncio se impõe; povo de ímpetos; de todo o arrojo e também povo estranhamente indiferente./ Avança e ri-se bravamente no perigo, e é resmungão e impaciente por frioleiras.⁵⁴⁸

⁵⁴⁶ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica*, 1906, p. 13.

⁵⁴⁷ Idem.

⁵⁴⁸ Idem, p. 6. Detalha outras características à página 13.

Para Affonso Celso, os traços principais do nosso caráter nacional seriam: sentimento de independência, levado até à indisciplina; hospitalidade; afeição à ordem, à paz, ao melhoramento; paciência, resignação; doçura, longanimidade, desinteresse; escrúpulo no cumprimento das obrigações contraídas; espírito extremo de caridade; acessibilidade, que degenera, às vezes, em imitação do estrangeiro; tolerância, ausência de preconceitos de raça, cor, religião, posição; honradez no desempenho de funções públicas ou particulares.⁵⁴⁹

3.4 DOIS DISCURSOS

3.4.1 Discurso na Academia de Letras do Rio Grande do Sul

3.4.1.1 A Academia de Letras do Rio Grande do Sul

Conforme já se disse, Simões Lopes Neto era bastante requisitado como orador. Certamente colaborou para que fosse escolhido para proferir o discurso oficial da sessão de primeiro aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, não apenas sua reconhecida eloquência, mas também a influência de amigos, membros como ele da agremiação de literatos, tais como Januário Coelho da Costa⁵⁵⁰ e Manoel Serafim Gomes de Freitas⁵⁵¹.

⁵⁴⁹ CELSO, Afonso, ob. cit., p. 85-88.

⁵⁵⁰ Para mais detalhes sobre a importância desse autor e sua relação com o escritor pelotense vide: BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: NEL/IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012. (Coleção Diga Vancê, 5).

⁵⁵¹ Manoel Serafim Gomes de Freitas nasceu em Piratini aos 23-12-1880, falecendo em Pelotas em 06-06-1969. Agrônomo e bacharel em Direito foi um dos fundadores da Escola Agrícola Eliseu Maciel. Foi confrade de Simões Lopes Neto durante a 1ª fase da Academia de Letras do rio Grande do Sul, em 1910. Dedicou-se também à confecção de livros didáticos, publicando sob os auspícios as Intendência de Pelotas, pela editora Globo, sua obra *50 Lições Rurais - para a instrução primária municipal*, em 1929.



Figura 32 - Januário Coelho da Costa (1886-1949)

Fonte: Acervo Luís Borges

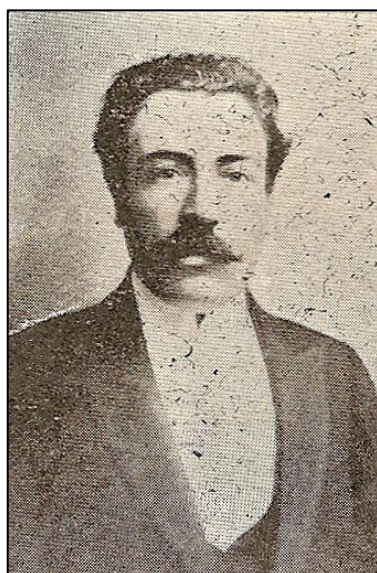


Figura 33 - Manoel Serafim Gomes de Freitas (1880-1969)

Fonte: OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Pelotas: Oficinas Tipográficas do Diário Popular, 1922.

Vale lembrar que a instituição a que pertenceu o autor de *Contos Gauchescos* (1912) teve uma predecessora de vida efêmera. Trata-se da Academia Rio-grandense de Letras, a terceira entidade desse molde a surgir no País, sendo a primeira a do Ceará (1894) e depois a Casa de Machado de Assis (1896). Foi fundada em 1º de dezembro de 1901, com 25 membros, a maioria ligada à imprensa: os irmãos Porto-Alegre (Apeles, Apolinário e Aquiles), Mário de Artagão, Romanguera Correia, José Carlos de Souza Lobo, Sebastião Leão, Joaquim Alves Torres, Francisco Lourenço da Fonseca, Andrade Neves Neto, Paulino Azurenha, Aurélio Júnior, Alfredo Lisboa, Mário Totta, Caldas Júnior, Marcelo Gama, Olinto de

Oliveira, Benjamin Flores, Tito Vilalobos, Ernesto Silva, Zeferino Brasil, Alcides Lima, João Cândido Maia, Alcides Maya e Alfredo Ferreira Rodrigues. Em 1º de maio do mesmo ano os acadêmicos tomaram posse, em memorável sessão solene no Clube Comercial, quando foi orador oficial o escritor Alcides Maya.⁵⁵² Além de membro fundador, foi seu presidente o médico e jornalista Olinto Olímpio de Oliveira, carioca radicado no Sul, que colaborou com crônicas no jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e publicou livros de puericultura.⁵⁵³

Com o falecimento de alguns membros e o afastamento de outros, inclusive do presidente, que não mais residia no Rio Grande do Sul, a Academia Riograndense de Letras paralisou suas atividades, contudo, nunca chegando a ser extinta oficialmente.

João Simões Lopes Neto pertence a uma tentativa posterior de congregar os homens de letras do estado. A Academia de Letras do Rio Grande do Sul foi fundada em 11 de junho de 1910, quando seus membros foram empossados em conjunto, ocupando o escritor pelotense a cadeira n. 3, escolhendo para seu patrono Álvaro José Gonçalves Chaves, notável personagem histórico e político, um dos fundadores do jornal *A Federação*. Na solenidade de fundação da Academia de Letras do Rio Grande do Sul foi orador oficial o escritor e teatrólogo Artur Pinto da Rocha⁵⁵⁴

⁵⁵² Cf. MARTINS, Ari. *As academias de letras no Rio Grande do Sul*. Revista da Academia Riograndense de Letras (19151-1952). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1952.

⁵⁵³ VILLAS-BOAS, Pedro. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: EST/Edigal, 1991, p. 172.

⁵⁵⁴ Artur Pinto da Rocha nasceu em R. Grande em 1860 e faleceu no Rio de Janeiro em 1930. O autor de *Talita* (1906) foi a pessoa a quem Simões Lopes Neto confiou os originais dos *Casos do Romualdo*, a fim de encontrar editor para o livro no Rio de Janeiro, o que nunca aconteceu, ficando o trabalho inédito até 1952, quando foi publicado pela editora Globo, de Porto Alegre. Pinto da Rocha esteve com os originais dos *Casos do Romualdo* durante 14 anos até seu falecimento na Capital Federal. Relativamente às obras máximas do autor, os *Casos do Romualdo* ocupam entre uma parcela significativa da crítica a posição de obra menor. Lígia Chiappini (ob. cit., p. 380) afirma: [...] “contrariando a hipótese de alguns críticos (entre os quais Flávio Loureiro Chaves e Guilhermino César) sobre a autocensura do escritor que explicaria a não publicação dos *Casos* [...] em vida, ele os confiaria a Pinto da Rocha para que os publicasse no Rio de Janeiro e os prefaciasse, mas este, ao que parece, os perdeu”. Para mais detalhes vide REVERBEL, Carlos, ob. cit., pp. 254-257.



Figura 34 - Artur Pinto da Rocha (1860-1930)
Fonte: Acervo Espaço Blau Nunes

O presidente eleito foi João César de Castro, militar e médico divulgador de Freud nos anos 1920, também autor de livros de crônicas e poesias⁵⁵⁵. Segundo consta, renunciou ao cargo de presidente no ano seguinte⁵⁵⁶.

Com maior pujança que sua congênere, fundada em 1901, e que, ao que parece durou apenas um ano a Academia de Letras de Rio Grande do Sul, nessa fase, funcionou até 1924. Em seu primeiro ano de atividades festejou o centenário do educacionista e erudito Joaquim Caetano da Silva e fez circular o periódico trimestral da entidade⁵⁵⁷. Simões Lopes Neto fazia parte da Comissão de História da Academia, juntamente com Manoel Serafim Gomes de Freitas e Fanfa Ribas⁵⁵⁸.

João Simões Lopes Neto colaborou diversas vezes no periódico da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, tendo aparecido em cinco dos doze números publicados. Nas páginas do n. 2 da Revista, saído em setembro de 1910, aparece o excerto da conferência *Pedras*, proferida em 15-01-1910 no Clube Congresso Português, em Pelotas⁵⁵⁹. Em seguida, no n. 6, de maio de 1911, veio o

⁵⁵⁵ VILLAS-BOAS, 1991, pp. 56-57.

⁵⁵⁶ Cf. VILLAS-BOAS, ob. cit. p. 57, o autor publicou umas “cartas renunciatórias” que compunham um folheto de sete páginas, intitulado *A gaúcha Academia*, editada pela Tipografia do jornal O Comércio, do Rio Pardo/RS.

⁵⁵⁷ REVERBEL, ob. cit., p. 228.

⁵⁵⁸ João Fanfa Ribas nasceu em Porto Alegre em 1869, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 1955. Poeta, jornalista, orador, político e novelista. Foi um dos constituintes de 1934. Estreou nas letras com o livro de poesias *Faíscas* (1893). Publicou uma novela histórica intitulada *Fantasma*, em 1902. Sua literatura regionalista é representada pelo poemeto *Sinhá Dona*, editado em Bagé, pela tipografia do Correio do Sul, em 1914. Cf. VILLAS-BOAS, Pedro. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Edigal, 1991, p. 204.

⁵⁵⁹ A conferência *Pedras* foi publicada na íntegra nas páginas do jornal pelotense Correio Mercantil, de 17 a 22 de janeiro de 1910.

conto *O gringo das linguças*, anunciando que o texto pertencia ao livro inédito *Casos do Romualdo*, obra que apareceria em folhetins no Correio Mercantil, em 1914, para tornar-se livro somente em 1952⁵⁶⁰. No número seguinte, corresponde a junho-agosto de 1911, está *A recolhida*, com a informação de que se trata de trabalho colhido no “livro escolar *Terra gaúcha*, no prelo”. No n. 9 encontra-se uma de suas obras-primas: *O negro Bonifácio*, que no ano seguinte integraria os *Contos gauchescos*⁵⁶¹. Entre esses dois últimos trabalhos se encontra o *Discurso* (publicado no n. 8, pp. 213-231, de setembro-novembro) em comemoração ao primeiro aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em cuja solenidade João Simões Lopes Neto, conforme ficou dito, foi orador oficial.

3.4.2 Sinopse do Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911)⁵⁶²

Nesse *Discurso*, que a seguir comentaremos sucintamente, acredito ter encontrado alguns elementos essenciais para fundamentar três características profundamente interligadas – folclore, identidade cultural e cidadania – na obra simoniana, articuladas pelo fio condutor da questão cívico-pedagógica.

⁵⁶⁰ O projeto dos *Casos do Romualdo*, antes da publicação no Correio Mercantil, teve prosseguimento com a publicação de dois contos, no A Opinião Pública, em 1913: *A Quinta de São Romualdo* (7 de julho); *Entre bugios* (12 de julho) e *A enfiada de macacos* (9 de agosto).

⁵⁶¹ Para um estudo profundo das variantes e estabelecimento de texto do *Negro Bonifácio* vide: ANTUNES, Cláudia Rejane Dornelles. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

⁵⁶² Uma edição mais acessível está no Diário da Manhã, Pelotas, 17 de junho; 24 de junho; 1º de julho; 08 de julho; 15 de julho; 22 de julho; 05 de agosto; 12 de agosto de 1984 [Coluna “Página Simoneana”, de Ângelo Pires Moreira].

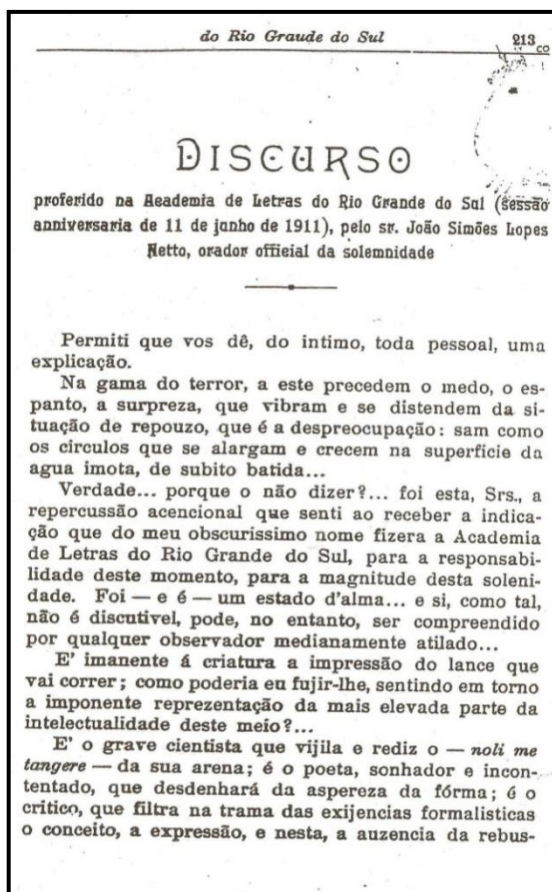


Figura 35 - Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911)
Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

Ao longo da descrição do *Discurso*, publicado na Revista da Academia de Letras, procurar-se-á mostrar as motivações éticas e o ideário programático de cunho social e político que integra seu olhar ideológico. Entre os aspectos que o autor reputa como indispensáveis para o desenvolvimento de seu estado e do País figurava em destaque o incentivo à cultura, especialmente a literária, e a ação docente.

Inicia o *Discurso* com um artifício retórico: manifesta o temor, advindo da responsabilidade de dirigir-se a uma plateia tão seleta, “a mais elevada parte da intelectualidade deste meio”. Solicita, pois, a complacência de todos. E segue: “O

generoso acolhimento que me é feito, dimana todo da bondade vossa – que não do merecimento que o justifique” ⁵⁶³.

A peroração é vazada em prosa parnasiana e erudita, que não dispensa expressões em latim e francês ⁵⁶⁴, distante da coloquialidade que caracterizou sua escritura de cunho regionalista.

Prossegue e, ao citar trabalho do historiador Capistrano de Abreu aparecido na revista Kosmos, mostra estar a par das principais publicações do tempo. Nessa citação quer demonstrar como os primórdios do Rio Grande estavam ligados à formação geopolítica do Brasil: “O arroio Chuí, que... parece, o Destino marcava já, nessa hora distante, como limite meridional da futura nacionalidade”⁵⁶⁵. Fala também da Capitania d’El Rei, “O latifúndio predestinado, sem jugo de cortesãos”. Identifica ali as raízes do tipo social rio-grandense e seu telurismo:

[...] a soberana equação do Destino fizera de Portugal presa da Espanha, na Europa, os mesmos fados quiseram que mais tarde a Capitania d’El Rei fosse a sentinela e escudo e gládio de Portugal contra a Espanha, na América.

Crescera e proliferara na região uma vergôntea da raça, estranhamente audaz e ágil, sadia, altiva e livre, coisa do seu lar. ⁵⁶⁶

Essa ocupação da terra, feita a duras penas, beira a epopeia, mesclando a história ao mito, na conformação de nossa gente, pois o “sangue filial” está como “a salamandra da fábula, renascendo das próprias cinzas” ⁵⁶⁷. Remete-nos, pois, à lenda da Salamanca do Jarau, em que se narra a formação da “nova gente” ⁵⁶⁸. Depois de tantas lutas e peripécias foi que, Alfim... soou o toque da vitória; a mesma língua cantou o mesmo hino, a mesma bandeira cobriu e beijou túmulos e

⁵⁶³ LOPES NETO, J. S. *Discurso...* Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, n. 8, p. 215, set./nov. 1911.

⁵⁶⁴ Idem. *Discurso...* pp. 213-214.

⁵⁶⁵ Idem. p. 216.

⁵⁶⁶ Idem.

⁵⁶⁷ Idem. p. 217.

⁵⁶⁸ Para uma discussão aprofundada do tema vide BAVARESCO, Agemir. *Aprender a ser gaúcho*. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

berços.”⁵⁶⁹. Em termos poéticos grandiloquentes louva a missão histórica que atribui ao Rio Grande:

Terra Gaúcha!⁵⁷⁰ Raia traçada pelo Destino! Foste a última incorporada à nacionalidade: foi-te água lustral o próprio sangue, litanias os brados de honra e valor teu; hóstia consagrada, o coração, era soberba a pátria inteira tua, amada!⁵⁷¹

O autor ao repisar a glória belicosa do solo gaúcho, vê nos seus feitos não a formação de uma identidade exclusivista, mas a máxima expressão da nacionalidade. Esse sentimento de pertença e os “estos de fraternal afeto” devem cobrir as “rasas e virentes campinas do Garupá” até “os igarapés equatoriais”.

Decalcando a estética romântica, da qual é tributário, sob vários aspectos, descreve liricamente a fauna e a flora da região:

Na gradação dos planos seria o inicial a lhanura longa e longínqua, forrada em espessa malha das gramas fortes, cortada em rede pelas bandadas de nhandus e pelos rebanhos de veados, vista de cima pelos colhereiros cor de rosa, apressado espenejar pelos grísios taãs de vôo sereno; doutra parte, a floresta exuberante, pouso farto da anta, ramalhando a fronde engrinaldada e perfumosa, inocente do machado e do fogo. / As pumas urriariam andejas, senhoras das restingas; as bífidas venenosas adormentavam-se ao mormaço, voluptuosamente, juritis, borboletas, boninas, frutos, escaravelhos dourados; tudo vivia na luz calma, tudo morria na quietação: na serra e na planície o silêncio seria apenas quebrado, em crise violenta, pelo rebramar dos grandes ventos soprados da cordilheira nevrosa traz onde desaparece o sol...⁵⁷²

Elogia o mestiço, o caboclo pescador e caçador. Nesse cenário selvagem e belo, quase paradisíaco, é que surge o homem branco, que “trouxe o cavalo, o boi, a

⁵⁶⁹ LOPES NETO, J. S. *Discurso...* p. 217.

⁵⁷⁰ Lembremos que Simões Lopes Neto escreveu um livro didático de histórias do RS, publicado postumamente pela editora Sulina, em 1955, de Porto Alegre. Dessa obra só chegou até nós o 1º volume. Para mais detalhes sobre o assunto vide REVERBEL, 1981, pp. 258-267. Ver também o interessante artigo publicado no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 03-08-1957, por Mozart Victor Russomano. *Terra Gaúcha* é também o título de manuscritos inéditos de um livro para crianças, que o biógrafo Diniz denominou “o verdadeiro Terra Gaúcha” e que foi publicado em 2013.

⁵⁷¹ LOPES NETO, J. S. *Discurso...* p. 217.

⁵⁷² LOPES NETO, J. S. *Discurso*, p. 218.

arma de ferro e a pólvora”⁵⁷³. Com os capitães vieram também os padres jesuítas, que catequizaram os índios ⁵⁷⁴. Mas a disputa continuava, pois

[...] impelido pela sanha de cobiça, mentindo à cruz da espada e do guião, iluminando a noite com labaredas, turbando o dia com alaridos, semeando o rubi do sangue sobre a esmeralda dos campos, o branco foi contra o branco, como molossos truculentos rilhando as presas sobre a mesma vítima.

O charrua, o Tape, o Minuano, que afizeram-se o haviam-se tornado eméritos em manejar os novos e estranhos animais que tanto lhe apraziam, tornaram-se nervo e polpa da ambição e da disputa: o selvagem viu-se premido entre duas garras contrárias, até expirar com o heroico Sepé-Tiaraju [...]. ⁵⁷⁵

Simões Lopes intentando resenhar a trajetória histórica e cultural da formação do Rio Grande do Sul, visando chegar até o seu presente, divide essa caminhada em períodos. O primeiro corresponde à chegada de Américo Vesúcio nas águas da Lagoa dos Patos, em fevereiro de 1502, passando pela entrada de Juan Dias no estuário do Prata, o alargamento das Missões Jesuíticas e a fundação da Colônia do Sacramento ⁵⁷⁶. O segundo está plasmado na Capitania d’El Rei, “a terra sobrance, o continente e a província de São Pedro do Rio Grande do Sul” ⁵⁷⁷. Da capitania abandonada vai até a ocupação definitiva do litoral rio-grandense, com Silva Pais, em 1737. O passo seguinte vai desta última data até o término da Guerra do Paraguai. Estava, então, como expressão geográfica constituído o Rio Grande do Sul, “é vero dizer, pelo esforço dos próprios filhos”⁵⁷⁸. Esses filhos “seguiram as pegadas dos pais; a espada e a lança passaram em herança; e cada geração sentia-se à anterior presa pelo exemplo e mais a que de si próprio brotava, pela ambição – bem humana – de legar-lhe um amanhã mais brando e farto” ⁵⁷⁹.

⁵⁷³ LOPES NETO, J. S. *Discurso*, p. 219.

⁵⁷⁴ Para a questão indígena em Simões Lopes Neto vide: BORGES, Luís; BAVARESCO, Agemir. *Identidades ameríndias*. Porto Alegre: EST, 2006.

⁵⁷⁵ LOPES NETO, J. S. *Discurso...* p. 219. Para mais detalhes sobre a questão indígena na obra do escritor e, especialmente, a presença de Sepé Tiaraju vide: BAVARESCO, A.; BORGES, L. (Orgs.) *Identidades ameríndias*. Porto Alegre: EST, 2006.

⁵⁷⁶ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 220.

⁵⁷⁷ Idem.

⁵⁷⁸ Idem, p. 221.

⁵⁷⁹ Idem.

Nesse momento do discurso o orador entusiasma-se pelo pendão cívico do torrão natal, cujos filhos os artífices da expansão geográfica do território pátrio. Depreende, pois, que desse amor à terra veio também sua vocação ao progresso:

[...] abriram-se estradas, plantou-se o trigo, teceu-se o linho, iniciou-se a indústria, comércio, uma revolução liberal deu corpo a aspirações, cavilhou-se o barco a vapor, o primeiro do Brasil.

É nos aspectos desta gênese, que tão escassamente sei delinear, que se deve buscar o porquê do retardamento de outra feição nossa, mais amável.⁵⁸⁰

Simões Lopes Neto está se referindo ao desenvolvimento desigual do estado relativamente às questões de ordem material e espiritual. Num primeiro momento, o esforço para a conquista e a preservação das fronteiras, o tardio e conturbado processo de integração ao País; tudo isso consumiu um longo tempo, sangue e energia dos filhos da terra. Desta maneira, o cultivo da literatura e das artes sofreu um atraso. Na medida em que as condições materiais e a estabilidade política se foram normalizando e se tornando mais prósperas, também o cultivo e o refinamento do espírito – esta outra “feição nossa, mais amável” – teve condições de se desenvolver.

O que justamente caracteriza o *Discurso* comemorativo da data de primeiro aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul é justamente isso: traçar sumariamente o envolver histórico do estado, os sacrifícios que os filhos da terra tiveram de fazer para garantir a segurança e os limites da pátria, sofrendo o abandono, o descaso e a injustiça do governo central, a fim de identificar as causas de seus problemas sociais e culturais. A despeito dessas situações, para ele, é notável o que a pujança da gente rio-grandense, corporificada pelo gaúcho, pode realizar em todos os campos, inclusive o artístico. Nessa medida, é que a vocação do Rio Grande para o progresso, o que o orador denomina a “equação do Destino”, se confirma com a fundação da Academia. Daí a necessidade de conhecermos nossa história, tradições e folclore. Não só para o amadurecimento do sentimento patriótico, mas para realizar plenamente nossa vocação histórica: o Brasil possui um

⁵⁸⁰ Idem.

lugar cativo no rol das nações desenvolvidas e, para tanto, não necessita imitar outros países. Simões Lopes Neto não defende um apego saudosista⁵⁸¹ ao passado pelo passado, mas adere a uma modernidade que leve em conta as condições, o hábito e o *gênios* habitantes do país, lamentando a implantação de hábitos, usos e costumes em desacordo com o nosso temperamento, o nosso clima, o que acontece nos grandes centros do Brasil que se querem cosmopolitas:

Não é que deseje que ficássemos estacionários, imóveis, perante as novas formas do viver moderno; eu lamento é a implantação de hábitos, usos e costumes em contraste em desacordo com o nosso temperamento, o nosso clima. O estrangeiro é tão firme na tradição, que mesmo na terra estranha ele a põe em prática, não cede à que encontra, venera a sua; nós desprezamos a nossa e adotamos a alheia, sem indagar o porquê, a razão de ser de tal cerimônia ou tal costume.

Não tanto nos Estados afastados, em que ainda se descobre o cunho próprio, mas nos que se dizem mais adiantados, o cosmopolitismo – tem tudo avassalado e afogado. Desde o vestuário até a linguagem, desde o poder até o proceder, a feição nativista está assoberbada pela imitação servil, ridicularizada pelos próprios imitados.⁵⁸²

Depreende-se daí a necessidade de conhecermos nossa história, tradições e folclore. Seu nacionalismo decorre justamente desse acentuado senso crítico, que lhe permitiu estudar, conhecer, valorizar as coisas da terra, sobretudo, as do seu querido rincão, a fim de melhor resistir às influências perniciosas dos grandes centros.

Corroborando sua afirmação da conferência de 1906, no *Discurso* de 1911 cita o relatório do Pará, de Jacques Ouriques, no qual há referência sobre o comum desconhecimento de nossas raízes. Insiste em que se costuma imitar a Europa, trazendo ao nosso seio, principalmente quanto à literatura, elementos temáticos

⁵⁸¹Para mais detalhes sobre ser ou não Simões Lopes Neto um escritor “saudosista” vide MARTINS, Wilson. *Escritor representativo*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28-05-1983, e MATTOS, Mário. *Reconhecimento de Simões Lopes Neto: uma revisão à crítica de Wilson Martins*. Diário Popular, Pelotas, 09-03-2004.

⁵⁸² LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 11.

alheios “da beleza, de sonoridade, as sutilezas, do amavio da ductibilidade latina, pertinentes ao caráter do falar nativo [...]”⁵⁸³.

Novamente, recorre ao projeto estético-político do romantismo. O nosso romantismo pretendia, remodelar as identidades regionais de modo a subsumi-las noutra que as engloba e dá sentido: a do brasileiro. Era esse intento que alimentava o projeto de José de Alencar.

O caso de José de Alencar (1829-1877) é bastante completo. Alencar foi herdeiro direto das sugestões do pai francês do romantismo brasileiro. Para Ferdinand Denis, o indígena e a “cor local” são peças fundamentais para as literaturas americanas, entre as quais a do Brasil.

José de Alencar em *Como e por que sou romancista*⁵⁸⁴, de 1873, coloca o romance romântico como verdadeiro manifesto de renovo da literatura brasileira. Anteriormente, na polêmica em torno de *A confederação dos tamoiros*(1856)⁵⁸⁵, Alencar faz a defesa da forma romanesca, pela plasticidade que essa ela lhe empresta, entendendo-a essa como mais adequada à nacionalização da literatura brasileira do que a poesia épica representada pelo poema de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), vendo nele um ideal passadista já vencido.

É, contudo, no prefácio de *Sonhos d'ouro* (1872) que Alencar revela explicitamente o seu projeto de nacionalizar a literatura brasileira, libertando-a de seu jugo colonial:

Tempo virá em que surjam os grandes escritores para imprimir em nossa poesia o cunho do gênio brasileiro, e arrancando-lhe os andrajos coloniais de que andam por aí a vestir a bela estátua americana, a mostrem ao mundo, em sua majestosa nudez: *nakedmajesty*.⁵⁸⁶

Nessa direção, é que o projeto alencariano inaugura os móveis do regionalismo brasileiro: de um lado, a “cor local” e, de outro, o registro dos costumes,

⁵⁸³ LOPES NETO, J. S. *Discurso...* p. 223.

⁵⁸⁴ Cf. ALENCAR, José. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

⁵⁸⁵ Para mais detalhes vide: CASTELO, José Aderaldo. *A polêmica sobre “A confederação dos tamoiros”*. São Paulo: Secção de Publicações da USP, 1953.

⁵⁸⁶ ALENCAR, José de. *Benção paterna*. Sonhos d'ouro. São Paulo: Ática, 1981, p. 12.

do linguajar e dos habitantes. É bem verdade, que nada havia de muito autêntico na representação que Alencar fazia do indígena ou do gaúcho – mas estava lançado o mote.

Para Alencar o regionalismo assume uma feição bastante específica. Sua intenção era de, não fragmentando a paisagem nacional, tanto física, quanto humana, identificá-la em sua particularidade, visando justamente integrá-la ao contexto nacional. Para José de Alencar, regionalismo e nacionalismo não são termos opostos, mas complementares. O que temos, em verdade, no ambicioso projeto alencariano é ainda mais do que isso: ele pretendia atingir um outro objetivo, regionalismo e nacionalismo, através do qual o romancista pretendia assinalar, tanto no plano literário, quanto no político, a marca diferenciadora relativamente à cultura europeia ⁵⁸⁷.

O protótipo que Alencar persegue é o homem brasileiro e americano. Assim o gaúcho ou o sertanejo pertencem a um plano ideal, moral e estético, e não àquilo que a prosa real-naturalista fará do regionalismo.

Entendo, ao contrário da maioria dos pesquisadores, que a matriz regionalista não deriva tão somente de José de Alencar. O regionalismo programático, sem dúvida deriva quase exclusivamente dele e, por esse motivo, muitos dos escritores românticos e mesmo aqueles já em transição para o real-naturalismo que se dedicaram a abordar paisagens e tipos regionais imitaram-no na construção romanesca ou na escritura do conto. Sergius Gonzaga é um dos poucos críticos a aceitar a matriz alencariana regionalista apenas como um jargão já consagrado: “O termo regionalista parece mal empregado na ficção romântica. Porém, como a crítica tradicional lida com o termo, nos adaptamos ao duvidoso conceito” ⁵⁸⁸.

O escritor, contudo, que efetivamente começa a produzir uma verdadeira prosa regionalista é Bernardo Guimarães (1825-1884), a qual mais tarde servirá de

⁵⁸⁷ Cf. CASTELO, José Aderaldo. *O projeto de literatura nacional de Alencar*. Separata do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, n. 38, jul./dez., 1977.

⁵⁸⁸ GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 12^a ed., revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado aberto, 1995, nota 28, p. 67.

modelo, principalmente pelo caráter do registro linguístico e da minuciosa descrição da natureza.

Dez anos antes de Alencar lançar seu primeiro romance de sucesso, *O guarani*, quinze antes da primeira parte do romance histórico *As minas de prata*, e vinte e três anos antes do romance “regionalista” *O gaúcho*, Caldre e Fião (1821-1876), em 1847, com *A divina pastora*, já havia dado nascimento ao romance histórico e regionalista no Brasil, dando lugar de relevo à paisagem do Rio Grande do Sul e ao quadro épico da Revolução Farroupilha. Seu outro romance, *O corsário* (1851), segue a mesma trilha.

É patente que o ano de 1835 é emblemático para o Rio Grande do Sul. Desde a Revolução Farroupilha a província vive uma ambivalência não resolvida até hoje. Derramou sangue para defender as fronteiras do Império e acabou sentindo-se abandonada pelo Poder Central. De um lado, nutre um forte sentido telúrico referindo-se a si mesma como a “Pátria pampeana”. De outro, sempre manifestou no discurso e na guerra um acirrado patriotismo.

Simões retoma a essência do projeto romântico. Isto é: retirar do folclore a base de nossa identidade nacional, a partir da qual seria possível pensar um projeto histórico, social e político para a nação. A chamada Geração de 1870, a despeito de sua radical oposição ao romantismo, buscará – do que é flagrante exemplo Silvio Romero – fazer o mesmo, porém, em bases científicas.

Cumprir dizer que é na literatura regionalista que o orador enxerga a possibilidade de desvendar o Brasil:

É da literatura regional típica e congregate, que se há de formar a literatura nacional, intensa e imensa.

É a literatura regional espontânea, curiosa, entusiasta, ingênua, pundonorosa e ativa, que formará a estrutura da página peculiar, que será, ao depois, do patrimônio comum.⁵⁸⁹

Nesse sentido, ele não entende a literatura tão somente como produção artística, entende-a como instrumento de compreensão das realidades

⁵⁸⁹ LOPES NETO, João Simões. *Discurso...*, p. 223.

antropológicas e político-sociais. Nesse viés é que o autor reflete sobre a nossa “literatura doméstica”.⁵⁹⁰

Não tira Simões Lopes Neto daí posições xenófobas. Observa com clareza que “Absurdo fora pretender que nós nos bastamos”⁵⁹¹. Considera Taunay e Alencar, equivocadamente, infensos à influência estrangeira, pretendendo atribuir-lhes uma originalidade exclusiva, própria da cor local.

A certa altura do discurso, o autor se dá conta que se desviara do foco principal, tamanha a abrangência do tema sobre a identidade da cultura brasileira. Corrige-se, então, para interrogar sobre o papel do Rio Grande do Sul na eclosão do progresso geral do País. Reforça a ideia de que as circunstâncias guerreiras e o abandono do Governo Central explicam as razões do atraso cultural do estado:

Causas e antecedentes facilmente apreensíveis, justificam o retardamento literário rio-grandense⁵⁹². E a diante: “quando ao norte bebia-se alguma instrução e despertavam aspirações; quando davam-se saraus e celebravam-se justas, liam-se crônicas, imprimiam-se primeiras gazetas e as lições das disciplinas maiores já tinham ouvintes e comentadores, enquanto isso... O Rio Grande do Sul acutilava e lanceava e era lanceado e acutilado.”⁵⁹³

Para descrever o progresso de um povo escolhe aferir três itens: a literatura, a escolarização e a imprensa.

Na literatura, depois de desfilarmos uma série de fatos históricos, que visam atestar os serviços do Rio Grande prestados à Pátria⁵⁹⁴, conclui:

[...] sem falso orgulho, mas também se medrosa modéstia – é lícito afirmar que a bossa terra integrou-se na comunhão sem nada receber e sem nada pedir; que atrasada de trezentos anos no preparo da sua capacidade, e

⁵⁹⁰ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 223.

⁵⁹¹ Idem, p. 223.

⁵⁹² Idem, p. 224.

⁵⁹³ Idem, p. 225.

⁵⁹⁴ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, pp. 224-226. Simões Procura mostrar que, de uma ou outra forma, enquanto o Brasil crescia em instrução e sofisticação artística, em amadurecimento político, social e científico, malgrado condições incipientes de desenvolvimento, o Rio Grande do Sul amargava guerras e abandono dos governos.

depois tumultuando ao embate das contingências, outra teria sido a solução de muitos acontecimentos, se o influxo da civilização contemporânea houvesse banhado as gerações que só o esforço próprio engrandeceu.⁵⁹⁵

Apesar das circunstâncias desfavoráveis, o Rio Grande conseguir “desabotoar em fragante rastro de intelectualidades magníficas”⁵⁹⁶. Simões Lopes Neto afirma que após 1870 a forma mais geral de expansão mental no Rio Grande do Sul foi o exercício do magistério, cujo professorado era composto de homens “de uma probidade profissional exemplar”⁵⁹⁷. Prossegue, pois, afirmando que alguns dos “saudosos mestres que iluminaram o cérebro de numerosas gerações da mocidade, que ao depois, dispersa pelos outros centros de estudos do Brasil, soube honrar o cultivo inicial e de progresso” [...].⁵⁹⁸

O jornalismo, que até os primeiros anos do século XX fora considerado fator deletério da cultura, é reabilitado pelo orador. Para tanto, Simões Lopes Neto narra o episódio ocorrido com Koseritz e a Gazeta de Porto Alegre, quando Domingos José de Almeida, da estatura de seu prestígio, assume pessoalmente sua ligação direta com o jornal. O próprio jornalismo, então, retoma sua dignidade, associado ao grande prócere Farroupilha. Deslindado o fato do ataque a Koseritz, a atuação jornalística assume seu rumo intrínseco, isto é, sair das questiúnculas políticas e das agressões pessoais para se tornar a “vanguardeira do progresso”; “uma imprensa orientadora e educativa”⁵⁹⁹.

No discurso proferido em 1911 o escritor seguidamente se reportará ao destacando o papel que confere à literatura. Para tanto, como era comum à época o fazerem os positivistas e republicanos, o evolucionismo como teoria explicativa da sociedade, traçando um paralelo entre a vida social e a biológica. Desta maneira, como as células que partem de seres simples para se irem complexificando em organismos superiores,

⁵⁹⁵ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 226.

⁵⁹⁶ Idem, p. 227. Entre estas cita: Oliveira Belo, Coruja, Hilário, Clarinda, Delfina Benigna da Cunha (a quem identifica apenas como a “cega maviosa”), Artur [Pinto da] Rocha, Lobo da Costa e Ferreira Vianna.

⁵⁹⁷ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 227.

⁵⁹⁸ Idem, p. 227.

⁵⁹⁹ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, pp. 227-228.

podemos relembrar os primeiros surtos de uma aspiração que veio tomando nitidez, vigor, evoluindo logicamente: esses núcleos foram o começo de um Instituto Histórico, o Parthenon Literário desta cidade, a Sociedade Gabrielense, além de outras agremiações de vida efêmera, sucessivas revistas e jornais literários, até a primeira tentativa de fundação de uma academia de letras; todos esses antecedentes, forças, impulsos, esse tatear, esse percutir, pródromos de uma eclosão que devia chegar, foram vibrações vitoriosas da vida, que exigia o surto de uma forma – organizada.⁶⁰⁰

Todo esse processo de desenvolvimento evolutivo da institucionalização da cultura resultou na fundação da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. O determinismo social, semelhante ao da biologia, marcou a “terra gaúcha” com um destino insofismável em prol do Brasil; “a marcha do progresso, que a raça está fadada a perلustrar”⁶⁰¹. E ainda afirma peremptoriamente: “Para fazermos algum bem basta o ambiente – que nos cerca e rege: a nossa própria evolução”⁶⁰².

Na mesma linha Simões Lopes Neto se dedicará a escrever artigos sobre higiene ⁶⁰³, tema tão caro aos intelectuais de então, e vulgarização do evolucionismo⁶⁰⁴. Em 1893, ao publicar o romance-folhetim *A mandinga*, faz uma irônica crítica à sobrevivência de superstições, não apenas entre as massas populares, mas também entre as pessoas letradas e pertencentes às classes abastadas. Ora, bem observada, a perspectiva entre o romance-folhetim e o teor dos artigos não é muito diferente. Na *Mandinga* é posta a nu a superficialidade da reação antimetafísica do positivismo brasileiro, enquanto que no texto jornalístico temos o Simões Lopes Neto que reivindica para imprensa, conforme declara em seu discurso na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, um importante papel no desenvolvimento cultural, inclusive na divulgação do saber científico, necessário para dar estofamento e aprofundamento aos positivistas nacionais, próceres no projeto republicano recém instalado⁶⁰⁵.

⁶⁰⁰ Idem, p. 228.

⁶⁰¹ Idem, p. 229.

⁶⁰² Idem, p. 230.

⁶⁰³ LOPES NETO, J. S. *Pelotas e a higiene*. A Opinião Pública, Pelotas, 21-12-1912.

⁶⁰⁴ LOPES NETO, J. S. *Uma trindade científica*: Lamarck, Haeckel, Darwin. Série de artigos no A Opinião Pública, publicada em janeiro de 1913.

⁶⁰⁵ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Breviário da prosa romanesca em Pelotas*. Vol. 1. Subsídios para uma história literária. Século XIX. Síntese crítica e histórica para uso escolar. Pelotas: JC Alfarrábios, 2007, pp. 176-182.

Deste modo é que João Simões Lopes Neto traça todo um panorama da trajetória histórica, política e cultural do Rio Grande do Sul, sucintamente comparando-a com a do Centro do País, trazendo à tona o papel de conhecimento da literatura (talvez por isso os *Contos Gauchescos* assumiram o lugar de projetos didáticos explícitos). Assim é que, concluindo o discurso, relata o programa da Academia, “todo social”. À literatura não cabe o simples cultivo das chamadas Belas-Letras, em geral, focalizadas na “frivolidade especiosa”⁶⁰⁶. O programa da Academia, portanto, está voltado para o progresso geral da cultura brasileira, preocupado com as questões mais candentes do País – isto é. “o hoje brasileiro”⁶⁰⁷.

O referido programa, ainda que fixe a identidade regional, ainda que valorize a iniciativa e o talento individuais, não pretende reforçar vaidades ou bairrismos, mas *fazer obra de firmeza moral, honestidade cívica, de límpido patriotismo*⁶⁰⁸. Assim, deve desaparecer o indivíduo, pois mais importa o culto às letras como contribuição geral à cultura. No cumprimento desse ideal, o papel da intelectualidade e das diversas regiões brasileiras por eles representadas, deve, sem sufocar o particular, organizar e harmonizar o convívio das tendências opostas, influenciando confiança, de forma a “solidarizar os homens pela branda força do afeto, pela comunidade do Ideal”⁶⁰⁹.

A fim de que se cumpra esse ideal de integração e concomitante respeito à diferença, que paira acima das divergências e das paixões imediatas:

É a imagem da visão sublimada é um sol que desponta e projeta da sua periferia um milhão de raios: ao longo destes, e, pois, em situação sempre diferente, avançamos todos para o grande centro, para a incomensurável aração... ao longo do nosso trajeto veremos, todos, diferentemente; pouco importa!⁶¹⁰

Assim, deve-se cultivar a literatura e congregar os homens que a entendem

⁶⁰⁶ Para ele a literatura, conforme o programa da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, deve seguir “linhas sérias” – a investigação histórica, bibliográfica, etc. (LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 231).

⁶⁰⁷ LOPES NETO, J. S. *Discurso...*, p. 231.

⁶⁰⁸ Idem, p. 331.

⁶⁰⁹ Idem.

⁶¹⁰ Idem.

como uma missão patriótica. Neste *Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul*, João Simões Lopes Neto, com exatidão, numa síntese de rara clareza, expõe a essência de seu projeto de reforma e modernização do País.

3.4.3 Discurso de inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório

3.4.3.1 O Clube Caixeiral

Simões Lopes Neto era intransigente defensor do ensino laico. Foi professor na Escola de Comércio do Clube Caixeiral. Esta foi a primeira entidade desta classe no Rio Grande do Sul. Foi o Clube fundado em Pelotas, em oito de dezembro de 1879. Seu aparecimento foi consequência direta da movimentação dos caixeiros pelo fechamento do comércio aos domingos e feriados, durante o turno da tarde. A mobilização resultou no estabelecimento de um acordo entre comerciários (caixeiros) e comerciantes, que visava atender as reivindicações dos trabalhadores.⁶¹¹ Entre os objetivos dos Clubes Caixeirais⁶¹² estava a resistência aos abusos e à exploração patronal, o mutualismo, atividades recreativas e o socorro aos desempregados da categoria. Além desses fins destinados à assistência e à organização de classe, a reforma estatutária de 1895, em seu artigo 3º § 8, previa como um dos objetivos *estabelecer cursos de instrução*⁶¹³.

O Clube Caixeiral de Pelotas também foi obra da Maçonaria, bem como o Asilo de Órfãos Nossa senhora da Conceição.⁶¹⁴ Cumprindo rigorosamente a previsão estatutária, em onze de outubro de 1898 é fundada a Academia de Comércio do Clube, sendo seus promotores Raimundo Pinto da Silva, Silvino Joaquim Lopes e José Borges de Eça de Queiroz. Formaram a primeira diretoria o dr. Ulises S. de Araújo Batinga, Manuel Luís Osório e M. S. Gomes de Freitas.⁶¹⁵ Em

⁶¹¹ No ano seguinte ao movimento dos caixeiros, aprovou-se a lei de fechamento do comércio aos domingos e feriados, à tarde, no Código Municipal de Posturas.

⁶¹² Para mais detalhes sobre os Clubes Caixeirais vide DUARTE, Paulo César Borges. *A fundação e os objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul (1870 a 1890)*. História em Revista, vol. 6, pp. 97-114, dezembro de 2000.

⁶¹³ Estatutos do Clube Caixeiral de Pelotas. Aprovados em sessão de assembléia geral de 21 e 28 de julho de 1895. Oficina a vapor da livraria Americana de Carlos Pinto & Cia., 1895, pp. 1-2.

⁶¹⁴ AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/UFPEL, 1999, p. 49

⁶¹⁵ Anais do Clube Caixeiral de Pelotas. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, s/l, 1929, p. 12.

dez de abril de 1909, inaugurou-se, em benefício da Academia de Comércio, uma “Exposição-quermesse” ⁶¹⁶ no Clube Caixeiral, cujo orador oficial foi João Simões Lopes Neto. ⁶¹⁷

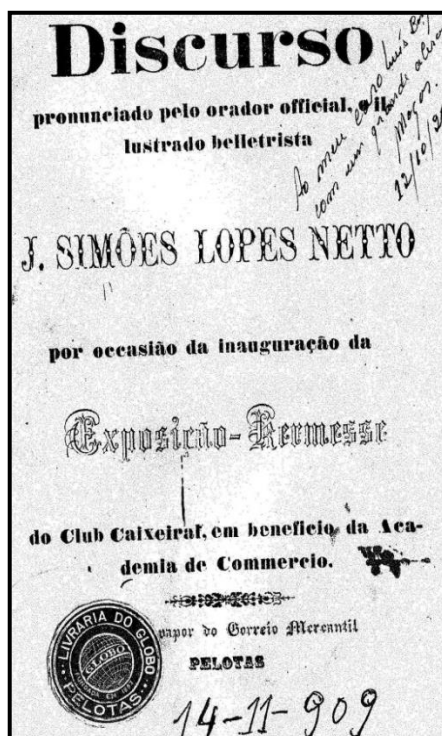


Figura 36 - Capa do discurso proferido na Exposição-Quermesse (1909)
Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

Em 1910 o curso do Clube Caixeiral foi reduzido de seis para cinco anos, obedecendo ao que rezava a lei federal de nove de janeiro de 1905. ⁶¹⁸

⁶¹⁶ O jornal “A Opinião Pública”, Pelotas, na sua edição de 24-11-1909 relata que a festa foi abrilhantada pelas bandas União Musical e do Clube Caixeiral. Aberta a sessão, falou Ildefonso Carvalho, seguindo-se com a palavra o orador João Simões Lopes Neto. Após foi descerrada uma cortida, dando início à inauguração da Exposição-quermesse, surgindo no alto, em uma grande escadaria, a menina Maria, filha do sr. J. B. Eça de Queiroz, a qual trazia o estandarte do Clube. Outras meninas representavam várias nações. Vinham vestidas de branco, exibindo faixas dos respectivos países: eram elas: Sarita Sá Lucas (Brasil), Diva Brauner (Portugal), Nina Carvalho (Espanha), Etelvina Wetzel (França), Cora Gaspar (Uruguai), Haidée Osório da Silva (Chile), Prendinha Mascaranhas (EUA), Maria Vilela (Argentina), Adília Wetzel (Itália) e Adelaide Silveira (Alemanha). As porta-estandartes foram: Luíza Osório da Silva (Banda do Clube Caixeiral) e Luíza Echocaray (corpo cênico). Nos dois espelhos do salão, pintadas pelo jovem Hilário Gomes estavam dois grandes cisnes e uma alegoria à imprensa de Pelotas. A copa e o tiro ao alvo foram ornamentados pelos senhores Francisco Gomes e Pedro Espíndola. Sob direção do sr. Menotti Giusti. A Sociedade Recreio dos Artistas realizou animado baile.

⁶¹⁷ Idem.

⁶¹⁸ Idem.

Em vinte de fevereiro de 1913 a Academia de Comércio do Clube Caixeiral realizou a sua primeira colação de grau de bacharéis em ciências comerciais, sendo paraninfo o dr. Joaquim Luís Osório. Os formandos foram Ildefonso Alves de Carvalho e Nede Lande Xavier. O corpo docente era constituído por F. da Cunha Ramos, João Afonso Corrêa de Almeida, Gregório Romeu Iruzum, Hermenegildo Bicker, Manuel Luís Osório, Fernando Luís Osório, Joaquim Luís Osório, Luís Gomes de Freitas, Henrique Krentel, Rudi Schäfer, J. J. Albuquerque Barros, Frederico Torres, Alípio Telles, Frederico Trebi, M. S. Gomes de Freitas, Francisco Rodrigues de Araújo, Henrique d'Ávila Gonçalves, Ulisses de Araújo Batinga. Augusto Simões Lopes e João Simões Lopes Neto.⁶¹⁹

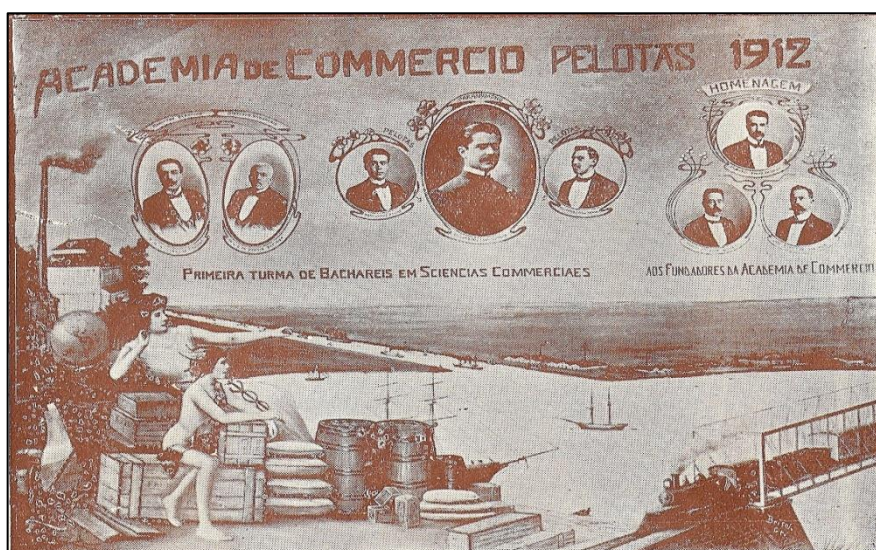


Figura 37 - Turma de bacharéis da Academia de Comércio do Clube Caixeiral (1913)

Fonte: OSÓRIO, Fernando. *A cidade de Pelotas*. Pelotas: Oficinas Tipográficas do Diário Popular, 1922

Percebe-se, pois, que o intuito dos líderes maçons de expandir a instrução se dá em várias frentes. Assim como no caso da Academia de Comércio do Clube Caixeiral, do mesmo modo correu na fundação do Ginásio Pelotense, resumindo seus objetivos educacionais no cultivo de uma filosofia que propugnasse um ensino “independente de sectarismos, combatesse o ensino clerical”⁶²⁰. A apologia do laicismo, segundo o ideário maçônico, visava preparar “futuros cidadãos aptos a

⁶¹⁹ Idem, p. 13.

⁶²⁰ Apud AMARAL, ob. cit., p. 117.

viverem em uma democracia, da qual deveriam ser bons auxiliares, e não pela sua educação estreita e fanática, elementos perturbadores da ordem e do progresso” ⁶²¹.

Ficam patentes as avançadas ideias educacionais e religiosas de Simões Lopes Neto na peça oratória que pronunciou na inauguração do Colégio Elementar, publicada no Diário Popular, em 19 de junho de 1913. Batendo-se contra o dogmatismo na ciência e nos métodos de ensino, Simões investe também contra o sectarismo religioso, deixando entrever uma nítida identificação com vários pontos do programa maçônico, acima sumariamente exposto:

O vocábulo – religião – no seu elevado sentido de sistema político-moral, só teria todo valor para o próximo bem humano, quando um, sufocado o espírito de seitismo, se preparasse e se reunisse um congresso mundial de religiões.

Que portentosa maravilha de bálsamos sociais se poderia elaborar, quando, nesse conclave colossal, explendessem proposições e cláusulas projetadas para cima dos interesses transitórios, e reboassem as palavras sábias dos homens mais eminentes pela reflexão, pelo estudo, pelo desprendimento... quando tocados pela única filosofia do bem, do belo e da verdade, todas concorressem lisamente e fervorosamente na superior organização da religião – suprema consoladora – sustentadora, compreensível e capaz de ser praticada, dignificada. Seria o transunto do hinário budista e cristão, judeu e maometano; e Confúcio e Platão e Sócrates, Lutero e Calvino e o Papado e Comte, e os doutrinários do socialismo, cada qual cedendo e reavivando os fachos primaciais de sua pregação; nem dogmas, nem imagens, nem rituais... apenas a simplicidade pura no domínio moral, tal como na matemática, a mais transcendental das ciências...

Que momento surgiria, esse, imperecível e harmônico, todo composto de claras verdades, sancionadas pela razão, dulcificadas pelo sentimento, como flamas de alto porte, para a edificação do maior dos códigos da anelada paz humana...

Sobre esse discurso o semanário católico A Palavra assim se manifestou:

Com grande brilho foi inaugurado o primeiro Colégio Elementar, instituição utilíssima e belo ornamento desta cidade de Pelotas. Assistiram ao ato as altas autoridades municipais e políticas e representantes de todas as classes.

Infelizmente o orador oficial não achou inconveniente ferir os sentimentos de muitos convidados repetindo conceitos – antes preconceitos – pessoais anti-religiosos, que alhures já externou, que porém na ocasião eram totalmente descabidos.

Esses ataques à religião e ao dogma trouxeram uma nota discordante à bela festa e desagradaram geralmente. ⁶²²

⁶²¹ Idem.

⁶²² A Palavra, Pelotas, 22-06-1913.

Simões Lopes Neto mostra-se, nesse discurso, também defensor da liberdade religiosa e dos direitos civis, embora expresse em seu pensamento um forte repúdio ao clericalismo: “Foi a instrução. Só ela que fez tudo e o que é mais, foi a instrução sem dogma, sem ciência oficial, livre, superior, soberana”[...].⁶²³

Por aí, constata-se que o escritor atribui à instrução um caráter laico. Contudo, era o autor bastante compreensivo, coisa pouco comum naquele tempo em homens que professavam sua crença no ideário positivista e evolucionista, e mesmo maçons, para com as manifestações da religiosidade popular, inclusive atribuindo-lhes legitimidade como fonte de renda, com isso equiparando-a em direitos à venalidade das religiões de elite, a respeito das quais, desde os tempos do impagável Serafim Bemol, Simões não perdia oportunidade de ridicularizar:

O bispo queixou-se ao Papa,
Que o mundo está com frieiras...
Nos ímpios dando rasteiras.
O bispo queixou-se ao Papa!
(Que tempo, o das amoreiras!...)
ninguém deste mal s'escapa:
O bispo queixou-se ao Papa,
Que o mundo está com frieiras

Pobre papa que não papa,
As papas de seu desejo:
E tem procurado o ensejo,
Pobre papa que não papa,
O bispo sentido o pejo,
Não quer o jogo do Rapa;
Pobre papa que não papa,
As papas de seu desejo!
E vai, deitando uma homilia,
Lastima a falta de enxofre,
Com o qual o mundo sofre...
E vai, deitando uma homilia
(cacete rima, esta em ofre!)
foi tomar chá co'a família,
E vai, deitando uma homilia,
Lastima a falta de enxofre.⁶²⁴

⁶²³ LOPES NETO, João Simões. *Discurso oficial proferido na inauguração do primeiro Colégio Elementar de Pelotas*. Diário Popular, Pelotas, 19-06-1913.

⁶²⁴ Publicado originalmente no A Pátria, Pelotas, 12-09-1889. Edição mais acessível MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 45.

Vejamos o sarcasmo com que dá estocadas na Igreja em sua coluna *Tesoura Hilariante*:

Disse a um frade um sujeito,
com voz bastante sentida:
- É vossa reverendíssima
que sabe levar a vida!
Não há bem que não lhe chegue
nem pesar para o consumir;
depois de dormir, comer,
depois de comer, dormir;
boa cama, melhor mesa,
isento de comoções...
Interrompe o frade aflito:
- Não conta as indigestões? ⁶²⁵

Numa das *Balas de estalo*, redigidas em prosa, Simões Lopes Neto, digo, Serafim Bemol comenta uma notícia aparecida na imprensa de Porto Alegre, na qual se relatava a prisão de um velho “feiticeiro”, chamado tio Pedro. Protestava contra o ato *inconstitucionalissimamente praticado*. E continua:

De fato, sendo a religião e qualquer culto de livre exercício, no Estado, não vejo em que a mandinga ⁱ possa ser coagida a dar contas de seus atos. Se uns adoram bem incarnadas, com belos mantos de veludo, e resplendores de prata, se outros deitam órgão e cantochão sem imagens, se outros adoram o sol, a carne, o dinheiro, a cachaça, a roleta, etc... e ninguém se mete a abelhudo com tudo isso, o livre exercício da mandinga deve ser garantido em sua plenitude. [...] Agora, se o mandingueiro, no exercício de sua profissão, leva à loucura ou à cova algum idiota, então sim, chamem-no – com provas - à responsabilidade, ou arrebenhem-lhe a alma acacete e mais a quem ele lealmente serviu. Se um médico, a quem a constituição nivela ao mandingueiro, no livre exercício da profissão, comete um erro de ofício e defunteia, e os interessados querem isso provar, provam com exames, autópsias, etc...etc... Portanto, provas, provas contra tio Pedro: do contrário, continuo dizendo que a lei foi violada. [...] No entanto, na mandinga política há cada tio Pedro de marca e ninguém se mete com ele. [...]

Tio Pedro, Pedro dos feitiços: na comédia *Os bacharéis* há uma frasezinha que eu vou lhe dar de presente: a lei é uma teia de aranha, em que os mosquitos se enredam e que os besouros rompem. ⁶²⁶

No trecho citado, ao lado da fina ironia e da clássica argumentação republicana, bem ao gosto do espírito da constituição liberal estadunidense, encontramos um intransigente defensor não só da liberdade de culto, mas dos direitos dos pobres que – conforme se pode depreender do texto citado e do final,

⁶²⁵ Publicado originalmente no A Pátria, Pelotas, 18-04-1890. Edição mais acessível MOREIRA, Ângelo Pires. Diário da Manhã, Pelotas, 19-09-1982. Página Simoneana (XXX).

⁶²⁶ Cf. Diário Popular, Pelotas, 21-05-1895.

aqui não transcrito - tais como as grandes autoridades eclesiásticas, se locupletavam da fé pública, para obter dinheiro e vantagens, mas diferentemente daqueles, não encontravam a proteção dos políticos ou da lei.

Numa das crônicas da coluna *Inquéritos em contraste*,⁶²⁷ publicada no A Opinião Pública, a que Simões Lopes neto batizou de *A tia das encomendas*, o autor comenta, à moda de João do Rio, o imaginário popular dos bruxedos e superstições.

Como homem de seu tempo, influenciado pelo positivismo e pelas concepções científicas, exclama: “O tempo dos bruxedos – Não passou.”⁶²⁸ E adiante: “No século XIX! Isso é incrível!”⁶²⁹

3.4.4 Sinopse crítica do discurso de Simões Lopes Neto proferido na inauguração do Colégio Elementar Pedro Osório⁶³⁰

Às 13h de 17 de junho de 1913, conforme noticiou o jornal Diário Popular no dia seguinte, teve lugar a solenidade de inauguração da escola elementar Pedro Osório. A cerimônia foi presidida pelo capitão Luiz Penafiel, presidente do Conselho Escolar de Pelotas. O intendente municipal, Dr. Cipriano Barcelos, se fez representar pelo professor Manoel Inácio Fernandes. O educandário estava situado na rua Andrade Neves, esquina Independência⁶³¹, quase em frente ao hospital da Beneficência Portuguesa. O evento foi abrilhantado pela banda musical Lira Artística, criada na primeira década do século XX, juntamente com outras da mesma natureza, tais como a Lira Pelotense e a banda Onze de Novembro⁶³², ligada à Liga Operária⁶³³.

⁶²⁷ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto cronista urbano* (1ª Parte). Diário da Manhã, Pelotas, 12/13-10-2013. Centenários Simonianos (V).

⁶²⁸ LOPES NETO, João Simões. *A mandinga*. In MOREIRA, ob. cit., 1983, p. 106.

⁶²⁹ Idem, p. 137.

⁶³⁰ Edição mais acessível deste discurso: Diário da Manhã, Pelotas, 27 de março; 03 de abril; 10 de abril e 17 de abril de 1983. Página Simoneana, de Ângelo Pires Moreira.

⁶³¹ Atual rua Uruguai, conforme MAGALHÃES, Mário Osório. *Os passeios da cidade antiga*. Pelotas: Armazém Literário, 1994, pp. 109-110.

⁶³² Para mais detalhes vide o verbete Bandas musicais. In LONER, B. A.; GIL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. *Dicionário de história de Pelotas*. Pelotas: UFPEL, 2010, pp. 27-28.

⁶³³ Idem, ibidem, pp. 158-160.



Figura 38 - Discurso proferido na inauguração do primeiro Colégio Elemental de Pelotas.
Fonte: Diário Popular, Pelotas, 19 de junho de 1913

Simões Lopes Neto, como orador oficial, falou em nome do diretor e do corpo docente. Enfatiza que, desde o início da organização republicana no Rio Grande do Sul os governos chamaram a si “uma questão de honra para os povos livres”: a instrução pública, disponibilizando-a de maneira leiga, livre e universal, cuja finalidade é atender “as urgências da vida prática das classes, capaz de impulsionar superiores que através dela se manifestassem”.

Elogia a ação do “poderoso espírito de Júlio de Castilhos” e de Borges de Medeiros, que a “acurada intuição aconselhou modificações” a respeito do sistema escolar. Entende-os como os primeiros a terem lançado os fundamentos da remodelação escolar, que foram adotados e mantidos por seu sucessor Carlos Barbosa. Tece palavras elogiosas também ao Secretário do Interior, Protásio Alves⁶³⁴, que, segundo o autor, assim que pode dispor das autorizações do Poder Executivo, “anima, impulsiona e atende solícitamente as providências dependentes de sua alçada, visando a completa realização do escopo governamental”. Lembremos que Protásio Alves, quando presidente do Conselho de Instrução Pública, assinou o documento de rejeição de sua *Artinha de Leitura*.

A ação dos governos positivistas é descrita como forte, tenaz, incessante e

⁶³⁴ Lembremos que Protásio Alves, junto com Álvaro Batista e Manuel Pacheco Prates, como membro do Conselho de Instrução Pública, foi um dos responsáveis pela rejeição da *Artinha de Leitura*, de Simões Lopes Neto, em 1908. Para mais detalhes sobre esse personagem histórico vide CAMPOS, Maria do Carmo; D'AZEVEDO, Martha Geralda Alves. *Protásio Alves e o seu tempo* (1859 – 1933). Porto Alegre: Já Editores, 2006.

clarividente, tendo sua atuação focada em “sanar lacunas, repara falhas, corrigir desvios, metodizando o que era confusão”. Confere destaque à reformulação dos programas de ensino primário e à formação docente, “estabelecendo-lhe nova orientação e dotando-o de aparelhamento racional”. O objetivo disso é despertar no professorado a responsabilidade pelo destino pátrio, “desdobrar-se através dos enxames das crianças de hoje, que serão os homens de amanhã”.

O orador passa, então, a discorrer sobre o caráter dinâmico da instrução pública, seja primária ou secundária, que pela sua complexidade não pode ter uma solução fixa e definitiva. Afirma também que a forma de estruturação do Colégio Elemental responde às exigências da atualidade, ressaltando que foi no estado de São Paulo, que

geralmente temos o justo orgulho de apontarmos como o campeão das grandes iniciativas, estabeleceu os seus chamados - grupos escolares – em prédios apropriados, planeados de acordo com as normas pedagógicas, mas tem, como nós, tateado na organização do seu programa de instrução pública”.⁶³⁵

A despeito dos ajustes que Simões Lopes Neto entende necessário ao sistema de ensino paulista, dentro do quadro, toma-o ainda como exemplar, percebendo que o Colégio Elemental de Pelotas “não andava transviado dos ensinamentos dos bons métodos”.

Prossegue a reflexão sobre o problema dos métodos de ensino. Condena o grave defeito de nosso sistema: basear-se num erro fundamental de psicologia, que é

aceitar que aprendendo-se de cor os manuais se desenvolve a inteligência. Por isso tem-se procurado aprender o mais que se possa; da escola primária ao doutorado [...], sem que a sua iniciativa e o seu raciocínio hajam tido ocasião de se exercer”./ Esses conhecimentos decorados, apoiados nas apostilas, nos pontos, nos resumos, são falsas aquisições, superficiais, que tendem forçosamente a deslizar para fora do espírito.⁶³⁶

⁶³⁵ Discurso oficial. Diário Popular, Pelotas, 19 de junho de 1913.

⁶³⁶ Para um breve comentário sobre esse texto vide BORGES, Luís *Discurso inaugural do Colégio Elemental Pedro Osório*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-03-2014. Centenários Simonianos (IX), e BORGES, Luís. *Sumário das ideias religiosas e afins de Simões Lopes Neto expostas no Discurso inaugural do Colégio Elemental Pedro Osório*. Diário da Manhã, Pelotas, 23-03-2014. Centenários Simonianos (X).

Apesar de seu “otimismo pedagógico” Simões Lopes Neto não se deixa levar por um entusiasmo simplista. Volta-se com um olhar crítico relativamente à questão da instrução. Ele afirma que se costuma dizer que a instrução é capaz de mudar consideravelmente os homens, tendo como resultado certo melhorá-los e até fazê-los iguais. E prossegue: “Mas neste, como em outros pontos certas idéias estão em profunda discordância com os ensinamentos da psicologia e da experiência”. Chegar a contestar a respeito deste prisma filósofos como Herbert Spencer, “que nenhum trabalho tiveram para demonstrar que da instrução não faz o homem nem mais feliz – que não muda os instintos, nem as paixões hereditárias – e que é até, por vezes, logo que seja mal dirigida, muito mais perniciosa que útil”.

Alternativamente a noções pré-concebidas baseadas no otimismo escolacentrista sugere que estudemos “os mais eminentes espíritos”, tais “como Breal, Fustel de Coulanges, Taine e outros”. Deixa claro, todavia, que não está a sustentar que a instrução, quando bem dirigida, não produz efeitos benéficos e transformadores, porém, o autor compreende que, ela, por si mesma é insuficiente para realizar as modificações necessárias à reforma moral e social que a pátria reclama, pois a “ciência oficial, o academicismo clássico, enformado, é um obstáculo na estrada larga do progresso”.

3.5 O FOLCLORE E A CULTURA POPULAR NA CONFERÊNCIA EDUCAÇÃO CÍVICA

3.5.1 Pequeno panorama ilustrado dos estudos folclóricos no Brasil

Desde a segunda metade do século XIX apareceu um forte interesse pela investigação folclórica no Brasil. De maneira geral, se pode dividir os trabalhos naqueles referentes aos estudos linguísticos, literários e sobre danças, músicas, festas e costumes. De outro lado, fomentados por eles ou em paralelo a essas pesquisas, estão as coletâneas ou recolhas folclóricas, também conhecidas como “cancioneiros”. Esse movimento se estendeu com intensidade crescente até a 2ª Geração Modernista. Dentre os Modernistas, um dos mais destacados autores cujo interesse recaiu sobre o folclore e a cultura popular foi Mário de Andrade (1893-1945).

No campo dos estudos sobre folclore encontram-se nomes importantes que atuaram como escritores, jornalistas e educadores, contribuindo com suas obras para valorizar a identidade nacional e auxiliar a pensar um novo projeto histórico.

A seguir apresentaremos sumariamente alguns dos nomes mais significativos da pesquisa folclórica no País, que viveram e produziram, mais ou menos, até o período em que morreu João Simões Lopes Neto.

3.5.2 De Pereira da Costa a Afrânio Peixoto

Entre os precursores dos estudos folclóricos no Brasil está Pereira da Costa (1851-1916).

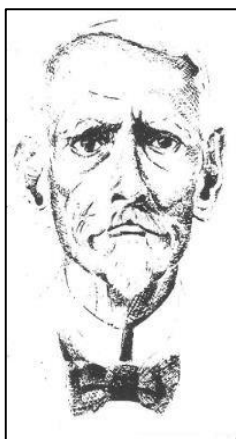


Figura 39 - Pereira da Costa (1851-1916)

Fonte: HÉLIO, Mario. *O mestre de todos os pernambucanos. O mestre de todos nós faz 150 anos.* Jornal do Comércio, Recife, 04-12-2000.

Recifense, teve sua vida pública ligada ao Poder Legislativo, do qual foi funcionário até a sua aposentadoria. Foi também deputado, entre 1901 e 1923. Trabalhou em prol do levantamento de documentário volumoso referente ao folclore de seu estado natal. Seu livro sobre o *Folclore pernambucano* foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, volume de 1908, tendo nova edição, pelo Arquivo Público Estadual de Pernambuco, apenas em 1974. Embora seu trabalho mais significativo seja o livro citado, de 1908, se pode encontrar artigos

na imprensa versando sobre folclore desde 1872, constituindo-se Pereira da Costa num dos primeiros pesquisadores da cultura popular brasileira.⁶³⁷

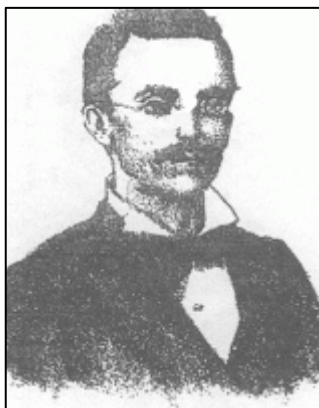


Figura 40 - Celso de Magalhães (1849-1879)

Fonte: <<http://cifrantiga2.blogspot.com.br/2011/03/celso-de-magalhaes.html>>
Acesso: 12-07-12

Celso de Magalhães (1849-1879) foi bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife (1873). Colaborou nos jornais pernambucanos e de sua terra natal, o Maranhão. Iniciou seus estudos sobre folclore publicando artigos sobre a tradição oral de origem portuguesa, em 1873, quando ainda estudante, no jornal acadêmico *O Trabalho* (Recife). Publicou também estudos sobre a poesia popular brasileira, em 1879, na *Revista Brasileira*. Coligindo as demais pesquisas folclóricas do autor, o Departamento de Cultura do Maranhão fez uma edição de seus trabalhos em livro em 1966, com prefácio e notas de Domingos Vieira Filho.⁶³⁸

Embora se tenha firmado na cultura brasileira por seus méritos de romancista o autor de *O Guarani* (1867) também se dedicou ao estudo do folclore.

⁶³⁷ Para mais detalhes vide: *Pereira da Costa* Vida e Obra. Jangada Brasil, ano 03, nº 30, fevereiro de 2001.

⁶³⁸ Para mais detalhes vide NASCIMENTO, Bráulio. *Celso de Magalhães: pioneiro dos estudos de cultura popular no Brasil*. In Comissão Nacional de Folclore e Comissão Maranhense de Folclore. *Anais do X Congresso Brasileiro do Folclore*. São Luís, 18 a 22 de julho de 2002.



Figura 41 - José Martiniano de Alencar (1829-1877)

Fonte: <<http://literaturahelenakolody.blogspot.com.br/p/jose-de-alencar.html>>
Acesso: 09-04-2010

Em dezembro de 1874, o escritor José de Alencar (1829-1877) publicou no jornal *O Globo* quatro cartas escritas para seu amigo Joaquim Serra (1838-1888) discutindo as cantigas populares cearenses.⁶³⁹ Contando com o auxílio de Capistrano de Abreu (1853-1927), então um jovem interessado nas coisas da história do Brasil, Alencar conseguiu recompor a perdida cantiga d'*O Rabicho da Geralda* que, juntamente do *Boi Espácio*, absorve suas considerações sobre a pecuária do sertão e sobre o cancionero nela inspirado. Lembremos que nesse período o escritor romântico estava a redigir *O sertanejo*, publicado em 1875, em que Alencar se debruça sobre a vida no interior do Ceará e que tem por herói um vaqueiro. Já na primeira carta, depois de descrever a feição tomada pela pecuária do sertão, afirma: “Todas estas cenas dos costumes pastoris de minha terra natal,

⁶³⁹ As cartas constam na *Obra Completa*, organizada por Afrânio Coutinho para a Editora Aguiar (1960) com o título de *O nosso cancionero*.

conto eu reproduzi-las com sua cor local, em um romance de que apenas estão escritos os primeiros capítulos”.⁶⁴⁰

Descrevendo a introdução e o estabelecimento da pecuária no interior da sua província, Alencar afirma que o “vaqueiro cearense achou-se em face de um sertão imenso, e de grandes mandas de gado, esparsas pelo campo. Este sistema de criação, inteiramente diverso do europeu, obrigava o homem a uma luta constante”.⁶⁴¹ Essa ideia, apresentada logo no início da primeira carta, constitui o eixo central de *O nosso cancioneiro*. Pode-se perceber aí um conceito caro ao romantismo: a literatura é resultado do ambiente geográfico-cultural em que ela floresce. Nesse sentido, os intelectuais do século XIX vão buscar na investigação da história e do folclore os elementos de que necessitavam para afirmar a independência da literatura produzida no Brasil, sendo largamente utilizada por Alencar a sua própria produção ficcional. Outro ponto importante, ao qual geralmente não se dá atenção, diz respeito às tensões entre as rijas regras de composição da Retórica tradicional, vigentes até fins do século XVIII, e a liberdade formal da estética romântica. Ainda que essa ruptura possa ser considerada verdadeira, a proposição não deve ser levada tão longe a ponto de encobrir a profunda ligação do romantismo com as fontes clássicas. No Brasil, a retórica se mantém presente ao longo do século XIX, manifestando-se tanto nos manuais de eloquência em que se baseava o ensino da literatura nas escolas quanto na continuidade do debate de temas literários colocados pela estética clássica.⁶⁴²

⁶⁴⁰ ALENCAR, 1960, vol. 4, p. 964.

⁶⁴¹ Idem, p.963.

⁶⁴² Para mais detalhes vide SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999, e MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea: o pensamento crítico de José de Alencar e a retórica oitocentista*, 2003. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2003. Como exemplo desses manuais podemos citar um dos mais conhecidos, tais como Freire de Carvalho. A primeira edição das *Lições de Eloquência Nacional* (1834) foi feita no Rio de Janeiro, pela livraria Laemmert e a 2ª edição (1840) em Portugal, com a intenção de reduzir custos e facilitar sua aquisição Brasil. Temos também o Cônego Doutor Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Suas *Postillas de Rhetorica e Poetica*, dictadas aos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II pelo repectivo professor... Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1871. A 3ª edição, revista e melhorada, por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior saiu em 1885, e Manuel do Sacramento Lopes Gama. *Lições de eloquência nacional*. 1ª ed. Rio de Janeiro Tip. Imparcial de F. de Paula Brito, 1846.

No caso de José de Alencar, a reminiscência de conceitos oriundos da retórica é facilmente detectável nas suas reflexões sobre a literatura. Especialmente na Primeira Carta de *O nosso cancioneiro* ela se manifesta na preocupação com a determinação do gênero no qual as cantigas se enquadram. Para Alencar, as cantigas populares cearenses fazem parte do gênero pastoril; contudo, ao contrário do que ocorreria na Europa, essa forma poética não tomaria aqui os tons amenos do idílio, e sim, as cores mais fortes da epopéia, que lhe seriam infundidas pelo caráter de luta assumido pela pecuária do sertão. Note-se, então, que as duas matrizes do seu pensamento – a romântica e a retórica – não permanecem infensas uma à outra, antes se mesclam e se fundem no esforço de compreender o fenômeno literário. O problema da classificação dessas cantigas é retomado por Alencar em outras Cartas.

Posteriormente, Alencar irá recusar essas classificações, considerando que xácara e romance são “nomes cultos” e, portanto, inadequadas às “inspirações rústicas e aos improvisos incorretos de nossos sertanejos” ⁶⁴³. Sua recusa, entretanto, não suprime a importância de toda essa reflexão pautada pela teoria dos gêneros e da ornamentação mais apropriada para cada um deles.

Também ao analisar o *Rabicho da Geralda* Alencar procura determinar o seu gênero. Como o poema é narrado pelo próprio boi, a classificação se torna mais fácil: para ele, a cantiga “tem a forma da prosopopéia” ⁶⁴⁴. Ao enquadrá-lo nessa forma, Alencar segue a tradição retórica, como se pode perceber pela leitura, por exemplo, de Francisco Freire de Carvalho, autor de um dos principais manuais de eloquência do período.

Na visão alencariana o mito é o ser que, ao concentrar em si a tradição de feitos grandiosos praticados por indivíduos cujos nomes foram esquecidos pela tradição, alça-se a uma categoria simbólica, tornando-se o representante das virtudes mais caras a uma comunidade. Logo, a mitificação, para Alencar, procede

⁶⁴³ ALENCAR, 1960, vol. 4, p. 970.

⁶⁴⁴ Idem, p. 978.

de um efeito cumulativo de características e qualidades para o qual concorrem, sem dúvida, a tradição oral e a literatura. Conferir estatura mítica as personagens e cenários equivale a transformá-los nessas “individualidades mais pujantes” que simbolizam uma ideia ou uma época.

Tanto os temas discutidos por Alencar em *O nosso cancioneiro* (1874) quanto os dispositivos retóricos identificados nas cantigas são retomados em *O sertanejo*. Quanto aos temas, diversos elementos trabalhados nas Cartas ressurgem em termos muito semelhantes – ou até mesmo iguais – em sua obra romanesca. O trabalho do vaqueiro cearense é descrito da mesma perspectiva nos dois textos, ressaltando-se sempre o elemento de perigo e de aventura que caracterizariam a pecuária sertaneja.

No tocante em à incorporação em *O sertanejo* de recursos formais identificados por Alencar nas cantigas populares cearences, percebe-se claramente no romance o uso da hipérbole e da amplificação. A primeira manifesta-se na exaltação das qualidades de alguns personagens, sejam eles homens, como o vaqueiro Arnaldo, Dona Flor e o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, ou animais, como o Dourado ou o Corisco, cavalo de Arnaldo. Quanto aos animais, a exageração chega ao ponto de se afirmar que eles faziam cálculos táticos e estratégias para atingir suas finalidades, atribuindo-lhes, assim, inteligência. Esse uso da hipérbole sempre foi atacado pela crítica que, desde Franklin Távora e Araripe Junior, censura o excesso de exageração empregado pelo romancista, imputando-o de falsear a realidade. Da perspectiva alencariana, entretanto, a hipérbole, mesmo tocando as raias do inverossímil, seria um recurso estilístico válido para mitificar seus heróis.

A amplificação relativa, discutida por Alencar em *O nosso cancioneiro*, também utilizada em diversas passagens de *O sertanejo*. A leitura atenta de *O nosso cancioneiro* (1874) e o cotejo de suas proposições com *O sertanejo* (1875) sugere algumas observações que denunciam as estreitas relações entre a ideologia que instiga diversos intelectuais brasileiros a estudarem nosso folclore e a produção

literária que aproveitava temas, vocabulário e personagens presentes na cultura popular.

Vale dizer que o estudo aprofundado que o romancista faz da pecuária sertaneja revela a atenção que despendia às suas fontes documentais, enfraquecendo a ideia de um Alencar puramente intuitivo e entregue à fantasia, que nos sugere o romance *O gaúcho* (1870). Como se sabe, uma das principais críticas que lhe foram feitas por Franklin Távora era de ambientar suas narrativas em regiões que não conhecia bem, incidindo assim em erros e inexatidões, como no caso citado. Ao contrário, vemos no *Sertanejo* o levantamento cuidadoso das condições de vida e de trabalho do vaqueiro. É interessante observar que a incorporação ao romance de elementos temáticos e estruturais identificados nas cantigas é indicativa do desejo do ficcionista de aproximar-se daquilo que ele chama de “estilo sóbrio e enérgico do povo”⁶⁴⁵. Em 1856, no início de sua carreira literária, Alencar censurou Gonçalves de Magalhães por tentar representar a saga dos índios brasileiros em uma epopéia, gênero que lhe parecia impróprio para o estabelecimento da poesia nacional. No ano seguinte, publicou *O guarani*, sua primeira tentativa de epopéia vazada na forma do romance, gênero novo e moderno, que lhe parecia mais adequado às necessidades expressivas da literatura brasileira. A análise que faz da poesia popular dá continuidade à busca alencariana de uma forma épica nacional. A utilização em *O sertanejo* de temas e de procedimentos retóricos apontados nas cantigas sertanejas pode ser interpretada como uma tentativa de vincular o romance à tradição literária popular, valorizada pelo romantismo, e, simultaneamente, de contribuir para a pesquisa de uma forma épica genuinamente nacional.

⁶⁴⁵ ALENCAR, 1960, vol. 4, p. 978.



Figura 42 - Juvenal Galeno (1836-1931)

Fonte: <http://pensandoemfamilia.com.br/blog/category/personalidades/?doing_wp_cron=1395267471.8558900356292724609> Acesso: 11-11-2013.

O poeta cearense Juvenal Galeno (1836-1931)⁶⁴⁶ descreve no prólogo das *Lendas e canções populares* (1865)⁶⁴⁷, o aproveitamento que pretende realizar da cultura popular em suas composições poéticas. Reproduz, estiliza e publica as lendas e canções do povo brasileiro, a fim de

representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre facções que retalham o Império, - pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, - em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vexes de seus próprios versos.⁶⁴⁸

Galeno intencionava mostrar o conteúdo folclórico “aperfeiçoado” pelo talento letrado e erudito, a proposta de coleta, “guia” e “doutrinação” das produções orais

⁶⁴⁶ Juvenal Galeno foi um poeta cearense que pertenceu a uma abastada família de agricultores de café da serra da Aratanha. Embora pouco afamado, distante do mercado editorial “oficial” e sem formação acadêmica Galeno tinha relações de parentesco com os conhecidos historiadores Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua, além de ter estado no Rio de Janeiro no ano 1855, travando contato com diversos escritores famosos como Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo. Neste mesmo ano, teve ainda a oportunidade de publicar poemas no periódico carioca “Marmota Fluminense”, pertencente a Paula Brito.

⁶⁴⁷ No ano de centenário de publicação, essa obra de Juvenal Galeno recebeu nova edição pela Imprensa Universitária do Ceará.

⁶⁴⁸ GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 31.

nos próprios poemas indica que Juvenal Galeno ainda não era completamente partidário das ideias científicas de recolha e registro do folclore. O literato ignora o pressuposto teórico da *preservação* da poesia popular, enquanto *documento* a permanecer intacto. Em razão deste procedimento, assim como acontece com José de Alencar e o escritor português Almeida Garrett, o poeta cearense sofre críticas dos folcloristas, que vêm munidos das concepções naturalistas de folclore. Contudo, ao tratarem especificamente de Galeno, tais críticas apresentavam ressalvas. É o caso de Araripe Júnior, o qual reconhece o valor da poesia de Gonçalves Dias, intitulada *Saudosa*, contudo, vislumbra uma renovação da originalidade e da nacionalidade da literatura, por meio da poesia promissora de Juvenal Galeno.

Também outros intelectuais do período, como Franklin Távora, são menos severos com os métodos de coleta e composição folclórica de Galeno.⁶⁴⁹ Ele conjugava *um homem do povo e um homem de letras* tornava-o um escritor privilegiado para representar o povo. Neste motivo também reside um critério naturalista. Muito ao gosto tainieano de Araripe Júnior, lança argumentos de caráter político-social, tendo em vista o desenvolvimento identitário plenamente independente do País.

⁶⁴⁹ ARARIPE JR. *Introdução*. Lendas e canções populares. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. Artigo retirado do periódico “Constituição” (1872), nos números 174;179;187 e 199, por F. Alves de Andrade, pp.4 e 13.

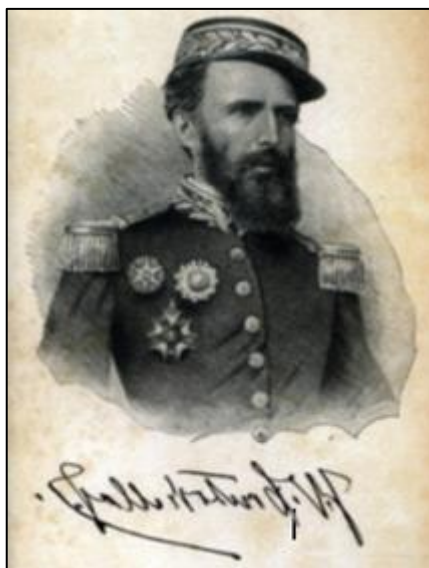


Figura 43 - José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898)

Fonte: <<http://www.programaraizes.net/posts/serie-rememorias-couto-magalhaes-por-helio-moreira>>
Acesso: 02-03-2014

Natural de Diamantina, Couto de Magalhães formou-se bacharel e doutor pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1859. Anos depois, em cumprimento ao pedido de Dom Pedro II para que compusesse um curso de língua tupi e a descrição das origens, dos costumes e da religião do indígena, Couto de Magalhães passa a estudar profundamente o aborígene, com o auxílio teórico de colegas como José Agostinho Moreira Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo. Em 1875 publica o livro *O Selvagem*.



Figura 44 - Folha de rosto de *O selvagem* (1875)
Fonte: Acervo Espaço Blau Nunes

Nesse período há uma crença geral de que o País está num estágio embrionário de formação. Do mesmo modo, se busca e se acredita na originalidade de sua literatura. Há uma grande preocupação com o “atraso” do brasileiro. Em campos diversos do conhecimento, o general Couto de Magalhães, o botânico Barbosa Rodrigues e os médicos Melo Moraes Filho e Nina Rodrigues demonstram interesse de caráter mais etnográfico do que literário nos costumes, nos cantos e nas lendas populares. Os dois primeiros se identificavam como “indianólogos”, designação daquela época para os estudiosos que se interessavam pela cultura indígena como representação do primitivismo do homem. De maneira não muito distinta do indianismoromântico, tais pesquisas apresentavam dificuldades em lidar com a imagem idealizada do índio arqueológico, posta à frente do índio como grupo étnico real e presente na população brasileira.



Figura 45 - Barbosa Rodrigues
Fonte: Espaço Blau Nunes

Barbosa Rodrigues, embora procure defender os costumes originais do índio civilizado— ao qual chama *tapuio* — das influências dominadoras da civilização branca, não esconde seus juízos sobre a inferioridade da raça.⁶⁵⁰

⁶⁵⁰ Cf. RODRIGUES, João Barboza. *Lendas, crenças e superstições*. Revista Brasileira, tomos IX-X, 1881.

Apesar de esboçar um manifesto à dominação portuguesa e à escravidão indígena, nas *Lendas, crenças e superstições* (1881), Rodrigues endossa a concepção de inferioridade da raça, a necessidade de vê-la “civilizada” e sua vulnerabilidade à raça superior. Por caminho especialmente diverso, Melo Moraes Filho apresenta uma obra, no ano da Abolição, com o nome de *Festas e tradições populares do Brasil* (1888). Através de posições excepcionalmente diferentes das do grupo folclorista, o autor omite a contribuição indígena no chamado “cadinho de raças” e revela informações importantes sobre a violência sofrida pelo negro escravo e a relevância incontestável da cultura africana na etnografia brasileira. Além disso, embora recolha elementos folclóricos da Bahia e de Sergipe, não dá exclusividade ao Nordeste, trazendo descrições sobre a cultura popular na Corte.

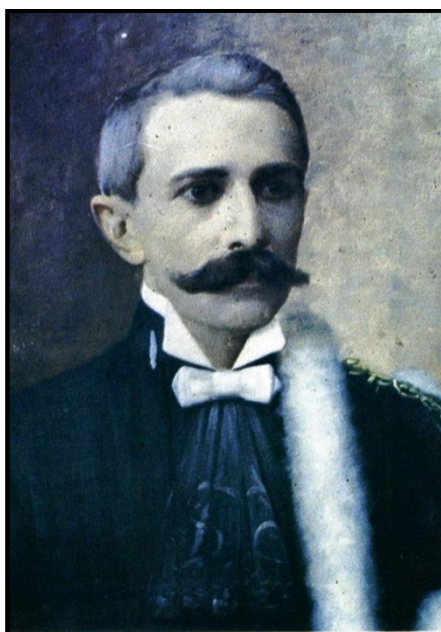


Figura 46 - Nina Rodrigues (1862-1906)

Fonte: <http://lampiaoaceso.blogspot.com.br/2012_03_01_archive.html> Acesso: 22-09-2011

Nina Rodrigues, por sua vez, por meio dos estudos intitulados *Os mestiços brasileiros* (1890) e *O animismo fetichista dos negros bahianos* (1896), defende a existência de uma pluralidade na mestiçagem brasileira, que ainda não poderia caracterizá-la como formadora de um “grupo etnológico único”, mas ao contrário,

caracteriza-o como um cadinho étnico-cultural, que sofre com a “negatividade do sangue negro”.⁶⁵¹

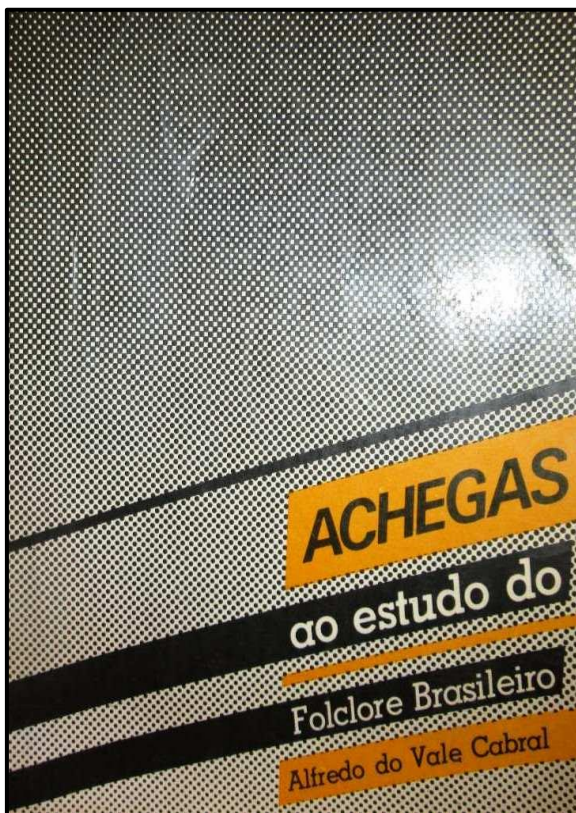


Figura 47 - Capa de uma edição atual de *Acheegas ao estudo do folclore brasileiro*
Fonte: Acervo Blau Nunes

Alfredo do Vale Cabral (1851-1894) é uma das figuras mais curiosas que auxiliaram, em tempos incipientes, a etnologia brasileira. Embora o estudioso baiano não tenha publicado livro sobre folclore, detendo-se mais em sobre história e literatura brasileira, justifica-se sua inclusão entre os primeiros folcloristas nacionais. Deixou-nos Vale Cabral as *Acheegas ao estudo do folclore brasileiro*⁶⁵² e *Canções populares da Bahia*, ambos publicados em revista de sua fundação, A Gazeta Literária (Rio de Janeiro), em 1883-1884. Suas funções na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional – setor do qual se tornou chefe em 1882 – permitiram que seu labor de estudioso das coisas nacionais fosse intenso. Além disso, sua correspondência com as Províncias era grande, incentivando os pesquisadores de

⁶⁵¹ Mais detalhes vide MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. IV. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978, p.350.

⁶⁵² Há edição atual dessa obra feita pelo MEC, em 1978, com introdução e notas de José Calazans Brandão da Silva.

trabalhos da musa anônima. No jornal A Província do Espírito Santo, por exemplo, de 20 de janeiro de 1889, vê-se a promessa da redação de enviar uma coleção de versos populares a Vale Cabral, “conhecido historiográfico e não menos distinto bibliógrafo nacional” ⁶⁵³.

Em suas *Achegas*, Vale Cabral examina o estado dos estudos folclóricos no Brasil do Segundo Reinado. Assinala o ano de 1873 como a data magna dos estudos do populário nacional, destacando as contribuições de José de Alencar, Celso de Magalhães, Sílvio Romero, Batista Caetano, Macedo Soares, Henrique de Beaurepaire Rohan ⁶⁵⁴, Apolinário Porto-Alegre, Barbosa da Silva, José Veríssimo, Barbosa Rodrigues, Carlos Von Koseritz Herbert Smith, examinando pormenorizadamente, os mais diversos aspectos dos costumes, superstições, lendas e demais tradições do povo. Seguem-se observações ainda hoje oportunas, sobre mitos brasileiros.

Dedicou-se principalmente a trabalhos bibliográficos, entre 1876 e 1890. Organizou e publicou os *Anais da Imprensa Nacional*, preparou o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* (1881), elaborou as edições críticas das *Cartas de Nóbrega* e das *Cartas Avulsas*, colaborando ainda com os historiadores Capistrano de Abreu, Ramiz Galvão e o Barão do Rio Brando. Em 1879, publica as *Cartas bibliográficas* na Revista Brasileira, mesmo periódico e data de publicação dos

⁶⁵³ Cf. NEVES, Guilherme Santos. *Cancioneiro capixaba de trovas populares*. Imprensa Oficial, 1949.

⁶⁵⁴ Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (1812-1894). Nasceu em Niterói (RJ), militar e político brasileiro, filiado ao Partido Liberal. Filho de Tiago Antônio Marcos de Beaurepaire, conde de Beaurepaire, e da anglo-portuguesa Maria Margarida Skeis de Rohan. Henrique Pedro assentou praça no exército aos 7 anos de idade e já em 1829 era segundo-tenente de artilharia. Passou para a arma de engenharia em 1837, quando chegou ao posto de marechal-de-campo, em 1874 e tenente-general, em 1880. Já na República, chegou à patente de marechal de exército, em 1890. Em 1885 era Conselheiro de guerra, comandante geral do corpo do Estado-maior de 2ª classe e membro da comissão de promoções do exército. Foi vice-presidente da província do Paraná, de 27 de julho de 1855 a 1º de março de 1856. Foi presidente das províncias do Pará, de 29 de maio de 1856 a 26 de outubro de 1857, e da Paraíba, nomeado por carta imperial de 3 de setembro de 1857, de 9 de dezembro de 1857 a 4 de junho de 1859. Foi ministro da guerra, nomeado em 1864. Bacharel em física e matemática, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Recebeu o título, com as honras de grandeza, por decreto de 13 de junho de 1888. Gentil-homem da Imperial Câmara, foi grã-cruz da Imperial Ordem de Avis, dignitário da Imperial Ordem da Rosa e comendador da Imperial Ordem de Cristo. Escreveu a *Corografia da Província da Paraíba do Norte*, publicada na Revista do Instituto Histórico da Paraíba, em 1911. (Os dados foram coligidos in MELLO, Barão Homem de. *Biografia do Visconde de Beaurepaire-Rohan*. Rio de Janeiro: Typografia Leuzinger, 1889). A importância intelectual e educacional de Beaurepaire Rohan começa a ser reconhecida, despertando o interesse de folcloristas, antropólogos e historiadores sobre sua vida e obra. De sua atividade destacam-se os estudos sobre cultura popular. Para mais detalhes vide RUFINO, Ana. *Henrique Beaurepaire-Rohan: razão e sensibilidade no século XIX*. Monografia de História. Universidade de Tuiuti do Paraná, 1998.

Estudos sobre a poesia popular do Brasil, de Romero. Além disso, funda, com José Alexandre Teixeira de Melo, a Gazeta Literária, revista que cede espaço aos seus estudos folclóricos e a textos similares de Macedo Soares e Araripe Júnior. É neste periódico que publica, nos anos 1883-1884, as *Achegas ao estudo do folclore brasileiro*, a partir de pesquisa etnográfica realizada na Bahia, entre 1879-1880.

Como se pode observar, estão presentes as questões relativas à problemática racial, associada ao debate oitocentista sobre a cultura popular. Nos diálogos com a literatura, estudos como os de Alfredo do Vale Cabral, João Alfredo de Freitas e Santa-Anna Nery recorrem explicitamente à obra de Sílvio Romero.

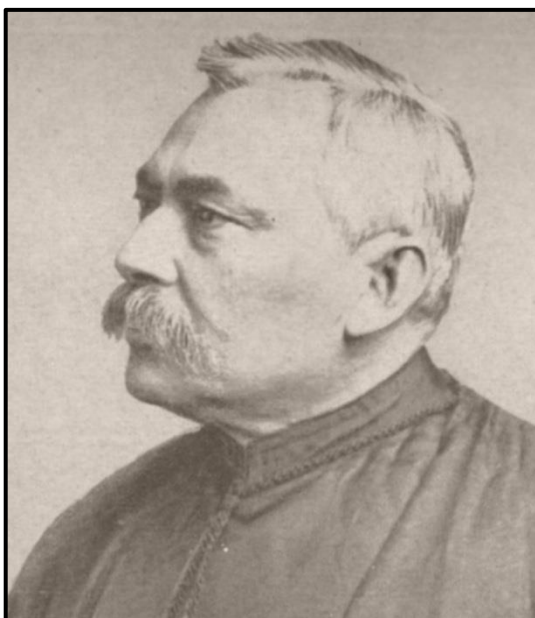


Figura 48 - Sílvio Romero (1851 – 1914)

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero> Acesso: 03-01-2012

O escritor sergipano Sílvio Romero publicou o livro *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, em 1888, composto por artigos aparecidos anteriormente na Revista Brasileira. Ali, o sociólogo e crítico procura explicar de que maneira o romantismo se relacionava com o folclore e as tradições populares. Comenta então um texto de José de Alencar intitulado *Nosso cancionista*, publicado em 1874, em que o autor de *Iracema* (1867) teria explorado a poesia sertaneja e as transformações da língua portuguesa no Brasil. Mesmo reconhecendo as observações de Alencar sobre a língua, censurou o romancista – e com ele todo o romantismo brasileiro – pela forma como compreendia as tradições populares.

Acusava-o de falsear a autenticidade da cultura popular com seus entusiasmos retóricos.⁶⁵⁵

O projeto romeriano para lidar com as fontes folclóricas era diferente: pretendia um amplo levantamento etnográfico e científico das tradições populares, devendo implicar num mapeamento nacional e objetivo das mesmas.

A tradição popular não deveria servir apenas para a vaga inspiração literária dos romancistas e dos poetas, mas, uma vez catalogada em registros objetivos e rigorosos, deveria estar apta a frequentar o repertório culto de cientistas, sociólogos e historiadores. Dessa maneira, após o minucioso exame dos eruditos, as tradições populares, como autêntico depositário das experiências anônimas do povo, deveriam fornecer também subsídios à literatura culta nas escolas e academias.

Sílvio Romero tinha na concepção de seu acendrado nacionalismo um sentimento que visava descobrir as entranhas da alma brasileira, seus vícios e virtudes. Pode-se ver nesse tipo de pensamento um forte resquício romântico, que ele cobrirá com uma acentuada camada cientificista.

A investigação de folclorista levada a cabo por Romero constituía-se também numa militância. Seu primeiro texto dedicado às questões folclóricas foi publicado no jornal carioca *O Repórter*, em 27 de maio de 1879, em que o jovem escritor reclamava da ausência de uma coleção de cantos e contos anônimos do povo brasileiro. A fim de fechar ou, pelo menos, diminuir essa lacuna, o próprio Romero credenciou-se para a tarefa, pois, em 1883, publicaria pela Nova Livraria Internacional de Lisboa seu *Cantos populares do Brasil*. Mais tarde em 1885, veio a lume outra coletânea folclórica: *Contos populares do Brasil*, impreso pela mesma casa editorial. Cláudia Neiva de Matos⁶⁵⁶ declara que *Cantos populares do Brasil* e *Contos populares do Brasil* foram as primeiras coletâneas sistemáticas sobre a cultura popular do país, embora já houvesse artigos sobre o tema. Sílvio Romero, ainda que sua fase mais pronunciada de folclorista tivesse passado, publicou, entre

⁶⁵⁵ Cf. ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Petrópolis/ Aracajú: Vozes; Governo do estado do Sergipe, 1977.

⁶⁵⁶ MATOS, Cláudia Neiva de. *A poesia popular na República das letras: Sílvio Romero folclorista*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Editora da UFRJ, 1994, p. 38.

1910 e 1912, na Revista da Academia Brasileira de Letras (nº 2, 4 e 7), o artigo *Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro*.⁶⁵⁷ Mesmo nesse seu último texto verifica-se, talvez pela precariedade de comunicações e pelas dificuldades de locomoção num país de tão vastas dimensões, que as pesquisas romerianas concentram-se nos lugares em que vivei – Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro. O Rio Grande do Sul pouco aparece.



Figura 49 - Folha de rosto de “Cantos populares do Brasil” (1885), de Sílvio Romero
Fonte: Acervo Espaço Blau Nunes

Os *Cantos populares* são, de fato, um repositório variado e copioso de quase todos os tipos e aspectos da poesia popular brasileira. Há neles, desde os romances e xácaras, até os singelos “versos gerais” ou quadrinhas, passando pelas cantigas dos autos tradicionais, como as Cheganças, os Reisados, as Pastorinhas, as Loas de Natal e Reis. Como parte final do livro se incluem também as orações: parlendas e adivinhas. Muito desse opulento material foi recolhido pelo autor diretamente da fonte oral popular em vários pontos do Brasil, principalmente em Sergipe, sua terra natal.

Dois anos depois, em 1885, publicava Sílvio Romero a sua preciosa coletânea de *Contos populares do Brasil*, divididos, dentro da classificação que propusera, em *Contos de origem europeia*, *Contos de origem indígena* e *Contos de origem africana e mestiça*. Conforme frisara o autor na segunda edição do seu livro, os contos foram por ele mesmo colhidos da tradição oral, “exceto os cinco ou seis tomados a Couto de Magalhães”.

⁶⁵⁷ Esse texto foi incluído na 3ª edição da *História da literatura brasileira* (1943), organizada por Nelson Romero, mas foi retirado da mais recente edição, publicada pela editora Imago, em 2001.

Mais tarde prosseguiu os seus estudos do folclore nacional, escreveu as duas belas páginas *Tradições populares* (Cantos e contos anônimos) e *Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro*, que vieram a integrar a sua monumental *História da literatura Brasileira* ⁶⁵⁸.

O trabalho de Sílvio Romero no campo da pesquisa folclórica foi um avanço extraordinário, considerando a precariedade metodológica e de acesso às fontes. Cabe observar que no que se refere à poesia popular, ele não pode registrar a melodia das variadas cantigas que publicou. O próprio autor afirmava:

Ainda hoje [...] nos lembramos dos tons da mor porção dos nossos cantos populares. Temos feito esforços por conseguir música [...]. Não há muito, por influência do nosso amigo Osório Duque-Estrada, encontramos em relações com o ilustre maestro Alberto Nepomuceno, que escreveu diversas canções. Por seus muitos afazeres não pôde continuar. Devem estar em seu poder as peças que escreveu. De novo exprimimos o voto de que seria para desejar que algum sabedor se apresentasse para escrever a nossa música popular. Nós ficamos às ordens para cantar o que sabemos; nós e pessoas de nossa família, onde o elemento nortista predomina. ⁶⁵⁹

É possível verificar no discurso de Sílvio Romero e profunda afetividade que dedicava à investigação do folclore brasileiro. Ele mesmo o disse, referindo-se às pequenas jóias da poesia popular:

Ainda agora sinto no ouvido a melodia simples e monótona desses e doutros versinhos do gênero: invade-me a saudade, doce companheira, a quem devo, nos dias tristes de hoje, as raras horas de prazer de minha vida. ⁶⁶⁰

Certa vez confidenciou a Coelho Neto:

Precisamos desenterrar o tesouro poético dos primitivos. O povo tem dois jazigos de relíquias, um no espaço – o cemitério: outro no tempo - a tradição. O espaço é precário e tudo que tem nele assento perece: o tempo é perene e eterniza o que recolhe. Deixemos a terra no seu trabalho de transformação contínua desenvolvendo-nos em seiva os corpos que lhe confiamos; busquemos no tempo a herança das almas. É pelo tempo que nos pomos em comunicação com o Passado, e quem nos guia nessa viagem? – a tradição: aqui uma lenda, além um mito, adiante um canto, alhures um ritual, uma cerimônia, e vamos indo por esses marcos até as

⁶⁵⁸ ROMERO, 1943, tomo I, pp. 105-120 e 139-174.

⁶⁵⁹ Idem, p. 141.

⁶⁶⁰ Apud RABELO, Sílvio. *Itinerário de Sílvio Romero*, São Paulo: Civilização Brasileira, 1967, p. 71.

origens, que são os fundamentos da nacionalidade. Não queiramos a glória do anonimato: povo sem tradição é árvore sem raízes, que qualquer vento derruba...⁶⁶¹



Figura 50 - Santa-Anna Nery (1848-1901)

Fonte: <<http://arquivohistoricomadeira.blogspot.com.br/2012/01/land-of-amazons-barao-de-santa-anna.html>> Acesso: 12-02- 2014

Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901)⁶⁶², também conhecido como Barão de Santa-Anna Nery. A partir de 1874, viveu em Paris. Manteve estreitos contatos com o

⁶⁶¹ Apud NEVES, Guilherme Santos. *Sílvio Romero e o nosso folclore*. Folclore, Vitória/ES, março-junho de 1951.

⁶⁶² Nascido no Pará realizou seus primeiros estudos em Belém. Teve grande auxílio de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará. Indo estudar no Seminário e Manaus e, a partir de 1862, em S. Sulpice, em Paris. Em 1867, formou-se em Letras, partindo para Roma no ano seguinte. Doutorou-se em Direito, em Roma, 1870. Assumiu a redação da revista católica "La Esperanza". Em 1871, publicou, em Florença, o livre *Les Finances Pontificales*. Em 1872, separou-se dos "velhos católicos", do círculo de J. Loyson. No mesmo ano, publicou o livro *La Logique Du coeur*, traduzido em várias línguas. Em 1873, lançou, em Roma, o *Le Prisonnier Du Vatican*. A partir de 1874, tendo-se estabelecido em Paris, Santa-Anna Nery tornou-se um dos principais divulgadores da cultura brasileira e defensores das causas do Brasil na Europa. As suas concepções e a sua imagem do Brasil foram, naturalmente, profundamente influenciadas pelas tendências e correntes do meio intelectual e científico francês. Sobretudo o desenvolvimento que então experimentava o estudo das tradições populares e do folclore, assim como o grande interesse dos europeus pelos indígenas americanos levaram-no a ver o seu país natal com outros olhos. Exerceu, por sua vez, considerável influência no desenvolvimento dos estudos das tradições populares na França. Dedicou-se ao fomento da emigração européia ao Pará. Em 1887, proferiu discurso, sobre o povoamento da Amazônia na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Musicólogo, em uma de suas obras entre a ilustração intitulada "torès", com instrumentos musicais, a de um "trompette indienne", a de título "mimby", com instrumentos musicais, e as gravuras de um maracá e de um cotecá, todas elas reproduzindo desenhos da *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira* (Rio de Janeiro, 1882); um instrumento musical aparece também na gravura de um missionário junto aos índios, baseada em fotografia original. Faleceu em 1901. Todos os dados biográficos e bibliográficos do autor foram coligidos in BORGES, Ricardo. *Vultos notáveis do Pará*. Belém: CEC, 1980; e BISPO, Antonio. *Katholische Restauration und Musikkultur der Indianer Amazoniens*. Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens: Stand und Aufgaben der Forshung IV. Zur Geschichte der Forschung. Anuário Musices Apatatio. Roma/Siegburg, pp. 277-286, 2000/2001.

Brasil, como colaborador do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. Em 1875, publicou *Um Poète du XIX siècle: Gonçalves Dias*, contribuindo grandemente para a difusão da literatura brasileira na Europa. Iniciou intensa atividade de divulgação cultural do Brasil e da língua portuguesa no contexto das comemorações do Tricentenário de Camões. Publicou, em 1879, o livro *Camões et son siècle*. Foi um dos fundadores da Associação Literária Internacional, representando-a como vice-presidente em congresso internacional em Londres. Em 1880, publicou *Lettre sur Le Brésil: réponse au Times*, e pronunciou discurso na sessão inaugural do Congresso Literário Internacional de Paris. Em 1881, lançou a publicação mensal *Le Brésil*. Integrado e reconhecido nos meios literários da França, atuou na publicação do *Almanak Parisienne*. Em 1883, após viagens ao Brasil, publicou, em Paris, *La question du café* e *La Bataille du Riachuelo*. Em 1884, publicou *La Civilisation dans Amazones*. Fundou a Sociedade Internacional de Estudos Brasileiros. No ano seguinte, dedicou-se, no Pará, à fundação de uma sociedade paraense de imigração. Em Paris, em 1885, publicou a primeira edição de *Le Pays des Amazones* (Paris: L. Fonzine), obra que conheceu versões em outras línguas e marcou profundamente a imagem do Amazonas na Europa na passagem do século XIX ⁶⁶³. A obra, inserida na série *Bibliothèque des Deux-Mondes*, incluía 101 ilustrações e dois mapas, com um retrato do autor gravado em água-forte por Robert Kemp, com introduções do Barão de Hübner e de Émile Levasseur, foi financiada por meio de subscrição da Assembléia Legislativa do Amazonas.

Dedicou-se ao fomento da emigração europeia ao Pará. Em 1887 proferiu um discurso sobre povoamento da Amazônia na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi um dos membros fundadores da *Sociedade de Tradições Populares*, em Paris. Vários trabalhos seus foram publicados em 1889, devendo-se salientar o *Le Brésil en 1889*, para a Exposição Universal de Paris, e o *Folk-lore brésilien* (Paris: Didier, Perrin), o tratado inaugural dos estudos de folclore brasileiro na Europa.

⁶⁶³ Pode-se exemplificar as seguintes: em italiano, *Il paese delle Amazzoni*, (Gênova 1900); em inglês: *The Land of the Amazon*, (Londres 1901).

Fiel à Monarquia, após o golpe militar que levou à proclamação da República no Brasil (1889) foi preso em 1897 e desterrado para a ilha Fernando de Noronha no ano seguinte. Suas memórias do cárcere foram relatadas em *De Paris a Fernando de Noronha*, publicado em Lisboa, em 1897. Em 1900, escreveu a *Bibliografia Scietifica sobre o Amazonas*, introdução ao álbum *O Pará em 1900*, comemorativo dos 400 anos do Brasil.

Entre as obras mais importantes da bibliografia de relevância folclórico-etnológica e musicológica do século XIX referentes ao Brasil encontram-se as de Santa-Anna Nery. Encetou estudos de literatura da brasileira.

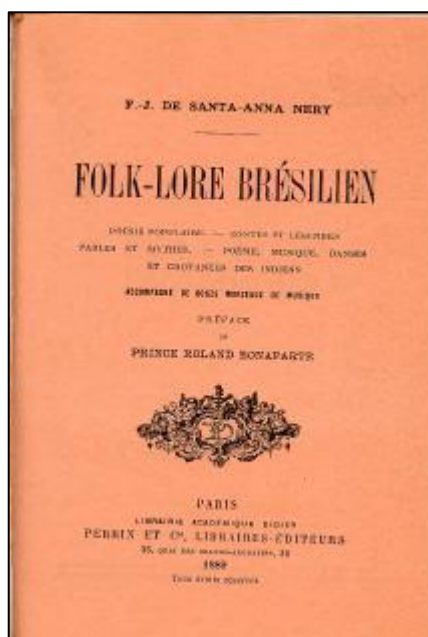


Figura 51 - Folk - Lore Brésilien (1889)

Fonte <:<http://www.academia.brasil-europa.eu/Materiais-abe-84.htm>> Acesso: 22-09-2012

Além de tudo que relatamos, Santa-Anna Nery publicou, em Paris, *Folk-Lore brésilien* (1889), com prefácio do Príncipe Roland Bonaparte, de renome pelos seus conhecimentos de assuntos antropológicos e etnográficos. Baseado em conferência pronunciada quatro anos antes, o livro foi motivado pela fundação, em Paris, da Sociedade de Tradições Populares, para cujo quadro social o autor fora convidado. Nessa obra de divulgação, sem propósitos científicos ou documentais, o autor dedica uma parte à poesia, música, danças e crenças indígenas. Em capítulo

especial, trata da música e dos instrumentos musicais, entrando em pormenores a respeito da dança do Sucuriju, da dança do Tamaquaré, da festa do Jurupari, da música no processo de iniciação dos pajés e da dança do sapo. Essa obra assume particular interesse para os estudos musicológicos, sobretudo devido às doze peças musicais nela incluídas, sendo uma delas um canto indígena. Na anotação desses exemplos, o autor teve a colaboração do pianista e compositor brasileiro Itiberê da Cunha (1846-1894), amigo de Franz Liszt e Anton Rubinstein.

Segundo as observações de Santa-Anna Nery, a imaginação representaria grande papel entre os indígenas, como o demonstram suas concepções poéticas, seus sonhos melancólicos e suas visões. Fato estranho para uma raça que se supunha saída da barbárie ou de uma raça decaída da sua grandeza primitiva. Santa-Anna Nery era antes favorável à opinião de José de Alencar, segundo o qual o tronco da raça americana não seria degeneração de outras, mas, ao contrário, todas teriam uma origem comum e o Brasil seria o berço da humanidade.

Nas suas observações relativas às lendas populares e à interpretação de assuntos bíblicos e de festas religiosas. Para seus estudos Santa-Anna Nery baseava-se nas publicações às quais tinha acesso e naquilo que ouvira da tradição oral. Assim, reproduz dados relativos ao culto mariano da Virgem da Nazaré e à crença que o seu desrespeito causaria peste, de Antônio Pádua Carvalho, jornalista do Diário de Notícias que menciona as crenças relativas ao Tamandaré, o Noé indígena, e ao Dilúvio, inspirado pela leitura de *O Guarani* de José de Alencar (Rio de Janeiro, 1868, 4ª edição). Ouviu de índios catequizados a história de *Os marimbondos*, uma narração do pecado original que pesa sobre os homens, o que provaria a influência do ensino dos primeiros missionários.

Com base em fragmento gravado na memória, Santa-Anna Nery ofereceu aos leitores o exemplo musical incluído na sua obra. Nas suas considerações musicais, baseava-se também e principalmente na obra de Couto de Magalhães. Reproduziu, deste modo, as traduções desse autor do canto de amor da filha da natureza, da invocação a Rudá, o deus do amor indígena. Também considerou os cantos bilíngues coletados por Couto de Magalhães, como prova de influência da poesia dos brancos no espírito indígena.

Poderíamos citar outros nomes dentro do panorama dos estudos folclóricos no Brasil, tais como João Alfredo Freitas Vale e Júlio Campina ⁶⁶⁴, como, porém, são, para o intento que temos aqui, autores secundários, preferimos passar a outro muito importante e olvidado. Trata-se de Manuel Raimundo Querino. ⁶⁶⁵

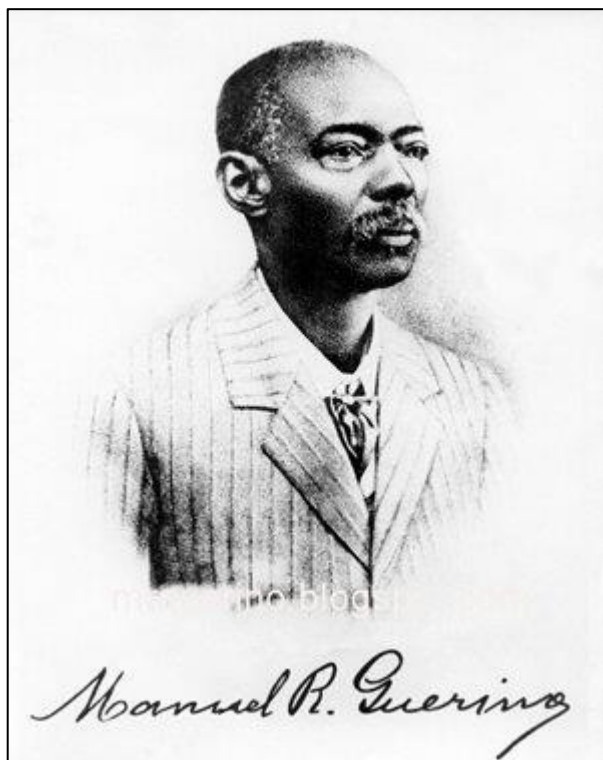


Figura 52 - Manuel Raimundo Querino (1851-1923)

Fonte: <<http://mrquerino.blogspot.com.br/>>

Acesso: 02-06-2012

Foi um intelectual afrodescendente, fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes, escritor e pioneiro dos registros antropológicos da cultura africana na Bahia.

O folclorista Câmara Cascudo afirma que sua pequena bibliografia é indispensável quando se trata da contribuição do negro à civilização brasileira ⁶⁶⁶. De vida modesta, sofreu uma grande perda na infância. Em 1885 perdeu os pais

⁶⁶⁴ Para mais detalhes vide VILLAS BOAS, Glaucia. *Em busca do sentido nacional do folclore*. Saúde-Manguinhos [online], vol. 6, nº 1, 1999.

⁶⁶⁵ Biografia compilada de Artur Ramos. Prefácio à *Raça africana no Brasil*. São Paulo: Companhia/ editora Nacional, 1938.

⁶⁶⁶ Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

numa epidemia que se abateu em Santo Amaro da Purificação/BA. Foi confiado aos cuidados de um tutor, o professor Manoel Correia Garcia, que o iniciou nas primeiras letras. Tendo apenas o curso primário, Manuel Querino, aos 17 anos, em 1868, alistou-se como recruta, viajando pelos sertões rumo ao Paraguai. Não foi mandado à Guerra, entretanto, por motivos de saúde. Partiu para o Rio de Janeiro no mesmo ano, quando ficou empregado no escritório do quartel. Em 1870, recebeu promoção a cabo de esquadra, e logo depois teve baixa no serviço militar. Retornando à Bahia, começou a trabalhar nas fainas modestas de pintor e decorador. Sobrava-lhe tempo, porém, para estudar francês e português, no Colégio Vinte e Cinco de Março e no Liceu de Artes e Ofícios, de que foi um dos fundadores. Com as suas inclinações para o desenho, matriculou-se na Escola de Belas Artes, onde se distinguiu entre os alunos. Obteve o diploma de desenhista em 1882. Seguiu depois o curso de arquiteto, com aprovações distintas. Obteve várias medalhas em concursos e exposições promovidas pela Escola de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios e no Colégio dos Órfãos de S. Joaquim. Publicou um manual de desenho em 1903 e outro logo depois.

Interessou-se também pela política. Foi republicano, liberal e abolicionista. Juntamente com outros do grupo da Sociedade Libertadora Sete de Setembro, assinou o Manifesto Republicano de 1870. Colaborou com os periódicos A Província e O Trabalho, nos quais defendeu os seus ideais republicanos e abolicionistas.

Manuel Querino foi um dos mais ativos trabalhadores da Sociedade Libertadora Sete de Setembro. Escreveu para a Gazeta da Tarde uma série de artigos sobre a extinção do elemento servil.

Tornou-se um verdadeiro líder operário, em campanhas memoráveis pelas causas trabalhistas, que o conduziram à Câmara Municipal. Nessa Casa foi ele contrário às leis de exceção, às reformas injustas, descontentando assim aos poderosos de então, mas ao mesmo tempo ganhando as simpatias daqueles que seriam prejudicados por tais reformas, que apenas serviriam para acomodar a amigos e protegidos da situação dominante. Nessa mesma ocasião, formou um bloco com outros e por uma indicação fez voltarem aos seus cargos vários funcionários dispensados por uma reforma injusta; isso lhe custou a não reeleição.

Retirou satisfeito para a obscuridade, desvanecido de que soubera cumprir o seu dever, ficando bem com a sua consciência de funcionário público. No seu modesto cargo de 3º Oficial da Secretaria da Agricultura, sofreu grandes infâmias. Foi, diversas vezes, preterido em todas as ocasiões em que lhe era de justiça a promoção. Publicou, em 1906, *Os artistas Bahianos*, um artigo de 62 páginas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, seguido, de 1908 a 1914, por numerosos estudos especializados na mesma revista. Em 1909, editou uma coletânea de artigos escritos para o Diário de Notícias nos dois anos anteriores, sob o título *Contribuição para a história das artes na Bahia*. Ainda em 1909 publicou *Artistas baianos*, obra revisada e ampliada em 1911. Neste ano participou do 5º Congresso Brasileiro de Geografia da Bahia, cujos anais contém *A raça africana e os seus costumes*, e publicou *A Bahia de outrora: vultos e fatos populares*. Passou os últimos anos de vida amargurado e doente, entretanto, ficou marcado na história como um dos intelectuais e folcloristas mais importantes do País.

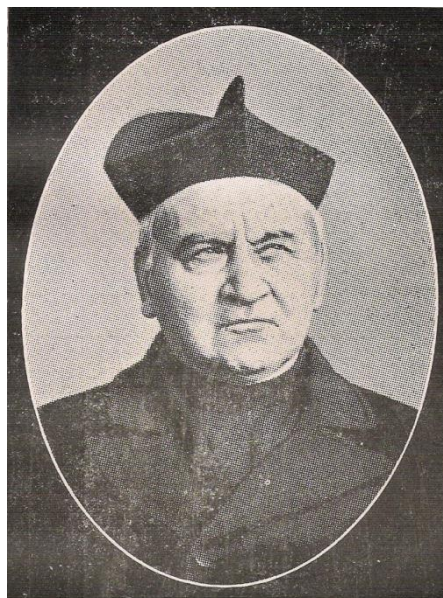


Figura 53 - Pe. Carlos Teschauer (1851-1930)

Fonte:< http://darisimi.blogspot.com.br/2013_04_01_archive.html> Acesso: 15-03-2011

O padre Carlos Teschauer ⁶⁶⁷ nasceu dia 10 de abril de 1851, na cidade de Birsten, Alemanha. O sacerdote jesuíta veio para o Brasil em 1880, fixando-se no Rio Grande do Sul, onde permaneceu até o fim de seus dias. Foi professor, vigário e

⁶⁶⁷ Simões Lopes Neto utilizou-se da obra de Teschauer, especificamente de um artigo publicado por ele, em 1911, na Revista do Instituto Histórico do Ceará, conforme consta em nota à lenda da Salamanca do Jarau, constante nas *Lendas do Sul* (1913).

um grande estudioso das tradições gaúchas, constituindo-se numa das maiores autoridades em matéria de história, indilogia e etnografia do Rio Grande do Sul. Naturalizou-se brasileiro em 1891. Na área do folclore publicou *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras* (1925) e *Poranduba Rio-Grandense* (1929). Faleceu no dia 16 de agosto de 1930, na cidade de São Leopoldo.⁶⁶⁸



Figura 54 - Apolinário Porto-Alegre (1844-1904)

Fonte: <http://www.paginadogaucha.com.br/escr/apa.htm>
Acesso: 05-12-2011

O escritor rio-grandino Apolinário Porto-Alegre (1844-1904) cultivou vários gêneros literários, destacando-se no romance com a obra *O vaqueano* (1872), em que pinta, com as cores do romantismo, a paisagem do Rio Grande do Sul e o tipo social rio-grandense. Foi homem voltado aos estudos filológicos e, portanto, também se interessou pelas tradições folclóricas, chegando a escrever *O crioulo do pastoreio* (1875), uma das tantas versões da famosa lenda que, mais tarde, em 1906, ganharia a estilização magistral de Simões Lopes Neto. Além disso, recolheu poesias sobre Revolução de 1835 e coletou o *Popularium sul-rio-grandense*, obra que só veio a lume postumamente, em 1917.

⁶⁶⁸ Os dados foram colhidos em MARTINS, 1974, pp. 583-584.



Figura 55 - Karl Von Koseritz (1834-1890)
Fonte: Revista O Globo, de 12 de outubro de 1940.

De acordo com Paixão Cortes e Barbosa Lessa, Koseritz (1834-1890)⁶⁶⁹ foi o primeiro a organizar um museu voltado a cultura regional gaúcha foi o jornalista alemão, natural de Dessau, Karl Von Koseritz, diretor do *Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre.

Quando Sílvio Romero deu início aos estudos sistemáticos sobre folclore no Brasil, conclamando através da *Revista Brasileira* o levantamento da cultura popular foi a longínqua província do Rio Grande do Sul que recebeu a primeira e única demonstração de apoio. Por intermédio de seu jornal, Koseritz publicou extensa série de “Quadrinhas Populares Coligidas no Rio Grade do Sul”.

⁶⁶⁹ Para uma biografia do autor vide OBERACKER, Carlos H. *Carlos Von Koseritz*. São Paulo: Anhambi, 1961.



Figura 56 - João Cezimbra Jacques (1849-1922)

Fonte: <<http://www.reocities.com/potreiro/cezimbra.html>>
Acesso: 12-04-2014.

Examinar-se-á mais detidamente a obra e o pensamento de João Cezimbra Jacques (1849-1922)⁶⁷⁰, eis que nele foi-se abeberar o Velho Capitão. É considerado patrono do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, por ser o fundador do Grêmio Gaúcho em 22 de maio de 1898, na cidade de Porto Alegre. Entre os objetivos estabelecidos por ele para os chamados Grêmios Gaúchos estava congregar seus associados para fins recreativos, culturais, esportivos e especialmente cultivar as tradições gaúchas, inspiradas na personalidade do general Bento Gonçalves da Silva. Um dos motivos pelos quais a figura de Bento Gonçalves era tão importante está no fato de que a teoria histórica positivista tem como objeto o fato histórico e o herói como único agente desencadeador dos acontecimentos.

Para ele o passado serve de modelo cívico para o presente, dentro da máxima comtiana de que "os vivos são cada vez mais governados pelos mortos". No bojo do esquema histórico positivista a noção de causalidade dos fenômenos está restrita aos efeitos do meio físico e da raça. Deste modo, os rio-grandenses diferem tanto dos povos platinos como dos demais brasileiros não apenas por seus costumes, vestimentas e linguagem peculiares, mas também por suas virtudes de caráter. A hereditariedade que forjou essa raça forte é constituída por lagunenses, paulistas, mineiros e índios minuanos. Segundo as teorias sociológico-antropológicas dominantes, considera os afrodescendentes como sendo

⁶⁷⁰ Para detalhes biográficos e outros vide CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956, pp. 363-364. Para uma síntese do pensamento do Autor vide BORGES, Luís. *Um militar à sombra do umbu*. Dados biográficos, obra e ideias de João Cezimbra Jacques (1849-1922). Inédito, 2002.

naturalmente inferiores. No entanto, no Rio Grande do Sul, segundo Cezimbra Jacques, há poucas uniões inter-raciais, posto que tal mistura inspira uma visceral repugnância na aproximação dos sexos, sobretudo o feminino branco com o masculino negro. Ressalta que houve cruzamento de brancos com índios, mas não com o negro, deixando muito claro sua discriminação étnica. Também considera a contribuição dos espanhóis para nossa cultura, quando eles se refugiaram em nossa província, ao fugirem das crueldades praticadas por seus caudilhos.

Considera que foi fácil a união do branco com o índio, sendo que até 1839 o guarani era a língua mais usada na província. Sendo assim, os rio-grandenses supostamente herdaram os dotes morais e físicos dos seus antepassados. Tal só foi possível porque sua alimentação feita, principalmente, de carne gorda lhes possibilita mais energia, potencializando as benesses do clima, que se rivaliza com os melhores da Europa. Finalmente, conclui ele, o andar a cavalo imprime no homem certa energia moral. Em suma, para o militar e folclorista, os rio-grandenses diferem de seus vizinhos platinos e dos demais brasileiros por sua superioridade étnica e moral.

Nota-se, pois, que Cezimbra Jacques, mesmo aferrado ao positivismo, não apresentou documentos ou outras fontes que pudessem fundamentar suas opiniões, recorrendo mais à tradição, ao folclore e à literatura para desenhar o seu tipo ideal: o gaúcho. Seguindo a descrição de Nicolau Dreys, João Cezimbra Jacques confunde o gaúcho histórico com sua representação literária. Por exemplo, ao enumerar os divertimentos, relembra as antigas danças nos bailes de fandango nos salões das estâncias ou mesmo as lidas campeiras ⁶⁷¹.

Homem devotado aos estudos indígenas, organizou inclusive um livro de *Frases e vocábulos do Abá Naenga Guarani* (1904), também buscou preservar as tradições folclóricas e a cultura popular. Mesmo sem citar as fontes e nem explicar como as recolheu, Cezimbra Jacques reuniu por temas várias quadrinhas de poesia popular misturadas com fragmentos de poesia de Delfina Benigna da Cunha e outras. Dedicou-se também a dialetologia, como se pode verificar no penúltimo capítulo do *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, editado em 1883, no

⁶⁷¹ Basta lembrarmos o texto *Correr eguada*, de Simões Lopes Neto, integrante dos *Contos Gauchescos* (1912).

qual consta um glossário de termos regionais empregados na província. Finaliza o livro com dados estatísticos, explicando a forma de ensino, a colonização, a força pública e uma extensa nota sobre um pequeno vocabulário da língua guarani.

Seu outro livro importante é *Assuntos do Rio Grande do Sul*, publicado em 1912, em que reúne sua atividade na imprensa. Nesse trabalho, Cezimbra Jacques estabelece como objetivo da coletânea auxiliar a cultura cívica e fornecer dados aos historiadores para enriquecer “a gloriosa história da nossa terra”. Numa linguagem repassada de adjetivos, apresenta os heróis da história do Rio Grande do Sul como valorosos e denodados. Além disso, discorre sobre a formação rio-grandense, cujos dados são atualmente contestados por muitos historiadores.

No livro de João Cezimbra Jacques encontramos o registro da lenda do crioulo do pastoreio que o autor ter sido narrada de diversas formas, mas que ele o fará conforme o ouviu contar na infância nos galpões pela gauchada.

Vale observar que a conjuntura política do período, marcada pela sangrenta Revolução Federalista (1893-1895) favorecia à heroicização de Bento Gonçalves, uma vez que todas as tendências políticas (Chimangos, Pica-paus, monarquistas e republicanos) podiam vê-lo como aquele que encarnava as virtudes capazes de simbolizar e unir os rio-grandenses. Além disso, no plano econômico o governo castilhistas privilegiava um modelo voltado à modernização e a industrialização em detrimento da agropecuária, desta maneira, antagônico às tradições rurais, base do gauchismo. Foi sobre narrativa da epopeia Farroupilha, largamente cantada em prosa e verso na cultura popular, folclore que o próprio Simões Lopes Neto recolheu no *Cancioneiro Guasca* (1910), em especial sintetizada por Bento Gonçalves da Silva, imortalizado também no conto “Duelo de Farrapos” incluso nos *Contos Gauchescos* (1912).

Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros não conseguiram amainar os ódios políticos, principalmente porque, na ânsia da modernização, foram atropelando antigas tradições, tão caras ao mundo cultural campesino. Tanto assim, que Ramiro Barcelos, para ridicularizar Borges de Medeiros, transformou-o no gaúcho Antônio Chimango, verdadeira ofensa a quem via na industrialização e na urbanização sinônimo de progresso.



Figura 57 - Afrânio Peixoto (1876-1947)

Fonte<:<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=127>> Acesso: 03-01-2013

Afrânio Peixoto (1876-1947) ⁶⁷² foi médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras (1910) e à Academia Brasileira de Filologia, da qual foi fundador. Embora tenha cursado universidade, foi grade autodidata. Formou-se em Medicina, em Salvador, no ano de 1897. Sua tese inaugural, *Epilepsia e crime*, despertou grande interesse nos meios científicos do País e do exterior. Em 1902, foi Inspetor de Saúde Pública e diretor do Hospital Nacional de Alienados, em 1904. Exerceu o magistério de Medicina Legal na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1907), sendo também diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Teve uma passagem pela política, eleito deputado federal pela Bahia, ficando no cargo no período de 1924 a 1930. Após isto, voltou à atividade do magistério sendo professor de História da Educação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1932. Ocupou o cargo de reitor da Universidade do Distrito Federal em 1935 e, após 40 anos de relevantes serviços, aposentou-se.

Iniciou-se Afrânio Peixoto na literatura no ano de 1900, com a publicação do drama *Rosa mística*, drama em cinco atos, luxuosamente impresso em Leipzig, com uma cor para cada ato.

Viajou pela Europa. Ao retornar ao Brasil abandonou por uns tempos a literatura, ocupando-se apenas da Medicina. Nesse período foi grande sua produção

⁶⁷² Os dados biográficos foram retirados de RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Edições Conde, 1950.

de obras de cunho médico-legal-científica. O romance foi uma implicação a que o autor foi levado em decorrência de sua eleição para a Academia Brasileira de Letras, em sete de maio de 1910, para a qual foi eleito à revelia, quando se achava no Egito, em sua segunda viagem ao exterior.

Quase como que por obrigação começou a escrever o romance *A esfinge*, três meses antes da posse da Cadeira nº 7, em 14 de agosto de 1911. A recepção foi feita pelo acadêmico Araripe Júnior. O Egito inspirou-lhe o título e a trama novelesca. O romance publicado obteve um sucesso incomum e colocou seu autor em posto de destaque na galeria dos ficcionistas brasileiros.

Dotado de personalidade fascinante, animadora e de um excelente domínio da oratória, prendia a atenção das pessoas e auditórios pela palavra inteligente e encantadora. Afrânio Peixoto obteve, na época, grande aprovação de crítica e prestígio popular. Como médico, conheceu e estudou as ideias e teorias de Freud, levando-as para muitos de seus romances. Seus livros foram muito apreciados, inclusive servindo de fonte para Câmara Cascudo, uma vez que continham grande número de informações folclóricas, especialmente *Trovas brasileiras* (1919) e *Miçangas* (1931).

Como foi possível observar neste sumário cronológico dos pioneiros estudiosos do folclore no Brasil, é fácil constatar o grande interesse pela cultura popular. Seus reflexos podem ser vistos tanto na literatura, quanto na educação, seja pela intertextualidade, seja pelo exercício do magistério (e os diversos materiais teóricos e didáticos produzidos em consequência das atividades docentes), exercido por muitos escritores que se dedicaram aos estudos folclóricos.

3.5.3 Simões Lopes Neto, folclore e educação

Como se pode observar, as recolhas folclóricas no Brasil e no Rio Grande do Sul tinham uma longa tradição. Desde os escritores românticos a cultura popular e folclórica não restringiu sua valorização apenas ao intuito de registro, mas essa atividade expressava uma ambição de cunho político-identitário, mais tarde retomado sob outro enfoque pela Geração de 1870.

Apesar de bastante influenciado pelas ideias científicas ⁶⁷³, percebe-se em Simões Lopes Neto a sobrevivência da sensibilidade romântica. Para a imaginação dos românticos havia de se recuperar as tradições, o passado, saindo do universalismo, típico do século XVIII, para a valorização da cor local, dotando-lhe de um sentido temporal, histórico. Foi Michelet quem colocou em pauta esse personagem tão importante quanto difuso: o povo ⁶⁷⁴. Essa concepção penetrou a historiografia e a sociologia. Simões Lopes Neto, embora adotasse, nos moldes da Geração de 1870, uma retórica anti-romântica, de cunho cientificista, não deixa de conservar o sentido romântico de povo, advindo daí um conceito essencialista de pátria: “A Pátria, essa, na sua figura ideal e amada paira acima dos nossos erros e das nossas paixões”[...]. ⁶⁷⁵

Reconhecido tardiamente como escritor, de inegáveis méritos, Simões Lopes Neto talvez só pode sê-lo plenamente, na medida em que seu projeto originário fracassou: dedicar-se de várias formas às questões educacionais; fosse no exercício do magistério ⁶⁷⁶, propondo reformas ortográficas, escrevendo livros didáticos, empenhando-se em campanhas cívico-educacionais, participando dos Tiros de Guerra ou propugnando atenção à higiene.

Na proporção em que foram se esboroando seus ideais, sonhos e até ímpetos de empreendedor, foi o Velho Capitão direcionando-se para o campo literário. Fez compilações do folclore regional gauchesco e dava a seus contos um caráter de registro histórico, sociológico e linguístico do pampa.

De tal modo o Simões folclorista/historiador ficou ligado ao Simões literato, que ele saiu em prejuízo tanto na condição de homem dedicado aos estudos

⁶⁷³ Para mais detalhes vide a série de cinco artigos que Simões Lopes Neto fez publicar no A Opinião Pública, de Pelotas, em janeiro de 1913, sob o título de *Uma trindade científica*: Lamarck, Haeckel e Darwin.

⁶⁷⁴ MICHELET, J. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁶⁷⁵ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: Sociedade União Gaúcha de Pelotas; Centro Gaúcho de Bagé; Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 4.

⁶⁷⁶ Simões Lopes Neto era professor, em 1913, na Escola de Comércio do Clube Caixeiral (Cf. BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 246-247), onde lecionou Língua Francesa. Atuou também como catedrático de Geografia no Ginásio Pelotense, segundo consta no registro das atas deste educandário, n. 21 e 22, de 7 e 15 de junho de 1914, respectivamente, às fls. 31 e 35-36.

folclóricos e históricos quanto à estrita atividade de escritor.

Quer-se dizer com isso que o *popularium* recolhido por Simões Lopes Neto apenas aparenta ser obra menor. Vê-se quão meritório é esse paciente trabalho de compilador. Por não ser trabalho de criador, o *Cancioneiro Guasca* (1910) está identificado com o segmento menos relevante de sua literatura.

Ao se levar a cabo uma avaliação mais profunda desse livro, pode-se perceber em quê e o porquê dos intelectuais do período se preocuparem tanto com o folclore e a cultura popular.

Com certeza, a intervenção mais significativa no campo da preservação e valorização do folclórico, sem negligenciarmos um Apolinário Porto-Alegre, foi Sílvio Romero, tanto por suas antologias do tema quanto por sua ação social, política e pedagógica, expressa basicamente nos *Cantos populares do Brasil* (1882), *Contos populares do Brasil* (1883) e *Estudos sobre a poesia popular brasileira* (1889). Estes são apenas uns poucos exemplos em face da enormidade de recolhas folclóricas realizadas no século XIX e nas primeiras décadas do século seguinte, conforme se viu anteriormente.

Se compulsarmos as datas de composição do *Cancioneiro guasca* e das *Lendas do Sul*, por exemplo, podemos ser tentados a não associá-las com a fase mais intensa de sua atividade cívico-educacional, isto é, entre os anos de 1904 e 1906, quando realizou suas famosas conferências por diversas cidades do estado. Ora, 1906 é exatamente o ano em que ele compõe um de seus textos mais famosos, considerado uma de suas obras-primas, o *Negrinho do Pastoreio*, incorporado indelevelmente ao acervo folclórico. Enfeixada de modo profundamente artístico, a literatura de Simões Lopes Neto pode revelar o *ethos* do povo, através do qual se identificará o seu “gênio”, sua verdadeira alma. Esse conceito é essencialmente romântico, porém sobrevive em Simões Lopes Neto e Sílvio Romero e outros expoentes da chamada Geração de 1870, justamente aquele grupo que mais se insurgiu contra as concepções românticas.

Esse aparente paradoxo só pode ser compreendido se entendermos, tanto

em Romero quanto em Simões Lopes Neto, o papel do conceito de “gênio”, soterrado sob uma retórica cientificista. Nesse sentido, o *Cancioneiro* (no qual estavam quase todas as lendas que apareceram no livro de 1913) é o mapeamento do gênio popular gauchesco com fito de estabelecer um projeto lítero-ideológico, promotor de um civismo que possibilitasse um novo projeto de nação.⁶⁷⁷

Sem necessitar recorrer a outro texto que não o das conferências *Educação Cívica*, pode-se verificar o quanto Simões Lopes Neto se preocupava com a descaracterização da cultura nacional:

Os nossos próprios usos e costumes, tradicionais, resvalam para um lamentável abandono. Hábitos saudáveis na família estão sendo cada dia abolidos; brinquedos infantis esquecidos; práticas e usanças – características, desprezadas. Quem quer que passe em revista o que tem sido ingratamente mutilado da nossa tradição, ficará espantado do evidente suicídio da nossa personalidade, na sua feição particular.⁶⁷⁸

3.5.4 Observações sobre regionalismo e educação na conferência *Educação Cívica*

Quando observamos o movimento regionalista no Brasil, é possível constatar não apenas a importância artística e etnológica, mas também a complexidade que ele representa.

Muitos escritores, intelectuais, educadores e folcloristas participaram desse processo. O regionalismo, tanto como cultivo e registro da cultura popular, inclusive na forma de arte literária, permitiu uma vasta reflexão da construção identitária em diversos pontos do país.

Ao ciclo nortista pertencem Inglês de Souza (1853-1918) e José Veríssimo (1857-1916), respectivamente, com *O missionário* (1888) e *Cenas da vida amazônica*. Ambos estiveram envolvidos com cargos e assuntos educacionais.

⁶⁷⁷ Essas reflexões estão in BORGES, Luís. *Uma teoria sobre o Cancioneiro Guasca*. O Mundo das Letras. Órgão de divulgação da academia Pelotense de Letras, Pelotas, ano X, n. 103, p. 4, dezembro de 2010.

⁶⁷⁸ LOPES NETO, ob. cit., pp. 10-11.

No romance nordestino destaca-se Franklin Távora (1843-1888), na segunda metade do século XIX, sob o influxo do naturalismo francês – leia-se Zola – dando a sua obra um forte sabor sociológico. É autor de *O cabeleira* (1876). A rigor costuma-se identificar nele duas fases, a romântica e a regionalista. Vivendo no Ceará, aí escreveu seu único romance indianista, *Os índios de Jaguaribe* (1862). Vale lembrar que Távora não pertenceu ao movimento da *Padaria Espiritual* ⁶⁷⁹, em Fortaleza. Sua segunda fase, ligada ao que ele designou de “Literatura do Norte”, foi quase toda escrita no Rio de Janeiro. No prefácio de *O cabeleira*, propugnava um verdadeiro manifesto do provincianismo literário:

Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o outro. Cada um tem as suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, a sua política.⁶⁸⁰

Interessante notar que o romance nordestino, em especial o de Távora, teve relevância na construção da identidade sertaneja, inclusive servindo de fonte para os debates sobre a realidade do interior do sertão e como a ação educativa poderia ajudar a minorar os problemas.

Sua obra é um corte na psicologia do cangaceiro. Segundo alguns críticos, o seu romance mais bem acabado é *O Paracoara* (1899), no qual focaliza a miragem amazônica no sertanejo sedento. Sua escritura regionalista mostra personagens muito sofridos, em choque com uma natureza inimiga.

De certa maneira, essa natureza inclemente mostra como é difícil a construção de uma civilização nos trópicos. Esse debate surgirá em vários autores de estudos sociológicos no Brasil, inclusive repercutindo nas discussões educacionais.

Araripe Júnior (1848-1911) também cultivou o regionalismo, em que alcançou resultados inferiores aos seus dotes de crítico literário. De qualquer maneira, é um pouco difícil situá-lo, uma vez que não escreve propriamente novelas ou contos, mas

⁶⁷⁹ Para detalhes sobre a Padaria Espiritual, vide Enciclopédia de Literatura Brasileira, ob. Cit., p. 1014.

⁶⁸⁰ Apud COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3ª edição. Ob. Cit. 1986, p. 251.

folhetins ao gosto popular, do que é exemplo *Casinha de Sapé* (1872). Escritor ainda de menores méritos que Araripe Júnior é Pápi Júnior (1854-1934), com *O Simas* (1898) que, segundo Lúcia Miguel-Pereira ⁶⁸¹ se enquadraria na escola naturalista, pela importância que concede ao “temperamento” das personagens, porém, a isso, mistura uma trama do mais puro romantismo. Segundo a mesma autora, serviria sua literatura apenas como mero material de estudo de certos aspectos da vida carioca e cearense.

Apesar das tentativas anteriores, a verdadeira configuração da literatura regionalista baiana só se formará com Rozendo Muniz Pereira (1845-1897) e Xavier Marques (1861-1942). Este último, autor da novela praieira *Jana e Joel* (1899) depois de algum destaque, entrou quase em completo esquecimento. Nos anos que se sucederam a 1ª edição de *Jana e Joel*, apareceram mais três edições, além de uma tradução para o francês, feita pelos escritores Philéas Lebesque e P. Gahisto. Uma das explicações para o sumiço de Xavier Marques é que, sendo também o autor de *A Arte de Escrever* (1913), à época, a única teoria de estilo elaborada para nossa língua, defendeu ostensivamente a conservação de um excessivo lusitanismo no Português do Brasil. Lembremos que, já por estes tempos, se discutia a famosa questão de uma “língua brasileira” ⁶⁸², que mais tarde será o mote dos Modernistas. Além de seus méritos como escritor sensível e esmerado, bordou páginas literárias interessantes, tomando como matéria-prima o folclore baiano, tal como procedeu em *A Noiva do golfinho* (1897).

Como se pode perceber, o escritor Xavier Marques apesar de profundamente ligado à literatura de cunho popular e folclórico, foi engolido na vaga que varreu o País, pelo menos, a partir da primeira década do século XX, e que discutiu acaloradamente a simplificação ortográfica e os novos métodos de alfabetização.

É no chamado ciclo central que vamos encontrar as raízes mais autênticas do regionalismo brasileiro, principalmente em Bernardo Guimarães (1825-1884).

⁶⁸¹ MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção* (1870-1920). 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 124.

⁶⁸² Para uma discussão profunda sobre esse assunto, vide BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do Modernismo: subsídios para uma revisão da gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

Todavia, não aquele da *Escrava Isaura* (1875), mas o de *Histórias e tradições da Província de Minas Gerais* (1872). Quem concede a ele o título de “precursor do regionalismo no Brasil”, contra Alencar, é Ronald de Carvalho ⁶⁸³. Outras de suas obras, tais como *Ermitão de Muquém* (1872), *Lendas e romances* (1871), *O Índio Afonso* (1873), podem ser citadas como exemplo de prosa regionalista, pelas características paisagísticas, descritivas e pelo aparato, maior ou menor, do registro linguístico, o relato ordas tradições, do folclore e dos costumes locais, mostrando a vida dos povoados do Planalto Central, em histórias recheadas de peões, tropeiros e toda a sorte de lides rurais. Embora ele mesmo não se tenha envolvido diretamente com as questões educativas, cabe observar que sua escritura influenciou decisivamente a prosa regionalista que, por sua vez, influenciou as diferentes identidades regionais, que desencadearam, de uma ou outra forma, as relações entre o processo de formação identitária e a educação.

Joaquim Felício dos Santos (1828-1895), mais conhecido como político e jurista, com sua obra *Memórias do Distrito Diamantino* (1868) – primeiro lançado nas páginas do jornal Jequitinhonha – embora pertencente à História propriamente dita, não deixou, tanto pelo estilo, quanto pelo registro do pitoresco, de colaborar e influir na literatura regionalista. Além disso, apesar de menos famosos que as *Memórias*, escreveu ele textos de ficção, fincados fortemente na estética romântica. Felício dos Santos analisado sob ótica rigorosamente literária, é autor menor; no entanto, ofereceu ao regionalismo mineiro, de uma perspectiva histórica e temática, uma contribuição válida. Calcado no registro das tradições populares e do imaginário do mundo rural, de maneira semelhante a Bernardo Guimarães, ao buscar a caracterização de um tipo regional, idealizado embora, possibilitou, dentro da estética romântica, a politização da literatura que, mais tarde, seria indispensável na luta pela República e pela Abolição, bem como todo o ideário iluminista que a acompanhava, abarcando vários tópicos em defesa da difusão da ciência e da educação.

São Paulo, no século XIX, na prosa regionalista possui poucos autores dignos de nota. Em verdade, o regionalismo paulista só deslanchará com *Urupês* (1918), de

⁶⁸³ CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Briguiet, 1949, pp. 256-257.

Monteiro Lobato (1882-1948), que exerceu importante papel de disseminador da cultura, principalmente como editor. Um nome a ser lembrado, contudo, é José Ezequiel de Lima Freire (1849-1890), carioca, mas que viveu e produziu em São Paulo, chegando a ocupar uma cadeira na Academia Paulista de Letras. Sua obra *Pedro Goba ou gosto de sangue*, segundo a crítica, é uma novela regionalista de primeira ordem. Faleceu jovem sem deixar livro, senão póstumo, editado somente em 1920.

Afonso Arinos (1868-1916) é considerado precursor da literatura regionalista no Brasil, apesar de Valdomiro Silveira (1873-1941), possuidor de mérito não só documental, mas também literário, ter estreado com um conto regional, em 1891, no jornal Correio Paulistano, uma vez que seu livro *Os caboclos* só veio a lume em 1920, lançado por Monteiro Lobato. Outro motivo, é que Valdomiro Silveira – quiçá, a mesma alegação se possa fazer para justificar a restrita divulgação da literatura simoniana – compôs sua escritura com um acento marcadamente dialetal, excessivamente, diriam alguns, restringindo o alcance de sua arte aos versados no dialeto caipira. O referido autor de *Pelo Sertão* (1898), ao contrário, ao evocar as paisagens mineiras, fá-lo numa prosa poética de timbre parnasiano, mais ou menos como o fará Alcides Maya (1877-1944) no Rio Grande do Sul.

Assim, ao tomarmos a referência desse amplo e variado movimento cultural e literário – o regionalismo – e suas relações, mais ou menos estreitas com os problemas educacionais, é fácil perceber como Simões Lopes Neto logo se identificou nessa torrente. Num primeiro momento buscou coletar sua matéria-prima, registrando-a no *Cancioneiro Guasca* (1910) e num novo arranjo nas *Lendas do Sul* (1913). No caso da conferência *Educação Cívica* (1906) ele aproveita a seiva folclórica para o despertamento telúrico.

3.6 A QUESTÃO DO PROGRESSO NA CONFERÊNCIA *EDUCAÇÃO CÍVICA*

Conforme se viu, na impossibilidade de alterar certas condições, fossem elas étnicas ou climáticas, as visões sociológicas dominantes nutriam como esperança para tirar o país do atraso e colocá-lo na “senda do progresso” a educação, especialmente a educação cívica, pois era ela que possibilitaria a “criação” de um

povo e, nessa medida, de uma identidade político-cultural nacional, base para uma verdadeira nação moderna, cujo “novo homem”, deveria estar à altura dos desafios de seu tempo, com todas as suas imensas potencialidades. Junto com isso também havia no ar uma sensação de inquietude, medo e pessimismo⁶⁸⁴.

Para Simões Lopes Neto a questão do progresso era fundamental. Antes, porém, de desenvolvermos o que significava progresso no âmbito de sua conferência *Educação Cívica* e alguns textos correlatos, vejamos algumas ideias gerais a que o problema do progresso estava ligado.

3.6.1 O Progresso

A questão do progresso foi o grande carro-chefe do século XIX e das primeiras décadas do século XX. O conceito de progresso implicava na idolatria da novidade: cada inovação é *a priori* melhor simplesmente porque é nova. Essa sede pela novidade – identificada com o melhor – rapidamente tornou-se uma das obsessões da modernidade. Turgot, em 1750, e depois Condorcet, formularam a teoria do progresso como a convicção de que “a humanidade como um todo está sempre se tornando mais perfeita”⁶⁸⁵. Desta maneira, a história da humanidade passou a ser vista como definitivamente unitária e linear. Porém, para que a humanidade pudesse continuar caminhando na irresistível marcha do progresso deveria livrar-se das superstições, do emocionalismo e do “peso do passado”. Em certo sentido, a tradição deve ser abandonada, em nome de uma racionalidade que não pode errar no caminho ascensional do destino humano. Não é à toa o caráter autoritário da república brasileira, instalada por meio de um golpe de Estado e seguida por uma ditadura militar.

A nova ordem busca decididamente romper com todos os elos monárquicos. Os militares e civis que fizeram a República no Brasil, em sua grande maioria, positivistas de variados matizes, escolheram, não por acaso o lema “ordem e progresso”. Apesar da igualdade jurídica como princípio político ser um valor

⁶⁸⁴ Para uma visão panorâmica do universo artístico-filosófico desse período vide: DIENSTAG, Josua Foa. *Pessimism: philosophy, ethic, spirit*. Princeton University Press, 2006.

⁶⁸⁵ Para mais detalhes vide NISBET, Robert. *História da ideia de progresso*. Brasília: UnB, 1985.

importante no ideário republicano (pelo menos, teoricamente), na prática quem se opusesse ao progresso poderia justificadamente ser preso ou mesmo morto, pois este, ao se colocar contra à inexorável marcha do progresso deve ser considerado um "inimigo da humanidade".

O otimismo é inerente à teoria do progresso cumulativo e linear. A emancipação advém dos avanços da ciência e é prontamente estendida a todos os domínios. Simões Lopes Neto também, embora não sem fortes desconfianças, presta culto à religião da ciência. Num artigo intitulado *O centenário da Centenária*, de julho de 1913, em queo autor projetou as comemorações do aniversário de Pelotas, vislumbrando-as daí um século, afirma que seus conterrâneos “já [estarão] gozando as maravilhas da ciência todo-poderosa... que lava os rins, desentope as artérias, enxerta carnes e areja pulmões”.

Nessa era, a guerra será coisa do passado. As nações substituirão a carnificina pelas demonstrações de força e inteligência, do que são exemplo a extravagância e beleza das Exposições Universais.⁶⁸⁶Esses grandes espetáculos da modernidade, supostamente, levarão a uma sociedade que é tanto desenvolvida quanto pacífica.

A própria moralidade deveria demonstrar as características de uma ciência. A educação, sob a perspectiva da racionalidade moderna, objetivava acostumar as crianças a livrarem-se das superstições e da metafísica, confiando numa ciência que não só dominava a natureza, curava doenças como também levaria o homem à felicidade interpretada como a culminação da felicidade moral. Sob esta ótica, o progresso, longe de afetar apenas a estrutura externa da existência, transformará o próprio homem. O progresso em um domínio reflete-se necessariamente em todos os outros. No plano político, a teoria do progresso foi rapidamente associada com um ânimo antipolítico. Não obstante, os teóricos do progresso possuem uma visão ambígua do Estado. Por um lado, o Estado limita a autonomia da economia,

⁶⁸⁶ Para mais detalhes vide: PESAVENTO, Sandra. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997; PLUM, Werner. *Exposições mundiais no século XIX: Espetáculos da transformação sócio-cultural*. Cadernos do Instituto de Pesquisas da Fundação Friedrich-Ebert, 1979.

considerada como a esfera de liberdade e da ação racional *par excellence*: William Godwin⁶⁸⁷ diz que os governos por sua natureza criam obstáculos para a propensão natural do homem de ir adiante. Por outro lado, na tradição contratualista inaugurada por Hobbes, o Estado permite ao homem escapar das limitações específicas do "estado de natureza". Assim o Estado é simultaneamente um obstáculo e um motor do progresso. A visão mais comum é de que a própria política deve tornar-se racional. A ação política deve cessar de ser uma arte, governada pelo princípio da prudência, e deve tornar-se uma ciência, governada pelo princípio da razão.

Do mesmo modo como acontece com o universo, a sociedade passa ser vista como uma máquina ou um organismo, em que os indivíduos são as engrenagens. Essa analogia com o mundo biológico, na qual a própria sociedade humana é vista como um organismo aparece em diversos momentos no pensamento de João Simões Lopes Neto. No discurso proferido em 1911 na sessão aniversária da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, ainda para referir-se à analogia com o mundo biológico, o escritor seguidamente se reportará ao destacando o papel que confere à literatura. Para tanto, como era comum à época o fazerem os positivistas e republicanos, o evolucionismo (esse termo era muito abrangente e albergava várias correntes de pensamento) como teoria explicativa da sociedade traçava um paralelo entre a vida social e a biológica. Dessa maneira, como as células que partem de seres simples para se irem complexificando em organismos superiores. Assim se expressa Simões Lopes Neto em seu Discurso na Academia (1911):

[...] podemos lembrar os primeiros surtos de uma aspiração que veio tomando nitidez, vigor, evoluindo logicamente: esses núcleos foram o começo de um Instituto Histórico, o Parthenon Literário desta cidade, a Sociedade Gabrielense, além de outras agremiações de vida efêmera, sucessivas revistas e jornais literários, até a primeira tentativa de fundação de uma academia de letras; todos esses antecedentes, forças, impulsos, esse tatear, esse percutir, pródromos de uma eclosão que devia chegar, foram vibrações vitoriosas da vida, que exigia o surto de uma forma – organizada.⁶⁸⁸

⁶⁸⁷ Cf. WILLIAN GODWIN. Verbete da Enciclopédia Britânica disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/godwin/>> Acesso: 23-05-2014.

⁶⁸⁸ LOPES NETO, J. S. *Discurso proferido na Academia de Letras do RS* (1911), p. 228.

Todo esse processo de desenvolvimento evolutivo da institucionalização da cultura resultou na fundação da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. O determinismo social, semelhante ao da biologia, marcou a “terra gaúcha” com um destino insofismável em prol do Brasil; “a marcha do progresso, que a raça está fadada a perلustrar”⁶⁸⁹. E ainda afirma peremptoriamente: “Para fazermos algum bem basta o ambiente – que nos cerca e rege: a nossa própria evolução”⁶⁹⁰.

Na mesma linha, Simões Lopes Neto se dedicará a escrever artigos sobre higiene, tema tão caro aos intelectuais de então, e vulgarização do evolucionismo. Essas ideias povoadas do cientificismo da época são cultivadas desde o início de sua vida literária. Em 1893, ao publicar o romance-folhetim *A mandinga*, faz uma irônica crítica à sobrevivência de superstições, não apenas entre as massas populares, mas também entre as pessoas letradas e pertencentes às classes abastadas. Ora, bem observada, a perspectiva entre o romance-folhetim e o teor dos artigos não é muito diferente. Na *Mandinga*(1893)é posta a nu a superficialidade da reação antimetafísica do positivismo brasileiro⁶⁹¹, enquanto que no texto jornalístico temos o Simões Lopes Neto que reivindica para imprensa, conforme declara em seu discurso na Academia de Letras do Rio Grande do Sul, um importante papel no desenvolvimento cultural, inclusive na divulgação do saber científico, necessário para dar estofamento e aprofundamento aos positivistas nacionais, próceres no projeto republicano recém-instalado.

Para uma visão mais global do que no tempo de Simões Lopes Neto se acreditava fosse o progresso é necessário compreender, pelo menos, três fenômenos, quais sejam, a industrialização, a urbanização e a higiene.

⁶⁸⁹ Idem, p. 229.

⁶⁹⁰ Idem, p. 230.

⁶⁹¹ Para mais detalhes vide: BORGES, Luís. *Breviário da prosa romanesca em Pelotas*. Vol. 1. Subsídios para uma história literária. Século XIX. Síntese crítica e histórica para uso escolar. Pelotas: JC Alfarrábios, 2007.

3.6.1.1 Industrialização

A economia brasileira no século XIX estava baseada na lavoura do café, mantida com mão-de-obra escrava. Na Europa fervilhavam revoluções liberais.⁶⁹² A Inglaterra, na liderança da Revolução Industrial, também liderava as relações políticas internacionais e procurava expandir o sistema capitalista como forma de dominar novos mercados. Desta maneira, o Império Britânico pressionava o Brasil para acabasse com o tráfico negreiro, chegando a cortar relações diplomáticas com o Brasil. Apesar disso, em 1845, sob a vigência da Lei Bill Aberdeen, que permitia o aprisionamento de navios negreiros onde quer que se encontrassem, o transporte ilegal de escravos duplicou e cinquenta mil negros escravizados aportaram em terras brasileiras.⁶⁹³

Os velhos coronéis, grandes proprietários das lavouras de café e açúcar no Nordeste e os latifundiários, inclusive charqueadores, no Sul, lutaram enquanto puderam para manter o sistema escravocrata. Nos anos finais do Império, contudo, as classes dominantes já anteviam a iminente falência da economia calcada no escravismo. Os grandes proprietários já não dispunham de mão-de-obra escrava para sustentar a expansão da lavoura, sobretudo, cafeeira. O Governo, então, passa a incentivar a imigração, de forma a substituir paulatinamente o negro escravo. Muitos desses imigrantes não se fixaram no campo, na década de 1880 foram implantadas as primeiras indústrias, com maquinaria totalmente importada. Não houve estímulo a uma produção com o desenvolvimento de uma tecnologia industrial própria, muito necessária quando se quer modernizar uma nação ou adequar sua economia a padrões internacionais. Formaram-se fortes laços de dependência tecnológica, já que as novas técnicas eram caríssimas, alvo de monopólios ciosamente protegidos pelos grandes conglomerados estrangeiros.⁶⁹⁴

⁶⁹² HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções (1789-1848)*. 23ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2008, pp. 325-348.

⁶⁹³ Cf. ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Formação da diplomacia econômica no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2001.

⁶⁹⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do Segundo Império*, 2. ed. Rio de Janeiro: GRAPHIA, 2004.

As ideias econômicas de João Simões Lopes Neto ainda não foram estudadas, porém, pode-se, preliminarmente, deduzir da leitura de seus textos de crítica social e econômica (alguns contidos em suas colunas “Semana Passada”, publicada no Diário Popular, em 1895; “Semaninha”, no mesmo periódico, no ano seguinte, e “Inquéritos em Contraste”, no jornal A Opinião Pública, entre junho de 1913 e março de 1914) a profunda preocupação do escritor com a modernização (e suas mazelas) do País.⁶⁹⁵ Entretanto, Simões se diferenciava de alguns pensadores que defendiam a vocação exclusivamente agrícola do Brasil, tais como Alberto Torres⁶⁹⁶, que viam na industrialização um artificialismo prejudicial. Além disso, o próprio Simões Lopes Neto tentou, sem muito sucesso, as mais diversificadas atividades industriais e comerciais.⁶⁹⁷ Em seus empreendimentos empregava mulheres⁶⁹⁸ e, pela imprensa, defendia os trabalhadores imigrantes contra as ações do Governo que os queria expulsar por meio da Lei Adolfo Gordo, pois neles enxergava o “perigo anarquista”, que poderia sublevar o proletariado nacional.

⁶⁹⁵ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto cronista urbano ou as contradições de um costumbrista*. (1ª parte). Diário da Manhã, 12/13-10-2013; (2ª parte) Diário da Manhã, 20-10-2013; Conclusão, 02/03-11-2013.

⁶⁹⁶ SOBRINHO, Barbosa Lima. *Presença de Alberto Torres: sua vida e pensamento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

⁶⁹⁷ Para mais detalhes vide DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003. Para uma visão sintética vide CÉSAR, Guilhermino. *Os bons negócios do capitão João Simões*. Correio do Povo, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 15-06-1974. Para outros aspectos das atividades comerciais e industriais de Simões, consultar: BORGES, Luís. *Além fronteiras: o empreendedor João Simões Lopes Neto*. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo1>> Acesso: 16-01-2012; GUEDES, Francisco de Paula Bermudez. *João Simões Lopes Neto e seus empreendimentos*. Diário da Manhã, Pelotas, 01-07-2012; MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012; BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. *Indústrias de ponta: uma história da industrialização no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fiergs/Ciergs, 2009, p. 123.

⁶⁹⁸ Cf. MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012.



Figura 58 - Artigo "Lei de expulsão dos estrangeiros", de J. Simões Lopes Neto (1912)

Fonte: A Opinião Pública, Pelotas, 31 de dezembro de 1912.

Os debates sobre o desenvolvimento econômico do estado e do país estiveram presentes nos textos de Simões Lopes Neto desde seus trabalhos iniciais, do que são exemplo *O Rio Grande (à Vol d'Oiseau)*, série de seis crônicas publicadas no *A Pátria*, em 1888; e *A canalização do arroio Santa Bárbara e melhoramentos anexos*, série de artigos publicados no *Diário Popular*, em 1893. Nesse mesmo ano, fez um relato geral da economia pelotense no artigo intitulado *As nossas indústrias*. Em 1902 escreveu *O transporte de gado em pé*. No ano seguinte, retomou suas atividades na Associação Comercial de Pelotas, no cargo de secretário. No exercício dessa função redigiu as atas da entidade, em que são tratados relevantes assuntos de interesse da indústria da região. Entre as decisões tomadas nas reuniões de diretoria resolveu-se encaminhar um ofício ao *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, sobre revisão de tarifas aduaneiras. A tarefa coube a João Simões Lopes Neto. Segundo o biógrafo Carlos Diniz, o ofício destinava-se a rebater referências desabonatórias à indústria do charque no Rio Grande do Sul. Prossegue, ao descrever o conteúdo do documento, dizendo que o referido ofício argumentava que mesmo sem mão de obra escrava e com menor número de estabelecimentos abatia anualmente, cerca de quinhentas mil cabeças de gado, assinalando a grande transformação ocorrida nessa atividade. São feitas ainda várias considerações sobre o sal e o imposto de consumo. Simões reclama ainda os favores que a União concede a indústrias e produtos de outros estados.

O escritor elaborou ainda um extenso memorial sobre a indústria charqueadora, que foi apresentado ao Congresso Nacional e à Comissão Especial Revisora das Tarifas Aduaneiras, em nome dos charqueadores da praça de Pelotas. Junto ao Memorial, elaborado para a diretoria da Associação Comercial, Simões anexou um projeto de lei, em complemento à proposta de 13 de novembro de 1902, do dr. Paula Ramos e outros, que tratava dos produtos agrícolas fabris de fácil deteriorização e que, portanto, deveriam gozar dos favores previstos o nº 4 do art. 4º da Lei nº 123, de 11 de novembro de 1892. Pretendia Simões inserir o fumo entre os produtos listados no projeto de lei. Nessa circunstância o escritor legislava em causa própria, uma vez que estava envolvido, desde 1901, com a indústria de fumos e cigarros. Em 1903, brigou Simões com a fiscalização do imposto de consumo, que apreendera uma partida de fumos em pacote de sua empresa, na cidade de Rio Grande. João Simões & Cia. Foi multada em três contos de réis. O empresário não se conformou, ingressando “com um recurso administrativo, que veio a ser provido, sustentando que o cálculo do imposto de consumo teria de incidir unicamente sobre o valor do fumo e não sobre os valores agregados das embalagens e da mão-de-obra”. Ainda em 1914, Simões discutia na imprensa o problema do fumo e dos impostos.

Entre as diversas atividades que ligaram Simões Lopes Neto às questões econômicas de Pelotas e do Rio Grande do Sul - fora a tradição e pujança de seus antepassados, especialmente do avô, o Visconde da Graça, bem como os próprios negócios do Capitão - está sua participação no I Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul, realizado em Pelotas, em outubro de 1908. Os trabalhos do Congresso tiveram lugar no salão nobre do Liceu Rio-Grandense de Agronomia, sede da entidade. Setenta e quatro foi o número de participantes do Congresso, presidido pelo Dr. Ildefonso Simões Lopes, que representava a Sociedade Nacional de Agricultura. O secretário do I Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul foi o agrônomo Manoel Serafim Gomes de Freitas. Das 13 às 17h funcionavam as diferentes comissões: criação, lavoura, arboricultura, silvicultura, leiteria e economia rural. A partir das 19h realizavam-se as sessões plenárias, que se prolongavam até quase meia-noite. Nessas sessões eram discutidas e votadas propostas, teses, memórias e moções.

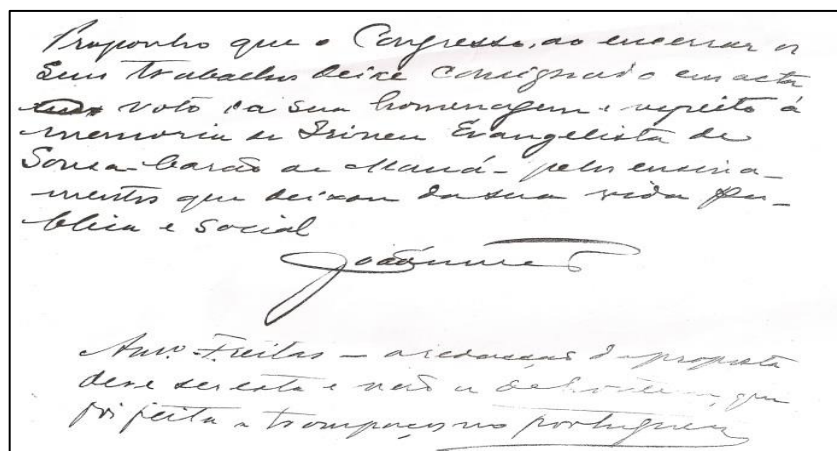


Figura 59 - Manuscrito de Simões Lopes Neto. Proposta de n. 26 ao Congresso Agrícola de 1908

Fonte: Acervo Mogar Pagana Xavier

No bilhete acima a proposta de João Simões Lopes Neto, aprovada numa redação um pouco diversa, mais elaborada do que aquela feita apressadamente na conclusão dos trabalhos, foi publicada no Relatório 1907-1908 da Sociedade Agrícola Pastoril: “Proponho que o Congresso ao encerrar seus trabalhos lance em ata um voto de preito do seu respeito à memória de Irineu evangelista de Souza, - barão de Mauá -, pelos ensinamentos de sua vida pública e social.” Só pela admiração demonstrada pelo barão de Mauá se pode inferir as tendências modernizadoras do escritor.

Simões Lopes Neto compôs a comissão que discutia arboricultura, viticultura, sericicultura e leiteria. Dentre os trabalhos que versavam sobre temas, estava em pauta a 20ª tese, que tratava de “Cultura industrial das árvores frutíferas, comércio de seus produtos sobre a forma natural ou de conservas”. A essa tese

[...] o Capitão João Simões Lopes Neto ofereceu um aditivo, ampliado pelo Dr. Nunes Vieira: “O Congresso faz votos para que a iniciativa privada ou os poderes públicos se empenhem na criação de estabelecimentos industriais em pequena e grande escala para a dessecção de frutas, bulbos e outras substâncias alimentícias suscetíveis de serem conservadas por esse processo.”⁶⁹⁹

⁶⁹⁹ Cf. LOPES NETO, João Simões. *O problema dos transportes*. In OTERO, Darcy Trilho; HADLER, Elmar Carlos (Orgs). *Actas. A classe rural resgatando as raízes da sua história*. Pelotas: Editora Textos, 2008, pp. 323-324.

Várias outras foram as participações de Simões Lopes Neto no I Congresso Agrícola, entre as quais a sugestão para que a Festa das Árvores fosse realizada anualmente. Como se pode perceber pela tese *Problema dos transportes*, apresentada por Simões no Congresso Agrícola, embora ele propugne a intervenção estatal na economia, buscando incentivos fiscais, subsídios e diminuição de impostos, quer também o desembaraço da burocracia que dificulta a ação da livre iniciativa.

Em sua proposição deseja a feitura de um mapa rodo-hidroviário do estado, com o fito de preparar as condições de escoamento da produção, tratando de forma integrada os diferentes modos de transporte. Uma outra preocupação é a conservação do ambiente natural. Simões propõe a desobstrução da foz dos rios navegáveis e da “severa conservação do arvoredo nas faixas marinhas”, no sentido de evitar a erosão das margens e promover a retenção dos detritos carregados nas enxurradas. Solicita a drenagem de banhados e pântanos, locais em que se proliferam mosquitos e outras pragas transmissoras de doenças. Finalmente, com os olhos no futuro desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul, disse na conclusão de sua tese: “Que à indústria de construções navais do Estado sejam concedidos favores excepcionais por parte dos governos federal, estadual e municipais”⁷⁰⁰.

Ao manifestar-se na oração que proferiu na Academia de Letras do Rio Grande do Sul (1911), Simões Lopes Neto se referiu ao desenvolvimento econômico do estado, posto no esquecimento desde o tempo do Império, situação que a República não alterou. A despeito disso, os filhos da terra progrediram em todos os campos:

É teatro, poesia, romance, crítica, música, pintura, escolas, bibliotecas e a imensa soma de competência técnica, artística e científica ao serviço da eletricidade e vapor, da arquitetura, **da higiene**, da indústria, da agricultura traduzem o sumário eloquente que contrasta e documenta a aptidão da gente rio-grandense, gente sóbria; alegre, que manifesta curiosidade pelas coisas novas, sem espanto de parvos, [...] apreciando o fator preponderante do **progresso**” [...].⁷⁰¹

⁷⁰⁰ Idem.

⁷⁰¹ LOPES NETO, J. S. *Discurso proferido na Academia de Letras do Rio Grande do Sul* (1911), p. 228.

A despeito das teorias divergentes sobre o processo de industrialização do Brasil, um fato consensual é que a proveniência dos nossos primeiros capitais industriais está na importação de máquinas modernas custeadas pelo capital agrário.

Ao contrário do que se tem divulgado, S. Paulo não foi desde sempre a região brasileira mais industrializada.⁷⁰² Até meados do século XX, o Rio de Janeiro possuía duas vezes mais fábricas do que a “terra dos bandeirantes”, vindo em seguida Minas Gerais para depois os paulistas, e na quarta colocação estava o Rio Grande do Sul. Em termos de produção por fábrica, capital investido e número de operários o estado de S. Paulo perdia para Pernambuco.

Como a região paulista passou então à condição de “locomotiva do Brasil”? Este é outro ponto de inúmeras polêmicas em que estão envolvidos economistas e historiadores.⁷⁰³ Seja como for, em 1900 o café rendia, com sua exportação, dez vezes mais que o açúcar, vinte vezes mais que o algodão e trinta vezes o tabaco. Somente a borracha, que estava vivendo seu período áureo, rivalizava com a cafeicultura. Assim mesmo, o extrativismo dos seringais, dentro do quadro das exportações, contribuía quatro vezes menos que o café.⁷⁰⁴ Nesse cenário da economia nacional, S. Paulo passou a contar com capitais excedentes, que foram investidos em ferroviárias, as quais, por sua vez permitiram a expansão das fronteiras agrícolas, o que reforçava o poder dos fazendeiros. O café brasileiro era responsável por 75% da produção mundial, em 1910.⁷⁰⁵ Tal abundância de recursos possibilitou principalmente aos latifundiários paulistas investirem na atividade fabril. Homens como Antônio da Silva Prado e Antônio Álvares Penteado, que estavam entre os mais prósperos fazendeiros de café, vieram, ao mesmo tempo, a ser industriais, fundando fábricas de aniagem e de vidraria. Como estes, plantadores de

⁷⁰² CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Unicamp/IE, 1998.

⁷⁰³ SAES, Flávio Azevedo Marques. de. *A controvérsia sobre industrialização na Primeira República*. Estudos Avançados, São Paulo, vol.3, n.7, São Paulo, set./dez., 1989. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300003> Acesso: 12-12-2012.

⁷⁰⁴ ANDRADE, Adriano Soares; JAFELICE, Rosana Sueli da Motta. *História do café no Brasil*. FAMAT em Revista, n. 4, pp. 241-253, abril de 2005.

⁷⁰⁵ Cf. FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. " São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

algodão fundavam fábricas de fiação, pecuaristas do sul criavam estabelecimentos para beneficiamento do couro, carne e produtos derivados. Esse processo de incipiente industrialização, tanto no Brasil, quanto no Rio Grande do Sul, descrito e analisado minuciosamente nas obras de Pesavento (1991)⁷⁰⁶ e Carone (2001)⁷⁰⁷.

É evidente, com a intensificação do processo de industrialização nasce o proletariado brasileiro, composto, basicamente, por trabalhadores imigrantes, muitos dos quais se não haviam fixado no campo.⁷⁰⁸ Alberto Torres, em sua obra *O problema nacional brasileiro* (1914) afirma: “O desequilíbrio das sociedades modernas resulta, principalmente, da deslocação constante das populações das zonas rurais para as indústrias [...]”⁷⁰⁹. A consequência dessa migração era o inchaço das cidades e a consequente formação dos cortiços. Esse é, pois, um dos assuntos de Simões Lopes Neto em *Pelotas e a higiene*, artigo publicado no jornal A Opinião Pública, em 21 de dezembro de 1912, sob o pseudônimo de João do Sul.⁷¹⁰

3.6.1.2 Urbanização

Conforme se viu, Simões Lopes Neto estava imbuído do espírito modernizador da época. Quatro anos antes do Congresso Agrícola, na esperança de ampliar negócios e na tentativa de responder aos anseios familiares, conforme enfatiza o escritor Aldyr Garcia Schlee, o criador de Blau Nunes depois de ser premiado na Exposição de S. Louis (1904) –receberá, em 1908, a Medalha de Ouro na Exposição Nacional, no Rio de Janeiro -, com o carrapaticida Tabacina, lançando-se a uma nova empreitada.

⁷⁰⁶ PESAVENTO, Sandra. *Os industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991.

⁷⁰⁷ CARONE, Edgar. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001.

⁷⁰⁸ Para mais detalhes vide KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro (1857-1967)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

⁷⁰⁹ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/torresb.html>> Acesso: 01-11-2011.

⁷¹⁰ Edição mais acessível: Diário da Manhã, Pelotas, 06 de março de 1983. Obs.: Publicado na coluna “Página Simoneana”, de Ângelo Pires Moreira. Para uma resenha e breve comentário desse texto vide MONQUELAT, A. F. *Simões Lopes Neto, higiologista*, Diário da Manhã, Pelotas, 25-08-2013 e BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto cronista urbano ou as contradições de um costumbrista* (Conclusão). Diário da Manhã, Pelotas, 02/03-11-2013.

O Governo brasileiro se esforçará para vender a imagem de que o país estava em condições de integrar o rol das nações desenvolvidas. Em 1908, no Rio de Janeiro, capital da República, mobilizou-se para mostrar ao mundo e aos brasileiros a sua pujança e a sua modernização. João do Rio numa crônica que, mais tarde, integrou seu livro *Cinematógrafo* (1909) ironizou o cosmopolitismo da elite brasileira afrancesada, que punha em Paris o seu ideal de gosto artístico e desenvolvimento econômico. Antes disso, na versão definitiva da conferência *Educação Cívica* (1906), proferida na Biblioteca Pública Pelotense, o escritor João Simões Lopes Neto advertia:

Não é que deseje que ficássemos estacionários, imóveis, perante as novas formas do viver moderno; eu lamento é a implantação de hábitos, usos e costumes em contraste, em desacordo com o nosso temperamento, o nosso clima. O estrangeiro é tão firme na tradição, que mesmo na terra estranha ele a põe em prática [...]; nós desprezamos a nossa e adotamos a alheia, sem indagar o porquê” [...].⁷¹¹

Clarividente, em relação aos aspectos mais perversos e desumanizadores da perda das identidades locais, critica o descaso dos brasileiros para com o conhecimento das coisas do país, incluindo seu folclore e sua história.

3.6.1.3 Simões Lopes Neto cronista urbano

A coluna *Inquéritos em Contraste* começou numa terça-feira, em dez de junho de 1913, com uma crônica sem título, se encerrando num sábado, em nove de agosto. As primeiras catorze crônicas foram numeradas, sendo que o nº XII aparece repetido. Os três artigos finais não vem numerados.

⁷¹¹ LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica* (1906), p. 11.

O biógrafo Carlos Diniz entende que os trabalhos de Simões Lopes Neto nos *Inquéritos* são literários; uma mistura de crônica e conto. De qualquer maneira, segundo o próprio autor, o objetivo dos textos apresentados era “esmiuçar a nossa pequena vida-social-provinciana”. E complementa:

[...] os requintes do luxo máximo terçam a *la par* com as fantásticas verdades que o crime multiforme impõe: o assassinio, o roubo, o sadismo, a fome, o proxenetismo, o álcool, a credice alvar, o arrivismo pululam no pulmão da urbs; fermentando no pulmão das grandes cidades a formidável tuberculose social que a mina e contamina esses colossais formigueiros humanos e irradia para o mundo inteiro as suas seduições e os seus malefícios.⁷¹²

Nos tais *inquéritos* o escritor procura investigar os escaninhos obscuros da cidade e seus tipos marginalizados. Disso resultou um texto fruto da observação direta, à moda do que faziam os literatos naturalistas, em especial, Aluísio Azevedo na preparação do *Cortiço* (1890)⁷¹³. O autor maranhense descreve em cores cruas as precárias condições sociais do Rio de Janeiro do final do século XIX, sobretudo dando ênfase aos problemas habitacionais e de proliferação de doenças. Essas questões eram a ordem do dia em termos de debate político-social, envolvendo médicos, educadores e autoridades. Do mesmo modo, Simões não se furtou de abordar esses temas. Versou diretamente dele no artigo *Pelotas e a higiene*, publicado no A Opinião Pública em 21 de dezembro de 1912. Vivia a ele, agora, em outro gênero – a crônica. Em *Um corte de criada* vemo-lo descrevendo as habitações populares, tidas, então, não apenas como alquerque das “populações perigosas”, escravas do vício, do ócio e do crime, mas também potencialmente foco de disseminação de epidemias. Assim como no romance de Aluísio Azevedo, nas crônicas simonianas aparece, no ambiente dos arrabaldes onde se encontram os cortiços, o cruzamento de diversos segmentos étnico-culturais e sociais, tal como aparece em *Rusga no beco*. Encontra-se no conto-crônica *Serenata sem licença* a denúncia das dolorosas condições sanitárias e habitacionais. Também não ficam ocultas, na caracterização dos personagens populares, as descrições lúbricas, geralmente, atribuídas às classes baixas. À base da pirâmide social também está associado o comportamento desviante: brigas, prisões, roubo, conflitos com a

⁷¹² SUL, João do Sul [pseudônimo de Simões Lopes Neto]. A Opinião Pública, Pelotas, 10-06-1913.

⁷¹³ Para uma comparação entre os dois escritores vide: BORGES, Luís. *Simões Lopes e Aluísio Azevedo: As marcas da cidade*. Pelotas, 2014. Inédito.

polícia. As crônicas urbanas de João Simões Lopes Neto, denotando um nítido caráter etnográfico e sociológico, registram, por exemplo, em *Um fim de troça*, os costumes da juventude e dos locais de encontro noturno que estavam em moda naquele tempo.

É assim que as histórias se vão sucedendo, desfilando em “fitas ao natural”, em que músicos populares, prostitutas pobres, marinheiros “batidos de temporal”, portugueses gananciosos, tipos vivendo de expedientes e pequenos vigaristas, homens da carpeta e outros vão formando um quadro menos aristocrático da Princesa do Sul.

Nesse submundo também aparecem os negros e sua cultura religiosa que, naqueles tempos de fervor cientificista, eram vistos como inferiores e supersticiosos. Simões já se havia detido nesse tópico em seu romance-folhetim *A mandinga* (1893), no qual se relata como paixões desencontradas vão desembocar no terreiro de um Preto Velho, o Caboclo. O feiticeiro simoniano segue o estereótipo que o Naturalismo fez desses personagens. Estereótipo, aliás, solidamente estabelecido já no romance macediano, como é o caso de Pai Raiol, em *Vítimas-algozes* (1869). Mais tarde, a literatura naturalista, na trilha do romance experimental de Zola, terá seus próceres em Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro que, a seu modo, apresentam os negros como seres bestiais e sua religiosidade como ignorância e perversidade. De maneira semelhante, bem ao gosto positivista, o personagem Cirilo Pereira, de *A mandinga*, declara: [...] “ora vejam, este diabo do Caboclo, a dar sessões de feitiçaria, a que horas da madrugada, para seduzir gente honesta, e quem sabe dar cabo dela! [...] No século XIX! Isso é incrível!” Tal é o assunto da crônica *A tia das encomendas*.

A dura realidade das populações da periferia é mostrada sem retoques, especialmente, em duas crônicas, quais sejam *Mísera grandeza* e *O banco da Santa Casa*. O primeiro texto narra a história de uma mulher que se prostitui para comprar remédios para o filho pequeno que está enfermo. Quando ela e o cliente retornam à “infecta mansarda”, em vez de sexo, encontram uma cena trágica, pois a criança de quatro anos morrerá de crupe. O segundo texto transitará ainda no drama relativo à

saúde das populações pobres. Apresenta os bastidores de um hospital, ao qual denomina de “um desfilar de espanto”:

Cheiros de remédios voam no ar; um sussurro arfa; o ouvido atento escuta o sofrimento que fala pelos olhos e nas atitudes da gente; as próprias paredes parecem que tem em si, entranhada, alguma coisa que dói...” Entre as diversas figuras que param nesse banco da Santa Casa está “uma velha disforme; as lepras da sua antiga vida tomam-lhe a cabeça, mãos; os olhos têm orlas sangrentas; não mais pestanas, não mais unhas; tudo chagas.../Lá fora o sol resplende; o graminado verde da praça em frente; a pequena copa redonda das árvores, a colunata, o grande tanque circular de água, atraem os rostos; andorinhas cortam vãos rápidos e logo piam em cima, nos altos da fachada.⁷¹⁴

Nesses trechos, eivados de profundo lirismo e de piedade pelo sofrimento humano, se pode observar também algumas marcas estilísticas do grande literato (a força da paisagem que fornece elementos para descrever o estado de espírito, o ponto-e-vírgula e as reticências), que sob a pele de João do Sul não esconde as qualidades geniais do artista das *Lendas do Sul*.

Os textos de *Inquéritos em contraste*, mesmo focando a rude realidade dos subúrbios, de nomes sugestivos, tais como o Beco do Sabão, o Curral das Éguas, o Corredor do Pimpão, o Sete Pecados, estão recheados de fina ironia e de humor, como se vê em *O macaco... tudo aguenta!* ou nos dois *Curso de dança*, sendo a segunda crônica a repetição de uma anedota do teatrólogo e contista Artur Azevedo (irmão de Aluísio). Nessas, como noutras crônicas, há muitas referências geográficas: o tal curso de dança “ficava para as bandas do forno do cisco”.

Como bom *flâneur*, o autor “vai andando por aí... às moscas... vai andando, mas vai vendo”. Além de observar as pessoas, os costumes e as paisagens, Simões Lopes Neto não deixa de registrar e até mesmo comentar as atividades econômicas. Vale lembrar que num de seus trabalhos, no início de sua carreira no jornalismo, intitulado *O Rio Grande (à Vol d’Oiseau)*, série de seis artigos publicados no jornal A Pátria, em novembro e dezembro de 1888, o “repórter” Serafim Bemol relata suas viagens pelas vizinhas cidades de Rio Grande e São José do Norte e, entre mil detalhes, da arquitetura à vida pacata, afirma:

⁷¹⁴ SUL, João do Sul [pseudônimo de Simões Lopes Neto]. A Opinião Pública, Pelotas, 22-07-1913.

Vários negociantes do Rio Grande tem no Norte grandes armazéns para depósito de mercadorias; no Norte geralmente aliviam carga os navios de muito calado que não podem transpor a barra do S. Gonçalo. O Norte importa jornais, vinho e modas; exporta couros secos, melancias e moças bonitas.⁷¹⁵

Em *Vivendo e aprendendo*, mantendo-se fiel ao seu primitivo interesse pela economia, são citadas empresas do comércio local, tais como a joalheria Levy Frank e a Casa Americana. Desse modo, é com a pena da galhofa que descreve a Casa Azul pintada de escarlata. Segue por aí, mostrando as diferentes curiosidades das casas comerciais e outros “contrastes”, tais como “os homens altos casados com mulheres baixas; das gordas casadas com magros; e da harmonia celestial entre genros e sogras...de biscois e sem vice-versa!”

O penúltimo texto a frequentar a coluna do A Opinião Pública é *Ladrão de galinhas* em que se conta a história de um “tipo magro, cambaio, que exibia um bracinho embrionário e com a mão sã do outro, perfeito e musculoso, caçava níqueis da piedade dos pacóvios” [...].

A urbaníssima coluna *Inquéritos em contraste*, de João Simões Lopes Neto, encerrou-se em nove de agosto de 1913, com a crônica *Mais cães e gatos*, em que o autor retoma, ainda em tom humorístico, o tema de “como em santa paz certas contradições entre nomes e coisas, entre estas e seu curso, entre este e suas aplicações”. Nesse derradeiro trabalho deixa transparecer desinteresse e falta defôlego para manter a coluna, contudo, permanece a linha geral: tipos populares, arrabaldes, histórias pitorescas, cenas trágicas fruto da miséria e referências geográficas da cidade. Recorre a fórmulas já utilizadas. Na última crônica, socorre-se do riso requeentado dos contrastes, apresentando os nomes curiosos que os proprietários dão aos seus estabelecimentos, sem falar nos “nomes de gente dados a cachorros, éguas, cavalos, vacas e cabras leiteiras”.

⁷¹⁵BEMOL, Serafim [pseudônimo de Simões Lopes Neto]. *O Rio Grande (À Vol d'Oiseau)*. Parte VI. A Pátria, Pelotas, 07-12-1888. Edição acessível: MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto. Vol 1*. Porto Alegre: Martins Livreiro, p. 37.

Conforme se pode observar pelo sumário dos textos editados na coluna *Inquéritos em contraste*, ficabastante evidente a influência de João do Rio, pseudônimo de João Paulo Coelho Barreto (1881-1921), célebre cronista carioca.

Não sei se alguém já se deu conta das relações não apenas entre a crônica simoniana e a de João do Rio, mas da influência da literatura costumbrista sobre eles. O gênero *costumbrista* se estendeu por toda a América Espanhola a partir das primeiras décadas republicanas. Sua popularidade se explica, parcialmente, pela influência da moda literária na Espanha (com José de Larra, Estébanez Calderón, Mesonero Romanos) e pela persistência da velha tradição picaresca e satírica na península ibérica. O conceito se aplica a todas as artes, abrangendo a pintura, o romances de costumes, sendo também a arte folclórica vista, muitas vezes, como uma forma de educação. No entanto, a ideia do que seja propriamente o costumbrismo parece ser um tanto vaga, pois de modo geral tende a poder abarcar quase tudo, desde boas maneiras, quando se fala de autores do século XIX, quando a burguesia, após o surto romântico ou até mesmo dentro dela, sentiu a melancolia de suas origens camponesas, até o surto da Revolução Industrial e do êxodo do campo para a cidade, momento em que certos costumes e valores tradicionais começaram a ser solapados, resultando em fator de diferenciação social. A literatura que trata das boas maneiras ou dos costumes em geral, ao contrário do Realismo, com o qual está intimamente relacionado, não faz uma análise das práticas sociais que narra, portanto, bastante presa ao descritivismo, voltando-se para o pitoresco, através de um estilo impressionista.

O *costumbrismo* foi um gênero que se adaptou muito bem ao espírito de modernização das cidades, exigindo um estilo nervoso, “flexível, agudo, de imaginação viva, porém rápida e lúcida, de representações claras, contudo, muito propenso à frivolidade e à burla, de expressão fácil, limpa e amena”, como caracteriza José Riva-Aguero, em seu ensaio *Carácter de la Literatura en el Perú* (1905). Além do Peru, o costumbrismo se espalhou por toda a América Latina. Na Argentina alguns dos mais ilustres escritores podem ser incluídos nesse rol, entre os quais Esteban Echeverría (1805-1851), Juan Bautista Alberdi (1810-1884), Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), José Antonio Wilde (1813 -

1883), Vincent G. Quesada (1830-1913). Na Colômbia, pode-se citar Juan Rodríguez Freyre (1566-1638). A literatura mexicana possui uma das linhagens mais longas no costumbrismo latino-americano, do qual são representantes José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), Guillermo Prieto (1818-1897), José Tomás de Cuellar (1830-1894), José López Portillo y Rojas (1850-1923), Rafael Delgado (1853-1914), Anjo del Campo (1868-1908) e Emilio Rabasa (1856-1930). As letras uruguaias reúnem entre seus costumbristas Santiago Maciel (1862-1931), Manuel Bernardes (1867-1942), Javier de Viana (1868-1926), Adolfo Montiel Ballesteros (1888-1971) e Fernán Silva Valdés (1887-1975). Na Venezuela os nomes mais associados ao costumbrismo são Fermín Toro (1807-1865), Daniel Mendonza (1823-1867), Nicanor Bolet Peraza (1838-1906), Francisco García (1845-1921) e José María Rivas (1850-1920).⁷¹⁶

Como se pode ver, a literatura de língua espanhola e especialmente a platina, da qual Simões Lopes Neto tinha bom conhecimento ⁷¹⁷, estava repleta de obras costumbristas. Assim, sob a ascendência da velha tradição picaresca e satírica espanhola, o caráter do costumbrismo, segundo José Riva-Aguero, crítico literário do começo do século passado, torna-se compreensível, uma vez que essa literatura encontra sua expressão nos quadros de costumes: textos curtos, publicados em diários, jornais e revistas, elaborados com uma prosa ligeira, festiva e burlesca. Descritivos e detalhistas, esses quadros centravam-se em personagens conhecidos na cidade (os chamados “tipos populares”), cenários afirmados pela tradição, acontecimentos e costumes típicos. Esses textos, geralmente, publicados na imprensa posteriormente eram (às vezes muito depois), compilados em livro, como o que ocorreu com as crônicas de João do Rio.

Os costumbristas eram homens contraditoriamente em conflito com seu tempo. Criticavam o esnobismo, a ignorância, o conformismo e a mania de copiar o estrangeiro. Dizemos contraditoriamente porque, de um lado, teciam comentários

⁷¹⁶As informações sobre os nomes citados foram buscadas in RUBIO CREMADES, Enrique. *Influencias del costumbrismo romântico español en las colecciones costumbristas hispano-americanas*. Disponível em <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=29619> Acesso: 03-12-2010.

⁷¹⁷Cf. SCHLEE, Aldyr García. *Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos*. Letras de Hoje, Porto Alegre: PUCRS, n. 77, pp. 77-88, 1989.

ácidos à modernização das cidades e ao novo comportamento das elites, de outro, deploravam o atraso econômico, o analfabetismo, o parasitismo das classes baixas. Isso nos lembra claramente a análise de Simões Lopes Neto feita na conferência *Educação Cívica* (1906) que, baseado em José Veríssimo, critica o cosmopolitismo.

O tema predileto dos costumbristas era o perfil próprio da cidade, o ânimo de seus habitantes: a exaltação da alegria, a picardia e a irreverência através de um tom brincalhão, uma linguagem e um estilo festivo que, segundo eles, era partilhado pelo “moço fino” da classe alta e a mulata vendedora de comida no mercado.

Tanto João do Rio quanto João do Sul, apesar de fazerem pose de *flâneur* e investigadores da vida suburbana, não deixaram de ver o outro como exótico. Por que eles não conseguiram narrar a cidade a partir de um Nós extenso? Será que não havia uma cultura urbana a ser partilhada? Acredito que a resposta tem a ver com as transformações urbanas que, guardadas as devidas proporções entre o Rio de Janeiro e Pelotas, bastante drásticas afetaram não apenas a paisagem das cidades, mas também interferiram profundamente nas relações sociais, acirrando os conflitos de classe. Em ambos os autores, a reforma urbana se mostra para além de um projeto de remodelação da velha cidade, pois ao fazer com que ela espelhe (seja na realização, seja no desejo) os novos tempos e novos hábitos, também estabelece a demarcação segregadora e territorial da classe dominante.

No caso do Rio de Janeiro, tal reestruturação do espaço urbano aconteceu desde o final do século XIX. Esse processo se intensificou logo nos primeiros anos do século XX. Quando João do Rio começa a descrever ruelas e tipos populares, a reforma já tinha sido feita. O espírito que animava a intervenção no espaço urbano era que novos tempos modernos tinham chegado e que todo resquício dos velhos tempos coloniais tinha que ser apagado ou relegado a um plano não visível. Assim se fez a reforma do porto, a higienização e saneamento do centro, a construção de largas avenidas das quais a mais importante simbolicamente foi, sem dúvida, a Avenida Central, inaugurada em 1905 e tendo seus edifícios prontos cinco anos depois. As reformas urbanas mudaram tão significativamente a cidade que João do Rio declara triunfante: “a civilização do Brasil divide-se em duas épocas: antes e

depois da Avenida Central” e o cartão de apresentação da cidade passou a ser, desde 1912, o de “cidade maravilhosa”.

Conforme já se disse, João Simões Lopes Neto, em 1912, em *Pelotas e a higiene*⁷¹⁸ alertava para a necessidade das autoridades, a exemplo do que ocorrera na Capital da República, realizarem não apenas uma reforma urbana, o que incluía a eliminação dos cortiços pelotenses, mas também um rígido controle sanitário e de doenças contagiosas, principalmente da tuberculose e da febre tifóide.

No Rio de Janeiro, as transformações descritas por João do Rio abrangem o período da Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, até a realização da famosa Exposição Nacional, quando o cronista reúne seus textos em uma das obras que o tornaria mais conhecido - *A alma encantadora das ruas* (1908).

A crônica de João do Rio e de João do Sul, respectivamente os pseudônimos de Paulo Barreto e Simões Lopes Neto, a despeito de se aproximarem em diversos aspectos, guardam uma diferença fundamental. Pode-se dividir a obra do carioca, basicamente, em duas fases. A primeira é aquela que abrange a já citada *Alma encantadora das ruas* e as crônicas que perfizeram a coluna *Cinematógrafo*, posteriormente reunida em livro em 1909. Nessas obras João do Rio descreve os subterrâneos da Capital Federal. É possível identificar outra fase na narração da cidade a partir de 1916: deslumbrado ou acostumado com o novo Rio, o autor passa a narrar os salões elegantes, as pessoas chiques, a moda, a etiqueta, a Avenida Central, os automóveis etc. Tais crônicas apareceram em *O País*, com a coluna *Pall-Mall Rio*. Nas palavras de Renato Gomes, “quando o jornalista foi aceito pela elite, teve início uma segunda fase em sua escrita, na qual a exploração e a crítica do bizarro, do insólito e dos aspectos miseráveis da sociedade carioca moderna perderam terreno para celebração deram terreno para a celebração do ‘alto mundo’ ”.

Na segunda fase de João do Rio percebe-se que da contradição, própria da narrativa costumbrista, em que dois mundos se conflagram, isto é, o submundo dos cortiços, dos subúrbios e todos os seus habitantes, e outro, moderno, limpo, belo, organizado, cultor da arte e da ciência, ele passa aderir à ideologia das classes

⁷¹⁸ Para uma resenha e comentário sobre esse texto vide MONQUELAT, A. F. *Simões Lopes Neto, higiologista*. Diário da Manhã, Pelotas, 25-08-2013.

dominantes. No caso de Simões Lopes Neto, destarte uma produção menos prolífica, a narrativa permanece em tensão, sem que haja uma identificação plena com o projeto modernizador. De qualquer modo, nos dois cronistas há denúncia e sensibilidade, mas nunca identificação com as classes populares. Às vezes, podiam se aproximar do mundo narrado, se deixar levar por ele, mas nunca a ponto de conformar um Nós.

Os costumbristas reproduziram em seus textos a linguagem oral compartilhada na cidade. João do Rio e João do Sul empregavam em suas crônicas uma linguagem sobrecarregada de gírias, uma escrita que fazia referência à oralidade popular. Da mesma maneira, o próprio narrador buscava utilizar uma linguagem aguda, pitoresca, nutrida da fala popular e dos modismos locais.

Até o autor das *Lendas do Sul*, basicamente, a literatura brasileira, nessa corrente a que chamamos regionalismo, quase só havia produzido sublitteratura. Desde os escritores românticos, com seu projeto de construir uma identidade nacional, houve “regionalistas”, tais como Bernardo Guimarães, cuja preocupação era fazer o registro linguístico e descrever a paisagem regional (no caso do Bernardo, o interior de Minas). Descontando autores de menor peso, tais como Inglês de Sousa, Araripe Junior, José Veríssimo e outros, se pode dizer que os precursores da literatura regionalista no Brasil são Afonso Arinos e Valdomiro Silveira. Entretanto, como obra artística não convenciam, seus personagens eram artificiais, bem como o trato da linguagem. O mesmo acontece com o regionalismo gaúcho. Autores como Apolinário Porto-Alegre, Victor Valpério ou José Bernardino dos Santos, mais tarde, o Luís de Araújo Filho (pseudônimo de LAF), com seu *Recordações gaúchas* (1905), cuja leitura influenciou Simões, não atingiam o nível de arte necessário para fugir do rótulo regionalista em seu sentido pejorativo. Até Simões, a literatura regionalista padecia de um mal: o artificialismo dos personagens, a voz narrativa que se dividia em narrador culto e “voz popular”. Simões teve uma solução genial, unificou essas vozes em Blau Nunes. Foi a revolução linguística e artística que elevou o discurso regionalista ao status de alta literatura.

Ao lado da estrutura das relações de trabalho, a própria estrutura urbana ajuda a explicar a possibilidade de uma cultura partilhada, embora narrativamente cindida. Esse fenômeno é ainda mais intrigante no que se refere a João Simões Lopes Neto. A solução encontrada pelo Simões contista, todavia, não foi transmitida ao Simões cronista. Por quê? Esta não é uma questão a ser respondida minuciosamente aqui, porém, pode-se esboçar um encaminhamento. Acredito as soluções do contista não puderam ser aproveitadas pelo cronista, entre outras razões, pelo seguinte: as diferenças entre os gêneros, o conto e a crônica, cujo foco narrativo guarda significativa diferença funcional e estrutural. Além disso, cabe avaliar o problema ideológico em que ele estava envolvido – o projeto político modernizador no plano econômico (embora conservador no plano político), de um lado, o que incluía o higienismo e, de outro, a construção de uma forte identidade regional, ligada à valorização do folclore e da cultura rural que, sob determinada luz, se contrapunha ao projeto de homogeneização da imagem do brasileiro.

Pelotas, cidade herdeira do escravismo e de forte colonização portuguesa, é palco para que se entrecruzem diversos grupos étnicos e sociais. Ao lado do casario antigo e dos palacetes no centro da cidade, lar da burguesia e das famílias tradicionais, entre as quais a de Simões Lopes Neto, havia os cortiços e seus moradores, narrados nos *Inquéritos em contraste*. O Centro era um espaço onde convergiam e confluíam os diferentes segmentos: ricos, trabalhadores e populares, cada qual, todavia, demarcando ou invadindo territórios, não apenas geográficos, mas também imaginários. Pelotas, de modo algo semelhante ao Rio de Janeiro, possuía uma grande diversidade racial e social: charqueadores aristocráticos, negros de diversas nações, mestiços, comerciantes portugueses; os imigrantes franceses, alemães e poloneses; as prostitutas, os aguadeiros, os pequenos funcionários. Existiam também os mendigos, geralmente negros ou mulatos, como registrou Fernando Osório em seu clássico *A cidade de Pelotas* (1922) que vagavam pelas esquinas, os quais “alegrando as ruas de Pelotas, alvoroçaram, tanta vez, o rapazio inquieto...”

Pelo exposto, pode-se concluir que, embora o costumbrismo literário possuía raízes históricas longínquas, tal gênero só pôde ter êxito, na forma em que assumiu

na crônica de Paulo Barreto e João Simões Lopes Neto, associada às rápidas e dramáticas transformações da paisagem urbana. Tais mudanças, como vimos, expressavam a ideologia higienista, o que abrangia, entre outros aspectos, o saneamento básico, a implantação do bonde elétrico e a expansão da escolarização. Desta maneira, na malha em que se transforma a cidade moderna, frenética e diversificada, cultural e socialmente, seus narradores, os cronistas, normalmente oriundos de classes abastadas, apesar de relatarem a vida dos moradores dos cortiços e até mesmo denunciarem as precárias condições em que viviam, compartilhando com eles uma linguagem comum, dificilmente eram capazes de romper a distância social e política que os separava. Eram expectadores da miséria e da injustiça que só poderia ser superada pela repressão ao crime, ao ócio, à imoralidade e à sujeira. O discurso das elites era que, devido à ignorância e indolência do povo, do Governo se esperava atitudes e enérgicas autoritárias, tais como as de vacinação obrigatória, fiscalização e higienização e até derrubada dos cortiços.

João do Rio acabou por ser cooptado pela ideologia dominante, não por convicções políticas ou filosóficas, mas por interesse pessoal e necessidade de ser aceito, uma vez que foi alvo de preconceitos por ser gordo, mulato e (supostamente) homossexual. Isso não aconteceu com Simões Lopes Neto, cujas contradições ideológicas nunca foram superadas no exercício do jornalismo literário.

Narradores da cidade moderna, tais como Baudelaire, João do Rio e João do Sul sentem o anonimato do indivíduo e sua solidão em meio às multidões. Entretanto, a alegria do povo pobre, suas dores e estratégias de sobrevivência estão presentes, com humor e sensibilidade, tanto na *Alma encantadora das ruas* quanto nos *Inquéritos em contraste*. A musicalidade de seus textos narra também a musicalidade popular. *Os livres acampamentos da miséria*, de Paulo Barreto, um texto publicado em 1911, relata sua ida ao morro de Santo Antônio, "para ouvir o samba", talvez contenha a primeira descrição de uma favela carioca. Do mesmo modo, Simões Lopes Neto, na crônica *Serenata sem licença* descreve como a

música é, além de transgressão à cidade disciplinar, um elemento primordial da cultura popular:

Houve um ajuste para uma serenata [...]; resolveram todos perder, hoje, meio-dia... e a noite, com o meio-dia seguinte. Dois violões, um cavaquinho, uma gaita de boca. O da flauta não veio ainda. Dos oito quatro tocam, quatro ouvem; nos intervalos, um dos ouvintes passa aos outros executantes uma garrafa; quatro beijos, sucessivos, afogam a 'menina', que contém 'mel de pau', que é uma bebida para corroborar a fibra [...]. – Como é, 'chê?... e a licença? – Não precisa; nós se 'demos' muito com o 141; ele é que cai de ronda, hoje, naquelas bandas...⁷¹⁹

Fantasiados de observadores curiosos e guapos, que ousaram invadir um território enfermo e sem lei, João do Rio e João do Sul, autênticos costumbristas, por meio de suas vívidas crônicas foram capazes de traduzir, num estilo todo próprio, a alma de suas cidades, revelando também as luzes e as sombras da Belle Époque brasileira. Essa “época bela”, todavia, estava em constante tensão, especialmente diante do problema racial.

3.7 TEORIAS RACIAIS EUROPEIAS

O “bando de ideias novas”, como lhes chamou Sílvio Romero, enfrentou – e acabou por vencer - a herança cultural monárquica, em grande parte dominada pelo catolicismo. Sobrepondo-se aos dogmas religiosos reinantes até então, as teorias raciais deram *status* científico às desigualdades entre os seres humanos e através do conceito de “raça” puderam classificar a humanidade, fazendo uso de sofisticadas taxonomias.

⁷¹⁹SUL, João do [pseudônimo de Simões Lopes Neto]. *Serenata sem licença*. A Opinião Pública, Pelotas, 17-06-1913.

Ao se analisar a história do mito ariano percebeu-se que suas bases já se encontravam fixadas na Europa Medieval.⁷²⁰ Poliakov (1974)⁷²¹ destaca a importância dos chamados mitos de origem nas sociedades europeias que, no século XIX, combinaram as pseudoteorias científicas racialistas que deram sustentação ideológica para o surgimento do mito ariano que, mais tarde, estaria no cerne do discurso hitlerista. Esses mitos de fundação das nações traziam em seu interior hierarquizações que, apesar de não se basearem em diferenças físicas, buscavam segregar determinados grupos de indivíduos. Foi o caso, por exemplo, da Espanha, em que a herança visigótica foi invocada para se opor aos cristãos novos, em grande parte, descendentes de muçulmanos e judeus; ou da França, onde, por muito tempo, a nobreza se auto-intitulava de origem franca, contrapondo-se aos servos, que seriam de origem gaulesa ou romana, por isso, subjugados. Segundo o mesmo autor em 1684 o francês François Bernier, em 1684, observou a existência de quatro ou cinco raças de homens: os europeus, que se juntavam os egípcios e os hindus morenos, cuja cor é apenas acidental, causada pelo fato de se exporem ao sol; os africanos, cuja negrura é essencial; os chineses e os japoneses, com ombros largos, rosto chato, nariz achatado, e “pequenos olhos de porcos”; e os lapões, “animais infames”. Já os indígenas, eram considerados por Bernier como próximos dos europeus.⁷²² O importante desta classificação é que nela o autor identifica o que parece ser “o primeiro escrito em que o termo “raça” aparece em seu sentido atual”⁷²³.

No século XVIII, Carlos Lineu (1707-1778) [Carolus Linnaeus] formulou uma teoria sobre a divisão da humanidade em raças. Considerado o pai da taxonomia biológica, sugeriu a divisão do homem em quatro raças, baseada na origem geográfica e na cor da pele: Americanus, Asiaticus, Africanus e Europeanus, além do

⁷²⁰ POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 118.

⁷²¹ Idem.

⁷²² Idem.

⁷²³ Idem.

Homo ferus (selvagem) e *Homo monstruosus* (anormal). Magnoli (2009) ⁷²⁴informa que a raça “Europeanus” era formada por indivíduos inteligentes, inventivos e gentis, enquanto os índios americanos seriam teimosos e irritadiços, os asiáticos sofreriam com inatas dificuldades de concentração e os africanos não conseguiriam escapar à lassidão e à preguiça.

Buffon (1707-1788), conhecido naturalista francês, pensou, ainda no século XVIII, o conceito de degeneração, que seria amplamente usada pelos teóricos do século seguinte para se discutir os efeitos da miscigenação. Para o ele, uma evidencia de que existem diferenças raciais é que existe o negro e o branco, que podem

produzir juntamente... haveria duas espécies distintas; o negro estaria para o homem como o asno para o cavalo, ou antes, se o branco fosse homem, o negro não seria mais homem, seria um animal à parte como o macaco...”⁷²⁵.

Conforme se observa, se Buffon, por um lado, explicava a degeneração dos negros pela “diferença de sangue”, por outro, parecia convicto de que esta degeneração não era irremediável. Porém, para restaurar a natureza do homem seria necessário aos negros um grande número de séculos.

Foi somente no início do século XIX que o termo “raça” disseminou-se na literatura especializada por Georges Cuvier (1769-1832), inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos.⁷²⁶ O naturalista francês, por intermédio de critérios baseados nas diferenças geográficas

⁷²⁴ MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue*. História do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009, p. 24.

⁷²⁵ Apud POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 142.

⁷²⁶ LATOUR, Bruno. *Pasteur e Pouchet*: heterogênese da história das ciências. In SERRES, Michel (Ed.). *Elementos para uma história das ciências*. Lisboa: Terramar, 1996, pp. 49 – 76

e na variação da cor da pele, dividiu a humanidade em três subespécies – caucasiana, etiópica e mongólica – e depois as subdividiu por critérios mistos, físicos e culturais.⁷²⁷ Várias outras classificações aparecem ao longo do século XIX⁷²⁸, visam questionar a unidade da espécie humana ou, no mínimo, estabelecer uma hierarquia, a qual caminho para as teorias deterministas que buscaram nas “leis da natureza” a explicação para as diferenças políticas e culturais. Nesse sentido, se começa a observar uma reação ao ideário burguês do século XVIII, cujo ápice estava representado pela Revolução Francesa, com seu discurso sobre a igualdade dos indivíduos. Acentua-se, dessa maneira, uma classificação eurocêntrica, na qual as características fisiológicas ganham cada vez mais importância dentro dos discursos de filósofos e cientistas da época. Os padrões de hierarquização e diferenciação, que antes tinham como base a religião e a cultura, perdem terreno para a ciência, cujos critérios de análise se encontravam na cor da pele, forma do cabelo, tamanho dos crânios, entre outros.⁷²⁹

Um amplo debate entre os primeiros teóricos racialistas, no entanto, dizia respeito à origem da humanidade. De um lado, estava o monogenismo, uma visão que agregava grande número de pensadores na Europa, até meados do século XIX. Numa leitura literal das Escrituras acreditava-se que a humanidade era una. Os monogenistas baseavam-se na crença de um pai universal, no caso Adão, que teria sido a gênese de todos os homens. Deste modo, o homem teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos de homem apenas um produto “da maior degeneração ou perfeição do Éden”. Portanto, a humanidade iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração)⁷³⁰. Procurando embasar a justificação da dominação política e econômica em doutrinas

⁷²⁷ Idem.

⁷²⁸ “Blumenbach (1752-1840), em 1806, estabeleceu cinco raças – caucásica, mongólica, etiópica, americana e malaia”. SEYFERTH, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. Anuário Antropológico /93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 176.

⁷²⁹ Para mais detalhes vide: RAMOS, Jair S.; MAIO, Marcos C. *Raça, clima e evolução no século XIX: do pessimismo à descoberta do povo brasileiro*. Enciclopédia da brasilidade – autoestima em verde e amarelo. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Para ver as implicações das relações entre ciência e racismo, um caso especialmente interessante é estudado em LIMA, Silvio C. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870 – 1890)*. Dissertação de Mestrado em História das Ciências na Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. COC – Fiocruz, 2005.

⁷³⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 48.

religiosas⁷³¹, muitos teóricos racialistas entendiam que a degeneração da humanidade provinha dos descendentes de Cam⁷³². Assim, os “camitas” ou negros eram classificados abaixo na escala hierárquica.

De outro lado, estavam os poligenistas que, no século XVIII, em nome de considerações que se apresentavam como científicas, acreditavam na existência de vários centros de criação, que correspondiam às diferenças raciais. Esse grupo ganhou maior espaço a partir de meados do século XIX, com a sofisticação das ciências biológicas e a contestação crescente à posição monogenista defendida pela Igreja. Para Schwarcz (1993), a versão poligenista permitiria o fortalecimento de uma interpretação biologicista na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como a determinação de leis naturais. Esse tipo de viés foi encorajado pelo nascimento simultâneo da frenologia⁷³³ e da antropometria⁷³⁴, teorias que passavam a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e a proporção do cérebro dos diferentes povos.

⁷³¹ A fantasia dos autores tinha livre curso, e a variação propostas eram inumeráveis, mas a tendência dominante, de acordo aliás com as sugestões etimológicas já contidas na Bíblia, era a de reservar a Europa aos filhos de Jefé, a Ásia aos de Sem e a África aos de Cam.” POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano*. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. XXII. Ainda hoje essa visão distorcida é reforçada em muitos livros didáticos. Por exemplo Módulo 4 – Educação e Relações Étnico-raciais. Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras (CEAO/UFBA).

⁷³² O vocábulo hebraico “ebed” era usado, em certo sentido, para se referir a uma justa punição sancionada por Deus. Assim, é que se expressou Noé: “Maldito seja Canaã. Um servo de servos ele será para seus irmãos.” A expressão “um servo de servos”, sabemos, significa “o escravo mais indigno”, e os descendentes de Canaã foram assim condenados à servidão perpétua (Gênesis 9:25-27). Uma leitura distorcida da Bíblia e, portanto, sujeita à má hermenêutica, permitiu fundamentar posições racistas, que podem ser sucintamente esclarecidas na Bíblia de Estudo Palavra-Chave (Hebraico e Grego). Rio de Janeiro: CPAD, 2011, pp. 16-17. Essa visão acrítica continua a ser repetida, inclusive em livros para o ensino Médio, do que é exemplo o Módulo 4 – Educação e Relações Étnico-raciais. Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras (CEAO/UFBA), p. 11. Disponível em <http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/livro4_EducacaoERER-04.08.10.pdf> Acesso: 27-05-2014.

⁷³³ Frenologia (do grego *phrēn*) “mente”; e *logos*, (“lógica ou estudo”) é uma teoria que reivindica ser capaz de determinar o caráter, características da personalidade, e grau de criminalidade pela forma da cabeça (lendo “carços ou protuberâncias”). Desenvolvido por médico alemão Franz Joseph Gall por volta de 1800, sendo muito popular no século XIX.

⁷³⁴ Antropometria (do grego), transl. *anthropos*, “homem”, e “*trōv*”, (transl. *metron*, “medida”) é o conjunto de técnicas utilizadas para medir o corpo humano ou suas partes. A origem da antropometria remonta-se à Antiguidade, pois egípcios e gregos já observavam e estudavam a relação das diversas partes do corpo. O reconhecimento dos biótipos remonta-se aos tempos bíblicos e o nome de muitas unidades de medida, utilizadas hoje em dia são derivados de segmentos do corpo. A frenologia utiliza técnicas antropométricas visando prever padrões de inteligência e comportamento, baseando-se em premissas discutíveis. Na África do Sul, dados antropométricos foram utilizados para fomentar o apartheid, ao definir, por meio de características físicas externas — tipo e cor dos cabelos, cor da pele e dos olhos, formato das feições, entre outras —, quem era ou não caucasiano. À época era

A publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, em 1859, teve grande repercussão em todas as áreas do conhecimento humano, inclusive e principalmente na Filosofia e na Teologia.⁷³⁵ Desse momento em diante, o conceito de raça ultrapassa os problemas estritamente biológicos, engendrando questões de cunho político e cultural. Sob esse enfoque as teorias evolucionistas são chamadas de Darwinismo Social⁷³⁶, bem como o uso de termos darwinistas como “competição”, “seleção do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” em vários ramos do conhecimento como a psicologia, a linguística, a pedagogia, a ciência política, entre outros. Na política, o Darwinismo serviu para justificar o domínio ocidental sobre os demais povos do globo terrestre.⁷³⁷

Sabe-se, porém, que as fórmulas mais conhecidas do Darwinismo Social, tais como “a sobrevivência do mais adaptado” e a “luta pela existência” devem-se não a Darwin, mas a Herbert Spencer⁷³⁸ (1820-1903). Mais explicitamente em sua obra *Do progresso, sua lei e sua causa* (1857) o pensador inglês acreditava ter demonstrado que a marcha dos homens para um futuro melhor se desenvolvia em virtude de uma lei universal. Esta marcha prosseguiria sob o comando da raça branca, permanecendo as outras muito atrás dela, num estágio primitivo ou infantil.⁷³⁹ Assim,

comum o teste do lápis, o qual era utilizado para definir se um Coloured (mestiço) seria classificado como branco ou negro.

⁷³⁵ Para uma visão sintética dessas implicações vide LEWENS, T. *Darwin*. Londres/ New York: Routledge, 2007.

⁷³⁶ Para a divulgação do darwinismo no Brasil vide: DOMINGES, Heloísa Maria Berto; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas. *Recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. Para uma visão sintética vide: CARULA, Caroline. *O darwinismo nas conferências populares da Glória*. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 28, n. 56, pp. 349-370, 2008.

⁷³⁷ Para mais detalhes vide DENNETT, Daniel. *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

⁷³⁸ SPENCER, Herbert. (2002), *Do progresso, sua lei e sua causa*. Fonte base Digital. Versão para e-BooksBrasil.com (tradução de Eduardo Salgueiro). Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/progresso.pdf>> Acesso: 10-05-2014. Charles Darwin acreditava na transformação das espécies, indo de encontro com a teoria da imutabilidade dos seres. Na luta pela sobrevivência no mundo animal, assim como no processo de adaptação ao ambiente ocorriam alterações orgânicas nos seres vivos, as quais eram transmitidas aos seus descendentes, possibilitando melhores condições de sobrevivência para aquela espécie. Para o darwinismo social esta doutrina não se aplica unicamente aos seres vivos da fauna e flora, mas a tudo, aos seres humanos, às instituições, às sociedades. Nesse sentido, evolucionismo tem como característica a definição de evolução como sinônimo de progresso.

⁷³⁹ Cf. HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought (1860-1915)*. Beacon Press, 1992.

a relação entre a ideia de progresso e a da hierarquia racial, [...], tornava-se particularmente nítida neste autor típico da era vitoriana”⁷⁴⁰.

Para Hobsbawn (2009) a hierarquização racial cumpria um importante papel central em uma ciência que se desenvolvia rapidamente. Conceitos e procedimentos migravam das ciências naturais para sociologia, a história e a antropologia. A fusão de disciplinas diferentes, tais como a antropologia física (basicamente derivada de estudos sobre anatomia) e a etnografia, ou a descrição de várias comunidades – devido a pressupostos ideológicos chegava à conclusão de que “o mundo burguês parecia sem dúvida o mais elevado”⁷⁴¹.

Os antropólogos de então entendiam que a evolução biológica, segundo os elementos fornecidos por Darwin, sugeria uma hierarquia das raças, o que sua disciplina procurava comprovar através de minuciosas medições cranianas (frenologia) e através do método comparativo entre as culturas (antropologia cultural), onde o nome de E. B. Tylor (1832-1917) aparece com destaque.⁷⁴² Tylor e outros observavam comunidades e culturas chegando à conclusão que elas não eram diferentes por natureza, mas representativas de um estágio anterior da evolução no caminho da civilização moderna. Desta maneira, categorias como “civilização” e “progresso”, eram aplicadas a partir de referenciais eurocêntricos, não como conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Acreditava-se que o conjunto da humanidade passaria pelos mesmos estágios do progresso evolutivo⁷⁴³.

⁷⁴⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

⁷⁴¹ Idem.

⁷⁴² Para mais detalhes vide Tylor, Edward Burnett (1832). *Encyclopædia Britannica* (11ª edição) Volume XXVII. New York: Encyclopædia Britannica. p. 498. Disponível em <<http://www.archive.org/stream/encyclopaediabri27chisrich#page/498/mode/2up>> Acesso: 15-03-2012.

⁷⁴³ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 57.

O darwinismo social, juntamente com a antropologia e a etnografia do século XIX ajudou a construir a ideia de “missão civilizatória” das potências imperialistas. As últimas décadas do século XIX assistiu a ascensão daquilo que se chamou o “fardo do homem branco”, isto é, a missão de levar o progresso e a civilização aos povos “primitivos” e “atrasados”.

Os teóricos do século XIX também estavam preocupados com o problema da miscigenação. O mestiço era considerado o exemplo da “degeneração” surgida com o cruzamento das diversas raças. Baseando-se no fortalecimento da tese poligenista, as raças humanas deveriam ver na hibridação um fenômeno a ser evitado. Quem mais se bate nesse sentido foi o conde de Gobineau (1816-1882), autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, publicado em 1854, e que teve enorme repercussão na Europa, nos Estados e também no Brasil. Gobineau acreditava que a desigualdade das raças humanas não era uma questão absoluta, mas um fenômeno ligado à miscigenação.⁷⁴⁴ Em 1868, o referido Conde foi designado como ministro plenipotenciário da França no Brasil. Lotado na embaixada do Rio de Janeiro, segundo ele, realizou observações da população mestiça. Em seus escritos, tratou o Brasil como um país degenerado, já que não conservou o sangue de seus fundadores, fazendo de sua população um produto de sucessivas misturas.⁷⁴⁵

Os pontos de vista firmados no mito da “pureza racial” inspiraram o surgimento da eugenia, doutrina fundada por Francis Galton (1822-1911) e que teve ampla aceitação principalmente na Alemanha.⁷⁴⁶ A eugenia ou “ciência eugênica” tinha por pressuposto a concepção de que os caracteres mentais e, sobretudo, a inteligência eram hereditários ao mesmo título que os caracteres físicos⁷⁴⁷. Deste modo, pretendia-se realizar a “*higiene racial*” através da intervenção na reprodução das

⁷⁴⁴ Para mais detalhes vide RAEDERS, George. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

⁷⁴⁵ Para mais detalhes vide PETRUCCELLI, José Luís. *Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro* (1870-1930). Estudos Sociedade e Agricultura, nº 7, pp.134-149, dezembro de 1996. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/sete/petruc7.htm>> Acesso: 03-02-2013.

⁷⁴⁶ DEL CONT, Valdeir. *Francis Galton: eugenia e hereditariedade*. Scientiæ Studia, São Paulo, v. 6, n. 2, pp. 201-18, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04>> Acesso: 13-02-2010.

⁷⁴⁷ POLIAKOV, Léon. *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 284.

populações, com a proibição de casamentos inter-raciais e a incidência de severas restrições sobre alcoólatras, epiléticos e alienados.⁷⁴⁸

As teorias racialistas se tornaram muito populares na Europa do século XIX. Uma de suas manifestações mais bizarras eram os espetáculos das exposições de tipos humanos exóticos. O mercado para a apreciação de “raças inferiores” se estabeleceu e prosperou a partir da década de 1870, quando cidades como Londres, Paris, Nova York, Amsterdã, Antuérpia, Hamburgo, Milão e Barcelona começaram a receber essas mostras, que atraíam duas a três centenas de milhares de visitantes e ofereciam atrações como pigmeus africanos e neozelandeses, negros da Núbia, apaches, esquimós e nativos de Samoa ou do Suriname⁷⁴⁹.

O determinismo climático e geográfico como forma de explicar a composição racial do Brasil, por sua vez, teve como um de seus pioneiros o inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862). Este analisou precipitação, topografia, sistema hidrográfico e regime dos ventos no Brasil. “Sem nunca ter visitado o país e sem dispor de estudo genuinamente científico como evidência, Buckle fiou-se em relações de viagens, que citou copiosamente”⁷⁵⁰. Acreditava que, diante da magnitude da vegetação e da fauna brasileira, o homem era reduzido à insignificância. O meio físico tropical não era favorável para a produção de uma civilização notadamente evoluída e, sem a ajuda estrangeira, o Brasil teria regredido. O autor ainda dizia que, mesmo no presente, com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não havia sinais de progresso real⁷⁵¹.

⁷⁴⁸ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 60.

⁷⁴⁹ MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de Sangue: História do pensamento racial*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 28-29.

⁷⁵⁰ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 44.

⁷⁵¹ Idem, p. 45.

Do mesmo modo, graças ao italiano Cesare Lombroso (1835-1909)⁷⁵², formulador da teoria do “criminoso nato”, os temas da evolução e da hereditariedade alcançaram o campo da criminologia. A Antropologia Criminal asseverava que a tendência ao crime não só é inata e herdada como pode ser decifrada pela investigação de características anatômicas.

O discurso científico, sintetizado pelas teorias racialistas no século XIX buscavam explicar as diferenças existentes entre os grupos humanos, distanciando-se cada vez, não só das doutrinas religiosas que, segundo diversos teólogos, fundamentava o pressuposto da unidade e da igualdade entre os homens⁷⁵³. As teorias racialistas, utilizando-se do discurso científico, atuaram como fatores de legitimação do imperialismo europeu, estabelecendo uma hierarquização da humanidade de maneira a que o homem branco – o mesmo que tomava sobre os ombros a “missão civilizadora” - ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso. Todos esses debates não tardaram a repercutir em solo brasileiro.

3.7.1 A recepção das teorias racialistas no Brasil em voga no tempo de João Simões Lopes Neto

Não demorou a chegar ao Brasil a onda cientificista, com especial destaque para a Teoria da Evolução, mais sob o influxo de Spencer do que de Darwin. É, portanto, usual encontrarmos nos periódicos e na literatura muitos divulgadores dessas ideias. Neste sentido, dá-se larga referência às Ciências Naturais, encontrando Augusto Comte (1789-1857) também um grande espaço nos círculos intelectuais brasileiros.

Ávidos pela atualização da elite brasileira muitos cientistas e intelectuais ao se depararem com as teorias raciais europeias percebiam que elas, em grande parte, serviam para mostrar as outras nações como um país atrasado e bárbaro. As fontes dessas teorias não estavam propriamente em observações ou pressupostos

⁷⁵²DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, 1997.

⁷⁵³Para uma visão sintética sobre o tema vide GIBELLINI, R. *Teologia do século XX*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 383-414. Para uma discussão mais abrangente sobre o assunto vide a entrevista de Ricardo Araújo a Maurício Stycer. *Uma ideia de raça sem racismo*. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 11-05-1995.

“científicos”, mas em relatos de viajantes. É o caso de Louis Couty (1854-1884). Ele foi professor na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e no Museu Nacional e pode ser tomado como exemplo de viajante forneceu uma visão negativa do Brasil. Em seu livro *O Brasil em 1884: Esboços Sociológicos* creditou às populações africanas a causa de vários dos males do país e, por isso, clamava pelo fim da escravidão:

Uns a querem por sentimentalismo, outros por utilidade; estamos entre esses últimos. O escravo é mal trabalhador; sua produção é muito cara, de má qualidade e pouco abundante. Tudo isso é hoje em dia demonstrado por vários estudos precisos que não podemos aqui resumir e a inferioridade do negro em relação ao homem livre não é negada por mais ninguém.⁷⁵⁴

Para o viajante francês a solução para o Brasil estava na imigração de europeia. Se o Brasil desde o alvorecer de sua independência política tivesse aberto as portas aos imigrantes italianos ou alemães, em vez de trazer africanos, e se tivesse, após 1871, procurado ir substituindo paulatinamente a mão-de-obra escrava “talvez agora o Brasil já estivesse em pé de igualdade com a Austrália ou com os Estados Unidos”⁷⁵⁵.

Outros tantos viajantes, do mesmo modo que Couty, fizeram relatos sobre o Brasil. Conforme nos referimos anteriormente a ele, foi o caso de Gobineau. Suas considerações eram de que o país estava nesse estado de atraso por causa de miscigenação. Os motivos para evita-la não eram apenas de ordem cultural ou econômica, mas a mistura de raças representava um risco permanente para a saúde.

Louis Agassiz (1807-1873) em 1868, fez um dos comentários mais significativos a respeito do país: “Que qualquer um que duvida dos males dessa mistura de raças, e se inclina, por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as

⁷⁵⁴ COUTY, Louis. *O Brasil em 1884: Esboços sociológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: Senado Federal, 1984, p. 80.

⁷⁵⁵ Idem, p. 191.

barreiras que as separam – venha ao Brasil”⁷⁵⁶. Para ele, o país era o maior exemplo de deterioração decorrente do amálgama de raças, que apaga rapidamente as melhores qualidades do homem branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental.

Nessas condições, os pensadores nacionais buscavam adaptar, dos modelos evolucionistas, o que combinava da justificação de uma espécie de hierarquia natural com a inferioridade de largos setores da população e descartar o não interessava, principalmente o tema da “irreparável degeneração”⁷⁵⁷. O grande dilema para os nossos intelectuais era como conviver com o paradoxo da aceitação de uma teoria que levava à inviabilidade o futuro da nação. No Brasil, a elite branca não nutria uma repulsa violenta contra a miscigenação. Afirma Skidmore: “Pelo contrário, era o processo reconhecido (e tacitamente aprovado) pelo qual uns poucos mestiços (quase invariavelmente mulatos claros) tinham ascendido ao topo da hierarquia social e política”⁷⁵⁸.

As teorias raciais, entretanto, na forma como se configuravam nas Metrópoles, viam a miscigenação como sinônimo de degeneração social. Gobineau afirmava que a raça branca era frágil, no sentido que as infusões de sangue inferiores não tardam a exercer seus efeitos deletérios. Para ele, as leis da “química histórica” pretendem que as sub-raças mistas “ternárias” e “quaternárias” sejam raças degeneradas⁷⁵⁹.

Os intelectuais brasileiros não podiam admitir a fórmula das teorias racialistas do modo como estavam elaboradas, sob pena de decretar a impossibilidade de desenvolvimento do país. Buscaram então desbancar, pelo menos em certo sentido, a ideia de inferioridade inata dos mestiços. Para tanto, a intelectualidade brasileira forjou uma versão mais otimista da miscigenação. O ponto crucial dessa tentativa estava em afirmar que a mistura de raças não produzia inevitavelmente “degenerados”, mas uma população branca, tanto cultural quanto fisicamente.

⁷⁵⁶ Apud SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 47.

⁷⁵⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 41.

⁷⁵⁸ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 72.

⁷⁵⁹ Cf. RAEDERS, George. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

A política do branqueamento⁷⁶⁰ se apoiava na hipótese de que a mistura racial, da forma em que ocorria no Brasil, produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros do que elas.

Dentro desse contexto ideológico, social e histórico as políticas de imigração de europeus estavam umbilicalmente ligadas à questão do branqueamento da nação. Não havia outra alternativa para o desenvolvimento nacional, pois o pressuposto da depuração étnica era visto como um dos mais importantes elementos para a identidade da nação, cuja elite político-econômica e cultural buscava um “digno representante” para chamar de povo. Portanto, mesmo que o país alcançasse algum desenvolvimento econômico e social, sem brancos e embranquecidos, ele sofreria a falta de avanços morais e intelectuais.⁷⁶¹

Um dos próceres da chamada Geração de 1870, Sílvio Romero (1851-1914), foi um dos principais defensores do embranquecimento, porém, não exatamente do branqueamento. Em sua recolha *Cantos Populares do Brasil* (1883), apresenta a tese da integração racial:

A obra de transformação das raças entre nós ainda está mui longe de ser completa e de ter dado todos os seus resultados. Ainda existem os três povos distintos em face um dos outros; ainda existem brancos, índios e negros puros. Só nos séculos que se nos hão de seguir a assimilação se completará.⁷⁶²

⁷⁶⁰ Para detalhes sobre esse processo nas charqueadas pelotenses vide: MONQUELAT, A. F. *O projeto de branqueamento da mão-de-obra das charqueadas*. Disponível em <http://www.amigosdepelotas.com.br/blog/o_projeto_de_branqueamento_da_mao_de_obra_das_charqueadas> Acesso: 05-06-2014. Para a política nacional durante o Império vide RODRIGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2003.

⁷⁶¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 75.

⁷⁶² ROMERO, Sílvio. *Cantos populares do Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954, p. 42.

Romero acredita na viabilidade de um futuro que, através da mestiçagem, o sangue de negros e índios viesse a desaparecer por completo da sociedade, mesmo que, para isso, fosse preciso esperar por três ou quatro séculos.

A Escola do Recife foi, a princípio, positivista, mas, com seu espírito mais crítico, se afastaria das ideias de Comte para se aproximar da filosofia evolucionista de Herbert Spencer, na busca de métodos objetivos de análise crítica e apreciação do texto literário. O evolucionismo é um dos traços marcantes em seu pensamento, o qual abrange áreas da filosofia e da sociologia. No segundo ano do curso de Direito começou a sua atuação jornalística na imprensa pernambucana, onde publicou a monografia “A poesia contemporânea e a sua intuição naturalista”. Desde então, continuou a publicar textos no Recife, em periódicos como *A Crença*, que ele próprio dirigia juntamente com Celso de Magalhães, o *Americano*, o *Correio de Pernambuco*, o *Diário de Pernambuco*, o *Movimento*, o *Jornal do Recife*, *A República* e o *Liberal*.⁷⁶³

Assim como Tobias Barreto, Sílvio Romero era parlamentarista, sistema que defendia com grande vigor em seus discursos. Logo que se formou, exerceu a promotoria em Estância. Atraído pela política, elegeu-se deputado à Assembleia provincial de Sergipe, em 1874, mas renunciou, logo depois, à cadeira. Regressou ao Recife para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes. Realizou-se o concurso no ano seguinte e ele foi classificado em primeiro lugar, mas a Congregação resolveu anular o concurso. A seguir, defendeu tese para conquistar o grau de doutor.⁷⁶⁴

A contribuição de Sílvio é, assim, das mais relevantes ao nacionalismo literário. Suas idéias serviram-lhe para desenvolver a herança nacionalista, desligando-a das vagas noções idealistas do Romantismo, e consolidando-se com a aquisição de mais firmes alicerces doutrinários. Sua posição realiza a passagem do Romantismo e do Indianismo para um americanismo ou brasileiroismo, em que as regiões brasileiras concorrem cada qual com seu feitio peculiar.⁷⁶⁵

⁷⁶³ Cf. RABELO, Sílvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

⁷⁶⁴ Idem.

⁷⁶⁵ Cf. COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

Autor de mais de 60 obras é considerado um dos mais influentes autores brasileiros no campo do folclore, da etnografia, da sociologia, da filosofia, da crítica e da história literária. Cumpre realizar breves esclarecimentos acerca dos autores que mais influenciaram Romero. Haeckel, naturalista alemão e grande expoente do cientificismo positivista, tinha como um dos seus principais interesses os processos evolutivos e de desenvolvimento, principais temas abordados por Sílvio Romero.

Outro autor que influenciou Romero foi Hippolyte Taine, um dos expoentes do positivismo do século XIX, na França. Seu método consistia em fazer história e compreender o homem à luz de três fatores determinantes: meio ambiente, raça e momento histórico, questões que permearam toda obra romeriana. Sílvio Romero não deixou de fora de suas leituras o sociólogo Lévy-Bruhl, filósofo e sociólogo francês. Seriam tantas as referências ⁷⁶⁶ que formaram a vasta cultura e o arcabouço teórico que constituiu a “teoria do Brasil” ⁷⁶⁷ em Sílvio Romero que para os objetivos restritos que aqui temos, valerá lembrar mais um nome: ao procurar elaborar uma ciência dos costumes, sob influência da teoria sociológica de Durkheim, acreditava que a moral era determinada pelas épocas históricas e pelos grupos sociais.⁷⁶⁸

Assim, a formação plural, a instintiva busca do conhecimento, a disposição para a polêmica⁷⁶⁹, inclinou Sílvio Romero para a Filosofia apenas no sentido da necessidade de explicar e fundamentar sua investigação dos fenômenos sociais, sejam eles o direito, o folclore ou a literatura. Daí seu interesse pelos problemas relativos à organização social e política, à miscigenação e à educação popular⁷⁷⁰. Entretanto, em 1913, Romero se pôs a duvidar de suas previsões feitas anteriormente quanto a real possibilidade da extinção das “raças inferiores”, pois

⁷⁶⁶ Para uma lista dos autores citados na *História da literatura brasileira* vide: REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia da História da literatura brasileira de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

⁷⁶⁷ SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, hermenêuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, pp. 71-96.

⁷⁶⁸ Para mais detalhes vide MENDONÇA, Carlos Sussekund de. *Sílvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

⁷⁶⁹ Para este ponto específico vide ARARIPE JUNIOR. *Sílvio Romero polemista*. Disponível em <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28920>> Acesso: 24-05-2014.

⁷⁷⁰ MORAES FILHO, Evaristo de. *O pensamento político-social de Sílvio Romero*. . In ROMERO, Sílvio. *Realidade e ilusões do Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios*. Petrópolis : Vozes, 1979, pp. 29 - 53.

segundo Ventura (1991), estava “agarrado à crença na persistência dos caracteres fundamentais das raças, nega o futuro branqueamento do homem e da nação brasileira, que se tornariam na melhor das hipóteses, mestiços” ⁷⁷¹. É nesse momento que começa a se instalar em seu espírito o medo de que o país viesse a ser dominado por “raças inferiores” ou cruzadas. Deste modo, tornou-se adepto do arianismo ortodoxo e atacou a miscigenação apoiado nas ideias de Gobineau sobre a decadência da civilização a partir do abastardamento dos arianos. ⁷⁷²

Nesse momento, Romero não apenas questionava o seu otimismo anterior, mas também criticava João Batista de Lacerda (1846-1915), outro importante nome da tese do embranquecimento da raça no Brasil. Este considerava os mestiços inferiores aos negros como mão-de-obra agrícola e na resistência às moléstias, no entanto, possuíam uma superioridade física e moral em relação aos pretos. Segundo Lacerda o cruzamento racial levaria, num processo de cerca de mais de um século, ao desaparecimento do mestiço, a que ele denomina “métis”, no Brasil.

Em 1911, Batista Lacerda apresentou uma comunicação no Congresso Universal das Raças, realizado em Londres. O evento foi patrocinado pela Inglaterra, França, Inglaterra, Bélgica, Itália, Pérsia, Turquia, Egito, Japão, África do Sul, Hungria, Rússia, Haiti, Serra Leoa e Brasil. Tomaram parte no Congresso autoridades governamentais e eclesiásticas, professores, membros do Tribunal Permanente de Arbitragem e da Segunda Conferência de Haia e um representante de cada país convidado. O Brasil, única nação latino-americana convidada, “seria visto como exemplo de mistura de raças, e Lacerda advogaria que políticas de imigração fariam com que mestiços embranquecessem e a 'raça negra' fosse extinta no país. O Brasil ocuparia, assim, lugar de destaque nas Américas, distante do modelo segregacionista dos EUA ou das tiranias continentais” ⁷⁷³.

É interessante se observar a trama de opiniões e teorias que grassaram na cultura e da política brasileira. Vale dizer que as teorias racialistas como explicativas

⁷⁷¹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 64.

⁷⁷² Idem, p. 65.

⁷⁷³ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Previsões são sempre traiçoeiras: João Batista de Lacerda e o seu Brasil branco*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.18, n.1, março de 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013 Acesso: 27-12-2011.

do “atraso do Brasil” colocavam a intelectualidade nacional numa série de impasses. Todavia, aquela relativa simpatia pelo mestiço, começa a se tornar ódio aos negros. A inferioridade africana, “vista até então em termos de “paganismo” e “barbarismo” cultural, começou a ser revestida por sofisticadas teorias raciais, impressas com o selo prestigioso das ciências”⁷⁷⁴. Nas palavras de Silvio Romero: “O negro não é só uma máquina econômica; ele é antes de tudo, e mau grado sua ignorância, um objeto de ciências”⁷⁷⁵.

Além de Sílvia Romero, o médico baiano Nina Rodrigues (1862-1906)⁷⁷⁶ foi um dos mais importantes debatedores da questão racial no Brasil, inclusive com repercussões internacionais. Chega inclusive a prever uma futura secessão, de base racial, entre o Sul (branco) e o Norte (negro e mestiço) do país.⁷⁷⁷ Seu olhar extremamente pessimista sobre a composição racial brasileira era apoiada no conceito de degeneração de Agassiz e Gobineau, considerando o mestiço como um degenerado físico e o negro como um dos fatores de nossa inferioridade como povo. Apesar disso, opunha-se à ideia de branqueamento, segundo a qual a miscigenação levaria naturalmente a uma raça branca, pois achava que a mistura racial apenas ajudaria na eliminação do sangue branco na sociedade brasileira. Em sua obra *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894)⁷⁷⁸ procura mostrar que a responsabilidade penal das “raças inferiores” não podia ser tratada como igual ou equivalente a das “raças brancas civilizadas”, uma vez que, as características raciais inatas afetavam o comportamento social e deveriam ser levadas em conta por legisladores e autoridades policiais. Nessa perspectiva, negros e índios deveriam ter sua responsabilidade penal atenuada.

⁷⁷⁴ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 62.

⁷⁷⁵ ROMERO, Sílvia. *Cantos Populares do Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, p. 23.

⁷⁷⁶ Para um estudo profundo sobre Nina Rodrigues vide CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

⁷⁷⁷ MEDEIROS, Carlos Alberto. *Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil – Estados Unidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 44.

⁷⁷⁸ As edições mais acessíveis são a 3ª, saída pela Companhia Editora Nacional, em 1938, e a seguinte, com apresentação de Afrânio Peixoto, editada pela Livraria Progresso, de Salvador, em 1957.

Ventura mostra que a concepção determinista esteve presente em diversos viajantes que visitaram o Brasil no século XIX. Segundo Ventura (1991) “a natureza tropical e o mundo selvagem são vistos em termos estéticos, como forma de compensar o desapontamento com a sociedade local”⁷⁷⁹. O autor mostra que o discurso dos viajantes era dividido entre a idealização e a desilusão com os trópicos.

Mais tarde, a relação entre o clima e a raça seria refeita por Euclides da Cunha (1866-1909), em *Os Sertões* (1902).⁷⁸⁰ Para Skidmore (1976) ⁷⁸¹, aí estava a terra inóspita que Buckle tentara descrever, embora o problema fosse, naturalmente, a seca e não a precipitação excessiva, como havia pensado o inglês. No entanto, Euclides da Cunha apesar de considerar a mistura de raças diversas como prejudicial, acreditava que o sertanejo compunha uma raça forte e distinguia dois tipos de mestiçagem:

Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, senão pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples. O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que, ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.⁷⁸²

Conforme se pode observar na concepção do literato do “livro vingador”, a miscigenação no sertão teria sido um fator positivo, favorável à adaptação ao meio, sobretudo, através do sangue indígena. Assim, o mestiço sertanejo “é um retrógrado; não é um degenerado”⁷⁸³.

Nesta síntese da recepção das teorias raciais europeias no cenário cultural brasileiro pode-se observar, no plano geral, em que debates e disputas estava inserido o escritor João Simões Lopes Neto.

⁷⁷⁹ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 32.

⁷⁸⁰ Para mais detalhes vide REZENDE, Maria José de. *Os Sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil*. Tempo Social, São Paulo: USP, 13(2), pp. 201-226, novembro de 2001.

⁷⁸¹ SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976, p. 123.

⁷⁸² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973, p. 126.

⁷⁸³ Idem.

3.8 SIMÕES LOPES NETO, A QUESTÃO RACIAL E A EDUCAÇÃO

Na 2ª versão da conferência *Educação Cívica* (1906), conforme já nos referimos, Simões Lopes Neto modifica quase toda a parte final do texto. No intervalo de dois anos entre uma e outra versão, o autor pelotense tomou conhecimento da obra de Manuel Bomfim. Segundo o que se propunha em *América Latina: mares de origem* (1905) as teorias racialistas adotadas no Brasil pela maioria dos intelectuais apenas justificavam o atraso do país e o parasitismo das elites nacionais e estrangeiras.

Embora não fique muito claro se ou em que grau Simões aceitava o espectro das teorias deterministas, uma vez que ele citava vários autores representativos dessa orientação de pensamento, entre os quais Taine, deve-se lembrar, como bem atesta a guinada que o escritor encetou na 2ª versão da *Educação Cívica*, que Simões manteve uma movimentação dinâmica na construção de suas ideias e projeto, por vezes sendo tomado como um dispersivo. Um elemento está claro: ele negava a existência entre nós de preconceitos de raça, sob esse aspecto seguia a opinião de Afonso Celso Junior.

3.9 SIMÕES LOPES NETO, A HIGIENE E A EDUCAÇÃO

3.9.1 Higiene

Conforme se disse, o termo “higiene” designava várias práticas e discursos. De modo geral, enfeixava processos pedagógicos, tanto voltados às crianças, quanto à formação de professores. Estava ligado também às discussões sobre eugenia e à reformulação urbana e sanitária. É possível observar que a produção

dedicada ao problema da higiene na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, perdurando até o final de sua primeira metade.

Educadores, políticos, cientistas e intelectuais (especialmente escritores que, à moda da Belle Époque brasileira, entendiam “a literatura como missão”), estão ferrenhamente engajados nos debates sobre higiene e questões correlatas. Não cabe fornecer aqui um arrolamento exaustivo da produção que abordava o tema, mas é possível verificar as transformações que os problemas tidos como “higiênicos” sofreram ao longo do tempo, como bem demonstram os trabalhos de Machado (1978)⁷⁸⁴ e outros pesquisadores. Apenas a título de exemplificação pode-se verificar o interesse na higiene, desde o século XIX, como medida médica, política e pedagógica, disseminado nas teses apresentadas às faculdades de Medicina, Direito e cursos afins, bem como livros voltados à cientificação da abordagem escolar, na lista a seguir: *Algumas regras de higiene ocular da infância* (1889), de Z. Borges; *Crianças, educação e higiene* (1902), de A. CHAVES; *Higiene das escolas* (1879), de E. P. CRUZ; *A higiene e a educação psíquica nos três primeiros anos de vida* (1898), de A. MARTINS; *Higiene da primeira infância* (1891), de A. M. SARMENTO; *Higiene dos colégios* (1869), de F. P. Silva; *Higiene escolar* (1885), de A. G. Collet; *Noções de higiene* (1914), de A. Peixoto e G. Couto; *Das classes pobres do ponto de vista higiênico* (1909), de R. F. Geyer, entre muitos outros.⁷⁸⁵

Simões Lopes Neto relata em seu artigo que, em trabalho anterior, publicado no A Opinião Pública, aliás, não localizado, tratara do problema da proliferação da tuberculose, mostrando que nos países mais avançados há normas já aceitas universalmente, solicitando às autoridades a implantação de tais medidas.

Como homem integrado aos problemas de seu tempo, Simões Lopes Neto não ficou de fora dessa discussão. Num artigo intitulado *Pelotas e a higiene*, sob o pseudônimo de João do Sul, publicado no “A Opinião Pública”, de Pelotas, em 21-12-1912, afirma o autor peremptoriamente: “O principal fator de progresso real,

⁷⁸⁴ MACHADO, R. et al. *Da(na)ção da norma*. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. rio de Janeiro: Graal, 1978.

⁷⁸⁵ GONDRA, José. *Sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX*. Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, vol. 26, n. 1, 2000. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27835>> Acesso: 23-11-2013.

evidente, de uma cidade é o estado sanitário da mesma”. O conceito de higiene, referido à época é bastante amplo, abarcando aspectos diversos, que vão da beleza à salubridade: “Quem diz higiene, diz uma cidade bem cuidada, saudável, limpa, atraente”.

No texto *Pelotas e a higiene* (1912)⁷⁸⁶, o autor critica os que, em nome das liberdades públicas ou de conceitos filosóficos, tais como liberdade ou dogmas religiosos, se opõem à campanha de vacinação obrigatória, uma vez que para ele, essas teorias nada tinham a ver com as questões de higiene, cujas medidas se impunham acima dessa “vaga metafísica”.

A preocupação com a questão da higiene foi um traço importante do programa da Geração de 1870, bem como estava na ordem do dia da Belle Époque. A Maçonaria pelotense estava também preocupada com a questão da higiene, como se pode observar pela série de artigos publicados no jornal *A Tribuna*, iniciada em 14 de janeiro de 1911, sob o título geral de *Em favor dos operários – casas baratas*. Os redatores enfatizam ainda a necessidade de a Municipalidade, a exemplo do que ocorria em outros lugares, de oferecer isenção por um determinado tempo do imposto predial, da taxa cobrada pela água, pela taxa para o serviço de esgotos, etc, visando dar acesso aos trabalhadores de baixa renda não somente à moradia, mas que esta tivesse condições salubres de habitação.

Simões Lopes Neto toma por modelo a Capital da República, com as transformações realizadas pelo prefeito Pereira Passos, seguindo a linha da política do “Bota-Abaixo”, ele entende que devido ao aumento da população o número de habitações não é suficiente para alojar em condições de salubridade. Ainda na perspectiva de que a incipiência da educação científica e geral em nosso país atinge todas as classes sociais, e é a responsável por doenças, assevera: “Na casa abastada, mais ou menos, se trata do bom estado higiênico, não tanto pelo conhecimento dos seus efeitos, e sim pelas exigências sociais. Mas na habitação do pobre há dificuldade, aliada a uma falta de preparo moral que não lhe foi dado na infância”. Deste modo, continua ele, a “higiene deve, pois, cuidar de perto a melhoria das casas, vigiar diretamente o número de habitantes, as condições sanitárias das

⁷⁸⁶ LOPES NETO, J. S. *Pelotas e a higiene*. A Opinião Pública, Pelotas, 21-12-1912.

casas e assim evitar a explosão de moléstias contagiosas”, sobretudo a tuberculose, “que é uma ameaça que pesa constantemente sobre os habitantes de Pelotas”. A respeito da doença afirma: “A tuberculose, entre nós, é um dos grandes males que nos assolam e sobre este aspecto enganador de cidade ventilada, iluminada, temos o obituário numa porcentagem terrível”.

O papel do Estado, segundo o articulista, não se deve restringir em apenas isolar os doentes, mas agir de maneira profilática, “sem o que, é desconhecer os mais rudimentares princípios da medicina pública.” Adverte também que a ação da higiene não deve ser pontual, atacando os casos patológicos manifestos, passando a criticar o ensino das faculdades, “onde os professores, em geral, imbuídos das doutrinas do século passado, hipnotizados pelas lesões, dão a orientação que faz médicos para doentes...”.

3.9.2 Rio de Janeiro e Pelotas: a batalha pela higiene

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro, como capital da República, apesar de possuir belos palacetes e casarões, tinha graves problemas urbanos: rede insuficiente de água e esgoto, coleta de lixo precária e cortiços enormemente povoados. Nesse ambiente proliferavam muitas doenças, como a tuberculose, o sarampo, o tifo e a hanseníase. Alastravam-se, sobretudo, grandes epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica.⁷⁸⁷

Decidido a sanear e modernizar a cidade, o então presidente da República Rodrigues Alves deu plenos poderes ao prefeito Pereira Passos e ao médico Osvaldo Cruz para executarem um grande projeto sanitário. O prefeito pôs em prática uma ampla reforma urbana, que ficou conhecida como *Bota- Abaixo*, em razão das demolições dos velhos prédios e cortiços, que deram lugar a grandes avenidas, edifícios e jardins. Milhares de pessoas pobres foram desalojadas à força, sendo obrigadas a morar nos morros e na periferia.

Osvaldo Cruz, convidado a assumir a Direção Geral da Saúde Pública, criou as Brigadas Mata-Mosquitos, grupos de funcionários do Serviço Sanitário que

⁷⁸⁷ HALHOUB, Sidney. *Cidade febril*. Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

invadiam as casas para desinfecção e extermínio dos mosquitos transmissores da febre amarela. Iniciou também a campanha de extermínio de ratos considerados os principais transmissores da peste bubônica, espalhando raticidas pela cidade e mandando o povo recolher o lixo. As notícias eram alarmantes, conforme registra a Gazeta de Notícias, em 14 de novembro de 1904: “Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz.”

A resistência popular, quase um golpe militar, teve o apoio de positivistas e dos cadetes da Escola Militar. Os acontecimentos, que tiveram início no dia 10 de novembro de 1904, com uma manifestação estudantil, cresceram consideravelmente no dia 12, quando a passeata de manifestantes dirigia-se ao Palácio do Catete, sede do Governo Federal. A população estava alarmada. No domingo, dia 13, o centro do Rio de Janeiro transforma-se em campo de batalha: era a rejeição popular à vacina contra a varíola que ficou conhecida como a Revolta da Vacina, mas que foi muito além do que isto.

Para erradicar a varíola, o sanitarista convenceu o Congresso a aprovar a *Lei da Vacina Obrigatória* (31 de outubro de 1904), que permitia que brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, entrassem nas casas para aplicar a vacina à força.

A população estava confusa e descontente. A cidade parecia em ruínas, muitos perdiam suas casas e outros tantos tiveram seus lares invadidos pelos matamosquitos, que agiam acompanhados por policiais. Jornais da oposição criticavam a ação do governo e falavam de supostos perigos causados pela vacina. Além disso, o boato de que a vacina teria de ser aplicada nas “partes íntimas” do corpo (as mulheres teriam que se despir diante dos vacinadores) agravou a ira da população, que se rebelou.

A aprovação da Lei da Vacina foi o estopim da revolta: no dia 5 de novembro, a oposição criava a *Liga contra a Vacina Obrigatória*. Entre os dias 10 e 16 de novembro, a cidade virou um campo de guerra. A população exaltada depredou lojas, virou e incendiou bondes, fez barricadas, arrancou trilhos, quebrou postes e

atacou as forças da polícia com pedras, paus e pedaços de ferro. No dia 14, os cadetes da Escola Militar da Praia Vermelha também se sublevaram contra as medidas baixadas pelo Governo Federal.

A reação popular levou o governo a suspender a obrigatoriedade da vacina e a declarar estado de sítio (16 de Novembro). A rebelião foi contida, deixando 50 mortos e 110 feridos. Centenas de pessoas foram presas e, muitas delas, deportadas para o Acre. Ao reassumir o controle da situação, o processo de vacinação foi reiniciado, tendo a varíola, em pouco tempo sido erradicada da capital.

Ao comentar a Revolta da Vacina, Simões Lopes Neto entendia que contra a ignorância popular se justificava a força, isto é, dever-se-ia esclarecer o povo antes que ele agisse contra si mesmo, nem que isso tivesse de ser feito de maneira autoritária.

No Município, como se reporta Simões Lopes Neto no artigo citado, há um significativo aumento populacional, o que só vem agravar o déficit de habitações. Num relatório sobre a “Mortalidade ocorrida em Pelotas no período de 1909 a 1927”, Alberto Coelho da Cunha, ao avaliar os dados populacionais de 1913 conclui que o crescimento do número de habitantes se deu em função do “fator imigração”. Esse fator teria redundado na formação de bolsões de miséria nos arrabaldes da cidade.

Pelo que se pode perceber, uma vez que o Relatório de Alberto Cunha vai até 1927, os problemas apontados por Simões Lopes Neto se arrastam. Note-se que Pelotas contava já com um regulamento sobre os serviços de criados. Tal legislação visava regular a vida dos pobres, posto que a pobreza estava associada ao vício, ao ócio, ao crime e à doença. Em seu livro *A cidade febril* o historiador Sidney Chalhoub mostra que após a Abolição era para os cortiços que se dirigiam grande parte dos negros libertos – uma dos grupos que pertenciam as “classes perigosas” – e que isso, provavelmente teve a ver com a determinação do Poder Público contra essas habitações e seus moradores.

A imprensa local no decorrer dos anos se empenha na discussão sobre higiene⁷⁸⁸, folclore⁷⁸⁹, urbanização⁷⁹⁰, sanitarismo e educação pública⁷⁹¹, educação de crianças⁷⁹², etc.

Como se pode observar, tanto ao acompanhar pela imprensa os temas candentes do tempo, quanto pelas ações de Simões Lopes Neto, que a abordagem do Autor feita em sua conferência *Educação Cívica* (1906) sintetiza o debate em torno dos mais importantes problemas nacionais e aponta medidas que possibilitem viabilizar possíveis soluções, isto é: o despertar do espírito patriótico, o conhecimento do folclore e das tradições populares e o incentivo ao progresso (a reformulação urbano-industrial).

⁷⁸⁸ Cf. *A higiene nas cidades*. A Opinião Pública, Pelotas, 22-11-1912. Vide também muitas notícias sobre a Delegacia de Higiene da Intendência Municipal, que divulgava suas ações fiscalizatórias, do que nos dá conta a nota publicada no A Opinião Pública, Pelotas, que em 09-07-1913, informa foram vistoriados os cortiços da rua General Argolo, os quais foram considerados em boas condições.

⁷⁸⁹ Conferências sobre a importância cultural do folclore feitas por João Ribeiro na Biblioteca Nacional **completar..**

⁷⁹⁰ RUSSOMANO, Victor. *Crônica científica*: Habitação das famílias numerosas. Importância social do problema. A Opinião Pública, Pelotas, 04-09-1913.

⁷⁹¹ Exemplo disso são os artigos Carlos Machado, que foi diretor do A Federação, sob o título de *Colégios elementares*, publicados no Diário Popular, de Pelotas, respectivamente, em 01; 03 ; 05 e 10 de junho de 1913; *Maus tratos*, Diário Popular, Pelotas, 02-05-1916.

⁷⁹² Entre os muitos exemplos possíveis, citamos, aleatoriamente os seguintes: *Deseducados*, Diário Popular, Pelotas, 11-10-1915; *Leite materno* (do escritor Mario Totta), A Opinião Pública, Pelotas, 20-10-1915.

4 À GUIZA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas últimas observações pode-se dizer que este é um trabalho ainda exploratório, uma reflexão que se utiliza da Sociologia da Literatura para elaborar uma tese em História da Educação. nessa medida, buscou-se enunciar de maneira o mais precisa possível a questão de pesquisa, qual seja demonstrar que o escritor João Simões Lopes Neto foi um pensador voltado às questões sociopolíticas e via na educação, especialmente na educação cívica, uma saída para os dilemas nacionais, possibilitando inseri-lo no rol das nações desenvolvidas do Ocidente.

Com certeza, sua vida, sua ação e sua obra estão, como todo ente histórico, perpassada de contradições e ambiguidades. Isso, que eventualmente poderá ter sido para ele uma desvantagem, é um dos mais significativos sintomas de seu tempo - a chamada Belle Époque - e se afigura para nós como uma rica possibilidade de acessar, com aqueles vestígios por intermédio dos quais construímos uma narrativa histórica. a partir de certos pressupostos e métodos, uma janela para os tempos de antanho.

Esse tempo, que se convencionou chamar de a Belle Époque brasileira, nos chama atenção pela sua complexidade. Momento de euforia e medo, de confiança e desconfiança do futuro. percebe-se quase uma consciência dilacerada em que o recorrente discurso sobre o progresso se confronta com a cruel realidade do país, em que o analfabetismo é reputado como uma das grandes chagas do atraso. Tais contradições exigem das elites e dos intelectuais um nexos explicativo, seja para justificar o *status quo*, seja para modificá-lo por meio de uma modernização conservadora.

Uma primeira observação, é que todo gênio é filho de seu tempo, contudo, um filho desobediente, em grande medida. Com Simões Lopes Neto não foi diferente. ele viveu num período paradoxal: nunca antes se havia visto tamanho desenvolvimento da técnica e da riqueza e, paralelamente, tão enormes abismos sociais, tanto entre classes quanto entre nações. Talvez em nenhum outro momento

da história se pode constatar um tão evidente otimismo com a desilusão e a inquietude da iminência de uma guerra.

A Belle Époque é uma expressão um tanto imprecisa do ponto de vista cronológico. A chamada Belle Époque brasileira difere da vigência temporal da francesa e não há consenso entre os autores ⁷⁹³. O termo deriva do sentimento reinante: viver numa época bela, de paz, sofisticação e progresso. Esse momento aparentava que os avanços da ciência ⁷⁹⁴ e as conquistas da tecnologia desenhavam um futuro ridente e promissor, cuja tônica seria o pacifismo e a riqueza. entretanto, o crescimento vertiginoso de algumas nações, parecia cumprir as profecias otimistas, inspirando outros povos a seguir-lhes as pegadas para alcançar as primeiras. De outro lado, o acúmulo de poder, técnica e riqueza por parte de um número muito pequeno de povos, fazia, de outro lado, com que muitos países se enchessem de temor.

Assim, a competição se acirra. É a chamada Paz Armada ⁷⁹⁵. Simões Lopes Neto expõe com clareza sua posição:

Os velhos países da Europa que se proclamam os sacerdotes do tabernáculo da civilização, tem cercado pela boca melíflua da sua diplomacia, nomes especiosos e procederes especiais para a implantação, alargamento, a permanência e suas influências entre os países do além. E a hipocrisia, feroz egoísmo internacional atiram com uma mão o gebrando

⁷⁹³ Para mais detalhes vide BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960; FARIA, Gentil Luiz de. *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo: Pannartz, 1988; NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷⁹⁴ Cf. BEMOL, Serafim [pseudônimo de Simões Lopes Neto]. *O centenário da Centenária*. A Opinião Pública, Pelotas, 15-07-1913.

⁷⁹⁵ Paz Armada é um termo usado para descrever um período na história política da Europa, que se estende desde o fim da Guerra Franco-Prussiana até a eclosão da Primeira Guerra Mundial e é caracterizado pelo forte desenvolvimento da indústria bélica das grandes potências e a crescente tensão nas relações internacionais.¹ Esta corrida armamentista entre as potências europeias, auxiliada pelo crescimento da *Belle Époque* do final do século XIX, foi uma das causas mais notáveis da Primeira Guerra Mundial. As contínuas tensões entre os Estados por causa dos conflitos nacionalistas e imperialistas fizeram com que cada Estado destinasse um grande volume de investimento do capital estatal no setor armamentista e na promoção do exército. A indústria bélica aumentou consideravelmente os seus recursos, produzindo novas tecnologias para a guerra. Além disso, quase todas as nações europeias adotaram o serviço militar obrigatório, incentivando assim o sentimento nacionalista. Esses gastos militares excessivos resultariam eventualmente em um processo de falência nacionais. A política da época foi baseada na ideia expressa pela máxima latina «*Si vis pacem, para bellum*», que significa: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra”.

da benção pela paz, depois que tem na outra o gládio que mais corta. / será sim, ainda por dilatados séculos, a força, a garantia do direito.⁷⁹⁶

As transformações sociais, o modo de vida e os valores se alteram rápida e profundamente, convivem o luxo e a extrema miséria, a eficiência e a velocidade dos meios de transporte e as abissais distâncias dos grotões brasileiros. Aliás, essa fascinação com a velocidade e a força dos meios de transporte não era nova, estava identificada com o próprio processo de modernização. Já Machado de Assis, com sua fina ironia, trata das ilusões da modernidade no conto *Evolução*⁷⁹⁷, em que aparece a frase emblemática do personagem: "O Brasil é uma criança que engatinha: só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro". O próprio Simões também se envolverá no debate acerca das ferrovias.⁷⁹⁸ Do mesmo modo os bondes, sinal de agitação e modernidade, o fluxo das multidões na cidade.⁷⁹⁹ Simões também não se furtou de fazer o discurso de inauguração dos bondes elétricos em Pelotas, em 1915, representando a imprensa.⁸⁰⁰

Esses conflitos e vertiginosas mudanças sociais dilaceram as sociedades tradicionais, procurando levá-las ao cosmopolitismo. É também sobre esse fenômeno que o escritor pelotense alerta em sua conferência *Educação Cívica*⁸⁰¹, pois uma vez esquecidas as tradições folclóricas e a cultura popular a identidade nacional se fragilizariam, deixando o Brasil à mercê dos interesses de nações estrangeiras, que muitos supõe ser internacional, mas que é marcadamente nacional e sua imitação proporciona a aculturação dos brasileiros.

No âmbito político, é frequente à época o discurso recorrente à noção de "civilização versus barbárie". Esse antagonismo é exposto, por exemplo, no livro *De*

⁷⁹⁶ LOPES NETO, J. S., ob. cit., 1906, p. 15.

⁷⁹⁷ ASSIS, Machado. *Os melhores contos de Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1985, pp. 265-271.

⁷⁹⁸ Para conferir vide o artigo de Simões Lopes Neto: *O transporte de gado em pé*. A Opinião Pública, Pelotas, 06-11-1902.

⁷⁹⁹ Muitos escritores escreveram sobre os bondes, uma das mais célebres crônicas é a de Bilac, de 1903. Para conferir vide BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Organização e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. pp. 435-439.

⁸⁰⁰ Para conferir vide as notícias veiculadas pelo Diário Popular, Pelotas em 20 e 22 de outubro de 1915. Mais detalhes sobre os bondes em Pelotas vide MORRISON, Allen. *The Tramways of Pelotas/Rio Grande do Sul state, Brazil*. Disponível em <<http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>> Acesso: 20-04-2012; LEON, Zênia de. *Os bondes em Pelotas - A novidade no Rio Grande do Sul*. Disponível em <<http://www.vivaocarque.com.br/interativo/artigo22>> Acesso: 02-05-2012

⁸⁰¹ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 11.

la colonisation chez les peuples modernes (1874), do francês Paul Leroy-Beolieu, em que defende o direito de intervenção dos "povos civilizados" nas regiões pouco desenvolvidas do planeta.⁸⁰² Foi exatamente em vista do binômio "civilização versus barbárie" que os países desenvolvidos pretendiam extinguir as disputas por meio da guerra, substituindo-a pelas Exposições universais⁸⁰³ e pelo aumento da fraternidade universal⁸⁰⁴, na utilização de uma só língua – o esperanto⁸⁰⁵. Simões Lopes Neto não concorda com isso, entendendo que essa utopia pacifista é apenas uma “flor de estufa”⁸⁰⁶.

No Brasil o que se convencionou chamar de Belle Époque tropical⁸⁰⁷, da mesma forma que na Europa também se caracterizou pela euforia dos novos tempos, anunciadores do progresso⁸⁰⁸ e pela modernização em curso, que teve como um de seus marcos a proclamação da República⁸⁰⁹. Aliás, a instalação do novo regime, seguindo o espírito do tempo, foi um ato deliberado de pacificação visando amenizar os conflitos entre liberais e conservadores e também entre as elites agrária e urbano-militar.⁸¹⁰ Simões Lopes Neto, ao contrário, embora fosse um

⁸⁰² Cf. CLOUGH, Shepard B.; MOODIE, Carol G. *European economic history: documents and readings*, 1965.

⁸⁰³ Para mais detalhes vide PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

⁸⁰⁴ “O Brasil mais do que nenhum dos outros países da sua idade e mais velhos: alia a família a toda a humanidade, consagra o dia 1º de janeiro à paz, ao sossego, ao amor, à hospitalidade que devem existir no mundo, onde os homens todos devem-se respeitar e estimar uns aos outros” (LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, p. 184. E também: [...] Garibaldi é um desses homens que são filhos da humanidade: ter pátria é para ele pouco!...todos os homens são irmãos e o planeta é de todos... (LOPES NETO, J. S. *Mercenário-Herói; prostituta-Excelsa!*. In MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, p. 72. [1ª edição: A Opinião Pública, Pelotas, 18-11-1913.]

⁸⁰⁵ Lázaro Luiz Zamenhof (1859-1917) foi médico oftalmologista e filólogo judeu polonês. Criou o esperanto, a língua artificial mais falada e bem sucedida no mundo. Seus idiomas nativos eram o russo, iídiche e polonês, mas ele também era fluente em alemão. Posteriormente aprendeu francês, latim, grego, hebraico e inglês. Sua obra mais importante é de 1887 e se chama *Essência e futuro da ideia de uma língua internacional*. Trad. Itacir Luchtemberg. Goiânia: Zamenhof, 1988.

⁸⁰⁶ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906 p. 14.

⁸⁰⁷ VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁸⁰⁸ DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos (1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

⁸⁰⁹ SEVCENKO, Nicolau. *Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. III, pp. 7-48.

⁸¹⁰ Cf. BELLO, José Maria. *História da República (1889-1954)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

republicano histórico, se insurge contra a ideia de que a simples substituição de regime, por si só, possa ser um avanço.⁸¹¹

Em seu matiz tropical, a Belle Époque guardará em seu bojo, consideradas as devidas proporções, as mesmas ansiedades, entusiasmos, conflitos e contradições que a europeia. Nesse período a sociedade brasileira efetivamente sofreu um processo de aburguesamento, saindo do espaço familiar para o público, absorvendo hábitos e valores europeizados⁸¹², especialmente franceses⁸¹³.

No caso de Pelotas, como é bem sabido, o capital acumulado com a indústria saladeril⁸¹⁴ permitiu à cidade, proporcionalmente, reproduzir o que ocorria na Corte – viver à moda francesa. Essa atmosfera de “opulência e cultura”, para usar a célebre expressão do historiador Mário Osório Magalhães, estava montada sobre o cotidiano dos excluídos⁸¹⁵. O mesmo Simões Lopes Neto que ao publicar sua Revista do 1º Centenário de Pelotas (1911-1912) transmitira uma imagem desenvolvida e progressista da cidade, em seus *Inquéritos em Contraste* (1913) vai mostrar os escaninhos miseráveis e obscuros da urbe.

⁸¹¹ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906, p. 16.

⁸¹² SODRÉ, Néelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

⁸¹³ Para mais detalhes vide: AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *Pelotas: uma ilha de costumes europeus cercada de penitenciárias escravocratas. A negra força da Princesa*. Pelotas: Edição do autor/Sebo Icária, 2008, pp. 34-48; PETER, Glenda Dimuro. *Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas*. Revista Vitruvius, ano 8, ago. 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/222>> Acesso: 03-02-2011.

⁸¹⁴ Para mais detalhes vide MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel/Livraria Mundial, 1993; MONQUELAT, A. F. *Senhores da carne* (Charqueadores, saladeristas y esclavistas). Pelotas: UFPEL, 2010; MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. *José Pinto Martins, o charque e Pelotas*. Desfazendo mitos. Notas a história do continente de São Pedro. Pelotas: Livraria Mundial, 2012, pp. 75-82; *Desfazendo mitos*, ob. cit., pp. 83-86; *Pinto Martins, o mito de um século*, pp. 87-90; *Pinto Martins ou João Cardoso?* ob. cit., pp. 91-96; *Rio Piratini: berço da indústria saladeril?* ob. cit., pp.99-112; MARQUES, Alvarino. *Evolução das charqueadas rio-grandenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990; MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Economia do charque, o charque nas artes, culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992; MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Episódios do ciclo do charque* (Porto Alegre: Edigal, 1987).

⁸¹⁵ Para mais detalhes vide: MONQUELAT, A. F. *Pelotas dos excluídos*. Subsídios para uma história do cotidiano. Pelotas: Livraria Mundial, 2014.

Vale dizer que a política implantada, principalmente a partir da República, foi mais um processo de modernização do que de modernidade ⁸¹⁶, isto é, incorporaram-se novas técnicas numa sociedade arcaica social e politicamente, fortalecendo os ímpetos autoritários dos positivistas no Governo.

Simões Lopes Neto percebe claramente esse processo, conforme está em sua conferência *Educação Cívica* (1906), quando reclama do tipo de representação política que está no Parlamento. Da mesma forma, em seu livro escolar *Terra Gaúcha* (2013) aparece uma crítica ao cultivo do bacharelismo como o vício, em grande parte, responsável por essa distorção. Nesse sentido, a educação, mais uma vez, surge como um corretivo às falhas do sistema e da cultura política.

A literatura não estava isenta de todos esses conflitos. Observa-se que muitos historiadores literários ao tratarem do período a que se convencionou chamar de Pré-modernismo, costumam classificar os autores em conservadores e inovadores ⁸¹⁷. Entre os primeiros figura o escritor Coelho Neto (1864-1934), o emblemático representante de uma “literatura oficial”, e nos segundos se assenta Lima Barreto (1881-1922). Essa real oposição tanto no plano estético quanto ideológico, encontra sua contraditória síntese em Simões Lopes Neto (1865-1916). Tal improvável síntese pode ser demonstrada pelos autores principais (Afonso Celso e José Veríssimo) - antagônicos entre si – que escolheu para fundamentar as ideias de sua *Educação Cívica*.

Não será apenas Afonso Celso Junior, ainda em 1900, o único que enxergará o país sob lentes cor de rosa. Esse imaginário, que tinha precedentes no romantismo, permitirá que Coelho Neto, também muito admirado pelo Velho Capitão ⁸¹⁸, diga no ano da Semana de Arte Moderna: “ pátria possuímos-la e a mais formosa entre todas” ⁸¹⁹.

⁸¹⁶ Para a diferenciação vide: FAORO, Raimundo. *A questão nacional e a modernização*. Estudos Avançados, vol.6, n. 14, pp. 7-22, jan./abr. 1992.

⁸¹⁷ Cf. BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*, 4ª ed., São Paulo: Cultrix, 1973.

⁸¹⁸ Simões dedicou a Coelho Neto uma de suas obras-primas, a lenda do Negrinho do Pastoreio, publicada no jornal Correio Mercantil, de Pelotas, em 26-12-1906, sendo posteriormente incorporada ao *Cancioneiro Guasca* (1910) e às *Lendas do Sul* (1913). Cabe ressaltar que, ainda que numa forma resumida, a lenda consta também no livro escolar *Terra Gaúcha – Histórias de infância* (2013), mais uma vez permitindo-nos inferir a via de mão dupla entre o projeto cívico-pedagógico e a literatura.

⁸¹⁹ COELHO NETO. *O meu dia*. Porto/Portugal: Livraria Chardron, 1922, p. 175.

Simões Lopes Neto, assim como Afonso Celso e Coelho Neto, também compartilha do otimismo pelo progresso, mesmo que descreva a vida difícil dos trabalhadores dos subúrbios. Típico homem da Belle Époque, seu discurso sobre o progresso incluía, sob a égide da modernização, as transformações urbanísticas, o saneamento, o ecletismo artístico, o sentimento patriótico e a ênfase na educação e na ciência. Basicamente, o interesse dos intelectuais engajados era desvendar os obstáculos que impediam o desenvolvimento nacional e convencer as elites dirigentes a adotar as soluções propostas.

Simões estava, ainda que perifericamente, inserido nessa militância, pois pretendia também examinar os fundamentos históricos da condição do atraso brasileiro, fruto em grande parte, conforme se acreditava, da herança colonial. Foi uma mudança teórica muito significativa a alteração que fez o escritor da 1ª para a 2ª versão da conferência *Educação Cívica*. Na versão de 1904 estava ainda muito preocupado na elaboração de um material instrucional, o “livro caricioso”⁸²⁰ para a infância brasileira, enquanto que na de 1906, amplia sua visão, adotando o conceito de parasitismo, provindo de Manoel Bomfim, como mais um fator para explicar nosso atraso.

O texto de 1904 dá conta da publicação de um livro didático, enquanto que a 2ª versão é mais ampla, não apenas em extensão, mas em pretensão. A versão de 1906 traz, conforme já se disse, uma nova e significativa referência: Manoel Bonfim, médico sergipano que exerceu o cargo de diretor de instrução pública de Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro responsável pela reformulação urbana da capital, conhecida como Bota-Abaixo.

No epílogo da conferência *Educação Cívica* (1906), quase repetindo *ipsis literis* o texto de Bomfim, Simões Lopes Neto apela para um tom grandiloquente de louvor à índole cordial e hospitaleira do povo brasileiro, em contraste com outras civilizações.

⁸²⁰ “Fazer um livro simples, saudável, cantante, de alegria e caricioso, que os homens rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas as crianças, que nele, com sua ingênua avidez, fossem bebendo as gotas que se trans formassem mais tarde em torrente alterosa de civismo;” [...]. Apud DINIZ, Carlos. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, p. 123.

A “teoria de Brasil”, a que nos referimos de modo sucinto quando tratamos de Simões Lopes Neto como pensador social, foi um esforço em compreender o país em concordância com dois pilares fundamentais, já analisados, quais sejam, a nacionalidade e o progresso. Em decorrência dessa dupla percepção surge um terceiro pilar – o povo. Afinal este último elemento do tripé era o responsável por dinamizar os outros dois. Para constituir esse povo, conceito então bastante problemático ⁸²¹, era necessário conhecê-lo, sondar-lhe o gênio, tal como quisera o romantismo, e para tanto caberia atentar para as tradições, o folclore e a cultura popular; tudo isso passando pelo crivo do erudito que devolveria essa produção espontânea ao povo, mas agora com um sentido político-pedagógico ⁸²².

Essa “teoria de Brasil” de Simões Lopes Neto, em princípio descarta os possíveis efeitos deletérios da mestiçagem, pois em sua *Educação Cívica* ele afirma claramente que o brasileiro não é um degenerado ⁸²³. Desta maneira pode-se inferir que concede primazia à cultura e, em particular, à educação relativamente às determinações étnicas ⁸²⁴. Não somente isso. O autor possui uma visão positiva da miscigenação, tal como está no texto *Quatro cabeças juntas* que consta no livro escolar *Terra Gaúcha – Histórias infância* (2013) ⁸²⁵. Até ele nos apresenta a figura do pai de Maio, o menino-narrador, que se mostra homem atento às novidades tecnológicas e um entusiasta aberto da miscigenação, que é vista como a matriz do futuro sucesso dos brasileiros.

⁸²¹ Para mais detalhes vide NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiros em sua própria terra. Representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁸²² Para mais detalhes vide NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: UnB, 2004.

⁸²³ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906 p. 13. Para o conceito médico-antropológico de degeneração vide ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira*. Psychiatry on line Brasil, v. 19, jun. 2014. Disponível em <<http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>> Acesso: 27-06-2014.

⁸²⁴ Para um balanço desse debate vide: ODÁLIA, Nilo. *O ideal de branqueamento da raça na historiografia brasileira*. Contexto, São Paulo: Hucitec, vol. 3, 10/07/1977, pp.127-136. Sobre a questão do branqueamento nas charqueadas vide: MONQUELAT, A. F. *O projeto de branqueamento da mão-de-obra das charqueadas*. Diário da Manhã, Pelotas, 29-06-2014 (Parte 1); 06-07-2014 (Parte 2); 13-07-2014 (Conclusão).

⁸²⁵ LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 181-183.

O discurso educacional simoniano assume um tom explicitamente político, interessado em viabilizar a intervenção social, buscando contribuir para a construção de um futuro desenvolvido para o Brasil, colocando-o ao par das grandes potências ocidentais ⁸²⁶.

Sem dúvida, no campo da cultura, os confrontos mais evidentes se dão nas disputas literárias e educacionais. Em literatura se pode destacar duas vertentes, basicamente: uma tendência diletantista, voltada para o mundanismo e o cosmopolitismo, com um timbre esnobe e, muitas vezes, superficial, sob a influência notória da cultura francesa, apesar das eventuais reações, como as que apareciam na revista *Kosmos* e outras publicações do gênero ⁸²⁷. Esse fenômeno, aliás, deriva de outro, o impacto das ideias de progresso, civilização, higiene e educação, bem como do cientificismo que as fundamentava, junto com as novas tecnologias que produziram uma sensível alteração no *modus faciendi* dos autores – o que então se chamava a “escrita nervosa”. Além disso, o próprio desenvolvimento da imprensa e da indústria editorial possibilitou o aparecimento de edições populares em grandes tiragens ⁸²⁸, decorrendo daí o aparecimento dos primeiros autores de *best-sellers* nacionais, tais como Afrânio Peixoto (também folclorista) e, em menor escala, Benjamin Costallat. ⁸²⁹

A outra vertente em que se pode identificar os conflitos culturais é o debate sobre os grandes problemas nacionais, inclusive por meio da literatura, do que nos dá conta romances como *Canaã* (1902), de Graça Aranha, ou obras como *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Percebe-se aí dois deslocamentos, o vínculo entre o desenvolvimento brasileiro e a questão racial e a necessidade de

⁸²⁶ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *A inserção compulsória do Brasil na modernidade da Belle Époque: maquinismo, lazer e urbanização*. Revista do Departamento de História da UFES, Vitória, n. 8, 1999, p. 104-119.

⁸²⁷ Para conferir uma dessas reações vide: VIANNA, Joaquim. *A reação contra a influência intelectual francesa*. Revista *Kosmos*, Rio de Janeiro, ano V, n. 12, dezembro de 1908.

⁸²⁸ Para mais detalhes vide: LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *O preço da leitura*. Leis e números por trás das letras. São Paulo: Ática, 2001.

⁸²⁹ Para mais detalhes vide: SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. literatura, técnica e modernização. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

compreender o universo rural, distante do Brasil descrito nas crônicas de Fortunato Pimentel e João do Rio.

A primeira vertente, na transição do Império para a República, em cujo período se observa uma grande preocupação com o contingente advindo da pós-abolição da escravidão, que migrava do campo para as cidades, de incipiente industrialização.⁸³⁰

A situação do proletariado no início da República brasileira (fins do século XIX) era bastante difícil. No estado do Rio Grande do Sul, terceiro estado em termos de desenvolvimento industrial no Brasil durante o período da República Velha, a maior parte dos trabalhadores urbanos estava concentrada em três cidades: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Especialmente em Pelotas, cidade em que a maior oferta de trabalho era sazonal, devido a safra do charque (novembro a maio), isso implicava em longas jornadas de trabalho no verão quente, úmido e árido nos gelados meses sem trabalho no inverno, consequentemente com dificuldade na obtenção de alimentos e sem condições de moradia. Os jornais da época, das principais cidades gaúchas, estão repletos de queixas de habitantes sobre a carestia de vida, a falta de saneamento, as constantes epidemias, etc. Mais penosa era a situação dos imigrantes, muitos deles atraídos para o Brasil por propostas não realizáveis de melhoria das condições de vida.

Ainda no final do século XIX, ocorreram motins e revoltas em Porto Alegre, de imigrantes italianos confinados numa hospedaria de imigrantes, que só cessaram com o compromisso da repatriação. Esse problema só tendeu a se agravar. Contudo, os imigrantes, sobretudo italianos, em sua maioria de inclinação anarquista, trouxeram sua experiência nas lutas operárias.⁸³¹

⁸³⁰ Sobre a formação do proletariado brasileiro e a industrialização no Brasil vide: PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense 1949. Para o caso de Pelotas/RS ver: LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: ufpe, 2001.

⁸³¹ MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da causa operária*. Porto Alegre, 1995. Para o caso de Pelotas vide: RAMOS, João Daniel Dorneles. *O movimento anarquista em Pelotas (1890-1930)*. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis. Disponível em <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/joao_amos.pdf> Acesso: 10-06-2014.

Simões Lopes Neto, descontando-se suas ligações com o advogado e jornalista Antônio Gomes da Silva, um dos fundadores do Centro de Estudos Sociais, de orientação anarquista, onde o escritor fez conferências, também se preocupou em discutir a situação dos imigrantes ameaçados de expulsão.⁸³²

Outro ponto a ser destacado é a grande importância que o autor atribui à profissão docente, apresentando um professor dinâmico, responsável, alegre, criativo, competente e consciente de sua responsabilidade e papel social. Assim comenta Fischer (2013):

O personagem mais notável dessa instituição [a escola] é o Mestrinho [...]. é o diretor do estabelecimento, uma figura paterna abrangente; é professor, mas não fica o tempo todo na sala; conhece todos os alunos, de todas as turmas, tem uma visão de conjunto das coisas; é quem dá lições de moral e ensina o que não está nos livros. Em certo momento Maio conta das diferenças entre o ensino tal como conduzido pelo Mestrinho e o ensino das outras escolas. [...] não se manda os alunos decorarem as lições [...] há vezes em que o Mestrinho entra na sala e simplesmente conversa com eles, de tal forma que Maio, feliz chega a pensar que aquilo ali nem se parece com colégio.⁸³³

Todos esses aspectos fazem com que Simões Lopes Neto possa ser considerado uma fascinante janela para aquele conturbado período de nossa história. Sob um determinado prisma, tem-se o artista que construiu uma obra perene, de elevado nível artístico, para nós hoje evidente, mas que demorou a ser reconhecido - conforme a expressão de Moyses Vellinho: a carreira literária de Simões Lopes Neto foi inteiramente póstuma⁸³⁴. No dizer de Flávio Loureiro, “sua pequena/grande obra escapou ao presente do autor. Era um legado para o futuro”⁸³⁵. Sua inovação na estruturação da narrativa, a revolução linguística, anteciparam diversos procedimentos que seriam consagrados pelo Modernismo,

⁸³² LOPES NETO, J. S. *A lei de expulsão de estrangeiros do Brasil*. A Opinião Pública, Pelotas, 31-12-1912.

⁸³³ FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 242-243.

⁸³⁴ Cf. VELLINHO, Moysés. *A carreira póstuma de Simões Lopes Neto*. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *Ensaio literários: Moyses Vellinho*. Porto Alegre: IEL; Corag, 2001. A pesquisadora Cláudia Antunes (2003) e o historiador Mário Osório Magalhães (2006) advogam o reconhecimento em vida de Simões Lopes Neto.

⁸³⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Disponível em <<http://www.paginadogaucha.com.br/escr/lopesneto.htm>> Acesso em 12-03-2011.

sintetizando o mundo rural e a cultura pampeana. De modo geral, ao prestar atenção ao universo campesino, Simões parece estar se movendo em direção contrária à modernização, dando a medida do descompasso entre o Brasil ideal e o país real.

Outro ponto que por meio de Simões Lopes Neto podemos ter um vislumbre é a mistura entre a construção da identidade nacional, começada pelo Romantismo, e a ruptura Real-Naturalista. Se o Romantismo buscava nas tradições e no folclore o “gênio popular” - bem como num tipo específico, o índio – o Naturalismo, embora sob pressupostos diversos, também o fez, contudo, filtrando pela lente da “ciência” esse mesmo caldo de cultura. Seu tipo social específico era a massa.

Foi assim na esteira das muitas recolhas e cancioneiros que Simões Lopes Neto publicou seu *Cancioneiro Guasca* (1910). Seu fito foi também o de, inclusive pela lacuna deixada por Sílvio Romero relativamente ao folclore sul-rio-grandense, ao qual uma significativa contribuição foi dada pelos estudos de Koseritz, Apolinário Porto-Alegre e Carlos Teschauer ⁸³⁶, fixar uma identidade regional com vistas à integração do país ⁸³⁷.

Fischer (2013) problematiza se o livro escolar *Terra Gaúcha – Histórias de infância* não sofreria de uma fragrante contradição, posto que seu autor pretendia realizar um livro de civismo nacional brasileiro, mas enfatizar a identidade da “terra gaúcha”. Sua explicação, segundo o crítico, pode ser encontrada no âmbito histórico. ⁸³⁸ Quer me parecer que a explicação é outra e mais simples: não há contradição. O objetivo do autor era marcar a identidade regional e, ao mesmo tempo, inseri-la no conagraçamento da brasilidade.

⁸³⁶ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *Uma teoria sobre o Cancioneiro Guasca*. O Mundo das Letras. Órgão de divulgação da Academia Pelotense de Letras, Pelotas, ano X, n. 103, p. 4, dez. 2010.

⁸³⁷ Simões reclama que existem baianos, paulistas etc, mas não brasileiros. Fica evidente que não quer suprimir as culturas regionais, mas fortalecê-las e dirigi-las para o fortalecimento da identidade nacional. Para conferir vide LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica – Terra Gaúcha: apresentação de um livro*. História da Educação, ASPHE, Pelotas, vol. 13, n. 27, p. 303, jan./abr. 2009.

⁸³⁸ FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 228-230.

Seja como for, a respeito do livro escolar *Terra Gaúcha – histórias de infância*, há de se concordar com a seguinte observação:

Nosso pelotense, por ilustre e bem nascido que fosse, nem de longe experimentou tal integração ao circuito cultural dominante no país. Sem forçar a nota, tratava-se de um marginal no circuito em que pretendeu agir em que necessitava agir para viabilizar suas ideias.⁸³⁹

É com vistas à integração nacional que traz as virtudes e os heróis da cultura gaúcha para sua alta literatura e para seus livros didáticos.⁸⁴⁰ Entre as mais decantadas virtudes do povo gaúcho estava o seu republicanismo. Como outrora dissera Sílvio Romero, que o país fora invadido por “um bando de ideias novas”, propugnava, como também fará o Rio Grande do Sul, o laicismo, as liberdades públicas e a disseminação da educação, enfim, as bandeiras principais do “progresso”. Com essas “ideias novas” vieram as teorias racialistas, que justificavam a dominação por parte das Metrôpoles, tanto do ponto de vista cultural-ideológico quanto econômico.

Os “mosqueteiros intelectuais”, título autoproclamado da Geração de 1870, alguns dos quais também da Belle Époque, segundo Sevcenko (2003), embora eivados pelas teorias raciais que vinham da Europa, sob o carimbo de “científicas”, sabiam que concordar com elas nos termos em haviam sido formuladas na origem era justificar o atraso e conformar-se com a dominação estrangeira. Seu desafio era, sem abandonar a ciência, encontrar uma alternativa para o veredito que condenava os trópicos, primeiro à condição de colônias, e depois ao desaparecimento.

Na representação de quem deveria ser o brasileiro, os mestiços e os negros não serviam, pois tal identidade tinha de corresponder ao tipo representativo da

⁸³⁹ FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, p. 229.

⁸⁴⁰ Para mais detalhes vide: BAVARESCO, Agemir. *O projeto de identidade local, segundo os artigos de fé do gaúcho*. In FÁVERO, Altair Alberto; TROMBETTA, Gerson Luís; RAUBER, Jaime José (Orgs.). *Filosofia e racionalidade. Festschrift em homenagem aos 45 anos do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo/RS*. Passo Fundo: UPF, 2002, pp. 9-23.

nação – e por isso a própria cultura popular havia de receber um tratamento erudito.⁸⁴¹

A representação que se fazia do povo fazia-o “um estrangeiro em sua própria terra”, segundo a expressão de Naxara (1998), uma vez que a sua imagem fora desenhada por viajantes e cientistas estrangeiros que passaram pelo Brasil e assimilada pelas elites do país.

Simões Lopes Neto, influenciado por suas leituras de José Veríssimo, que se foi abeberar nas ideias de Spencer ⁸⁴², também condenava a indisciplina, a indolência e a apatia do brasileiro. Porém, na contramão da ideologia dominante, em especial divulgada por Nina Rodrigues ⁸⁴³, não atribuía as dificuldades do desenvolvimento nacional à mestiçagem. Tanto assim, que na 2ª versão da *Educação Cívica* (1906), publicada coincidentemente no ano de falecimento do médico baiano, embasado em *América Latina: males de origem* (1905), de Manoel Bomfim, alerta para o desleixo das autoridades, as distorções de representação política e interesses mesquinhos das elites colaboravam com o parasitismo⁸⁴⁴ imperialista.

Embora se expressando, às vezes até tematicamente, sob o aspecto literário mais próximo de Lima Barreto que de Coelho Neto, a quem tanto admirava, Simões Lopes Neto oscilava entre o sentimento de alguém que não quer expor, “como fez o sacrílego filho de Cam”, desrespeitosamente as mazelas do país, pois dele se ufana, e o crítico da República, que o decepcionou, do mesmo modo que aos autores de *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e dos *Sertões* (1902).

⁸⁴¹ Para mais detalhes vide NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiros em sua própria terra. Representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

⁸⁴² Sobre esse assunto vide: LLOPIS, Rosana. *As leituras de José Veríssimo de Mattos*. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Rosana%20Llopis%20-%20Texto.pdf>> Acesso: 02-02-2011.

⁸⁴³ Para uma excelente exposição da vida, obra e pensamento de Nina Rodrigues vide CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

⁸⁴⁴ Para uma exposição sintética do conceito de parasitismo em Manoel Bomfim vide ARAÚJO, Homero. *América Latina: males de origem* (comentário). Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cdrom/bomfim/comentarios.htm>> Acesso: 10-07-2014.

Não estou certo quanto às opções de valorização histórica de Simões Lopes Neto em seu livro escolar *Terra Gaúcha – histórias de infância* (2013) o tenham colocado em oposição aos autores integrados, tais como Coelho Neto e Afonso Celso, por exemplo, como supõe Fischer. Ora, a narrativa simoniana não difere tanto assim. Lembremos que o autor de *Rei negro* (1914) ou de *Porque me ufano de meu país* (1900) também valorizaram Palmares e a cultura popular.

Dentro desse quadro histórico e social é que Simões Lopes Neto não se diferencia de outros escritores, também imbuídos de patriotismo, tais como Bilac e Coelho Neto. No entanto, o próprio autor, certamente, não percebia como os ultrapassava, eis que seguindo certos padrões estéticos da época os tomava como modelos artísticos, modelos que reconhecia mas não imitava, senão quando redigia seus discursos, conferências e artigos, escritos em pura prosa parnasiana, como com propriedade identificou Chiappini (2001)⁸⁴⁵.

Simões Lopes Neto vai buscar em dois livros as ideias principais que transmitirá em sua conferência *Educação Cívica*. Os livros são *Porque me ufano de meu país* (1900), de Afonso Celso Junior, e *A educação nacional* (cuja 2ª edição, revisada, é de 1906, mesmo ano em que Simões profere sua palestra), de José Veríssimo. É interessante observar que são obras, sob determinado aspecto, antagônicas. A de Afonso Celso é toda forrada de elogios à pátria: nenhuma há mais bela, mais rica, mais nobre. A de Veríssimo, ao contrário, é ácida e crítica, deixando um sabor de pessimismo em relação ao futuro do país. A posição de Simões é um cabo tensionado entre ambos.

A ponte entre o Simões pensador social e o Simões artista ainda está sobre forte cerração. Vê-se as cabeceiras da ponte, mas é ainda custoso enxergar o percurso. Algo, porém, já se pode dizer. Se o que sobreviveu foi a obra literária do autor, estou convencido de que esta é tributária do pensador social e do educador. Tributária em que sentido? Não, certamente, apenas como uma etapa preparatória

⁸⁴⁵ CHIAPPINI, Lúgia. *Trajetória de uma pesquisadora apaixonada*, in MATTOS, Mário (Org.). *Anais do II Seminário de Estudos Simonianos*. Pelotas: UFPEL, 2001, p. 184. Fischer também se refere à linguagem “dura e pura” parnasiana de Simões. Vide FISCHER, Luís Augusto. *Vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Introdução, fixação de texto e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 36.

às grandes obras ⁸⁴⁶, mas como matriz ideológico-filosófica, albergada no seu projeto cívico-pedagógico, tal como estava na hipótese de Chiappini (1988) e que procurei demonstrar em que consistia no livro que fiz publicar em 2009⁸⁴⁷.

A literatura, assim como tantos de seus outros projetos, a maioria dos quais baldados, inclusive o sonho de publicar livros didáticos, entendo que foi fruto dos estilhaços de seu projeto originário - o cívico-pedagógico.

Nessa direção, é que se pode apreender que no seio desse ideário geral, próprio dos intelectuais da Belle Époque, alguns sob o forte influxo positivista, principalmente no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo e seus continuadores, tal mobilização em termos de programa de disseminação da educação não se restringiu ao Brasil, mas circulava em âmbito continental ⁸⁴⁸.

A originalidade de Simões Lopes Neto, apesar de homem bastante integrado ao ideário dos intelectuais de seu tempo, está em que ele vislumbrou a cultura regional e a literatura regionalista como um veículo de assimilação e adaptação desse mesmo programa, visando contribuir no processo de resolução das tensões entre região e nação, indispensável para viabilizar a modernização do país. A disseminação da educação, em particular da educação cívica, num sentido mais amplo que a simples criação de escolas, superando o conceito de “estado positivo” da evolução da sociedade, o que implica também no questionamento da própria troca de regime político ⁸⁴⁹, pois a República era vista, em si mesma, como uma natural evolução institucional, panaceia para os vícios imperiais.

⁸⁴⁶ FISCHER, Luís Augusto. *Vida e obra de J. Simões Lopes Neto* In LOPES NETO, J. S. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Introdução, fixação de texto e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012, pp. 23-38. Para um comentário a respeito da posição de Fischer vide: BORGES, Luís. *Coçando as minhas “pulgas”* (1ª Parte). Diário da Manhã, Pelotas, 21/22-04-2013; Conclusão, 28-04-2013.

⁸⁴⁷ Para mais detalhes vide BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009.

⁸⁴⁸ ARRIADA, Eduardo. *Uruguay y Brasil: influencias e aproximaciones em el campo intelectual*. Inédito.

⁸⁴⁹ LOPES NETO, J. S. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906 p. 16.

A República era considerada um caminho insofismável para a modernização, a qual não poderia ser atingida sem a valorização da identidade nacional e a constituição de um “povo”, na acepção do Estado Europeu.

A alta literatura de Simões Lopes Neto, toda calcada nas fontes folclóricas e históricas, albergam uma filosofia da história e uma teoria de Brasil. A primeira estava vinculada à ideia de que à evolução da humanidade devem os indivíduos e as nações contribuir de todas as formas, sob pena de serem aniquiladas. Pelo exposto, não se trata de nobreza de espírito ou idealismo, é antes de tudo uma necessidade de sobrevivência. A segunda, se liga ao amplo diapasão de suas preocupações sociais.

João Simões Lopes Neto não quer apenas identificar este ou aquele problema mais imediato, mostrando soluções superficiais, tais como a mera publicação de materiais instrucionais. O autor traça complexas intersecções para explicar de onde viemos, como chegamos a ser quem somos e qual o destino do Brasil no concerto das nações. A educação surge como a categoria articuladora de todo o seu pensamento, desde a questão econômica até a organização da linguagem. Não por acaso, sua forma privilegiada de expressão, a arte literária, e mais do que isso, a concepção de que o mundo da linguagem é o próprio mundo da cultura e, numa acepção mais global, a própria história dos homens.

À Filosofia da História e à Teoria do Brasil amalgamaram o ideário em voga entre os intelectuais de seu tempo: a literatura como missão. Em sua arte literária estão esse andaimes. No entanto, sua construção foi tão bem elaborada que eles ficaram invisíveis.

É somente quando estudamos atentamente sua obra não literária expressa em artigos jornalísticos, conferências e discursos, bem como em seu engajamento social, em que figura a campanha que realizou em suas viagens pelo estado com a palestra *Educação Cívica*, é que podemos com mais clareza identificar os elementos que passaram à literatura, sem a contaminação dos andaimes.

Com isso não se quer dizer que o pensador social e o educacionista, apenas sob outro disfarce narrativo se espelharam no escritor. Quer me parecer que, ao contrário, o artista foi mais longe em sua liberdade criadora, uma vez que ultrapassando a prosa parnasiana pode dar vasão à missão assumida sem trair a arte, uma vez que enquanto o homem voltado aos problemas sociais e educacionais tinha de limitar-se aos argumentos de autoridade, seja dos sábios de nomeada, seja aos princípios da ciência positiva.

O que se pode perceber, conforme se procurou demonstrar ao longo desta tese, é que a educação ocupa um lugar central em seu pensamento e no conjunto de sua obra (mesmo quando está invisível), possibilitando uma dialética entre a dinâmica social e o papel da arte e do artista. Em suma, para Simões Lopes Neto, a educação cívica é causa e efeito. Em sua ausência, não só dos currículos escolares, mas da cultura brasileira é causa de muitos males, deixando a nação perigosamente à mercê de outras mais poderosas. Como efeito, permite que toda a riqueza natural e cultural do país seja desperdiçada, pois o cosmopolitismo que condena à morte as tradições populares, e com elas a identidade nacional, permitindo que o “gênio do povo” fique obliterado, impedindo a constituição de um projeto político-pedagógico rumo à modernização.

O escritor João Simões Lopes Neto ao retomar o projeto romântico, como fizera a Geração de 1870, aderindo às alterações dos intelectuais nacionalistas e modernizadores da Belle Époque, ele o faz de modo singular: pretende o despertar da consciência cívica não apenas como ideologia, mas como uma concepção político-estética-filosófica, que em conjunto com a arte, cujo acesso se dá pela educação, enfatiza a história e a cultura popular⁸⁵⁰.

⁸⁵⁰ Fischer afirma que se pode dividir a vida de João Simões Lopes Neto em duas etapas: entre 1884-1904, quando temos um empresário e um dramaturgo de comédias ligeiras, e entre 1904 até o final de sua vida, em que já falido, aparece “um devoto da cultura popular, particularmente aquela de origem rural”. FISCHER, Luís Augusto. *Vida e obra de J. Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Introdução, fixação de texto e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 24.

BIBLIOGRAFIA

1 – Corpus simoniano

Edições críticas

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. 2 vol. Edição crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre/São Leopoldo: IEL, Unisinos, 2006.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Edição crítica de Aurélio Buarque de Holanda. Porto Alegre: Globo, 1949.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Edição crítica de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Outras edições

LOPES NETO, João Simões. *Terra gaúcha*. Apresentação de Manoelito de Ornellas e introdução e notas de Walter Spalding. Porto Alegre: Sulina, 1955.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Prefácio de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

LOPES NETO, João Simões. *Lendas do sul*. Apresentação de Mário Mattos. Porto Alegre: Editora Meridional, 2005.

LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha - Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013.

LOPES NETO, João Simões. *Artinha de leitura*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013.

Coletâneas de textos

A outra face de J. Simões Lopes Neto. Vol. 1. Organizada por Ângelo Pires Moreira. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

Contos e lendas. Apresentação de Moysés Vellinho. Rio de Janeiro: Agir, 1957.

Novos textos simonianos. Contos urbanos e poemas de J. Simões Lopes Neto. Organizada por A.F. Monquelat; Carlos Diniz; Mário Osório Magalhães. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu, 1991.

O teatro de Simões Lopes Neto. Vol. 1. Organizada por Cláudio Heemann. Porto Alegre: IEL, 1990.

Obra completa de Simões Lopes Neto. Organizada por Paulo Bentancur. Porto Alegre: Sulina/Já Editores, 2003.

Os melhores contos de Simões Lopes Neto. Seleção e introdução de Dionísio Toledo. São Paulo: Global, 1998.

Página Simoneana. Coluna de Ângelo Pires Moreira no Diário da Manhã, Pelotas, 1982-1984.

Conferências, discursos e textos de outros gêneros

LOPES NETO, João Simões. *Educação cívica* - “Terra Gaúcha” (apresentação de um livro). Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano I (1904), v. I, pp. 47-59, Pelotas: Livraria Comercial, 1905.

LOPES NETO, João Simões. *Educação cívica*. Pelotas: União Gaúcha, Grêmio Gaúcho de Bagé, Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, 1906.

LOPES NETO, J. S. *Educação Cívica – Terra Gaúcha: apresentação de um livro*. História da Educação, ASPHE, Pelotas, vol. 13, n. 27, p. 303, jan./abr. 2009.

LOPES NETO, J. S. *Discurso proferido na sessão comemorativa de 1º aniversário da Academia de Letras do Rio Grande do Sul – 16-11-1911*. Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 8, pp. 213-231, set./nov. 1911.

LOPES NETO, J. S. *Discurso oficial proferido na inauguração do primeiro Colégio Elementar de Pelotas*. Diário Popular, Pelotas, 19 de junho de 1913.

LOPES NETO, J. S. *A cidade de Pelotas*. Apontamentos para alguma monografia para o seu centenário. Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano II, vol. 2, 1905, pp. 103-120.

LOPES NETO, J. S. *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Organização e apresentação de Luís Rubira. Fac-símile da Revista do 1º Centenário de Pelotas. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012.

Trabalhos jornalísticos

A lei de expulsão dos estrangeiros do Brasil. A Opinião Pública, Pelotas, 31-12-1912.

Pelotas e a higiene. A Opinião Pública, Pelotas, 21-12-1912.

Inquéritos em contraste. Coluna mantida por João Simões Lopes Neto, sob o pseudônimo de João do Sul, no A Opinião Pública, de Pelotas, em 1913, entre 10 de junho e 09 de agosto. Reeditado por Ângelo Pires Moreira na *Página Simoneana*.

Semaninha. Coluna mantida por João Simões Lopes Neto, sob o pseudônimo de Serafim Bemol no Diário Popular, Pelotas, entre 18 de abril a 02 de agosto de 1895.. Reeditada por Ângelo Pires Moreira na *Página Simoneana*.

Aos estudantes de Pelotas. Artigo de João Simões Lopes Neto, sob o pseudônimo de Serafim Bemol no A Opinião Pública, Pelotas, 01 de julho de 1913. Republicado in MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 75-80.

Semana Centenária. A Opinião Pública, Pelotas, 01-07-1913.

A Centenária. (1913). A Opinião Pública, Pelotas, 07-07-1913.

Ainda pela Centenária. A Opinião Pública, Pelotas, 15-07-1913

Uma trindade científica: Lamarck, Haeckel e Darwin. A Opinião Pública, Pelotas, 09; 15; 18; 25; 29 de janeiro de 1913. Obs.: Publicado sob o pseudônimo de João do Sul. 2ª edição: Diário da Manhã, Pelotas, 29 de agosto; 05 de setembro; 03 e 10 de outubro; 28 de novembro; 05 de dezembro de 1982. In MOREIRA, Ângelo Pires, *Página Simoneana*. 3ª edição: MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 82-99.

A cidade de Pelotas. Apontamentos para alguma monografia para o seu centenário. Anais da Biblioteca Pública Pelotense, ano II, vol. 2, 1905, pp. 103-120.

Mercenário-Herói! Prostituta-Excelsa! 3ª edição: MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 68-69.

Pelotas e a higiene. A Opinião Pública, Pelotas, 21-12-1912.

Pró-Garibaldi. A Opinião Pública, Pelotas, 28-12-1912. 3ª edição: MOREIRA, Ângelo Pires. *A outra face de J. Simões Lopes Neto*. Vol. 1. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983, pp. 70-74. Obs: Assinado com o pseudônimo de João do Sul.

O transporte de gado em pé. A Opinião Pública, Pelotas, 06-11-1902.

2 Manuscritos de João Simões Lopes Neto e outros

Pequena contradita apresentada ao Conselho de Instrução Pública (1907)

Artinha de leitura (1907)

Glória Farroupilha (1909)

Recordações de infância (1907-1910)

Atas da Reunião do Conselho de Instrução Pública (1908)

Atas do Ginásio Pelotense (1914)

3 Acervos consultados

Particulares

Adão Monquelat (Pelotas)

Antônio Ivan Costa (Pelotas).

Caio Oppa (Pelotas)

Cristina Rosa (Pelotas)

Danilo Santos (Alegrete)

Eduardo Arriada (Pelotas)

Etelvino J. Selvacque (Uruguaiana/RS)

Fausto Leitão Domingues (Porto Alegre)

Luís Borges (Pelotas)

Mogar Pagana Xavier (Pelotas)

Pedro Nervo Rios (Rio Grande)

Ramão Costa (Pelotas)

Institucionais

Academia Pelotense de Letras
Academia Sul-Brasileira de Letras (Pelotas/RS)
Arquivo Público de Porto Alegre/RS
Biblioteca Central da PUCRS
Biblioteca Central da UFRGS
Biblioteca Central UCPEL
Biblioteca da Faculdade de Educação/UFPEL
Biblioteca do curso de História/FURG
Biblioteca do Instituto de Artes e Letras/UFPEL
Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas/UFPEL
Biblioteca Filosofia – UFPEL
Biblioteca Nacional/Rio de Janeiro
Biblioteca Pública de Porto Alegre
Biblioteca Pública Pelotense
Biblioteca Rio-Grandense (Rio Grande/RS)
Bispado de Pelotas
Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão/RS
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande de Pelotas/RS
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (Porto Alegre)
Instituto João Simões Lopes Neto (Pelotas)
Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Porto Alegre)
Museu Hipólito José da Costa (Porto Alegre)
Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre)
Núcleo de Documentação Histórica UFPEL
União Gaúcha (Pelotas)

4 Principais periódicos consultados

A Federação (Porto Alegre)
A Opinião Pública (Pelotas)

A Palavra (Pelotas)
 A Pátria (Pelotas)
 A Ventarola (Pelotas)
 Almanaque de Pelotas (Pelotas)
 Correio do Povo (Porto Alegre)
 Correio Mercantil (Pelotas)
 Diário Popular (Pelotas)
 Eco do Sul (Rio Grande)
 Folha da Tarde (Porto Alegre)
 Folha do Instituto João Simões Lopes Neto (Pelotas)
 Província de São Pedro (Porto Alegre)
 Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul (Porto Alegre)
 Revista da Academia Pelotense de Letras (Pelotas)
 Revista da Academia Sul-Brasileira de Letras (Pelotas)
 Revista do Globo (Pelotas)

5 Bibliografia geral

ACTAS. A classe rural resgatando as raízes de sua história. OTERO, Darcy Trilho; HADLER, Elmar (org). Pelotas: Editora Textos, 2008.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *Pelotas*: uma ilha de costumes europeus cercada de penitenciárias escravocratas. A negra força da Princesa. Pelotas: Edição do autor/Sebo Icária, 2008.

ALENCAR, José de. *Benção paterna*. Sonhos d'ouro. São Paulo: Ática, 1981.

ALENCAR, José. *Como e por que sou romancista*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ALMEIDA, Guilherme Pinto de. *O olho do Capitão*. Folha do Instituto João Simões Lopes Neto, ano II, n. 3, pp. 4-5, abril/maio de 2013.

ALMEIDA, Júlia Lopes de; ALMEIDA, Afonso de. *A árvore*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Formação da diplomacia econômica no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2001.

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento. A Geração 1870 e a crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Ângela. *Joaquim Nabuco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Pelotas: Seiva Publicações/UFPEL, 1999.

ANAIS do 1º Congresso Internacional de História e Geografia. Rio de Janeiro, 1981.

ANAIS do Clube Caixeiral de Pelotas. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, s/l, 1929, p. 12.

ANAIS do Clube Caixeiral de Pelotas. Publicado por ocasião do seu cinquentenário em 25 de dezembro de 1929. Livraria do Globo, s/l, 1929.

ANAIS do Colóquio Nacional Letras em diálogo e em contexto: rumos e desafios. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (CD-Room)

ANAIS do II Seminário de estudos simonianos. Pelotas: UFPEL, 2001.

ANAIS do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia. Vol. 4 Porto Alegre: Globo, 1940.

ANAIS do IX Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, Literatura e Memória. Pelotas: Seiva, 2003.

ANAIS do Simpósio Simoniano Lendas do Sul. Travessia do pampa. Pelotas: Educat, 2003.

ANDRADE, Adriano Soares; JAFELICE, Rosana Sueli da Motta. *História do café no Brasil*. FAMAT em Revista, n. 4, pp. 241-253, abr. de 2005.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1990. Tese de doutoramento.

ANDRADE, Manoel Correia de. *As raízes do separatismo no Brasil*. São Paulo: Unesp/Edusc, 1999.

ANTUNES, Claudia Rejane Dornelles. *Geografia do mundo simoniano*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Tese de doutoramento.

ANTUNES, Claudia. *A magia do teatro de João Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S.; MENDES, J. G. *Os bacharéis*. Comédia-opereta. Pelotas/ Porto Alegre: Instituto João Simões Lopes Neto/Copesul, 2005, pp. 13-17.

ANTUNES, Cláudia. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. O exemplo de “O negro Bonifácio”. Porto Alegre: Edipucs, 2003.

ANTUNES, Cláudia. *O reconhecimento em vida de Simões Lopes Neto*. In BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Orgs). *Travessia do pampa*. Fontes e projetos da cultura gaúcha. Porto Alegre: WS Editor, 2003, pp. 165-181.

ARARIPE JUNIOR. *Introdução. Lendas e canções populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

ARARIPE JUNIOR. *Sílvio Romero polemista*. Disponível em <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28920> Acesso: 24-05-2014.

ARAÚJO, Homero. *América Latina: males de origem* (comentário). Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/cdrom/bomfim/comentarios.htm>> Acesso> 10-07-2014.

ARENDT, João Cláudio. *Histórias de um Bruxo Velho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *A escola e a República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *A quase ausente: o machismo na literatura gaúcha*. Correio do Povo, Cadernos de Sábado, Porto Alegre, 16; 23 de fevereiro de 1980.

ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *Macarroni indígena por processo italiano* (Simões Lopes Neto e a inadequação). Ciências e Letras, Porto Alegre, FAPA, n. 15, pp. 31-43, 1995.

ARMANDO, Maria Luíza de Carvalho. *Simões Lopes Neto jornalista: quatro textos descobertos*. Letras de Hoje, Porto Alegre, vol. 25, n. 3, pp. 33-45, set./1990.

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica*. Bauru: Edusc, 2006

ARRIADA, Eduardo. *Almanaques de Pelotas e em todo o estado*. Diário Popular, Pelotas, 25-08-1990.

ARRIADA, Eduardo. *Antigos almanaques do Rio Grande do Sul*. O Liberal, Santa Vitória do Palmar, 10-11-1990.

ARRIADA, Eduardo. *Cartão-postal: um fragmento do passado*. Diário da Manhã, Suplemento DM Cultura, Pelotas, 21-07-1991

ARRIADA, Eduardo. *Do “O Pelotense” ao “Diário Popular” (1851-1890): 39 anos de jornalismo em Pelotas*. Inédito.

ARRIADA, Eduardo. *Educação secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A desoficialização do ensino público*. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2011.

ARRIADA, Eduardo. *Evolução da economia pelotense*. Diário Popular, Caderno 2, Pelotas, 27-08-1988.

ARRIADA, Eduardo. *Pelotas, gênese e desenvolvimento urbano (1708-1935)*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

ARRIADA, Eduardo. *Um ar de opulência: fotos e fotógrafos de Pelotas durante o Império*. Diário Popular, Pelotas, 08-11-1991.

ARRIADA, Eduardo. *Uruguay y Brasil: influencias e aproximaciones em el campo intelectual*. Inédito.

ARRIADA, Eduardo. *Uruguay y Brasil: influencias e aproximaciones em el campo intelectual*. Inédito.

ARRIADA, Eduardo; BORGES, Luís. *Laçando o boi barroso: o caso da atribuição do conto "Olhos de remorso" a João Simões Lopes Neto*. Revista da Academia Sul-Brasileira de Letras. vol. 2, n. 5, pp. 100-118; maio de 2003.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar. *João Simões Lopes Neto - um educador popular ou um popularizador da educação?* In HERZ, Celso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs). *Memórias, diálogos e sonhos do educador. Homenagem a Balduino Antônio Andreola*. Santa Maria, 2005, pp.237-249.

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de, MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina. *Pequeno dicionário de literatura do RS*. Porto Alegre: Novo Século, 1999.

ASSIS, Machado. *Os melhores contos de Machado de Assis*. São Paulo: Atica, 1985.

ATAS da Bibliotheca Pública Pelotense (1906-1914)

ATAS da Loja Maçônica Rio Branco (1890-1915)

ATAS da União Gaúcha, Pelotas. Livro 1 (1889-1903) e Livro 2 (1904-1911)

ATAS do Conselho de Instrução Pública de Porto Alegre, 1908.

ÁVILA, Fernando Bastos de. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. 4ª edição São Paulo: UnB, 1963.

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes nas sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas: Unicamp, 1999.

BARBADINHO NETO, Raimundo. *Sobre a norma literária do Modernismo: subsídios para uma revisão da gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

BARBOSA, Rui. *Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública*. Obras completas. Vol. X, tomo II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARNES, H. E. *The Social Philosophy of Ludwig Gumplowicz: The Struggles of Races and Social Groups*. In: BARNES, H. E. (Ed.). *An Introduction to the history of sociology*. University of Chicago Press, Chicago, pp. 191–206, 1948. Disponível em <http://www.zu.de/deutsch/lehrstuehle/kulturwissenschaften/Gumplowicz_Ludwig.pdf> Acesso: 27-03-2014.

BARRETO, Amaral Antônio. *Prudente de Moraes: uma vida marcada*. São Paulo: I HGSP, 1971.

BARRETO, Célia de Barros. *Ação das sociedades secretas*. História geral da civilização brasileira. Tomo II, 1º vol. São Paulo: Difel, 1976.

BARRETO, Fausto; SOUZA, Vicente de. *Seleção literária de alguns dos principaes escriptores do século XVI ao XIX*. 2ª edição correcta e augmentada. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.

BARRETO, Francisco de Campos. *Carta Pastoral sobre a imprensa*. In LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.

BARRETO, Francisco de Campos. *Mandamento da Legião da Boa Imprensa*. Pelotas, 1913.

BARRETO, Francisco de Campos. *Primeiro lustro da Diocese de Pelotas (1911-1916)*. Pelotas: Meira, 1916.

BARROS. José D'Assumpção. *O projeto de pesquisa em história*. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2005.

BASTOS, Maria Helena Câmara. *Amada pátria idolatrada*: um estudo da obra *Porque me ufano de meu país*, de Affonso Celso (1900). Educar em Revista. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 20, pp. 1-16, 2002.

BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. O.; KLINKE, K. *Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)*. Revista Brasileira de Educação, n. 20, pp. 27-47, maio/jun./ago. 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Um objeto variável e instável*: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, Associação Brasileira de Leitura, FAPESP, 1999, pp. 529-575.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul*. Do romantismo ao modernismo. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

BAVARESCO, Agemir. *Aprender a ser gaúcho*. A salamanca do Jarau, de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

BAVARESCO, Agemir. *O projeto de identidade local, segundo os artigos de fé do gaúcho*. In FÁVERO, Altair Alberto; TROMBETTA, Gerson Luís; RAUBER, Jaime José (Orgs.). Filosofia e racionalidade. *Festschrift* em homenagem aos 45 anos do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo/RS. Passo Fundo: UPF, 2002, pp. 9-23.

BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Orgs). *História, resistência e projeto em Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: WS Editor, 2001.

BAVARESCO, Agemir; BORGES; Luís (Org). *Identidades ameríndias*. Edição comemorativa dos 250 anos de morte de Sepé Tiaraju. Sepé Tiaraju, Lendas Missionárias e Salamanca do Jarau. Porto Alegre: WS Editor, 2006.

BAVARESCO, Agemir; BORGES; Luís (Orgs). *Travessia do pampa*. Fontes e projetos da cultura gaúcha. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: WS Editor, 2003.

BEHAR, Ely. *Vultos do Brasil*. Dicionário bio-bibliográfico brasileiro. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, s/d [1948].

BELCHIOR, E. de Oliveira. *Introdução*. In BERGER, Paulo. O Rio de Janeiro no cartão-postal (1900-1930). Rio de Janeiro: RJOARTE, 1983.

BELCHIOR, Procópio. *Planejamento e elaboração de projetos*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972.

BELLO, José Maria. *História da República (1889-1954)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

BENCHIMOL, J. L. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: SMCTT, 1990.

BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha (Orgs). *A educação cívica e o espírito militar na visão do capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto (1865-1916)*. O gaúcho. Órgão de divulgação das atividades do Instituto de história e tradições do Rio Grande do Sul. Academia de história militar terrestre do Brasil. Delegacia gen. Rinaldo Pereira de Câmara, n. 19, 2003.

BERTERO, Carlos Oscar. *Influências sociológicas em teoria organizacional*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901975000600003&script=sci_arttext> Acesso: 05-06-2014.

BÍBLIA de Estudo Palavra-Chave (Hebraico e Grego). Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BILAC, Olavo. *A Pátria na escola*. In BILAC, Olavo. Últimas conferências e discursos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924, pp. 60-61.

BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

BILAC, Olavo. *O jogo do bicho*. Registro. Crônicas da Belle Époque brasileira. Organização, introdução e notas de Álvaro Santos Simões Jr. Campinas: Unicamp, 2011, pp. 483-484.

BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Organização e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BISPO, Antonio. Katholische Restauration und Musikkultur der Indianer Amazoniens. Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens: Stand und Aufgaben der Forshung IV. Zur Geschichte der Forschung. Anuário Musices Apatatio. Roma/Siegburg, pp. 277-286, 2000/2001.

BLUMER, H. *Symbolic interactionism*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969.

BOLETIM da Grande Oriente do Brazil. Jornal oficial da Maçonaria Brasileira. Publicação mensal, n. 1 a 12, 27ª anno. Março de 1902 a fevereiro de 1903. Rio de Janeiro: Typographia da Papelaria de Alexandre Ribeiro & C., 1902.

BONFIM, Manoel; COELHO NETO. *A terra fluminense*. Educação cívica (livro unanimemente aprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

BONFIM, Manoel. *América Latina, males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BORGES, Luís. *Memorial de Maria Moura e de Blau Nunes*. Diário da Manhã, Pelotas, 24-04- 2008.

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto e a Maçonaria*. Diário Popular, Pelotas, 01-09-2008.

BORGES, Luís. *“Meu querido digno velho” Schlee*. Diário da Manhã, Pelotas, 04-09-2011.

BORGES, Luís. *A fortuna crítica de Simões Lopes Neto nos momentos decisivos da Fase Contemporânea (2003-2011)*. In BUSSOLETTI, Denise (Org.). *Escritas. Narrativas e (po)éticas educativas*. Pelotas: UFPEL, 2012, pp. 241-277.

BORGES, Luís. *A ideologia nacional-cientificista de Simões Lopes Neto e Sílvia Romero [2003]*. Inédito.

BORGES, Luís. *A obra (in)completa de Simões Lopes Neto*. Thema. Revista Científica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, ano 5, n. 1, pp. 7-10, dezembro de 2005.

BORGES, Luís. *A poética do conto de Simões Lopes Neto*. Recepção. Pelotas: FILIN/ISF-UCPEL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2005. Coleção Diga Vancê, 3.

BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos, de J. Simões Lopes Neto*. Pelotas: NEL-IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012. [Coleção Diga Vancê, 5].

BORGES, Luís. *A redescoberta de um discurso centenário, síntese do pensamento político-pedagógico-cultural de João Simões Lopes Neto*. Diário da Manhã, Pelotas, (Parte I), 11-09-2011; Conclusão, 18-09-2011.

BORGES, Luís. *Além fronteiras: o empreendedor João Simões Lopes Neto*. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo19.htm>> Acesso: 16-01-2012.

BORGES, Luís. *Antônio de Mariz e sua recepção dos Contos Gauchescos*. Diário da Manhã, 23-01-2014.

BORGES, Luís. *Antônio Gomes da Silva*. Jornalista, causídico, dramaturgo, poeta e militante anticlerical. Pelotas, 2011. Inédito.

BORGES, Luís. *Breviário da prosa romanesca em Pelotas*. Vol. 1. Subsídios para uma história literária. Século XIX. Síntese crítica e histórica para uso escolar. Pelotas: JC Alfarrábios, 2007.

BORGES, Luís. *Centenários Simonianos 2013*. Série de 14 artigos publicados no Diário da Manhã, Pelotas, entre 05-05-2013 e 18-05-2014.

BORGES, Luís. *Dicionário de escritores pelotenses*. [2008] Inédito.

BORGES, Luís. *Existe um cânone literário pelotense?* O Mundo das Letras. Órgão da Academia Pelotense de Letras. Ano 4, n.37, p.4, agosto de 2004.

BORGES, Luís. *Flávio Loureiro Chaves – resumo da palestra “Simões Lopes Neto: quando a literatura escreve a história”*. Disponível em <http://centenariocontosgauchescos.blogspot.com.br/2012/05/analise-da-palestra-de-flavio-loureiro.html>> Acesso: 18-05-2012.

BORGES, Luís. *Forjando um cânone literário pelotense*. Diário da Manhã, Pelotas, 15-02-2006;(Parte 1); (Conclusão), 16-02-2006.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto em Jaguarão*. Inédito, 2011.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Recepção. Pelotas: NEL-Cefet/JC Alfarrábios, 2008. Coleção Diga Vancê, 2.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto, verdadeiro “saco de espantos”!* Revista da Academia Pelotense de Letras, v. 3, n. 2, pp. 54-71, 2007.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto*. In SAPPER, Ângela Treptow;

BARCELLOS, Álvaro; CORRÊA, Gilnei; BORGES, Luís. Quatro por Quatro. Pelotas: UFPel, 2005, pp. 44-57.

BORGES, Luís. *João Simões Lopes Neto: um canônico na fímbria do cânone*. Thema. Revista Científica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, ano 4, n. 1, pp. 11-20, 2003.

BORGES, Luís. *Memórias póstumas do Dr. Arendt*. Panfleto sincero de recepção de um livro sobre Simões Lopes Neto. Pelotas: NEL/CEFET-RS Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2005. Coleção Diga Vancê, 1.

BORGES, Luís. *O aniversário do tio Joca*. Diário da Manhã, Pelotas, 09-03-2000.

BORGES, Luís. *O civismo em Simões Lopes Neto, Olavo Bilac e Coelho Neto*. [2003]. Inédito.

BORGES, Luís. *O curandeirismo e a medicina científica numa leitura de “A mandinga”, de João Simões Lopes Neto*. [2007]. Inédito.

BORGES, Luís. *O folclore e a ficção como artifício didático-pedagógico em Simões Lopes Neto*. In BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Orgs.). *Identidades ameríndias*. Porto Alegre: EST, 2006, pp. 12-18.

BORGES, Luís. *O milagre de Natal em Lígia Fagundes Teles e Simões Lopes Neto*. In BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Orgs.). *Travessia do pampa. Fontes e projetos da cultura gaúcha*. Porto Alegre: WS Editor, 2003, pp. 144-164.

BORGES, Luís. *O político João Simões*. In BORGES, Luís. *Trocando orelhas*. Porto Alegre: Edigal, 2003, pp. 60-65.

BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 2009.

BORGES, Luís. *Para uma história da prosa romanesca em Pelotas no século XIX*. Diário da Manhã, Pelotas, 01-03-2007.

BORGES, Luís. *Quem foi Sílvio Júlio?* Diário da Manhã, Pelotas, 17-07-2006.

BORGES, Luís. *Revista do 1º centenário de Pelotas*. Uma visão retrospectiva e prospectiva. In RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas”. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012, pp. 69-83.

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto foi reconhecido em vida, obtendo projeção nacional?* [2006] Inédito

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto poeta*. [2006] Inédito

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto publicitário*. Pelotas, 2011. Inédito.

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto, a Literatura e a Filosofia*. [2006] Inédito.

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto, uma biografia*. Recepção. Pelotas: NEL/Cefet-RS; JC Alfarrábios, 2008. Coleção Diga Vancê, 2.

BORGES, Luís. *Tópicos sobre as mudanças sociais proporcionadas pela invenção da fotografia e do cinema*. Filosofia da tecnologia. Apostila para o Programa Especial de Formação Pedagógica/CEFET-RS, 2006.

BORGES, Luís. *Um discurso centenário olvidado, síntese do pensamento político-pedagógico-cultural de João Simões Lopes Neto*. Diário da Manhã, Pelotas, (1ª parte), 11-11-2011; Conclusão, 18-09-2011.

BORGES, Luís. *Um militar à sombra do umbu*. Dados biográficos, obra e ideias de João Cezimbra Jacques (1849-1922). Inédito, 2002.

BORGES, Luís. *Uma teoria sobre o Cancioneiro Guasca*. O Mundo das Letras. Órgão de divulgação da academia Pelotense de Letras, Pelotas, ano X, n. 103,

BORGES, Ricardo. *Vultos notáveis do Pará*. Belém: CEC, 1980.

BORGES, Luís. *Simões Lopes Neto, a França e a Ditadura Militar*. Diário da Manhã, Pelotas, 06-07-2014.

BORGES, Luís. *Uma primeira dama dos estudos simonianos*. Diário da Manhã, Pelotas, 25-05-2014.

BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. 4ª edição. São Paulo: Cultrix, 1973.

BRAUNER, Flora Osório. *A estrutura da comparação nos Contos gauchescos, de Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: PUCRS, 1981. Dissertação de mestrado.

BRAZ, Evaldo Muñoz. *Manifesto gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

BRESCIANI, Maria Stella *et alii* (Org.). *historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella M. *O cidadão da República: Liberalismo versus Positivismo no Brasil (1870-1900)*. Revista USP, São Paulo, vol. 17, pp. 122-135, mar./abr./mai. 1993.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas*. Vida literária do Realismo ao Pré-modernismo. Organizador Luiz Dantas. Campinas: Unicamp, 1991.

BUBLITZ, Juliana; CORRÊA, Sílvia Marcus de S. *O desmatamento civilizatório*, Zero Hora, Porto Alegre, 18-12-2004.

BUCHHOLZ, Arden. *Moltke and the German Wars (1864-1871)*, Palgrave Macmillan, 2001.

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. *Indústrias de ponta: uma história da industrialização no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fiergs/Ciergs, 2009.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Unesp, 1991.

CAMARGO, Elizabeth de Almeida Silveira Pompêo de. *A poesia do corpo: a defesa de uma moral austera*. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302006000100002&script=sci_arttext
Acesso: 12-06-2014

CAMPOS, Maria do Carmo; D'AZEVEDO, Martha Geralda Alves. *Protásio Alves e o seu tempo (1859 – 1933)*. Porto Alegre: Já Editores, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 6ª. edição. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Unicamp/IE, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Livros que inventaram o Brasil*. Novos Estudos Cebrap. São Paulo: Cebrap (37), 1993.

CARONE, Edgar. *A evolução industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2001.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

CARREIRAS, J. Seabra. *Conflitos entre a Igreja e a Maçonaria em Portugal*. Lisboa, s/d.

CARRION, Rejane. *A ideologia médico-social no sistema de A. Comte*. Porto Alegre: Cadernos do IFCG/ UFRGS, 1997.

CARULA, Caroline. *O darwinismo nas conferências populares da Glória*. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 28, n. 56, pp. 349-370, 2008.

CARVALHO, Antônio Fernando de Bulhões; REBELO, Marques. *O Rio de Janeiro do Bota-Abaixo*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média*. Pontos e Bordados. Escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: teatro de sombras*. Rio de Janeiro: Editora da UFF/ Relume-Damará, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador*. In FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. Tomo III, vol. 2. Sociedade e instituições (1899-1930). 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, 181-256.

CARVALHO, José Murilo de. *Educação e cidadania*. In VELLOSO, João Paulo dos Reis. *O Brasil e o mundo no limiar do Novo Século*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Briguier, 1949.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

CASSEL, C.; SYMON, C (Eds.). *Qualitative methods in organizational research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994;

CASTELO, José Aderaldo. *O projeto de literatura nacional de Alencar*. Separata do Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, n. 38, jul./dez., 1977.

CASTRO, Celso. *Os militares e a República*. Um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CASTRO, Jeanne Berrance de. *A Guarda Nacional*. In HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, vol. 4. 6ª edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

CAVALHEIRO, Maria Thereza (Org.). *Antologia brasileira da árvore*. São Paulo: Editora Bartira, 1960.

CAVAZOTTI, Maria Auxiliadora. *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*. São Paulo: Annablume, 2003.

CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <http://edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=915&Itemid=2> Acesso: 23-06-2014.

CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. 10ª edição revista. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. *Metodologia científica para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Mcgraw-Hill do Brasil, 1978.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CÉSAR, Guilhermino. *Monteiro Lobato e o Modernismo brasileiro*. In ZILBERMAN, Regina (org.). *Atualidade de Monteiro Lobato. Uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, pp. 33-40.

CÉSAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*. Literatura. Organização e introdução de Tânia Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1994.

CÉSAR, Guilhermino. *Os bons negócios do capitão João Simões*. Correio do Povo, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 15-06-1974.

CHAHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHASSOT, Ana Maria de Moraes. *Um pioneiro da ecologia*. In ZAVASCHI, Olyr. Túnel do tempo. Zero Hora, Porto Alegre, 06-11-2008.

CHAVES, Flávio Loureiro. *A cinza e a semente*. Regionalismo e ficção de João Simões Lopes Neto. São Paulo: USP, 1980. Tese de doutoramento.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Disponível em <<http://www.paginadogaucha.com.br/escr/lopesneto.htm>> Acesso em 12-03-2011.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto*. 2ª edição revista. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 2001.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões na trilha de Blau*. In CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção. Ensaio de literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, pp.35-48.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CHIAPPINI, Lígia. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*. Ponto de Vista, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, pp. 153-159, 1995.

CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos*. Literatura e história em J. Simões Lopes Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e modernismo: o “caso” gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.

CHIAPPINI, Lígia. *Simões Lopes Neto, um poeta da imensidão*. Nonada, v. 2, n. 19, 2012. Disponível em <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/view/597>> Acesso: 04-02-2013.

CHIAPPINI, Lúgia. *Trajetória de uma pesquisadora apaixonada*, in MATTOS, Mário (Org.). *Anais do II Seminário de Estudos Simonianos*. Pelotas: UFPEL, 2001, pp.161-197.

CHIAPPINI, Lúgia. *Velha praga? Regionalismo literário no Brasil*. In PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura, cultura*. São Paulo: Unicamp, 1994.

CHIAPPINI, Lúgia; MARTINS, Maria Helena (Orgs). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CHOPPIN, Alain. *O manual escolar: uma falsa evidência histórica*. *História da Educação*, vol. 13, n. 27, Pelotas, pp. 9-76, jan./abr. 2009.

CIDADE, Francisco de Paula. *Cadetes e alunos militares através dos tempos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

CIRNE, Max. *Retorno inédito de Simões*. *Diário Popular*, 21-03-2013.

CIVITA, Victor. *Dicionário biográfico dos grandes brasileiros*. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CLOUGH, Shepard B.; MOODIE, Carol G. *European economic history: documents and readings*, 1965.

COELHO NETO, Paulo. *Coelho Neto e os esportes*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1964.

COELHO NETO, Paulo. *Coelho Neto, uma biografia para a juventude*. Rio de Janeiro: Minerva, 1964.

COELHO NETO. *O meu dia*. Porto/Portugal: Livraria Chardron, 1922.

COELHO NETO. *Páginas escolhidas*. Organizadas por Paulo Coelho Neto. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945.

COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: O Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COELHO, Maricilde. *Proclamar cidadãos: moral e civismo nas escolas públicas paraenses (1890-1910)*. São Paulo: USP, 2004. Dissertação de mestrado.

COGOY, Carlos, *Instituto Simões Lopes relança coleção de postais "Brasília"*. Diário da Manhã, Pelotas, 28-04-2006.

COGOY, Carlos. *Dicas de cultura*. Diário da Manhã, Pelotas, 14-08-2003.

COHEN, M. R.; NAGEL, E. *An introduction to logic and scientific method*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc., 1934.

CONCEIÇÃO, Kátia Cilene Silva Santos. *A personagem feminina na obra de Simões Lopes Neto: uma releitura do mito de Lilith*. Rio Grande: FURG, 2007. Mestrado em Literatura.

COOPER, Donald B. *Brazil's Long Fight Against Epidemic Disease (1849-1917)*, Bulletin of New York Academy of Medicine, vol. 51, n. 5, pp.680-684, mai. 1975.

CORDEIRO, Andréia. *Memória, nação e escolarização: a apologia à memória nacional em "Poesias Infantis" (1904) de Olavo Bilac*. I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa – UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em <<http://www.historiaeditorial.pro.br/pdf/andreabezerracordeiro.pdf>> Acesso: 25-01-2011.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 3ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. Momentos decisivos. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSTA, J. Cruz. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

COSTA, J. Cruz. *Positivismo na República*. São Paulo: 1956.

COSTA, Januário Coelho da. *Contos gauchescos*. Diário Popular, Pelotas, 02-11-1912. Republicado na íntegra in BORGES, Luís. *A primeira manifestação crítica sobre Contos Gauchescos*. Pelotas: NEL/IFSUL; Confraria Cultural e Científica Prometheu, 2012, pp. 133-144.

COSTA, Ramão. *Trezentas...onças?* Jornal da 36ª. Feira do Livro de Pelotas/ Marambaia, n. 0, Pelotas, outubro de 2008..

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3ª edição. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 Vol.. 2ª edição revista, ampliada e atualizada. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001.

COUTINHO, Frederico dos Reis (seleção, prefácio e notas bibliográficas). 3ª edição. *As mais belas poesias patrióticas de exaltação do Brasil*. Antologia. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1954.

COUTY, Louis. *L 'Esclavage au Brésil*. Paris: Librairie de Guillaumin et Cie. Editeurs, 1881.

COUTY, Louis. *O Brasil em 1884: Esboços sociológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Brasília: Senado Federal, 1984.

CRAIG, J. Calhoun (ed.). *Robert K. Merton: sociology of science and sociology as Science*. Columbia University Press, New York, 2010.

CRIPA, Adolfo (coord.). *As ideias políticas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1979.

CRUZ, Cláudio (Org.). *Simões Lopes Neto*. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17. Porto Alegre: Unidade Editorial/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1999.

CRUZ, Estevão. *Antologia da língua portuguesa*. 5ª edição. Porto Alegre: Globo, 1942.

CRUZ, Milton da. *Pequenos discursos cívicos (1914-1917)*. 2ª edição. Cachoeira/RS: Sul Brasil, 1913.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ensino Religioso e Escola Pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil*. Educação em Revista. Belo Horizonte, Faculdade de Educação/UFMG, n. 17, pp. 20-37, jun. 1993.

DAMASCENO, Athos. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

DAMATA, Roberto. *Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente atualidade brasileira*. In SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: Edipucs, 2004, pp. 19-30.

DANTAS, Nataniel. *Um patrono injustamente esquecido*. Revista brasileira de Educação Física e Desportos, ano 12, n. 53, pp. 27-29, dezembro/janeiro de 1984.

DEL CONT, Valdeir. *Francis Galton: eugenia e hereditariedade*. Scientiæ Studia, São Paulo, v. 6, n. 2, pp. 201-18, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04>> Acesso: 13-02-2010.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 1996.

DELAMARE, A. *As duas bandeiras* (Catolicismo e brasilidade). Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. [Cópia xerográfica]

DENNETT, Daniel. *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994;

DIAS, Ana Cláudia. *O Simões desconhecido*. Diário Popular, Pelotas, 31-01-2012.

DIAS, Ana Cláudia. *A história de Pelotas em cartões postais*. Diário Popular, Pelotas, 13-02-2003.

DIAS, Ana Cláudia. *Espelho universal*. Diário Popular, Pelotas, 12-04-2012.

DIAS, Jorge de Figueiredo; ANDRADE, Manuel da Costa. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora, 1997.

DIENSTAG, Josua Foa. *Pessimism: philosophy, ethic, spirit*. Princeton University Press, 2006.

DIMAS, Antônio. *tempos eufóricos: análise da REvista Kosmos (1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto, uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003.

DINIZ, Carlos Sica. *A Coleção Brasileira*. Diário da Manhã, Pelotas, 24-11-1996.

DINIZ, Carlos. *A confraria do Capitão e o painel farroupilha*, Diário Popular, Pelotas, 17-05-2003.

DINIZ, Carlos. *Á frente de seu tempo*. In LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha – Histórias de infância*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 199-204.

DINIZ, Carlos. *Simões Lopes Neto jornalista*. In MATTOS, Mário (Org.). *II Seminário de Estudos Simonianos*. Pelotas: UFPEL, 2001, pp. 33-53.

DOM FRANCISCO Barreto. *Centenário de nascimento (28/03/1877-28/03/1977)*. Florianópolis: UFSC, 1977.

DOMINGUES, Fausto José Leitão. *Alguns centenários e uma reedição*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-05-2006.

DOMINGUES, Fausto José Leitão. *Carlos Rverbel, amigo de João Simões Lopes Neto* (1ª Parte). Diário da Manhã, Pelotas, 01-09-2012; (2ª Parte), Diário da Manhã, Pelotas, 08-09-2012; (3ª Parte), Diário da Manhã, Pelotas, 15-09-2012.

DOMINGUES, Fausto José Leitão. *O arquivo de João Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S. *Artinha de Leitura*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 205-211.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; GLICK, Thomas (Orgs.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DUARTE, Márcia Lopes. *Literatura e identidade na América Latina: dois casos paradigmáticos. Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Dissertação de mestrado.

DUARTE, Paulo César Borges. *A fundação e os objetivos dos Clubes Caixeirais no Rio Grande do Sul (1870 a 1890)*. História em Revista, vol. 6, pp. 97-114, dez. 2000.

DUPAS, G. *O mito do progresso: ou progresso como ideologia*. São Paulo, UNESP, 2006.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República*. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DUVAL, Paulo. *Coelho Neto em Pelotas*. Diário Popular, Pelotas, 25-12-1968.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

ENCICLOPÉDIA Rio-grandense. 5 Vol. Canoas: Editora Regional, 1957.

ENCYCLOPAEDIA Britannica (11ª edição) Volume XXVII. New York: Encyclopædia Britannica. p. 498. Disponível em <http://www.archive.org/stream/encyclopaediabri27chisrich#page/498/mode/2up> Acesso: 15-03-2012.

ESTATUTOS do Clube Caixeiral de Pelotas. Aprovados em sessão de assembléia geral de 21 e 28 de julho de 1895. Pelotas: Oficina a vapor da Livraria Americana de Carlos Pinto & Cia., 1895.

EUMORI, Celso Noburu. *Dominação e consentimento em “A América Latina: males de origem” de Manoel Bonfim*. História em Revista, Pelotas, pp. 81-100, n. 14, dez. de 2008.

EYFERTH, Giralda. *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. Anuário Antropológico /93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FABRIS, Annateresa. *O cenário e o espaço de trabalho: representações da modernidade na produção cultural brasileira (1900-1922)*. Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo, vol. 50, n. 14, pp. 7-22, jan./abr. 1992.

FAÉ, Geneviève. *A mulher em Simões Lopes Neto e Jorge Luís Borges. Uma ausência presente?* Caxias do Sul: UCS, 2011. Dissertação de mestrado.

FALCON, Francisco José Calazans. *História cultural e história da educação*. Revista brasileira de educação. Vol. 11, n. 32, nov. 2006.

FAORO, Raimundo. *A Questão Nacional: a modernização*. Estudos Avançados, São Paulo, USP, vol. 6, n. 14, pp. 7-22, jan./abr. 1992.

FAORO, Raymundo. *Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto*. In TARGA (org.) *Breve itinerário de temas do sul*. Porto Alegre; Lajeado:UFRGS, FEE;UNIVATES, 1998.

FAR, Alessandra El. *Livros para todos os bolsos e gostos*. In ABREU, Márcia; SCHAPOCHINIK (Orgs). *Cultura letrada no Brasil. objetos e práticas*. São Paulo: Mercado das Letras, Associação Brasileira de Leitura, FAPESP, 2005, pp. 329-341.

FARIA, Gentil Luiz de. *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo: Pannartz, 1988

FÁVERO, Osmar (org.). *A educação nas constituintes brasileiras (1823-1998)*. 2ª edição. Campinas/ SP: Autores Associados, 2001.

FAZENDA, Ivani. *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

FEIX, Daniel. *Novas páginas do velho Simões*. Zero Hora, Porto Alegre, 20-03-2013;

FEIX, Daniel. *Simões inédito*. Zero Hora, Porto Alegre, 08-02-2012.

FELIZARDO, J. J. *História nova da República Velha: do Manifesto de 1870 à revolução de 1930*. Petrópolis: Vozes, 1980.

FERRARO, Alceu. *Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?* Educação & Sociedade, vol. 23, Campinas, dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/SO101-73302008100003>> Acesso: 02-03-2012.

FERREIRA, Luís Otávio. *Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843)*. História, ciência, saúde. Manguinhos, vol. 6, n. 2, 1999.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas “Estado da arte”*. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=scl_arttext&pid=SO101-73302002000300013> Acesso: 23-05-2011,

FILIPOUSKI, Ana; NUNES, Luiz Arthur; BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira. Uma abordagem estruturalista*. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1973.

FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES NETO, J. S. Terra Gaúcha – Histórias de infância. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 213-250.

FICHER, L. A. “S. Paulo que manda em nós “. Para fazer diferença

FISCHER, Luís Augusto. *Contexto e natureza de Terra Gaúcha*. In LOPES FISCHER, Luís Augusto. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto In LOPES NETO, J. S. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Introdução, fixação de texto e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: L&PM, 2012, pp. 23-38.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura gaúcha*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FISCHER, Luís Augusto. *Para fazer diferença*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

FISCHER, Luís Augusto. *Simões Lopes Neto lá*. Zero Hora, Porto Alegre, 09-04-2013.

FISCHER, Luís Augusto. *Uma pequena história do texto*. In LOPES NETO, J. S. Artinha de leitura. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 185-194.

FISCHER, Luís Augusto. “*São Paulo que manda em nós*”. In FISCHER, L. A. “*Para fazer diferença*”. PA: ... ofícios, 1998, pp. ...

FONTOURA, Amaral. *Calendário cívico*. 2º semestre. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1967.

FRANCA, Leonel. *Noções de história da filosofia*. 24ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FREITAS, Manuel Serafim Gomes de. *Alocução proferida por ocasião da romaria ao túmulo de João Simões Lopes Neto*, 02-11-1916. Pátria Nova. Publicação do Tiro 31. Pelotas/RS, novembro de 1916.

FREYRE Gilberto. *Informação, comunicação e cartão-postal*. Alhos e bugalhos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

FRITZEN, Celdon. *A pedagogia social da Geração de 1870: literatura e infância*. In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir (Orgs.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas/SP: Papirus, 2007, pp. 91-107.

FUNARI, Pedro Paulo. *Fontes arqueológicas*. O historiador e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

FURET, François. *A oficina da história*. Vol. 1. Lisboa: Gradiva, 1991.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. "São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

GALLI-GRANDI, A. D. *História da Igreja*. Lisboa: Edições Paulistas, 1964.

GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

GARCEZ, Pedro de Moraes. *Da Artinha de leitura de Simões Lopes Neto*. In LOPES NETO, J. S. *Artinha da leitura*. Edição de Luís Augusto Fischer. Caxias do Sul: Belas Letras, 2013, pp. 159-178.

GARCIA, Sônia Tavares; LONER, Beatriz Ana. *Relação de jornais existentes na Biblioteca Pública Pelotense*. História em Revista. Dossiê historiografia. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica ICH/UFPEL, pp. 133-164, dez. 2000.

GEBARA, Ademir; MARTINS, H. et alii. *História regional: uma discussão*. Campinas/ SP: Unicamp, 1987.

GHISOLFI, Alda Maria do Couto. *Simões Lopes Neto e Alcides Maya: a desmitificação do gaúcho*. Porto Alegre: PUCRS, 1979. Dissertação de mestrado.

GIBELLINI, R. *Teologia do século XX*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2002.

GIL, Lorena Almeida. *Mal do século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS), 1890-1930*. Pelotas: Educat, 2007.

GIL. Chronica. Kosmos. Revista artística, científica e litterária. Rio de Janeiro, ano I, n. 6, junho de 1904.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. *70 anos do sorteio militar*. A Defesa Nacional, n. 729, pp. 120-139, jul/ ago. 1987.

GLASER, B. & STRAUSS, A. *Time for dying*. Chicago: Aldine, 1968.

GLASSER, B.; STRAUSS, A. *The Discovery of Grounded Theory*. Chicago: Aldine, 1967.

GOLDONI, Aline Cordeiro. *Estabelecendo a ordem: a formação da Guarda Nacional e sua importância na manutenção da ordem interna durante a guerra com o Paraguai (1864-1870)*. Revista do Departamento de História e Ciências Sociais da UFG, Campus Catalão, v. 12, n. 2, pp. 48-71, jul./dez. 2012.

GOMES, Ângela de Castro. *A escola republicana: entre luzes e sombras*. In: GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena, et. al. (Coord.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

GOMES, Arilson dos Santos. *Joaquim Nabuco: o visionário político das ações de inclusão social (1849-1910)*. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2010.

GOMES, Manuel. *A maçonaria na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Aurora, 1975.

GONÇALVES, Vera Teresa Valdemarin. *O liberalismo demiurgo*. Estudo sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa. São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 1994. Tese de doutoramento.

GONDRA, José. *Sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX*. Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, vol. 26, n. 1, 2000. Disponível em<<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27835>> Acesso: 03-05-2011.

GONZAGA, Sergius. *As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura*. In DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, pp. 113-132.

GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 12^a ed., revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado aberto, 1995.

GOODE, W.; Hatt, P. K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

GRAWITZ, Madeleine. *Métodos y técnicas de las ciencias sociales*. Barcelona: Hispano Europea, 1977.

GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

GUEDES, Francisco de Paula Bermudez, *João Simões Lopes Neto e seus empreendimentos*. Diário da Manhã, Pelotas, 01-07-2012.

GUIMARÃES, Álvaro. *A história através do Diário Popular*. Diário Popular, pp. 6-22, Pelotas, 27-08-2007.

GUIMARÃES, Álvaro. *Senhores do charque*. Parte I, II e III. Diário Popular, Pelotas, 05, 06. 07 de julho de 2007.

GUIMARÃES, Álvaro. *Simões Lopes Neto e os segredos das primeiras letras*. Diário Popular, Pelotas, 29-11-2008.

GUIMARÃES, Álvaro. *Tesouro perdido de Simões Lopes Neto encontrado*. Zero Hora, Porto Alegre, 06-11-2008.

HABERLY, D. T. *Three Sad Races: racial identity and national consciousness in brazilian literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HADDAD, Jamil Almansur (seleção e introdução). *História poética do Brasil*. História do Brasil narrada pelos poetas. São Paulo: Editorial Letras Brasileiras, s/d..

HAECKEL, Ernest. *Religião e evolução*. Porto: Lelo & Irmão, 1908.

HALASZ, Nicholas. *O julgamento do capitão Dreyfus*. São Paulo: Editora Prometeu, 1958.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua história. São Paulo: T. A . Queiroz Editor/ USP, 1985.

HAMAISTER, Arthur. *Saudade*. A Opinião Pública, Pelotas, 13-07-1916.

HARDMAN, Francisco. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções (1789-1848)*. 23ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2008.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismos de 1870: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFSTADTER, Richard. *Social Darwinism in American Thought (1860-1915)*. Beacon Press, 1992.

HOHLFELDT, Antônio. *O gaúcho: tipo social de tríplice representação*. In CHIAPPINI, Lúgia; MARTINS, Maria Helena (Orgs). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006, pp. 19-71.

HOHLFELDT, Antônio. *A história gaúcha em três lendas de J. S. Lopes Neto*. In HOHLFELDT, Antônio. *Literatura e vida social*. Porto Alegre: UFRGS, 1996, pp. 35-50.

HOHLFELDT, Antônio. *Conto brasileiro contemporâneo*. 2ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

HOHLFELDT, Antônio. *Deus escreve direito por linhas tortas*. O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: Edipucs, 2003.

HOHLFELDT, Antônio. *O gaúcho: ficção e realidade*. Rio de Janeiro/Brasília: Edições Antares/INL, 1982.

HOHLFELDT, Antônio. *Procedimentos dramáticos nas comédias de João Simões*. In CRUZ, Claudio (Org.). Simões Lopes Neto. Cadernos Porto & Vírgula, n. 17. Porto alegre: Unidade Editorial/Prefeitura Municipal, pp. 63-77.

HOHLFELDT, Antônio. *Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Tchê/RBS, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 21ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

INÉDITOS a caminho. Entrevista de Luís Augusto Fischer concedida ao jornal Extra Classe, Porto Alegre, p. 25, jul./2012.

JACQUES, Maíza. *Aspectos históricos e antropológicos da lenda da Salamanca do Jarau*. Porto Alegre: PUCRS. Monografia de conclusão em História.

JOÃO Simões Lopes Neto, nosso irmão. Delta, n. 53, p. 9, janeiro / fevereiro de 2008.

JOFFILY, José. *O caso Panther*. São PAULO: Paz e Terra, 1988.

JÚLIO, Sílvio. *Estudos gauchescos de literatura e folclore*. Natal: Clube Internacional de Folclore, 1953.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KAPLAN, ABRAHAM; GOLDSSEN, Joseph. *A confiabilidade das categorias de análise de conteúdo*. In LASSWELL, Harold *et. alii*. *A linguagem da política*. Brasília: UNB, 1979, pp. 91-121.

KERLINGER, Fred. *Metodologia em ciências sociais: um tratamento conceitual*. São Paulo: EPU/Edusp, 1979.

KLEIN, Geane Valeska da Cunha. *Narrativas de galpão: enunciações emergentes da subjetividade gaúcha*. São José/SC: UFSC, 2000. Dissertação de mestrado.

KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro (1857-1967)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

KREMER, Flávio. *Coleção Brasileira* (1ª parte). Diário da Manhã, Pelotas, 29-03-2009.

KREMER, Flávio. *Livraria Americana e seus cartões postais*. Diário da Manhã, Pelotas, 03-05-2009.

KRUG, Guilhermina; CARVALHO, Nelly Rezende. *Letras Rio-grandenses*. Porto Alegre: Globo, 1935.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2003, pp. 154-162.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *O preço da leitura*. Leis e números por trás das letras. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2000.

LATOUR, Bruno. *Pasteur e Pouchet:: heterogênesse da história das ciências*. In SERRES, Michel (Ed.). *Elementos para uma história das ciências*. Lisboa: Terramar, 1996, pp. 49 – 76

LAUFER, Frederico. *A Igreja Católica de 1912 a 1957*. Enciclopédia Rio-grandense. Vol. 4. Canoas: Editora Regional, 1957.

LAYTANO, Dante de. *Manual de fontes bibliográficas para o estudo geral da história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1979.

LAYTANO, Dante de. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: EST, 1981.

LEON, Zênia de. *João Simões Lopes Neto e a Centenária*. Diário Popular, Pelotas, 07-07-1988.

LEON, Zênia de. *João Simões Lopes Neto na Academia de Letras*. Diário Popular, Pelotas, 04-02-2006.

LEON, Zênia de. *O civismo na vida e na obra de Simões Lopes Neto*. In BAVARESCO, Agemir; BORGES, Luís (Org). *Travessia do pampa. Fontes e projetos da cultura gaúcha. Simões Lopes Neto: Anais do Simpósio Simoniano Lendas do Sul*. Pelotas/ Porto Alegre: Educat / WS Editor, 2003, pp. 199-215.

LEON, Zênia de. *Os bondes em Pelotas - A novidade no Rio Grande do Sul*. Disponível em <<http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo22> Acesso: 02-05-2012

LESSA, Barbosa. *Nativismo, um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LEWENS, T. *Darwin*. Londres/ New York: Routledge, 2007.

LIEGE, Cassio; MORAN, Paula. *Os inéditos de João Simões Lopes Neto*. Folha do Instituto João Simões Lopes Neto, Pelotas, ano 2, n. 2, pp. 4-5, fev./mar. 2013.

LIMA, Christini Roman de. *As mulheres e a Rosa dos Tesouros: a caracterização das personagens femininas em Simões Lopes Neto*. Disponível em <<http://www.bing.com/search?q=as+mulhres+e+a+rosa+dos+tesouros&qsn&form=QBRE&pq=as+mulhres+e+a+rosa+dos+tesouros&sc=011&sp=1&sk=&cvid=50cb c146f8b04f8f8b13338270f5eac3>> Acesso: 11-07-2014.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LIMA, Otávio Augusto. *A imagem e o movimento na obra de João Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: UFRGS/DAD, 2002. Monografia de especialização.

LIMA, Silvio C. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870 – 1890)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. COC – Fiocruz, 2005. Dissertação de mestrado.

LIMA. Alcides de Mendonça Lima. *Simões Lopes Neto, uma grande pequena vida*. Correio do Povo. Suplemento “Letras e Livros”. Porto Alegre, 27-03-1982.

LINHARES, Marcelo. *A maçonaria e o modelo político brasileiro*. In História política da Maçonaria. Anais do 1º Congresso Internacional de História e Geografia. Rio de Janeiro, 1981.

LLOPIS, Rosana. *As leituras de José Veríssimo de Mattos*. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo06/Rosana%20Llopis%20-%20Texto.pdf>> Acesso: 02-02-2011.

LONER, B. A.; GIL, L. A.; MAGALHÃES, M. O. *Dicionário de história de Pelotas*. Pelotas: UFPEL, 2010.

LONER, Beatriz Ana. *Abolicionismo e imprensa em Pelotas*. In ALVES, Francisco Neves (org.). *Imprensa, história, literatura e informação*. Anais do Congresso Internacional de Estudos Históricos. Rio Grande: FURG, 2007.

LONER, Beatriz Ana. *Autores pelotenses no Império*. In COSSON, Rildo (org.). *O presente e o futuro das Letras*. Anais do Colóquio 2000 Palavras. Pelotas: Programa de Pós-Graduação em Letras / UFPel, 2000, pp. 181-191.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: UFPEL; Unitrabalho, 2001.

LUCA, Tânia de. *História dos, nos e por meios dos periódicos*. In PINSKY, Carla (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Cortez, 2005, pp. 111-153.

LUCAS, M. A. O. F.; MACHADO, M. C. G. *A influência do pensamento de Herbert Spencer em Rui Barbosa: a ciência na criação da escola pública brasileira*. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, vol. 7, n. 2, 2003.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. *O debate entre utilitaristas e humanistas sobre o conteúdo da escola pública no final do século XIX*. Maringá, UEM, 1999. Dissertação de mestrado.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro*, Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1973.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras*. *Sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1900)*. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.

MACHADO NETTO, Luiz Antônio. *História das ideias jurídicas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1969.

MACHADO, Antônio Alcântara. *Cavaquinho e saxofone*. São Paulo: Edição Roseli Lopes, s/d,

MACHADO, Antônio Alcântara. *Tiro de Guerra Nº 35*. Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China. São Paulo: Edição de Roseli Lopes, s/d.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Rui Barbosa: pensamento e ação: uma análise do projeto modernizador para a sociedade brasileira com base na questão educacional*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MACHADO, Propício da Silveira. *O gaúcho na história e na linguística*. Porto Alegre: Editora Palotti, 1966.

MACHADO, R. et al. *Da(n)ação da norma*. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACIEL, Fabrício. *O Brasil moderno de Joaquim Nabuco*. Revista Esboços, Florianópolis, vol.13, n. 15, 2006. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/242>> Acesso: 05-05-2012.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1978.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

MAGALHÃES, Mário Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 3ª edição. Revista e ampliada. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Os passeios da cidade antiga*. Pelotas: Armazém Literário, 1994, pp. 109-110.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Pelotas Agrícola e Pastoril*. História da Associação Rural. Pelotas: Armazém Literário, 1998.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Primeira consagração*. Diário Popular, Pelotas, 24/25-12-2006.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Simões Lopes Neto e Pelotas*: influência da cidade na obra de seu maior escritor. História em revista. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica do Instituto de Ciências Humanas/UFPEL, pp. 27-36, dez. 2002.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul*: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: UFPel/Livraria Mundial, 1993;

MAGNOLI, Demétrio. *Uma gota de sangue*. História do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2009.

MANSILLA, Armando B. *La actualidad del pensamiento de Carl Von Clausewitz*. Revista de Estudios Sociales, CESO, Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales, nº 16, pp. 23-28, octubre de 2003. Disponível em <<http://publicacionesfaciso.uniandes.edu.co/paginas/res/rev16.pdf>> Acesso: 05-07-2013.

MANUSCRITO inédito de Simões Lopes é entregue no Instituto JSLN. Diário Popular, Pelotas, 21-11-2008.

MARASCO, Carolina. *Os inéditos de João Simões Lopes Neto*. Diário Popular, Pelotas, 23-03-2013;

MARÇAL, João Batista. *A imprensa operária do RS*. Porto Alegre, 2004.

MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul: anotações biográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

MARÇAL, João Batista. *Primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1985.

MARIZ, Antônio de (pseudônimo de Paulo Ribeiro). *Contos Gauchescos*. Correio do Povo, Porto Alegre, 07-11-1913. Republicado no A Opinião Pública, de Pelotas, em 17-11-1913. Republicado na íntegra in LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo*. Edição crítica de Lígia Chiappini. Rio de Janeiro: Presença, 1988, pp. 353-355.

MAROBIN, Luiz. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Economia do charque, o charque nas artes, culinária do charque*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Episódios do ciclo do charque*. Porto Alegre: Edigal, 1987.

MARQUES, Alvarino. *Evolução das charqueadas rio-grandenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990;

MARTINS, Ari. *As academias de letras no Rio Grande do Sul*. Revista da Academia Riograndense de Letras (19151-1952). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1952.

MARTINS, Ari. *Escritores do RS*. Porto Alegre: IEL / DAC / SEC-RS, 1978.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea: o pensamento crítico de José de Alencar e a retórica oitocentista*. Campinas/SP: Unicamp, 2003. Tese de doutoramento.

MARTINS, Wilson. *Escritor representativo*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28-05-1983,

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 2ª edição. S. Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

MASSOT, Ivete. *Simões Lopes Neto na intimidade*. Porto Alegre: Bels-Sec, 1974.

MATOS, Cláudia Neiva de. *A poesia popular na República das letras: Sílvio Romero folclorista*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Editora da UFRJ, 1994, p. 38.

MATTOS, Mário Barboza de; et al. (Orgs). II Seminário de estudos Simonianos. Pelotas: UFPEL, 2001, pp. 33-53.

MATTOS, Mário (relator). Atas de registros literários do Núcleo de Estudos Simonianos do IHGPEL. Pelotas, 2002.

MATTOS, Mário. *As visões de mundo na ficção simoniana*. In LOPES NETO, João Simões. *Lendas do sul*. Porto Alegre: Editora Meridional, 2005, pp. 7-12.

MATTOS, Mário. *Reconhecimento de Simões Lopes Neto: revisão à crítica de Wilson Martins*, Diário Popular, 09-03-2004.

MATTOS, Mário. *Simões Lopes Neto: identidade x alteridade*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPel), n. 2, pp. 51-61, julho de 1997.

McCANN, Frank. *Soldados da Pátria - História do Exército brasileiro (1889-1937)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Minha vida*. Vol.2. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

MEDEIROS, Carlos Alberto. *Na lei e na raça: legislação e relações raciais, Brasil – Estados Unidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MEDEIROS, Carlos Túlio. *A literatura sul-rio-grandense sob os olhos de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de mestrado.

MEDEIROS, Carlos Túlio. *Prólogo sobre um certo Dr. Sílvio Júlio*. Diário da Manhã, Pelotas, 29-05-2006.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamento, resumos e resenhas*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2000.

MEHY, José Carlos; BERTOLLI FILHO, Cláudio. *A Revolta da Vacina*. São Paulo: Ática, 2001.

MELLO, Tancredo. *A imprensa em Pelotas*. Diário Popular, 02-07-1901; “A imprensa em Pelotas – Conclusão” (Diário Popular, 05-07-1901). Seus trabalhos prosseguem no mesmo periódico nos dias 19, 20 e 24 de julho de 1901.

MELO, Luiz Correia de. *Subsídios para um dicionário dos intelectuais rio-grandenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1944.

MEMÓRIAS do Instituto Oswaldo Cruz, vol. 8, 1916.

MENDES, Fábio Ranieri da Silva. *Dom Joaquim Ferreira de Mello, 2º Bispo de Pelotas e a fundação do Seminário São Francisco de Paula*. Uma introdução. Pelotas: Educat, 2006.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Sílvio Romero de corpo inteiro*. Rio de Janeiro: MEC/Editora Nacional, 1963.

MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Sílvio Romero: sua formação intelectual (1851-1880)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MÈSZÁROS, István. *A ideologia da teoria social parsoniana*. Filosofia, ideologia e ciência social. Ensaio de negação e afirmação, tradução do Laboratório CENEX/FALE/UFMG. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos*. São Paulo: Martins, 1943.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MICHELET, J. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (1870-1920)*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

MINISTROS do Supremo Tribunal Federal". Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=127>> Acesso: 10-12-2013.

MIRANDA, Antônio. *O que é cartofilia*. Brasília: Sociedade brasileira de cartofilia, 1985.

MONQUELAT, A. F. & FONSECA, G. R. *Coletânea e notas biográficas de poetas pelotenses*. Pelotas, 1985. Inédito

MONQUELAT, A. F. *Álbum Simoniano*. Diário da Manhã, Pelotas, 27-07-1997.

MONQUELAT, A. F. *Meu encontro com João Simões Lopes Neto*. Série de nove artigos publicados no Diário da Manhã, Pelotas, 06; 13; 20 e 27 de janeiro; 02/03; 10; 17 e 24 de fevereiro; 03 de março de 2013.

MONQUELAT, A. F. O projeto de branqueamento da mão-de-obra das charqueadas. Disponível em <http://www.amigosdepelotas.com.br/blog/o_projeto_de_branqueamento_da_mao_d_e_obra_das_charqueadas> Acesso: 05-06-2014.

MONQUELAT, A. F. *O projeto de branqueamento da mão-de-obra das charqueadas*. Diário da Manhã, Pelotas, 29-06-2014 (Parte 1); 06-07-2014 (Parte 2); 13-07-2014 (Conclusão).

MONQUELAT, A. F. *O retorno dos Chapéus na plateia?* Diário da Manhã, Pelotas, 30-12-2012.

MONQUELAT, A. F. *Pelotas dos excluídos*. Subsídios para uma história do cotidiano. Pelotas: Livraria Mundial, 2014.

MONQUELAT, A. F. *Pinto Martins, o mito de um século*. In MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. Desfazendo mitos. Notas à história do continente de São Pedro. Pelotas: Livraria Mundial, 2010, pp. 87-90.

MONQUELAT, A. F. *Senhores da carne* (Charqueadores, saladeristas y esclavistas). Pelotas: UFPEL, 2010.

MONQUELAT, A. F. *Simões Lopes Neto, higiologista*, Diário da Manhã, Pelotas, 25-08-2013.

MONQUELAT, A. F. *Simões Lopes Neto: a face romântica*. In MONQUELAT, A. F.; DINIZ, Carlos Francisco Sica; MAGALHÃES, Mário Osório. Novos textos simonianos. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu/Livraria Lobo da Costa, 1991, pp. 15-21.

MONQUELAT, A. F.; FONSECA, G. R. *Antologia poética (e alguma prosa de e sobre): Lobo da Costa*. Edição comemorativa do centenário de falecimento de Lobo da Costa. Pelotas: Edição dos autores, 1988.

MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. *José Pinto Martins, o charque e Pelotas*. Desfazendo mitos. Notas a história do continente de São Pedro. Pelotas: Livraria Mundial, 2012, pp. 75-82;

MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. *Pinto Martins ou João Cardoso?* Desfazendo mitos. Notas à história do continente de São Pedro. Pelotas: Livraria Mundial, 2010, pp. 91-96.

MONQUELAT, A. F.; MARCOLLA, V. *Rio Piratini*. Berço da indústria saladeril? *Pinto Martins ou João Cardoso?* Desfazendo mitos. Notas à história do continente de São Pedro. Pelotas: Livraria Mundial, 2010, pp.99-112;

MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *A fábrica Diabo de João Simões & Cia*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-08-2012.

MONQUELAT, A. F.; PINTO, G. *Pelotas no tempo dos chafarizes*. Pelotas: Livraria Mundial, 2012.

MONQUELAT, A. F.; TEFEN, Jonas. *Um inédito de Simões Lopes?* Diário da Manhã, Pelotas, 20-05-2014.

MONQUELAT, Adão Fernando. *Capitão João Simões e sua Cia. de Joões*. Diário da Manhã, Suplemento DM Cultura, Pelotas, 30-06-1991.

MOOG, Viana. *Uma interpretação da literatura brasileira*. Conferência. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

MORAES FILHO, Evaristo de. *O pensamento político-social de Sílvio Romero*. In ROMERO, Sílvio. Realidade e ilusões do Brasil: parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios. Petrópolis : Vozes, 1979, pp. 29 - 53.

MORAIS Silva. *O postal*. Revista postal brasileira, n. 20, pp. 49-50.

MOREIRA, Ângelo Pires. *A primeira Festa da Árvore em Pelotas*. Diário da Manhã, Pelotas, 19-08-1984. Página Simoneana CXII.

MOREIRA, Ângelo Pires. *O civismo e o espírito militar de João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UFPEL, 1999.

MOREIRA, Cristina Alves de Souza; LIMA, Giselda Maria Marques. *Os inquietos pelotenses e seu incansável pioneirismo*. Diário da Manhã, Pelotas, 07-06-2003.

MORICONI, Italo. *Os cem melhores contos do século*. São Paulo: Objetiva, 2001.

MORIYÓN, F. G. (Org.) *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MORRISON, Allen. *The Tramways of Pelotas/Rio Grande do Sul state, Brazil*. Disponível em <<http://www.tramz.com/br/ps/ps.html>> Acesso: 20-04-2012.

MORSE, J.; FIELD, P. *Qualitative research methods for health professionals*. 2ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

MORTATTI, M. R. L. *Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular*. Cadernos CEDES (Cultura escolar: história, práticas e representações), n. 52, pp. 41-54, 2000.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

NADAI, E. *O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva*. Revista Brasileira de História (Memória, História, Historiografia-Dossiê Ensino de História). São Paulo: Anpuh, Marco Zero, v.13, n.25/26, pp.140-151, set. 1992/ago.1993.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São/Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional do Museu Escola, 1974.

NASCIMENTO, Bráulio. *Celso de Magalhães: pioneiro dos estudos de cultura popular no Brasil*. In Comissão Nacional de Folclore e Comissão Maranhense de Folclore. *Anais do X Congresso Brasileiro do Folclore*. São Luís, 18 a 22 de julho de 2002.

NASCIMENTO, Heloísa Assunção. *Nossa cidade era assim*. Vol. 1, 2 e 3. Pelotas: Livraria Mundial, 1989-1994, 1999.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *Culture e politique: positivisme et darwinisme social, genealogie d'une sensibilité brésilienne (1870-1930)*. Universidade Paris-Nanterre, 1989. Tese de doutoramento.

NASCIMENTO, Livia Abraão do. *Pode parecer exagero: "Histórias de Alexandre", de Graciliano Ramos, e "Casos do Romualdo", de João Simões Lopes Neto*. Goiânia/GO: UFGO, 1994. Dissertação de mestrado.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: UnB, 2004.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiros em sua própria terra. Representações do brasileiro (1870-1920)*. São Paulo: Annablume, 1998.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dará, 2007.

NEVES, Clarissa E. Baeta; CORRÊA, Máira Baumgarten. *Pesquisa social empírica: métodos e técnicas*. Porto Alegre: ICH/ UFRGS/ Programa de pós-graduação em sociologia. Cadernos de Sociologia, vol 9, 1998.

NEVES, Guilherme Santos. *Cancioneiro capixaba de trovas populares*. Imprensa Oficial, 1949.

NEVES, Guilherme Santos. *Sílvio Romero e o nosso folclore*. Folclore, Vitória/ES, março-junho de 1951.

NEVES, João. *Dois perfis: Silveira Martins e Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1938.

NISBET, Robert. *História da ideia de progresso*. Brasília: UnB, 1985.

NOGUEIRA, M. A. *Desventuras do liberalismo: Joaquim Nabuco, a monarquia e a república*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NOVO dicionário Aurélio. 1ª edição. 14ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

OBRA de Simões volta para casa. *Diário Popular*, Pelotas, 22-11-2008.

OBERACKER, Junior Carlos H. Carlos Von Kosertz. São Paulo: Anhambi, 1961.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. A teoria da degenerescência na fundação da psiquiatria brasileira: contraposição entre Raimundo Nina Rodrigues e Juliano Moreira. *Psychiatry on line Brasil*, v. 19, jun. 2014. Disponível em <<http://www.polbr.med.br/ano01/wal1201.php>> Acesso: 27-06-2014.

ODÁLIA, Nilo. *O ideal de branqueamento da raça na historiografia brasileira*. Contexto, São Paulo: Hucitec, vol. 3, 10/07/1977, pp.127-136.

OLIVEIRA, Carolina Ribeiro Rennó de. *Biografias de personalidades célebres*. 22ª edição. São Paulo: LISA, 1990.

OLIVEIRA, José Eduardo Montechi Valladares de. *O anticlericalismo na República Velha: a ação dos anarquistas*. São Paulo: USP, 1996. .Dissertação de mestrado.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Vergílio Ascenso de. *O conceito de gênio no romantismo brasileiro*. São Paulo, 1950.

OLIVEIRA, Virgílio Cardoso de. *Nossa pátria*. Pequena enciclopédia nacional para uso das escolas brasileiras. 3ª edição da antiga A pátria brasileira. Bruxelas: Estabelecimento Typo-Lithographico Constant Gouweloos & Co, 1903, inteiramente refundida e ampliada. Paris/Lisboa: Tipografia Aillaud, 1908.

OLIVEN, R. G. *O nacional e o regional na construção da identidade brasileira*. Disponível em <<http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs0002/rbcs0207htm>> Aceso: 15-05-2012.

ORNELLAS, Manoelito de. *Prefácio*. In LOPES NETO, João Simões. *Terra gaúcha*. Porto Alegre: Sulina, 1955, pp. 9-15.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OSÓRIO, Fernando Luís. *A cidade de Pelotas*. 2 vol. 3ª edição. Pelotas: Armazém Literário, 1997-1998.

OSÓRIO, Fernando Luís. *A cidade de Pelotas*. 2ª edição. Porto Alegre: Globo, 1962.

OSÓRIO, Fernando Luís. *Brasil*: Diurnal Cívico. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1920.

OSÓRIO, Fernando Luís. *Discurso proferido na sessão pública no Theatro 7 de Abril de Pelotas, em 1º de novembro de 1916, pelo presidente do Tiro Brasileiro, n. 31*. Pátria Nova. Pelotas/RS, nov. 1916.

OSÓRIO, Fernando Luís. *Discurso proferido no acto de posse de presidente do Tiro Brasileiro, n. 31 da Confederação, em 2 de janeiro de 1916, pelo presidente do Tiro Brasileiro, n. 31*. Pelotas: Typographia do Diário Popular, 1916.

OSÓRIO, Fernando Luís. *Pátria Nova*. Publicação do Tiro 31. Pelotas/RS, novembro de 1916.

OSÓRIO, Fernando Luís. *Relatório do presidente Dr. Fernando Luís Osório*. Tiro 31, Pelotas: Tipografia do Diário Popular, ano social de 1916.

OSORIO, Joaquim Luis. Relatório [da] Sociedade de Tiro Brasileiro de Pelotas, nº 31 da Confederação de Tiro Brasileiro. Pelotas, Impr. a Vapor Livraria Universal de Echenique & C., 1910.

OSÓRIO, Joaquim Luís. Sociedade Agrícola Pastoril do Rio Grande do Sul. (Sede em Pelotas). Relatório referente ao ano de 1909. Pelotas: Livraria Universal – Echenique.

OTERO, Darcy Trilho. *Associação rural de Pelotas*. Memórias. Pelotas: UFPEL, 2003.

OTERO, Darcy Trilho; HADLER, Elmar Carlos (Orgs). *Actas. A classe rural resgatando as raízes de sua história*. Pelotas: Editora Textos, 2008.

OTERO, Júlia. *Cante com Simões Lopes*. Zero Hora, Porto Alegre, 08-07-2014.

PAIM, Antônio. *Filosofia da Escola do Recife*. 2ª edição. São Paulo: Convívio, 1981.

PAIM, Antônio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Grijalbo, 1974.

PAIM, Antônio. *Iniciadores do término do ciclo positivista*. Revista brasileira de filosofia (30), pp. 335-349, 1980.

PALMER, Parker. *Courage to teach*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

PARIANI, José Rocco. *Dados biográficos de Dom Francisco de Campos Barreto*. Pelotas, 1951. Mimeo. Arquivo do Bispado de Pelotas.

PARMAGNANI, Jacob José; RUEDELL, Otto; BERTUD, Olírio. *Memorial do colégio Gonzaga*. 100 anos dedicados à educação. Porto Alegre: Palloti, 1995.

PENA, Belisário. *O saneamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1918.

PEREIRA DA COSTA. Vida e Obra. *Jangada Brasil*, ano 03, nº 30, fevereiro de 2001.

PEREIRA, Evaristo Dias. *Cadernos de formação política*. PCB (Partido Comunista Brasileiro), mimeo., s/d.

PEREIRA, Nilo. *Conflitos entre Igreja e Estado no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

PEREIRA, Rita. *Pelotas: do fausto à decadência*. Diário da Manhã, Pelotas, 11-07-1999.

PERES, Eliane. *Templo de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1910)*. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PESAVENTO, Sandra. *Os industriais da República*. Porto Alegre: IEL, 1991.

PESQUISA resgata cartilha Artilha (sic) de Leitura, de João Simões Lopes Neto. Diário da Manhã, 18-11-2008.

PETER, Glenda Dimuro. *Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas*. Revista Vitruvius, ano 8, ago. 2007. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/222>> Acesso: 03-02-2011.

PETRUCCELLI, José Luís. *Doutrinas francesas e o pensamento racial brasileiro (1870-1930)*. Estudos Sociedade e Agricultura, nº 7, pp.134-149, dez. 1996. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/sete/petruc7.htm>> Acesso: 03-02-2013.

PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.

PICININI, Adriana. Guimarães Rosa e Simões Lopes Neto: a universalização da narrativa regional. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Dissertação de mestrado.

PINHEIRO, Xavier (org.). *Musa Cívica*. Antologia brasileira. Rio de Janeiro: Leite e Maurillo, s/d.

PINTO NETTO, Heloísa Souza. *Terra Gaúcha e Cuore – Um caso de intertextualidade*. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2012.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. *A inserção compulsória do Brasil na modernidade da Belle Époque: maquinismo, lazer e urbanização*. Revista do Departamento de História da UFES, Vitória, n. 8, 1999, pp. 104-119.

PLUM, Werner. *Exposições mundiais no século XIX: Espetáculos da transformação sócio-cultural*. Cadernos do Instituto de Pesquisas da Fundação Friedrich-Ebert, 1979.

POLIAKOV, Léon. O Mito ariano. Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

POMBO, Carmem Regina da S. Mattos. *Produção historiográfica em Pelotas – alguns entraves*. Revista do Instituto Histórico de Pelotas, n. 2, pp. 37-50, julho de 1997.

POMBO, Glória Maria. Contos gauchescos e Lendas do Sul. Pelotas: UCPEL, 1973. Monografia de graduação em Letras.

POMBO, Rocha. *Nossa pátria*. Narração dos fatos históricos do Brasil, através de sua evolução, com muitas gravuras explicativas. São Paulo/Rio de Janeiro: Weizflog Irmãos, 1917.

POMPÉIA, Raul. *Carta ao Autor das Festas Nacionais*. In OTÁVIO, Rodrigo. Festas Nacionais. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1893, pp.14-25.

PORTO-ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. 3ª edição. Porto Alegre: ERUS, s/d.

POZENATO, José Clemente. *Algumas considerações sobre região e regionalidade*. In POZENATO, José Clemente. Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EDUCS, 2003, pp. 149-157.

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense 1949.

PRIMEIRO congresso católico da diocese de Pelotas. Pelotas: Diocese de Pelotas, 1935.

PRIMEIRO seminário de estudos gaúchos. Porto Alegre: PUCRS, 1958.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Coelho Neto* (biografia). In COELHO NETO, Henrique. *Rei negro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, pp. 7-11.

PUCCINELLI, Fernanda Braga. *O jornalista João Simões Lopes Neto*. Pelotas: UCPEL, 1991. Monografia de graduação em Comunicação Social.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *O preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Ática, 1975.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os radicais da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 105.

QUYVY, R.; CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1995.

RABELO, Sílvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RAEDERS, George. *O inimigo cordial do Brasil: o Conde de Gobineau no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

RAÍZES do Modernismo. Nosso século. Vol. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RAMA, Angel. *Cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Artur. *Raça africana no Brasil*. São Paulo: Companhia/ editora Nacional, 1938.

RAMOS, Graciliano. *Seleção de Contos Brasileiros*. Sul e Centro-Oeste. Vol. 3. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

RAMOS, Jair S.; MAIO, Marcos C. *Raça, clima e evolução no século XIX: do pessimismo à descoberta do povo brasileiro*. Enciclopédia da brasilidade – autoestima em verde e amarelo. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

RAMOS, João Daniel Dorneles. *O movimento anarquista em Pelotas (1890-1930)*. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 25

a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis. Disponível em <http://www.sociologia.ufsc.br/npms/joao_ramos.pdf> Acesso: 10-06-2014.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *A renovação parnasiana na poesia*. In COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3ª edição. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, pp.91-149.

READERS, G. *O conde Gobineau no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REDONDO, Emilio; LASPALAS, Javier. *Historia de La educación*. Madrid: Dykinson, 1997.

REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia da História da literatura brasileira de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. De Varnhagen a FHC. 7ª. edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

REIS, José de Oliveira. *O Rio de Janeiro e seus prefeitos*. Evolução urbanística da cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal, 1977.

RELATÓRIO do Tiro Brasileiro de Pelotas. Pelotas, 20-12-1916.

REVERBEL, Carlos. *Coleção Brasileira* [1a série]. Correio do Povo, Porto Alegre, 10-07-1982;

REVERBEL, Carlos. *Dona Velha*. Correio do Povo, Porto Alegre, 24-01-1965.

REVERBEL, Carlos. *Evolução da imprensa rio-grandense (1827-1845)*. Enciclopédia Rio-Grandense. Vol. 2. O Rio Grande antigo. Canoas: Editora La Salle, 1957, pp. 240-264.

REVERBEL, Carlos. *João Simões Lopes Neto em outro texto exumado*. Correio do Povo, Porto Alegre, 27-12-1981.

REVERBEL, Carlos. *O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

REVERBEL, Carlos. *O jornalista Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 25-12-1965.

REVERBEL, Carlos. *Pelotas, 1913*. Revista do Globo, Porto Alegre, n. 410, 11 de maio de 1946.

REVERBEL, Carlos. *Um capitão da Guarda Nacional*. Vida e obra de J. Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

REVERBEL, Carlos; LAYTANO, Cláudia (entrevistadora). *Arca de Blau. Memórias*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1993.

REZENDE, Maria José de. Os Sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. Tempo Social, São Paulo: USP, 13(2), pp. 201-226, nov. 2001.

RIBEIRO, Darcy. *Manoel Bomfim antropólogo*. Revista do Brasil, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, pp. 48-59, 1984.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e sentido da história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Edmundo Souza. *Identidade nacional e a escola católica na República Velha, segundo os intelectuais católicos: nela se educa o caráter, se forma o coração, se prepara o cidadão, se fortalece o crente*. Disponível em<<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/theo/article/view/171>> Acesso: 03-12-2012.

RIBEIRO, Gladys Sabina. "Cabras e pés-de-chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1900). Rio de Janeiro: UFF, 1987. Dissertação de mestrado.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *O jacobinismo nos primeiros anos da República*. História: Questões & debates. Curitiba. Vol. 10, n. 18-19; pp. 261-282, jun../ago.1989.

RIBEIRO, João. *Autores contemporâneos*. Excerptos de escritores brasileiros e portugueses do século XIX. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.

RIBEIRO, João. *Páginas escolhidas*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.

RIBEIRO, João. Prefácio. In ROMERO, Sílvio. *A história do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. Ensino Cívico. (Livro para as classes primárias). Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1890.

RIBEIRO, João; ROMERO, Sílvio. *Compêndio de história de literatura brasileira*. 2ª edição refundida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.

RIBEIRO, Leonídio. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro: Edições Conde, 1950.

RIBEIRO, Nylton Gandra; RIBEIRO, Clarice Vianna Bedran. *Novíssimo dicionário histórico, geográfico e biográfico do Brasil*. São Paulo: LI-BRA empresa editorial, s/d [1972].

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.

RITZEL; Leila Agne; REMEDIOS, Maria Luiza Ritzel. *Identificação do homem-natureza em Trezentas onças, conto de Simões Lopes Neto*. In Literatura, n. 3. Santa Maria/RS:UFSM, dez.1976.

RIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ROCCA, Pablo. *Dos lados de la misma frontera (Javier de Viana y João Simões Lopes Neto)*. In CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena (Orgs). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006, pp. 91-108.

ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Nenhum Brasil existe*. Pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: UERJ/Topbooks/UniverCidade, 2003,

ROCHA, Oswaldo. *A era das demolições na cidade do Rio de Janeiro*. 1870-1920. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural; Divisão de Editoração, 1995.

ROCHA, Pinto da. *Necrológio*. In MOREIRA, Ângelo Pires. Página Simoneana XVI. Diário da Manhã, Pelotas, 13-06-1982.

RODRIGUES, José Honório. *Aspirações Nacionais*: interpretação histórico-política. 4ª edição revista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil*: introdução metodológica. 3ª edição revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

RODRIGUES, Petrônio. *Uma história não contada*: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2003.

ROMERO, Sílvio. *Provocações e Debates*. Porto: Liv. Chardron, 1910.

ROMERO, Sílvio. *Cantos populares do Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954.

ROMERO, Sílvio. *Doutrina contra doutrina*. O evolucionismo e o positivismo no Brasil. 2ª edição. Rio de Janeiro: Alves, 1895.

ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Petrópolis/ Aracajú: Vozes; Governo do estado do Sergipe, 1977.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 3ª edição. 5 vol.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

ROSA, Cristina Maria. *Um alfabeto à parte: biobibliografia de Pedro Rubens de Freitas Weyne, o Pedro Weyne*. Pelotas: UFPEL, 2009, pp. 194-198.

ROSA, Maria Cristina. *A literatura em “Artinha de leitura” de Lopes Neto e “Histórias de Teté” de Pedro Wayne*. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/10/pucwayne.pdf>> Acesso: 05-04-2011.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja*. Vol. 1. História da Igreja no Rio Grande do Sul. Época colonial (1626-1822) Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

RUBERT, Nara Marley Aléssio. *Simões Lopes Neto e o nome do Rio Grande do Sul no cenário nacional*. Cadernos do Instituto de Letras/UFRGS, Porto Alegre, n. 43, pp. 333-344, dez. 2011.

RUBIRA, Luís. Apresentação. In RUBIRA, Luís (Org.). *Almanaque do bicentenário de Pelotas*. Vol. 1. Fac-símile da “Revista do 1º Centenário de Pelotas. Textos dispersos e fotografias da cidade. Santa Maria/RS: Pró-Cultura; Gráfica e Editora Pallotti, 2012, pp. 35-36.

RUBIO CREMADES, Enrique. *Influencias del costumbrismo romântico español em las colecciones costumbristas hispano-americanas*. Disponível em <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=29619>. Acesso: 03-12-2010.

RUFFATO, Luiz (Org.). *Mario de Andrade: seus contos preferidos*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011.

RUSSOMANO, Mozart Victor. *Como se fosse um prefácio*. In MONQUELAT, Adão Fernando; DINIZ, Carlos Sica; MAGALHÃES, Mário Osório. *Novos textos*

simonianos. Contos urbanos e poemas de J. Simões Lopes Neto. Pelotas: Confraria Cultural e Científica Prometheu, 1991, pp.7-12.

RUSSOMANO, Vitor. *Adagiário gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1938.

S. TIRO 31 no aniversário de sua instalação. Almanaque de Pelotas, 1918.

SAES, D. *A formação do estado burguês no Brasil (1888-1891)*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. *A controvérsia sobre industrialização na Primeira República*. Estudos Avançados, São Paulo, vol.3, n.7, São Paulo, set../dez., 1989. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141989000300003> Acesso: 12-12-2012.

SALDANHA, Flávio Henrique Dias. *Oficiais do povo*. Guarda Nacional em Minas Gerais (1831-1850). São Paulo: Annablume, 2006.

SALDANHA, Nelson. *Romantismo, evolucionismo e sociologia – figuras do pensamento social do século XIX*. Recife: Massagana, 1997.

SALES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SALGADO, Plínio. *A literatura gaúcha*. São Paulo: Paschoal Napolitano & Irmão, 1928.

SANTOS, Klécio dos. *Não era dele. Era dele*. Zero Hora, Porto Alegre, 31-05-2003.

SAPPER, Ângela Treptow; BARCELLOS, Álvaro; CORRÊA, Gilnei; BORGES, Luís. *Quatro por Quatro*. Pelotas: UFPel, 2005.

SAVIANI, Dermerval. *O legado educacional do “longo século XX” brasileiro*. Campinas/SP: Autores Associados, 2004.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cartões-postais, álbuns de família e índices de intimidade*. In SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Jornalista: Foi o que não foi*. In LOPES NETO, J. S. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. Vol. I. Edição crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre/São Leopoldo: IEL/UNISINOS, 2006, pp. 288-296.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Lembranças de João Simões Lopes Neto*. Pelotas/S. Paulo: Fructos do Paiz, 2010.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Simões Lopes Neto e a literatura dos povos platinos*. Letras de Hoje, Porto Alegre:PUCRS, n. 77, pp. 77-88, 1989.

SCHMIDT, Benito Bisso. *A palavra como arma: uma polêmica na imprensa operária porto-alegrense em 1907*. História em Revista. Dossiê historiografia. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica ICH/UFPEL, pp. 59-84, dez. 2000.

SCHMITZ, Dilma Leite. *Cancioneiro gaúcho: fonte do sistema literário sul-rio-grandense*. Rio Grande/RS: FURG, 2005. Dissertação de mestrado.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; e MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo [online], vol.13, n.26, pp. 32-55, 2009.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZ, Lília Moritz. *Previsões são sempre traiçoeiras*: João Batista de Lacerda e o seu Brasil branco. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, vol.18, n.1, março de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702011000100013> Acesso: 27-12-2011.

SCLIAR, Moacyr. *Simões Lopes Neto, escritor universal*. In: LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos. São Paulo: Ática, 1988, p. 3-6.

SEKI, Ariella Lúcia Sachertt; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *A disciplina de instrução moral e cívica na reforma educacional de Benjamin Constant de 1890*. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=reforma+educacional+de+benjamin+constant&og=reforma+educacional+de+benjamin+constant&aqs=chrome..69i57.14360j0j8&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=93&ie=UTF-8> Acesso: 11-03-2013.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Ed. UnB, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. III, pp. 7-48.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *O cosmopolitismo pacifista da Belle Époque: uma utopia liberal*. Revista de História, São Paulo, USP, vol. 114, pp. 85-94, jan./jun. 1983.

SEVCENKO, Nicolau. *O Prelúdio Republicano: astúcias da ordem e ilusões do progresso*. História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à era do Rádio. Vol. 3, pp. 7-48. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA JÚNIOR, Luiz Carlos. *Repercussões da proclamação da república na cidade de Pelotas*. Pelotas: ICH/UFEL, 2002. Monografia de graduação em História.

SILVA, Eliane Moura. *Maçonaria, anticlericalismo e livre pensamento no Brasil (1901-1909)*. Apresentação na Mesa Redonda Maçonaria e Cidadania no XIX Simpósio Nacional de História da ANPUH. Disponível em http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.unicamp.br%2F~elmoura%2FMa%25E7onaria%2520Anticlericalismo%2520e%2520Livrepensamento.doc&ei=BbUq7DMqaV0QG_ilGoDg&usq=AFQjCNFGSQHdgnhdnK7IAF8yWAMXCDdpTw Acesso: 08-12-2013.

SILVA, Everson Pereira da. *Simões Lopes: do regional ao universal*. In LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2011, pp. 8-11.

SILVA, Jandira da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense*. Porto Alegre: PUCRS/Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1986.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

SILVA, Maurício. *A hélade e o subúrbio*. Confrontos literários na Belle Époque carioca. São Paulo: Edusp, 2006.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

SLENES, R. W. *Lares negros, olhares brancos*: história da família escrava no século XIX. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 8, n. 16, pp. 189-203, 1988.

SOARES, Mozart Pereira. *Um painel farroupilha de Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 24 -07-1982.

SOBRINHO LIMA, Barbosa. *Presença de Alberto Torres*: sua vida e pensamento. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira – seus fundamentos econômicos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. Rio de Janeiro, 1965.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Panorama do Segundo Império*, 2. ed. Rio de Janeiro: GRAPHIA, 2004.

SOUZA, Arlindo de. *A língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.

SOUZA, Margarida; HEIZER, Alda. *A ordem é o progresso*. O Brasil de 1870 a 1910. São Paulo: Atual, 1991.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *O anticlericalismo na cultura brasileira: da colônia à república*. Revista de Ciências Humanas. Florianópolis: EDUFSC, n. 37, pp. 175-199, abr. 2005.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999,

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa; ALMEIDA, Jane Soares de. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: Unesp, 1998.

SPALDING, Walter, *Os cartões postais de Simões Lopes Neto*, Correio do Povo, Porto Alegre, 06-04-1965.

SPALDING, Walter. *Itinerário da literatura sul-rio-grandense*. Enciclopédia Rio-Grandense. Vol. 2. O Rio Grande Antigo. Canoas/RS: Editora Regional Ltda, 1956.

SPALDING, Walter. *Uma obra desconhecida de Simões Lopes Neto*. Correio do Povo, Porto Alegre, 16-03-1965.

SPENCER, H. *Lei e causa do progresso: a utilidade do anthropomorfismo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1889.

SPENCER, Herbert. (2002), *Do progresso, sua lei e sua causa*. Fonte base Digital. Versão para e-BooksBrasil.com (tradução de Eduardo Salgueiro). Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/progresso.pdf>> Acesso: 10-05-2014.

STRAUSS, A. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1987.

SUSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras. literatura, técnica e modernização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TADDEI, Maria Diva Vasconcelos. *A imagem no anúncio de jornal – São Paulo (1850-1914)*. São Paulo: USP, 1977. Dissertação de mestrado.

TAMBARA, Elomar. *Positivismo e educação*. A educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1995.

TAMBARA, Elomar. *A formação ideológica do trabalhador na diocese de Pelotas (1910-1920)*. Cadernos de Educação. FaE/UFPEL, (6): 95, jan./jun. 1996.

TAMBARA, Elomar. *A leitura escolar como construção ideológica: o caso da lenda do Negrinho do Pastoreio*. Anais do IX Encontro Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação, Literatura e Memória. Pelotas: Seiva, 2003, pp. 189-190.

TAMBARA, Elomar. *Bosquejo de um ostentor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário no século XIX no Brasil*. Pelotas: Seiva, 2003.

TAMBARA, Elomar. *Círculo Operário e Igreja: a formação da classe trabalhadora*. In GHIGGI, Gomercindo; TAMBARA, Elomar; HIPÓLITO, Álvaro. Pelotas: UFPEL, 1993.

TAMBARA, Elomar. *Igreja católica, positivismo e educação no Rio Grande do Sul na República Velha*. In FAVERO, Altair; TROMBRETTE, Gerson Luís; RAUBER, Jaime José (Orgs). Fides et racio. Festschrift em homenagem aos 45 anos do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo. Série Filosofia. Passo Fundo/RS:UPF, 2002, pp. 318-327.

TAMBARA, Elomar. *Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil*. História da educação. Pelotas, n. 11, pp. 25-51, abril 2002.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. *Civismo e educação na Primeira República - João Simões Lopes Neto*. História da Educação, Pelotas/RS, v. 13, n. 27, pp. 279-292, jan./abr. 2009,

TEIXEIRA, Jerônimo. *Pedagogia a cavalo*. Veja, Editora Abril, ano 46, n. 15, pp. 112-133, abril de 2013.

TESCH, R. *Qualitative research: analysis types and software tools*. New York: Falmer, 1990.

TERRIEN, Jacques; TERRIEN, Sílvia Maria Nóbrega. *O estado da questão: aportes teórico-metodológicos e relatos de sua produção em trabalhos científicos*. Avaliação Educacional, Fundação Getúlio Vargas, v. 15, n. 30, pp. 5-16, jul./dez. 2004.

TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*. 3ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/torresb.html>> Acesso: 01-11-2011.

TOSCANO, Artur. *Gaúcho por quê?* Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul. Organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues. Pelotas/Rio Grande: Livraria Americana, pp. 202-207, 1912.

TURAZZI, M. *A euforia do progresso e a imposição da ordem*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

UM EDUCADOR chamado João Simões Lopes Neto. Editorial. Diário Popular, Pelotas, 15-02-2012. Obs: O Editorial não está assinado, mas é de autoria de Pablo Rodrigues.

VALDEZ, Diane. *Livros de leitura* seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930). Disponível em

<<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1218/1032>>

Acesso: 04-03-2012.

VALLADARES, Eduardo. *A educação anarquista na República Velha*. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5024/3566>> Acesso: 13 de junho de 2011.

VÁRIOS. *Pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

VECCHIA, Ariclê. *O ensino secundário no século XIX: instruindo as elites*. In STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Vol. II. Século XIX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005, pp. 78-90.

VELLINHO, Moysés. *A carreira póstuma de Simões Lopes Neto*. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *Ensaio literários: Moyses Vellinho*. Porto Alegre: IEL; Corag, 2001.

VELLINHO, Moysés. *Apresentação. Simões Lopes Neto*. Contos e Lendas. Rio de Janeiro: Agir, 1957, pp. 6-15.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. 3ª edição. Tradução de Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1996.

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

.

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. Crítica. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

VIANNA, Joaquim. *A reação contra a influência intelectual francesa*. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, ano V, n. 12, dezembro de 1908.

VIDAL, Francisco Soto. *Os bacharéis*. Diário Popular, Pelotas, 13-12-2005.

VIDAL, José C. Soto. *República Velha no Rio Grande do Sul: maragatos e pica-paus*. Pelotas: JC Alfarrábios, 2007.

VIEIRA, José. *O Bota Abaixo*. Chronica de 1904. Rio de Janeiro: Editora Selma, s/d.

VIEIRA, Osvaldo Arthur Menezes. *Simões Lopes Neto: uma Salomé no pampa*. Porto Alegre: AGE, 2008.

VILLAS BOAS, Glaucia. *Em busca do sentido nacional do folclore*. Saúde-Manguinhos [online], vol. 6, nº 1, 1999.

VILLAS-BOAS, Pedro. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Edigal, 1991.

VILLAS-BOAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense*. Porto Alegre: A Nação/SEC/ IEL, 1974.

VILLAS-BÔAS, Pedro. *Panorama bibliográfico do regionalismo*. Cadernos gaúchos n. 4. Porto Alegre: Fundação Instituto gaúcho de tradição e folclore, 1978.

VITA, Luís Washington. *Alberto Sales, ideólogo da República*. São Paulo, Companhia. Editora Nacional, 1965.

VOCABULÁRIO sul-rio-grandense. (Romaguera Corrêa, Antônio A. Pereira Coruja, Luís Carlos de Moraes, Roque Callage, Aurélio Buarque de Holanda, Teschauer, Beaurepaire-Rohan, Darcy Azambuja e Vieira Pires). Porto Alegre: Globo, 1964.

WANRO, Geoffrey. *The Franco-Prussian War: The German Conquest of France in 1870-1871*. Cambridge University Press, 2003.

WARDE, Mirian Jorge. *Americanismo e educação: um ensaio no espelho*. São Paulo em perspectiva. São Paulo, vol. 14, n. 2, pp. 37-43, 2000.

WEBER, Beatriz. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc, 1999.

XAVIER, Mogar Pagana. *Memorial dos prefeitos de Pelotas*. Levantamento preliminar. [2008] Inédito.

XAVIER, Sílvia Helena Niederauer. *Gaúchos e castelhanos sobre a linha divisória: a imagem do castelhano na literatura sul-rio-grandense*. Santa Maria/RS: UFSM, 1993. Dissertação de mestrado.

ZAMENHOF, Lázaro. *Essência e futuro da ideia de uma língua internacional*. Trad. Itacir Luchtemberg. Goiânia: Zamenhof, 1988.

ZANELLA, Bianca. *Mais uma novidade sobre o Capitão*. Diário Popular, Pelotas, 21-01-2008.

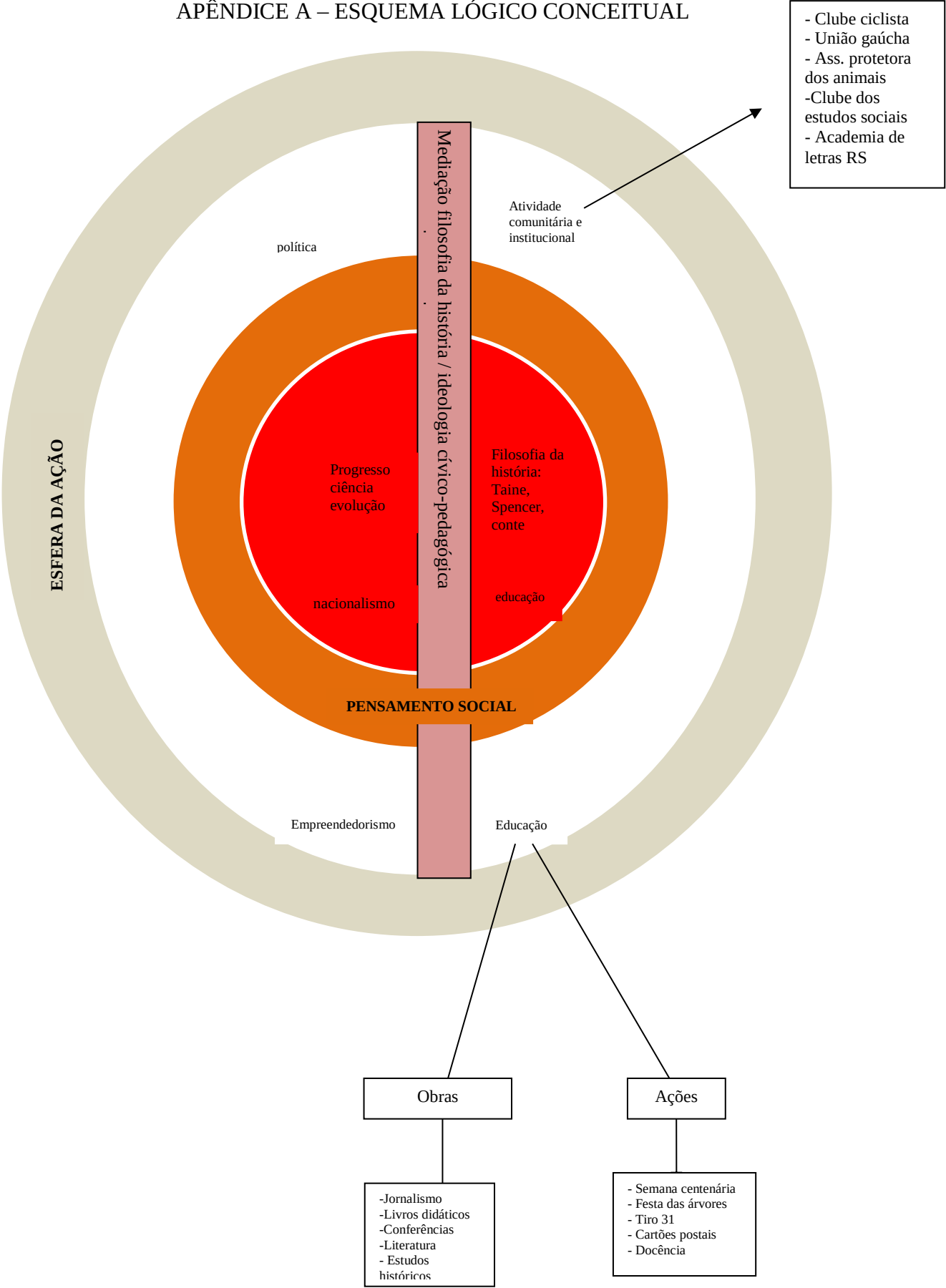
ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para crianças*. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A terra em que nasceste*. Imagens do Brasil na literatura. Porto alegre: UFRGS, 1994.

ZILBERMANN, Regina. *A literatura no RS*. 3ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

APENDICES

APÊNDICE A – ESQUEMA LÓGICO CONCEITUAL



APÊNDICE B – FICHA 1 - MODELO

Texto	Educação Cívica
Autor	João Simões Lopes Neto
Data	1906
Gênero	Conferência
Índice de intertextualidade	Montagem do presépio de Natal na tradição riograndense
Fio condutor	Origem do projeto cívico-pedagógico/o folclore e a cultura popular como fonte da consciência histórica e da identidade cultural gaúcha e brasileira e do despertar do espírito de nacionalidade/ trânsito ideológico-narrativo: da conferência à literatura.
Citação 1	Repudiamos as nossas saudosas festas de família, radicadas à origem da raça; o nosso natal com o presépio, com seu perfume de lembrança da Judéia foi substituído pela árvore de natal – bela tradição do Norte da Europa; [...]. (p. 11)
Observações	Foi utilizada a 1ª edição.

APÊNDICE B – FICHA 2 – MODELO

Texto	O menininho do presépio
Autor	João Simões Lopes Neto
Data	25-12-1913 no jornal A Opinião Pública (Pelotas)
Gênero	Conto
Índice de intertextualidade	Montagem do presépio de Natal
Fio condutor	A literatura retomando o reclamo de que os costumes “da raça” foram abandonados, mostrando, pois, como se fazia em antanho/valorização do folclore e a cultura popular como fonte da consciência histórica e da identidade cultural gaúcha e brasileira e do despertar do espírito de nacionalidade/trânsito ideológico-narrativo: da conferência à literatura.
Citação 2	Entrementes foi acabando o ano e já era sobre o Natal./E vai a família do patrão velho armou um presépio na sala grande da estância; e ele mesmo mandou avisar o vizindário que a sia-dona convidava para se cantar um terço de festa, na noite santa. (Edição crítica de Lígia Chiappini, p. 282)
Observações	Constituiu-se, segundo o autor, no primeiro trabalho de uma nova série de contos gauchescos, projeto que, ao que parece, não vingou, pois nenhum texto posterior foi encontrado. Passou a integrar as edições de <i>Contos Gauchescos</i> a partir da edição crítica de Aurélio Buarque de Holanda, em 1949.

APÊNDICE B – FICHA 3 - MODELO

Autor	João Simões Lopes Neto
Texto	Discurso pronunciado na inauguração do primeiro colégio elementar por João Simões Lopes Neto
Edição	2ª edição. In: MOREIRA, Ângelo Pires. <i>Discurso pronunciado na inauguração do primeiro colégio elementar por João Simões Lopes Neto</i> . Diário da Manhã, Pelotas, 03-04-1983. Coluna “Página Simoneana”.
Autor citado	Guerra Junqueiro (1850-1923)
Obra citada	Não consta
Citação	“A potentíssima cerebração de Guerra Junqueiro em um daqueles soberbos brados de visionários sublime, formulou um lema sugestivo para os homens de boa vontade:” há mais luz dentro das vinte e cinco letras do alfabeto do que em todos os milhões de sóis do sistema planetário...”
Contexto da citação	Segundo Simões Lopes Neto as pessoas devem ter opiniões pessoais e não apenas recorrer a petições de autoridade. Desta maneira, mesmo reconhecendo o mérito do poeta e pensador português entende que a justeza das ideias se deve coadunar com o critério do livre exame.
Localização no texto do autor citante	2º parágrafo, 1ª coluna. Diário da Manhã, Pelotas, 03-04-1983.
Idioma original da citação	Português de Portugal
Localização no texto do autor citado	Não identificado

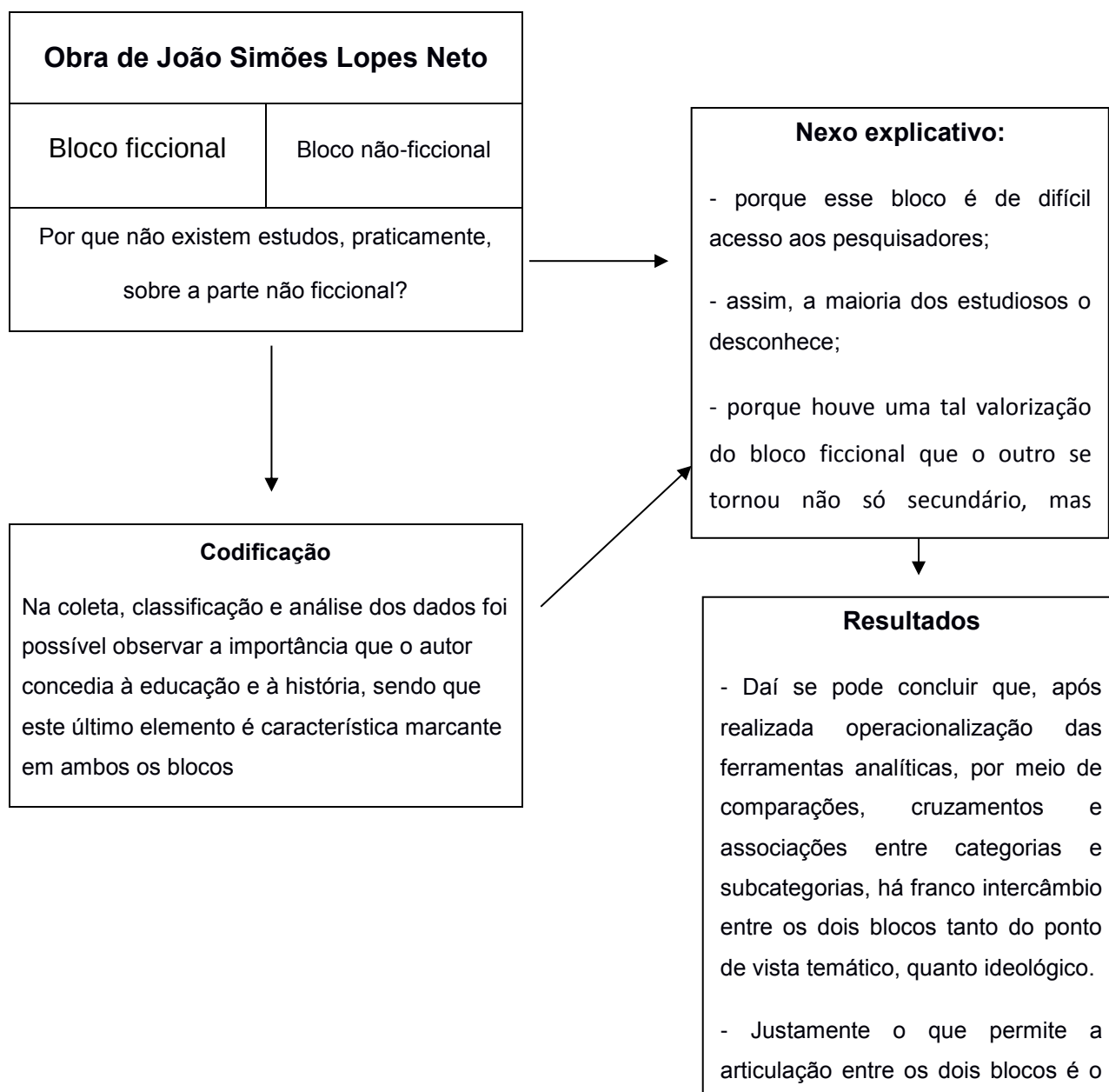
Observações	1- Dados biográficos: Abílio Manuel Guerra Junqueiro. Nasceu em Freixo de Espada à Cinta a 17-09-1850 e faleceu em Lisboa, em 07-07-1923. filho do negociante e lavrador abastado José António Junqueiro e de sua mulher D. Ana Guerra. A mãe faleceu quando Guerra Junqueiro contava apenas 3 anos de idade. Estudou os preparatórios em Bragança, matriculando-se em 1866 no curso de Teologia da Universidade de Coimbra. Compreendendo que não tinha vocação para a vida religiosa, dois anos depois transferiu-se para o curso de Direito. Terminou o curso em 1873. Em 1878, foi eleito deputado. Ocupou altos cargos administrativos e políticos. Atuou no jornalismo, escrevendo também prosa e poesia. Foi o poeta mais popular da sua época e o mais típico representante da chamada "Escola Nova". Poeta panfletário, a sua poesia ajudou criar o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República. Para mais detalhes vide: GUERREIRO, Carla Alexandra do Espírito Santo. <i>Reflexões pedagógicas na obra de Guerra Junqueiro</i>. Ciclo de Conferências. Bragança/Portugal, 2006, pp. 59-74. 2- Na edição utilizada (2ª edição) identificou-se erro na grafia do nome do poeta português: consta Guerra Junqueira, quando o correto é Guerra Junqueiro. 3 - Registro das edições 1ª edição: Discurso oficial proferido na inauguração do primeiro Colégio Elementar de Pelotas Diário Popular, Pelotas, 19 de junho de 1913. 2ª edição: Discurso pronunciado na inauguração do primeiro Colégio Elementar por o Simões Lopes Neto. Diário da Manhã, Pelotas, 27 de março; 03 de abril; 10 de abril e 17 de abril de 1983 [Coluna "Página Simoneana", de Jelo Pires Moreira]

APÊNDICE B – FICHA 4 – MODELO

Título	Revista do 1º Centenário de Pelotas. Fascículo 1
Data	15 de Outubro de 1911
Nº de paginas	pp. 103-118
Ilustrações	Sim
Quais	Diversas
Manuscrito ou impresso	Impresso
Édito ou inédito	Édito
Nº de edições	Quatro
Edição utilizada	Almanaque do Bicentenário de Pelotas
Observações	A primeira edição, num total de oito números saiu (entre out. 1911 e maio de 1912. A 2ª foi uma edição parcial, organizada por Mário Osório Magalhães (suprimidas as ilustrações); a 3ª foi em suporte virtual (CD-Rom) na íntegra, elaborada por Guilherme de Almeida Pinto; a 4ª edição, fac-similar; comemorativa dos 200 anos de Pelotas, no Almanaque do Bicentenário (2012).

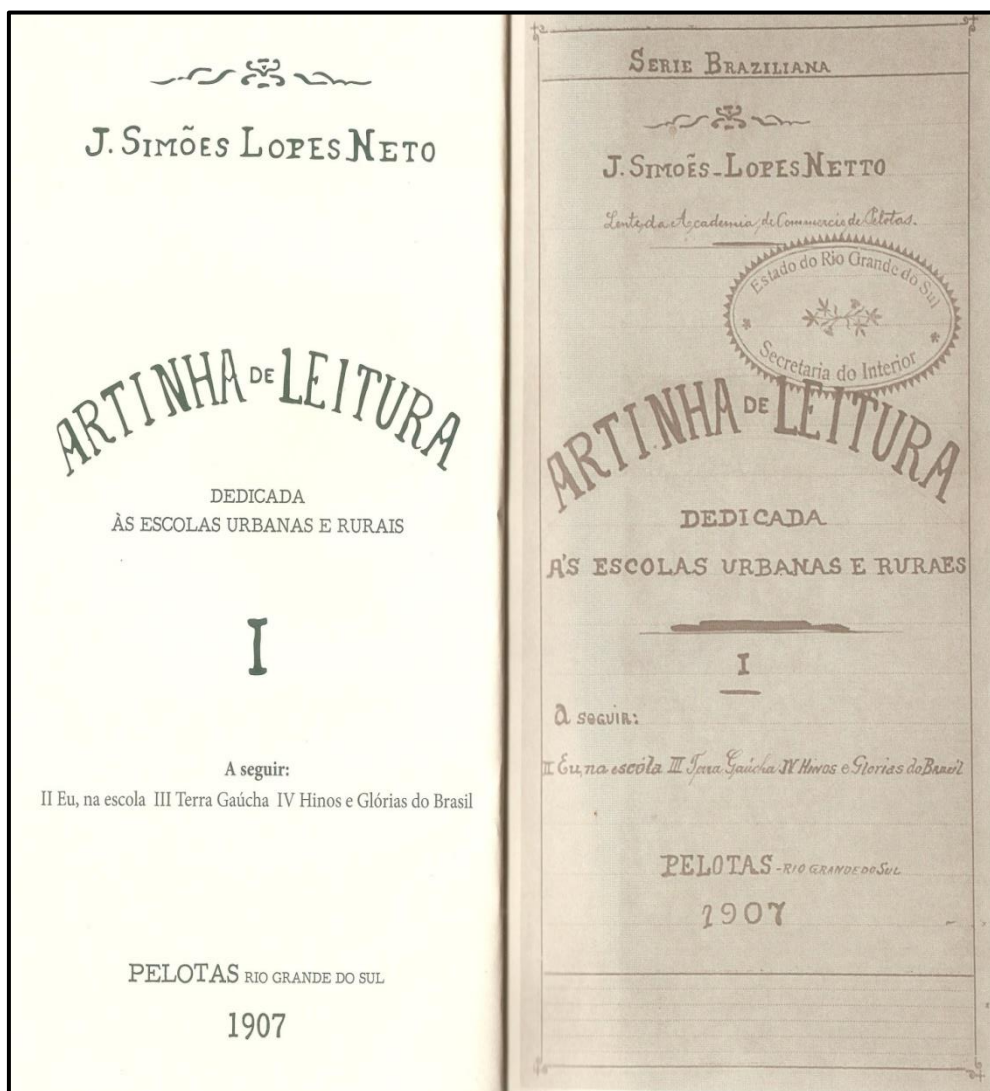
APÊNDICE C

Representação gráfica de modelo lógico-conceitual

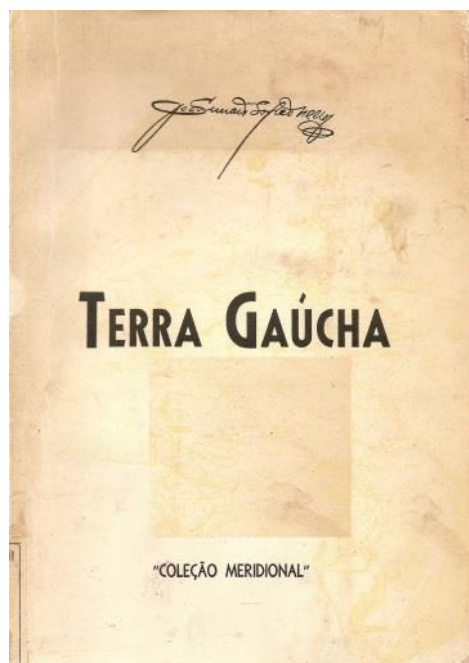


ANEXOS

ANEXO A - ARTINHA DE LEITURA (1907)



ANEXO B - TERRA GAÚCHA (1955)



ANEXO C - LIGEIRA CONTRADITA (1908)

[illegible]
